

# **MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS**

Tentativa histórica do Movimento Espírita em Portugal, desde os seus primórdios até ao momento actual.

*« Os espiritistas têm deveres maiores e mais e graves responsabilidades, porque conhecem o caminho e a responsabilidade é sempre proporcional ao grau de conhecimento. Devemos viver unidos, pondo de parte todas as questões que nos separem pois não pode haver preconceitos ou melindres que sejam mais fortes do que a dedicação que nos merece o Ideal sublime que nos guia, que nos conforta, que nos sustém. Exemplifiquemos a fraternidade e seremos cristãos.»*

**Dr. ANTÓNIO LOBO VILELA**

Pesquisa coligida por :

**MANUELA VASCONCELOS**

## NOTA EXPLICATIVA :

Não queremos, de maneira nenhuma, que se pense este trabalho como da nossa autoria : apenas nos limitámos à pesquisa do que havia registado e conseguimos encontrar, transcrevendo para aqui o que pensámos importante. Portanto a pesquisa, essa, sim!, é nossa.

**O MOVIMENTO ESPIRITA PORTUGUÊS** tem uma História escrita há mais de um século e não convém, de maneira nenhuma, que se perca – antes, pelo contrário, devemos procurar que ele fique sempre assinalado para as gerações vindouras.

Continuem os descrentes da Doutrina Espirita a pensar em Espiritismo como sendo bruxaria, que isso em nada nos afecta : Jesus, ainda hoje, tem aqueles que duvidam da Sua existência, da Sua estadia entre os homens, da Sua mensagem... mas tudo aconteceu! Se assim não fosse as Suas palavras não teriam chegado ao hoje, para se prolongarem para além de todos nós.

O Espiritismo – o Consolador prometido, que Ele anunciou – como Religião que o é na sua parte moral a ligar o Homem ao Alto, o Espiritismo, dizíamos, quando aceite e assumido seriamente como qualquer outra religião, ajuda à transformação do Homem, encaminhando-o para Deus, ao mesmo tempo que revela o desconhecido que alguns resolveram, em tempos idos, envolver no manto do mistério e do dogma.

Debruçando-nos sobre a sua existência entre nós, principalmente no relacionado com a existência da Federação Espirita Portuguesa, criada por Estatutos de 1926, relacionando os nomes grados dos seus Corpos Sociais, do qual fizeram sempre parte elementos credíveis da Sociedade Portuguesa, desde Oficiais de Marinha e do Exército a Juizes Conselheiros, de Médicos a Advogados, de Cientistas a Matemáticos, a presença e a fé de qualquer uma destas pessoas no Movimento Espirita revela, para quem o duvide, que o Espiritismo não é coisa de «pobres de espirito» mas de toda uma elite que engloba não só a nata da sociedade como os simples e humildes.

Não conseguimos, infelizmente, coligir tudo o que existe, espalhado pelo nosso País, mas os elementos que aqui ficam registados são mais que suficientes – pensamos – para darem a cada um dos que nos lerem uma ideia, ainda que fraca, do MOVIMENTO ESPIRITA em PORTUGAL. Lamentamos, isso sim!, as páginas negras que também fomos forçados a referir mas a história é assim que se faz – com o bom e o mau, a alegria e a tristeza, a fraternidade e a inimizade, a generosidade e o egoísmo...

... Apesar de tudo o que foi triste esperamos, com esta obra, servir o Espiritismo, servir os Espiritas, servir a própria Federação Espirita Portuguesa.

\*

# MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS

## O PASSADO

### «Os Portugueses no Congresso Espírita Internacional de 1900 em Paris»

-  
«Palavras do Dr. Sousa Couto»

*«O Espiritismo não é somente uma filosofia, não é unicamente uma crença ou uma religião; é uma verdade suprema dum tão extraordinária elevação, que todas as outras manifestações da actividade humana empalidecem diante do brilho do seu valor.*

*«O problema da imortalidade da alma é a chave de todos os grandes problemas sociais que se agitam hoje, preocupando todos os povos. Resolvido ele, o caminho do progresso ficaria aplanado pelo amor, pela bondade, pela igualdade. O progresso da arte, as conquistas do trabalho, todas as descobertas científicas têm o seu mérito incontestável, como aperfeiçoamento do bem-estar do homem, e como afirmação da irrefreável lei da perfectibilidade. Mas a solução segura do grau de problema da imortalidade, interessando essencialmente os destinos futuros, não tem somente uma importância especulativa, ele desabrocha em frutos riquíssimos, de incontestável e grandioso proveito para a humanidade.*

*«Tenho provas muito abundantes para vos afirmar a imortalidade da alma e os inexplicáveis benefícios que derivam dessa verdade. Eu não devo calar a voz da minha consciência nem os gritos da minha razão em prol de uma verdade que eu considero como adquirida.*

*«Julgar-me-ia indigno de viver no meio dos homens se guardasse só para mim os frutos das minhas investigações; achar-me-ia desprezível aos meus próprios olhos se quisesse conservar o monopólio dos seus resultados. Em suma, seria uma preguiça moral imperdoável, não merecendo nenhuma desculpa, mas sim o estigma da infâmia se não afirmasse bem alto, a persistência do EU, em face das provas que obtive. Que importa a critica que pode advir, o desdem, o sarcasmo, desde que a consciência, a probidade, a verdade fiquem de pé?...*

*«Obtive provas irrecusáveis da imortalidade; a sua evidência fulminou-me, esmagou-me, e creio bem que todos aqueles que se*

*encontrassem nas mesmas condições pessoais e de observação rigorosa dos fenómenos, seriam igualmente arrastados pela fatalidade da lógica, pelas irresistíveis leis do raciocínio. Eu não passei pela fase da fé; eu saltei da negação acentuada, ao estado de consciência, chamada certeza.*

*«Saído da Universidade de Coimbra, onde nessa época dominava o positivismo, continuei na mesma crença, professando-a sem nenhuma restrição. Passados alguns anos, vieram-me às mãos alguns livros sobre hipnotismo e a sugestão, os quais li com interesse pela relação que tais assuntos tinham com o estudo do direito penal, que constituía a minha profissão. Contudo, nestes ramos da investigação, não encontrei nada que pudesse mudar, fosse no que fosse, a minha orientação positiva.*

*“Posteriormente, li também alguns livros sobre espiritismo, mas, aceitando de preferência e de bom grado qualquer outra hipótese, menos a hipótese espírita, eu fiquei no mesmo estado de crença, sem motivo pessoal de experiência própria que fizesse modificar o meu juízo.*

*«Depois disso, desejoso de ver produzir-se os fenómenos, unicamente por curiosidade, comecei as minhas investigações e os resultados obtidos logo se impuseram à minha razão.*

*«Eis porque eu saio da minha obscuridade, para vir apresentar o meu grupo de investigações e juntar a minha voz e a minha experiência ao trabalho colectivo.*

*«Aos resultados dos meus trabalhos apliquei diversas hipóteses, apresentadas até hoje para a explicação dos fenómenos, e creio piamente, sem preconceitos nem vícios de raciocínio, que os factos resistem a todas essas hipóteses.*

*«Fica de pé somente a hipótese espírita, porque ela responde a todos os dados, reunindo todas as condições de hipótese verdadeira. O tempo e novas descobertas virão fortificar essa afirmação.»*

*(Traduzido do Relatório do Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris, no ano de 1900.-  
Transcrito do nº 24, de Abril de 1932, do Mensário de  
Espiritismo, Filosofia e Ética ALÉM, propriedade  
da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas).*

\*

\*

Para chegarmos ao Congresso de 1900, algo mais sobre Espiritismo teve de acontecer em Portugal - e ele aconteceu com o regresso ao norte do País, mais propriamente a Braga, dos três irmãos Cunha (a referência que

temos dizem ter sido irmãos mas não carnis, com certeza, já que os apelidos eram todos diferentes), que tendo estado emigrados no Brasil de lá voltaram com a ideia de implantarem na sua terra a doutrina ‘descoberta’ no continente brasileiro e que, afinal, de França já chegara até àquelas plagas. Nesta cidade, compraram a casa dos Castelos, situada na encosta do Bom-Jesus, e ali fundaram o «Centro Espírita Luz e Caridade» criando, ainda, a Revista Espirita com o mesmo nome.

A revista espirita portuense ‘Além’, de Setembro/Outubro de 1947, referindo o desencarne de Manuel Graça, lembra:

««« (...) Fundador do Centro Espirita de Braga e da revista ‘Luz e Caridade’ com Joaquim Rocha e com Matias Cunha, este também desencarnado há 17 anos, ele foi bem o continuador da obra e da orientação dada desde o início»»»».

No Arquivo da Biblioteca de Leiria existem referências a grupos de pessoas que se reuniam em encontros de manifestações de Espíritos, e isto ainda antes do tempo de Allan Kardec (informação que nos foi transmitida oralmente em Março de 2003 por Isabel Saraiva, dirigente da Associação Espirita de Leiria), tendo nós encontrado, na Revista “O Espirita”, de Outubro/Novembro/1923, uma referência ao livro “RASGANDO AS TREVAS”, psicografado no Grupo ‘Fé e Caridade’, daquela cidade e editado pelo Centro Espirita de Leiria naquele ano.

No Algarve, existem, igualmente, registos de grupos que se reuniam em Tavira e em Olhão, ainda antes do final do séc. XIX – disse-nos, também em Março de 2003, Victor Féria, dirigente do Grupo Espirita existente na Quarteira e responsável, igualmente, pela Associação Espirita de Olhão.

António Castanheira de Moura, em artigo intitulado «Recordando o passado – 1926-1951», publicado na “Revista de Metapsicologia, da F.E.P., refere que «o dr. Sousa Couto iniciou as suas actividades em 1898, indo, logo em 1900, representar Portugal no Congresso Espírita de Paris, para, seguidamente, e no regresso ao nosso país, se lançar ardorosamente na propaganda do Espiritismo, estudando e divulgando os seus fenómenos. No estrangeiro, onde se relacionou e acompanhou, quando em Paris, os cientistas dessa época, na investigação dos fenómenos psíquicos, criou ligações com as principais figuras do então movimento espírita mundial, verdadeiro escol que assombrou o mundo materialista, dado o valor incontestável dos nomes que se encontravam à frente desse movimento».

Mas não foram só os irmãos Cunha, em Braga, não foi só o advogado Sousa Couto, em Lisboa : mercê da proximidade de Portugal com a França, das pessoas que ali se deslocavam, das notícias que dali chegavam, dos periódicos sempre interessados em falarem e comentarem

assuntos que pudessem despertar o interesse dos seus leitores, talvez ainda e principalmente, pela “fome” espiritual que existia nuns e noutros, cansados ou desiludidos da religião que conheciam, bem depressa e bem cedo se começou a falar de Espiritismo em Portugal. Assim, em 22 de Janeiro de 1903, o jornal «O Mundo», sob a pena do articulista “Ameri”, iniciava um mini-curso sobre Espiritismo no qual eram referidos Allan Kardec, Gabriel Delanne e outros. Outro jornal, o «Voz do Operário» publicava artigos de Delanne e referia-se a D. Douglas Home e a outros espíritas da época... e todas estas notícias pareciam surgir no propósito de darem abertura às mensagens que o médium Fernando de Lacerda, Inspector de Polícia, começa a psicografar, as primeiras das quais (de que o público tem conhecimento) do Espírito Camilo Castelo Branco e que, logo mais, se tornam públicas.

E Sousa Couto, o advogado espírita que atrás referimos, figura respeitada da sociedade de então, publica na Revista «Estudos Psíquicos», de sua responsabilidade e propriedade, que existiu de 1905 a 1909, quando teve de a encerrar devido a doença grave que o acometeu, publica um estudo sobre a mediunidade do português Fernando de Lacerda; vários jornais procuram o causídico, para o entrevistarem sobre o tema novo de que muitos querem saber mais... e pouco a pouco, graças a nomes de outras figuras conceituadas que se assumem como espíritas, a Doutrina Espírita vai-se espalhando pelo País da mesma maneira que se vai espalhando pelo mundo...

Mas um século já nos separa dessa época... e se um século pouco ou nada é num qualquer calendário é, entretanto, demasiado tempo para se conseguir desfolhar com precisão o “Livro das Recordações” que queremos consultar para que nos diga, sem erros de qualquer espécie, como foi o princípio.

Para que tal não aconteçam (os erros), porque houve sempre alguém interessado em registar os acontecimentos - e porque para nós é mais importante juntar todo o histórico que usarmos palavras nossas relatando factos, talvez, não tão verdadeiros porque deduzidos - iremos transcrevendo *sic*, tudo o que tivermos conseguido encontrar sobre o Movimento Espírita, seu início e o histórico da Federação Espírita Portuguesa, para que não continuem a acontecer registos aqui e ali, a perderem-se amanhã por falta do respectivo resguardo.

E foi consultando os livros e revistas de antanho, que encontrámos os relatos que transcreveremos, para conhecimento de todos. Alguns deles são tão pormenorizados que não deixam dúvidas sobre o acontecido... É assim que do nº 5 de 1932 da REVISTA DE ESPIRITISMO da FEP copiamos o artigo da autoria do Dr. Gilberto Marques, que relata:



## O ESPIRITISMO EM PORTUGAL

««« O facto de eu ter promovido o movimento espirita em Portugal organizando-o e propagando-o até aos mais recônditos lugares do nosso País, e até às mais longínquas paragens das nossas terras ultramarinas, é por demais conhecido dos espiritas da velha guarda, muitos deles, infantigáveis e valorosos companheiros de jornada. Destes, alguns já passaram à vida imaterial. Dentre eles, recordo com infinita saudade, o general Viriato Zeferino Passaláqua e o engenheiro Ângelo de Sárea Prado. Para eles vai a minha sentida homenagem, ao principiar estas linhas.

««« Quis um amável convite, que eu viesse expôr aos novos adeptos do Espiritismo, não como o Espiritismo nasceu em Portugal, mas como ele se organizou e frutificou, tendo necessariamente de fazer, embora constringidamente, uma auto-biografia, ou seja, a resenha dos meus esforços e acção em prol da sublime filosofia.»»»

Fazemos aqui um parentesis para lembrar que em 1906 o médium português Fernando de Lacerda, inspector de policia do Governo Civil, publicou o volume nº 1 de «Do Paiz da Luz», obra que dava a conhecer diversas mensagens medfunicas de Espíritos que, na Terra, quando encarnados, portugueses ou estrangeiros, tiveram nomes importantes na Sociedade de então, fossem escritores, jornalistas, juristas, ou, ainda, noutras profissões.

Fernando de Lacerda fazia parte de um grupo frequentado, também, e entre outros, pelo Dr. Martins Velho, que veio mais tarde a ser o 1º Presidente da Federação Espirita Portuguesa. O médium, tendo-se visto na contingência de abandonar o País em Julho de 1910, devido a perseguições políticas da época, principalmente perpretadas por Botto Machado, embarcou para o Rio de Janeiro, onde desencarnou em Agosto de 1918. (Vidé, “Fernando de Lacerda, o médium português”, ed. “Comunhão”).

Mas, deixemos que o Dr. Gilberto Marques nos continue a relatar o passado espírita de Portugal:

«««Comecemos.

«««Nos princípios do ano de 1910, a minha ânsia de conhecer os mistérios das ciências psíquicas, levou-me a fazer parte dum pequeno grupo espírita (...) único no género. Durante oito meses, o grupo reuniu-se à volta duma mesa de “pé de galo”, regularmente, pacientemente, sem desfalecimentos, e sem que obtivesse um único movimento!... Por muito extraordinário que o caso pareça, ele deu-se. Era o grupo constituído por um punhado de rapazes estudantes. Tanto mais para estranhar. Mas parece-me que, se fossem homens, com idade suficiente para pensar e meditar criteriosamente, teriam abandonado a empresa após o insucesso das primeiras tentativas...

««««*Querer é poder* - por isso teimámos. E ao fim de oito longos meses, a mesa principiou a mexer-se com extrema agilidade, para nos anunciar que não necessitávamos dela para comunicar com o Além, porque quase todos nós eramos médiuns escreventes. Experimentámos. Assim era!

««««O director do grupo, por inexperiência, não tentara, durante tantos meses que passámos à mesa de “pé de galo”, descobrir entre os membros do grupo, médiuns escreventes e médiuns de incorporação. O silêncio do Além foi uma prova... Eu desenvolvi-me médium escrevente intuitivo, mas uma nova surpresa nos estava reservada.

««««O sócio do grupo, em casa de quem nos reuníamos, adoeceu gravemente, o que nos impossibilitava de continuarmos a reunir. Mas os nossos guias prontamente solucionaram a dificuldade. Passariamos a reunir ao ar livre, em plena rua. E assim se fez. Nem banco do jardim de Campo de Ourique, sentavam-se os médiuns. Os restantes, de pé, formavam um círculo à sua volta... e assim se realizavam as sessões.

««««Os nossos guias submetiam-nos a um treino moral, que era quotidiano. Provas várias nos eram dadas para desenvolvermos as nossas qualidades morais. Esse era o principal objectivo dos guias.

««««O meu desenvolvimento como médium escrevente, tinha-me levado ao recebimento de mensagens de grande valor moral e instrutivo. O Mundo Invisível tornava-se visível para mim. As mais elevadas concepções da vida espiritual eram-me reveladas por espíritos que se assinavam com sinais apenas, tratando das ciências psíquicas, que lia e estudava com grande atenção e imenso

««««Durante esse tempo, a minha ânsia de desvendar mais e mais, os mistérios do mundo invisível, que tanto me fascinavam, levou-me à aquisição continua de livros deleite. Os meus estudos “oficiais” não me impediam de dedicar as minhas horas vagas aos estudos e às experimentações “extra-oficiais”. A ideia de divulgar e propagar os ensinamentos adquiridos, ia avolumando-se cada vez mais no meu espírito.

««««Nesse ano fazia uma viagem a Paris, pela primeira vez, e uma digressão à Bélgica e pelo sul da França. Por essa ocasião tive o inefável prazer de estabelecer os primeiros contactos com os grandes mestres e iniciar-me nos estudos do ocultismo.

««««A ideia do movimento espírita ganhou corpo, adquiriu forma: o nosso pequeno grupo espírita, com sede num banco de jardim e com sessões ao ar livre, no primeiro dia de Janeiro de 1911, instalava-se em sede própria – Rua do Cabo, nº 1. Cheios de aspirações e de boa vontade, demos logo ao nosso modesto grupo um nome pomposo, em esperanto: “Universala Scienca Instituto”, que seria composto por *Circulos* (Centros), sendo o nosso grupo o Circulo nº 1.

««««(...). Mas um grupo de estudantes que não tocava guitarra, não derriçava as donzelas da vizinhança, nem fazia alarido, tornou-se suspeito de... conspiração! E, uma bela noite, fomos assaltados pela polícia de informação desse tempo, que gozava de um epíteto popular: “Formiga Branca”. Fomos levados para o Governo Civil, onde o erro se desfez imediatamente, pois se verificou que não se tratava de conspirar, mas sim, de espiritismo.

««««O caso ecoou na imprensa, e, como resultado, formou-se no Porto uma sucursal do nosso centro: era o “Circulo nº 2”. Era um Grupo de doze estudantes, cheios de entusiasmo, de projectos e de boas intenções, que depois nos enviou uma fotografia, com a seguinte dedicatória: “Como prova de amizade e estima, oferecem-vos os sócios da Universal Scienca Instituto, Circulo nº 2. Porto, 27 de Março de 1911”. (...)

««««Mas a minha ambição de aprender, sobretudo todos os conhecimentos que, directa ou indirectamente, se prendessem com o Espiritismo, o Hipnotismo e o Ocultismo, levava-me a intensificar os meus estudos e a alargar as minhas relações em Paris. Porém, nos fins desse mesmo ano, durante a minha ausência, o virus da vaidade, provocando a desunião, desenvolveu-se no círculo de Lisboa e, contagiando o do Porto, dizimou ambos. Quando regresssei a Lisboa, do Instituto, encontrei-lhe as cinzas... Mas não desanimei. Não era já possível estacionar, e, muito menos, perder o trabalho executado. Era preciso, muito pelo contrário, avançar.

««««Ainda nesse mesmo ano, das minhas relações em Paris, resultou a entrada de Portugal no mapa da vida espírita internacional»»»».

Aqui, temos de interromper para lembrar a presença de Portugal, através do Dr. Sousa Couto, no Congresso de 1900. É possível que o Dr. Gilberto Marques não lhe tivesse ouvido referências, dado a doença que o levou a interromper todos os seus afazeres, ou, então, que, ao recordar-nos o histórico do Movimento, nessa altura, tenha inadvertidamente omitido tal facto. Da mesma maneira, quando diz que despertou para o Espiritismo em 1910, não refere Fernando de Lacerda, que em Julho desse ano deixou o País, tendo já publicado em 1908 o 1º e 2º volumes da obra mediúnica ‘Do Paiz da Luz’. Desconhecimento? Talvez... Mas, continuemos:

«««« No primeiro Congresso Espírita Universal, reunido em Bruxelas, de 14 a 18 de Maio de 1910, foi votada por unanimidade a proposta de “criar um *bureau* permanente internacional tendo por objectivo estabelecer relações contínuas entre os grupos de nacionalidades diferentes”. A Federação Espírita Belga foi encarregada da execução desta resolução, elaborando os seus estatutos. Assim nasceu o *Bureau International du*

*Spiritisme*, com sede em Liège (Bélgica), sob a direcção do Delegado belga, Presidente da Federação Espírita Belga, o Cavaleiro Le Clément de St. Marcq, individualidade de destaque no movimento espírita belga, com quem travei as mais amistosas relações, pedindo-lhe o auxílio do *Bureau* para o desenvolvimento do espiritismo em Portugal. O *Bureau* aceitou o meu pedido, nomeando-me Delegado do *Bureau* em Portugal, em 5 de Julho de 1911.

««««No número 3 do “Bulletin Officiel” do *Bureau International du Spiritisme*, de Setembro de 1911 (este *Bulletin* era trimestral e o seu primeiro número apareceu em Março de 1911; não era vendido mas sim distribuído exclusivamente pelos Delegados do *Bureau*, associações e revistas espíritas), aparecia na lista dois países representados, Portugal com o número 12, data de entrada 5 de Julho de 1911, o meu nome e a minha morada. A páginas 3, desse *Bulletin*, vinha a seguinte nota, que passo a traduzir: “Um activo propagandista português, o sr. Gilberto S. Marques, entrou em relações com o *Bureau International*; a situação actual do espiritismo naquele país é deplorável; há apenas alguns pequenos grupos familiares que cuidadosamente se furtam à curiosidade dos vizinhos e que não têm entre si relações de espécie alguma. Não existe um único jornal espírita; livros tratando destes assuntos são muito raros. O país ressentese da compressão clerical sob a qual tem vivido durante os anos anteriores; mas neste momento, os felizes acontecimentos que modificaram as instituições políticas em Portugal, permitem esperar um melhoramento rápido. Gilberto S. Marques, desejoso de contribuir com todas as suas forças para o desenvolvimento do movimento espírita, solicitou o auxílio do *Bureau International* e assumiu as funções de Delegado para o seu país”.

««««Tinha alcançado o apoio moral do *Bureau International du Spiritisme* e tinha feito enfileirar Portugal no movimento espírita internacional, ao lado das nações mais cultas e mais prósperas. Não podia parar. O *Bureau* principiava a preparar o 2º Congresso Espírita Universal, a realizar em Genebra, de 9 a 13 de Maio de 1913. Era necessário que Portugal tivesse uma associação nacional, exclusivamente espírita. Mas a designação de espiritismo, era ainda nesse tempo, em Portugal, qualquer coisa equivalente a “idiotismo” ou pior, “charlatanismo”. Por isso, reuni alguns elementos espíritas e fundei a “Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa”, com sede na Rua de Infantaria Dezasseis, 51, 3º D.. (...).

««««A Aliança tem por fim: 1º. Promover o estudo e a propaganda do Espiritismo; 2º. Criar em todo o país grupos, sociedades e escolas, onde se estudem e ensinem os factos e as ideias do espiritismo. A Aliança fornecerá informação a todas as pessoas que a solicitem, sobre a organização de grupos, o estudo teórico e experimental do espiritismo, livros a ler e a

meditar, etc., etc.. Os sócios são divididos em várias classes: fundadores, efectivos, protectores correspondentes, beneméritos e honorários. Há ainda títulos designando funções especiais: *vigilante* – para vigiar pela boa reputação da sociedade; *inspector* – para inspeccionar directamente o movimento dos grupos, sociedades, etc., organizdos e protegidos pela Aliança; *instrutor* – para fornecer informações sobre o espiritismo e guiar os grupos nos seus primeiros passos; *defensor* – para fazer a propaganda; *delegado* – para representar o Conselho director em todas as localidades de Portugal. A Aliança é administrada por um Conselho Director composto por dez elementos. Tais são as bases principais da Sociedade organizada. **Foi registada no Governo Civil no mesmo dia em que foi fundada – 27 de Janeiro. (...). A Federação dos espiritas portugueses existia.** (O destaque é nosso. Esta informação é muito importante, dado terem sido estes os Estatutos que os ‘fundadores’ da F.E.P., saídos do 1º Congresso, aproveitaram – por já existirem).O que não existia eram os espiritas! Esses, era preciso andar a descobri-los, a ‘caçá-los’, tão poucos eles eram!...

««««(...).O estudo e a prática do espiritismo continuava agora na sede da Aliança. Mas o meu espírito não estava saciado. A ideia do Instituto era ensinar as ciências psíquicas, os *meios* de regeneração individual, isto é, a auto-cultura ou cultura humana, não me abandonava. Queria divulgar os conhecimentos que adquirira e achava que o meio era estabelecer uma escola. Foi assim que, em meados de 1912, fundava o *Instituto Internacional de Psicologia*, com sede na rua Aurea, 66, 3º. Era uma escola. Em Julho desse ano, o Instituto publicava o seu primeiro Boletim mensal. Escrevi e editei um folheto intitulado ““ Segredo do Sucesso”” para propaganda do Instituto. A “República” de 22 de Junho e as “Novidades” fizeram largas referências ao Instituto.

««««O *Bulletin Officiel*, 3º ano, nº 1, Dezembro de 1912 do *Bureau International du Spiritisme*, a páginas 3, publicou o seguinte, que passo a traduzir: “A seis de Agosto recebeu-se do Delegado português, o sr. Gilberto S. Marques, de Lisboa, informação referente ao Instituto Internacional de Psicologia, fundado em Lisboa, destinado a ensinar Psicologia e Filosofia antiga e moderna por correspondência. O Instituto divide-se em quatro Faculdades: Cultura Humana, Psicologia Experimental, Filosofia Moderna e Filosofia Antiga. Na primeira Faculdade, a instrução é dividida em 3 categorias: geral, parcial e especial. A *instrução geral* tem por fim o desenvolvimento de todas as faculdades do ser humano; esta instrução é acompanhada por instruções práticas e indicações teóricas. A *instrução parcial* é destinada ao desenvolvimento isolado duma das faculdades humanas. A *instrução especial* visa à regeneração dos fracos de vontade, ou a cura dos viciosos, neurasténicos, etc.. Nas outras três faculdades o ensino é dividido em três cursos: *geral*,



*secundário e superior* e são gratuitos. Os alunos agrupar-se-ão no *Psycho-Club Internacional*, que procurará organizar centros por toda a parte. É Director Geral o sr. Marques, que ao mesmo tempo tem a seu cargo o ensino da Cultura Humana. O Instituto publica um Boletim mensal, e brevemente publicará uma revista intitulada *Novos Horizontes*”.

««««A distribuição gratuita do meu livrinho, de 48 páginas, intitulado “O Segredo do Sucesso” iniciou a propaganda. O *Boletim* do Instituto desenvolvia-a. Por julgar interessante, pois nele se assentou a subsequente propaganda do Espiritismo, elucidarei que “O Segredo do Sucesso” dividia-se em: Introdução. *Primeira Parte* – I O Sucesso; II A Vontade; III A Energia; IV O Pensamento; V As nossas faculdades. *Segunda Parte* – VI Fraqueza da Vontade, da Energia e do Pensamento; VII Vícios, anomalias e atrofiamentos psíquicos. Conclusão. Apêndice: *Instituto Internacional de Psicologia*: I – Razão da sua fundação; II Sua organização interna. Incluía o livrinho 6 fotografias de formas-pensamentos, sendo 4 do Comandante Darget, uma de Lefranc e uma do Dr. Ochorowicz.

««««O “Segredo do Sucesso” era a propaganda do Magnetismo Pessoal, na sua mais elevada acepção, isto é, Cultura Humana. Estranhar-se-à, talvez, como é que por esse meio, se fazia a propaganda do Espiritismo. Não lhe tocava mas abria-lhe o caminho...

««««A ideia marchava. O *Psico-Club Internacional* anexo ao Instituto tinha as suas reuniões regulares e procedia a experiências psíquicas. Foi nesta altura que o saudoso General Passaláqua se iniciou no movimento, ingressando no Instituto e no Psico-Club. A ideia marchava a passos agigantados, formando-se pequenos núcleos de estudos psíquicos em vários locais.

««««Quando o ano de 1913 entrou, achei por conveniente separar então o ensino da Cultura Humana, do restante ensino do Instituto e, por isso, fundei o *Instituto de Cultura Humana*, que continuou a sua acção, esgotando-se a primeira série do Curso Geral. O terreno começava a estar preparado para o recebimento duma publicação espírita.(1)

««««No dia 1º de Março de 1913, fazia aparecer o primeiro número dos *Novos Horizontes*, quinzenário espírita, que foi vendido e apregoado nas ruas de Lisboa, por vendedores de jornais. O movimento espírita em Portugal, entrava numa fase nova.

««««De 9 a 13 de Maio de 1913, realizava-se o II Congresso Espirita Universal em Genebra, do qual devia participar, na qualidade de Delegado do *Bureau International du Spiritisme*, tendo recebido de Genebra o meu cartão de congressista, com o nº 88. Os *Novos Horizontes*, no seu nº 4 e seguintes referiram-se largamente a este Congresso, assim como o *Bulletin Officiel* do *Bureau International du Spiritisme*.(...)

««««Portugal, que já tinha entrado no movimento espírita internacional, figurava pela primeira vez num *Congresso Universal de Espiritismo*, o segundo realizado. As sociedades que se fizeram representar foram: *Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa*, *Instituto Internacional de Psicologia* e *Centro Espírita “Amor e Caridade”*, de S. Vicente de Cabo Verde. (Voltamos a lembrar que, no Congresso Espírita Internacional, realizado em Paris em 1900, esteve presente Sousa Couto (José Alberto), que trouxe para Portugal a simpatia de espíritas de nomeada, que passaram a escrever na sua revista, a quando da sua existência).

««««(...)Partia de novo para o estrangeiro. Terminava lá os meus estudos em medicina naturopática e em psicologia aplicada. Alargava o horizonte dos meus conhecimentos, da minha experiência e das minhas relações. Adquiria novos amigos para Portugal e para o movimento espírita português. Nestas minhas sucessivas estadas no estrangeiro, desenvolvia uma grande actividade. Se é certo que, em parte, era em meu proveito, a verdade é que toda essa actividade redundava sempre em benefício da causa que defendia, dos princípios que adoptara, do movimento que iniciara.

««««(...). Entretanto, o *Instituto Internacional de Psicologia*, tinha sido completamente transformado: de escola, passara a ser uma sociedade com o fim de promover a investigação, o ensino e a vulgarização das Ciências Psíquicas. E tinha-se filiado na *Societé Internationale de Recherches Psychiques*, de Paris. O *Psico-Club Internacional*, extinguiu-se por as suas funções terem passado para o Instituto. O *Boletim* do Instituto também se extinguiu, porque a revista *Novos Horizontes* passara a ser o órgão oficial do Instituto.

««««O Instituto dividia-se em três secções: Hipnomagnetismo e psicoterápia, Espiritismo e Ocultismo. Os *Novos Horizontes* passaram a ser distribuídos gratuitamente aos sócios do Instituto, que estabeleceu os seguintes serviços para os seus associados: *Cursos orais e por correspondência* (grátis); *Conferências* periódicas com demonstrações práticas e projecções luminosas; *sessões gerais* com *sujets* ou médiuns desenvolvidos; *festas públicas*, para propaganda; *festas íntimas*, para confraternização dos sócios; *Consultório psíquico* de astrologia, grafologia, quiranância, etc. (grátis), *Gabinete Mediúnico*, para tratamento mediúnico de doentes (grátis); *Consultório Psicoterápico*; *Biblioteca*; *Museu* expõe fotografias, *aports*, desenhos e pinturas mediúnicas, etc.; *Laboratório* para experiências de fisiopsicologia experimental; *Bureau* de informações e relações internacionais; *Sessões de doutrinação*, *sessões de estudo*, etc..

««««Eu era o Director Geral do Instituto; o General Viriato Passaláqua era o director da Secção de Hipno-Magnetismo; o Engenheiro Sárrea Prado era o director da Secção de Espiritismo; Gabriel Phaldor (pseudónimo),

era o director da secção de ocultismo; e o Dr. João Castel-Branco, era o secretário Geral.

«««O Instituto mudou-se da rua Aurea, 66, para a rua da Escola Politécnica, 285, sendo a nova sede inaugurada com grande sucesso, no dia 18 de Janeiro de 1914. Os *Novos Horizontes*, no seu número 23, fizeram um relato pormenorizado desta magnifica festa de inauguração. Todos os serviços estabelecidos pelo instituto principiaram logo a funcionar. As conferências sucediam-se, sendo os conferentes mais assíduos o General Passaláqua e eu. O *Curso de Ciências Psíquicas*, prosseguia com êxito. As sessões de pequenos grupos e as sessões gerais activavam-se, com magnificos resultados. Os tratamentos mediúnicos e psico-terápicos intensificavam-se e as curas sucediam-se.

«««O Instituto e os *Novos Horizontes* espalhavam a luz do espiritismo por todo o pais e suas colónias. O movimento engrossava como uma avalanche. Os *Novos Horizontes* atingiam a circulação de 1.500 exemplares, contando Cabo Verde, Angola, Moçambique e Macau, e iam a todos os recantos do mundo, chegando à Índia, à Austrália e à Nova Zelândia.

«««Organizavam-se grupos e centros espíritas por toda a parte. Eram lançados novos jornais e revistas espiritas. O movimento espírita em Portugal estava criado, tinha vida, tinha corpo, era uma realidade positiva.

«««(...) Estalara a guerra mundial. O pânico apossara-se de toda a gente. Os *Novos Horizontes* e *O Sucesso* suspenderam a publicação. O Instituto cerra as portas. Mas a guerra não destruiu as crenças. Muitos ateus se tinham convertido ao espiritismo. Muitos descrentes se tinham tornado fervorosos crentes. As ideias ficavam. Tinham enraizado. Fiz publicar ainda meia dúzia de números dos *Novos Horizontes*, em 1915 e 1916, fazendo a sua distribuição gratuita e participei da inauguração do Centro Espírita de Braga. Foram estes os meus últimos actos públicos no movimento espírita. Em meados de 1919, embarcava para os Estados Unidos da América, ficando minha mãe, o General Passaláqua, António Castanheira de Moura, e muitos outros sinceros e dedicados espíritas a trabalhar na continuidade do movimento espírita em Portugal.(...)»»»

(1). Antes da revista *Novos Horizontes* aqui referida, já tinha circulado, de 1905 a 1909, a revista *Estudos Psíquicos*, criada e orientada pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto, e que o próprio se viu obrigado a suspender devido a doença grave, conforme já atrás referimos.

\*



Anos decorridos, a descrição atrás antecede e explica a criação de uma Federação Espirita, referência que voltamos a encontrar na Revista portuense “A Verdade” – mensário de propaganda espirita e moralizador – de Dezembro de 1917 : na página que refere o Movimento Espirita, lê-se:

««« Portugal – da **Federação dos Espiritas Portugueses** recebemos uma série de impressos onde expõe as suas ideias, desenvolvendo o seu programa. Desejamos que esta ideia colha os frutos que merece»»»».

No exemplar n.º 8, 9 e 10 de Junho, Julho e Agosto de 1920, a mesma revista ««« **Federação dos Espiritas Portugueses** : desta associação foi-nos refere:

enviada uma nota em que se relata que, depois de vários acontecimentos, foi resolvido de comum acordo, encerrá-la por completo, visto não poderem continuar os seus trabalhos. Assim, findos 22 meses foi resolvido, também, proceder à venda do espólio da ‘Federação’, o qual deu o produto de Esc. 53\$10, havendo, parte dos seus associados, comemorado o domingo de Páscoa com a sua distribuição, acrescida da importância de 2\$90, dádiva de um generoso irmão.(...)»»»».

(E não se ria ninguém desta ‘generosa dádiva’ pois somos conhecedora de que naquela época, com noventa escudos, governava-se uma casa de família composta por um casal e 2 filhos, pagando-se renda de casa e todas as restantes despesas inerentes, desde as mercearias até à escola das crianças).

Na pesquisa intensa a que Alda Albuquerque, secretária de Direcção da actual F.E.P. (ano de 2003) se tem obrigado, para encontrar o registo dos estatutos primitivos, ela descobriu que *“efectivamente, em 1918, constituiu-se a Federação dos Espiritas Portugueses, com toda a sua documentação em ordem e registada no Governo Civil de Lisboa; por vários motivos, ela é suspensa no mesmo ano de 1918 – não encerrada – mas, como está inactiva, todos os seus móveis são vendidos. Mais tarde, surge um grupo que a deseja reactivar e é aqui que, no Congresso de 1925, no último trabalho apresentado, cujo tema é ‘União e Assistência’, ao qual preside o Dr. Martins Velho, na Tese – Relatório pró Federação - tiradas as conclusões, diz-se na 1ª e 2ª alíneas que ...<a Federação não necessita ser fundada porque o foi em 9 de Maio de 1917, mas sim torna novamente a funcionar, visto ter interrompido o seu funcionamento em 19 de Junho de 1918. Os seus Estatutos só podem ser modificados em Assembleia Geral e não no Congresso, que não os pode apreciar, por tal só competir àquela entidade, e por já terem sido aprovados em 14 de Maio de 1918.>*

*No artº 3º, e último, pergunta-se:< Deverá ser conservado o seu título, ou deverá dar-se-lhe outro?>*”

E, a propósito do 1º Congresso Espirita Português, atrevemo-nos a transcrever todo o relato publicado sobre o que o antecedeu e programa do mesmo, publicado no nº 4-5-6 referente aos meses de Janº/Fevº/Março de 1925 da Revista “O ESPIRITA”, proprietária do “Grupo Espirita Luz e Caridade”, do Barreiro.

Vejamos, então:

#### ««« VAI REALIZAR-SE EM MAIO O 1º CONGRESSO ESPIRITA PORTUGUÊS

««« Os esforços da segunda tentativa para a sua efectivação a caminho da realidade:

««« O ano de 1925 não entrou mal, para os espiritas portugueses, o que nos anima a crermos que alguma coisa de útil, advirá para o progresso espirita do nosso país.

««« Como noticiámos no nosso último número, o *Centro Espiritualista Luz e Amor*, importante núcleo da capital, convocou uma reunião magna de delegados dos diversos Grupos Espiritas, nacionais, a fim de estudar conjuntamente a forma de se constituir a Federação dos Espiritas Portugueses. Essa reunião realizou-se, de facto, tendo lugar no dia 11 de Janeiro na sede do Ateneu Comercial de Lisboa. A concorrência, valha a verdade dizê-lo, não foi das maiores, devido à abstenção de muitos agrupamentos, mas não deixou apesar disso de resultar útil sob todos os aspectos.

Encontravam-se representados a União dos Espiritas do Algarve, os Centros Espiritas de Leiria, Lisboa, Beja, Ponta Delgada, Santarém, Olivais, Tomar, Vendas Novas e Barreiro, além da Sociedade Teosófica de Portugal, imprensa espirita nacional e representantes de alguns jornais espiritas brasileiros.

««« Na ampla sala do Ateneu Comercial, respirava-se um ambiente de simpatia e satisfação espiritual, que há muito não experimentávamos. A troca de impressões com irmãos que trabalham na mesma obra, encheu-nos de relativo bem estar, comunicando-nos uma alegria íntima que durou por bastante tempo.

««« Pelas 14 horas foram iniciados os trabalhos. A mesa da presidência foi constituída pelos nossos irmãos e amigos Viriato Zeferino Passalacqua e José Maria Pereira Bravo, e pela sra. D. Maria Madre de Deus Leite Dinis, começando o sr. presidente por saudar os representantes dos respectivos agrupamentos e irmãos presentes.

««« Seguidamente a sra. D. Maria Velede pediu a palavra, tendo, depois de saudar todos os presentes, apresentado a seguinte proposta que leu:

««« Considerando que há toda a conveniência em que um congresso promovido por espiritas não se envolva em questões sectárias e fuja o mais possível da questão propriamente religiosa, que só poderá contribuir para irritar a opinião pública e criar-nos um ambiente hostil;

««« Considerando que, para a efectivação do referido Congresso deverão todos os presentes contribuir com o máximo de dedicação e boa vontade para o bom êxito dele;

««« Considerando que é necessário activar os trabalhos, a fim de que o Congresso seja uma realidade dentro do mais curto prazo possível;

««« Proponho:

««« 1º - que o nosso Congresso se intitule Congresso Espiritualista Português, e se nomeie uma Comissão Organizadora da qual façam parte membros dos corpos gerentes do Centro Espiritualista ‘Luz e Amor’ e os delegados espiritas presentes.

««« 2º - Que esta grande Comissão seja fraccionada em quatro sub-comissões a saber:

««« 1ª: Sub-comissão Executiva e Administrativa, destinada a obter sala para a efectivação do Congresso, tratar da correspondência, fazer toda a escrituração que lhe competir, fixar o preço dos cartões e distribuí-los pelos congressistas, recolher as respectivas importâncias, etc.; 2ª: Sub-Comissão de Teses e Festejos, destinada a escolher os assuntos que deverão ser versados no Congresso, receber propostas no mesmo sentido, distribuir os assuntos escolhidos, por pessoas de reconhecida capacidade e competência que lhes dêem a forma de teses e ainda preparar os festejos (passeios e récitas) que se deverão efectuar por ocasião do Congresso em honra dos senhores congressistas, etc.; 3ª: Sub-comissão Pró-Federação, que se ocupará exclusivamente de lançar as bases para a futura Federação, as quais deverão ser discutidas na penúltima sessão do Congresso; 4ª: Sub-Comissão de propaganda, que terá como objectivo fazer interessar pelo congresso toda a família espírita, a fim de que o mesmo seja quanto possível concorrido e importante.

««« Proponho, finalmente, que o Congresso se realize no próximo mês de Maio, devendo durar por espaço de três dias, e constando de seis sessões, a começar no dia 15 e a terminar no dia 17. – Lisboa, 11 de Janeiro de 1925. (a) – *Maria Veleda*. »»»

««« Não foi sem admiração e espanto que ouvimos a leitura desta proposta, pois não a esperavamos tão vastamente elaborada relativamente ao Congresso isso por que “A Asa” de que é directora a ilustrada proponente, fazia apenas a propaganda da Federação, e não do Congresso, com cuja realização só concordaria se a maioria dos representantes reunidos achasse conveniente levá-la a efeito.

«««« Pela redacção da proposta se verificavam as bases de um Congresso, com o que nos regozijamos, pois se evitaram discussões inúteis para se chegar à conclusão da utilidade ou inutilidade da realização do Congresso.

«««« Posta, pois, à discussão a referida proposta, usou da palavra em primeiro lugar o nosso bom irmão e amigo Inglês Tavares, para interpelar a proponente no sentido de lhe definir Espiritismo e Espiritualismo, ao que a mesma não acedeu, por entender que era assunto alheio ao fim da reunião. O coronel sr. Oscar Garção, pela Sociedade Teosófica, achou muito acertada a denominação proposta para o Congresso, que sendo *espiritualista*, teria um significado mais amplo e de mais largos horizontes. Por não concordarem com a denominação de *espiritualista* manifestaram-se diversos confrades delegados, após o que o nosso colega Quintela da Paixão, na qualidade de representante do nosso Grupo, pediu a palavra para declarar que não concordava com a denominação *espiritualista*, pois sendo um congresso de *espiritas* este devia denominar-se Congresso Espirita Português, visto não ser conveniente abrir o congresso a toda a gente, com a classificação de *espiritualista*, onde, por tal motivo, até católicos e protestantes poderiam comparecer como congressistas, por serem *espiritualistas*, e cujos resultados facilmente se depreendem.

«««« Depois de citar, como exemplo, a França, que vai efectivar o *Congresso Espirita Internacional*, e que instalou há pouco a *Casa dos Espiritas*, além de ter a *Revista Espirita*, terminou por apresentar a seguinte proposta:

«««« Considerando que a maioria dos Grupos representados são espiritas e não espiritualistas, o que é diferente;

«««« Considerando que o principal objectivo desta reunião é a realização de um Congresso de onde saia uma Federação Espirita;

«««« Proponho:

«««« Que se ponha à votação se o congresso deve denominar-se Espiritualista ou Espirita.

«««« Lisboa, 11.1.1925 (a) Joaquim M. Quintela da Paixão.»»»»

«««« Depois de uma embaraçosa votação e de uma péssima contagem, que ora dava a maioria a uma ora a outra das denominações, além de um empate, foi aprovado que o congresso se denominasse espiritualista, com os votos da União dos Espiritas do Algarve, dos Centros Espirita de Beja, do Espiritualista Luz e Amor de Lisboa, dos de Vendas Novas, Ponta Delgada e da Sociedade Teosófica de Portugal, ou sejam, seis votos. Contra, votaram os Grupos de Leiria, Tomar, Santarém, Olivais e Barreiro, no total de cinco votos.

«««« Em virtude deste resultado, o irmão Avelino Fernandes, delegado do Centro de Leiria, declarou que não podia trabalhar num Congresso

Espiritualista, pelo que se desinteressava do congresso, que via não era ainda oportuno realizar.

««« A irmã D. Maria Veleda em face das declarações deste irmão propôs, que os irmãos que votaram pela denominação de espiritualista retirassem os seus votos, para se evitar assim mais um fracasso, ao que todos acederam, com aplauso da maioria dos que votaram pela designação de espirita.»»» (Anos mais tarde, num artigo que escreverá apoiando uma ideia de Yvone de Sousa, que sugere a criação de um lar para espiritas, ela referirá esta votação e a atitude que tomou então, para que se chegasse a um concenso, e se pudesse ir para a frente com a realização do 1º Congresso Espirita Português).

««« Solucionado o conflito, foi o resto da proposta aprovada quase sem discussão.

««« As Sub-Comissões que vão preparar o congresso ficaram assim constituídas por votação:

««« *Sub-Comissão Executiva e Administrativa* – D. Elisa Santos Lima, D. Dinah Santos Lima e D. Emilia Marques;

««« *Sub-Comissão de Teses e Festejos* – Sr. Manuel Caboz, D. Maria da Madre de Deus Leite Dinis e D. Maria Veleda;

««« *Sub-Comissão Pró-Federação* – Srs. Viriato Zeferino Passaláqua, Horácio Inglês Tavares e Joaquim M. Quintela da Paixão:

««« *Sub-Comissão de Propaganda* – Todos os representantes dos centros espiritas portugueses.

««« Estas sub-comissões podem agregar os elementos espiritas que julguem necessários, e até à realização do congresso devem reunir conjuntamente uma vez por mês, com exclusão da Sub-comissão de propaganda.

««« Ficou também deliberado abrir subscrições nos órgãos espiritas, para auxiliar as despesas com a realização do congresso, propaganda, etc..

#### ««« O PROGRAMA DO CONGRESSO

««« A primeira reunião conjunta das sub-comissões, teve lugar no dia 8 de fevereiro, em Lisboa, onde deram conta dos trabalhos realizados e trocaram impressões sobre a orientação a seguir.

««« Pela sub-comissão Executiva e Administrativa, foi comunicado que existem mais de 1.000\$00 para as despesas do Congresso, e estarem a imprimir-se os bilhetes de admissão. Expôs também que tem trabalhado para que se consiga realizar o Congresso numa importante Instituição Científica de Lisboa.

««« A sub-comissão “Pró-Federação”, declarou ter apreciado os estatutos por que a mesma deverá reger-se, trabalho muito completo, que decerto merecerá a aprovação do Congresso.



««« A sub-comissão de Teses e Festejos, apresentou o programa a executar nos dias 15, 16 e 17 de maio, que ficou assim aprovado:

««« Dia 15, às 13 horas, sessão da abertura do Congresso; às 15 horas, sessão para apresentação e discussão de teses, continuando para o mesmo fim às 21 horas.

««« Dia 16, às 15 horas, continuação dos trabalhos, e às 21 discussão do projecto Pró-Federação. Dia 17, às 8 horas, passeio de confraternização ao Portinho (Trafaria) em gasolinas; às 11, almoço ao ar livre; às 13 sessão de encerramento do Congresso numa das salas do Solar; às 15, regresso a Lisboa, e às 21 récita e concerto.

««« Os bilhetes de admissão ao Congresso, cujo custo minimo ficou fixado em 10\$00, dão direito a tomar parte no passeio e a assistir à récita e concerto, sem acréscimo de despesas.

««« As teses que vão ser discutidas e apreciadas pelo Congresso, são as seguintes:

««« *Espiritualismo e Espiritismo*, e *Loucura Espirita, ou seja, obsessão*, pelo irmão Viriato Z. Passaláqua; *O Bem, religião da Humanidade*, pela sra. D. Maria O'Neil; *Moral Espirita*, pelo irmão Joaquim Quintela da Paixão; *A atitude da Ciência perante o Espiritismo*, pelo irmão A. Sena; *Podem ser admitidos dogmas na ciência espirita?* e *Reencarnação e em que ela se baseia*, por representantes da União Espirita do Algarve; *Socialismo e Espiritismo*, pelo irmão António Henrique Garcia; *União Espirita*, pelo irmão Avelino da Silva Fernandes, e *Aperfeiçoamento Espirita*, pelo irmão Augusto da Silva Flores.

««« No intuito de economizar dinheiro, que poderá aplicar-se mais tarde na Federação, foi também resolvido, que se mandassem imprimir apenas as conclusões das teses, devendo essas conclusões ser distribuidas com bastante antecedência. Quanto às teses, serão lidas no Congresso pelos respectivos relactores e publicadas depois nalguns periódicos espiritas.

««« Foi também aprovada nesta reunião, a redacção dumas circulars de propaganda e convites, que estão a imprimir para serem distribuidas com bastante antecedência. Quanto às teses, serão lidas no Congresso pelos respectivos relatores e publicadas depois nalguns periódicos espiritas.

««« Ficaram indicados os irmãos que devem presidir às sessões e nomeou-se Secretário Geral do Congresso o irmão Horácio Inglês Tavares, cujo nome foi aceite por todos.

««« A Comissão Organizadora do Congresso, tem já em seu poder os bilhetes de admissão ao congresso, que como noutra lugar dizemos, custam 10\$00 por congressista. Por conveniência da Comissão, est~ºao-se passando já tais bilhetes, pelo que rogamos aos nossos prezados leitores que queiram assistir ao congresso, o favor de no-lo comunicarem a fim de

lhes tirarmos o respectivo bilhete, para o que nos deverão enviar 10\$00 e uma estampilha de \$40 para a remessa pelo correio.

««« Está-se trabalhando junto das Companhias de Caminhos de Ferro, no sentido de obter um abatimento de 50% nos bilhetes dos srs. Congressistas.

\*

O artigo continua com um apelo a todos os leitores e espiritas para que ponham de parte o egoísmo das opiniões pessoais e se entreguem ao trabalho dignificante de fazer triunfar a Causa Espirita, terminando com a publicação da subscrição aberta para as despesas do Congresso, que totalizam, naquele instante, o valor de –67\$50-.

Num outro artigo mais à frente, no mesmo número da revista, José Maria Pereira Bravo escreve sobre a “Federação Espirita Portuguesa – ideia em marcha”, dissertando sobre as vantagens da criação da mesma, e, no número do mês seguinte, o mesmo articulista, em editorial, menciona os passos que estão a ser dados para a concretização do Congresso e da Federação, comentando em sub-título “ Se a ideia realizadora do Congresso Pró-Federação não marchar acompanhada da mais franca e leal coesão dos espiritas portugueses, serão inúteis os esforços daqueles que pretendem faze-la brilhar”.

Ainda no mesmo número, encontramos:

#### ««« REALIZAÇÕES : O NOSSO PRIMEIRO CONGRESSO

««« o Bom Êxito Depende de Todos os Espiritas Sinceros

««« Estamos finalmente em vésperas do 1º Congresso dos Espiritas Portugueses e essa ideia traz-nos ao espirito uma alegria e um entusiasmo tão grandiosos que não podemos sequer dar guarida a uma dúvida, por infima que seja, que recorde qualquer insucesso.

««« (...) Em virtude de haver bastantes teses a discutir, foi deliberado que o Congresso dure 4 dias a começar em 14 de maio e que os seus trabalhos sejam divididos por secções.

««« A récita, passeio e almoço, que estavam marcados para o último dia do Congresso, desapareceram, sendo a récita substituída por uma ‘velada literária’ a efectuar-se na noite de 16.

««« A fim de que os trabalhos tenham o maior êxito, foram adoptadas as condições seguintes:

1º - Serão considerados como Congressistas, além das pessoas que para tal se inscrevam, os delegados dos diferentes Centros que os representem, sendo pedido às Direcções dos mesmos a fineza de enviarem ao Secretário Geral, para a Rua do Comércio 114, 4º - Lisboa, até ao dia 30 de Abril, a lista dos delegados respectivos;

2º - Os srs. Delegados que se inscreveram como Congressistas, deverão apresentar na sede do Congresso uma carta credencial da Direcção do Centro a que pertencerem, para que o Secretário Geral possa reconhecer-lhes a sua qualidade;

3º - Os bilhetes de Congressistas e de delegados, são pessoais e por consequência intransmissíveis;

4º - Os srs. Congressistas enviarão as suas teses à Secretaria Geral, até ao dia 15 de Março;

5º - As inscrições deverão ser feitas até à véspera do Congresso, na Secretaria Geral;

6º - Quando forem discutidas as teses, nenhum orador poderá usar da palavra mais de uma vez e durante 10 minutos;

7º - Ninguém se poderá inscrever sem que faça parte da lista:

a)- dos individuos que as direcções de todos os Centros ou Grupos, deverão enviar à Secretaria Geral garantindo a idoneidade dessas pessoas; e

b)- das pessoas que qualquer Congressista Espirita, reconhecido como tal por qualquer membro das sub-comissões, tome delas as responsabilidade;

8º - Toda a correspondência deverá ser dirigida à Secretaria Geral – Rua do Comércio 114, 4º - Lisboa;

9º - Cada Congressistas poderá fazer-se acompanhar de duas senhoras.

Para melhor andamento dos trabalhos do Congresso, foram as teses distribuidas por secções e pela forma seguinte:

## PRIMEIRA SECÇÃO

### MORAL E FILOSOFIA

(das 14 às 16 horas)

*Presidente* – José Francisco Cabrita; *vice-Presidente* – Augusto Maria da Silva Flores; *1º Secretário* – António Joaquim Correia; *2º Secretário* – D. Maria da Madre de Deus Leite Dinis.

## T E S E S

- *O Bem, Religião da Humanidade* – relatora: D. Maria O’Neil; *O Aperfeiçoamento do Espirita* – relator: Augusto Maria da Silva Flores; *Solidariedade e não Caridade* – relator: Horácio Inglês Tavares; *A Moral Espirita* – relator: Joaquim Marques Quintela da Paixão; *Destrinça entre a ciência espirita e a moral espirita; valor moral daquela e influência espiritual desta* – relator: José d’Almeida Abrantes; *Reencarnação e em que ela se baseia* – relator: José Francisco Cabrita; *Espiritualismo e Espiritismo* – relator: Viriato Zeferino Passaláqua.



## SEGUNDA SECÇÃO CIÊNCIA

(das 16 às 18 horas)

*Presidente* – D. Maria O’Neil; *vice-Presidente* – Carlos Carinhas; *1º Secretário* – Manuel dos Santos Caboz; *2º Secretário* – D. Maria Emilia de Carvalho Gonçalves.

### T E S E S

- *Socialismo e Espiritismo* – relator: António Henrique Garcia; *A atitude da Ciência perante o Espiritismo* – relator: A. Sena; *O Espiritismo como Acção Social* – relator: Fernando d’Almiro; *Podem ser admitidos dogmas na ciência espírita?* – relator: Hermenegildo Costa, como redactor do ‘Ecos do Além’; *Loucura Espírita ou seja Obsessão* – relator : Viriato Z. Passaláqua.

## TERCEIRA SESSÃO UNIÃO E ASSISTÊNCIA

(das 21 às 23 horas)

*Presidente* – Dr. A.A. Martins Velho; *vice-Presidente* – Joaquim Marques Quintela da Paixão; *1º Secretário* – João José Alves; *2º Secretário* – D. Emilia Marques.

### T E S E S

- *A União dos Espíritas Portugueses* – relator: Avelino da Silva Fernandes; *Relatório da Comissão Pró-Federação* – relator: Horácio Inglês Tavares; *Porque não se deve confundir o Espiritismo com Espiritualismo no sentido de Teosofia ou seja a sabedoria divina* – relator: H. Inglês Tavares; *Assistir aos deserdados da fortuna moral e material* – relator : H. Inglês Tavares.

««« O Congresso deve realizar-se no Ateneu Comercial de Lisboa, à R. Eugénio dos Santos. Sucede, porém, que esta prestimosa colectividade não pode ceder as suas salas senão durante o dia, com excepção de domingo, por estarem ali funcionando aulas noturnas que não podem ser interrompidas. Por isso, forçoso alterar a ordem do dia já publicada, devendo o Congresso começar no dia 15 e encerrar-se no dia 18 de Maio, a fim de se aproveitar a noite de 17, pelo que se elaborou a seguinte:

#### NOVA ORDEM DO DIA

1º dia – sexta feira, 15 de Maio, às 14 horas: - 1º - recepção aos Congressistas; 2º - discurso de saudação pelo Presidente da Comissão

Organizadora; 3º - discurso de apresentação dos Delegados pelo Secretário Geral. Às 16 horas: trabalhos da 2ª Secção; 2º dia – sábado, 16 de Maio, às 14 horas: trabalhos da 1ª Secção. Às 16 horas: trabalhos da 2ª Secção; 3º dia – domingo, 17 de Maio, às 10 horas: trabalhos da 1ª Secção. Às 14 horas: trabalhos da 2ª Secção. Às 20: trabalhos da 3ª Secção; 4º dia – 1º. Fixação da cidade e data em que o futuro Congresso se realizará; 2º - leitura, pelo Secretário Geral, de todas as conclusões aprovadas; 3º - discurso de despedida pelo Presidente da Comissão Organizadora.»»»»

E o número seguinte da mesma revista ‘O Espirita’ relata minuciosamente a maneira como decorreu o Congresso, comentários de alguns jornais da época sobre o mesmo e, ainda, o resumo dos trabalhos apresentados... mas não podemos transcrever tudo! Limitamo-nos a referir o texto do telegrama que, por sugestão dos representantes da União Espirita do Algarve e revista ‘Ecos do Além’, foi enviado ao Sr. Presidente da República Portuguesa :

**««« Os espiritas portugueses, reunidos no seu primeiro Congresso, numa justa aspiração de perfectibilidade, saudam V.Exa. e fazem votos para que entre o povo português, reine Paz e Harmonia.»»»».**

Foram, ainda, enviados telegramas à Federação Espirita Brasileira e Espanhola e Federação Espirita Internacional, de Paris.

E, por importante, embora tudo o seja!, transcrevemos as conclusões sobre a tese «A União dos Espiritas Portugueses», *‘da autoria do representante do Centro Espirita de Leiria, irmão Avelino da Silva Fernandes. Esta tese brilhantemente desenvolvida pelo seu relator, agradou muitissimo, tendo sido aprovada depois de sobre ela terem usado da palavra os irmãos Cabrita e Carlos Carinhas, propondo este último que nas conclusões em vez da palavra União figurasse Federação, ficando aprovada com esta pequena alteração. Eis as conclusões como foram aprovadas’:*

« 1º - estudar e estabelecer a forma como os grupos devem formar-se, funcionar e fazer a propaganda; para cujo efeito

« 2º - se devem provocar reuniões periódicas, independentes de Congressos, onde cada Grupo, pelos seus delegados, apresente o seu sistema de trabalhos e quais os resultados obtidos, para se fazer o estudo necessário e preferir o que mais profícuo e aceitável for.

« 3º - podendo ser, as referidas reuniões deverão realizar-se uma em cada localidade diferente, para ser mais equitativo o sacrifício da viagem, e para facultar o desenvolvimento fraterno, condição indispensável e sem a qual a UNIÃO não existirá de facto.

« 4º - achado, bem compreendido e aceite o melhor sistema de trabalhos a adoptar, deverá tal sistema ser posto em prática uniformemente, sem

sofisma ((salvo dificuldade reconhecidamente insuperável), de muito boa vontade, servindo isto de base à UNIÃO a formar por aqueles que o tenham posto em prática.

« 5º - se alguns Grupos não forem concordes com o sistema preferido, não deverão ser coagidos a aceitá-lo, mas não poderão fazer parte da UNIÃO por forma efectiva. Neste caso deverá haver um maior amparo e demonstrações de amizade por parte daqueles que já se encontram unidos, de maneira a fazer-se Luz e a chamar à UNIÃO os Grupos que continuem a trabalhar separadamente, - sem contudo os impelir a aceitar de má vontade ou incompreendidamente, pois a aceitação do sistema a adoptar deve ser libérrima.

« 6º - ainda que achado o sistema em concordância e mesmo depois da UNIÃO já formada, as reuniões devem continuar a realizar-se, para aclarar e remover dificuldades que surjam e para a propaganda a desenvolver cada vez mais; não só porque a presença dos delegados de outras terras chamarão a atenção dos estranhos à Causa, como porque isso dará ensejo a conferências quando se reconheça que sejam úteis.

« 7º - nas localidades onde haja grupos a trabalhar sem entusiasmo e naquelas onde haja adeptos e não haja grupos, deverão esses adeptos ser chamados a reuniões onde se lhes demonstre qual o caminho a seguir e o dever que lhes cumpre, não devendo, porém, ser impelidos a agir sem vontade, como já se disse.

« 8º - nos casos do número antecedente, como todos em geral, deve-se ter em vista que: tendo o Espiritismo a sua base nos Evangelhos e no ensino dos Espíritos, não se deve agir sem respeito por estes princípios, nunca devendo impôr-se a nossa maneira de ver, salvo em casos contrários à consciência e bom-senso.»

«««No dia 18, o irmão Inglês Tavares, antes de apresentar o seu trabalho, pediu aos representantes dos Grupos e publicações espiritas presentes ao Congresso que dessem os seus nomes à Comissão incumbida de estudar os estatutos da Federação Espirita, e três outros, mandaram para a Mesa três propostas para que *‘o Congresso adoptasse um emblema para ser usado na lapela pelos espiritas portugueses’*, proposta que ficou suspensa devido ao esclarecimento feito por Quintela Paixão de que, em 1923, levava ao Congresso Internacional de Liège idêntica proposta para um emblema a ser usado pelos espiritas de todo o mundo; este aprovou-a, fazendo-a baixar à Federação Internacional de Espiritismo, em Paris, aguardando-se resolução»»»».

O número 25 da mesma revista e referente a Setembro do mesmo ano publica, a pedido da Comissão organizadora do 1º Congresso Espirita

Português, o valor das receitas (4.861\$00)e despesas (1.194\$50) relacionados com o mesmo, sendo o saldo final apurado de Escudos 3.666\$50 depositado à ordem da Federação Espirita Portuguesa.

Na mesma página (Noticiário) lê-se também :

««« A Federação Espirita Portuguesa – com satisfação registamos que esta organização tem já os seus estatutos devidamente elaborados e em poder do Governo, para os aprovar. Os corpos gerentes também já estão eleitos, (...). Consta-nos que se está negociando o aluguer duma casa para a Federação, nas proximidades da Praça Marquês de Pombal.»»»

Continuando a procurar trazer à luz actual os factos acontecidos quase há um século atrás, ir-nos-emos baseando em relatos de escritos daquela época para o histórico da Federação e do M. E. P.; mesmo quando repetidos (tal como as nossas palavras de agora), embora tornem um pouco mais extensa esta leitura, pensamos que tal será necessário porque revela não só o Movimento de então como a preocupação dos espiritas portugueses - pessoas de todas as classes, diferentes na sua maneira de ser e de agir, com actividades mais simples ou mais responsáveis, mas unidas todas no mesmo Ideal comum: a vivência do Consolador prometido por Jesus – o Espiritismo.

Recuando um pouco, até 1923, antes portanto da realização do Congresso, quando se começou a falar da sua possível realização, o catedrático Sr. Dr. Leonardo Coimbra opinou sobre o mesmo, autorizando que a sua opinião fosse publicada na revista espirita ‘Luz e Caridade’, onde o lemos no número de Fevereiro desse mesmo ano. Publicamo-la, principalmente por ser da autoria de um catedrático: naquela época, e dados os nomes sonantes que compuseram os Corpos Sociais da F.E.P., verificamos como uns e outros assumiam aquilo que eram, sem a “vergonha” ou “receio” do que os outros pensariam. Infelizmente, tal não acontece hoje, pois adentrando um Centro Espirita verificamos o quanto os seus frequentadores, mais ‘destacados’ na Sociedade, procuram esconder-se dos olhares de terceiros. Como se costuma dizer, ‘poucos dão a cara’...

Mas, vejamos a carta do catedrático Dr. Coimbra:

««« Um Congresso Interessante:

««« A ideia dum congresso para tratar dos assuntos conhecidos, em Portugal, com o nome muito estreito e dogmático de espiritismo é deveras interessante; mas é precisa muita reflexão para que este congresso resulte fecundo.

««« Em primeiro lugar deve esse Congresso começar pelo estudo desinteressado e imparcial da fenomenologia spiritista para marcar os

melhores processos de pesquisa dentro do método experimental e científico.

««« Postas as bases desses processos, pode o Congresso passar ao estudo das hipóteses explicativas dos fenómenos já hoje cientificamente verificados: a criptomnésia, a transmissão telepática, o eu subliminal de Meyers, o subconsciente búdico de Flournoy, etc., etc..

««« Só depois é que o Congresso poderá estabelecer um *minimo* de crença no Espírito, que, por ventura, seja envolvido em todas as hipóteses.

««« Será este mínimo o laço de união moral ou religiosa de todos os crentes, como será o verdadeiro método experimental o laço de união intelectual de todos os pesquisadores.

««« Deste modo, caberão todos; e não teremos mais um *fanatismo* com crenças obrigatórias, mas o esboço duma Religião de ordem experimental como a própria Ciência.

««« Sou com a maior estima o vosso, - *Leonardo Coimbra*. »»»».

Depois desta “valiosíssima opinião do abalizado professor, que é já uma glória da Universidade do Porto do nosso país” (palavras do responsável da revista), encontramos, em Maio do mesmo ano, e na mesma revista ‘Luz e Caridade’, o comentário que transcrevemos de imediato:

#### ««« **Espiritas com Espiritas**

««« Aceitamos e aplaudimos a ‘*Organização Espirita Portuguesa*’ proposta pelo nosso prezado confrade “Ecos do Além”, de 31 de Março último; e a todos os espiritas do país, recomendamos a sua realização, em todas as suas 5 bases.

««« Esperamos ver naquele precioso quinzenário, decano das revistas espiritas portuguesas, registados todos os grupos formados e que se forem formando no Algarve, o número dos respectivos membros, e o modo como tais grupos estão funcionando, quer singularmente, quer congregados, para que isso incite os espiritas dos outros distritos ou provincias a fazerem o mesmo, tudo por forma que dentro de pouco seja um facto a *fraternal convivência* e a união e harmonia dos espiritas portugueses, com as consequentes vantagens do progresso da doutrina e da sua efectivação prática na vida do nosso país.

««« São poucos todos os aplausos aos nossos esclarecidos confrades do “Ecos do Além”; e creiam todos que, logo que a prática da fraternidade cristã seja a constante preocupação do espirita, todos os espiritas estarão *unificados* nesse ideal, e só se diferenciarão na habilidade ou facilidade de o realizarem; e nenhum grupo espirita ou fraternalista, que assim proceda, deixará de ser assistido e inspirado pelo divino Mestre e,

consequentemente, de receber e de difundir luz e amor, e nunca será mistificado. »»»»

Não encontramos nem a revista “Ecos do Além” nem mais nenhuma notícia, confirmativa da sugestão apontada acima, mas... o acaso não existe, como todos sabemos, e talvez todas elas juntas tenham sido a “semente lançada à terra, que cresceu e frutificou, incentivando as atitudes daqueles que, em 1925, organizaram o 1º Congresso Espirita Português e do qual saiu a Federação Espirita Portuguesa.

Copiamos a seguir, a opinião do Dr. António Joaquim Freire sobre o Congresso; ela é importante, pois (segundo relatos lidos) ele foi uma presença constante no mesmo e, a sua opinião abalizada, por várias vezes ajudou a desfazer as dúvidas surgidas em afirmativas menos claras. Ele refere, ainda, os meses que o antecederam, a criação da Federação ... mas primeiro, e aproveitando os artigos publicados nos nºs. 180, 181 e 182, de Junho a Setembro de 1978, da Revista FRATERNIDADE, da Associação de Beneficência Fraternidade, fundada por Eduardo Fernandes de Matos, passamos a transcrever:

### ***A FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA***

#### ***a sua organização - (Pelo Dr. António J. Freire)***

««Está finalmente constituída, *de facto e de direito*, a Federação Espírita Portuguesa.

««É, sem contestação, o facto culminante da história do Espiritismo em Portugal, marcando uma nova etapa ao movimento espiritista português.

««Velho sonho dourado, era a suprema aspiração de todos os espíritas portugueses conscientes dos seus deveres de confraternização, ansiosos de darem ao estudo e propaganda do seu ideal uma unidade científica, moral e social, moldada nas correntes neo- espiritualistas do pensamento científico contemporâneo.

««Lá fora, em todos os países civilizados, o Espiritismo espraia-se, de dia para dia, em ondas avassaladoras, porque ali existe, de há muito, a nítida compreensão do alto valor social dos movimentos federativos.

««O 1º Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio do ano passado, foi, sem lisonja, uma admirável congregação de esforços, donde resultou um brilhantismo invulgar, a que toda a Imprensa diária da capital prestou justas homenagens, pela elevação científica e moral que presidiu à discussão das teses apresentadas, superiormente redigidas, e, por vezes, debatidas calorosamente, mas, sempre, com honesta competência, sinceridade e reflectido critério.



««Este Congresso foi, na verdade, uma imponente parada de forças, que surpreendeu os próprios Congressistas pela qualidade e quantidade dos espíritas que ali afluíram, quer de Lisboa, quer da Província, dispersos e desconhecidos na sua maioria.

««Mas, na realidade, a finalidade deste primeiro Congresso Espírita Português, muito embora tivesse enfrentado com galhardia os problemas mais transcendentais do vasto e complexo trama das concepções espíritas, visava, muito especialmente, a organização da Federação Espírita Portuguesa. Pelo menos, era esta a primordial intenção que tinha orientado e determinado todos os iniciadores e organizadores deste Congresso.

««E assim devia ser, lógica e racionalmente.

««A Federação impunha-se como uma necessidade imperiosa e inadiável, para uniformizar e intensificar, em bases firmes e seguras, o movimento spiritista português, já muito importante pela qualidade e quantidade dos seus adeptos, não só em Portugal Continental, mas ainda nas Ilhas Adjacentes onde tem elementos de preponderante valor e ainda nas nossas Colónias, principalmente em Moçambique, contando actualmente mais de uma dezena de jornais e de revistas, em geral, bem redigidos e orientados.

««Todas estas múltiplas actividades, levadas até aos mais abnegados sacrifícios, capazes de todas as dedicações, estavam dispersas, desconjuntadas, e o seu rendimento produtivo era e é ainda incomparavelmente inferior à soma das energias dispendidas.

««Assim nasceu radiante de esperanças prometedoras a almejada Federação Espírita Portuguesa, gerada no coração e no cérebro dos espíritas portugueses, surgindo, palpitante de energia e de efectivação, da alma do 1º Congresso Espírita Português.

««Era, pois, justo e consequente, que este Congresso nomeasse a Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa, de que o signatário foi nomeado, imerecidamente, presidente, sendo nessa qualidade que vem hoje historiar *a passos largos* o que se tem passado, perante os espíritas portugueses, em consequência de ter terminado o seu mandato no dia 31 de Julho do ano corrente, dia da inauguração da Federação Espírita Portuguesa, em que foi dada posse oficial aos seus dignos Corpos Gerentes pela Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa.

\*

«««A 24 de Maio do ano passado, seis dias depois de ter terminado o Congresso E. P., realizou-se a primeira reunião da Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa. Aberta a sessão, propusemos para Presidente de Honra da mesma Comissão o nosso saudoso e dedicado confrade, sr. General Viriato Zeferino Passaláqua, proposta que foi aprovada por aclamação, e a quem confiámos sempre a presidência efectiva das sessões durante a sua vida, como merecida homenagem de respeito e de consideração.

««« Também propusemos uma Comissão, para redacção dos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa, constituída pelos esclarecidos confrades: srs. General Passaláqua, Prof. Dr. Adolfo Sena, Capitão Eurico de Castro Zuzarte e Prof. Horácio Inglês Tavares, proposta que foi aprovada por unanimidade, tendo sido o signatário agregado a essa Comissão.

«««A redacção dos Estatutos constituía um assunto demasiado complexo, para ser tratado de ânimo leve. Muito se trabalhou, para se encontrar a melhor orientação a seguir na organização estatutária, e muitas reuniões foram consumidas neste propósito.

«««Esta Comissão apesar de toda a sua boa vontade, comprovada competência e estrénuo dedicação, não pôde realizar o seu delicado mandato, porque foi forçada a dispersar-se, por motivos imperiosos e de força maior. (...)

«««Estavamos em pleno verão. O calor era sufocante.

«««Foi precisamente nesta ocasião, a 21 de Julho do ano passado, que ficámos perplexos ao recebermos um aviso de convocação para uma reunião da Comissão pró-Federação Espírita Portuguesa em casa da senhora D. Maria Veleda, que tínhamos proposto para Vice-Presidente da mesma Comissão, convocação que não tínhamos autorizado e de que só tivemos conhecimento por um simples e lacónico postal convocatório. (...) Não hesitámos. Partimos para essa memorável sessão no firme propósito de depormos o nosso mandato de presidente nas mãos da senhora Vice-Presidente, desde o momento que um terço da votação optasse pela legalidade da convocação.

«««Esta reunião teve lugar no dia 24 de Julho do ano passado, presidindo a senhora D. Maria Veleda e na sua própria casa.

«««Aberta a sessão, pedimos imediatamente a palavra, (...) demonstrando a ilegalidade de tão injustificável convocação. (...) Por unanimidade foi reconhecida a ilegalidade e invalidade de tal sessão. Só então tivemos conhecimento que o motivo determinante de tal reunião obedecia ao fim de nos pedirem responsabilidades pela não conclusão dos Estatutos.

««« (...) Perante penhorantes insistências de alguns dedicados Confrades, não obstante a nossa incompetência, tomámos ali o



compromisso de em duas ou três semanas apresentarmos os Estatutos, apesar de reconhecermos a enorme falta da valiosa e proficiente cooperação dos nossos prezados camaradas da Comissão da redacção, ausentes de Lisboa.

«««Lançámo-nos ao trabalho de alma e coração. A nossa boa vontade e insano trabalho supriram, em parte, variadas deficiências.

«««Um mês depois, a 27 de Agosto do ano passado, realizava-se a segunda reunião da Comissão Pró-Federação E.P., onde foram discutidos e aprovados os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa.

«««Nesta mesma sessão foram trocadas impressões sobre a nomeação dos Corpos Gerentes e efectuadas as nomeações dos cargos principais, que estavam naturalmente indicados, não tendo subsistido algumas por motivo de força maior, com profunda mágoa da Comissão Pró-Federação, como, por exemplo: - a determinada pelo falecimento do sr. General Passaláqua e a devida à transferência, para Extremoz, do valoroso e dedicado confrade, o sr. Capitão Eurico de Castro Zuzarte. »»»»

Interrompemos, aqui, este relato do Dr. António Joaquim Freire, para transcrevermos a **ACTA Nº 1 da ASSEMBLEIA GERAL DA F.E.P.** e que, mais à frente, diremos como foi conseguida.

««« Aos trinta e um dias do mês de Julho de 1926, pelas 22 h., na sua sede, Travessa de André Valente, nº 4(7?), 1º, reuniu a Assembleia Geral da F.E.P., convocada pelo Presidente da Comissão Pró-Federação e que fôra eleita no Congresso Espírita, em Maio de 1925.

««« Esta Assembleia Geral correspondeu à inauguração da Federação, não estando presentes os Snrs. Presidente e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia por estarem ausentes de Lisboa.

««« Abriu a sessão o Snr. Dr. A. Martins Velho, entidade indigitada para Presidente da Federação, convidando para o secretariarem os Snrs. José Pereira Serra e Luis Lopes Alves.

««« O Snr. Dr. Martins Velho, esclarece à Assembleia, os fins e o altruísmo do Ideal Espírita, e achando-se satisfeito por ver em via de se realizar a aspiração de todos os espiritas, que desejam unir-se para fortalecerem uma realidade demonstrada e que merece todo o apoio dos já esclarecidos e de todas as criaturas de são raciocínio. Sauda a Assembleia, congratulando-se por a ver tão numerosa e escolhida, o que excedeu todas as expectativas.

««« Concedeu depois a palavra ao Snr. Dr. António J. Freire a cujo trabalho pertinaz e bem orientado se deve em grande parte o estarmos hoje aqui reunidos, e que é quem, como Presidente da Comissão Pró-Federação, apresentará a lista dos membros dos Corpos Gerentes que a dita Comissão

nomeou em 11 de Julho corrente para a Federação, mas que a Assembleia elegerá ou substituirá como única soberana. O Snr. Dr. António J. Freire toma a palavra e depois de algumas breves considerações, lê a lista dos sócios propostos para a Direcção, Mesa da Assembleia Geral e Junta Consultiva, cujos nomes são:

««« **Mesa da Assembleia Geral:**

Presidente – General Júlio César Barata Feyo; Vice-Presidente – Capitão-Tenente José Freire Grainha; 1º Secretário – Silvano Costa, Director do jornal cristão-espírita ‘Excelsior’; 2º Secretário – José Maria Pereira Bravo, publicista.

««« **Direcção:**

Presidente – Dr. Afonso Acácio Martins Velho, advogado e escritor; Secretário Geral – Alberto Zagalo Fernandes, estudante de Direito e antigo Presidente da Federação Académica de Lisboa; 1º Vice-Presidente – Dr. António J. Freire, médico; 2º Vice-Presidente – António E. L. Vilela, quintanista de Matemática; 1º Secretário – D. Dinah Santos Lima; 2º Secretário – Fernando Almiro Nogueira Vale, Jornalista; Tesoureiro – D. Elisa Santos Lima; Vogais : Joaquim Loureiro Júnior, comerciante; João José Alves, empregado público; Virgílio Fonseca, comerciante.

««« **Conselho Fiscal:**

Presidente – Capitão José Bernardo Pinto da Silva; Relator – Adelino Alves Ferreira, industrial; Secretário – António Joaquim Correia, empregado superior de Finanças; Vogais : Dr. Mário Machado, cirurgião-dentista; Victor Carvalho da Silva, sub-Inspector das Alfândegas; Emilio Palet, comerciante.

««« **Junta Consultiva**

Dra. Amélia Cardia, médica e publicista; D. Maria O’Neill, escritora; D. Madalena Frondoni Lacombe, escritora; Condessa de Avilez; D. Maria da Madre de Deus Leite Dinis, do Corpo de Redacção da Revista espiritista ‘A Asa’; Dr. Adolfo Sena, professor da Faculdade de Ciências da Faculdade de Lisboa; Dr. João José da Silva, antigo Presidente do Supremo Tribunal de Justiça; Dr. José Magalhães e Menezes, médico; Capitão de Mar e Guerra Amaro de Azevedo Gomes, antigo Ministro; Manoel Ribeiro, escritor; Coronel A. A. Guedes Vaz; Capitão de Mar e Guerra Júlio Milheiro; Dr. João Antunes, advogado, escritor e Professor do Liceu; Dr. José Bivar de Paula Robertes, médico; Capitão de Fragata Fernando Augusto Pereira da Silva, antigo Ministro; Engenheiro Ângelo Sarrea de Sousa Prado; Dr. José António Salvado da Mota, médico; Capitão de Mar e Guerra Albano Morais de Carvalho; Nuno Infante da Câmara, proprietário; Dr. António Francisco Dias, médico; Dr. João Catanho de Menezes, advogado e antigo Ministro; Coronel Arnaldo Costa Cabral de Quadros; Dr. José J. Batista Júnior,

médico; Coronel Luis Pinto da Ascensão Moreira; Dr. Carneiro de Moura, advogado; Capitão de Fragata Severiano A. Ivens Ferraz; Eurico Humberto Tavares Moreira, professor, Secretário do Instituto Superior do Comércio e Director da Associação Comercial de Lisboa; Coronel Honorato Lúcio de Moraes; Vasco Infante da Câmara, proprietário; Dr. António Esteves Rodrigues, Director do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa; Comandante Pedro Ferreira Dias de Sousa (Marinha Mercante); Joaquim Jacobety Rosa, Contador da 4ª Vara; Albano Couto Martins, solicitador; Joaquim Marques Quintela Paixão, sub-Director de 'O Espirita'; Dr. Acúrcio de Campos, licenciado em Ciências Naturais pela Universidade de Paris; Engenheiro-Agrónomo José A. Manique de Albuquerque; Comandante Afonso Vieira Dionísio (Marinha Mercante); Horácio Inglês Tavares, professor e publicista; Dr. Jacinto Henriques, médico; Pedro Cardia, publicista; Major Artur Sangremam Henriques; José Neves, quartanista de Ciências Históricas da Faculdade de Letras; Imediato Pedro Carreira Dias da Silva (Marinha Mercante); Dr. Gilberto Cardoso Monteiro, médico; Ramiro Guedes de Campos, estudante de Filosofia; António Júlio Castro Fernandes, estudante do Curso Superior do Comércio; e actual Presidente da Federação Académica de Lisboa; Carlos dos Santos Paiva, estudante de Direito e de Filosofia; Honoré Marques da Cunha, estudante do Curso Superior de Agronomia e antigo Presidente da Federação Académica de Lisboa; Eduardo Franco Ferreira, estudante de Engenharia, e Mário dos Santos Laurete Duarte, estudante do Curso Superior do Comércio.

\*

««« Estatutos da Federação Espirita Portuguesa – Artº. 22º - O Conselho Superior Deliberativo é constituído por todos os Membros da Junta Consultiva, Presidente e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia Geral, pelo Presidente, Vice-Presidente e Secretário Geral da Direcção e pelo Presidente do Conselho Fiscal, reunidos em sessão conjunta.

««« A propósito, o orador tece elogios a várias das individualidades cujos nomes propõe para os Corpos Gerentes, fazendo sentir quanto a acção dessas entidades deverá ser benéfica para a propaganda, organização e desenvolvimento do Espiritismo em Portugal.

««« O Snr. Dr. António Vilela declara o seu completo acordo com a lista apresentada e propõe que caso não haja nenhuma divergência, seja dispensado o escrutínio, e a eleição se faça por aclamação, o que a Assembleia aprova por unanimidade. Em seguida, a Assembleia manifesta com entusiasmo a sua aprovação à lista indicada.

««« O Snr. Dr. António J. Freire agradeceu a manifestação da Assembleia e deu como extinta a Comissão Pro-Federação. Em seguida, usaram da palavra a Senhora D. Maria O'Neill, e Drs. João Antunes, António Vilela e Alberto Zagalo Fernandes, que proferiram lindas e brilhantes palavras de satisfação, pelo muito alcançado de propaganda espirita, de esperança na Obra da Federação, que marcou neste momento uma etapa de imenso valor.

««« O Snr. Virgílio Fonseca propõe que para cumprimento do que estatui a alínea F do Artº. 3º, sejam nomeados delegados ao 1º Congresso Abolicionista Nacional os Snrs. Drs. António J. Freire, António L. Vilela e Ramiro Guedes de Campos.

««« O Snr. Dr. António J. Freire em nome do Snr. Dr. Martins Velho, encerrou a sessão, agradecendo a presença de todos os sócios que desassombadamente se irão dedicar à Federação.

««« Lisboa, 31 de Julho de 1926.

««« O Presidente, (assinado) Afonso Acácio Martins Velho

««« Os Secretários, (assinados), José Pereira Sure (?), Luiz Lopes Alves.

»»»»

Continuando a seguir as datas de um e outro documento ou referidas nos que transcrevemos, trazemos aqui, de imediato, a **1ª Acta da Direcção**, conseguida da mesma maneira que a anterior:

««« **ACTA Nº 1**

««« Sábado, 7 de Agosto de 1926

««« Nas salas da F.E.P. com a presença da Irmã D. Elisa Santos Lima, e dos Irmãos Dr. António Freire, Alberto Zagalo Fernandes, António Vilela, João José Alves e Fernando Vale, teve lugar pelas 22 horas a 1ª reunião da Direcção onde foi proposto pelo Irmão António Freire e aprovado por unanimidade:

««« 1º - Criar um dossier-processo onde sejam arquivadas por datas todas as notícias publicadas pela Imprensa e com referência à F.E.P..

««« 2º - O tratamento oficial para com todos os confrades espiritas na correspondência e comunicados a endereçar-lhes que deverão começar por "Prezado Confrade", e terminar por "Saudações fraternais".

««« 3º - Criar um boletim mensal e oficial de informação para todas as revistas e jornais espiritas do paiz.

««« Resolveu-se igualmente fazer acompanhar o primeiro boletim a enviar referente a Julho p.pdo., com o seguinte memorandum:

««« Exmo. Snr. Director do Jornal...

«««« Prezado Confrade : A Direcção da F.E.P. pede a fineza da publicação integral do boletim incluso assim como dos boletins oficiais da mesma Federação que enviará oportunamente.

«««« Fraternais saudações. – A Direcção.

«««« Ainda pelo Irmão António Freire foi comunicado que o Irmão António Lobo Vilela iria representar a Direcção da F.E.P. na saudação de boas vindas ao Irmão José Francisco Cabrita, Director do “Ecos do Além”, que se encontraria no dia seguinte em Lisboa. Fez-se em seguida a aprovação de propostas para sócios ordinários apresentando depois à discussão o Irmão António Freire a ida de conferentes à provincia, assunto este bastante debatido e que ficou aprovado por unanimidade como segue: a ida de conferentes fóra de Lisboa só se efectuará em face dum convite directo à F.E.P. tendo a entidade que convidar o direito de escolha do conferente ou deixar esta ao arbítrio da Federação, declarando igualmente responsabilizar-se por todas as despesas inerentes à deslocação do Irmão conferente.

«««« Foi igualmente aprovada por unanimidade a compra de 300 exemplares de ‘O Diário de Lisboa’, de 3/8/926 que insere a entrevista deste jornal com o Irmão António Freire, proposta esta feita pelo Irmão António Vilela e pelo Irmão Freire foi proposta e aprovada a aquisição de 100 exemplares de ‘O Radical’, de 7/8/26, que insere a descrição completa da festa de inauguração da sede e posse dos Corpos Gerentes. Os 400 jornais a comprar destinam-se à propaganda.

«««« Pelo Irmão Freire é também proposto e aprovado o comprar-se um carimbo designando ‘oferta’, para ser colocado em todas as publicações a enviar gratis.

«««« Resolve-se em seguida criar um cadastro com os nomes de todos os jornais e centros espiritas e bem assim manter até à sua completa liquidação o saldo de 260\$00 da Caixa de Beneficência do Centro Luz e Amor criando depois a F.E.P. uma nova caixa de auxílio. Foi lida em seguida a correspondência recebida e encerrada a reunião pelas 0,30h.

«««« Assinados: O Vice-Presidente, António J. Freire; O Vice-Presidente, António L. Vilela; O Tesoureiro, Elisa Santos Lima; O 2º Secretário, Fernando Valle; O Vogal, João José Alves. »»»»

E, feitas estas duas transcrições – 1ª Acta da Assembleia Geral e 1ª Acta da Direcção – que consideramos deverem ficar aqui registadas, pelo que elas representam no histórico da Federação, continuamos, agora, com o relato do Dr. António J. Freire, interrompido para a introdução das mesmas:

««««No mês seguinte, Setembro, foram entregues os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa no Governo Civil de Lisboa, a fim de serem aprovados oficialmente.

««««Ali permaneceram alguns meses sem ter sido possível obter a sua aprovação, não obstante os esforços empregados por alguns Confrades que tomaram o maior interesse, para que fosse obtido o nosso desiderato.

««««Variadas circunstâncias concorreram para este procedimento por parte das autoridades respectivas, onde sempre encontrámos toda a urbanidade e o melhor desejo no cumprimento integral dos seus deveres neste propósito, como fizemos publicar em várias notas enviadas à imprensa espírita.

««««Em primeiro lugar, faleceu o empregado superior a quem estava confiada a análise dos Estatutos, tendo levado um certo tempo a descobrir o paradeiro dos mesmos Estatutos; em segundo lugar, foi, precisamente, nesta época, que a acção policial se estava exercendo intensivamente na repressão das cartomantes, magnetizadores, *médiuns-curadores*, etc., que infestam Lisboa, rotulando-se espíritas, abusiva e indecorosamente, ludibriando os incautos, prestando-se a confusões lamentáveis de que muito se tem ressentido o Espiritismo entre nós, e de que a Federação Espírita Portuguesa se ocupará, certamente, muito em breve, pois já no 1º Congresso Espírita Português foi abordado este abuso inqualificável de gananciosos sem escrúpulos, que precisa ser definido com urgência e clareza, para dignificação do Espiritismo.

««««A atmosfera não era, pois, propícia à aprovação dos Estatutos, e, até certo ponto, com justificados motivos.

««««Qualquer pressão neste sentido teria efeito contraproducente, tal é a crassa ignorância sobre assuntos desta natureza que reina nas regiões oficiais, essencialmente negativistas com raras excepções.

««««Registámos as modificações que as autoridades superiores nos indicaram, e ficámos aguardando melhor oportunidade, para a legalização dos Estatutos, que, felizmente, chegou em Maio passado, tendo sido aprovados legalmente a 25 do mesmo mês. (Foi muito difícil, na época actual, e já no ano decorrente, 2003, conseguir-se, finalmente, encontrar o registo dos referidos estatutos; ele era necessário à actual Federação para poder continuar a pugnar pela devolução dos bens da F.E.P., mas as démarches feitas levaram à conclusão que o processo do registo não estava em nome da Federação mas num outro... Não fica aqui esclarecido, de momento, onde o referido registo foi encontrado devido à necessidade de confidencialidade do caso, relacionado com o processo dos bens acima referido, mas mais tarde se dirá como foi que tudo se descobriu)...

««««Nesta orientação foram remodelados e sintetizados, sem nada perderem da sua finalidade espírita, nem da sua estrutura essencialmente



Cristã e humanitária em que estavam moldados os Estatutos primitivos, cujo trabalho não ficará perdido, pois, nos parece, muito há ali a extrair para o Regulamento Interno, se a futura Comissão de redacção quizer aproveitar uma grande soma de trabalho, que foi dispendido nos Estatutos primitivos.

«««De dia para dia, mais liberto de preconceitos, com o espírito cada vez mais eclético e liberal, sentimo-nos satisfeitos por terem sido remodelados os Estatutos, que, a nosso ver, não enfermam de alguns defeitos que passaram despercebidos no trabalho primitivo.

«««Oxalá fiquem a contento de todos os espíritas portugueses, salvaguardando, eficazmente, os justos e superiores interesses do nosso Ideal de resgate e de regeneração, dignificando o nosso movimento federativo. Mas, se assim não for, lá temos as Assembleias Gerais, para os limar e burilar, assim como temos ainda os Regulamentos internos, para os ampliar e precisar nas secções respectivas e que serão o seu lógico complemento.

«««Os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa saem sensivelmente das fórmulas consagradas, apresentando algumas inovações, alguns laivos de originalidade, tendo sido inspirados numa orientação essencialmente moderna científico-experimental, numa directriz manifestamente Cristã e humanitária, expurgada de todos os sectarismos e prejuízos ortodoxos.

«««Por outro lado, o antiquado e falso conceito da quantidade, que por vezes, na época contemporânea, tem dado origem a lamentáveis confusões babélicas, está dando actualmente lugar de primacial relevo, em quase todas as correntes sociais, à qualidade e às *élites*, ressentindo-se os Estatutos, por vezes, desta orientação, especialmente na organização e poderes conferidos ao Conselho Superior Deliberativo.

«««Não desejamos ocultar o facto, preferindo dar-lhe o devido realce, com a franqueza e responsabilidade que nos assiste, defendendo este critério, se necessário for.

«««A organização estatutária da Federação Espírita Portuguesa é acentuadamente liberal e descentralizadora, concedendo toda a autonomia aos Centros e Grupos Espíritas Federados.

«««Somos acérrimos partidários das futuras Uniões Espíritas Provinciais, à semelhança da que já está frutificando admiravelmente no Algarve, declinando e restringindo a esfera de acção da Federação em benefício das Uniões Provinciais, para assim melhor poderem fortalecer e homogenizar as suas zonas de influência, e ali exercerem uma acção decisiva e intensa de propaganda activa.

«««Mas antes de chegar a efectivar esta descentralização – *sua última etapa* – a Federação Espírita Portuguesa terá de organizar e orientar todos os elementos dispersos, e só depois de ter estabelecido a sua coesão,

poderá, logicamente, constituir as Uniões Provinciais, que serão os justos complementos dos seus esforços e ficarão constituindo as pedras angulares da mesma Federação numa confraternização perfeita e harmónica. Coerentemente, este mesmo mecanismo deverá ser aplicado às Ilhas Adjacentes e às nossas Colónias, ainda mais justificadamente.

«««Esta directriz tem, evidentemente, desvantagens, sobretudo materiais, para a Federação, pela fragmentação dos sacrifícios monetários dos federados, que tem de acudir simultaneamente à sua União Provincial e também à Federação; mas as vantagens morais e de propaganda são para nós mais determinativas, sobretudo num futuro não muito distante, desde o momento que os espíritas portugueses se queiram unir, pelo coração e pelo cérebro, em volta da sua Federação, como impõem os mais rudimentares deveres de lealdade, coerência e de confraternização e os superiores interesses do Espiritismo em Portugal, pois só unidos e coesos seremos – *uma força* – e só assim poderemos triunfar dos variados obstáculos com que os nossos inimigos *clássicos* hão de pretender atravancar o nosso caminho de regeneração social.

«««Certamente, não é nos estreitos limites deste artigo que poderemos fazer a apologia das Uniões Espíritas Provinciais, que, a nosso ver, têm mais viabilidade do que parecerá à primeira vista, e cujas vantagens e alta finalidade será desnecessário oferecer, podendo vir a despertar e estimular muitas actividades adormecidas. Se na Federação ficar integrada a União Espírita da Estremadura, uma grande parte das dificuldades monetárias ficará satisfatoriamente resolvida, desde o momento que nesta Província apenas se constituíam pequenos grupos espíritas familiares, que quase não implicam despesas, e se ponham de parte grandes núcleos espíritas que só podem viver à custa de quotas importantes, que redundariam em desproveito da Federação, especialmente em Lisboa, onde a congregação de todos os esforços intelectuais e morais e bem assim todos os sacrifícios monetários serão poucos para que a Federação possa, desafogadamente, realizar os objectivos que os seus estatutos – *único soberano da Federação Espírita Portuguesa* – determinam, clara e insofismavelmente.

«««A União Espírita Algarvia, primeira experiência neste sentido, fala eloquentemente. Foi esta União Provincial que realizou os dois primeiros Congressos Espíritas Regionais em Portugal, desbravando o terreno para o Primeiro Congresso Espírita Português, *alma-mater* da Federação Espírita Portuguesa, tomando para lema: *a união faz a força*»»».

(O nº 8, referente aos meses de Novembro e Dezembro de 1928, da ‘Revista de Espiritismo’, da F.E.P., refere o que foi e como decorreu o 4º Congresso Espírita Algarvio, realizado em Faro no dia 28 de Outubro do mesmo ano, com representatividade dos “espíritas de várias terras do Algarve, como Olhão, Estoi, S. Brás de Alportel, Lagoa, Silves e Vila Real



de Santo António. A presidência foi confiada à nossa ilustre e dedicada confrade, sra. D. Maria O'Neill, como delegado e representante da F.E.P., tendo sido secretariada pelos nossos dedicados confrades, srs. Eduardo da oneição Lopes e Anibal Severiano dos Reis”).

«««Os espíritas algarvios, a quem devemos prestar toda a nossa homenagem, cheios de entusiasmo e de fé, propagandistas admiráveis, lá vão fazer o seu terceiro Congresso Regional ainda este ano.

«««Que exemplo dignificante a seguir por essas lindas Províncias de Portugal fóra, e até em algumas das Ilhas Adjacentes, onde há grandes valores espíritas, com Centros muito importantes, dignos de especial relevo!...

«««Por outro lado, os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa visam estabelecer a unidade doutrinária, não imobilizada no *Conhecimento actual*, mas na sua incessante evolução, especialmente traduzida nos Congressos Internacionais e Nacionais acompanhando o evoluir progressivo das ciências afins: - parapsíquicas, metapsíquicas e paleotécnicos, intimamente ligados ao Espiritismo e quase ignoradas em Portugal.

«««A redacção dos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa, relativamente às leis básicas do Espiritismo, inspirou-se no 1º Congresso Espírita Português, onde houve uniformidade perfeita neste ponto de vista capital, e, ainda, na «*Federation Spirite Internationale*».

\*

«««Em 27 de Agosto do ano passado, na segunda reunião da Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa, ao tratar-se das nomeações para a Junta Consultiva, base do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, reconhecemos com profundo desalento que só foram eleitos quatro membros: senhora D. Maria Veleda, e os srs. Dr. A. Martins Velho, prof. Dr. Adolfo Sena e o signatário, tendo sido eleito para Presidente da Assembleia Geral o sr. General Passaláqua e outros confrades para diversos cargos dos Corpos Gerentes.

«««Afastados, anteriormente ao 1º Congresso Espírita Português, dos grandes Centros Espíritas de Lisboa, que quase desconhecíamos, tendo limitado toda a nossa actividade à organização de alguns grupos espíritas familiares onde exercíamos toda a nossa dedicação de propagandista e de experimentador, reconhecemos, no entanto, que procurando bem e intensificando uma propaganda bem orientada nos meios intelectuais, seria ainda possível dar maior realce à Junta Consultiva e mesmo aos Corpos Gerentes, a fim de impor o máximo respeito a uma Federação nascente e ali enfeixar maior número de valores.

«««Neste sentido propusemos que aguardassemos uma nova reunião onde então fossem definitivamente nomeados os restantes membros da Junta Consultiva e respectivos Corpos Gerentes, proposta que foi aprovada por unanimidade.

«««Toda a nossa actividade e energia foram desde então lançadas neste propósito de valorizar e enriquecer a jovem Federação pela aquisição e integração de novos valores espíritas.

«««Não desejamos descrever as dificuldades que tivemos de vencer, nem encarecer os esforços e tenacidade empregados neste sentido, que absorveram o melhor da nossa energia desde 27 de Agosto do ano passado até 11 de Julho do ano corrente, dia em que foram definitivamente eleitos os Corpos Gerentes por unanimidade da Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa.

«««Por vezes, envolvidos num maquiavelismo que não desejamos classificar, com a alma despedaçada, se não fosse colocarmos, invariavelmente, os nossos princípios acima – muito acima – dos homens, certamente teríamos sucumbido ou desertado.

«««Que grosso volume poderíamos escrever sobre este extenuante e exaustivo rodopio de marchas e contramarchas de dez meses de trabalho insano!

«««E, quantas vezes, julgando lóbrigar um calmo e remançoso oásis, era aí precisamente que mais rijamente eramos açoitados por furioso vendaval!

«««Mas, em compensação, também encontrámos dedicações sem limites, incitamentos nobres e elevados, onde tantíssimas vezes dissolvemos o fel das desilusões, *que partiam donde nunca deviam ter partido.*

«««*Espíritas portuguesas:*

«««O nosso trabalho não tem mérito pessoal, porque as maiores dificuldades foram vencidas com extrema facilidade, graças ao decisivo e bondoso auxílio e protecção dos Espíritos Tutelares da Federação que manifestamente reconhecemos em emergências de difícil e complexa resolução.

«««Foi, justamente, com as *pequeninas coisas*, que esgotámos o melhor da nossa energia e tenacidade, no fim nobre e elevado duma ideal e completa confraternização – *nossa bússula e directriz* -, que nunca perdemos de vista, mesmo quando batidos por furiosas tempestades, partindo donde só deveria reinar a bonança e a harmonia. O futuro dirá, se conseguimos ou não o nosso almejado desiderato.

«««A nossa consciência diz-nos que empregámos grandes esforços na melhor das intenções. É o único e justo prémio do nosso trabalho, ainda

que recheado de deficiências várias e por elas termos de responder na plenitude da responsabilidade, que, *de direito e de facto*, nos pertence.

\*

«««Num país onde se cultivam como plantas de estufa a maledicência e a intriga, deturpando as melhores intenções ao sabor de invejas e emulações inconfessáveis, atascando de vis suspeições as mais nobres atitudes, é extremamente difícil impôr à consideração e respeito públicos uma colectividade, muito embora constituída por elementos representativos os mais bem seleccionados.

«««Parece-nos, no entanto, que Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa contam valores de tal quilate, inteligências privilegiadas e almas de *elite*, que podem desafiar as línguas mais viperinas.

«««Percorrendo os anais internacionais do Espiritismo, não vemos, em país algum, Federação, que se iniciasse sob tão esperançosos auspícios, agrupando tamanho número de lídimos e autênticos valores.

«««O circunspecto diário católico de Lisboa, *A Época*, brilhantemente ridigido e chefiado por um nosso formidável adversário, cujo talento e inconcussa honestidade, gravitam, infelizmente, nos estreitos limites de dogmatismos arcaicos e anti-progressivos, presta no seu número de 8 de Agosto corrente, toda a sua leal cavalheiresca homenagem aos valores intelectuais e morais dos Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa.

«««Agradecendo essa nobre afirmação, partindo de quem tem sempre combatido o Espiritismo *à outranos*, queremos dar relevo ao seu alto significado, se, por agora, pretendermos discutir de que lado está a superstição, a que se refere o ilustre articulista.

«««Como humildes soldados de Cristo, devemos todos nós, espíritas portugueses, integrar-nos na Federação Espírita Portuguesa, pulsando num só coração, visando o mesmo Grande Ideal, acatando respeitosa, disciplinada e dedicadamente, os que forem maiores do que nós pelo talento ou pela virtude.

«««Demais, todos os espíritas portugueses, sem excepção, têm um indeclinável dever de gratidão a cumprir, perante muitos dos membros do Conselho Superior Deliberativo, que, ocupando altas situações sociais, vieram até nós num gesto de confraternização, arrostando abnegadamente com todos os prejuizos sociais que ainda pesam no nosso país sobre o Espiritismo.

«««Esta atitude, duma elegância moral digna do máximo relevo, implica da parte de todos os espíritas portugueses o inadiável dever duma leal e

íntima cooperação em volta dos nomes gloriosos, que ficam à frente do movimento espiritista em Portugal.

«««A ingratidão só medra nas almas retardatárias, só vivendo da animalidade e para a animalidade, tecendo um espesso e tenebroso véu ao espírito cintilante e divino.

«««E se os espiritas portugueses não souberem ou não quiserem corresponder a este lindo gesto de confraternização, estejam certos, que, dificilmente, poderão tão cedo enfeixar os seus esforços numa mesma comunhão de interesses e de Ideal.

«««Eles saberão o caminho a seguir e nós também, porque sabemos o muito que lhes devemos e o espírito de sacrifício que os trouxe até nós numa revoada de nobre e devotada afirmação de fé espírita, desafiando todos os preconceitos sociais, que, ainda, infelizmente, entre nós, são moeda corrente de subido valor venal, de cujas estreitas malhas só os eleitos sabem escapar.

\*

«««A Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa na sua sessão de 11 de Julho do ano corrente, deliberou por unanimidade de votos, baseada em motivos óbvios, só nomear para os Corpos Gerentes e Junta Consultiva da mesma Federação, confrades residentes em Lisboa, não obstante reconhecer o espírito de devotada dedicação e altas qualidades de muitos espíritas, residindo na Província, Ilhas Adjacentes, Colónias e mesmo no Brasil e América do Norte, a quem devemos assinalados serviços e a quem prestamos toda a nossa homenagem de respeito e confraternização, e a quem serão confiadas, certamente, delicadas missões na área das suas residências, pelo Conselho Superior Deliberativo.

«««Também alguns confrades, residentes em Lisboa, de comprovado valor e dedicadíssimos à nossa causa, não foram propostos para os Corpos Gerentes, em consequência da necessidade de virem a ser preenchidas várias comissões muito importantes, indicadas nos Estatutos.

\*

«««O problema mais grave que enfrentámos, não foi, precisamente, a constituição da Federação Espírita Portuguesa; mas, sim, fundamentá-la em alicerces firmes e duradouros.

«««Se nos limitássemos a dar-lhe os seus Estatutos e os seus Corpos Gerentes, a nossa missão não teria sido completa, porque ficaria um corpo sem tronco e sem membros, a que faltaria necessariamente, um sangue rico

e oxigenado. Arriscar-se-ia, portanto, a ter uma duração efémera e transitória.

«««É duma evidência flagrante, *mesmo para as inteligências mais apagadas*, que a Federação Espírita Portuguesa não poderia subsistir – *um momento sequer* – se fosse constituída, única e exclusivamente, por Centros ou Grupos Espíritas federados, oficialmente legalizados, como preceituam os Estatutos, porque o seu número em Portugal não vai além de três dezenas.

«««Mesmo partindo da hipótese, aliás muito provável, de que todos os Centros Espíritas se federassem, não seria possível que tivessem a capacidade monetária suficiente para financiarem as enormes despesas que acarreta uma Federação, muito embora vegetando humilde, modesta e economicamente, demais a mais quando a carestia da vida nos assoberba e esmaga, e, especialmente, os trabalhos tipográficos e de expediente atingiram preços fabulosos, como está sucedendo em Portugal.

«««Seria, assim, um trabalho improfícuo, uma morte prematura, se não fosse uma loucura rematada, com que se glorificariam alguns desvairados adversários da Federação, que na sua megalomania sacrificam os respeitáveis e grandes interesses gerais aos interesses de conventículos, incompatíveis com os mais rudimentares princípios que regem o Espiritismo-Cristão.

«««Entendemos, pois, *como inadiável e suprema necessidade*, envidar todos os nossos esforços a fim de robustecer a Federação no seu início em bases firmes e sólidas, que garantissem, pela qualidade e número dos seus *sócios fundadores individualizados*, a sua vitalidade, pois só assim poderia ser convenientemente financiada pelas *cotas individuais* dos seus sócios fundadores, pelo menos, de princípio.

«««Seria ilógico e contraproducente recorrermos neste propósito aos pequenos grupos espíritas familiares de Lisboa, constituídos, em geral, de cinco a dez membros, e que até nos parece da máxima conveniência fomentar e desenvolver.

«««*Sob o ponto de vista material*, o argumento tem um grande valor, porque dificilmente um grande Centro em Lisboa, com despesas próprias importantes, poderá subsidiar condignamente a sua Federação, e o seu maior sacrifício monetário – através dos seus sócios – redundará, naturalmente, em proveito do Centro a que pertencem.

«««Na Província o mecanismo é completamente diverso como expusemos, rapidamente, ao tratarmos das Uniões Espíritas Provinciais.

«««Mas não confundamos: - enquanto combatemos a formação de grandes Centros Espíritas em Lisboa, defendendo-os, aliás, na Província, somos partidários do maior número possível de grupos espíritas familiares na capital, não só como magníficos elementos de propaganda, quando bem

dirigidos, e ainda porque a organização destes pequenos grupos que, em geral, não vão além de cinco a dez membros, não força a despesa alguma sensível, podendo, assim, todos os seus membros federarem-se individualmente na Federação, pois não têm encargos monetários da mesma natureza.

«««É claro, que isto apenas representa um ponto de vista pessoal, e, até hoje, não fizemos questão fechada, *nem de uma vírgula sequer*, só desejando que todos estes problemas sejam abordados e discutidos com toda a proficiência e máxima latitude, e – *vá lá* -, com a lealdade que deve ser apanágio dos espíritas que não sejam só espíritas pelos lábios, mas também pelo coração, e venham à discussão sem fins reservados, despidos de todos os personalismos idólatras, que colidem, em geral, com a boa hermenêutica e com a ética cristã.

«««Depois do facto relatado anteriormente, relativo à dissolução do Centro E. «Luz e Amor», que muito nos contrista pela forma como tem sido deturpado no seu alto significado por um reduzido número, que não quer respeitar as intenções honestas, nem a dignidade e trabalho alheios, somos forçados a mencionar outro facto – precisamente, o que mais nos tortura e dilacera a alma – cuja apreciação deixamos ao critério dos espíritas portugueses, pois se trata de uma Senhora.

«««Referimo-nos à Senhora D. Maria Veleda, a quem propusemos no dia 18 de Maio do ano passado, dia do encerramento do 1º Congresso Espírita Português, para Vice-Presidente da Comissão Pró-Federação E.P., e no dia 27 de Agosto do ano passado, na segunda reunião da mesma Comissão Pró-Federação, propusemos também para membro do Conselho Superior Deliberativo, o cargo de mais prestígio e de maior relevo, adentro da Federação Espírita Portuguesa.

«««Só um Centro Espírita existia em Lisboa que pudesse solucionar este grave problema, com a sua dissolução e fusão em massa na Federação Espírita Portuguesa.

«««Era o *Centro E. «Luz e Amor»*.

#### Extinção do Centro Luz e Amor e sua fusão na Federação:

«««*Os motivos são óbvios e evidentes:*

- 1º- Por ser o único Centro Espírita de Lisboa, *sem carácter familiar*, contando de quatrocentos a quinhentos sócios, quando os mais populosos desta capital não vão além de algumas dezenas de sócios;
- 2º - Pela inteligência e cultura de alguns dos sócios;
- 3º - Pela sua comprovada dedicação à causa do Espiritismo, manifestada na sua activa propaganda, e, muito em especial, na organização do 1º Congresso Espírita Português;



4º - Por ser o mais denodado campeão da Fundação da Federação Espírita Portuguesa e o seu verdadeiro iniciador e promotor;

5º - Por nele estarem filiados quase todos os membros da Comissão Pró-Federação, incluindo o signatário;

6º - Por ser, o sr. General Viriato Zeferino Passaláqua, a figura proeminente, de maior prestígio e respeitabilidade, neste Centro, que sabíamos ser partidário da nossa orientação e nos daria todo o seu valiosíssimo apoio, como realmente sucedeu até ao seu falecimento em Março p.passado;

7º - Pelas suas relações de boa camaradagem que mantinhamos com a maioria dos sócios deste Centro;

8º - Por contarmos com o leal e coerente apoio da Vice-Presidente da Comissão Pró-Fundação, senhora D. Maria Veleda, também presidente da Direcção deste Centro, que, afinal, acabou por nos hostilizar este propósito à *outrance*, terminando por pedir a demissão irredutível do seu cargo adentro deste Centro, o que, muito e muito nos contristou, pela sua manifesta incoerência e imprevista resolução; pois nunca nos impugnou, *directamente*, este nosso ponto de vista. Temos documentos comprovativos do que acabamos de afirmar, se for contestado, *por quem de direito*, e muito elucidativos, por sinal.

\*

«««Assim orientados, pedimos à sua digna Direcção, para convocar uma reunião de todos os seus Corpos Gerentes a fim de expormos pormenorizadamente o nosso ponto de vista e sabermos se concordavam ou não com a dissolução do Centro E. «Luz e Amor» e fusão dos seus sócios na Federação Espírita Portuguesa na qualidade de sócios fundadores, isto, evidentemente, como pedido de mera cortesia e preparatória para uma Assembleia Geral, única entidade soberana, para legalizar esta resolução.

«««Esta reunião dos Corpos Gerentes do Centro E. «Luz e Amor» efectuou-se no dia 29 de Novembro do ano passado, tendo sido aprovada a nossa orientação por todos os membros, à excepção de um só que em parte partilhava o nosso modo de ver. O resultado da votação deu *oito* votos a favor e *um* contra.

«««Foi um trabalho preliminar que teve o seu feliz desfecho na Assembleia Geral extraordinária, realizada exclusivamente para este fim, em 11 de Julho do ano corrente, onde foram resolvidas definitivamente a dissolução e fusão do Centro E. «Luz e Amor» na Federação Espírita Portuguesa, por *unanimidade de votos*.

«««Espraiamo-nos demasiado neste assunto, não só pelo seu alto significado, mas ainda para dar relevo a este lindo gesto de confraternização e dedicação em benefício da causa comum de todos nós, espíritas portugueses, que ficamos devendo uma enternecida gratidão ao extinto Centro E. «Luz e Amor» por este nobre exemplo de abnegação, sacrificando a sua existência pelos superiores interesses gerais do Espiritismo em Portugal.

«««O Centro E. «Luz e Amor» não morreu, porque ressuscita e reviverá numa radiosa eflorescência de gratidão carinhosa nos corações espíritas que se intregarem na Federação Espírita Portuguesa.

«««Oxalá tão belo, tão nobre e modelar exemplo de confraternização frutifique entre nós.

«««Um dos motivos porque nos alongamos na justificação da nossa linha de conduta, é também devido ao facto de nos ser imputado, *à boca pequena*, - «o grande, o horrível crime» - da dissolução do Centro E. «Luz e Amor».

«««-Porque não compareceram na Assembleia Geral Extraordinária, impugnando, *de viseira erguida*, este nosso modo de ver!?!...

«««- Porque não votaram contra?!...

«««É de bem fácil compreensão que a organização de grandes Centros Espíritas em Lisboa só provocará um sensível enfraquecimento da Federação, desviando actividades intelectuais e morais, que mesmo federadas, não podem integrar ali toda a sua energia, sobretudo, agora, no seu início, em que precisa ser vitalizada numa forte e coesa confraternização.

«««De resto, está comprovado, que os grandes Centros nas sedes de Federações são, quase sempre, focos impuros de imulações e discórdias intempestivas e pulverizadoras. Se a doutrina é toda tecida de luz e harmonia, todos nós ainda estamos suficientemente atrasados, para absorver essa Luz Divina, expressa nos preceitos de Jesus e para aplicar, *pelo exemplo*, os seus sublimes ensinamentos.

«««(...) Foi, precisamente, logo após o seu falecimento (General Passaláqua), que a senhora D. Maria Veleda entrou numa actividade febricitante, contrastando com a sua inexplicável e contínua passividade como Vice-Presidente da Comissão Pró-Federação, agitando, num golpe de mão, o nome venerando do sr. General Passaláqua, Presidente da Mesa da Assembleia Geral e Patrono do Centro E. «Luz e Amor», cujas cinzas ainda estavam quentes, para reclamar retumbantemente o Grupo Espírita «General Passaláqua».

«««Os Estatutos deste grupo – *duma bizzarria exótica, sem par* – foram aprovados em 5 de Abril do ano corrente, *em sessão magna*, como rezam

textualmente, *admitindo número ilimitado de sócios* e veem insertos no primeiro número da revista *A Vanguarda Espírita*, órgão oficial do mesmo Grupo, cujo primeiro número saiu à luz da publicidade em 14 de Abril passado (...). Depois – *só depois* – da formação deste grupo, dirigido e organizado pela senhora D. Maria Veleda – *sejam quais forem as falsas aparências com que pretendem encobrir a verdade, que é do domínio público* – mal intencionados, certamente inimigos ocultos do Espiritismo ou lobos vestidos de peles de ovelhas, fizeram propalar os mais fantasiosos boatos, bordando intrigas de todo o jaez a seu belo talante, preparando dissidências, tendo saído algumas dezenas de sócios do Centro E. «Luz e Amor», que felizmente, em nada prejudicaram a organização da Federação Espírita Portuguesa (...).

««« (...) Vamos, pois, transcrever a carta da senhora D. Maria Veleda, que fala mais elequentemente do que toda esta apagada descrição de factos consumados.

*«««Lisboa, 29-5-926 - ...Sr. Doutor António Freire – Cumpre-me, em primeiro lugar, agradecer a v. todas as demonstrações de apreço com que lhe apraz distinguir-me, e sinceramente o felicito por ter conseguido o objectivo do seu empenho com relação ao estabelecimento definitivo da Federação Espírita Portuguesa.*

*«««Tenho pensado muito; e a minha resolução de permanecer, oficialmente afastada de todo o movimento associativo – longe de entibiar-me, antes se vem radicando cada vez mais. Estou velha, cansada, sobretudo desiludida e nestas condições falha-me em parte aquela energia que me caracterizava e que eu considero uma quantidade essencial para o bom desempenho de qualquer cargo em qualquer colectividade.*

*«««Sem deixar de ser espírita, sem deixar de prestar à causa os pequenos serviços que estão ao alcance das minhas forças, prefiro continuar vivendo como nos últimos tempos tenho vivido, - calmamente, serenamente, venturosamente – acolhendo com simpatia os que me procuram, mas abstendo-me de procurar eu, seja quem for.*

*«««Fora da minha casa não darei um passo. Dentro dela trabalharei, sem fazer porém alarde do meu nome, que desejo continue na sombra, para onde de minha livre e espontânea vontade, o releguei.*

*«««Não podendo trabalhar dentro da Federação nem me resignando a pertencer-lhe como figura – aliás insignificante e apagada figura decorativa – rogo a v. que se digne substituir o meu nome por outro qualquer, na formação do Conselho Superior Deliberativo.*

*«««Se v. quiser vir a minha casa no dia que me indica, terei muito prazer em receber a sua visita; mas v. far-me-à o favor de não insistir*

***pelo meu regresso à actividade espírita oficial, porque nesse ponto serei irreduzível. Sem outro assunto, tenho a honra de me subscrever com toda a consideração, - De v.confrade inútil e muito obrigada – (a) Maria Veleda.***

««« (...) Esta carta pertence actualmente ao arquivo da Federação Espírita Portuguesa, porque, sendo uma carta de renúncia *oficial* a um cargo da Federação, só ali tem o seu lugar marcado.

\*

«««Certamente, todos os espíritas portugueses hão-de estranhar não vendo na lista dos Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa – o sr. Kircher – director da revista *A Vanguarda Espírita*, órgão oficial dos variados grupos ou secções federados à senhora D. Maria Veleda.

«««Devemos, pois, lealmente, uma explicação para que não sejamos acoimados de parcialidade, má vontade, ou prepositado esquecimento.

«««Depois de marchas e contramarchas, que seria fastidioso descrever e cujo carácter humorístico não se coaduna com a índole deste artigo, podemos garantir, sem o mais leve receio de desmentido, que tanto o director, sr. S. Kircher, como os redactores José Veríssimo e Pedro Alcântara, que figuram no elenco redactorial da revista *A Vanguarda Espírita* são realmente três nomes distintos... mas não correspondem nem a uma só pessoa verdadeira.

«««Não existem nem nunca existiram.

«««São meros *travestis*, para desorientação dos ingénuos, fabricados com a mesma marca da procedência de Myriam, Luna, Fred, Maria Carolina.

«««Até agora sete, que nós saibamos.

««« (...) Mas, para que não fossemos acusados de vis suspeições e *num intenso desejo de confraternização, que sempre nos norteou, através de todos os dissabores e intrigas*, propusemos e mantivemos nos Corpos Gerentes da Federação Espírita Portuguesa, em reuniões da Comissão Pró-Federação E.P., quer o sr. José Maria Pereira Bravo, quer o sr. António Joaquim Correia, respectivamente administrador e redactor da revista *A Vanguarda Espírita*.

\*

««« (...) É do domínio público, terem sido eleitos, para o Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, alguns dos mais altos expoentes e lídimos caracteres da Sociedade Teosófica Portuguesa, que, *partilhando das concepções espíritas*, a nós se ligaram, espontânea e

naturalmente, num lindo gesto de confraternização, que só deve ser motivo de grato júbilo e apreço, para os corações dum e doutro lado destas duas correntes neo-espíritualistas, com tantíssimos pontos de contacto espiritual nas suas leis básicas.

«««Infelizmente, este facto tem sido explorado, de parte a parte, por um *reduzidíssimo* número, que o tem interpretado ao sabor das suas fantasias, e, sempre, mais ou menos, incoerentemente, ainda que, queremos crer, animados da melhor intenção e até de certos melindres, que temos obrigação de respeitar e de elucidar, com franqueza e lealdade.

«««Lá fóra, espíritas dos mais ilustres, como Schuré e Regnault, escritores ilustres e fecundos, de renome mundial, proclamam bem alto e com argumentos irrespondíveis a necessidade ingente duma fraterna cooperação de todas as correntes neo-espíritualistas: - hermetistas, rosa-cruzes, teósofos, martinistas e espíritas – para, assim, em esforços conjugados, conquistarmos mais depressa a nossa comum finalidade.

«««Demais, há *um laço comum* que, de dia para dia, mais nos une intimamente, - dissolvendo velhos ressentimentos e injustificadas rivalidades, - *representado pelo cristianismo integral*, na sua pureza e originalidade, que está dominando todas estas correntes neo-espíritualistas, já aceitando, na sua quase totalidade, Cristo como o Mestre dos Mestres, a quem estão prestando toda a sua vassalagem, tomando para base da sua directriz a moral Cristã, despida de todos os dogmatismos.

«««Esta orientação tem tomado um extraordinário incremento nos últimos anos. Há centros herméticos importantíssimos cujo livro de Iniciação é todo constituído, de lés a lés, pelos puros ensinamentos de Cristo.

«««E a nobreza deste lindo gesto de confraternização deve partir dos espíritas, por serem fundamentalmente cristãos e, ainda, porque são legião, comparativamente com as outras correntes neo-espíritualistas, cujas irmãs pelos princípios basilares, e, especialmente, pela mesma *finalidade*, que a todos reside igualmente, muito embora o mecanismo divirja em alguns pontos secundários.

«««A nossa orientação vai, pois, nesta directriz, única coerente com o movimento neo-espíritualista contemporâneo, e ainda com os nossos princípios cristãos, liberais e ecléticos.

«««Não vivamos de ilusões: - a Verdade integral nunca será apanágio dos humanos; mas, apenas, um limite, pela lei da evolução anímica através do reincarnacionismo ou das vidas sucessivas. (...).»»»

\*

«««Não tomemos, pois, a nuvem por Juno.

«««Cooperação não é fusão; e confraternização não implica perda de autonomia; - porque quanto a essa, também nós a saberíamos reclamar e defender na medida das nossas modestas forças, se necessário fosse.

«««O Espiritismo não é uma cidadela feudal fechada pelas muralhas dum cego fanatismo ou defendida por aviltantes sectarismos, porque ali só deve imperar a Lei Áurea do Amor, numa fraternidade vibrante, vivida, tal como Jesus proclamou e exemplificou.

«««A sua ponte levadiça é franqueada a todos, sem excepção.

««« (...) Seja qual for a atitude de lado a lado, a nossa linha de conduta será invariavelmente, *definidamente*, de harmonia, de confraternização, e até de mútua cooperação, não obstante sermos *espírita militante*.

«««Só a união faz a força. E, todos nós – neo-espiritualistas – temos pela frente uma obra tão grandiosa, erizada de dificuldades tamanhas, que só por uma fraternal cooperação poderemos vence-las triunfalmente.

«««Não desperdicemos, pois, as nossas energias em arrufos infantis.

«««A nossa mútua missão é mais nobre e elevada, para a regeneração social, e para levar a Luz - «*aos cegos que conduzem cegos*».

\*

«««Este debatido problema da eleição de alguns eminentes teósofos, para a Federação Espírita Portuguesa, tem uma dupla face: - *a moral*, que acabamos de esboçar ligeiramente, comum a espíritas e a teósofos; e a *aritmética*, que vai ser particularmente dedicada aos espíritas portugueses, sem o mais leve melindre ou suspeição para os nossos dedicados companheiros teósofos do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, que nos merecem a mais alta consideração e subido apreço e com quem mantemos, na sua maioria, uma amizade sentida e respeitosa.

«««A Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal da Federação Espírita Portuguesa são constituídos, *única e exclusivamente*, por espíritas confessos e militantes.

«««No Conselho Superior Deliberativo, há menos de uma sexta parte de teósofos militantes, sendo por consequência constituído *por mais de cinco sextas partes*, de espíritas confessos e militantes.

«««Nós compreendemos, até certo ponto, o justo reparo de alguns espíritas bem intencionados.

«««O grande número, talvez mais de dois terços de membros do Conselho Superior Deliberativo, são desconhecidos, para a grande maioria dos espíritas portugueses. Contudo, são espíritas dedicados que estavam afastados da actividade espiritista por falta de um forte núcleo de atracção,



como é agora a Federação, e outros entraram recentemente no Espiritismo, devido à nossa acção, e, *muito especialmente*, à propaganda *activíssima* dos nossos confrades: - Alberto Zagalo Fernandes e António L. Vilela, que foram incansáveis nos últimos dez meses, particularmente no meio Académico de Lisboa, e a quem os espíritas ficam devendo altos serviços, de ordem variada e complexa, pois nos prestaram valiosa e dedicadíssima cooperação.

«««Os senhores: - General Barata Foyo, Dr. Catanho de Meneses, Comandante Morais de Carvalho, Coronel Lúcio de Morais, Dr. João José da Silva, Dr. Baptista Júnior, Tavares Moreira, Jacobetty Rosa, engenheiro Manique de Albuquerque, etc., de há muito fazem parte de vários grupos espíritas familiares, a que também pertencemos, e, no entanto, são quase desconhecidos no meio espírita.

«««Sabemos que este facto tem sido explorado por alguns espíritas, invertendo o verdadeiro e alto significado que representa; com profunda e cruciante mágoa o registamos aqui.

«««- Porque não se informaram antes de nos lançarem as suas suspeições?

«««Daríamos todos os esclarecimentos e claras explicações.

«««De resto, nós não podemos nem devemos estar a propalar através da tuba da fama, espalhando aos sete ventos, assuntos delicados e melindrosos, que se ligam intimamente a todas as organizações, e são, por vezes, de carácter discreto e reservado.

\*

«««Para todos os senhores Teósofos, que nos deram a subida honra da sua leal, dedicada e inteligente cooperação, vai todo o nosso reconhecimento e subido apreço, e a mais franca e mercedíssima solidariedade.

\*

«««Um dos problemas, que mais sérias dificuldades e apreensões nos acarretou, foi a aquisição de casa para sede da Federação.

«««Tivemos dias e semanas tormentosos, e o desânimo bateu-nos à porta, por vezes.

«««Pediam-nos por modestos andares, onde o maior compartimento não comportaria cinquenta pessoas, de 20 a 30 mil escudos de trespasse, sem mobília, e de oitocentos a mil e quinhentos escudos de renda mensal.

«««Foram semanas tormentosas em que alguns confrades muito trabalharam, para alcançar instalação decente, ainda que modesta.

«««Finalmente conseguimos alcançar duas salas, uma com capacidade para cento e cinquenta a duzentas pessoas, outra relativamente acanhada, tendo sido obtidas sem trespasse, mas com uma renda mensal elevada.

«««Esta instalação é insuficiente para os trabalhos da Federação; mas, *sem optimismo de visionário*, estamos bem convencidos que em alguns anos a Federação terá sede própria, como determinam os Estatutos, e já existe um plano elaborado que será apresentado, oportunamente, à apreciação do Conselho Superior Deliberativo.

\*

«««Tivemos também a ideia de abrir uma subscrição entre os espíritas, para as despesas de instalação e organização, pois a Federação não tem recursos suficientes para enfrentar as suas despesas com um certo desafogo, muito especial as de propaganda espírita; mas parece-nos mais conveniente que a imprensa espírita tome a iniciativa deste movimento, como de direito lhe compete, e julgamos que assim sucederá tal é a confiança plena que temos no espírito de sacrifício que anima o bom coração dos espíritas portugueses.

\*

«««Para algumas despesas concorreu um amigo nosso muito íntimo, querendo conservar rigoroso incógnito, não desejando ser reembolsado de despesa alguma das que fizemos nestes catorze meses de marchas e contramarchas, onde, por vezes, houve necessidade de uma certa representação e de variadas despesas acessórias, mais ou menos importantes.

««« Resta-nos agradecer a todos aqueles, confrades e não confrades, que nos prestaram o seu auxílio para a realização do objectivo de que nos incumbiu o 1º Congresso Espírita Português.

««« (...) Cumpre-nos também agradecer à Imprensa Espírita portuguesa e à «Revue Spirite», as referências à organização da Federação Espírita Portuguesa, estendendo o nosso agradecimento à Imprensa diária de Lisboa, muito especialmente, aos jornais «*Diário de Lisboa*», «*O Radical*», «*Diário da Tarde*» e «*O Século*», que em variados artigos e entrevistas se ocuparam desenvolvidamente da organização e da inauguração da Federação Espírita Portuguesa.

««« (...) Resta-nos expressar todo o nosso reconhecimento a todos os confrades e, em especial, aos que vieram de longe, para darem o brilho da sua adesão e solidariedade à inauguração da Federação Espírita Portuguesa.

«««Foi uma linda festa de inesquecível confraternização e afectuosa camaradagem, não tendo sido as salas suficientes para conter algumas centenas de confrades, que num gesto nobre de fraternidade cristã vieram dar o realce da sua congratulação pelo acontecimento mais importante – até hoje realizado – para o Espiritismo em Portugal. Assim como agradecemos também todos os telegramas e cartas, festejando a conclusão do objectivo da Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa.

«««A todos, sem excepção, o nosso mais profundo e sentido reconhecimento.

*«««Espíritas Portugueses:*

*«««Enfeixai todos os vossos esforços, conjugai-os com todos os homens de boa vontade, sejam quais forem os seus credos políticos, filosóficos ou religiosos, porque sendo animados para o Bem, todos eles são discípulos de Cristo.*

*«««Lançai, estridentemente, o grito de alerta a todos os nossos irmãos endurecidos e obstinados no Mal, provando-lhes, à face das leis básicas do Espiritismo, que a finalidade humana, no presente ciclo evolutivo, é a Perfeição Crística; que a nossa estrada de Damasco são os Evangelhos – em espírito e verdade -; e, ainda, que a Lei Áurea do Amor, simbolizada no Golgota, é a melhor bússula que nos conduz ao Reino Super-Humano e nos leva ao vértice de toda a nossa evolução – Deus.*

*«««Lisboa, Agosto de 1926.*

*ANTÓNIO J. FREIRE, (Médico).»»»*

(Trancrito dos nºs 180 e 181, respectivamente de Junho e Julho de 1978, da Revista «Fraternidade», da “Associação de Beneficência Fraternidade”, de Lisboa).

( Nota: dividimos todo este trecho em pequenos títulos para que, com uma facilidade maior, se possam encontrar as diversas referências nele contidas).

A criação da Federação bem cedo teve os seus frutos, pois no **Congresso Espirita Internacional**, realizado em Londres de 7 a 12 de Setembro de 1928, Portugal já esteve presente (como se pode comprovar na versão portuguesa do Extracto do Relatório publicado pela ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas’, de 1930.

Nele encontramos esta referência:

««« PORTUGAL: - A *Federação Espirita Portuguesa*, filiada desde o ano passado, reúne à sua volta todos os elementos espiritualistas que, em Portugal, participam dos nossos estudos. Os promotores desta agremiação souberam mostrar uma persistência, uma tolerância e uma actividade que o sucesso, de resto, veio logicamente coroar.»»»»

\*

\*

Inserimos, de seguida, a transcrição da ACTA N° 2 da A.G. da F.E.P., e conseguida da mesma maneira que as anteriormente mencionadas. Ela refere a necessidade de alteração dos Estatutos, bem como outros problemas concernentes com a gerência da Federação. Ei-la:

### ««« ACTA N° 2

««« Aos vinte e cinco dias do mês de Agosto de mil novecentos e vinte e nove, reuniu a Assembleia Geral da Federação Espirita Portuguesa na Sede – Rua da Assunção 58, 4° - a fim de proceder às eleições para os cargos vagos nos Corpos Gerentes; de propôr a alteração dos Estatutos; propôr um empréstimo para assegurar o financiamento da construção do edifício da Sede e trocar impressões sobre o 2° Congresso Espirita Português.

««« Na ausência dos Membros efectivos da Mesa da Assembleia Geral, a Mesa ficou constituída da seguinte forma:

««« Presidente – D. Maria O’Neil; 1° Secretário – Isidoro Duarte Santos; 2° Secretário – Policarpo de Almeida.

««« Lida e aprovada a Acta da última Sessão da Assembleia Geral, o Sr. Dr. António J. Freire propõe um voto de sentimento pelos sócios desencarnados, pedindo dois minutos de concentração.

««« Em seguida, é posta à votação a seguinte lista para os cargos vagos dos Corpos Gerentes , que foi aprovada por unanimidade e aclamação, sob proposta do Sr. Capitão Arnaldo Gomes Duarte.

««« Direcção:

««« Presidente\* : Aires Vaz Raposo; Secretário Geral: Pedro Cardia; 1° Secretário: Capitão de Fragata Aniceto Horta; 2° Secretário: Tenente Henrique Horta; Tesoureiro: João José Alves; Vogal: José Pereira Serra.

««« Assembleia Geral:

««« 1° Secretário: Isidoro Duarte Santos;

««« Conselho Fiscal:

««« Presidente: Lázaro Correia; Relator: J. Nunes d’Almeida; Secretário: Augusto Grave;

««« Junta Consultiva:

««« Aires Vaz Raposo; Coronel José Augusto F. da Rosa; Dr. José B. Gonçalves Teixeira; Dr. Virgílio Laque; Coronel Médico José Serrão de Azevedo; Engenheiro Augusto Brites Teixeira de Vasconcelos; Capitão Arnaldo Gomes Duarte.»»»»

(\* O Dr. Afonso Acácio Martins Velho, 1º Presidente de Direcção da F.E.P., cargo que aceitara quando já se encontrava doente e apenas pela grande amizade que o ligava ao Dr. António J. Freire, que o indigitara para o lugar, desencarnara em 29 de Janeiro deste mesmo ano (1929), havendo necessidade de ser preenchida a vaga que se dera com o seu passamento).

Continuamos com a transcrição da Acta:

««« Em seguida o Sr. Dr. António Freire apresentou a seguinte proposta assinada pela Direcção:

««« Exmo. Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral da F.E.P.:

««« Considerando que o total das importâncias recebidas para a construção da Sede própria para a F.E.P. não atingem ainda a quantia necessária para tal fim;

««« Considerando que, embora haja as mais fundadas esperanças de que a importância da subscrição atingirá o montante necessário para cobrir as despesas para construção e mobiliário, confiados como estamos em que será escutado o fervoroso apelo dirigido a todos os nossos irmãos em crença, a cobrança dessa subscrição será necessariamente morosa e arrastada;

««« Considerando a necessidade imediata de proceder à construção de edifício destinado à Sede da F.E.P., necessidade esta plenamente justificada na proposta aprovada pelo Conselho Superior Deliberativo e certamente reconhecida por todos os nossos confrades;

««« Considerando que só pode começar-se essa construção, quando o seu financiamento estiver inteiramente assegurado;

««« A Direcção da Federação Espirita Portuguesa, propõe:

««« Que seja a mesma Direcção autorizada a contrair, nas condições que julgar mais convenientes, um empréstimo até à quantia de cento e cinquenta mil escudos a um juro máximo igual ao que a Caixa Geral de Depósitos cobra, acrescido da respectiva comissão, pelos empréstimos realizados em condições semelhantes, até que o produto da subscrição, que não será encerrada sem o pagamento deste empréstimo, não estiver inteiramente realizado.

««« A Direcção.

««« Entrando em discussão esta proposta, o Sr. Dr. António J. Freire esclareceu que talvez não seja necessário o empréstimo, visto haver probabilidades do montante da subscrição atingir o indispensável para podermos começar a construção sem receio de fracasso. Faz notar que a

Direcção negociará este empréstimo nas melhores condições, provavelmente sem juro.

««« O Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa propõe que seja ouvida a Junta Consultiva sobre as condições do empréstimo, antes da Direcção o negociar.

««« O Confrade Arnaldo Duarte diz que, sendo a Assembleia Geral magna e soberana, pode conceder autorização para o empréstimo, sem necessidade de consultas prévias.

««« O Confrade Dr. António J. Freire respondendo ao Sr. Carreira de Sousa, diz que a sua observação poderia ser tomada como uma desconfiança. Ora ele, orador, não por si pessoalmente, mas pelos membros que a compõem, não podia deixar de se colocar abertamente ao lado da Direcção. A Direcção tem tido a seu cargo problemas bem difíceis e, apesar de ter competência para resolver alguns, nunca deixou de os submeter ao Conselho Superior Deliberativo. Nomeou-se a Comissão Pró-Sede a qual delegou na Direcção todos os poderes. Mas a Direcção, fiel à sua coerência, consultou a Comissão e o Conselho Superior Deliberativo nos assuntos mais importantes relativos à Sede. Prestando homenagem aos restantes Membros da Direcção, diz que há entre eles alguns com competência técnica para negociar empréstimos. Prestando novamente homenagem às intenções do confrade Carreira de Sousa, depois de ser convidado pelo confrade Gomes Duarte a apresentar por escrito as suas considerações, retira as palavras que motivaram a resposta do Dr. António J. Freire, o qual lê alguns artigos para esclarecimento.

««« O Confrade José Augusto Lamelas pede ao Confrade Arnaldo J. Duarte para retirar as suas palavras, visto o Confrade Sousa haver também retirado as que deram lugar a esta troca de explicações, propondo que seja aprovada a proposta.

««« Entre o Confrade Carreira de Sousa e o Dr. António J. Freire trocam-se várias impressões sobre o empréstimo.

««« O Confrade Pedro Cardia, pedindo a palavra, corrobora as afirmações do Dr. António Freire a propósito da Sede. Apesar da Comissão Pró-Sede haver delegado na Direcção todos os poderes, a escolha dos projectos – foram três os concorrentes – foi feita pelo Conselho Superior Deliberativo. Sobre o empréstimo consultaram-se os advogados do C.S.D. e encarregaram-se alguns dos seus membros de estudar todas as condições.

««« O Sr. Dr. António Freire garante as boas intenções do Sr. Carreira de Sousa, solidarizando-se, no entretanto, com a Direcção. Dá todas as explicações acerca de juros, que nunca podendo ser superiores aos da Caixa Geral de Depósitos acrescidos da comissão, está certo de que serão,



no caso do empréstimo vir a ser necessário, a uma taxa inferior, senão sem encargos.

«««« Posta à votação, a proposta sobre o empréstimo é aprovada por unanimidade.

«««« Entrando em discussão a proposta para se nomear uma Comissão com o fim de alterar os Estatutos, é lido pelo Sr. Dr. António Freire o artigo 31º. Diz que talvez não houvesse 50 sócios que conhecessem a deficiência dos Estatutos. A ideia da revisão é proveniente do estudo feito deste código. Se há alguma coisa a modificar ou a acrescentar, que se nomeie uma Comissão que não só trate dos Estatutos, mas também dos Regulamentos internos.

«««« O Confrade José Pereira Serra propõe então a seguinte lista de nomes para rever os Estatutos:

«««« Dr. Gonçalves Teixeira ; Dr. António Freire ; Vaz Raposo ; António Vilela ; Pedro Cardia ; Carreira de Sousa ; Aniceto Horta.

«««« Há troca de explicações acerca da legalidade da proposta do Sr. Serra. O Dr. Vilela lê o artº 23º para esclarecer, ficando a Comissão com o encargo de propôr a revisão e não rever.

«««« O Confrade Afonso Duarte propõe para que a proposta seja acrescentada das seguintes palavras: o trabalho da Comissão deve ser submetido à Assembleia Geral.

«««« O Sr. Dr. António Freire lê o artº 23º, § 1º, para demonstrar que a Comissão podia rever os Estatutos, mas cumprindo o artigo 31º. Promete propôr que sejam retirados ao Conselho Superior Deliberativo certos poderes, pois a Assembleia Geral é sempre soberana.

«««« O Confrade Sr. Lamelas propõe para que a Comissão se limite à revisão dos Estatutos e não estender neste momento a sua acção aos Regulamentos internos.

«««« O Sr. Dr. Freire diz que deve haver perfeita harmonia nas pessoas que trabalharem nos Estatutos e no R. Interno. Por isso, a Comissão pode ser a mesma, embora trabalhando primeiro nos Estatutos e depois nos Regulamentos.

«««« Finalmente, é aprovada a proposta do Sr. Serra com o seguinte aditamento do Sr. Dr. Freire : Com poderes de agregar elementos que julgar convenientes, devendo apresentar as modificações 15 dias antes da convocação da Assembleia Geral.

«««« Entrando-se na parte respeitante à realização do 2º Congresso Espirita Português, o Sr. Dr. Freire lê o § 6º do artº 23º e diz que é de opinião que o Congresso se realize na Sede, visto haver probabilidades da Sede ser um facto no ano de 1930. Propõe, pois, para que o Congresso seja realizado na Sede. Posta a proposta à votação, suscitam-se dúvidas sobre a sua legalidade.

««« O Sr. Dr. Vilela diz que a soberania da Assembleia só existe quando estiver integrada no artº 31º. Não se chegando a acordo sobre este assunto, o Sr. Dr. Freire propõe que a Assembleia Geral, tomando em consideração os motivos que levaram a Direcção a adiar a realização do Congresso, não se pronuncie.

««« O Dr. Vilela apresenta a seguinte proposta que põe remate nos trabalhos: “A Assembleia Geral da F.E.P. considerando que o adiamento da realização do 2º Congresso colidia com as disposições estatutárias, delega na Comissão nomeada para rever os Estatutos o encargo de se pronunciar sobre o assunto”. Como fossem 24 horas, encerraou-se a sessão.

««« Lisboa, 25 de Agosto de 1929.

««« O Presidente, (assinado) Maria O’Neill

««« Os Secretários (assinados), Isidoro Duarte Santos, e Policarpo de Almeida. »»»

\*  
\*  
\*

Antes de continuarmos a “folhear as memórias do Passado”, vamos recordar, a seguir, os Estatutos da Federação Espírita Portuguesa, datados de 1925, e motivo da nomeação de uma Comissão para o estudo da sua alteração – conforme o refere a Acta transcrita atrás. Considerando o comentário do Dr. António J. Freire, sobre as dificuldades da sua aceitação e alterações aconselhadas pelos funcionários do Governo, concluímos que, apesar de toda a boa vontade, os entraves encontrados nos mesmos manietaram em muito aqueles que queriam trabalhar. Terão sido eles, ainda, e talvez, o obstáculo maior à realização do 2º Congresso Nacional de Espiritismo, conforme se depreende da mesma Acta nº 2 da A.G..

O opúsculo da edição desses Estatutos, publicados na Revista de Espiritismo nº1, da F.E.P., desde a sua capa, era:

««« **ESTATUTOS da  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA**

\*

**CAPÍTULO I**

## Denominação, sede, fins e meios

Artigo 1º - É fundada uma associação federativa de carácter científico e moral, denominada *Federação Espírita Portuguesa*, com sede em Lisboa, Travessa André Valente, 7, 1º., regida por estes Estatutos.

Artigo 2º - São fins desta Federação:

- a) Unir, associativa e fraternalmente, todos os Centros e Grupos Espíritas de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Colónias, bem assim todos os espíritas portugueses de ambos os sexos, mesmo quando residam fóra de Lisboa ou no estrangeiro, integrando-os na grande corrente neo-espírita do pensamento científico contemporâneo;
- b) Estudar o Espiritismo sob os seus aspectos: - científico, experimental, filosófico, moral e social; bem assim os seus princípios básicos:- Sobrevivência da alma, Reencarnacionismo ou Vidas sucessivas, Lei da Causalidade através do karma e Comunicação entre encarnados e desencarnados, por intermédio das mediunidades; e ainda as ciências psíquicas que se relacionem com o Espiritismo, bem como as forças hiper-físicas do Universo;
- c) Promover a cultura moral, derivada das leis fundamentais do Espiritismo, baseado no Cristianismo, na sua pureza original – *em espírito e verdade* – despido do véu da letra e de todos os dogmatismos.

Artigo 3º - Para realizar estes objectivos a Federação empregará os seguintes meios:

- a) Organização de cursos das ciências psíquicas, metapsíquicas, parapsíquicas e paleotécnicas;
- b) Fundação de bibliotecas, museus e laboratórios de investigações metapsíquicas e espíritas;
- c) Promovendo conferências públicas e Congressos nacionais e regionais;
- d) Editando publicações de cultura moral e social e uma revista, órgão oficial da Federação;
- e) Organizando e regulamentando grupos experimentais, para desenvolvimento das diversas mediunidades e das faculdades metapsíquicas latentes dos seus associados, que assim o desejarem;
- f) Cooperando em todos os empreendimentos humanitários, nacionais ou internacionais, especialmente os que tendam a combater a pena de morte, as guerras, o regimen presidiário, a prostituição, o alcoolismo e o mau trato aos animais.(1)

## CAPITULO II

## DOS SÓCIOS

### Admissão, direitos e deveres. Irradiação

Artigo 4º - O número de sócios é ilimitado, sem distinção de sexo, de raça, de posição social, de credo político ou religioso, constituindo quatro classes: ordinários, honorários, beneméritos e os Centros Espíritas Federados de que trata o capítulo 3º destes Estatutos.

Artigo 5º - Consideram-se sócios ordinários aqueles que trabalham activamente no cumprimento integral do programa da Federação, devendo a sua admissão ser aprovada por maioria da Direcção, sob proposta de dois sócios, com a indicação de nome, idade, profissão, residência e a quota que desejam pagar.

§ único – Se o candidato a sócio for de menor idade, a proposta será acompanhada da autorização escrita pelo pai ou tutor.

Artigo 6º - Consideram-se sócios honorários todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que prestarem serviços relevantes à Federação ou ao Espiritismo, sendo eleitos por um mínimo de dois terços de votação do Conselho Superior Deliberativo, sob proposta fundamentada de cinco dos seus membros.

Artigo 7º - Consideram-se beneméritos todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que contribuírem com donativos importantes para a Federação, sendo eleitos pelo *Conselho Superior Deliberativo* sob proposta fundamentada de dois dos seus membros.

Artigo 8º - São deveres dos sócios:

- a) Observarem e cumprirem rigorosamente as disposições destes Estatutos e respectivos Regulamentos;
- b) Concorrerem eficazmente para a manutenção e prosperidade da Federação e propaganda do Espiritismo, exemplificando a sua moral;
- c) Exercerem gratuitamente os cargos para que forem eleitos, desempenhando-os com toda a dedicação e proficiência;
- d) Estudarem e desenvolverem, metódica e cientificamente, as suas forças metapsíquicas latentes e a concentração mental, em benefício da Humanidade;
- e) Pagarem uma quota mensal de um, dois e meio ou cinco escudos, conforme as suas posses, podendo, todos aqueles que assim o desejem, concorrer com

quota superior que auxilie valiosamente a Federação.

f) Contribuam anualmente para as despesas inerentes à inscrição da Federação

na «*Federation Spirite Internationale*», com sede em Paris – Rue Copernic, 8;

g) Auxiliem trienalmente a representação da Federação no Congresso Espirita

Internacional;

Artigo 9º - Direitos dos sócios:

a) Votarem e serem votados para todos os cargos da Federação;

b) Inscreverem-se gratuitamente em todos os cursos teóricos e práticos da Federação;

c) Federação, em harmonia com o respectivo Regulamento;

d) Frequentarem o gabinete de leitura, biblioteca, museu e laboratórios;

e) Levarem pessoas do seu conhecimento a todas as conferências;

f) Receberem dois exemplares de todas as publicações gratuitas editadas pela Federação;

g) Solicitarem à Junta Consultiva todos os esclarecimentos e ensinamentos sobre os assuntos em que desejem instruir-se;

h) Apresentarem por escrito à Direcção todos os alvites que julguem consentâneos ao progresso e interesse da Federação;

i) Formularem por escrito à Direcção reclamações devidamente justificadas;

j) Proporem a admissão de sócios ordinários à Direcção.

Artigo 10º - Sob a proposta justificada da maioria da Direcção, serão irradiados os sócios ou Centros Federados, que tenham prejudicado, moral ou materialmente Organizarem grupos experimentais autónomos, funcionando na sede da a Federação, depois de terem sido convidados a apresentarem por escrito a sua defesa dentro do prazo mínimo de trinta dias, quando por um mínimo de dois terços de votos, assim resolva o Conselho Superior Deliberativo, de que não haverá recurso.

§ único – Serão irradiados todos os sócios que, sem motivo justificado, deixem de pagar seis quotas, mensais, sucessivas.

### CAPÍTULO III

#### **Dos Centros Espíritas Federados**

Artigo 11º - Todos os Centros ou Grupos Espíritas portugueses podem ser admitidos pela Direcção como Associações federadas, desde que se proponham, satisfazendo as seguintes condições:

- a) Serem constituídos por pessoas de reconhecida capacidade moral e de esclarecido conhecimento do Espiritismo;
- b) Terem mais de nove sócios e existência devidamente legalizada;
- c) Fraternalizarem e cooperarem, leal e dedicadamente, na realização dos objectivos da Federação, e apresentarem por escrito os alvitreiros que possam beneficiá-la moral, científica ou materialmente;
- d) Enviarem à Direcção da Federação Espírita Portuguesa a sua declaração de adesão, assinada pela maioria dos seus Corpos Gerentes, dois exemplares dos seus Estatutos e Regulamentos, número dos seus sócios, indicando a quota mensal, trimestral ou semestral, com que desejam contribuir para a manutenção da Federação;
- e) Nomear um delegado, residente em Lisboa, que representará na Assembleia Geral um voto por cada dez sócios do Centro Federado, podendo todos os sócios dos Centros Federados tomar parte activa nas discussões das Assembleias Gerais.

Artigo 12º - Quando a Direcção não prove a federação do Centro Proponente, participará ao Conselho Superior Deliberativo os motivos em que baseia a sua rejeição, enviando-lhe todos os documentos e notas confidenciais, a fim de o mesmo Conselho resolver em última instância.

Artigo 13º - Todos os Centros ou Grupos Federados conservam completa autonomia na sua organização e administração interna.

Artigo 14º - A Federação Espírita Portuguesa, como legítima representante do movimento espírita em Portugal, por voto expresso no primeiro Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa em Maio de 1925, prestará toda a sua íntima cooperação e auxílio aos Centros Federados, para o estudo e propaganda do Espiritismo, quer enviando-lhes Conferentes, quer cooperando nos seus Congressos Regionais, quer auxiliando-os em todos os seus empreendimentos neo-espíritualistas.

## CAPÍTULO IV

### Da Direcção

Artigo 15º - A Direcção é constituída por um Presidente, um primeiro Vice-Presidente, um segundo Vice-Presidente, um Secretário Geral, um Primeiro Secretário, um Segundo Secretário, um Tesoureiro e três Vogais, eleitos pela Assembleia Geral, durante o seu mandato por três anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente.

Artigo 16º - Deveres e atribuições da Direcção:

§ 1º - cumprir e fazer executar estes Estatutos e respectivos Regulamentos.



§ 2º - exercer a gerência da Federação com a máxima dedicação e proficiência, especialmente na parte administrativa e financeira;

§ 3º - Resolver os casos não previstos nos Estatutos e Regulamentos que careçam de urgente resolução, ouvindo previamente o Conselho Superior Deliberativo, quando assim julgar conveniente;

§ 4º - apresentar na sessão ordinária da Assembleia Geral as contas da sua gerência e parecer do Conselho Fiscal, em relatório devidamente documentado;

§ 5º - representar oficialmente a Federação em todos os actos associativos, civis e judiciais;

Artigo 17º - A Direcção reunirá em sessão ordinária duas vezes por mês e extraordinariamente sempre que assim julgue necessário.

## CAPÍTULO V

### **Do Conselho Fiscal**

Artigo 18º - O Conselho Fiscal é composto de um Presidente, um Relator, um Secretário e três Vogais suplentes, eleitos pela Assembleia Geral por um triénio, podendo ser reeleito total ou parcialmente.

Artigo 19º - Compete ao Conselho Fiscal:

§ 1º - fiscalizar os actos administrativos da Direcção, devendo o Presidente, sempre que julgue conveniente, assistir às reuniões da Direcção, com voto consultivo;

§ 2º - juntar ao Relatório da Direcção, para ser presente à Assembleia Geral, o seu parecer sobre as contas e actos administrativos da Direcção.

Artigo 20º - O Conselho Fiscal reunirá ordinariamente em cada trimestre e extraordinariamente sempre que for necessário.

## CAPÍTULO VI

### **Da Junta Consultiva**

Artigo 21º - A Junta Consultiva será constituída de dez a cinquenta membros, de reconhecida capacidade moral e intelectual, eleitos pela Assembleia Geral por uma maioria não inferior a dois terços de votos, sendo o seu mandato de três anos e podendo ser reeleita, total ou parcialmente;

§ 1º - compete-lhe resolver as questões de ordem doutrinária e científica que lhe sejam propostas pelos Corpos Gerentes ou pelos sócios;

§ 2º - presidirá às suas sessões o membro mais velho, tendo por secretários os dois membros mais novos;

§ 3º - ficará a cargo do Secretário mais novo a redacção, registo e guarda das actas das sessões.

## CAPÍTULO VII

### **Do Conselho Superior Deliberativo**

Artigo 22º - O Conselho Superior Deliberativo é constituído por todos os membros da Junta Consultiva, pelo Presidente e Vice-Presidente da Assembleia Geral, Presidente, primeiro e segundo Vice-Presidente e Secretário Geral da Direcção, e pelo Presidente do Conselho Fiscal, reunidos em sessão conjunta;

§ único – as reuniões deste Conselho serão convocadas e presididas pelo Presidente da Assembleia Geral, tendo como secretários os dois membros mais novos, realizando uma sessão ordinária mensalmente e extraordinariamente sempre que seja necessário.

Artigo 23º - Além das atribuições exaradas em diversos artigos destes Estatutos, o Conselho Superior Deliberativo tem mais as seguintes:

§ 1º - nomear as Comissões de propaganda doutrinária, de assistência aos enfermos, encarcerados e indigentes, da redacção e gerência do órgão oficial da Federação, de redacção dos Regulamentos internos, todas as comissões auxiliares necessárias à boa execução dos Estatutos e Regulamentos e ainda todos os Delegados Especiais da Federação, nacionais ou estrangeiros;

§ 2º - Organizar e nomear Comissões Delegadas em todas as cidades e concelhos de Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Colónias, procurando harmonizar-se com os Centros Espiritas Federados das respectivas áreas;

a) - o Conselho Superior Deliberativo pode retirar o mandato a todas estas Comissões e delegados, de que tratam os dois últimos parágrafos, fazendo ou não novas nomeações, sempre que assim julgue conveniente aos interesses da Federação, resolvendo em última instância;

§ 3º - elaborar o programa de estudos e cursos teóricos e práticos do Espiritismo, ciências metapsíquicas, parapsíquicas e paleotécnicas, nomeando ou demitindo os respectivos regentes;

§ 4º - proceder à selecção e revisão das publicações que devem ser elaboradas, traduzidas ou editadas pela Federação;

§ 5º - nomear os sócios que devem realizar Conferências dentro ou fóra da Federação, indicando locais e melhor oportunidade, conferindo-lhes o

direito de Delegados Especiais da Federação, para esse fim, quando assim julgue conveniente;

§ 6º - realizar trienalmente um Congresso Espírita Português, em Lisboa ou no Porto, nomeando todas as Comissões respectivas.

§ 7º - nomear os Delegados da Federação aos Congressos Espíritas Portugueses Regionais, ao Congresso Internacional de Espiritismo e bem assim aos Congressos estrangeiros similares, psíquicos e metapsíquicos;

a) - os Delegados aos Congressos Espíritas estrangeiros, ficam obrigados, no prazo de sessenta dias, depois do seu regresso, a apresentarem ao Conselho Superior Deliberativo um circunstanciado relatório sobre o respectivo Congresso, com uma apreciação sobre as suas conclusões e resultados práticos e ainda a fazerem duas conferências públicas, uma em Lisboa, outra no Porto, sobre o mesmo Congresso;

## CAPÍTULO VIII

### **Da Assembleia Geral**

Artigo 24º - A Assembleia Geral é constituída pela reunião de todos os sócios e Delegados dos Centros Federados, sendo soberana nas suas resoluções, nela residindo todos os direitos e poderes da Federação.

Artigo 25º - A Mesa da Assembleia Geral compõe-se de um Presidente, um Vice-Presidente, um primeiro Secretário, e um segundo Secretário, nomeados pela Assembleia Geral, eleitos por três anos, podendo ser reeleitos;

§ único – o mandato da actual Mesa da Assembleia Geral, assim como de todos os Corpos Gerentes e da Junta Consultiva, terminará em trinta e um de Dezembro de 1929.

Artigo 26º - A Assembleia Geral reúne em sessão ordinária trinta dias antes de terminar o mandato dos Corpos Gerentes, a fim de proceder a nova eleição, e trinta dias depois de expirado este mandato para apreciar e discutir o relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, dando o seu voto sobre as conclusões do mesmo.

Artigo 27º - A convocação da Assembleia Geral é feita em dois jornais de Lisboa, de maior circulação, com quinze dias de antecedência, por aviso afixado na sede da Federação, e com sete dias de antecedência para a segunda convocação;

§ 1º - numa primeira convocação a Assembleia Geral só pode funcionar estando presente mais de metade dos sócios residentes em Lisboa;

§ 2º - numa segunda convocação funcionará legalmente com qualquer número de sócios, decorrida meia hora depois da indicada na convocação.

Artigo 28º - A Assembleia Geral poderá ser convocada extraordinariamente:

- a) pelo Conselho Superior Deliberativo;
- b) pelo Presidente da Assembleia Geral;
- c) pela Direcção;
- d) pelo Conselho Fiscal;
- e) a requerimento de vinte e um sócios no gozo pleno dos seus direitos.

## CAPÍTULO IX

### **Disposições Gerais**

Artigo 29º - O ano económico da Federação é o ano civil de um de Janeiro a trinta e um de Dezembro.

Artigo 30º - Os bens imóveis ou quaisquer papeis de crédito só podem ser vendidos, alienados ou hipotecados, por deliberação da Assembleia Geral.

Artigo 31º - A alteração destes Estatutos ou dos Regulamentos internos só pode ser pedida a requerimento de cinquenta sócios, devendo comparecer na Assembleia Geral, convocada exclusivamente para este fim, pelo menos dois terços dos sócios requerentes.

Artigo 32º - A Federação empregará os seus maiores esforços, para obter recursos que lhe permitam adquirir edifício próprio para a sua séde.

Artigo 33º - A Federação não assumirá a responsabilidade de trabalhos experimentais medianímicos ou de qualquer outra natureza, quando realizados pelos seus sócios fóra da sua séde.

## CAPÍTULO X

### **Da dissolução e liquidação**

Artigo 34º - A Federação Espírita Portuguesa só poderá ser dissolvida sob proposta fundamentada do Conselho Superior Deliberativo, apresentada à Assembleia Geral, reunida exclusivamente para este fim, por um mínimo de dois terços de votos correspondentes à totalidade dos sócios e dos votos dos Centros Federados, quando por absoluta carência dos meios materiais não possa satisfazer os seus encargos;

§ único – não se podendo realizar a presença de, pelo menos, dois terços dos sócios de que trata este artigo, nas primeiras duas convocações, será resolvida a dissolução na terceira convocação com qualquer número de sócios presentes e por simples maioria.

Artigo 35º - No caso de dissolução será o Conselho Superior Deliberativo encarregado de efectuar a liquidação em harmonia com as leis vigentes.

§ único – Todo o arquivo será confiado à guarda do Centro Espírita federado, escolhido pelo Conselho Superior Deliberativo, ficando simples detentor e fiel depositário e que devolverá integralmente a qualquer nova Federação Espírita, que por ventura, venha a organizar-se em Portugal.

## CAPÍTULO XI

### Da aprovação destes Estatutos

Artigo 36º - Os presentes Estatutos foram aprovados pela Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa na sua reunião efectuada em 27 de Agosto de 1925, eleita pelo primeiro Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa, em Maio do mesmo ano, assim como também elegeu os Corpos Gerentes em sessão de 11 de Julho de 1926, que devem funcionar até trinta e um de Dezembro de mil novecentos e vinte e nove.

Artigo 37º - A Federação Espírita Portuguesa fica oficialmente constituída nos termos da lei de 14 de Fevereiro de 1907, tendo sido estes Estatutos aprovados legalmente no Governo Civil de Lisboa em vinte e seis de Maio de mil novecentos e vinte e seis.»»»»

\*

\*

(1) - Baseado na alínea f) deste artº nº 2, no nº 4 da Revista de Espiritismo, na pg. 159 de Julho/Agosto de 1927, a F.E.P. manifesta-se contra os touros de morte, afirmando, a determinado momento do texto, pela mão do articulista: *«enquanto a Espanha pelos seus mais altos Magistrados, procura acabar ou, pelo menos, atenuar essa tradicional festa de sangue, colidindo com os mais rudimentares princípios de civilização, e que tanto a tem desprestigiado aos olhos dos países civilizados;- meia dúzia de desvairados pretendem, imbecil, gananciosa ou malevolamente, provocar em Portugal mais um motivo de descrédito e de ignomínia, não sendo já suficiente o estendal de erros e de crimes em que nos debatemos angustiosamente, e a que a imprensa diária dá, por vezes, um relevo altamente censurável e contagioso, numa nervrose de mórbida informação mercantil. Seja quais forem os proventos que daí resultem para a beneficência pública, meios tão degradantes e selvagens não podem justificar os fins da mais nobre filantropia e humanitarismo. Nada de confusões.(...)»*

\*  
\*

Os Estatutos transcritos atrás encontram-se publicados no nº 1 da *Revista de Espiritismo* da F.E.P., e no *Mensageiro Espirita*, também órgão da Federação Espirita Portuguesa, mas o esclarecimento do Dr. António Freire e a própria acta nº 2 da A.G. diz-nos da necessidade da sua alteração. A comissão nomeada para o estudo e alteração dos mesmos existirá ainda em 1933, conforme se lê no número de Maio/Junho da “Revista de Espiritismo” desse ano, na página ‘Noticiário’ que, entre outras coisas, menciona:

««« Assembleia Geral – para continuação da discussão do projecto dos novos estatutos da F.E.P. reuniu no dia 20 de Abril, conforme aviso afixado no tempo competente... (...) Por proposta da Comissão de reajustamento do projecto dos novos Estatutos foi a sessão adiada para o dia 8 de Agosto do corrente ano.»»»»

Mais tarde, com a criação do ‘Laboratório de Metapsicologia’, a Direcção vigente tentará a alteração dos Estatutos para a inclusão da criação e funcionamento do Laboratório nos mesmos. Mais à frente veremos como tal atitude foi contraproducente para a Federação e seu destino...

\*

Continuando a “mergulhar” no Passado, do livro «Da evolução do Espiritismo», do Dr. António J. Freire - uma edição da Federação Espirita Portuguesa, publicada em 1952 -, transcrevemos, da sua terceira parte, intitulada “Subsídios para a História do Espiritismo em Portugal”:

«««(...) Dois factos dominam a História do Espiritismo em Portugal: o I Congresso Espirita Português, realizado em Lisboa, de 15 a 18 de Maio de 1925; e a inauguração da Federação Espirita Portuguesa, em 31 de Julho de 1926, cuja fundação e organização constituíam a primeira finalidade do referido Congresso.

«««Já lá vão mais de vinte e cinco anos de lutas e vicissitudes. No entanto, vibro, ainda agora, de contentamento e de entusiasmo ao recordar com saudade esses quatro dias memoráveis, triunfantes, que durou o I Congresso Espirita Português, efectuado obsequiosamente, nas amplas salas do benemérito e patriótico Ateneu Comercial de Lisboa, com numerosa e selecta representação dos espíritas portugueses que ocorreram entusiasticamente de todos os cantos de Portugal.



«««Essa brilhante jornada, essa gloriosa parada de forças, constituiu um êxito extraordinário, de notável repercussão nacional e internacional.

«««Todos os jornais diários se ocuparam com largo desenvolvimento e invulgares louvores a esse Congresso. Tanto *O Século*, como o *Diário de Notícias*, consagraram, em média, quatro a cinco colunas diárias aos debates ali ocorridos, prestando-lhes toda a justiça e merecidos elogios.

«««A opinião pública do nosso País acabou por compreender que o Espiritismo, no seu duplo significado – *científico e cristão* – é a nova Ciência da alma humana, numa moderna orientação positiva, animado da nobre e progressiva missão de regenerar e espiritualizar a Humanidade por novos métodos e processos que, embora se radiquem no sentimento humano, têm de florir e frutificar na sua inteligência, conduta e acção. É um luminoso e radiante Mundo, contendo novos Mundos, que se abrem para todos aqueles que queiram estudar e meditar sobre os complexos problemas da Existência e do Destino humano à luz do Espiritismo.

\*

««« (...) depois de algumas tentativas que fiz no sentido de dar realização à missão que me tinha sido confiada, cheguei à conclusão de que as dificuldades com que iria lutar, ultrapassavam a expectativa mais pessimista. A Comissão a que presidia poucos auxílios me poderia dar: uns pela sua proveta idade; outros por doença; outros ainda por afazeres profissionais e oficiais, etc..

«««Vivi meses de profunda inquietação, mas não de desalento. Sacrifiquei grande parte da minha vida profissional, e lancei-me, quase isolado, ao trabalho, pois só assim a Federação poderia ter realidade objectiva e prática.

«««Duas forças me animaram sempre nos transes mais difíceis: a minha dedicação ao Ideal conjugada com os compromissos que tomei antes desta minha reencarnação, facto de que mantinha e mantenho pleno conhecimento; e a confiança e conforto que recebera do I Congresso Espírita Português.

«««O essencial era arranjar casa para a Federação. (...). O máximo auxílio monetário de que eu podia dispor, nessa ocasião, era de trezentos escudos mensais, único rendimento das cotas dos sócios fundadores.

««« (...). Só em Julho de 1926, consegui obter uma modesta sala na Travessa de André Valente, cuja renda mensal era de 450 escudos, onde foi inaugurada a Federação, mas sem as condições indispensáveis para trabalhar no expediente, organização, propaganda, etc..

«««Enfim, o Rubicão estava transposto, e a inauguração da Federação Espírita Portuguesa, tão pobre à nascença, era um facto consumado. (...).Graças ao valioso auxílio e a uma combinação feliz da Senhora D. Maria O'Neill, a quem, repito, a Federação Espírita Portuguesa deve os mais relevantes serviços e sacrifícios, transitámos, em Abril de 1927, para a Rua da Assunção, ocupando um quarto andar, sem elevador, tendo subalugado alguns dos compartimentos, pois a renda mensal ia além de um conto de reis. A mobília, e só a indispensável, também foi obtida, em muitas boas condições, num leilão particular, devido à acção de um meu velho amigo que muito me auxiliou, facilitando-me preços e crédito. (...).

««« A máquina, ainda que modesta, estava montada; era, pois, necessário obrigá-la ao máximo rendimento de energias e de actividade numa orientação metódica e progressiva. E assim se fez. »»»

\*

Interrompemos este relato para transcrevermos, pela sua importância, dois artigos publicados na 'Revista de Espiritismo' da F.E.P.. O primeiro pode ser lido no nº. 5, de Setembro/Outubro de 1928, tal como nós o fizemos. Ei-lo:

««« Federação Espírita Portuguesa

««« Proposta apresentada pela Direcção ao Conselho Superior Deliberativo

««« Considerando que a Federação Espírita Portuguesa tem visto aumentar consideravelmente o número dos seus sócios, desde que se encontra instalada na sua sede actual, e aí foram iniciados os trabalhos experimentais e de propaganda, o que não lhe foi possível realizar na sua primitiva sede, reduzida a uma simples sala, na Travessa André Valente, 7;

««« Considerando que, em consequência deste sucessivo aumento de sócios, a sede actual não comporta já o seu movimento, não permitindo o funcionamento regular dos trabalhos federativos, impossibilitando a Federação de desenvolver toda a sua actividade de propaganda, na sua máxima potencialidade, como é seu desejo e dever;

««« Considerando as graves dificuldades com que a Direcção da Federação Espírita Portuguesa tem lutado, dia a dia, para o regular funcionamento dos trabalhos federativos, sem ter conseguido obter casa em melhores condições, apesar das incessantes e porfiadas tentativas feitas nesse sentido, não só pela extrema dificuldade de encontrar casa que satisfaça às necessidades da Federação, mas ainda pelos excessivos preços de trespases e rendas correlativas, muito além das disponibilidades financeiras;

««« Considerando que os encargos actuais da renda mensal da sede se elevam a novecentos e cinquenta escudos, a pesar de ser um acanhado 4º andar, sem elevador, cuja maior sala não comporta mais de sessenta pessoas, absorvendo este encargo uma parte importantíssima da receita da Federação;

««« Considerando que é indispensável encontrar uma solução *imediate* que resolva os graves inconvenientes que resultam, para a expansão do Espiritismo, da deficientíssima instalação actual da F.E.P., onde a actividade da propaganda é muito prejudicada pelas minguadas proporções da sua sede e seu difficil acesso;

««« Considerando que se torna necessário obter uma sala com capacidade, pelo menos, para 700 pessoas, para que sejam fecundos os resultados das palestras, conferências, trabalhos experimentais, tratamentos espiritistas, festivais de confraternização e beneficência, etc., promovidos pela Federação Espirita Portuguesa;

««« Considerando que é utilíssimo fundar um museu e laboratório de experimentais o desenvolvimento investigações metapsiquicas e espiritistas, para se dar aos trabalhos e rigor que os imponham mesmo àqueles que divirjam da doutrina espiritista, e onde possam trabalhar os *médiuns* estrangeiros que a Federação convide a vir a Portugal;

««« Considerando que a única solução para remediar estas deficiências e graves inconvenientes é a construção de um edifício próprio, propositadamente edificado para comportar tais instalações;

««« A Direcção da F.E.P., na sua sessão de 8 de Agosto, depois de ponderado estudo, confiando na grande dedicação e espirito de sacrificio dos seus prezados consócios, resolveu, por unanimidade, propôr ao mui digno Conselho Superior Deliberativo se digne dar realização ao artigo 32º. Dos Estatutos (artº. 32º - A Federação empregará os seus maiores esforços para obter recursos que lhe permitam adquirir edifício próprio para a sua sede), empregando, para já, os seguintes meios:

««« 1º Que se trate da aquisição imediata de terreno para a construção, empregando todas as disponibilidades monetárias da Federação que não afectem o seu funcionamento regular, aproveitando a oferta de empréstimo, *sem juros*, que foi feita à Direcção por dedicados confrades, na quantia indispensável para a aquisição do terreno;

««« 2º Que seja nomeada uma Comissão encarregada de estudar todas as condições de local e preço, com poderes para proceder à aquisição do terreno que julgar conveniente;

««« 3º Que se proceda imediatamente às subscrições destinadas à construção da sede, apelando para a nobre isenção e abnegado espirito de sacrificio de todos os espiritas portugueses e, ainda, para a fidalga generosidade dos nossos queridos irmãos brasileiros, a quem nos liga a

mais íntima confraternização de Ideal, de raça e de língua, e que certamente, hão de saber corresponder, dedicada e abnegadamente, a este justo apêlo dos seus irmãos portugueses;

««« 4º Que se aguarde o resultado da subscrição para se resolver a orientação a seguir na construção do edifício próprio para a sede da Federação.

««« Lisboa, 8 de Agosto de 1918. – A DIRECÇÃO DA F.E.P.

*««« Esta proposta foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão de 26 de Agosto de 1928, e nomeada a Comissão Central Prò-Sede da Federação Espirita Portuguesa, com poderes de nomear as Sub-Comissões nacionais e estrangeiras, e angariar os respectivos donativos.*

««« Comissão Pró-Sede da Federação Espirita Portuguesa

Dra. D. Amélia Cardia (1) – General Júlio César Barata Feyo – Dr. Afonso A. Martins Velho – Engenheiro Ângelo Sarrea de Sousa Prado – Firmino Assunção Teixeira – Capitão-Tenente José Freire Grainha – Aires Vaz Raposo – Fernando de Almeida da Cruz Ferreira – Dr. António J. Freire – António L. Vilela – Pedro Cardia.

««« A SUBSCRIÇÃO PRÓ-FEDERAÇÃO vai iniciar-se no próximo número desta Revista. Apelamos, pois, para a abnegação e espírito de sacrifício dos Espiritas Portugueses, que, certamente, hão de saber corresponder condignamente aos altos interesses do Espiritismo e desta Federação, que é património de todos. – A Comissão Prò-Sede da F.E.P.»»»»

(1) – No nº da R.E., de Maio/Junho de 1930, encontra-se uma carta aberta dirigida aos Espiritas leitores da Revista, informando que o livro “Na Atmosfera da Terra”, que “a Dra. Amélia Cardia escreveu propositadamente para que o produto da sua venda seja aplicado à construção do edifício da sede social da F.E.P.”, e que motivos imprevistos atrasaram na sua edição, encontra-se à venda, ao preço de 12 escudos, à cobrança, e de 10 escudos na F.E.P.. A carta é acompanhada de um texto explicativo da maneira como deverá aquela obra ser pedida pelos espiritas, quanto à sua encomenda e remessa.

E a página do ‘Noticiário’ da R.E. da F.E.P., de Março/Abril de 1931, refere:

««« Assembleia Geral da F.E.P. - (...) reuniu-se no dia 7 de Março às 21 horas a Assembleia Geral Extraordinária da F.E.P. convocada para tratar de assuntos respeitantes à nova sede.

««« Tendo havido uma proposta para a aquisição do terreno que a Federação possui na Rua Almeida Brandão, julgado por alguns sócios pouco central, proposta da qual poderiam resultar vantagens materiais para a F.E.P. e havendo talvez conveniência em adquirir terreno em ponto mais central da cidade, a Direcção expôs o assunto à Assembleia Geral que, com toda a confiança, deu plenos poderes à Direcção para realizar as operações que julgasse mais convenientes aos interesses da Federação.

««« Tendo em consideração as dificuldades levantadas à construção da nova sede ficou aprovada em princípio a aquisição de qualquer propriedade que pudesse adaptar-se à sede, satisfazendo às mesmas condições essenciais que a projectada, desde que os maiores subscritores com isso concordem. (...) »»».

\*

«««A organização espírita portuguesa, abrangendo Portugal, Ilhas e Ultramar, e uma intensa propaganda por conferências públicas através do País, eram os dois pólos onde gravitavam todos os nossos anseios de acção, sem esquecer o Brasil que sempre mereceu, a todos nós, a mais afectuosa e grata camaradagem. A correspondência federativa e os arquivos o comprova plenamente.

«««Logo que terminou o I Congresso Espírita Português, principiei a estudar os planos de acção federativa com a Senhora D. Maria O'Neill, Dr. Martins Velho e o Dr. Adolfo Sena, professor de Fisica da Universidade de Lisboa, e nosso dedicadíssimo Confrade. Logo que, meses depois, tomou posse a Direcção da Federação Espírita Portuguesa, foram apresentados os nossos projectos, que foram aprovados e realizados, em grande parte, já no primeiro ano da gerência directiva. Planos e projectos, e as respectivas realizações operadas no primeiro ano de exercício da Federação, que vão além das perspectivas mais optimistas, encontram-se descritas no respectivo Relatório, exposto na *Revista de Espiritismo*, órgão da F.E.P., no 1º volume, 1927, páginas 151 e seguintes. (A sua transcrição seria longa e repetitiva, já que os temas ali referidos têm sido focados atrás, nos apontamentos que temos transcrito. Assim sendo, vamos omiti-lo). Foi um trabalho exaustivo, por vezes de muito difícil execução, mas fecundo em resultados práticos para a dignificação e prestígio nacional e internacional da Federação Espírita Portuguesa e para a propaganda do Espiritismo.

«««A estrutura orgânica federativa, tal como a concebemos de início, era essencialmente descentralizadora: Centros e Grupos espíritas federados,

gozando de toda a autonomia; Delegados concelhios como medida preliminar e básica para as Comissões Concelhias, que a seu turno nomeariam as Comissões Provinciais que orientavam a propaganda local, e mais tarde organizariam Congressos Espíritas Provinciais, sob o auspício e auxílio da Federação. Só o Algarve realizou, entre nós, Congressos Espíritas Regionais. Mas esteve em vias de realização igual plano para as Províncias da Beira Litoral (base central Coimbra), do Douro (base Porto), do Alentejo (base Beja). O programa, embora de difícil execução, poder-se-ia ter realizado, se, mais tarde, tivesse havido continuidade e perseverança dentro dos Corpos Directivos da Federação.

«««Para o Ultramar, atendendo à diversidade de critério nas Divisões Administrativas, os espíritas ali residentes escolheriam a forma mais prática e eficiente de eleger as respectivas Comissões Federativas, orientando as eleições nos mesmos moldes estatutários de que na Metrópole, localizando-as dentro da principal sede da Divisão Administrativa, sempre que fosse possível. Algumas se conseguiram organizar tanto na África Ocidental como na África Oriental Portuguesa.

«««A mesma orientação foi estabelecida para estreitar os laços de fraternidade, e de reciprocidade de serviços, entre todos os núcleos de portugueses residentes no Estrangeiro, quer no Brasil, onde a nossa Federação tomou uma expansão quase geral, pois chegaram a eleger-se Comissões Federativas pró-Federação Espírita Portuguesa em quase todos os Estados Brasileiros, e Delegados nas principais cidades brasileiras.

«««Na América do Norte, o resultado foi de muito menor alcance e muito mais moroso e difícil, devido, em parte, à falta de tenacidade e continuidade neste propósito por parte das Direcções subsequentes.

«««Logo no primeiro ano, a Direcção conseguiu organizar algumas dezenas de Comissões concelhias: talvez mais de cinquenta.

\*

«««Estavam lançadas as bases da organização federativa, quer em todo o Império Português, quer no Brasil, onde a Federação Espírita Portuguesa alcançou o mais alto prestígio e consideração, de que ultimamente tem sido esbulhada abusivamente por um maquiavelismo inqualificável.

«««(Nota do rodapé: *foi, de facto, com a melhor camaradagem e dedicação insuperável, que os nossos Confrades brasileiros e Confrades portugueses, residentes no Brasil, corresponderam e apreciaram devidamente os esforços e sacrifícios dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa.*



*«Desde o seu início, depois do I Congresso Espírita Português, aqueles nossos dedicadíssimos Confrades prestaram os mais valiosos auxílios morais e materiais, de incitamento e de confraternização, aos Dirigentes federativos portugueses.*

*«Em poucos meses, estavam formadas Comissões Brasileiras Pró-Federação Espírita Portuguesa na maior parte dos Estados do Brasil; nomeados Delegados nas principais cidades; inscritos muitas centenas de sócios e assinantes da Revista de Espiritismo, órgão oficial da F.E.P.. Foi um movimento surpreendente, vertiginoso, vibrante de simpatia e de confraternização. As suas fases mais importantes e os seus obreiros mais dedicados estão inscritos com o devido relevo na Revista de Espiritismo, órgão da F.E.P.»»» (In EVOLUÇÃO DO ESPIRITISMO, 3ª Parte, pgs. 308/319).*

A “Revista de Espiritismo” da Federação Espírita Portuguesa, bimestral, iniciada em Janeiro de 1927, publica no seu primeiro número, a “carta aberta aos espíritas portugueses”, assinada pelo Dr. Martins Velho, 1º Presidente da Direcção da F.E.P.:

««« Os objectivos vastos e complexos da Federação Espírita Portuguesa, expressos nitidamente nos seus Estatutos, publicados integralmente no presente número desta Revista, só podem ter uma realização prática, se todos nós nos compenetrarmos do inadiável dever de nos unirmos fraternalmente, numa íntima e estreita cooperação moral, intelectual e financeira, para assim vencermos as dificuldades com que, certamente, depararemos nesta cruzada de regeneração social – *“levando a Luz aos cegos que conduzem cegos”*.

««« *A Organização Espírita Portuguesa* está por fazer, sendo necessário que se faça com a possível brevidade, para se poder efectivar um trabalho de propaganda intensiva e profícua e o seu natural núcleo de atracção e de orientação é, lógica e evidentemente, a Federação Espírita Portuguesa, mercê dos altos valores morais e intelectuais que nela se integraram, rompendo com inveterados preconceitos sociais, sacrificando até legítimos interesses pessoais, num nobre e invulgar gesto de coerência moral e de plena confraternização, a que todos nós devemos prestar a devida homenagem.

«««A Família Espírita Portuguesa é já numerosa, tanto em Portugal continental, como nas Ilhas adjacentes e mesmo nas Colónias, como ficou plenamente comprovado no 1º Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio de 1925, cujo brilhantismo, de que se soube revestir, mereceu as mais encomiásticas e justas referências da imprensa diária da capital.

«««A todos os nossos Confrades Portugueses pedimos encarecidamente, envidem todos os seus melhores esforços no sentido de elegerem, com a possível brevidade, as Comissões Federativas de Propaganda Espírita concelhias, em harmonia com as instruções do Conselho Superior Deliberativo, que transcrevemos textualmente: “O Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão ordinária de três de Setembro p.p., determinou por unanimidade de votos, que a organização federativa dos Espíritas Portugueses tivesse por base os conselhos administrativos, para a Província e Ilhas Adjacentes. Neste sentido, todos os Espíritas de cada conselho que desejam federar-se, devem reunir-se, a fim de elegerem uma Comissão de três a onze membros, que será denominada Comissão Federativa de Propaganda Espírita, cujo Presidente e Vice-presidente eleitos serão, respectivamente, o Delegado e Sub-delegado concelhios da Federação Espírita Portuguesa. Esta Organização não impede os Centros ou Grupos Espíritas, dos diferentes concelhos, legalmente organizados, se federarem colectivamente, em harmonia com o Capítulo III dos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa. Para todas as Colónias Portuguesas, onde preside diversidade de critério nas divisões administrativas, os Espíritas aí residentes escolherão a forma mais prática de elegerem as Comissões Federativas de Propaganda Espírita, orientando a eleição nos mesmos moldes e localizando-a dentro das respectivas divisões administrativas, sempre que seja possível. Será desnecessário encarecer a necessidade urgente de todos os Espíritas Portugueses se organizarem e federarem, para, assim, numa união de íntima confraternização, trabalharmos harmonicamente, para a propaganda do nosso Ideal e para a realização dos objectivos expressos nos Estatutos da Federação Espírita Portuguesa”»»».

«««Só a união faz a força.»»»»

\*

\*

\*

E o Dr. António Joaquim Freire continua a recordar, no seu livro já referido:

«««O período que decorre, de 1926 a 1935, foi a época heróica, o período aureo da propaganda e difusão do Espiritismo, em Portugal, através de sacrifícios, desilusões e dificuldades, de toda a ordem, que arrostaram e souberam vencer os fundadores da Federação Espírita Portuguesa, reduzidos a um restrito número de trabalhadores dedicados e incansáveis.

«««Pouquíssimas obras de fundo se publicaram durante esta época de trabalho insano, perseverante, tenaz, sem solução de continuidade, quer na propaganda, quer na organização federativa. Foi o período glorioso e fecundo das conferências do Norte ao Sul de Portugal, à *custa dos conferentes*, e da publicação e distribuição de folhetos e de folhas soltas, aos milhares, sem conta, peso nem medida, distribuídos gratuitamente por todo o País.

«««Não foi, pois, sem espanto e indignação, que lemos, há tempo, uma nótula numa revista portuguesa da especialidade, em que se afirmava, depreciativamente, que os fundadores da Federação Espírita Portuguesa – *“pouco ou nada tinham feito”*.

«««(...). À face da mais elementar justiça, perante tão torpe insídia, temos o indeclinável dever de protestar, e protestamos, não em nome dos vivos, mas evocando essa brilhante e abnegada galeria dos falecidos, almas de escol, espíritos desencarnados, que foram admiráveis e activos fundadores e organizadores da Federação Espírita Portuguesa, todos publicistas de mérito: D. Maria O’Neil; Dra. D. Amélia Cardia; General Viriato Zeferino Passaláqua, o mais orifundo e erudito hermeneuta do Velho e Novo Testamento, através de inúmeros artigos; General de Artilharia Arnaldo Costa Cabral de Quadros, publicista e conferente de grande envergadura e valor; Dr. Alberto Zagalo Fernandes, superiormente inteligente e culto, duas vezes eleito presidente da Academia de Lisboa, tão cedo arrebatado, num desastre de automóvel, à nossa amizade, admiração e colaboração; e alguns outros confrades, dignos de toda a nossa afectuosa e grata saudade.

«««Nota do Rodapé:- *Devemos ainda mencionar alguns escritores e publicistas portugueses que merecem não ficar esquecidos, alguns de boa escola e de mérito reconhecido: Dr. João Antunes, autor de «O Espiritismo» e de outras numerosas monografias de teosofia, hipnomagnetismo, orientalismo, hermetismo, etc.; Dr. Sousa Couto que, com o seu admirável prólogo do 1º volume «Do País da Luz», de 80 páginas, nos fornece um instrutivo manual de Espiritismo. (...). Temos, ainda, Fernando da Cruz Ferreira com a sua instrutiva colectânea de conferências - «Amor, Vida e Evolução»; Francisco Alves, generoso benemérito da F.E.P., e autor de três livros espíritas doutrinários - «Ouvi», «Repto ao Mundo», «Verdade»; do Grupo Espírita Amor e Caridade - «A vida de Além Túmulo», livro volumoso, composto de duas partes: uma doutrinária e filosófica; outra contendo mensagens supranormais obtidas no referido grupo; J. J. da Costa Braga - «A Oração como Princípio» - esta monografia tem a segunda parte intitulada --Reflexões sobre sessões espíritas».*

«««No difícil género do teatro espírita, registamos a auspiciosa e brilhante estreia do distinto professor, o Sr. José de Oliveira Rebordão - «Cegos» (Prémio e Castigo) – drama excelentemente concebido, empolgante na forma e no conceito, baseado no duplo mecanismo do Reencarnacionismo e do Karma; - uma instrutiva lição de moral extraída das vidas sucessivas, da pluralidade das existências.

«««No romance: a consagrada escritora, Senhora D. Maria Veleda - «A Casa Assombrada»; - José Pereira de Lima - «Sobre um Vulcão», «O Livro de Aura», etc..». ( In : “A EVOLUÇÃO DO ESPIRITISMO”, 3ª Parte , das pgs. 286 a 290).

\*

«««Logo nos primeiros meses de exercício da Federação, todos os esforços convergiram com decisão, energia e actividade, para a propaganda.

«««A Federação, apesar de grandes dificuldades financeiras, que foram cobertas por um empréstimo, obtido por Confrades e Amigos do Alentejo, empréstimo que foi saldado dois anos depois, lançou logo, nos seus primeiros meses de exercício, duas publicações periódicas, seus órgãos oficiais: *Revista de Espiritismo*, bimestral, que durou de 1927 a 1938, e *Mensageiro Espírita*, também bimestral, alternando com a publicação anterior, cuja direcção foi confiada à superior competência da Senhora Dra. D. Amélia Cardia, a primeira senhora que em Portugal, obteve o diploma de médica, que à Federação prestou relevantes serviços.

«««Estas duas publicações, particularmente a primeira, com uma admirável e proficiente Direcção e com um esplêndido Corpo de Redacção, teve números com duas edições, tal foi o extraordinário êxito que obteve em Portugal e no estrangeiro, especialmente em Espanha e no Brasil, onde os assinantes se contavam por muitas centenas, tendo sido considerada internacionalmente como uma das melhores revistas espíritas mundiais. Ainda hoje, os seus dez volumes, todos esgotados, constituem preciosos elementos de estudo, repositórios dos variados aspectos do Espiritismo.

«««Era tal o prestígio internacional do órgão oficial da Federação Espírita Portuguesa, que tendo aberto um inquérito sobre o Espiritismo, obtivemos a colaboração das maiores sumidades espíritas mundiais, tais como: Oliver Lodge, Conan Doyle, Ernesto Bozzano, André Ripert, Henri Azam, Andry-Bourgeois, Quintin Lopez, Jacinto Benavente, Ernest W. Oaten, etc., etc., que fizeram acompanhar os seus inquéritos de cartas gentilíssimas para a Federação Espírita Portuguesa.

«««Afora estas duas publicações periódicas, logo nos primeiros anos publicaram-se mais de cem mil monografias e folhetos, de distribuição gratuita, redigidos pelos melhores escritores espíritas portugueses, quase todos de carácter científico.

««« (...) A distribuição gratuita das publicações periódicas e eventuais foi, por vezes, até às aldeias mais sertanejas de Portugal, de preferência às sedes das freguesias, endereçadas aos respetivos professores primários. Ofertas gratuitas, enviadas regularmente para Associações laicas, Liceus, Clubes, Federações, Academias, Grémios, Sociedades, Hoteis, etc., registavam os nossos ficheiros perto de mil e cem endereços, abrangendo Portugal, Ilhas e Ultramar. Nesse tempo, este trabalho representava um esforço hercúleo, pois a Federação não tinha empregado algum remunerado»»» . (Do mesmo livro, pgs. 318 a 320).

\*

«««Já lá vão decorridos 25 anos depois da inauguração da Federação Espírita Portuguesa numa modesta sala da Travessa de André Valente.

«««Lembro-me como se tivesse sido ontem...

«««Foi numa noite quente, muito quente, sufocante, a última noite de Julho de 1926.

.....

«««Foram muitos os oradores da noite.

«««D. Maria O'Neill, da Academia de Ciências de Lisboa, oradora admirável, fluente e conceituosa, de recursos sempre prontos e inéditos, oradora sem par no movimento da propaganda espírita através do nosso País, a quem a jovem Federação deve serviços de grande relevo, foi quem melhores e mais merecidos aplausos recebeu nessa noite memorável, para mim inolvidável.

«««(...) Foi também primoroso e, sem dúvida, um dos mais apreciados nessa noite encantadora de confraternização espírita, o discurso pronunciado pelo decano do Espiritismo Português, o meu amigo e mestre, o Dr. Afonso A. Martins Velho, escritor espírita consagrado, operoso e hábil investigador nos domínios experimentais do Espiritismo e do Biomagnetismo. A sua avançada idade e doenças não lhe permitiram que pudesse exercer os mais altos cargos dentro da Federação.

«««(...) A meu insistente pedido, o Dr. Martins Velho foi o primeiro presidente da Federação Espírita Portuguesa, e, só nestas condições, aceitei o cargo de vice-presidente.

«««Foi, de facto, um valoroso pioneiro do Espiritismo em Portugal, tais eram as suas admiráveis qualidades de inteligência e excelsas virtudes.



««««(...) Invocar o Dr. Martins Velho, é lembrar, para pôr em devido relevo e realce, os seus íntimos amigos, também, como ele, os mais antigos e esforçados pioneiros do Espiritismo, em Portugal: o Dr. Sousa Couto, publicista de grande envergadura, destemido e eloquente propagandista, homem de bem às direitas, inteligente, culto e modesto, que fundou e dirigiu com nobreza e proficiência a sua magnífica revista –*Estudos Psíquicos* – de 1905 a 1909; e o esplêndido médium, clarividente e psicógrafo mecânico, o célebre e bondoso Fernando de Lacerda, autor dos quatro volumes “Do País da Luz”, que fizeram sensação e provocaram agudas polémicas, contendo mensagens supranormais dos principais escritores portugueses falecidos e doutros estrangeiros.

««««Como médium psicógrafo mecânico, mediunidade rara que dificilmente dá o flanco às mistificações, reproduzindo o estilo particular de cada escritor falecido comunicante, Fernando de Lacerda, pela qualidade e quantidade das mensagens recebidas, não tem rival, nem nacional nem mesmo, internacionalmente. É o maior valor mundial dentro da psicografia *mecânica*.

««««(...) Aqui expressamos a nossa grata saudade, e preito de reconhecimento e de admiração, aos maiores, mais antigos e destemidos pioneiros do Espiritismo em Portugal: Dr. Afonso A. Martins Velho, Dr. Sousa Couto e Fernando de Lacerda.

««««Nota do Rodapé (pg. 307/308): - *Devemos especial referência às tentativas realizadas, com dedicação e perseverança, na difusão do Espiritismo, em Portugal, em 1910, por iniciativa do Sr. Dr. Gilberto S. Marques.*

««««*À sua acção persistente e tenaz se deve, em Lisboa, a fundação de centros de cultura, estudo e irradiação do Espiritismo; em 1910, a Aliança Neo-Espiritualista Portuguesa; em 1912, o Instituto Internacional de Psicologia, que dirigiu com dedicação e competência, mantendo um intenso intercâmbio com as mais conceituadas associações congêneres internacionais.*

««««*Por acção directa do sr. Dr. Gilberto Marques foram editadas as revistas: Novos Horizontes, em 1913; O Sucesso, em 1914; com larga tiragem de distribuição gratuita. Também publicou os instrutivos opúsculos de fundo neo-espiritualista: O Segredo do Sucesso, Aos Espíritas Portugueses, O Materialismo, origem de todos os males da Humanidade. O primeiro ocupa-se de Psicoterapia, Biomagnetismo e de O Poder Mental.*

««««*Em todas estas iniciativas, o sr. Dr. Gilberto Marques revelou três excelentes qualidades: proficiência, originalidade e tenacidade.*



*«««A guerra mundial de 1914, e a sua saída de Lisboa para a América do Norte, onde exerceu o cargo de nosso cônsul, em Providence, não deixaram florescer e frutificar grande parte das suas iniciativas.*

*«««Segundo afirma o sr. Dr. Gilberto Marques (Rev. de Espiritismo – Lisboa, 1932), os seus melhores e mais íntimos colaboradores foram os Srs. General Viriato Z. Passaláqua, Engenheiro A. Sárrea Prado e António Castanheira de Moura.*

*«««Os dois primeiros já faleceram. O Sr. António Castanheira de Moura, fervoroso propagandista dos velhos tempos, é um dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa, actualmente seu Vice-Presidente, a que tem consagrado o melhor do seu esforço, dedicação e proficiência.»»»*

E continuando, ainda, a recordar, o Dr. António J. Freire foca – mais uma vez em rodapé:

*«««Publicistas: em plena actividade, alguns colaborando na Revista de Metapsicologia, órgão da Federação Espírita Portuguesa: - A Senhora de Marques Guedes, Dr. Luiz da Silva Andrade, José Camilo de Almeida, Dr. Arcílio Carvalhal, Manuel Tavares, Raul de Figueiredo, Frederico Duarte, Júlio de Sousa e Costa, etc.*

*«««Não nos devemos esquecer de alguns publicistas, que, pelos seus afazeres, são menos activos na preparação dos seus artigos: Capitão Augusto da Silva Flores, Dr. Évora Macedo, Eng<sup>o</sup> J. A. Manique de Albuquerque, Prof. José Francisco Cabrita, Joaquim Quintela Paixão, Fernando Almiro, A. de Freitas e Silva, J. Vendrell, etc..*

*«««In memorium: A nossa saudade vai também para os antigos camaradas com que lutamos conjuntamente na Imprensa espírita, agora já falecidos, alguns de requintado merecimento: D. Emília Pomar de Sousa Machado, Dr. Artur Dias Prates (médico), Eugénio Tavares (Cabo Verde), Comandante Severiano Ivens Ferraz, Capitão Arnaldo Gomes Duarte, Pereira Bravo, Gamaliel (este pseudónimo representava um dos mais brilhantes publicistas do Clero português, que colaborou anos consecutivos, até ao seu falecimento, na antiga Revista de Espiritismo. Não lhe mencionamos o nome a fim de evitar represálias em pessoas de sua família ainda vivas).*

\*

*«««Merece-nos especial referência o fecundo e insígne escritor portuense, o sr. Dr. Martins de Oliveira, mestre consagrado, dos melhores de Portugal, em Hipnomagnetismo, Astrologia, Hemetismo.*

*«««Embora não esteja filiado no Espiritismo, tem-lhe prestado serviços valiosos com a sua penetrante inteligência e vasta cultura. As suas obras*

contam-se por dezenas, algumas traduzidas em França, Espanha, Inglaterra, etc.; outras estão esgotadas.

«««Actualmente, é um dos redactores mais brilhantes e proficientes da *Revista de Metapsicologia*, órgão da Federação Espírita Portuguesa.

«««Também nos merece especial atenção o sr. Pedro Cardia, autor do *Catecismo Neo-espiritualista*, dialogado, do melhor que se tem escrito neste género difícil. Secretário de Redacção da antiga *Revista de Espiritismo*, foi um dos mais brilhantes e cultos redactores. (...).

«««Não devemos esquecer o sr. António Castanheira de Moura, um dos mais antigos pioneiros do Espiritismo, em Portugal, elemento activo na actual renovação e depuração da Federação Espírita Portuguesa; autor, em colaboração, de alguns folhetos de propaganda espírita, e um dos modernos colaboradores do órgão da F.E.P., tendo alguns dos seus artigos sido transcritos na Imprensa estrangeira.

«««(...) Dentro de Lisboa, sobressaem como activos e hábeis propagandistas do Espiritismo, quer na classe média, quer na classe culta e elevada, os srs. Pedro Cardia, Augusto Grave e António Castanheira de Moura. À sua actividade e dedicação se deve a entrada de muitos sócios para a Federação Espírita Portuguesa, desde a sua fundação.

\*

««« (...) Para terminar – e havia tantíssimo para dizer! – devemos ainda uma especial referência a alguns antigos directores de revistas e jornais espíritas portugueses.

«««O sr. Prof. José Francisco Cabrita, antigo director de *Ecos do Além* – Lagoa, Silves, foi o principal promotor e organizador dos Congressos Espíritas Algarvios que tão grande influência tiveram na difusão do Espiritismo na linda província do Algarve. Não devemos esquecer que teve como dedicado auxiliar, entre outros, o sr. Tenente Manuel Caetano de Sousa, poeta e publicista de mérito.

«««Devemos ainda mencionar os dedicados e activos propagandistas: os srs. Avelino da Silva Fernandes, antigo director do jornal *Sol do Porvir*, de Leiria; António Xavier Gorina e Joaquim Marques Quintela Paixão, respectivamente antigos director e sub-director da apreciada revista *O Espírita*, do Barreiro; e, ainda, José Zarco Júnior, antigo director do jornal *Voz do Além*, de Beja. (...)»»» (Do livro, *EVOLUÇÃO DO ESPIRITISMO*, 3ª Parte, pgs. 290 a 294).

\*

E António Freire folheia, ainda, as suas memórias, enquanto focaliza outros companheiros que não quer deixar de referir:

«««Entre alguns escritores de valor mental e cultural, no norte do País, destacamos o Dr. Amilcar de Sousa, falecido há anos, e o sr. Hugo Rocha.

«««O Dr. Amilcar de Sousa, médico naturista de renome com projecção nos meios estrangeiros, ocupou os mais elevados cargos na Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas. A esta prestimosa Sociedade prendemos intimamente, desde a sua fundação, a que demos o melhor do nosso esforço, muita amizade e admiração pelos seus Dirigentes, com quem temos trabalhado ininterruptamente na melhor harmonia e camaradagem, em especial, com o sr. Manuel Cavaco, seu prestigioso director.

«««O Dr. Amilcar de Sousa deixou numerosas obras de cunho naturista e neo-espiritualista. Também escreveu muitas dezenas de artigos, tendo realizado em Portugal e no estrangeiro mais de duzentas conferências naturistas, sempre repassadas dos mais profundos conceitos espíritas. Foi um homem de bem às direitas, modesto, simples, dedicadíssimo ao seu nobre Ideal espírita.

«««O sr. Hugo Rocha é, actualmente, um dos príncipes do jornalismo português. É também um laureado escritor: ‘Bayete’, Prémio do Concurso Literário da Imprensa; ‘Gentio Branco’, prémio Ricardo Malheiros, conferido pela Academia de Ciências de Lisboa.

«««Merecem aqui especial referência duas obras espíritas da sua autoria: ‘Espiritualismo’ (1934), e ‘O Problema dos Fantasmas’ (1937), onde aborda, com proficiência e talento, num sentido científico, os mais complexos fenómenos inerentes ao Espiritismo.

«««‘O Problema dos Fantasmas’ provocou, em Portugal, acalorada e prolongada polémica com réplica e tréplica, que, se não teve a projecção mundial das célebres discussões: Aksakoff-Hartman, e Bozzano-Sudre, redundou, no entanto, numa vitória completa, em toda a linha, para o sr. Hugo Rocha e para o Espiritismo.

«««Foi também o sr. Hugo Rocha o fundador e primeiro director do jornal *Além*, órgão da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, que, anos depois, passou a formato de revista, sob a proficiente direcção do sr. Manuel Cavaco, um dos mais antigos e activos elementos do Porto, a quem o Espiritismo deve os mais relevantes e valiosos serviços pela sua estrénu e incondicional dedicação e sacrifícios, numa linha de continuidade, de dezenas de anos, digna de toda a nossa homenagem e admiração.

«««In Memoriam: Terminamos com um preito de afectuosa e sentida saudade aos dedicadíssimos espíritas e publicistas de relevo, do Porto, falecidos nos últimos anos: Dr. Dá Mesquita Paúl, médico; Dr. Alfredo Mota, médico; Juiz Conselheiro Dr. José de Barros e Sousa; professor

Arantes Pereira; o grande escultor, Mestre Teixeira Lopes; João Leão Quartin que, nos jornais de Viana de Castelo, sustentou, com denodo e êxito, rijas e acaloradas discussões em defesa do Espiritismo.

«««Assiste-nos ainda o dever de prestar a nossa profunda admiração ao notável prof. Leonardo Coimbra, grande pelo talento, grande também pela elequência, que sempre nos manifestou a sua simpatia pelo Espiritismo Científico, que teve a bondade de presidir a uma nossa conferência, realizada no magnifico salão do Centro Comercial do Porto»»»».

\*

«««Seria um dever de cortesia, se não fosse uma justa e merecida homenagem ao seu valor e dedicação à causa espírita e aos valiosos e múltiplos serviços prestados à Federação Espírita Portuguesa, (...)referir as sras. D. Maria Carlota de Almeida Santos e D. Isaura da Costa Rosa, publicistas e conferentes de subido apreço; a primeira, actual presidente da Comissão de Solidariedade da Federação Espírita Portuguesa, a que tem prestado serviços e sacrifícios sem conta,»»»». (Do mesmo livro, das pgs. 294 a 297).

\*

Voltaremos ao livro «A Evolução do Espiritismo» quando o achemos oportuno; agora, recorreremos à «Revista Fraternidade» - nº 182/183, de Agosto/Setembro de 1978. O artigo não está assinado, pelo que, sendo da responsabilidade da redacção, terá sido, com certeza, escrito por Eduardo Fernandes de Matos – ele que, bem novinho ainda, acompanhou quase que a par e passo tudo o que foi acontecendo – e refere

## **O ESPIRITISMO EM PORTUGAL**

«««Tudo quanto temos publicado acerca do Espiritismo e dos seus percussores em Portugal é para justificar a razão que nos assiste quando oportunamente afirmámos, peremptoriamente, que não foram os políticos de antes do 25 de Abril quem encerraram os Centros Espíritas em Portugal, quem acabou com cerca de uma dezena de periódicos, arautos na defesa da nossa sublime Doutrina, que nós tivemos de camuflar para não nos deixarmos vencer pelos grandes adversários que se infiltraram em nossas fileiras e que, minando-as, mais facilmente pudessem derrotá-las.

«««Os adversários são sempre os mesmos desde todos os tempos. Eles vêm a nós com pele de cordeiros, mas não são mais que lobos roubadores.

Maquiavelicamente vestem a pele do Diabo e se fazem passar por santos, julgando estarem a fazer um grande favor a Deus.

«««Por processos de mansidão conseguem destruir o monumento do Amor que se ergue em homenagem à Verdade.

«««Assim, vejamos:

«««Desde 1880 que o Espiritismo entrou na alma e nos corações dos portugueses e aqui se radicou, de tal forma que os adversários, que constituíam a religião oficial do Estado, se alertaram e, ao observarem que uma luzerna se transformava, pouco a pouco, em farol, projectaram o assalto estabelecendo a insânia, a desarmonia e o desentendimento. E o campo Espírita é aquele que mais se presta a esse fim, porque é nele que existem o maior número de sensitivos, desenvolvidos ou não, mas parte deles não evoluidos, que são portas abertas às entidades que fazem prodígios tais que até enganam os escolhidos, que foram chamados ao Caminho da Grande Revelação, como eles o disseram a Allan Kardec.

«««Assim, antes da organização da Federação, o Espiritismo em Portugal progredia a olhos vistos através dos seus Centros, dos seus Grupos e dos seus órgãos de propaganda.

«««Fundou-se a Federação e os Centros e Periódicos, de um a um, deixaram de existir. E o nosso querido irmão, Dr. António Freire, no seu louvável propósito de unir a Família Espírita, queixou-se, amargamente, pela incompreensão de muitos, especialmente daqueles de quem menos esperava.

«««Ele lutou e sofreu, mas lutou e venceu na realização dos seus objectivos. Porém sofreu porque os maiores inimigos da obra que pretendia realizar estavam precisamente entre aqueles que, em princípio, lhe deram todo o seu apoio.

«««E as lutas recrudesceram e a sua alma abatida foi ainda aliciando valores e boas vontades com o objectivo, altamente nobre e digno, de entregar a obra a homens capazes e honestos que lhe dessem continuidade.

««« (...) E o Dr. Freire, exausto de tanto lutar, tomba quando ainda havia muito a esperar da sua acção, vendo os seus sonhos desfeitos.

«««Mas ele se levantou no mundo dos Espíritos e, certamente iluminado pelas claridades benditas das verdades que perfilhava, adverte os trabalhadores da hora presente, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco:

«««Não se interessem pela Casa! Lutem, sim, em prol da Causa!

«««Isto é um complemento das frases de Jesus: - “Procurem em primeiro lugar o reino de Deus e tudo o mais vos será dado por acréscimo divino.” »

## **EM DEFESA DO ESPIRITISMO**

«««Depois de registarmos nas páginas desta revista algumas passagens do Espiritismo em Portugal a partir de 1880; depois de termos informado os nossos leitores das lutas que os verdadeiros espíritas tiveram que enfrentar contra o poder das trevas; depois de termos a claro aquilo que se pretende camuflar, levando para o campo político as lutas apolíticas que somente diziam respeito à incompreensão dos homens levados por influências trevosas; aqui estamos para, intuitivamente, dar as nossas sinceras impressões, não à laia de comentário, mas com o propósito de interpretar a expressão popular de que «Deus escreve direito por linhas tortas».

«««Para já, pretendemos dar um simples esclarecimento que poderá ter alguma influência na repercussão do Espiritismo nas terras de Portugal.

«««Foi através de uma antiga revista denominada “Luz e Caridade”, fundada pela “Empresa Literária Luz e Caridade”, que nos radicamos, mais profundamente, no Espiritismo.

«««Os seus inspirados colaboradores entre os quais podemos destacar Izidoro Duarte Santos, José Maria Pereira Bravo, Manuel Tavares, Emília Pomar de Sousa Machado, Maria Veleda e outros, tiveram o condão de nos atrair para uma Doutrina que estava latente em nós esperando algo que a despertasse(...).

«««Terminada que foi a existência desse periódico, (...) foi a nossa revista a herdeira dos seus ficheiros, que nos permitiu receber como assinantes aqueles irmãos já habituados a tão salutar, quão bela e sublime Doutrina (...). O Centro Espirita ‘Luz e Caridade’, de Braga, detentora dessa empresa literária – a primeira que lançou em Portugal a venda do livro espirita – foi a única que não colaborou na fundação da Federação Espirita Portuguesa.

««« (...).

«««E Eduardo Matos continua, no seu artigo:

«««Deus abre sempre portas onde elas não existem e, por isso, os nossos adversários de sempre se hão-de cansar ao compreender que nenhuma sombra pode ofuscar uma alvorada. E, muito embora eles tivessem conseguido destruir a Federação que acompanhamos desde a Rua da Assunção até à sua extinção na Rua de S. Bento, assistindo a todas as lutas internas, e lhe tivessem confiscado todos os seus bens materiais, eles não destruíram o ideal nem os idealistas por ele tocados. Por isso «Luz e Caridade», de Braga, esteve liberto, continuando, no seu reduto, a espargir luz a jorros, gratuitamente, na Roma portuguesa, cidade onde mais campeavam as trevas que pretendiam abafar a Alvorada do Espiritismo.

«««No recrudescimento dessas lutas os irmãos, dentro da Federação, não se entenderam, não obstante a boa vontade de alguns que fundaram o «Mensageiro Espirita», que teve como primeira Directora a Dra. Amélia



Cardia, que foi a primeira médica portuguesa e que escreveu «História de um Casamento Espírita» e «Na atmosfera da Terra»; a seguir o Coronel Faure da Rosa, que também escreveu o livro «Em Defesa do Espiritismo», e outros, e, por fim, o 2º Tenente da Armada, Izidoro Duarte Santos, autor também de diversos livros espíritas.

«««Fundaram também a «Revista de Espiritismo», que deu lugar à Revista de Metapsicologia», que foram orientadas pelo Dr. António Freire e Coronel Faure da Rosa, que estabeleceram a campanha para angariar fundos para a construção da sede própria da Federação e que deu origem ao aparecimento do querido irmão Firmino da Assunção Teixeira que legou, para tal, o remanescente de sua grande fortuna, mas que não chegou para acabamento das obras, deixando à Direcção de então um encargo que não podia suportar apenas com a receita de quotas e de pequenas dádivas que iam surgindo, pelo que deliberaram alugar o imóvel à empresa do Cinema Rex e alugar uma casa mais modesta na Rua de S. Bento.

«««Entretanto, a maioria dos sócios debandaram e a Federação não se pdeu manter somente com o seu rendimento para suprir as suas despesas e amortizar o débito da hipoteca e foi ali que as lutas intestinas recrudesceram, tendo-se formado uma Comissão, de que faziam parte o Prof. José Francisco Cabrita, nós e mais três elementos que muito lutaram para salvarmos a Federação, mas sem os resultados desejados.

«««Foi então que se fundou um laboratório de pesquisas parapsicológicas, a cargo do Dr. Ramiro da Fonseca e Dr. Aguiar. Este último era um jovem que havia defendido tese, pela primeira vez em Portugal, na Universidade, sobre um tema de Parapsicologia; pedindo ao Ministério da Educação Nacional, autorização para a elaboração do referido Laboratório, que lhes foi negada, por não reconhecerem competência aos investigadores que a tal se propunham e que, em face de tal negação, pediram que fossem nomeadas pelo Ministério as pessoas que eles achavam mais competentes e a resposta foi, depois, o encerramento da Federação e a confiscação dos seus haveres por um Decreto do Ministério do Interior de que era Ministro o Dr. Alfredo dos Santos, elemento defensor dos interesses do Vaticano dentro do Governo.

«««Recorreu a Federação, através de um bem elaborado recurso do Dr. Eduardo Fernandes. (Não confundir com o nome do nosso Director).

«««Esse recurso foi rejeitado em virtude da Federação não possuir, à altura, personalidade jurídica, pois se baseava, como hoje, na Lei antiga, quando existia outra Lei, mais recente, que lhe tirava o direito do efeito retro-activo, pelo que a Federação, a partir dali, foi encerrada, confiscados os seus móveis, a sua riquíssima biblioteca\* e a sua propriedade na Rua da Palma, cujo rendimento passou a reverter para a Casa Pia de Lisboa.

«««Mas antes disso, em face dos constantes desentendimentos, muitos sócios já se haviam afastado e Izidoro Duarte Santos procurou congregá-los no antigo Centro «Luz e Amor», que se havia desfeito para dar vida à Federação, e que poderia ter sido reconstruído pela sua antiga Presidente, D. Maria Veleda, mas que não o fez, muito honestamente, para não prejudicar, monetariamente, a Federação na ocasião em que ela se mantinha com as quotas dos seus associados, preferindo fundar o Centro Espírita «General Passaláqua», com Estatutos novos, oferecendo para tal a sua própria casa, prevendo a hipótese de mais dia menos dia ver o encerramento da Federação em face dos sócios não se entenderem.

«««Com a fundação do novo Centro se funda também uma nova revista a servir-lhe de apoio: a revista «O Futuro».

«««Izidoro Duarte Santos, por sua vez, numa ocasião em que a Federação mais carecia de apoio monetário, para se manter, reconstituiu o antigo «Luz e Amor», levando consigo os principais elementos, restaurando muito antes a revista «Estudos Psíquicos», em que colaboraram os antigos colaboradores da «Revista de Espiritismo».

«««A partir dali já não havia mais Federação. Havia, sim, uma Comissão presidida pelo irmão António Castanheira de Moura, que ia recebendo as quotas dos sócios que se mantiveram firmes até à data do seu desenlace, entre os quais nós nos contámos.

«««Porém, a partir dali, jamais alguém teve as suas quotas em dia para com a Federação, completamente desorganizada. (...)»»»

\*

\*(Os livros e Revistas que faziam parte da Biblioteca da F.E.P. - não sabemos se todos - encontrámo-los na Biblioteca Nacional, onde consultámos alguns deles, pedindo fotocópias de outros, o que conseguimos. Todos eles têm o carimbo da F.E.P..

Mais tarde, em 1991 ou 1992, numa das nossas deslocações à Torre do Tombo, descobrimos, conforme consta do Livro de Registo da T. T. para consulta, o seguinte:

## **FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA:**

Núcleo:

- 1 – Formação: documentação proveniente da Casa Pia de Lisboa, entrada no A. N. T. T. em 8.7.1963.
- 2 – Limites Cronológicos
- 3 – Situação – por inventariar

4 – método – descrição fundamentada no E.B. (elemento de busca)

5 – metragem – 1,24 m.

E.B. Nº 478 A – Rel. 2

1.4.193 – Actas. Conselho Deliberativo, Assembleia Geral, Corpos Gerentes, Direcção, Conselho Fiscal, Comissão de Solidariedade, Comissão Técnica. 18 actas.

1.4.194 – Memorial e Movimento de estreptomicina (2 livros).

1.4.195 – Livro de Registos; correspondência recebida; de Caixa e Razão; de Inventário e Balanços; de registos expedidos e venda; de Diários; de termos de posse; de empréstimos em conta-corrente; de corpos gerentes; de pedidos às sessões; de autos de posse; de honra da F.E.P. e do Laboratório de Estudos Metapsíquicos; de inscrição de sócios; de ordens; de protocolo; de Inventário de Livros e outras publicações (33 livros).

1.4.196 – Documentos diversos – donativos para o Natal de 1942; propostas para sócios; arquivo de correspondência (11 pastas).

1.4.197 – fichas de sócios (1 maço).

1.4.198 – recortes de jornais (1 dossier).

1.4.199 - Regulamentos da Direcção e Laboratório F.E.P. (3 documentos).

1.4.200 – documentos do sistema Braille (12 documentos).

1.4.201 – Caixas com diversos assuntos (24 caixas).

1.4.202 – registos confidenciais de correspondência recebida (2 documentos).

1.4.203 – índice de referências tomadas em Assembleia Geral (1 documento).

1.4.204 – maço com partitura de músicas diversas (1 maço).

Do nosso “achado”, de imediato demos conhecimento por escrito à Direcção vigente da F.E.P., com cópia desta mesma relação... voltando a fazê-lo no primeiro mandato da actual Direcção. E baseada nesta lista, Alda Albuquerque, um dos secretários da mesma, conseguiu que lhe fossem cedidas fotocópias das Actas da A.G. e Direcção, de que transcrevemos atrás, respectivamente, as nºs 1 e 2 e a nº 1. Graças à credencial que apresentou soube-se, então, que parte dos livros da F.E.P. estavam arquivados conjuntamente com o processo da P.I.D.E. – o que não admira, sabendo-se da censura existente à época e da maneira como tudo era ‘passado pelos seus crivos’ para ser – ou não – aprovado).

Da leitura do artigo da revista ‘Fraternidade’ depreendemos os mal entendidos que, pouco a pouco, foram criando cisões entre os espíritas, de que referiremos mais à frente alguns, deixando que as “brechas” fossem

surgindo, escancarando “portas” por onde as trevas, pouco a pouco, se instalaram, levando ao caos total. Apesar de tudo e durante alguns anos, vários Centros e Grupos Espiritas foram surgindo, espalhados pelo País.

Ainda em 1926, ano da criação da F.E.P., abriu o ‘Centro Espírita Amor e Caridade’, em Viseu; em Junho do ano seguinte, a ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas’; em 1928, o ‘Centro Espírita do Porto’, no Porto; o ‘Centro Espírita Luz’, em Coimbra; o ‘Centro Espírita de S. Brás de Aportel’ e, em Lisboa, a ‘Fraternidade Esotérica Neo-Espiritualista’; em 1929 surge o ‘Centro Espírita de Viana do Castelo’...em 1931, em Lisboa, é inaugurado o ‘Centro Espírita Perdão e Caridade’. (in: Revista de Espiritismo da FEP, 3º trimestre de 2000).

A SOCIEDADE PORTUENSE DE INVESTIGAÇÕES PSIQUICAS, sita primeiramente à R. Camões, 578, no Porto, foi inaugurada em 5 de Junho de 1927, com a presença de diversos oradores, entre eles o Dr. António Freire, representando a F.E.P.; ela é a proprietária da revista de divulgação espírita, cristã e metapsíquica, ALÉM, surgida em 1931, dirigida primeiro por Hugo Rocha, conforme diz J. Freire e, logo após, passando a ser da responsabilidade de Manuel Cavaco. Saindo, primeiro, mensalmente, no início do ano de 1936 passa a bimestral - dadas as dificuldades materiais para a sua publicação - e as suas edições, bastante cuidadas e portando sempre nomes de grande gabarito dentro da Doutrina Espírita, chega a superar, a partir de determinada altura, a própria revista da Federação.

Uma das coisas que mais continuava preocupando sobranceiramente os dirigentes da Federação nascente à época, era a falta de instalações, e é ainda António Freire que nos conta como esse obstáculo foi ultrapassado:

««« Pouco tempo depois da inauguração da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, em 5 de Junho de 1927, uma das agremiações espíritas que mais relevantes e dedicados serviços tem prestado ao Espiritismo e à Federação Espírita Portuguesa, (...) comecei a ir frequentemente ao Porto a fim de ali e no norte de Portugal fazer uma intensa propaganda do Espiritismo através de conferências públicas (...).

«««Foi numa dessas viagens que tive a suprema ventura de ser apresentado pelo sr. Manuel Cavaco (...) ao grande benemérito e desvelado protector do Espiritismo em Portugal, Firmino de Assunção Teixeira, residente na Póvoa de Varzim. (...)

*«««A nossa mútua amizade e confiança consolidaram-se em pouco tempo.*

*«««Depois duma longa exposição que lhe fiz do estado do Espiritismo em Portugal e da organização e orientação que animavam a jovem*

*Federação Espírita Portuguesa, fiz ver àquele bom Amigo as enormes e evidentes vantagens de intensificar e fortalecer a propaganda espírita dentro das cidades universitárias portuguesas, e de lhe poder ser dada, de futuro, a devida continuidade perseverante e orientadora.*

«««Pouco tempo depois, numa nova entrevista, ficou assente que seriam construídas, em alguns anos, sedes próprias para a Federação Espírita Portuguesa, em Lisboa; no Porto, para a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas; em Coimbra, para o Centro Espírita Conimbricense.

«««Os magníficos prédios pertencentes à Federação Espírita Portuguesa, na Rua da Palma, e à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, na Rua Álvares Cabral, atestam o cumprimento objectivo do espontâneo compromisso tomado para comigo por aquele meu querido e saudoso Amigo. Se não fosse o seu falecimento prematuro, Coimbra também teria hoje uma sede espírita própria.»»»

*Nota do rodapé:* «««Além da importante doação à Federação, Firmino de Assunção Teixeira deixou um legado de 250 contos, cujo rendimento anual é destinado aos Centros e Grupos espíritas portugueses, legado administrado pela Federação.

«««Posso garantir, com pleno conhecimento de causa, que o pensamento e intenção do doador excluía deste legado os Centros espíritas instalados em Lisboa. Se tivesse vivido mais oito ou dez dias, esta disposição testamentária teria sido modificada e esclarecida.

«««No critério, lógico, previdente e realista, de Firmino de Assunção Teixeira, motivo algum justifica a existência de Centros espíritas onde exista uma Federação espírita, como é evidente, originando uma dispersão de elementos.

«««Nesta orientação, todos os espíritas, residentes em Lisboa, ocupariam na sua Federação o lugar determinado pelos seus méritos, unidos por uma estreita e íntima coesão moral, numa mesma finalidade nobre e elevada, acima de interesses e de vaidades pessoais. Ali procurariam dignificar, esclarecer e propagar pela inteligência e pelo exemplo o Espiritismo; unificar, consolidar e defender a sua Federação, orientando-a em bases científicas e cristãs.

«««E assim teria sucedido, não fosse a acção nefasta e contagiosa de dois ou três elementos híbridos e dissolventes que não têm sabido respeitar, nem a nobreza do Ideal, nem tão pouco a dignidade e méritos alheios, despertando as más tendências congénitas – instintivas e passionais – do grupo que os acompanha, manifestamente iludido na sua boa-fé e ingenuidade.

«««O tempo, esse juiz incorruptível e justiceiro, reduzirá à devida estatura esses elementos dissolventes, cuja insensibilidade moral e ausência do sentido das proporções desequilibram os merecimentos que, por ventura, possam possuir.

«««Perante este momentoso e efervescente estado de coisas, talvez seja conveniente e oportuno a organização de dois novos instrumentos de trabalho e de defesa: 1º - a nomeação dum Liga de amigos da Federação Espírita Portuguesa, à semelhança das Ligas congêneres, que, auxiliando os seus Dirigentes, procure defender e nobilitar a Federação Espírita Portuguesa; fazer a profilaxia para o futuro e o saneamento do presente, dentro do meio espírita de Lisboa, pois os meios espíritas da Província e do Ultramar estão indemnes e incólumes, sádios e vigorosos; 2º - a criação dum Laboratório de Metapsíquica, anexo à Federação, onde sejam convidados a colaborar valores universitários, do ensino secundário e das profissões liberais. Só assim, os espíritas portugueses podem corresponder ao imperativo previdente e compreensivo do Mestre Allan Kardec:- o Espiritismo ou será científico ou não terá razão de subsistir.

«««Para as elevadas e dispendiosas despesas do Laboratório de Metapsíquica, ainda que modesto, a Federação fará um apelo à filantropia e abnegação dos espíritas residentes em todo o Império Português e dos espíritas portugueses residentes no Brasil, que têm sabido, em todas as emergências, corresponder, abnegada e generosamente, aos pedidos da Federação – a legítima representante, a Casa-mãe do Espiritismo em Portugal, consagrada pelo I Congresso Espírita Português.»»»

(Nesta transcrição ‘descobrimos’ que o facto de António Freire ser de opinião de não dever haver centros espíritas em Lisboa é baseado na de Firmino Teixeira; entretanto, não compreendemos como ele refere que o Mestre Lionês queria um Espiritismo científico, quando a Doutrina Espírita, na sua componente, é Filosofia, Ciência e Moral. Debruçarmos, unicamente, sobre uma das suas componentes, embora seja ela a que nos liga ao mundo dos espíritos, seria como torná-lo ou vê-lo incompleto. Mas, esta é a nossa opinião e nós estamos aqui para falar do Passado, não para escrevermos sobre nós...).

Conforme diversas notas encontradas na ‘Revista de Espiritismo’ durante o ano de 1929, no número de Janeiro/Fevereiro, lemos que “O Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, em sua sessão de 5 de Janeiro do corrente, considerando os relevantes serviços prestados ao Espiritismo pelo nosso dedicado confrade sr. Firmino da Assunção Teixeira e o valioso apoio financeiro que tem dado à Federação, contribuindo generosamente para a *Caixa de Propaganda* desta Revista e



oferecendo vinte mil escudos para a subscrição Pró-Sede, aprovou, por aclamação, a proposta da Direcção para que fosse nomeado sócio benemérito.(...)”.

A página do ‘Noticiário’ do número de Julho/Agosto, participa “Uma gentil e valiosa oferta do prof. Ernesto Bozzano – Este eminente escritor, e uma das mais brilhantes mentalidades do espiritismo contemporâneo, acaba de conceder gratuitamente à Federação Espirita Portuguesa os direitos de autor para a tradução em português das suas excelentes obras: *‘Les Enigmes de la Psychometrie et les Phenomènes de Telesthésie’* e *‘La Crise de la Mort dans les descriptions des defunts qui se communiquent’*.”

Ainda no mesmo número, encontra-se transcrito o “Boletim da Federação Espirita Portuguesa enviado à Federação Espirita Internacional”, iniciado assim:

««« (...) Tendo-se feito representar nas anteriores reuniões do Comité Geral da Federação Espirita Internacional pelos Exmos. Srs. Jean Meyer, André Ripert e Hubert Forestier, e no Congresso Espirita Internacional pelo Exmo. Sr. Hubert Forestier, que também agora a representa, a Federação Espirita Portuguesa rejubila por se encontrar filiada na Federação Espirita Internacional, no seio da qual se abrigam as Federações da maior parte das nações do mundo, e faz votos para que todas as grandes associações espiritistas, compreendendo a alta missão que cabe à Federação Espirita Internacional, venham acolher-se a ela, unificando a sua acção para que o Espiritismo se torne aquela força arrebatadora que nos insufla coragem para lutar ardentemente contra a degradação da humanidade, difundindo a Verdade e a Luz.»»»

O texto continua, mais à frente, com duas propostas, do seguinte teor:

««« I – Considerando que são os momentos mais dolorosos da vida, sobretudo os causados pela perda de entes queridos, os mais propícios para a iniciação da doutrina espirita, que lhes leva doces consolações; a Federação Espirita Portuguesa tem a honra de propôr ao Comité Geral da Federação Espirita Internacional que seja publicado um pequeno folheto de propaganda espirita, escrito em linguagem simples e clara contendo os princípios do Espiritismo, para enviar às famílias dos desencarnados, que cada Federação nacional elaborará de acordo com as tendências do povo do seu país. As Federações nacionais, como orientadoras do movimento de propaganda, delegarão o encargo da sua distribuição, para os respectivos Estados ou províncias, nas Federações Estadoais ou Provinciais e estas, por sua vez, nos Centros regionais, de modo que em todo o mundo sejam espalhados diariamente pelo correio aqueles folhetos às famílias dos que desencarnam, orientando-se essa distribuição pelos noticiários necrológicos dos jornais.

«««II – Considerando que tem as maiores vantagens para a confraternização e intercâmbio intelectual os Congressos Espiritas; Considerando que ainda não se realizou Congresso algum em que se fizessem representar exclusivamente os povos latinos, ligados por tão fundas afinidades de raça e de ideal; A Federação Espirita Portuguesa tem a honra de propôr ao Comité Geral da Federação Espirita Internacional a realização do 1º Congresso Espirita Latino, em Lisboa, no ano de 1932.»»»»

Segue-se o ‘Relatório dos Trabalhos da F.E.P.’, iniciado com a referência da realização do 1º Congresso, em 1925, da Comissão daí saída para elaboração dos Estatutos da F.E.P., e da Comissão Pró-Federação, bem como das suas primeiras instalações.

Menciona-se, depois, a organização, a propaganda e as publicações. Aqui, é referida a ‘Revista de Espiritismo’ que “tem merecido as mais honrosas apreciações de toda a imprensa nacional e de várias revistas e jornais espiritas estrangeiros, especialmente brasileiros, que chegaram a afirmar ser ela *a melhor, no género, em lingua portuguesa e uma das mais úteis ao Espiritismo, de quantas se publicam em todos os paises* (‘A Luz’, Maceió, Alagoas, Brasil).”

O relatório refere, a seguir, que “em Julho de 1928 criou-se um jornal bimestral de distribuição gratuita ‘*O Mensageiro Espirita*’... para ser distribuido aos sócios da F.E.P. nos meses em que não sai a ‘Revista de Espiritismo’. Isto teve as mais felizes consequências para a propaganda que muito lucrou também com os folhetos de distribuição gratuita que a F.E.P. fez imprimir...: ‘*Catecismo Neo-Espiritualista*’ – 5.000 exemplares; 1º vol. da ‘*Biblioteca de Divulgação do Espiritismo*’, criada em harmonia com uma proposta apresentada ao III Congresso Espirita Internacional de Londres (e os restantes volumes da biblioteca em preparação, são): II - ‘*O que é o Espiritismo*’; III - ‘*Evolução*’; IV - ‘*Sessões Espiritistas*’; V - ‘*O Poder Mental*’; VI - ‘*O Espiritismo e a Metapsiquica*’; VII - ‘*O Espiritismo e a Ciência*’; VIII - ‘*O Espiritismo e as Religiões*’; IX - ‘*O Espiritismo e o Naturismo*’; X - ‘*Aspecto Social do Espiritismo*’; ««« Publicados: *A morte é vida* – 7.000 exemplares; *a Vida é Eterna* – 20.000 ex.; *Religiões e Espiritismo* – 20.000 ex.; *Catolicismo e Espiritismo* – 20.000 ex.; *A Doutrina Espirita da Reencarnação* – 7.000 ex., encontrando-se no prelo *Catolicismo e Espiritismo* – 10.000 ex.»»»»

(No nº de Março/Abril de 1931, a ‘Revista de Espiritismo’ anuncia que a Direcção da Revista vai editar o 2º volume da ‘Biblioteca de Estudos Psiquicos, que será uma elegante edição dum dos melhores livros do insigne professor Ernesto Bozzano, *A CRISE DA MORTE*’).

O relatório refere, ainda que a F.E.P., ‘com o fim de tornar mais íntimo o sentimento fraterno entre todos os espiritas nomeou uma *Comissão Organizadora de Festas de Confraternização e Beneficência* cujos lucros revertem a favor da Caixa de Beneficência. Esses lucros são distribuídos pela Comissão de Beneficência que vai nomear sub-Comissões para levarem o conforto e a esmola aos deserdados da sorte, aos hospitais e aos presos’.

««« A F.E.P. – continua a ler-se no relatório – no desejo de estabelecer a mais ampla confraternização com os irmãos de todo o mundo, já se pôs em contacto com as grandes Federações nacionais de vários países, em especial com o Brasil, a França, a Espanha, a Bélgica, a Argentina, o México, Porto Rico, Cuba, Venezuela, etc..

««« **SEDE** – (por acharmos este último ponto bastante importante, transcrevemo-lo, na íntegra) – Em consequência desta mesma intensificação de propaganda a sede em que se acha instalada tornou-se extremamente exígua e deficiente.

««« O número actual de sócios é de 750 no continente e 500 nas ilhas, colónias e Brasil, e outros países estrangeiros.

««« Sendo necessário e urgente remediar uma situação que não pode prolongar-se, a F.E.P. apelou para todos os seus irmãos em crenças, e abriu uma subscrição para a construção de edifício próprio, que foi muito bem acolhida e que no momento actual atinge cerca de *Esc. 185.000\$00* (cento e oitenta e cinco mil escudos).

««« O terreno para a sede já foi comprado num bairro muito sossegado, mas central (Lapa), na Rua Almeida Brandão, 12, devendo brevemente iniciar-se a construção logo que o projecto anexo a este relatório seja aprovado na Câmara Municipal.\*

««« O 2º Congresso Espirita Português, que deveria realizar-se este ano, segundo os Estatutos, só se realizará provavelmente com a inauguração da nova sede, em 1930»»».

\* Este projecto acabou por não se concretizar, construindo-se, mais tarde, a Sede na Rua da Palma.

\*

O Dr. António J. Freire, continua a recordar Firmino Teixeira, escrevendo e opinando, paralelamente sobre algumas atitudes do Movimento com que, pelos vistos, não concorda:

«««Firmino de Assunção Teixeira compreendeu admiravelmente toda a minha orientação descentralizadora, sem personalismos, ao contrário do

que agora por aí se vê com repugnância e tristeza. Reconheceu, ainda, a capital importância que eu ligava às cidades universitárias como focos irradiantes do nosso Ideal através da mocidade estudiosa, das respectivas academias. (...). »»»»

Firmino de Assunção Teixeira, o grande benemérito da F.E.P., era natural de Murça, onde nasceu em 1870. “Pobre e humilde de nascimento, novo ainda partiu para o Brasil”, ali conquistando, mercê das suas qualidades, “um lugar proeminente no meio comercial”. “Anos após anos dum labutar constante, na Pátria irmã, trouxeram-lhe como merecida recompensa aos seus méritos de iniciativa e de organização, uma riqueza invejável”. (...) Regressou a Portugal, mais tarde, acabando por fixar residência na Póvoa de Varzim, onde desencarnou a 22 de Julho de 1932.

«««(Do livro de testamentos públicos, nº 3, a folhas 35, do notário bacharel Emídio Pereira dos Santos, do Notariado Português da Comarca da Póvoa de Varzim).»»»»

Por ser demasiado extenso, transcrevemos, unicamente, as partes que consideramos relacionadas com o M.E.P.:

.....  
«««(...) sendo ele testador um espírita convicto, dispensa a intervenção da Igreja Católica Romana, e assim, o seu funeral deve ser simplesmente civil, sem encomendação de qualquer eclesiástico, havendo toda a simplicidade na câmara ardente, sem eça nem qualquer aparato; que quanto aos seus bens, direitos e acções, dispõe deles da seguinte forma:  
.....: lega a sua biblioteca À Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas da cidade do Porto. Do remanescente da sua herança:- Lega à Federação Espírita Portuguesa, com sede em Lisboa, provisoriamente na Costa do Castelo, número sessenta e oito, primeiro, da mesma cidade, vinte por cento do remanescente da sua herança, cuja importância servirá para ajudar a construção da sua sede em Lisboa, e para fundo de propagação espírita;- Lega mais à Federação Espírita, em Lisboa, vinte por cento do remanescente da sua herança, à qual faz a incumbência de guardar essa importância com o fim exclusivo, para de futuro a Federação socorrer os centros espíritas legalmente constituídos em Portugal e Ilhas, dando sempre a preferência aos centros que mais trabalhem na propaganda espírita em Portugal;- (...); - Lega à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas da cidade do Porto, cinco por cento do remanescente da sua herança, para ajuda da sua sede e propaganda espírita em Portugal; (...).»»»»». (In Revista de Espiritismo, FEP, nº 4 – Julho/Agosto/1932).

\*  
\*  
\*

Se o legado de Firmino Teixeira, vem satisfazer um dos maiores anseios dos espíritas – a edificação de uma sede própria, conforme comunicação na Revista de Espiritismo nº 4, de Julho/Agosto de 1929 – por outro lado ele foi, talvez, um dos motivos para a desunião entre alguns Centros e a Federação: todos querem a sua quota-parte dos valores recebidos, todos se acham com direito a serem contemplados. E não basta afirmar que Firmino Assunção determinou que Centros teriam direito a receberem a quota-parte da doação que fez...

As interpretações erróneas vão crescendo e, dentro do própria Federação a Direcção vigente na altura, presidida por João de Sousa Carvalho deixa, não só de prestar contas do legado como dos juros adquiridos com o mesmo. E vai mais longe, quando começa a demitir uns e outros dos sócios que se atrevem a pedir contas. São assim expulsos, em 6 de Outubro de 1938, António Joaquim Freire e António Eduardo Lobo Vilela – atitude que leva muitos dos outros sócios a afastarem-se... e dos mais de 1200 sócios individuais da Federação, em quatro anos restam apenas 250! E aos sócios colectivos, aumenta – àqueles que se mostram desagradados – o valor da quota de tal maneira que eles deixam de pagar as quotas, sendo demitidos por falta do pagamento das respectivas quotizações.

A este respeito, transcrevemos o parágrafo do Relatório da Direcção da S.P.I.P.(Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas), referente ao biénio 1936/38, publicado na Revista ALÉM de Janeiro/Fevereiro de 1939:

««« (...) Mantivemos até meados do ano passado as melhores relações com a Federação Espirita Portuguesa, na qual estávamos federados; mas, desde então, resolveu a Directoria da F.E.P.suspender os direitos federativos desta colectividade, por termos recusado pagar-lhe a quotização que nos exigiu, superior a *mil e cem escudos cada ano*, e que era absolutamente incomportável por esta agremiação. (...) »»»»

\*  
\*

Debatemo-nos, aqui, com algumas dúvidas sobre a transcrição ou não da carta aberta do Dr. António J. Freire, publicada no número de Março/Abril/1939 na revista ALÉM. Mas o caso é que ela diz do

acontecido então, do comportamento de uns e outros... e se procuramos fazer deste trabalho um histórico do Movimento Espirita de então, depois de muito pensarmos concluímos que sim, que ela deve ser transcrita: infelizmente não foram só as coisas boas que aconteceram e as coisas más foram aquelas que proporcionaram, às entidades inferiores, o poderem penetrar numa Casa que deveria ser um foco de luz para todos – mas onde uns e outros o foram apagando com o seu comportamento.

Vejamos, então:

#### ««« CARTA ABERTA

««« Tendo recebido várias cartas particulares de alguns Confrades brasileiros e portugueses, a quem muito prezo, pedindo-me informações sobre a actual situação da Federação Espirita Portuguesa e dos motivos determinantes da série de irregularidades na publicação e remessa do seu órgão oficial a “Revista de Espiritismo”, e, sobretudo, da inesperada suspensão de “O Mensageiro Espirita”, única regalia dos sócios não residentes em Lisboa – *cartas a que me tenho abstido de responder* – cumpro-me declarar que estou completamente desligado da Federação Espirita Portuguesa, desde Dezembro, de 1937.

««« Não me dei ao incómodo de pedir a minha demissão de sócio nessa ocasião, por não ter reconhecido a devida idoneidade a quem de direito, depois das seis memoráveis Assembleias Gerais do último trimestre de 1937, de tristíssima e desoladora lembrança, exemplo esporádico nos anais associativos, instrutivo objecto de estudo para a psicologia dos aglomerados humanos quando alucinados por galopins astuciosos; *mas o futuro demonstrará quanto foram iludidos na sua boa-fé e ingénua credulidade.*

««« No entanto, não voltei mais a essa associação, nem paguei quota alguma desde Janeiro de 1938, considerando-me, *de facto*, absolutamente separado de toda a actividade e correlativas responsabilidades inerentes à Federação Espirita Portuguesa.

««« Como, porém, depois desses acontecimentos, foram irradiados pela actual Direcção, *da forma mais grosseira e discricionária*, os mais valiosos elementos da Velha-guarda, a quem tenho o indeclinável dever de prestar toda a minha homenagem e solidariedade pelos relevantíssimos e inesquecíveis serviços que prestaram à Federação Espirita Portuguesa, quer na sua fundação e organização, quer na obtenção quase total dos capitais para a construção da sua sede e numa campanha contínua e exaustiva da propaganda espirita, levando a um alto grau de esplendor o prestígio da Federação, - será também para mim uma subida honra, a recepção da minha irradiação da Federação Espirita Portuguesa. Recebe-la-ei com



indizível júbilo, venha quando vier. Será o coroamento ideal de mais de vinte anos de actividade espirita em luta permanente contra os desvarios dos de dentro e os ataques dos de fóra, adversários impenitentes do espiritismo, com o cortejo de prejuizos e de doenças que daí me advieram.

««« Estou, portanto, impossibilitado de fornecer esclarecimentos do que se passa nos recessos intimos e *esotéricos* dessa corporação, seja a quem quer que for que me escreva nesse sentido, por maior consideração ou amizade que me mereça, sem abdicar da minha livre critica aos factos do domínio público, ocorridos dentro dessa Federação, o que farei, não em conciliábulos ou em *capelinhas* malidcentes e caluniadoras, mas, como sempre timbrei, de viseira erguida, na plenitude da minha responsabilidade, à luz do sol. É uma questão de simples higiene psíquica.

««« Há, todavia, nas cartas por mim recebidas, afirmações que posso confirmar, e perguntas a que devo responder publicamente, para que as responsabilidades presentes e futuras recaiam, duma forma clara e precisa, sem confusões, nos seus autênticos autores. Obedeço, assim, às normas da doutrina espirita, sempre luminosa e franca, sempre aberta e leal. A verdade e a nobreza do ideal espirita estão muito acima dos vícios e paixões dos seus aderentes, e muito mais alto ainda das tropelias e embustes dos “falsos vendilhões” que se introduzem nas suas fileiras, animados de interesses inconfessáveis. São estes os seus inimigos mais vorazes e daninhos; toupeiras humanas que só procuram a sombra da insídia e da hipocrisia para se refocilarem na dignidade alheia, fazendo do espiritismo o trapézio das suas vaidades insofridas, à custa da boa-fé duns, da ingenuidade e incultura doutros, e da megalomania de alguns numa mesma convergência de interesses, de mesquinhas vinganças, e de ridículas emulações.

««« Infelizmente, esta categoria de assaltos está desenrolando-se actualmente, dentro e fora das nossas fronteiras, para gáudio das forças maléficas humanas e astrais, provocando o descrédito das associações espiritas. Os espiritas sinceros, dedicados e desinteressados, devem ter sempre presente a recomendação de J. Cristo: *orai e vigiai*.

««« Os antigos navegantes calafetavam os ouvidos com algodão ou cêra para resistirem às seduções do canto das sereias. A lisonja descabida e a satisfação de alheios e torvos apetites são, em geral, algemas lançadas, astuta e hipocritamente, ao livre arbitrio humano, turvando-lhe a razão e entorpecendo-lhe os melhores sentimentos, arrastando-os inconscientemente para comparsas de designios ignóbeis. *Orai e vigiai* espiritas, se quiserdes vencer diabólicas tentações, e evitar, enquanto é tempo, tremendo desastres.»»»

««« a) (...) as constantes e sucessivas irregularidades nas publicações federativas e a não publicação de opúsculo algum ... não podem ser

atribuídas a dificuldades financeiras. A Federação Espirita Portuguesa, depois do arrendamento da sede de sua propriedade, em 1936, tem um rendimento mensal que deve orçar em volta de 10 contos de reis, quantia que lhe dava larga margem para grandes empreendimentos na valorização do espiritismo, quer para a beneficência, quer para a propaganda. Maiores seriam ainda as suas receitas ordinária e extraordinária se a orientação e administração dos seus Corpos Gerentes soubesse inspirar a devida confiança nos meios espiritas brasileiro e português. A irradiação dos seus elementos mais representativos e prestigiosos, ... trouxe para a Federação profundas antipatias e justificadas desconfianças.

««« Comparar a obra federativa actual com a obra realizada pela velha-guarda, *reduzida, durante anos consecutivos, a um décimo do rendimento actual*, é instrutivo e edificante para quem tenha a cabeça no seu lugar e um mediano juízo crítico.

««« Se construir é para gigantes, destruir é para pigmeus.

««« *b)*...é um abuso imperdoável os dirigentes da F.E.P. terem reduzido *a pouco mais de um terço* o número de folhas do texto, nos três últimos números do seu órgão oficial, a “Revista de Espiritismo”, depois de terem recebido dezoito escudos da sua assinatura anual. ... e a demonstração evidente duma manifesta ausência de escrúpulos, lesando a bolsa dos seus assinantes, muitos dos quais menos que remediados. Isto com a agravante de não se ter dado a mais leve explicação ou indemnização. Demais, tratando-se do órgão oficial duma Federação Espirita que deveria ser modelarmente honesta, por principio e para exemplo.

««« *c)* ...

««« *d)* Ignoro se a suspensão de ‘O Mensageiro Espirita’ é definitiva. ... A saída voluntária do seu ultimo director é um golpe de morte vibrado nessa revista, de distribuição gratuita para os sócios, único prémio de consolação para aqueles que não residem em Lisboa.

««« *e)*...

««« *f)* Pergunta-me um confrade se eu posso explicar-lhe o motivo que determinou a actual Direcção da Federação Espirita Portuguesa a exigir, de chofre, uma quota anual de mil e cem contos à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas.

««« Diz-me esse confrade que essa Sociedade está filiada na F.E.P. desde o seu início e que pagava actualmente cem escudos. Este facto, sem exemplo nas associações similares, diz o mesmo confrade, causa estranheza e espanto a todos os observadores espiritas que conheçam as disposições estatutárias da Federação Espirita Portuguesa. Demais, diz ainda, tratando-se duma Sociedade que tem prestado relevantes serviços ao espiritismo, gozando de acentuado prestígio no meio portuense e no meio espirita português, e que faz prodígios de economia para dignificar a causa

espirita, deveria merecer da Federação Espirita Portuguesa um fraternal incentivo de boa camaradagem e solidariedade, e até monetário, pois a Federação é rica.

«««« Diz ainda o mesmo confrade, que o Centro ‘Perdão e Caridade’, embora esteja de *casa e pucarinho*, instalado de portas adentro, na mesma casa da Federação Espirita Portuguesa, gozando das regalias máximas, não paga quota equivalente à que se impôs arbitrariamente à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, fazendo-lhe dar um salto mortal de cem para mil e cem escudos, enquanto que o ‘Perdão e Caridade’, segundo se diz, paga apenas seiscentos escudos de quota anual, dispondo de alojamentos, instalações, luz, água, etc., à custa da Federação, autentico negócio da China. E o mesmo confrade remata judiciosamente: ora tudo isto representa uma arbitrariedade e favoritismo revoltantes.

«««« A explicação é simples... . O Centro ‘Perdão e Caridade’ é uma honrada sociedade em comandita com a Direcção da F.E.P., mas de responsabilidade limitada, possuindo um medium, *altamente sugestionável* ... O Centro ‘Perdão e Caridade’ é a mula de apoio da Direcção da Federação Espirita Portuguesa. Por outro lado, o confrade tem razão: os estatutos federativos não permitiam essa ilegalidade. As quotas foram sempre facultativas para os centros e grupos federados. Estatutariamente foi, de facto, uma prepotência; mas, no fundo, foi mais alguma coisa de pior. A Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas teve o mau sestro de, pelo seu delegado, em Lisboa, votar contra a actual Direcção com o peso dos seus 40 votos assim como os sócios irradiados e dissidentes da velha-guarda. Era indispensável atirá-la para fora da Federação, fosse como fosse, para assim consolidar o poderio balofo da actual Direcção federativa. Os meios nada valem, o fim é que importava...

«««« g) ...

«««« h) ... desde Dezembro p.p. não voltou a publicar-se ‘O Mensageiro Espirita’ que está agónico, se não morreu já; os três últimos números da ‘Revista de Espiritismo’, relativos a 1938, só foram distribuídos no principio de Abril corrente, *reunidos num só fascículo* a fim de ardilosamente escamotear dois terços das páginas do texto, aproximadamente, sem que fosse apresentada qualquer explicação ou desculpa aos seus assinantes...

«««« Em síntese: ainda que estejamos nos últimos dias de Abril, quarto mês do ano, até agora ... não saiu publicação alguma relativa ao ano corrente.

«««« Quanto a publicações eventuais, desde que o sr. João de Sousa Carvalho empunhou a batuta do comando da Federação em 1935, nem um só folheto de propaganda foi editado pela F.E.P.. A distribuição gratuita

dos folhetos espiritas que se fazem ali actualmente são da exclusiva iniciativa, autoria e publicação da Velha-Guarda quando da sua gerência.

««« ... Os corpos directivos da F.E.P... detestam maçadas e canseiras, não tendo a mais leve consideração pelos direitos dos assinantes das revistas federativas; pelas regalias dos sócios; pela dignificação e propaganda do espiritismo, o que devia constituir o seu principal objectivo, aliado a uma proficiente e honesta administração. Zangam-se, vociferam, insultam, se lhes perturbam o ripanço... Reclamar é bater em ferro frio.

««« Os confrades brasileiros, a quem a F.E.P. deve os mais altos favores, quer em incentivos morais e de modelar camaradagem, quer em avultados donativos monetários, só agora, depois da leitura deste artigo, poderão compreender as incorrecções e descortesias com que têm sido brindados pelos Corpos Gerentes da F.E.P., e, bem assim, a série sucessiva de irregularidades na correspondência e nas remessas das revistas federativas.

««« Instalados, na Federação Espirita Portuguesa, mercê dum malabaresco e pérfido *guet-opens*, premeditado e urdido maquiavelicamente pelos actuais presidentes do Conselho Superior Deliberativo e da Direcção, os actuais Corpos Directivos estão em pleno e fôfo regime de satrapia, esvurmando arbitrariedades e perseguições a todos aqueles que se insurgem contra a sua incompetência e desatinos.

««« É esta a orientação seguida pelo presidente da Direcção, sr. João de Sousa Carvalho, professor de surdos-mudos da Casa Pia, e o principal responsável pelo descabro da Federação Espirita Portuguesa, a quem certos elementos se subordinam submissamente ... porque, se assim não fosse, certamente os restantes membros dos Corpos Gerentes teriam feito a devida opposição, corrigindo os seus erros, as suas prepotências, e os seus maléficis caprichos ...

««« Dessa criminosa passividade e indiferença dos Corpos Gerentes, e da falta de reacção dignificante dos sócios federativos, resulta que a actividade da F.E.P. se desenvolve dentro dum clima de desmoralização, de arbitrariedades e de incompetência. (...)

««« Até à entrada na Federação do sr. João de Sousa Carvalho nunca houve irradiação alguma. **Nem uma só**, fosse qual fosse o total dos débitos das quotas dos sócios. Enquanto a velha-guarda esteve à frente dos destinos da F.E.P., eram normas sagradas – *a contemporização e a tolerância* – para todos os sócios que atravessassem dificuldades monetárias, como expressão de fraternal camaradagem federativa. A conciliação dos interesses morais e materiais federativos era de extrema facilidade. Nunca se fecharam as portas a sócio algum por atrazo de quotas, ainda que, por vezes, fosse devido a mero desleixo e incúria dos associados. Uma carta affectuosa, duas frases persuasivas e tudo entrava na devida ordem com

honra para ambas as partes e com proveito para os créditos da Federação.»»»»

A revista ‘Além’, de Maio/junho/1939, traz, na sua 1ª página, um «apelo de desagravo e reparação dirigido ao Exmo. Conselho Superior Deliberativo, da Federação Espirita Portuguesa» : este apelo, exposto em seis artigos, algumas alíneas e parágrafos, é assinado por toda a Directoria da ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas’ e pelo Director do órgão oficial, e, referindo a irradiação do Dr. António Lobo Vilela, por parte da F.E.P., que a todos apanhou de surpresa, pede que ele seja nomeado sócio honorário da Federação Espirita Portuguesa pois “*ninguém mais que o sr. dr. Vilela merece, por direito próprio, a maior distinção conferida pelos Estatutos federativos*”, esclarecendo o comportamento do referido sócio da F.E.P. que, nas últimas A.G. de 1937 da mesma Federação, pugnou pelos interesses federativos, contrariando a vontade do sr. Presidente da Direcção, que lutou para que a renda de seis mil escudos, que estava a ser paga pela empresa cinematográfica que alugara o prédio da F.E.P., baixasse para os quatro mil e quinhentos escudos. Esta atitude do sr. Sousa Carvalho, levava à F.E.P. um prejuízo anual de dezóito mil escudos – e contrariado na sua vontade, ele mais não fez do que, numa Assembleia posterior, criar a possibilidade de irradiação dos membros que lhe faziam sombra: António Vilela, como António Freire, eram alguns deles!

E a Directoria da S.P.I.P., no seu apelo ao C.S.D. da F.E.P., pergunta:  
««« À face do artigo 10º dos Estatutos da Federação Espirita Portuguesa, a Directoria da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas pede licença para perguntar ao Conselho Superior Deliberativo da mesma Federação, qual dos dois deve ser irradiado: o sr. dr. Vilela que fez reintegrar dezóito mil escudos de rendimento anual nos cofres da Federação, ou o sr. João de Sousa Carvalho, presidente da Direcção, que empregou *os máximos esforços* para fazer entrar anualmente os mesmos dezóito mil escudos nos cofres da empresa arrendatária cinematográfica?

««« ...

««« A Directoria da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, em nome dos altos interesses morais e materiais do Espiritismo e da Federação Espirita Portuguesa, que deve encarnar a nobreza, honestidade e prestígio do Ideal, reclama do Conselho Superior Deliberativo da mesma Federação que seja aplicado o artº 10º dos Estatutos Federativos para a irradiação do presidente da Direcção, sr. João de Sousa Carvalho.»»»»

Refere, depois, a maneira como o representante da S.P.I.P., Fernando da Cruz Ferreira foi vítima de arruaças, enxovalhos e insultos nas mesmas



A.G. atrás referidas, por ter votado contra a administração do sr. Sousa Carvalho, e ***“reclama do Conselho Superior Deliberativo, da mesma Federação, se digne providenciar, sem perda de tempo, para que seja feita uma sindicância à Direcção actual, durante todos os anos da sua gerência, incluindo o triénio de 1936 a 1938, por sindicantes de moralidade e competência comprovadas, a fim de serem apreciados os factos e documentos que os tumultos das Assembleias Gerais referidas, não permitiram ser devidamente apreciados e discutidos, e, bem assim, outros ocorridos posteriormente”***.

Indicando os nomes que deveriam fazer parte desta mesma sindicância, a Directoria da S.P.I.P. esclarece que a sua atitude obedece a dois fins:

««« 1º - promover o devido e indispensável apuramento de responsabilidades da Direcção;

««« 2º - fornecer oportunidade, a alguns dos mais categorizados espiritas portugueses, para responderem condignamente à campanha de derrotismo e de afrontas de que têm sido vitimas nos últimos anos, dentro da Federação, nomeadamente depois de terem deixado de frequentar a sede federativa, em seguida a essas tumultuárias Assembleias Gerais já referidas. »»»

O apelo, sequeamente, no seu artº 5º, referindo como foi elevado, pelo presidente da Direcção da F.E.P., ***“discricionária e ilegalmente a quota da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, na qualidade de centro federado da F.E.P., de cem escudos para mil e cem escudos, contra o preceituado no nº 11º, alinea d) dos Estatutos da dita Federação, que determina, clara e explicitamente, que as quotas dos centros federados são facultativas,...a Directoria da S.P.I.P. declara ao Conselho Superior Deliberativo, da referida Federação, que não lhe sendo possível elevar o quantitativo da referida quota, mantém, no entanto, aq quota anual de cem escudos, pedindo ao mesmo Conselho se digne ordenar que seja cobrada pelo correio a importância total das nossas quotas, em débito, incluindo todo o ano corrente.”***

E voltando a reclamar o justo e equitativo quinhão que lhe pertence do legado de Firmino Teixeira, informa os Corpos Directivos da F.E.P. que se reserva o direito e manter o apelo em números sucessivos ou alternados da revista, seu órgão oficial, até completo cumprimento das suas legítimas reivindicações, ***“recorrendo a estâncias superiores se a isso for obrigada”***.

E aqui, verifica-se a contradição do comportamento, por parte do Presidente de Direcção da F.E.P., em duas das A.G. de 1937, de fazer



baixar a renda do prédio alugado a um particular, em mil e quinhentos escudos por mês, e o aumento da quota de mil escudos, exigido a um Centro Espirita!

\*

A segunda ‘Carta Aberta’ é publicada na revista de Maio/Junho do mesmo ano: Joaquim Freire começa-a agradecendo aos Corpos Directivos da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas o auxílio que lhe foi prestado quando puseram à sua disposição dos arquivos da Sociedade. Agradece ao Dr. António Lobo Vilela todo o documentário relativo à F.E.P., desde a sua fundação, e a protelação de uma ‘Carta Aberta’ dirigida ao Governador Civil de Lisboa para que ele, A. J. Freire pudesse continuar a publicação da sua. E agradece a Isidoro Duarte Santos o relato dos acontecimentos ocorridos na A.Geral de Outubro de 1938, da F.E.P., por ele secretariada e na qual o *“Presidente da Direcção empregou os seus esforços a fim de obter plenos poderes para a Direcção irradiar os sócios que lhe aprouvesse, ‘sem apelo nem agravo’, atitude que ficou frustrada pela oposição de Duarte Santos e de alguns outros sócios.*

Refere, ainda, a atitude de António Nunes de, *“sem me conhecer pessoalmente...autorizar a publicação de quatro cartas relativas a irradiações que considero documentos de valia. Serão publicadas com a possível brevidade.”*

Depois, apontando a troca de correspondência entre a F.E.P. e o seu delegado, no Rio de Janeiro, sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, vai o seu agradecimento pelas cópias que lhe foram cedidas. *“É tal a sua importância que são suficientes para imporem a imediata irradiação do sr. João de Sousa Carvalho, à face do artº 10º dos Estatutos da F.E.P., na parte relativa à sua conduta moral, intimamente ligada à sua actividade federativa”. E continua: “ (...) os snrs. Vice-presidente, primeiro secretário, tesoureiro e primeiro vogal, da Direcção a preside o sr. João de Sousa Carvalho, estão habilitados a fornecer um depoimento circunstanciado dos deploráveis acontecimentos de que foi protagonista o seu presidente da Direcção. Todavia, por uma inversão moral incompreensível, prestam-lhe o mais incondicional apoio, aprovando-lhe, por unanimidade, todas as propostas, incluindo as relativas a irradiações de sócios antigos, dedicados e honestos que souberam respeitar sempre os bons costumes muito em particular, com os médiuns que trabalham para a Federação, alguns dos quais foram forçados a não mais voltar ali com manifesto prejuízo para as sessões experimentais. Em nome dos mais elementares princípios de moralidade,*

*baseado no artigo 10º das disposições orgânicas federativas, convido o Conselho Superior Deliberativo a irradiar da Federação Espirita Portuguesa o sr. presidente da Direcção, a fim de não ser forçado a ventilar este assunto com o devido desenvolvimento. (...)”*

Menciona, a seguir, a maneira como na A.G. do final de 1937 deu o seu grito de alarme, que não foi ouvido, dado o tumulto ensurdecedor e a hostilidade manifesta; a documentação que, então, pôs à disposição da assistência, e que, apesar do apoio de alguns dos elementos da velha-guarda presentes, de nada serviu! O sr. José Pedro dos Santos, presidente do Conselho Superior Deliberativo, com a sua ‘moção de ordem’, pôs uma mordaza a todos aqueles que, no seu legítimo direito, pretendiam discutir, frente a frente, documentadamente, os actos administrativos da Direcção.

Recorda, depois, a memória de Firmino da Assunção Teixeira e as conversas tidas com ele, o seu legado a beneficiar todo o Movimento, para esclarecer a “lenda” que corria na F.E.P. de ter sido o sr. João de Sousa Carvalho o salvador da F.E.P., evitando que o seu edificio fosse leiloado para pagamento das dividas referentes à sua construção. E esclarece:

««« Como sucede geralmente na construção de prédios de grandes proporções, as despesas excedem o primitivo orçamento. (...) Importantes modificações e embelezamentos no decurso da construção absorveram o produto da subscrição e outras receitas, restando um débito, aproximadamente de duzentos e cinquenta mil escudos aos fornecedores de materiais. Dava-se, porém, a circunstância de a Federação ser a fiel depositária do legado de Firmino da Assunção Teixeira, aproximadamente do mesmo valor, representado em papeis de crédito (fundos públicos) cujos rendimentos eram destinados, pelo testador, a serem distribuidos pelos centros espiritas portugueses.

««« As Direcções anteriores aos actuais dirigentes, movidas por um nobilíssimo escrúpulo moral, se não legal, digno de toda a homenagem, procuraram solucionar o problema tentando obter uma hipoteca a fim de conservarem intactos os papeis de crédito, produto do legado, cujos rendimentos pertenciam aos centros espiritas portugueses. Surge a actual Direcção: em vez de procurar obter a hipoteca, o que não seria difícil, pois o prédio tem um valor superior a oitocentos mil escudos, - *não esteve para maçadas* – e vá de vender esses papeis de crédito – *operação da mais extrema facilidade* – e por esta forma foram saldados os débitos aos fornecedores de materiais, e o sr. presidente da Direcção guindado a *genuino e autêntico salvador da Federação Espirita Portuguesa*.

« Ora, o pior é que há dois anos e meio não foi distribuido um centavo dos rendimentos do referido legado aos centros espiritas portugueses que, baldadamente, têm reclamado.»»»»

Continuando, transcreve a carta que recebeu da Direcção, a irradiá-lo – irradiação que foi votada por unanimidade em sessão de 6 de Outubro de 1938 – por se encontrar incurso no disposto do § único do artigo 10º dos Estatutos e, mais à frente, a que foi dirigida ao Dr. António Lobo Vilela, irradiando-o também com base no mesmo artigo e §, com a seguinte redacção: ***“Serão irradiados todos os sócios que, sem motivo justificado, deixem de pagar seis quotas mensais sucessivas”***.

Refere, sobre o atraso da publicação e distribuição da ‘Revista de Espiritismo’ da F.E.P., o pedido de demissão do Coronel Faure da Rosa, Tenente Isidoro Duarte Santos e Pedro Cardia, dificultando em muito a elaboração da Revista, que passou a surgir com historietas, fotos e referências que nada tinham a ver com o Espiritismo e recorda que, ***“os fundadores e directores da Revista de Espiritismo, durante os sete anos que ocuparam este espinhoso cargo, de 1927-1934, nunca receberam a mais insignificante remuneração ou gratificação pelo seu trabalho. Toda a colaboração e administração dessa revista foram absolutamente gratuitas. Facto talvez único nos anais de publicidade: os seus antigos directores e fundadores pagavam as suas assinaturas pessoais.”***

Comenta, depois, a atitude do Tenente Isidoro Duarte Santos, ex-director da ‘Revista de Espiritismo’ e do ‘Mensageiro Espirita’, ***“que soube resistir, pela sua inteireza de carácter e dedicação ao Ideal, às propostas tentadoras do sr. Sousa Carvalho, presidente da Direcção federativa: - não seriam, por ventura, sedutoras a oferta dum ordenado mensal convidativo, acompanhado duma atraente viagem aos Estados do Brasil a fim de fazer a propaganda da Federação e por consequência a da administração e orientação dos seus actuais dirigentes?!”***

Tece diversos comentários que, como já deve ter sido observado, evitamos transcrever e publica uma carta do decano dos espiritas portugueses, João Leão Quartin, de 88 anos, dirigida ao Presidente da Direcção da F.E.P., de que salientamos alguns parágrafos:

«««« (...) Há, felizmente, confrades sérios, honestos, dedicados, bem intencionados, quer dentro dos Corpos Gerentes, quer no Centro Espirita Perdão e Caridade, sendo lamentável a sua passividade e indiferença perante o flagrante desmoronamento moral, cultural e administrativo da Federação Espirita Portuguesa.

«««« Pois bem, é para estes confrades que vai apelar, em último recurso, o velho decano dos espiritas portugueses. Se o pedido, feito de alma e coração do mais velho espirita português, encontrar eco compassivo na boa vontade destes confrades, talvez se pudesse estabelecer uma plataforma de

entendimento e apaziguamento, fundamentada nos altos interesses da Federação Espírita Portuguesa.

««« Peço licença para alvitrar que sejam nomeadas duas Comissões: uma escolhida pelos actuais dirigentes da Federação; outra representativa dos dissidentes e irradiados.(...) »»»»

A terminar a sua ‘Carta Aberta’ António J. Freire transcreve duas cartas do Presidente da A.G. da ‘Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas’, Dr. Amílcar de Sousa, sobre a dificuldade encontrada no recebimento da sua quota-parte do donativo de Firmino da Assunção Teixeira de que, até Fevereiro de 1939 só receberam 6 mil escudos quando, desde o seu legado, deveria ter-lhes sido já entregues, por parte da F.E.P., mais de 15 mil; e termina com um apelo a todos os confrades portugueses e brasileiros para que contribuam, na medida das suas forças monetárias, para a **“subscrição de desagravo e de reparação para intentar uma acção judicial contra os actuais dirigentes da Federação Espírita Portuguesa que retêm, há dois anos e meio, os rendimentos do «legado Firmino da Assunção Teixeira» pertencentes aos centros espiritas portugueses”**.

Na primeira página do número de Julho/Agosto do mesmo ano, a Directoria da S.P.I.P., de acordo com o autor da “Carta Aberta”, Dr. António J. Freire, declaram não continuarem a publicação da mesma até à obtenção da resposta aos apelos dirigidos ao Conselho Superior Deliberativo da F.E.P., acrescentando que **“a publicação dos donativos e a subscrição ficam dependentes das resoluções que o Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa se dignar dar aos assuntos ventilados e explanados no último número desta revista, dentro dos indefectíveis princípios do Direito e da Moral”**.

\*

Voltando um pouco atrás, e continuando a falar da Federação, do Relatório do Comité Geral da Federação Espírita Internacional, realizado em 4 de Setembro de 1932, no qual a F.E.P. se fez representar por Mr. Paule Courguin, consta a comunicação da construção da Casa Espírita, em Lisboa, tendo sido comunicado o plano do futuro edifício – cujo projecto e plantas do 1º, 2º e 3º pavimentos são publicados no nº 6 da Revista de Espiritismo, referente a Novº/Dezº de 1932. Do mesmo Relatório consta, ainda, a quota mínima anual que a F.E.P. ficará a pagar à Federação Espírita Internacional, enquanto não tiver possibilidade de equiparar o valor da mesma com a dos restantes associados.

\*

Ainda no mesmo ano, conforme consta da acta de 30.6.1932, ora consultada na Torre do Tombo, a FEP tinha acções da TOBIS Filmes, acções essas que, conforme carta de 10.05.1946, foram vendidas ao Snr. Rodrigues Pinto por vinte e cinco mil escudos.

Documentação encontrada diz-nos que os Irmãos Lumière realizaram 2 filmes, um com o título “A Vida e a Morte” e o outro chamado “Os Mistérios da Morte”, originariamente em poder da família Jumber, de Paris e o segundo, da família Quintela, doados à Federação entre 1915 e 1927, talvez, e que constavam das ‘raridades’ do Museu espirita da F.E.P..

Em Fevereiro de 1933, a revista ‘Além’ informa que Fernando d’Almiro está escrevendo a História do Espiritismo em Portugal e pede a todos os agrupamentos espiritas e confrades, em geral, que canalizem para ele, ou para a F.E.P., que apoia esta obra, todos os elementos, datas e referências que ajudem à estrutura da mesma.

Não conseguimos encontrar nenhuma edição desta obra, que ignoramos se terá chegado a ser publicada.

A acta da Direcção, de 23 de Abril de 1934, ora encontrada, refere a carta recebida de António Castanheira, na altura tesoureiro da F.E.P., arquivada na sua devida pasta, conforme apontamento exarado na acta, - carta essa do seguinte teor:

««« Considero deficientes, antiquados e contraproducentes os estatutos que actualmente regem a Federação; se estes estatutos bastavam para orientar os primeiros passos da Federação quando jovem, tornaram-se agora prejudiciais à expansão do nosso ideal e ao progresso do Espiritismo entre nós, porque não determinam, nem limitam claramente as atribuições, responsabilidades, direitos e obrigações dos corpos gerentes e dos sócios da F.E.P.; nem garantem aos corpos dirigentes a possibilidade de manterem eficazmente o respeito que lhes é devido.

««« A falta de estatutos modernizados e os necessários regulamentos neutraliza por completo as melhores iniciativas, e nestas condições não há possibilidade de produzir trabalho útil.

««« Além disto, os actuais estatutos não defendem suficientemente a FEP de qualquer assalto que os inimigos (ou mandatários dos inimigos) do espiritismo queiram dar-lhe e, por isto, se rápidas providências não forem tomadas, o edifício da FEP cujo valor de alguma coisa de importante representará poderá, quando menos for esperado, passar para as mãos de estranhos ou inimigos do ideal espirita.



««« Bem triste seria assistir à derrocada das nossas esperanças e ver de um momento para o outro inutilizados os nossos melhores esforços!

««« Eu não devo, nem quero concorrer para o enfraquecimento da FEP e por isso declaro terminantemente que não dou nem darei a minha aprovação a propostas de admissão de novos sócios a esta Federação enquanto não vigorarem outros estatutos que satisfaçam plenamente o desiderato dos spiritistas sinceros porque entendo que admitir mais sócios sem haver estatutos que defendam precificamente a FEP, pode representar para esta perigo gravíssimo.»»»»

Continuamos a folhear a imprensa da época e, no nº 3 da Revista ‘Além’, de Maio/Junho de 1935, lemos ter-se constituído uma editora neo-espiritualista – Sociedade Cooperativa de Responsabilidade, Lda. – com Sede na Rua da Palma nº 253, com o capital mínimo de mil escudos, para publicação de obras neo-espiritualistas e metapsíquicas. E, mais à frente, dá a notícia do “Livro dos Espíritos” no sistema Braille, tarefa realizada por D. Ângela de Moraes, que ofereceu à F.E.P. o seu trabalho, e acrescenta ter a mesma senhora iniciado já a preparação do livro “Do Paiz da Luz”, psicografia de Fernando de Lacerda, pelo mesmo sistema.

Ignoramos se o seu projecto chegou a concretizar-se, mas encontrámos, em Outubro de 1935, na revista ‘Além’, a noticia da edição do livro ‘O Além para todas as Inteligências’, da autoria de J. L’Homme, director da Revista Espirita Belga, prefaciado por Humberto Forestier, vice-presidente da Federação Espirita Internacional e traduzido por Faure da Rosa.

Esta editora, não conseguindo o acolhimento necessário para a aquisição das suas obras, veio a fechar poucos anos depois.

António J. Freire, em nota de rodapé no seu livro “A Evolução do Espiritismo”, na pág. 178, refere a «forma desprimorosa como foram tratados os espíritas da Arquidiocese de Braga, nomeadamente o “Centro Espirita Luz e Caridade” que teve a sua sede apedrejada, além duma furibunda excomunhão, que motivo algum sério e digno justificava. Facto inédito e instrutivo, que não depõe a favor da gratidão do catolicismo bacarense: o Centro Espirita “Luz e Caridade” dava mensalmente alguns contos de reis a algumas instituições católicas de Braga, como comprovam os balancetes mensais da sua revista; enquanto que nunca ofereceu o mais insignificante auxílio monetário a Centros Espíritas, ou, mesmo, à Federação Espirita Portuguesa, nessa época atravessando grandes dificuldades, pois estava no início da sua fundação e organização (...)».

Bem mais tarde, no número de Julho de 1963, a revista “Luz e Caridade”, de Braga, comunicará o seu encerramento num editorial que



transcrevemos na integra dado o seu valor, que consideramos histórico para o M.E.P.:

«««Com a publicação do presente nº, que é o 553, correspondente aos 46 anos e um mês de existência, dá por finda a sua tarefa a revista “LUZ E CARIDADE”.

«««Não será de surpreender por parte de quantos nos têm acompanhado, dado que por várias vezes já nos vínhamos referindo às múltiplas e crescentes dificuldades com que lutávamos e que se concretizaram na não menos crescente falta de elementos de toda a ordem. Não é, pois, o facto de findar a sua actividade o que poderá causar surpresa, mas muito mais para admirar é ter, através de todas as suas dificuldades, a “Luz e Caridade” podido manter-se durante quase meio século, sem uma só vez ter sofrido qualquer alteração no ritmo normal da sua publicação.

«««Com o seu desaparecimento cessa também naturalmente o “Centro Espírita de Braga”.

«««Resta-nos apenas evocar aqui a memória saudosa e muito querida daqueles que a esta obra se dedicaram e a ela consagraram todo e o melhor do seu esforço. Foram eles Matias e Silvino Cunha, Manuel Graça e Joaquim Rocha. Não fôra a morte deste último, e certos estamos de que não seria já que a “Luz e Caridade” daria por findos os seus dias. Agora, porém, sem mais elementos em condições de poderem dar a devida assistência e continuidade para o prosseguimento da obra, ela finda muito naturalmente, tão naturalmente como começou em 1917. Certos, porém, ficamos de que alguma coisa, se não muito, se fez e se conseguiu, não somente na parte doutrinária como em muitos outros aspectos de assistência social, amparo e cura espiritual de muitos e muitos milhares de pessoas que aqui encontraram alívio e cura dos seus sofrimentos tanto físicos como morais.

«««Resta-nos agradecer comovida, profunda e sinceramente a todos que conosco colaboraram e nos trouxeram tantas vezes o melhor da sua vontade e da sua dedicação ao serviço da ‘Grande Causa’ da espiritualização e da perfectibilidade humana. Como nada se perde, crentes podemos ficar de que todo este esforço não ficará sem aquela sublime e grandiosa recompensa que sempre recai sobre os que se dedicam a tarefas desta natureza.

«««Que outros, e muitos sejam eles, possam de qualquer modo continuar a obra de Joaquim Rocha, Matias e Silvino Cunha e Manuel Graça, são os votos que sinceramente formulamos ao despedir-nos com a maior saudade da grande família da “Luz e Caridade”.

«««As grandes e dia a dia mais evidentes e urgentes necessidades dos tempos assim o exigem e assim o esperam, pelo que não era de considerar

como expressão de exagero a certeza de que a sementeira lançada pela "Luz e Caridade" continuará a frutificar na alma e no coração dos que realmente crêem e confiam na vitória do espírito, como único meio de dar verdadeiro e puro sentido à vida, isentando-a de muita confusão e sofrimento, que só a superstição e a ignorância podem explicar e produzir. Na medida em que tais obstáculos forem sendo vencidos, assim se verificará o novo mundo, que tantos anseiam por ver construído... —A Direcção»»»»

\*  
\*  
\*

O tempo vai correndo...

A Direcção que gere os destinos da Federação, continua ditadora: já verificámos como todos aqueles que lhe pedem contas são expulsos (entre eles os sócios fundadores Drs. António J. Freire e António Lobo Vilela) e como os Centros que reclamam o auxílio anual, deixado por Firmino Teixeira, e a que se acham com direito, vêm as suas quotas aumentadas para importâncias tão exageradas para a época que, não as podendo pagar, se afastam ou são afastados nos termos do artº 10º e seu § único, enquanto as importâncias a que têm direito, desse mesmo legado, continuam por entregar, como se lê no número de Julho/Agosto de 1941 da revista 'Além': no artigo 'Factos, Notas e Respiços', da responsabilidade de J. Costa Magalhães, o articulista, no destaque "Esclarecendo" pergunta: "*quando cumprirão os dirigentes federativos as disposições do legado de Firmino Assunção Teixeira?*", comentando, de imediato:

««« (..). A título de oportuno esclarecimento creio poder dizer aos consulentes, nestas colunas, que a Directoria da S.P.I.P. nada mais poderá informar senão que, desde princípios do ano de 1937, 'malgré tous efforts' nem mais um centavo conseguiu receber dos dirigentes da Federação por conta dos seus legítimos direitos àquele legado. Decorreram, já, portanto, quatro anos e meio durante os quais o rendimento do legado tem ficado totalmente, segundo parece, no cofre da Federação. Nada recebeu, portanto, a S.P.I.P. durante este período, nem consta que os dirigentes daquele organismo tenham feito qualquer distribuição por outras Sociedades congéneres de harmonia com as disposições do mesmo legado. (...) »»»»

O mal estar provocado pelo comportamento de uma Direcção com que ninguém concorda é sempre maior e, de uma e outra maneira, os que pugnam por uma Federação honesta e idónea vão-se afastando, embora fiquem vigilantes. Alguns deles, faziam parte do Conselho Superior

Deliberativo da F.E.P. e as vagas deixadas em aberto são ocupadas pelos Presidente e vice-Presidente da Direcção, respectivamente srs. João de Sousa Carvalho e José Carlos da Costa Carinhas. (rev. 'Além', Setº/Outº/1941, artigo 'Factos, Notas e Respigos'). Esta atitude torna mais difícil ainda a esperança de um mínimo de dignidade nas atitudes federativas.

Isidoro Duarte Santos, insatisfeito com os caminhos tomados pela F.E.P., reabre o Centro Espiritualista Luz e Amor, e logo após, recebe uma carta do secretário do Conselho Superior Deliberativo da F.E.P., sr. Joaquim Camacho, informando-o de que, depois de apreciarem uma proposta ***“apresentada por toda a Direcção da aludida Federação, por unanimidade resolveram ...considerá-lo incurso no artº 10º dos Estatutos...”***, conforme vem referido no número de Setembro/Outubro de 1941, da Revista 'Além'.

Em 1942 o Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, sócio nº 38 da F.E.P., demite-se, numa carta dirigida à sua Direcção, de que envia cópia para as revistas espiritas, e que “Estudos Psíquicos” publica com os seguintes comentários: ***“O nosso confrade e amigo Major Eurico de Castro Graça Zuzarte, pioneiro da velha guarda que tantos serviços tem prestado à Causa, num incansável e voluntário apostulado, enviou à Federação Espirita Portuguesa a seguinte carta, reveladora do desânimo que dele se apoderou, no tocante à confiança que lhe merece aquela agremiação, detentora de pergaminhos que não tem sabido respeitar e de responsabilidades que sistematicamente engeita em holocausto a desígnios inconfessáveis que muito têm contribuído para o descontentamento dos espiritas sinceros”***.

««« Exmo. Senhor Presidente da Direcção da F.E.P.

««« Rua de S. Bento, 640, Lisboa

««« Considerando que a F.E.P. falhou por completo aos fins para que foi organizada, não levando há muito, através de Portugal, a propaganda da Verdade que é o Espiritismo; não sendo a sua acção caracterizada por qualquer actividade que, sequer, ao menos, levasse aos seus filiados o conforto e amparo da Ideia Espirita, periodicamente por meio de publicação conveniente; não constituindo o núcleo federativo que devia constituir, sendo o apoio e recurso de toda a família espirita; considerando que antes a F.E.P. vem vivendo há anos de forma apagada, o que sobressai dos considerandos precedentes, e não aparece a defender publicamente o

Espiritismo, quando atacado, o que é o seu primordial dever, como elemento máximo, que devia ser, da Organização Espirita em Portugal; tudo isto e serenamente por mim ponderado como sócio fundador da F.E.P., pelo próprio respeito que me merece a Ideia Espirita, é meu dever abandonar essa colectividade, pelo que informo V. Exa. Que nesta data me considero eliminado de sócio da F.E.P..

««« Solicito que, pelo correio, à cobrança, me seja enviado recibo das quotas mensais que eu tenha em dívida. E, sem mais, e reservando-me o direito de dar a esta carta a publicidade que entender, sou... Eurico da Costa Graça Zuzarte, Major de Cavalaria 1, sócio nº 38 da F.E.P.) »»»».

Em 23 de Julho de 1942 começaram as reuniões de estudo para as alterações aos Estatutos, não se encontrando mais referências sobre o mesmo assunto, só vindo a ser proposta a sua alteração com a criação, mais à frente, do Laboratório de Metapsicologia.

Em 1 de Dezembro de 1942 (conforme leitura feita nas consultas permitidas na T. Do Tombo) foi pedido ao Governo Civil uma sindicância aos actos administrativos da FEP referentes à administração dos bens legados por Firmino Assunção Teixeira, sindicância essa que, pouco depois, foi cancelada.

Confome carta de 13..01.1944 (T.Tombo), foi comunicado à FEP um legado do snr. António da Fonseca Miranda, no valor de Esc. –10.000\$00-, primeiramente depositados no B.N.U. e, posteriormente, transitados para a C.G.D. ... e ainda uma outra doação, de 100 libras ouro!

As actas de 10 e 21 de Dezembro de 1945 (T.T.), referem que, devido ao falecimento do sr. Vicente Rodrigues, a família entregou à FEP toda a sua vasta e científica biblioteca espírita; alguns dos livros foram editados em 1857 e havia ainda um livro de mil setecentos e... ,cremos que da autoria de Emmanuel Swedenborg.

A família Vasconcellos, por motivos financeiros e a titulo simbólico, entrou em negociações com a FEP, a quem vendeu toda a sua vasta e rica biblioteca espírita, teosófica e espiritualista, por oitocentos escudos. (T.T.).

Conforme éditos de 15.07.1946, foi feita uma outra doação à FEP, esta legada pelo snr. Joaquim José de Barros, só recebida depois de expiado o prazo indicado nos mesmos.(T.T.)

A acta de 12.08.1946 (T.T.) regista a proposta de a FEP ter só grupos federados, sendo os sócios individuais da responsabilidade dos Centros que os mesmos frequentassem; são prorrogados os prazos de gerência das direcções para 4 anos ou, em sua substituição, a eleição colegial ou por voto de confiança.

Cria-se, ainda, uma situação jurídica, a fim de não deixar que centros ou associações espíritas pudessem denegrir a FEP por palavras faladas ou escritas.

As Federações Espíritas espalhadas pelo mundo tinham nas suas direcções um bibliotecário/arquivista, que transitava de direcção para direcção e que, única e exclusivamente, tratava do arquivo e biblioteca; a FEP, aderiu ao exemplo e, inclusivamente, pediu ao Ministério da Educação o Regulamento das Bibliotecas e arquivos já que, nessa época e a nível bibliotecário particular, em obras de consulta, estudo científico e filosófico, a Federação possuía mais de 2.000 volumes encadernados ou em papel simples. Esse documento existe até hoje na actual FEP.(T.T.).

Na revista ‘Além’, onde encontrámos tantas referências sobre o histórico do M. E. P., no nº. de Maio/Junho de 1947, no artigo ‘Noticiário’, depois de referir o 20º aniversário da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, comemorado em Junho, lemos que se *“pensa na próxima realização de um Congresso Espirita. Tal empreendimento seria aplaudido e apoiado, sem dúvida, por todas as agremiações deste género – que infelizmente são poucas – mas em compensação e disse estamos certos, não faltariam confrades de boa vontade, e, - muitos eles são, dispersos por todo o País – a alimentar a ideia e a dar todo o seu esforço, abnegação e auxílio, àqueles que ousarem tomar tão grande iniciativa.*

*“ A Federação Espirita Portuguesa seria, a nosso ver, a entidade mais indicada para promover e realizar tal empreendimento....”*

Na mesma Revista, no seu nº. de Março/Abril de 1948, na coluna do ‘Noticiário’ encontramos a notícia da criação de uma Casa de Repouso para Inválidos Espíritas – conforme circular recebida da Comissão de Solidariedade da Federação Espirita Portuguesa, *“formada por devotados confrades, a quem damos todo o nosso apoio na magnífica obra que se propõem realizar(...). O ‘Mensageiro Espirita’ do corrente mês, cuja distribuição terá lugar por estes dias, contém larga referência a uma deliberação tomada pela Comissão de Solidariedade da Federação Espirita Portuguesa, em reunião efectuada no dia dois. Trata-se de um grande empreendimento cuja realização desejamos ver acarinhada por todos os nossos confrades e recebida com agrado e sensível entusiasmo*

*por todas as Sociedades, Centros e Grupos Espiritas.(...) A ideia consiste na construção de um edifício destinado a confrades, incapacitados e pobres, para a qual escolhemos o designativo de CASA DE REPOUSO PARA INVÁLIDOS ESPIRITAS. (...)”... e no número de Março do ano imediato (1949), um artigo de Maria Veleda, intitulado ‘Casa de Repouso para Espiritas’, a autora apoia a ideia de Yvone de Sousa, e sugere alguns dos nomes por que a mesma poderia ser registada, ligada a outros da velha guarda espírita, como o de Sousa Couto, Martins Velho, Viriato Passaláqua, ou, mesmo, Casa de Repouso Maria O’Neil!... outra ideia que não se concretizou, numa realização da Federação, apesar de constar da programação de trabalhos para o triénio 1951/53. Mais tarde, Eduardo Fernandes de Matos, da ‘Associação de Beneficência Fraternidade’, concretizou este ‘sonho’, em Março de 1976, com a abertura de um Lar, - o Lar Fraternal de Sintra - nos arredores de Sintra, que o governo actual (2003) encerrou ‘por falta de segurança, dado que não existiam condições físicas para o seu funcionamento’! Entretanto, sabemos que as Direcções actuais da A.B.F. primaram sempre pelo cuidado a ter com aquelas instalações e todos os anos se faziam obras de manutenção e recuperação. Quem perdeu não foi nem o Movimento, nem a A.B.F.: foram os velhinhos, atirados, posteriormente para casas onde o amor não existe... e em Vila Nova de Gaia foi criado, há uns anos já, o ‘Lar Espírita Esperança’, num projecto meio concretizado, pois existem as paredes, faltando preparar as instalações e mobilá-lo, para o acolhimento das pessoas que a ele recorram.*

Oito anos se passaram ainda e, em 1950, um artigo assinado por Yvone de Sousa, António Castanheira de Moura e António J. Freire, publicado na ‘Revista de Metapsicologia’ transcreve o acto eleitoral realizado em Novembro, precedido do apelo assinado pelos mesmos e de que transcrevemos alguns pontos:

««««(...) Um grupo de sócios, predominando velhos fundadores da Federação, que têm dado o melhor e o mais desinteressado do seu esforço para a dignificação e propaganda do Espiritismo, ansiosos do ressurgimento moral e intelectual da sua Federação, apelam para os seus Consócios a fim de patrocinar a sua lista eleitoral para, assim, reatar a nossa Federação nas suas antigas e nobres tradições de saudosa memória, dignificando o Ideal e a Colectividade.

««««A Federação Espírita Portuguesa constitui um todo, o qual não pode ser desarticulado. Daí a necessidade, a começar pelos seus corpos directivos, de estabelecer uma nova vida de relações entre este organismo e todos aqueles que vivem os princípios que a F.E.P. representa, e que se



encontram enunciados no Artº 2º e seus parágrafos, dos Estatutos que regem este organismo federativo.

«««Perante obstáculos que nos últimos tempos se têm notado no ambiente da nossa organização federativa, poderá parecer a muitos dos nossos confrades, que só agora se formou e surgiu a ideia de dar ao Espiritismo, ou melhor, às forças espiritistas, uma organização que assegure eficácia e continuidade na acção em prol não só da propaganda espirita, como muito especialmente da Federação Espirita Portuguesa, imprimindo ao Espiritismo português disciplina e respeito pelo Movimento organizado segundo os princípios aprovados nos Congressos Internacionais, princípios estes que cumpre à F.E.P. dar execução, como legítima representante do Espiritismo em Portugal. Porém, tal objectivo já vem de longa data; no entanto, razões de ordem sentimental têm impedido que se ponham em execução medidas de saneamento tão necessárias, a bem da disciplina e do bom nome da Federação Espirita Portuguesa, organismo que, dada a sua posição nas correntes Neo-Espiritualistas, não pode viver o favor da boa ou má vontade de alguns, mas sim integrada no movimento imprimido pelos Congressos Espiritas Internacionais; cumprir e fazer cumprir o que eles determinem, afastando por conseguinte do seu caminho todos os elementos que pretendam viver da sua seiva, inutilizando-lhe a preciosa vitalidade que ainda a anima.»»»»

Mais à frente, o mesmo apelo-circular refere o programa de trabalhos a efectuar pela gerência da F.E.P. no triénio 1951/1953, desde o reformar dos Estatutos ao criar do Conselho Federal; «regenerar o meio associativo dentro das normas cristãs do Espiritismo, afastando todas as más influências, incompatíveis com o alto e nobre Ideal de que a F.E.P. é a legítima representante para Portugal e para todo o Império Português...;envidar esforços para reconquistar a consideração e confraternização do estrangeiro; fundar, organizar e orientar o maior número possível de Centros, Grupos, Delegados e correspondentes...; fomentar, intensa e metodicamente a propaganda do Espiritismo, nos seus aspectos científico e experimental, pela imprensa...; realizar conferências, as quais, sempre que seja possível, devem ser transmitidas pela rádio; melhorar a colaboração do órgão da Federação Espirita Portuguesa e elevar o seu número de páginas, à semelhança da extinta Revista de Espiritismo; editar livros e monografias de reconhecido mérito para o estudo e compreensão científica do Espiritismo; dar toda a extensão e relevo aos trabalhos práticos, dentro da F.E.P., mas sempre orientados e dirigidos por sócios competentes, moral e intelectualmente, e quando devidamente iniciados na Doutrina Espirita; criar na sede da F.E.P. um Centro de Conversação e Confraternização, procurando estabelecer entre a massa

associativa um são e útil entendimento; administrar o legado de Firmino A. Teixeira, procurando obter das entidades oficiais a fórmula legal e segura, no sentido de obter o maior rendimento possível dos Centros Espiritas Portugueses, federados na F.E.P.; criar um Museu Espirita, onde sejam expostas fotografias de fenómenos absolutamente controlados, bem como diverso material de investigação metapsíquico, já existente nesta Federação...; criar, pela conferência e pela imprensa, uma mentalidade Evolucionista, Reencarnacionista e kármica, bases fundamentais para a compreensão lógica e racional das dores e sofrimentos humanos e sociais...; editar folhetos de distribuição gratuita, através dos quais se faça a divulgação do Espiritismo...; dando execução a tal objectivo, daremos início à publicação das “Seleccões Espiritas Portuguesas”, as quais constituirão preferentemente a “Antologia Portuguesa”, através da qual será divulgado e arquivado o que tenha sido produzido em Portugal...; imprimir o máximo desenvolvimento à secção ‘Núcleo da Juventude Espirita Portuguesa’, num sentido de compreensivo e consciente objectivo espiritista...; imprimir um maior desenvolvimento aos objectivos da Comissão de Solidariedade...; criar cursos de espiritismo para a mocidade, em forma de escola dominical...; estreitar os laços de solidariedade com os nossos confrades brasileiros, reatando, assim, a amizade que esta Federação manteve com todos os organismos espiritas daquela Nação irmã, onde a F.E.P. gozou, anteriormente, da maior consideração, prestígio e amizade; combater, por todos os meios legais, indo até à própria irradiação, qualquer associado individual ou colectivo, que fomente a intriga no seio da massa associativa, ou pratique actos de goécia (magia e bruxaria), receituário ou tratamentos que infrinjam as Leis vigentes do País ou dos Estatutos da F.E.P., ou mesmo a Ordem dos Médicos; procurar por todos os meios legais, abrindo para isso subscrições em Portugal e no Brasil, fundar a Casa de Saude e de Repouso, para amparar a velhice desvalida, e onde serão tratadas gratuitamente as obsessões e outras psicoses de origem astral, sob a orientação de médicos espiritas portugueses, ligados à F.E.P.»

«««A resposta ao apelo da Comissão eleitoral não podia ser mais elucidativa. Quando a Mesa se constituiu, o Livro respectivo registava 212 presenças para a votação (...), sem oposição e apenas com 11 salteados e ligeiros cortes, os novos Corpos Gerentes da F.E.P. foram eleitos por 331 votos, como segue:

### **Assembleia Geral :**

*Presidente*, Dr. Luiz Filipe Estevão da Silva; *Vice-Presidente*, Capitão José dos Reis Pires; *1º Secretário*, Professor José de Oliveira Rebordão; *2º Secretário*, António Bivar de Sousa Dóres.

### **Conselho Superior Deliberativo:**

D. Adelaide Yvone de Sousa, António Guedes de Amorim, Júlio Gonçalves de Jesus, José Francisco Cabrita.

Suplentes: Alírio Martins de Moraes, Tomé Tavares Dinis.

### **Junta Consultiva:**

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Centro Espiritualista 'Luz e Amor', Instituto Espiritualista Português, Centro Espírita Perdão e Caridade, Sociedade Espírita de Lagos, Grupo Espírita 'Jesus Cristo', Eng<sup>o</sup> Mário José Estevão da Silva, D. Ema Cordeiro, D. Alice Pancada, 1<sup>o</sup>Ten. José Madeira da Conceição, Dr. José de Magalhães e Menezes, Dr. Raul Emídio de Carvalho, Álvaro Ramiro de Sousa, Jaime Augusto de Moraes, 2<sup>o</sup> Ten. José Augusto Gonçalves, José Gândara Lima Campos de Avelar, José Delgado França, D. Júlia da Luz Soares, Ten. Carlos Alberto Guedes Dias, Aires Vaz Raposo, Ten. Manuel Caetano de Sousa.

### **Conselho Fiscal:**

*Presidente*, Domingos Pereira; *Relator*, Luiz Baldrico; *Secretário*, D. Fernanda Machado Canuto da Costa; *Suplentes*: Raul Domingos Ribeiro; Eduardo Fernandes de Matos.

### **Direcção:**

*Presidente*, Dr. António Lobo Vilela; *Vice-presidente*, António Castanheira de Moura; *Tesoureiro*, Joaquim Júlio da Silva Lagarto; *1<sup>o</sup> Secretário*, Joaquim Ferreira Alves Júnior; *2<sup>o</sup> Secretário*, Manuel de Barros; *1<sup>o</sup> Vogal*, Custódio Rodrigues da Silva; *2<sup>o</sup> Vogal*, José Serras; *Suplentes*: Sérgio Lopes Madeira; Henrique Teixeira da Silva.»»»»

Estes foram os últimos elementos dos Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa criada no 1<sup>o</sup> Congresso Espírita Português, em 1925.

O Dr. Lobo Vilela, a seu pedido e devido a 'razões de ordem moral e por absoluta falta de tempo' deixará de exercer o cargo de Presidente da Direcção a partir de 21 de Janeiro de 1953, mantendo, entretanto, a restante colaboração que sempre presta à F.E.P., - lê-se em declaração publicada no número 1 da Revista de Metapsíquica de Janeiro de 1953.

Mais tarde soube-se que, sendo ele “perssona non grata” da situação política vigente (tendo chegado a estar preso na década de 60, o que revoltou e indignou a opinião pública, tal o seu valor como cidadão e como intelectual) e não querendo, com a sua presença, prejudicar a Federação, o desligar-se da mesma foi a atitude que lhe pareceu mais correcta para bem do Movimento Espirita em Portugal e da própria Federação.

Depois da votação, e na primeira reunião doutrinária imediata, o Vice-Presidente da Direcção, António Castanheira de Moura, proferiu a seguinte alocução na qual reconhece, ele mesmo, como a Federação viveu sempre sofrendo das animosidades de uns e outros ou, quando muito, de ideias entre-chocadas, onde não se manifestou a união tão necessária para fazer frente aos ataques do mundo inferior para que tantos abriam «brechas» com a sua maneira de ser.

Disse o orador:

«««O triénio que está prestes a terminar foi sempre agitado por perturbações nem sempre justas, nem sempre razoáveis; nem fundamentadas em causas longínquas e já sem oportunidade.

«««As gerências desta casa têm sido perdidas, em geral, por questões provocadas na maioria das vezes, por despeitos incontidos, que lançando as suas raízes na profundidade da massa associativa, lhes tira – por vezes – a compostura, própria de seres inteligentes e educados.

«««Por conseguinte e porque um agremiado social não pode viver desarticulado, sob pena de se comprometerem os princípios pelo mesmo representados; dentro deste critério e porque esta Federação vem vivendo, já há alguns anos, sem um objectivo definido; o Vice-Presidente em exercício da Direcção da Federação Espírita Portuguesa, tomou a iniciativa de gisar um plano de trabalhos que constituísse um imperativo que levasse os novos corpos gerentes (propostos ao sufrágio) a cumprirem os 24 pontos articulados na circular enviada aos confrades associados neste organismo federativo.

«««Foi com prazer que vi esta ideia aceite pela Comissão Eleitoral, ideia que acaba de ter o apoio e concordância da massa associativa por forma a mais retumbante, pois que ela, possuída de uma nítida e inteligente compreensão, acorreu à consulta que lhe fôra feita através da aludida circular, chancelando com o seu voto o plano de trabalho que tal consulta contém.

«««Tal atitude manifesta nitidamente o desejo de que a Federação Espírita Portuguesa assumira o lugar que lhe compete e, alheia às intrigas que habitualmente são urdidas em sua volta e no seu seio, cumpra o seu dever.

«««À Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas; ao Instituto de Investigações Psíquicas; ao Instituto Espiritualista Português; ao Centro ‘Perdão e Caridade’ e, ainda, ao Grupo ‘Jesus Cristo’ e perante os representantes desses organismos, associados nesta Federação, apresento, em nome da Comissão Eleitoral, os melhores agradecimentos pela forma nobre e compreensiva como se manifestaram em prol dos destinos deste organismo federativo, manifestação esta que, a par de uma nitida solidariedade, constituiu também um imperativo para os novos corpos gerentes, que vão assumir o pesado cargo da Direcção dos destinos da F.E.P. no decurso do triénio de 1951-53.

«««Não pode também esta Comissão, ao terminar o seu mandato, deixar de se dirigir a todos os confrades que directamente, ou por delegação, acorreram a este acto que acabais de realizar. Não esqueçamos, também, a prova de confiança e vitalidade manifestada pelos confrades residentes na Província, que com desassombro e confiança responderam à chamada, dando-nos, assim, o seu consciente apoio.

«««A todos, em nome da Comissão Eleitoral, os meus agradecimentos.

«««Muito prepositadamente reservei para o fim desta alocução as minhas fervorosas homenagens para os Espíritos Guias e Tutelares da Federação Espírita Portuguesa, sem os quais nada se teria feito, pedindo-lhes a continuação do seu amparo, pois posso afirmar que foram as forças imanentes reinantes nesta Federação – legítimos Guardiães da Causa Espírita, - que nos deram o amparo e a confiança precisos, para vencermos as sinuosidades do caminho, proporcionando-nos o resultado obtido.

«««Saibamos, pois, cumprir com justiça, sem hesitações e com firmeza, a bem da Causa Santa do Espiritismo.

«««Com os meus melhores votos a Deus para que se mantenha entre os espíritas portugueses a unidade e compreensão, agora nitidamente esboçadas, são os melhores desejos da Comissão Eleitoral.

«««Ao terminar e para elucidação dos circunstantes, devo dizer que a Comissão Eleitoral, embora contasse desde a primeira hora, com o apoio do nosso Confrade e brilhante cérebro, Dr. A. Lobo Vilela, só depois de uma larga conferência com o nosso Confrade, Dr. António J. Freire, e após a minha oportuna intervenção, é que aquele nosso Amigo e grande espírita se colocou inteiramente, e de novo, ao serviço da Federação Espírita Portuguesa, com o que muito irá ganhar este organismo e a Causa por ele representado.

«««Após esta rápida exposição dos factos, proponho um voto de saudação pelo regresso às lides espíritas, do nosso grande amigo, Dr. A. Lobo Vilela, facto com que muito nos congratulamos.

«««Lisboa, Sala das Sessões da F.E.P., 30 de Novembro de 1950.»»»

\*

O discurso de Castanheira de Moura revelava, nas entrelinhas, como as coisas corriam mal... como as ‘brechas’ provocadas por uns e outros, iam enfraquecendo mais e mais os alicerces de uma Instituição criada com tantos sonhos e amor... mas, ‘parar é morrer’, diz o povo, e apesar de todas as contrariedades e desilusões, as adversidades são enfrentadas com coragem, talvez no anseio de que seja possível vencerem-se as barreiras que vão surgindo, uma delas da própria P.I.D.E., a quem os artigos a serem publicados nas Revistas da FEP tinham sempre de ser enviados aos Serviços de Censura, para serem revisados, havendo sempre cortes nos mesmos, conforme se lê na carta nº. 143, de 13 de Junho de 1951.

No ano seguinte, o número 10 da *Revista de Metapsicologia* – Outubro, 1952 -, informa “estar em princípio de execução o Museu da F.E.P., notícia aliás já falada no número 11, de 1951, quando a Direcção comunica estar trabalhando no sentido da organização de um Museu, procurando colher o maior número de documentação e de valores com que possa ilustrá-lo, completando esta mesma notícia a informação de que também prosseguem os trabalhos para a organização da Exposição Mundial do Livro e da Imprensa Espírita, a realizar em 1952”.

E a esperança do melhoramento de toda aquela situação, nota-se, ainda, lendo-se o nº 3, de Março de 1951 da ‘Revista de Metapsicologia’, (criada em 1949 para substituir a “Revista de Espiritualismo”, surgida, por sua vez, para substituir a primitiva “Revista de Espiritismo”) que refere – em artigo não assinado:

#### ««« TRABALHOS EXPERIMENTAIS

««« Nenhum espírita esclarecido ignora a delicadeza dos trabalhos experimentais, onde essencialmente se baseia a nossa doutrina. O bom resultado de toda a experiência depende do saber que lhe emprestamos, tanto sob o ponto de vista dos conhecimentos técnicos que todo o trabalho requer, como sob o do conhecimento da doutrina que desse trabalho resulta e, ainda, e naturalmente, do esforço empenhado na observância dos princípios impostos pela mesma doutrina, sem os quais a experiência não poderá resultar satisfatória.

««« A F.E.P., ciente da sua responsabilidade pela natural posição que ocupa no movimento espírita em Portugal, procura regulamentar, metodizar, orientar, segundo o que julga o melhor critério, todos os trabalhos práticos que tenham lugar na sua sede, método e orientação que desejaria ver seguidos por todos os Centros e Grupos do País.



««« Pior do que o combate dos adversários da Causa que servimos, será a experiência deficientíssima ou francamente má com que pretendamos defende-la.

««« A *Revista de Metapsicologia* sabe dos esforços que a actual Direcção da F.E.P. está empregando no sentido de valorizar os trabalhos práticos e de alargar e dar eficiência à propaganda da Verdade espirita. Por isso mesmo incita todos os confrades, principalmente os associados na Federação, a que saibam aguardar confiadamente e a que meditem em tudo a que vimos de expor nestas despreziosas linhas. (...) »»»

\*

\*

\*

No número de Junho de 1952, encontra-se a transcrição de parte do Decreto-Lei nº. 32171, publicado no Diário de Governo nº. 175, de 29 de Julho de 1942, 1ª Série, do Ministério da Justiça:

««« Usando da faculdade conferida pela 2 parte do nº 2 do Artº 109º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

««« Artº. 12º - Aquele que sem qualquer titulo ou sem titulo bastante, praticar observação ao tratamento de pessoas por qualquer método ou por processo que tenha por fim a cura de estados mórbidos ou incómodos de saude, ou qualquer outro acto próprio da profissão médica, e bem assim aquele que assumir a direcção de qualquer dos actos compreendidos neste artigo, incorre na pena do § 2º. Do artº. 236 do Código Penal..

«««(...) Artº. 15º - Todos os indivíduos que com o nome de magnetizadores, oculistas (*não será ocultistas? O reparo é nosso.*), videntes, quiromantes, naturistas, fisioterapeutas (*N.R.: parece tratar-se de psicoterapeutas*), ou semelhantes empreguem práticas, medicações ou quaisquer processos com os quais procurem suggestionar doentes e, de um modo geral, todos os charlatães que usem de processos análogos com o mesmo fim, serão condenados na pena a que se refere o artº. 20º..

§ Único – Na mesma responsabilidade incorrem os que empreguem medicamentos secretos.

««« (...) Artº. 19º - Os estabelecimentos destinados ao tratamento ou recepção de doentes e de grávidas ou puérperas, quaisquer que sejam os processos empregados, não podem funcionar senão sob a direcção e responsabilidade de profissionais em condições legais de exercer a medicina em Portugal. Os directores são obrigados a participar a existência dos aludidos estabelecimentos à Direcção Geral de Saude e à Ordem dos

Médicos no prazo de sessenta dias. Os estabelecimentos que não estiverem nas condições indicadas neste artigo serão encerrados mediante requerimento da Ordem dos Médicos, pela polícia de segurança pública.

««« Artº. 20º - Pela forma indicada no artigo anterior será encerrado o consultório médico, seja qual for a sua designação ou modalidade, que funcione sem que seja dirigido por médico ou médicos em condições de exercer a profissão, de harmonia com o presente diploma.

««« Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

««« Paços do Governo da República, 29 de Julho de 1942.

Porquê esta transcrição, 10 anos depois da criação do Decreto? Qual o significado que se lhe poderá atribuir, tantos anos passados? Que queriam que se lesse nas entrelinhas? Honestamente, ignoramo-lo.

\*

\*

\*

No mês seguinte, Julho, encontramos um artigo, da autoria de António Castanheira de Moura, referente ao

««« LABORATÓRIO DE ESTUDOS e INVESTIGAÇÕES  
PSÍQUICAS

‘Prof. CH. RICHEL’

‘ a) *O moderno Espiritualismo só pode ser devidamente representado por cientistas cultos e treinados nas experiências laboratoriais.* – Dr. António J. Freire’ .:

««« A Federação Espirita Portuguesa tem a seu cargo a alta missão de zelar e orientar o movimento espirita português no seu mais alto significado, quer moral quer científico.

««« Tal objectivo não pode ser alcançado sob um critério de vulgar associativismo, dado o carácter daquele organismo e das suas responsabilidades, bem diversas.

««« Allan Kardec, num aviso que revela profundo conhecimento das massas, diz-nos: - “ espiritismo, que apenas desponta, é apreciado ainda mui diversamente, pelo que é pouquíssimo compreendido, na sua essência, por grande número de adeptos, para que possa oferecer poderoso laço entre os membros do que se pode chamar uma associação. Esse laço não existe senão entre os que nele vêm o fim moral, o *compreendem e fazem aplicação própria.*

««« Entre os que só vêm factos mais ou menos curiosos, não pode haver laço sério; colocando os factos acima dos princípios, uma simples divergência na maneira de o encarar pode dividi-los”

««« Estes conceitos deixados pelo grande mestre Allan Kardec ainda hoje têm actualidade, se considerarmos que, em geral, os adeptos da nobre doutrina espírita só procuram ver o fenómeno, através das sessões que frequentam com frenesim; hoje aqui, amanhã acolá, sem que dessa actividade lhes advenha maiores conhecimentos. Esta errada e acarinhada orientação é causa de graves perturbações, pois temos de considerar que a fenomenologia Espírita exige antes, de quem a deseja, maior atenção, perspicácia e espírito científico de investigação.

««« A corrida para o desconhecido, sem ordem, sem método e sem preparação mental, resulta em pura perda do ideal que se pretende dignificar, pois temos de considerar que o *ver para crer* não basta, se tivermos em conta que tal somente deverá ser arroteado por quem disponha de conhecimentos obtidos após anos de aturada e difícil aplicação das ciências clássicas.

««« Compete ao cientista, na sua missão de investigador, e só a ele, tomar contacto com a fenomenologia Espírita a fim deste colher as bases precisas para uma mais larga actividade no campo laboratorial, arrancando do Universo, após penoso labor, uma ínfima partícula do muito que lhe será dado desvendar.

««« A falta de conhecimentos básicos de qualquer ciência é sempre causa de erros, erros estes que são motivo de perturbações quando do desenvolvimento e expansão das ideias, as quais somente têm valor quando assentam em base séria.

««« Encerrando este capítulo, transcrevo os seguintes conceitos, da autoria de William A. Collon:

««« “ Através longos anos temos travado luta contra a ignorância e o erro existente no seio do movimento espiritista onde os seus adeptos, em geral, pretendem fazer prevalecer a facção religiosa. Temos observado que a maior oposição levada a efeito contra a expansão científica do Espiritismo, tem a sua origem naqueles espiritistas que abrigam um sentido exagerado de mando, ansiosos por ocupar postos e posições onde possam fazer prevalecer a sua nefasta objectividade”.

««« “ Estes espiritistas têm sempre pretendido deter ou conter os nossos esforços, valendo-se, para tanto, de uma propaganda velada, pois sabem que carecem de conhecimentos para nos combater abertamente. As definições mais ridículas e infantis, têm sempre por origem estes espiritistas, cujas definições muito nos preocupam, dado os prejuízos que tais dislates causam nas multidões”.

\*

««« A Federação Espirita Portuguesa, símbolo oficial do Espiritismo em Portugal, é credora de respeito e carinho, por parte de todo o adepto de tal ideal, que tenha por objectivo a criação do ‘Evolucionismo universal da essência, para a realização do seu progresso, em pluralidade de mandos, de substâncias e de seres’; e assim realizando uma justa e sã solidariedade entre o homem espiritualista e o homem cientista, realizará aquela necessária unidade que tornará possível a demonstração científica, através de um sector onde as investigações psicológicas sejam realizadas com aquela independência que caracteriza a ciência que, sem dogmas ou intuits preconcebidos, nos possa confirmar a razão que assiste aos empíricos que desassombradamente vêm afirmando a existência da Alma Humana.

\*

««« Esta obra, entre nós, pela sua vastidão, só pode ser levada a efeito pela Federação Espirita Portuguesa, para o que se lhe impõe dar realidade à montagem do Laboratório de Estudos e Investigações Psíquicas, obra que exige a reunião de fundos indispensáveis à aquisição da dispendiosa aparelhagem para seu equipamento.

««« Hoje, como ontem, dizemos: as actividades da Direcção da F.E.P. terão aquela eficiência que os seus consócios lhe emprestem.

««« E assim, sugerimos que, desde já, seja aberta uma subscrição pró-Laboratório de Estudos e Investigações Psíquicas Prof. Ch. Richet.»»»

E numa coluna ao lado deste artigo, lê-se:

««« UMA INICIATIVA DA F.E.P.

««« Laboratório de Estudos e Investigações Psíquicas Prof. Ch. Richet

««« A Direcção da Federação Espirita Portuguesa, procurando servir o mais eficientemente que lhe é possível a verdade da sobrevivência e da comunicação entre os dois Mundos, e no desejo de documentar cientificamente as afirmações e os factos espiritas, propõe-se criar um *Laboratório de Estudos e de Investigações Psíquicas*, que terá o nome do consagrado Professor Charles Richet.

««« A realização da ideia, como facilmente se compreenderá, exige a reunião de fundos indispensáveis à aquisição da aparelhagem necessária e à conveniente instalação do Laboratório. Os encargos normais da F.E.P. não permitem a este organismo que, por si só, possa, de pronto em prazo

restrito, ocorrer às despesas a enfrentar. Seria, além disso, interessante e consolador, que obra de tal monta tivesse a colaboração directa não só da massa associativa como, também, de quantos, simpatizando com a doutrina desejam, naturalmente, vê-la confirmada pelas realidades irrefutáveis.

««« Nestas condições, deliberou a Direcção da F.E.P. abrir uma subscrição entre a família espírita portuguesa e os simpatizantes da Causa, para levar a efeito a montagem do *Laboratório de Estudos e Investigações Psíquicas – ‘Prof.Ch. Richet’*, permitindo-se contar com a boa vontade e compreensão de todos »»».

\*

E a lista de subscrições abre, sendo mencionados os donativos da Federação Espírita Portuguesa – 10.000\$00; Dr. António J. Freire – 1.000\$00; António Castanheira de Moura – 500\$00; Custódio Rodrigues da Silva – 200\$00; Joaquim Lagarto – 100\$00; José Pereira Serra – 100\$00; Direcção da Revista de Metapsicologia – 100\$00; Caetano de Sousa – 50\$00, perfazendo, no seu início, o total de Esc. – 12.050\$00-.

\*

Não compreendemos que no ‘ambiente’ existente, então, no País, e logo após a ter-se recordado, com a sua publicação, o decreto que proíbe práticas não médicas, se lance a ideia do Laboratório de Metapsíquica. Excesso de fé, ou inconsciência?

Mas, continuemos...

Em Outubro do mesmo ano, é novamente Castanheira de Moura quem escreve um outro artigo sobre o Laboratório, o último – como ele mesmo afirma.

Ei-lo:

««« Da Acção Laboratorial em relação com o moderno movimento Neo-Espiritualista

««« Ao procurarmos relacionar o Espiritismo com a ciência, não abdicamos dos seus conceitos fundamentais, isto é, não procuramos, como tantas outras correntes espiritualistas, submeter o espírito à matéria, ou antes aos interesses materiais do menor número, em prejuízo da maioria, que é o mesmo. Não; o que pretendemos, é que o Espiritismo realize a sua missão no mundo corrupto em que nos agitamos, trazendo-lhe a Verdade

através da ciência, como sua aliada cooperante, estabelecendo assim o equilíbrio entre o Espírito e a matéria.

\*

««« Os espiritas portugueses, ao fundarem o seu Laboratório, assumem uma posição lógica no campo da ciência, proporcionando a esta a investigação biológica da alma humana. Igualmente vem corrigir não só os erros e os vícios criados em sua volta, como também procuram proporcionar às doutrinas materialistas princípios e leis que as espiritualizem.

««« Ora como a espiritualidade constitui uma força que reage incessantemente sobre o materialismo, e reciprocamente: resulta que o conhecimento de uma *não pode ser completo* sem o conhecimento da outra.

««« Assim o Espiritismo, ao orientar os seus passos no vasto campo da ciência, cumpre o determinismo que lhe é imposto como elemento coordenador das correntes neo-espiritualistas, dando, por conseguinte, realização ao que nos diz Allan Kardec... “a ciência propriamente dita tem por objectivo o estudo das leis do princípio material; o objectivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, e reage incessantemente sobre o princípio material, e reciprocamente: daí resulta que o conhecimento de um *não pode ser completo* sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a ciência completam-se reciprocamente*; a ciência sem o Espiritismo acha-se na impossibilidade de explicar certos fenómenos só pelas leis da matéria; e o Espiritismo, sem a ciência, ficaria sem apoio nem exame”.

««« O Espiritismo, aliado a uma ciência despida de preconceitos de classe, orientará a Humanidade num sentido superiormente espiritualista, graças à verdade que ele encerra.

««« Tal estudo ou investigação, que abrange todos os ramos do saber humano, mobiliza os homens de ciência dotados de boa vontade, interessando-os na investigação da causa da sua própria existência.

««« Já dissemos: o Espiritismo impulsiona o pensamento, levando-o a adquirir conhecimentos que a ciência oficial nunca atingirá sem a sua colaboração.

\*

««« Por muito que o Espiritismo tenha sido deturpado pelos falsos profetas, ele não deixa, porém, de irradiar em sua volta a luminosidade que



os astros de primeira grandeza irradiam em sua infinita trajectória, através do vasto mundo do pensamento. Cumpre-nos a nós, bandeirantes dessa nova aurora, levantar bem alto tal ideal, depurando-o e colocando-o ao serviço dos homens de ciência, cuja nobreza de carácter e de processos possam ombrear com aqueles outros que além de terem sido grandes no Espiritismo, ainda hoje guiam os passos da ciência clássica, na formação dos homens, iniciando-os nos seus mais diversos ramos.

««« E, num pensamento comum, reunindo os homens de ciência em volta do mesmo objectivo, os conduziremos na sua trajectória, interessando-os na rota ascencional e infinita da evolução anímica, desvendando-lhes um mundo supranormal até então incompreendido. E, num deslumbramento espiritual, serão resolvidas muitas das incógnitas que a escola materialista não soube ou não quis resolver, dada a sua formação, embora científica, ser omissa ou ignorante no que respeita à espiritualidade da vida.

««« E terminando esta série de artigos, que vimos escrevendo a propósito da criação do Laboratório Charles Richet, e por vir a propósito, transcrevo para este as palavras de incitamento que aquele grande sábio endereçou aos spiritistas:

««« “O Espiritismo deve ser tratado não como dogma, mas como ciência. Se continuarem as investigações sem ideias preconcebidas, pode ser que os spiritistas acabem por descobrir a teoria X, do futuro, que, mais ou menos, satisfatoriamente, explicará todos os fenómenos estranhos que palpitam à nossa volta e dos quais só poderemos dizer, em boa verdade, que não sabemos nada.

««« Apesar de tudo, tende coragem, meus amigos spiritistas. Continuai as vossas experiências, sem vos inquietardes com o que delas se possa deduzir”.

««« Assim, como digo, terminamos estes desataviados trabalhos, dando a palavra aos homens de ciência sobre a oportunidade da criação do Laboratório »»»».

\*  
\*

A partir de Maio de 1952, a Revista começa a publicar o “Regulamento das Sessões Espiritas”. Como documento histórico, pensamos que não o devermos deixar de referir:

## **REGULAMENTO DAS SESSÕES ESPIRITAS**

## Capítulo I

### *Do Estatuto*

««« Artº. 1º - Dando cumprimento ao que determina o Estatuto da Federação Espirita Portuguesa e de acordo com o seu Artº. 2º e suas alíneas b) e c); bem como com o estatuído no seu Artº. 3º, alínea e); - são, pelo presente, regulamentadas as actividades dos grupos experimentais previstos no referido Estatuto, seu Artº. 9º alínea c)..

## Capítulo II

### *Da Finalidade das Sessões*

««« Artº. 2º - O Espiritismo não é brinquito de salão, nem arte adivinhatória, nem meio de satisfazer curiosidades mórbidas: é um sistema de ideias sugeridas por factos que apresentam características especiais e se relacionam com os problemas fundamentais da natureza, da conduta e do destino do homem: daí o seu duplo carácter: experimental e especulativo.

««« Artº. 3º - As sessões de Espiritismo só podem ter por objectivo:

- a)- verificação das hipóteses formuladas para interpretar determinadas espécies de factos metapsíquicos;
- b)- investigação científica relacionada com esses factos;
- c)- desenvolvimento das faculdades mediúnicas por processos hipno-magnéticos;
- d)- comprovação da sobrevivência da alma; conhecimento das condições da vida póstuma e da influência da conduta nessas condições;
- e)- comunhão espiritual com as almas desencarnadas.

««« Artº. 4º - Os trabalhos experimentais que visem qualquer dos objectivos anunciados nas três primeiras alíneas do artigo precedente não ficam subordinados a este regulamento, que se refere exclusivamente às sessões experimentais cujos objectivos correspondem às alíneas d) e e) desse artigo.

§ Único – As investigações de carácter científico não abrangidas neste regulamento ficam directamente a cargo do C. S. D. da F.E.P..

««« Artº. 5º - A finalidade geral das sessões subordinadas a este regulamento consiste em verificar a legitimidade dos princípios básicos do Espiritismo e colher elementos concretos, que contribuam para o aperfeiçoamento espiritual dos experimentadores. Através das manifestações espiritas verifica-se: que a alma sobrevive à morte, conserva a sua individualidade e não pode furtar-se às consequências da sua linha de conduta anterior, aprendendo à custa de fracassos e sofrimentos a rectificar

o rumo; que há uma lei de justiça que atende ao aspecto formal 4e intencional dos actos e automaticamente restabelece o equilíbrio moral perturbado; que há uma fonte inesgotável de consolações morais onde podemos unir as forças e os estímulos de que necessitamos para vencer as crises de desalento e suportar as provações kármicas; que nenhuma fórmula ou artifício apaga o significado dos actos, porque as intenções ocultas não escapam ao mecanismo do karma; que a prece realiza condições favoráveis à captação das forças anímicas mais salutares, e o que nela vale não são as palavras, mas sim os sentimentos que condensa.

««« Artº 6º - *O Espiritismo não admite qualquer forma de ritual nem transige com superstições, por muito vulgarizadas que estejam.* (Em itálico, no original).

### Capítulo III

#### *Da Organização dos Grupos*

««« Artº. 7º - O número de membros de cada grupo experimental não pode ser inferior a 6 nem superior a 10.

§ Único – Só excepcionalmente poderão assistir aos trabalhos *pessoas estranhas ao grupo e nunca mais de duas.* (Em itálico, no original).

««« Artº. 8º - Cada grupo deve ser constituído por pessoas de reconhecida idoneidade moral, animadas do desejo de se esclarecerem intelectualmente e aperfeiçoarem moralmente com os conhecimentos indispensáveis para compreender os fenómenos que se produzirem.

««« Artº. 9º - Todos os membros do grupo devem saber:

1º - que os espíritos que se manifestam são entidades com diferentes graus de evolução e conservam, frequentes vezes, as ideias e preconceitos que tinham na sua última encarnação;

2º - que os espíritos inferiores recorrem a todos os artifícios para captarem a confiança dos experimentadores e do médium, espevitando-lhes o orgulho ou a vaidade com elogios despropositados, atribuindo-lhes situações de destaque em vidas passadas, misturando informações falsas com outras verdadeiras para darem àquelas um cunho de verossemelhança, apresentando-se com nomes de personagens históricas, para valorizarem as suas pobres mensagens ou com intuítos de mistificação.

3º - que os espíritos sofredores são mais facilmente elucidados nas sessões espíritas do que pelos espíritos desencarnados porque, absorvidos no seu sofrimento, não conseguem captar as mensagens que estes lhes enviam, e procuram avidamente as sessões que lhes permitem participar da vida cuja perda deploram;

4º - que os espíritos superiores têm dificuldade em manifestarem-se ao mundo físico e só o conseguem quando o ambiente espiritual criado pelos experimentadores fôr suficientemente elevado para os atrair e auxiliar;

5º - que o pensamento é a principal força de atracção e repulsão espiritual e nele se reflete toda a vida moral das pessoas que o irradiam;

6º - que o médium pode exercer uma influência preponderante e até exclusiva nas personificações que revela;

7º - que os assistentes podem influir sobre os médiuns por sugestão ou telepatia, levando-o à prática de fraudes inconscientes e adulterando o conteúdo das mensagens;

8º - que é necessária muita prudência na interpretação dos fenómenos obtidos, para se distinguir a sua verdadeira natureza e causalidade;

9º - que as opiniões emitidas pelas entidades comunicantes devem ser analisadas e submetidas ao controle da razão, para se verificar o que nelas possa haver de erróneo e descobrir as prováveis causas do erro;

10º - que a identificação de espíritos requer variadas e repetidas provas de identidade, eliminando as coincidências fortuitas e as influências sugestivas ou telepáticas que possam exercer-se, e, quando a identificação não seja possível, as mensagens só podem valer pelo seu conteúdo.

««« Artº. 10º - Todos os elementos do grupo devem gozar boa saúde e estar ligados por laços afectivos, sendo conveniente que alguns deles sejam jovens, sem ser crianças, e que estejam representados ambos os sexos.

««« Artº. 11º - *Em caso algum podem ser tomados como médiuns indivíduos que apresentem quaisquer perturbações mentais ou exijam remuneração.* A mediunidade não é uma psicose nem uma profissão, mas sim uma faculdade que se deve exercer desinteressadamente.

««« Artº. 12º - Cada grupo terá um Director que tem a responsabilidade dos trabalhos e os dirige; e um Relator que tomará a seu cargo o relato das sessões.

««« Artº. 13º - Cada grupo terá um livro privativo para os relatos das suas sessões, rubricado pelo Presidente da Direcção e fornecido pela Federação, no qual devem mencionar-se os dias e horas das sessões efectuadas, os nomes das pessoas que nelas tomaram parte, os fenómenos produzidos e as reflexões que suscitaram.

§ Único – Todos os livros de registo ficam depositados na sede, a cargo da Direcção e devem estar sempre actualizados.

««« Artº. 14º - Nos relatos das sessões deve mencionar-se sempre a temperatura da sala da reunião, a pressão atmosférica e o estado higrométrico do ar, no início e no fim dos trabalhos, qualquer que seja a natureza destes, a fim de se coligir elementos de estudo para verificar a sua possível influência nos fenómenos metapsíquicos.

## Capítulo IV

### *Do funcionamento das Sessões*

««« Artº. 15º - Nenhum grupo poderá reunir na sede da F.E.P. sem que a sua constituição seja autorizada pela Direcção ou desde que não cumpra as disposições deste Regulamento.

««« Artº.16º - Tanto o Director como o Relator devem ser pessoas reflectidas e calmas, de um nivel intelectual e moral bastante elevado e com conhecimentos da técnica experimental metapsíquica, para estarem à altura das funções que desempenham. Só pela sua superioridade intelectual e moral poderão impor-se ao respeito dos outros membros do grupo e das entidades que se manifestarem nas sessões; só pelo conhecimento poderão remover as dificuldades que surjam.

««« Artº.17º - A constituição de um grupo experimental deve ser comunicada à Direcção pelo Director do grupo, ficando o seu funcionamento, na sede, dependente de aprovação.

§ Único – No caso de recusa de autorização o Directo do grupo pode apelar para o C.S.D., que resolverá em última instância, depois de ouvida a Direcção.

««« Artº.18º - A comunicação a que se refere o artigo precedente deve mencionar: os nomes de todos os membros do grupo, indicando o Director, o Relator e os médiuns, as profissões e habilitações científicas do Director, Relator e médiuns e a orientação que se propõem dar aos trabalhos.

««« Artº 19º - O local da reunião deve ser sempre o mesmo; as assessões devem efectuar-se uma vez por semana, em dias e horas determinadas, sendo inconveniente prolongar-se além de uma hora e meia a parte propriamente experimental, porque a fadiga dos médiuns e dos assistentes os impede de manter a necessária concentração. A regularidade e a pontualidade são condições favoráveis.

§ Único – Depois de iniciados os trabalhos não é permitida a entrada aos retardatários.

««« Artº. 20º - A iluminação da sala deverá ser feita com luz eléctrica e lâmpadas azuis ou vermelhas, não podendo ser empregada outra forma de iluminação.

§ Único – Quando se produzirem fenómenos de telequinézia ou de ectoplasmia podem empregar-se luzes frias, como as produzidas pelo sulfureto de zinco ou de cálcio, e isolar o médium num gabinete mediúnico, para se evitar o poder dissolvente da luz sobre as formas ectoplásmicas, com prévia autorização da Direcção.

««« Artº. 21º - Quando em algum grupo se revelar um médium de efeitos físicos, esse grupo deve consagrar-se especialmente a esta ordem de experiências, reorganizando-se de maneira a melhorar as condições de êxito e munindo-se dos instrumentos de medida e da aparelhagem registadora convenientes.

§ Único – O C.S.D. tomará as providências necessárias para aquisição dos instrumentos ou aparelhos que forem considerados indispensáveis ao êxito dos trabalhos experimentais que apresentem características invulgares.

««« Artº. 22º - Quando entre os elementos de um grupo não houver médiuns de incorporação ou psicógrafos espontâneos, a obtenção de mensagens supra-normais só poderá fazer-se por tipologia ou recorrendo à prancheta, sendo expressamente proibido o desenvolvimento das faculdades mediúnicas por processos magnéticos ou braidicos.

««« Artº. 23º - Aos médiuns que espontaneamente se revelem no decurso das sessões ou que, como tais, façam parte do grupo, é permitido aplicar passes desmagnetizantes para os auxiliar a despertar, ou quando as circunstâncias assim exigiam, não esquecendo que a concentração mental é o melhor processo de os auxiliar.

««« Artº. 24º - Nas experiências relativas a fenómenos de carácter intelectual, o médium deve ficar voltado para os outros membros do grupo, entre o Director e o Relator e comodamente instalado numa poltrona quando entrar em transe.

««« Artº. 25º - Os lugares de cada membro do grupo devem ser indicados pelo Director e conservar-se sempre os mesmos, desde que não haja outra indicação.

««« Artº. 26º - Nenhum assistente poderá abandonar o seu lugar nem dirigir-se verbalmente às entidades comunicantes sem prévia autorização do Director.

««« Artº. 27º - As primeiras sessões de cada grupo devem ser consagradas exclusivamente à preparação do ambiente espiritual por meio da concentração do pensamento e preces pedindo a assistência de espíritos superiores, evitando, quanto possível, que se produzam incorporações.

««« Artº. 28º - Quando o Director considere o ambiente suficientemente preparado, deve procurar obter um espírito-guia que colabore assiduamente na orientação dos trabalhos.

««« Artº. 29º - Qualquer que seja a evolução espiritual das entidades comunicantes, não é permitido fazer-lhes perguntas frívolas nem referentes a interesses vulgares.

««« Artº 30º - A sala das sessões deve conter apenas o mobiliário e os instrumentos indispensáveis: cadeiras, poltronas para os médiuns, mesa



simples com papel, lápis, uma prancheta e quadro alfabético, termómetro, barómetro e higrómetro.

««« Artº. 31º - A produção de fenómenos pode ser facilitada, quando os assistentes formam cadeia dando as mãos em volta do médium ou incluindo-o na cadeia; mas só ao Director compete dar instruções nesse sentido por a considerar vantajosa, ou a pedido do médium ou do espirito-guia.

««« Artº. 32º - Ao Director do grupo compete:

- 1 – abrir e encerrar as sessões, dirigindo todos os trabalhos;
- 2 – empregar esforços para conseguir boa assistência e espiritual e um guia que dê provas da sua superioridade;
- 3 – prestar ao médium a assistência técnica que for necessária;
- 4 – interrogar as entidades que se manifestarem e trocar impressão com elas acerca da orientação dos trabalhos, quando as considere suficientemente esclarecidas;
- 5 – esclarecer os espiritos sofredores que se manifestem;
- 6 – contribuir para a elevação espiritual dos outros membros do grupo;
- 7 – interrogar os médiuns, depois de encerrada cada sessão, para averiguar até que ponto eles se recordam dos fenómenos que produziram e a impressão que conservam acerca da maneira como intervieram na sua produção, procurando controlar as informações por eles prestadas.

««« Artº. 33º - Ao Relator compete:

- 1 – tomar os apontamentos necessários, no decorrer das sessões e do inquérito subsequente, para fazer um relatório fiel e, quanto possível, circunstanciado dos trabalhos efectuados;
- 2 – submeter o relato de cada sessão à aprovação dos outros membros do grupo, mencionando os nomes das pessoas que o não quiserem subscrever e os motivos da recusa;
- 3 - arquivar os documentos obtidos nas sessões, tais como desenhos e manuscritos mediúnicos, moldagens, fotografias, etc..

««« Artº. 34º - Ao médium, compete:

- 1 – exercer honesta e desinteressadamente as suas faculdades mediúnicas;
- 2 – habituar-se à concentração do pensamento, animando-o das mais generosas intenções;
- 3 – empenhar todos os seus esforços para se aperfeiçoar espiritualmente, de modo a poder ser assistido por espiritos superiores;
- 4 - manifestar em todos os seus actos uma linha de conduta irrepreensível.

§ Único – Só excepcionalmente um médium poderá trabalhar em mais de um grupo.

««« Artº. 35º - A todos os membros do grupo, compete:

- 1 – frequentar as sessões com assiduidade;
- 2 – conservarem-se silenciosos e atentos às instruções Director e das entidades comunicantes, reservando os seus comentários para depois de encerradas as sessões;
- 3 – tomar parte nos trabalhos com calma e tranquilidade, animados das melhores intenções, com o firme propósito de se esclarecerem e aperfeiçoarem, contribuindo também para esclarecer e aperfeiçoar os outros;
- 4 – observar os fenómenos com espírito crítico e não se deixarem iludir com falsas aparências.

««« Artº. 36º - À Direcção da Federação Espirita Portuguesa compete a fiscalização dos trabalhos experimentais, podendo mandar suspender os trabalhos dos grupos que não cumpram as disposições deste Regulamento ou cuja orientação seja por ela considerada inconveniente.

§ Único – No caso de suspensão o Director do grupo pode interpor recurso para o C.S.D., que resolverá em última instância, depois de ouvida a Direcção.»»»

Esta transcrição encontra-se na referida Revista, desde o número de Março a Agosto de 1952, inclusivé - e logo no mês de Setembro António Castanheira de Moura escreve, em editorial:

««« A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, - e o

### **Laboratório de Investigações Psíquicas “Prof. Charles Richet”**

««« “ Uma ciência não consiste unicamente num amontoado de factos dispersos, sem ligação. Um monte de pedras não é uma catedral. Pois bem! Até agora, os factos autênticos, iverosímeis e absurdos sob o ponto de vista dos nossos hábitos ancestrais, acumulam-se sem que seja possível encontrar-se o liame que os une. Uma conclusão formal é quase impossível. Contudo, é preciso tentá-la. – *Charles Richet*”.

««« A Federação Espirita Portuguesa ao criar o Laboratório de Investigações e Estudos Psíquicos Prof. Charles Richet, abre amplas e novas directrizes ao movimento espirita português, se considerarmos que a sua fundação tornará possível um constante estudo e investigação das faculdades supranormais, estudo este orientado sob um plano criador e evolutivo, que afastará a massa espirita de cristalização do seu pensamento, mais ou menos eivado de misticismo, integrando-a no conceito profético de Allan Kardec, quando afirma que “*O Espiritismo ou será científico ou não terá razão de existir*”.

««« O Laboratório surge, por conseguinte, no momento próprio, como demonstração equilibrante e activa do pensamento Néο-espiritualista, enfrentando e destruindo a incompreensão daqueles que negam sistematicamente a fenomenologia supra-normal, embora esta já se encontre suficientemente demonstrada.

\*

««« O espirita consciente das suas responsabilidades, ao inscrever-se na lista dos subscritores pró-Laboratório contribui, não só para a realização de uma obra que dignifica o ideal e a Federação como, ainda, dá realização ao imperativo que lhe é imposto pela letra dos Estatutos que regem as actividades da Federação Espirita Portuguesa, tornando-se, assim, coerente e compreensivo com tal determinismo e satisfazendo, deste modo, o que a hora presente exige deste organismo orientador do movimento espirita português.

\*

««« Diz-nos o Dr. Lobo Vilela:- “O materialismo ruiu aos golpes formidáveis da ciência que ele próprio divinizou. Aos Espiritualistas pertence, agora, erguer o templo do futuro, com o material precioso que o passado nos legou neste caos informe de destroços que o presente nos oferece”.

\*

««« Neste anseio, que vem de longe, a Federação Espirita Portuguesa ergue o seu Laboratório, que será esse templo que, no futuro, com os destroços que o materialismo nos legou, tornará possível construir o templo que perpetuará o saber humano e, abrindo as suas portas aos sedentos de conhecimentos, impulsionará o pensamento moderno para o campo da investigação construtiva e humana, em oposição ao materialismo que, no seu estertor, pretende arrastar na sua queda o que de nobre ainda existe na alma Humana.

\*

««« O Espiritismo é das ciências mais nobres e evolutivas que ao homem foi dado conhecer, se considerarmos que nele se encontram, convergentes, as razões de todos os ramos da ciência clássica.

«««« A confirmar estes rápidos conceitos, já em 1922 o Dr. Henrique de Vilhena, ilustre Prof., catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, escrevia no seu livro “Do Bem e do Belo” as seguintes e proféticas palavras:

«««« “ Credo por mim próprio, eu tenho a firme convicção de que mais tarde, em séculos talvez, ele (o espiritismo) tornar-se-à o centro, o ponto crucial em que se reunirão todas as ciências ocultas. Então, terá ele próprio alargado as suas fronteiras, tornar-se-à a Ciência, partindo de cima e não do meio, *como o pressagiu magistralmente Allan Kardec.*

«««« “ Os sábios que na hora presente o ignoram, terão com as suas mãos incorporado o que eles sabem, no que nós sabemos.

«««« “ O mundo terá então mudado de face”.

«««« O Dr. António J. Freire, fundador da Federação Espirita Portuguesa, diz-nos, na sua obra ‘Evolução do Espiritismo’, publicada recentemente:

«««« “ À Federação Espirita Internacional compete organizar e propor programas mais consentâneos e apropriados ao estudo do Biomagnetismo, Animismo e Espiritismo, no seu duplo ponto de vista: teórico e prático.

«««« “ É ainda função da Federação Espirita Internacional envidar todos os meios para fundar o maior número de Institutos Metapsíquicos, ligando-os aos estabelecimentos de ensino superior.

«««« “ O moderno Espiritualismo só pode ser devidamente representado por cientistas cultos e treinados nas experiências laboratoriais. Só assim poderá romper velhos preconceitos, conquistar a adesão de pessoas cultas, categorizadas socialmente, e vencer as barreiras que certos interesses e adversários lhe opõem, sem lizura nem lealdade”.

«««« Assim, a Federação Espirita Portuguesa ao fundar o seu Laboratório cumpre e exemplifica, não só o que determinam os seus Estatutos como, igualmente, vai ao encontro do pensamento das mais cultas figuras do espiritismo português.

\*

«««« Perante o momento que a humanidade está vivendo, que se apresenta ensombrado e confuso e onde impera e domina o materialismo e o sofrimento, seu lógico corolário igualmente portador de males, impõem-se decisões que tornem possível a criação de um mundo novo, onde o homem viverá a causa da sua existência. No entanto, para que esse objectivo seja atingido cumpre demonstrar tal imperativo através da ciência, convidando-a, por conseguinte, a investigar a razão e origem do homem no concerto da Vida Universal.

«««« Tal desiderato, somente terá realização efectiva quando os espiritas, unidos na sua Federação Espirita Portuguesa, tornem possível a fundação

do seu laboratório, contribuindo para a sua realização com o seu esforço, tornando realidade de hoje o que ontem não passava de uma aspiração e que ficará sendo obra utilíssima de todos. E ter-se-à oferecido uma directriz nova ao movimento espirita português, tornando-o mais objectivo no campo científico, onde conquistará o respeito e atenção dos homens de ciência.

«««« Embora os processos considerados *empíricos*, usados pelos espiritas, já tenham demonstrado suficientemente a realidade dos fenómenos supranormais, eles exigem, no entanto, nesta *época atómica* que, só por si, já nos veio confirmar a realidade de grande parte dessa fenomenologia, o testemunho concludente da ciência. A criação do Laboratório é, pois, de uma necessidade evidente, flagrante.

\*

«««« Que os espiritas portugueses, alheios a escolas ou partidarismos, *fermentos inutilizantes* da unidade que os deve reunir em volta da sua Federação, conscios das suas responsabilidades, como espiritas convictos ou simpatizantes e honestos, desejosos de que o Ideal Espirita ocupe no campo das ideias e da ciência o lugar que lhe compete, não deixem de concorrer *com o seu óbulo*, embora modesto, pois ele será sempre benvindo, seja qual for o seu montante. Assim cumprimos, dignamente, uma das finalidades objectivas da Federação Espirita Portuguesa, ao darmos-lhe a possibilidade de fundar o seu Laboratório. Tal iniciativa, só por si, honra aquelas figuras de maior grandeza da ciência oficial, que não desdenharam dar à causa espirita o seu testemunho e colaboração, afirmando a realidade das verdades contidas na nossa Doutrina.

«««« Assim, evocando o nome do Dr. A. A. Martins Velho, primeiro Presidente da Federação Espirita Portuguesa, trasladamos para aqui, em homenagem aos seus conhecimentos como hábil investigador experimental das Ciências Bio-Psíquicas, o prólogo da sua obra “Espiritismo Contemporâneo.

«««« “ Fala-se muito lá fora no Espiritismo; estuda-se, discute-se acaloradamente o seu valor; e, apesaqr disso, entre nós ele é quase *uma doutrina secreta*, partilhada por alguns milhares de adeptos que, receosos da zombaria dos seus conterrâneos, só em família se atrevem a confessar-se partidários de tal doutrina. E todavia a verdade é que é ele um conjunto de doutrinas científicas, profundamente elevadas, doutrinas que se apoiam em numerosíssimos factos observados e estudados com todo o rigor dos métodos experimentais, pelos sábios mais conspícuos da Europa e da América.

«««« “ Físicos, químicos, astrónomos, fisiologistas, médicos, juristas, antropólogos e homens de letras, do Velho e do Novo Continente, forçados pela evidência dos factos, têm, às dúzias, renegado as suas antigas teorias e crenças científicas para abraçarem com resolução e firmeza inabaláveis as doutrinas do Espiritismo.

«««« “ Esses homens notáveis, tanto pelo seu talento como pela austeridade do seu carácter, não se contentam com abraçar a nova doutrina vão mais longe, tornam-se os seus mais estrénuos propagandistas, publicando livros que hoje constituem já uma bibliografia importantíssima”.

«««« *É que o Espiritismo é hoje uma ciência positiva e experimental, a base fundamental da Biologia, por isso estuda precisamente as origens da vida.*

\*

«««« Continuando a evocar os nossos clássicos, queremos lembrar ainda o Dr. Sousa Couto, vigoroso combatente pela causa Espirita, ‘à qual prestou toda a sua inteligência e entusiasmo, através do livro e da imprensa, onde deu prova da sua elevada orientação científica, como publicista profundamente sabedor’.

«««« “ A hipótese espirita não pode relegar-se do programa científico, a menos que ao desprezo votemos o melhor e o mais vigoroso das nossas faculdades lógicas.

«««« “ O problema é grave, erizado de espinhos, coberto de pesadas sombras aos olhos dos inscientes e nele não podem ter voto nem cotação apreciável os que, chegados ontem aos bordos desta imensa região, querem desde logo conhecer a fundo os seus segredos”.

\*

«««« Perante os testemunhos que deixamos descriminados, concluímos que o espirita científico não deve deixar cristalizar o seu pensamento, prendendo-o às vulgares sessões, ou aos dogmas iniciáticos das variadíssimas correntes espiritualistas e materialistas, sob pena de se inutilizarem os objectivos demonstrativos da ciência e da verdade, no mais elevado sentido da razão e da progressiva evolução dos seres, nos seus múltiplos aspectos:

- solução do seu eterno problema e finalidade;
- causa da sua existência. »»»»



Eis a explicação da criação, entendida por necessária, do Laboratório de Investigações Metapsíquicas; logo na página 259 do mesmo número a Revista publica uma lista de subscrição pró-Laboratório com donativos que somam, à data, Escudos 14.920\$00., subscrição esta que vai aumentando apresentando, em Julho de 1953, últimos números revelados, um saldo de Esc.-18.634\$10-.

A propósito da criação do L.E.M., encontramos no livro “Da Evolução do Espiritismo”, do Dr. António J. Freire, a sua opinião em nota de rodapé, no capítulo sobre a Federação Espirita Portuguesa, - Subsídios para a História do Espiritismo em Portugal:

««« (...) talvez seja conveniente e oportuno a organização de dois novos instrumentos de trabalho e de defesa: 1º - a nomeação duma *Liga de amigos da Federação Espirita Portuguesa*, à semelhança das Ligas congéneres, que, auxiliando os seus Dirigentes, procure defender e nobilitar a Federação Espirita Portuguesa; fazer a profilaxia para o futuro e o saneamento do presente, dentro do meio espirita de Lisboa, pois os meios espiritas da Província e do Ultramar estão indemnes e incólumes, sádios e vigorosos; 2º - a criação dum *Laboratório de Metapsíquica*, anexo à Federação, onde sejam convidados a colaborar valores universitários, do ensino secundário e das profissões liberais. Só assim, os espiritas portugueses podem corresponder ao imperativo previdente e compreensivo do Mestre Allan Kardec: - *o Espiritismo ou será científico ou não terá razão de subsistir.*

««« Para as elevadas e dispendiosas despesas do Laboratório de Metapsíquica, ainda que modesto, a Federação fará um apelo à filantropia e abnegação dos espiritas residentes em todo o Império Português e dos espiritas portugueses residentes no Brasil, que têm sabido, em todas as emergências, corresponder, abnegada e generosamente, aos pedidos da Federação – *a legítima representante, a Casa-Mãe do Espiritismo, em Portugal, consagrada pelo I Congresso Espirita Português.*»»»

Depois do Editorial de Castanheira de Moura, na Revista de Metapsicologia, é Pedro Cardia que escreve, em Outubro de 1952:

«««A Propósito da Criação de um Laboratório  
de Investigação dos Fenómenos Metapsíquicos

««« Na época que atravessamos, em que todos os fenómenos carecem de ser controlados cientificamente, não poderiam os fenómenos metapsíquicos deixar de ser sujeitos, também, a esse controle, para poderem ser aceitos

sem contestação por aqueles que os negam inconscientemente e os ridicularizam por sistema.

««« Os fenómenos metapsíquicos, quando são caracterizados por manifestações objectivas que parecem derrogar as leis físicas conhecidas, são chamados de *efeitos físicos*; aqueles que se caracterizam por manifestações subjectivas, determinadas por uma exaltação intelectual e por um conhecimento supranormal incompatível com as possibilidades normais do sensitivo através do qual se produzem, são chamados de *efeitos psíquicos, intelectuais ou inteligentes*.

««« Para que os fenómenos de efeitos físicos se produzam são necessárias condições de ambiência que não perturbem a sua realização, como por exemplo, o excesso de luz branca, dissolvente dos fluidos em organização fantasmástica telequinética e telérgica, e várias outras origens perturbadoras.

««« Para os que criticam essas condições de experiência, que consideram dissimuladoras de fraude por não terem o controle dos seus, afinal, exíguos sentidos físicos, torna-se indispensável que as experiências se realizem com aparelhos de registo que possam agir em gamas de vibrações de que os sentidos reduzidíssimos do homem não têm qualquer percepção.

««« Assim, podem efectivamente realizar-se experiências na obscuridade, desde que máquinas fotográficas e de filmar, com películas sensíveis ao infra-vermelho e ao ultra-violeta, esquadrinhem todos os recantos do laboratório, gravando as imagens sucessivas de tudo o que ali se passa.

««« Conhecido é que esta ordem de fenómenos é acompanhada de abaixamentos bruscos e alterações de temperatura; e, para tanto, torna-se necessária a instalação de termógrafos indicadores das variações de temperatura nos momentos sucessivos.

««« Balanças registadoras e dinamómetros indicarão as variações de peso e esforços de tracção, que em determinada fenomenologia podem produzir-se.

««« Baldes aquecidos, em que possa derreter-se parafina para que, no seu arrefecimento fiquem moldadas organizações fantasmásticas efémeras que se produzam no decurso das experiências, fornecerão demonstrações evidentes da realidade desses fenómenos.

««« E todos os aparelhos de controle do ritmo respiratório, circulatório e reflexos nervosos do sensitivo que der origem aos fenómenos de efeitos físicos, completarão o controle das experiências, nos seus vários aspectos.

««« Nos fenómenos de natureza intelectual, além dos instrumentos de controle das alterações fisiológicas sofridas durante as experiências pelo sensitivo que os determine, tornam-se indispensáveis os instrumentos de

registo que gravem as manifestações produzidas e permitam reproduzi-las para estudo do seu conteúdo intrínseco e de comparação com fenómenos análogos do mesmo e de outros sensitivos, em manifestações provocadas e espontâneas.

««« Nos fenómenos de clarividência e clariaudiência, em estado aparentemente normal ou sonambúlico, as descrições são por vezes envolvidas numa ganga espessa de que se torna necessário extrair a revelação clarividente, que numa análise sumária pode parecer irreal e obstrusa.

««« Isto acontece nos fenómenos de psicometria, de psicoscopia, de telestesia, de radiestesia, de rbdomância, etc..

««« Nas manifestações de xenoglossia ou glossolália é preciosa a gravação da voz, para se averiguar até que ponto se trata de um fenómeno verídico ou simulado.

««« Igualmente preciosa é na apreciação de frases peculiares de cada pretensa entidade que se manifesta numa prosopopese e que podem constituir demonstrações de identidade, quando não possam ser colhidas no subconsciente de algumas pessoas presentes na experiência por transmissão de pensamento, seja por uma acção predominante do agente sobre o percipiente, seja por comunhão intermental de agente e percipiente, seja ainda por uma actuação subconsciente dirigida do percipiente sobre o agente, excluída a hipótese dos elementos de informação serem colhidos numa memória geral em que os acontecimentos ficariam todos gravados e que se designam por pantomnésia, correspondente aos arquivos do akhasa, dos ocultistas.

««« A multiplicidade de fenómenos registados pela metapsíquica – e que afinal se acham todos registados na vida dos grandes taumaturgos, desde a estigmatização à pneumatofonia – justificam plenamente a sua investigação científica que permitirá no futuro a permuta de relatórios, apoiados em registos nos moldes indicados, entre as várias sociedades que se dediquem ao estudo científico da fenomenologia metapsíquica, no intuito de estabelecer a sua realidade incontestável. É pois do maior interesse a criação de um Laboratório na Federação Espirita Portuguesa, a fim de estar apetrechada para a observação de fenómenos interessantes, quando venham a aparecer médiuns que o possam determinar »»»».

\*

\*

\*

E enquanto o número de Janeiro de 1953 da *Revista de Metapsicologia*, à página 8, informa que

««« *A Direcção da Federação Espirita Portuguesa, cumprindo uma disposição legal, submeteu já à superior aprovação de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, os Estatutos da nossa Colectividade.*»»», que existindo, entretanto, tiveram que ser alterados dada a criação do Laboratório, é esta mesma alteração a base para todo o processo depois ocorrido. Mas, continuemos:

a mesma revista noticia também que, no dia 25 de Janeiro, «domingo, pelas 16 horas, teve lugar na sede da F.E.P. a inauguração solene do *Laboratório de Estudos Metapsíquicos 'Professor Charles Richet'*, departamento científico da Federação».

«Ao acto, que foi extraordinariamente concorrido, compareceram diversos elementos do nosso meio científico e literário, que visitaram as dependências do Laboratório, analisando, com o maior interesse, o esforço inicial de instalação de um departamento desta natureza».

«(...). Usaram da palavra: o Sr. Presidente da Sessão' (Coronel Dr. Raul Emídio de Carvalho)' e o Sr. Vice-Presidente da Direcção da F.E.P., António Castanheira de Moura, focando, ambos, a necessidade e a importância do Laboratório agora criado, para divulgação de verdadeiros fenómenos espíritas, que não receiam desmentido, não podendo, por consequência recluir a investigação científica. Além do mais, acentuou o Sr. Vice-Presidente da Direcção, a criação do Laboratório representa a realização de um imperativo do Estatuto da F.E.P.. (...)... Usou da palavra o assistente do Laboratório, Sr. Pedro Cardia, um dos fundadores da Federação, que colaborou na confecção do Estatuto e propôs que nele se incluisse, com o fim indispensável à propaganda do Espiritismo, a criação de Laboratórios metapsíquicos. O Sr. Pedro Cardia fez, pois, história verdadeira, defendendo e aplaudindo a iniciativa da F.E.P.».

«Falaram, a seguir, os Srs. Drs. Ramiro da Fonseca e Luiz Avelar Aguiar que, com o Sr. Dr. Luiz Filipe Estevão da Silva, na qualidade de adjunto assumiram a direcção do *Laboratório Prof. Charles Richet*. A exposição de cada um dos dois primeiros directores do Laboratório são documentos que mais largamente serão referidos no número de Fevereiro da *Revista de Metapsicologia*. Queremos, porém, afirmar desde já, que são dois documentos honestos. Em síntese, dizem isto:- a ciência, nos seus trabalhos de investigação, tem de ser neutral. Os investigadores científicos, portanto, nada mais têm que verificar escrupulosamente os resultados observados que, por sua vez, servirão honestamente a teoria que a razão determinar em face deles. Dentro do Laboratório e enquanto no Laboratório, os investigadores não devem nem podem ser espiritualistas ou materialistas; são instrumentos da própria ciência. Os factos falarão por si, sem necessidade de outra linguagem. Só a ignorância ou a mentira rotulada

de Espiritismo poderão rezear a investigação científica. Patentaram, por isso mesmo, o seu aplauso e a sua homenagem aos directores da F.E.P., pela isenção e confiança ao criarem o *Laboratório de Estudos Metapsíquicos*».(...).

(Notícia publicada na pág. 26 do número de Janeiro de 1953).

... o *Suplemento* nº 1, da Revista, publicado no mês de Fevereiro, refere na sua 1ª página:

#### «««« APRESENTAÇÃO

«««« O Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’, inaugurado no dia 25 de Janeiro p.p., é um departamento científico autónomo da Federação Espirita Portuguesa, criado e patrocinado por este organismo de acordo com o disposto no Artº. 3º a) e b) do seu Estatuto.

«««« Realizado e organizado pelos Drs. Luis Avelar de Aguiar e Ramiro da Fonseca, licenciados respectivamente em histórico-filosóficas e em medicina, é dirigido presentemente pelos seus organizadores, tendo na qualidade de adjunto o Dr. Estevão da Silva, licenciado em medicina, Presidente da Assembleia Geral da F.E.P. e Director da *Revista de Metapsicologia*, e como Secretário o Sr. Pedro Cardia, que durante muitos anos foi Secretário Geral da F.E.P. e Director do seu órgão de difusão.

«««« O Laboratório está instalado no 2º andar da sede da F.E.P., que o administra totalmente, e é regido por um ‘Regulamento Interno’ proposto pelos seus organizadores, aprovado pela Direcção da F.E.P. em sua reunião de 5 de Janeiro de 1952, e sancionado pelos corpos gerentes reunidos em 16 de Janeiro de 1953.

«««« Por falta de meios materiais que lhe permitam a aquisição duma aparelhagem suficiente, as actividades do L.E.M. estão no momento limitadas a pequenos ensaios, classificação e registo de médiuns sensitivos, bem como à fastidiosa e morosa organização burocrática. Contudo, paralelamente a estas actividades intrínsecas, organizou ciclo de conferências e palestras de divulgação metapsíquica, e entrou em contacto com os principais Laboratórios, Institutos e Sociedades de Metapsíquica da Europa e das duas Américas, a fim de se estabelecer um intercâmbio eficaz.

«««« Os seus Directores-Fundadores, Drs. Ramiro da Fonseca e Luis Aguiar, estudam neste momento as possibilidades de estabelecer por todo o Continente e Ultramar uma rede de Delegados e Sub-Delegados, e a formação de núcleos regionais de interesse »»»».

E, no mesmo *Suplemento*, sob o título «Metapsíquica e Espiritismo» Pedro Cardia escreve para aqueles sócios da F.E.P. que parecem ter albergado no seu espírito “*um sentimento de expectativa e receio pelo que, da investigação científica dos fenómenos supranormais que fundamentam a teoria espirita possa resultar em desfavor do Espiritismo*”.

Mostra-se confiante com a criação do Laboratório, concluindo que “*Teremos assim verificada cientificamente a demonstração experimental do Espiritualismo que nos conduz necessariamente a admitir a hipótese da actuação, para além da morte, dos espíritos daqueles que nos deixaram. E isto é o que mais poderemos desejar. O estudo de correspondências cruzadas e outros fenómenos transcendentais, devidamente interpretados pelos que perfilham a hipótese espirita, assegurará a todos a realidade do Espiritismo. Se nos furtássemos à experimentação, com base científica, nunca poderíamos basear as nossas conclusões em factos reais e que, deste modo, têm de ser aceites, visto que geralmente são considerados os que citamos como produtos da imaginação fantasista e produzidos em condições em que a fraude consciente ou inconsciente é admissível*”.

“*Só assim - conclui – poderemos fazer realmente triunfar a hipótese espirita*”.

E o Editorial da R.M., do mesmo mês, assinado por toda a Direcção da F.E.P., refere:

««« A propósito da inauguração do L.E.M.

««« A Direcção da Federação Espirita Portuguesa ao organizar o presente número comemorativo da fundação do seu *Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’*, sauda os seus ilustres Directores, Drs. Ramiro da Fonseca e Avelar Aguiar, aos quais se fica devendo a organização e orientação técnica do L.E.M..

««« O Dr. Ramiro da Fonseca, que, como médico, tem estudado profundamente a fenomenologia transcendental sob todos os seus aspectos, tem, pela sua personalidade calma, as qualidades ideais para conduzir as experiências.

««« O Dr. Avelar Aguiar, que evidenciou o seu interesse pelos estudos psíquicos, ao defender, na conclusão do seu curso o primeiro tema apresentado na Universidade de Lisboa sobre esses estudos, revela, por essa atitude nobre, a coragem e a independência necessárias para emitir opiniões desassombradas na interpretação da fenomenologia que vai ser objecto de estudo do Laboratório.



«««« Como Director Adjunto e em representação dos Corpos Gerentes da F.E.P., visto ser o Presidente da sua Assembleia Geral e do seu Conselho Superior Deliberativo, está o Dr. Luiz Filipe Estevão da Silva, médico distinto que de há longos anos abraçou, com sinceridade, a Causa Espirita.

«««« E como Director Secretário foi nomeado o Sr. Pedro Cardia que, sendo sócio fundador da F.E.P. sempre se manifestou em favor do estudo científico dos fenómenos supranormais com os Srs. Drs. António J. Freire e António Lobo Vilela, no desejo de que nos Estatutos da F.E.P. viesse expressa a necessidade da criação do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, o que facilitou grandemente, na presente ocasião, a fundação do Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’.

As palavras que transcrevemos a seguir, da autoria de ‘Reporter Z’ (lamentamos que ele não se tenha identificado), publicadas, também elas, no número de Fevereiro, parecem adivinhar o que está por vir: é como se ele afirmasse: ‘acautelai-vos, que as nuvens tempestuosas já se aproximam, ensombreado tudo. Vigiai...

Mas, vamos ler o que ele escreveu sobre a inauguração do L.E.M.:

«««« BREVE REPORTAGEM da Inauguração do L.E.M. ‘Professor Charles Richet’

«««« **Posto de observação...**

«««« Não é indiferente o ponto a escolher pelo reporter para assistir aos acontecimentos, procurar abarcá-los, observar, compreender e retratá-los, mesmo em reportagem breve para os seus exigentes leitores.

«««« A vida é uma série infinita de acontecimentos; uma interminável cadeia de causas e de efeitos, pensei. Tão estreitamente estão ligadas entre si a hora de hoje, aquelas que já andámos e as que o futuro guarda religiosamente e ainda não ouvimos, que me fica a impressão de que apenas o artifício das horas nos rouba o perpétuo presente.

«««« O reporter escolheu, pois, um ponto no Tempo e, vamos... no Espaço, que lhe permitisse fazer presentes as horas passadas e as horas certas do futuro, fundindo-as numa só realidade: a lição do próprio Tempo; a lição da Vida, sempre a mesma, sempre igual, sempre presente, na linguagem inalterável das suas Leis!

«««« E o reporter pôde ver e compreender que o acontecimento a que ia assistir, inauguração do L.E.M. ‘Prof. Charles Richet’, era um acontecimento lógico: não somente o efeito da acção inicial dos fundadores da F.E.P., que o inscreveram como fim a atingir na lei fundamental da instituição criada mas, ainda, o da também natural exigência da inteligência humana, na pesquisa de bases sólidas que a habilitem a alargar

os seus conhecimentos e a destruir dúvidas e brumas que possam esconder ou deformar a Verdade que procura.

««« **Tempo incerto ...**

««« Incerto o tempo, na verdade... Não que ele anuncie tempestades destruidoras...Mas o reporter olha o horizonte, fixa o ambiente e nota que o vento se agita e sopra nas próprias almas, ora receosas de que o acontecimento que se vai festejar seja um obstáculo à sua paz e à sua sede de luz no caminho, ora excitadas, desgostosas, com o soprar do vento a desfazer seu sonho de serena e doce calma.

««« Nada mais injustificado, parece ao reporter, de que o receio da própria tempestade, quando ela surge. O Infinito é um laboratório; a Vida deve olhar-se como a uma Unidade. O vento que sopra hoje é o é o mesmo que soprou ontem e que soprará amanhã. Se no laboratório da Vida cada peça tem a sua função, o que nos parece discordante não é mais do que elemento activo na harmonia do conjunto e no rumo matemático da jornada. O Bem e o Mal são peças da mesma máquina, que por vezes se confundem. Não é a dor o elemento essencial à evolução para o melhor? Sem vozes discordantes, o silêncio pesaria sobre o estímulo indispensável à tarefa; sem conflitos aparentes na escolha do mais seguro piso aos caminheiros, tem-se a impressão de um amortecimento na acção necessária. Deixemos soprar o vento sem nos excitarmos. Toda a tempestade se desfaz com duas armas: a do amor, pela nossa condição de seres humanos e pelo fim a atingir.

««« Sacudamos para longe todo o receio; sejamos fortes pelos laços fraternos entre todos, pela voz da razão, pelo que há de divino em nós!

««« Que pode reear quem serve a verdade?

««« ... Do seu posto de observação e enquanto o vento sopra, o reporter continua a olhar o acontecimento da inauguração do L.E.M. e nota, que à frente desse novo departamento da F.E.P., em que alguns julgam ver ameaça materialista visando a destruição da verdade espirita, estão:

««« Dr. Ramiro da Fonseca, profunda e sinceramente espiritualista, que como homem de ciência tem estudado os fenómenos mediúnicos, não os negando, muito embora distinguindo entre a verdade e a mentira;

««« Dr. Luis Avelar Aguiar, um novo cheio de inteligência que teve a nobre coragem de ser, na Universidade Portuguesa, o primeiro finalista que para tese da sua formatura escolheu a defesa dos Fenómenos Supranormais!

««« Dr. Luis Filipe Estevão da Silva, a quem a realidade dos fenómenos por ele próprio verificados trouxeram para o seio da F.E.P., a cuja Assembleia Geral preside há já alguns triénios.

««« Pedro Cardia, Secretário do Laboratório, velho e sabedor metapsiquista, velho espirita e sócio fundador da F.E.P..

««« A que se propõem os homens do Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’?

««« O reporter, escutando-os e lendo o seu programa, fica sabendo que se propõem realizar investigação científica, numa atitude neutral que exclua toda a possibilidade de paixão ou influência das doutrinas particulares de cada um na verificação dos fenómenos. Facilmente se conclui, pois, que atitude diferente não seria racional nem honesta. Os fenómenos observados falarão por si; e a Federação, sempre que for caso disso, fará dos factos o uso que entender indispensável à propaganda da doutrina que representa e serve.

««« Olhando ao longe ...

««« No desejo de melhor compreender o acontecimento a que está assistindo e de mais solidamente alicerçar a sua convicção de que o Espiritismo nada tem a recear da Ciência, o reporter olha para largo e pode verificar o papel preponderante que na propaganda do Espiritismo e na revelação dos seus fenómenos, em Inglaterra, tem tido a ‘Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas’, fundada em 1882, e, ainda, a ‘A Sociedade Dialética de Londres’ onde figuram os mais notáveis homens de ciência da Grã-Bretanha! E constata, ainda, que outro tanto acontece na América do Norte, onde a ‘Sociedade Norte-Americana de Investigações Psíquicas’, que data de 1884, tem verificado e tornado públicos os mais impressionantes fenómenos supranormais!

««« Poisando o olhar em Itália, onde se assinalam mediunidades do maior relevo, o reporter não pode, também, deixar de verificar a actuação da ‘Sociedade Italiana de Metapsíquica’, com sede em Roma e sob a presidência do exigente e discutido Dr. Williams Mackenzie.

««« E olhando a França, fixando o seu ‘Instituto Metapsíquico Internacional’, a que estão ligados nomes como os de Jean Meyer, Charles Richet, Dr. Osty e de que foram membros de honra homens como Hans Driesch, da Universidade de Leipzig, Bozzano, Sir Oliver Lodge, etc., com tantos serviços prestados à Verdade Espirita, o que dizer quanto a receios de investigação científica honesta?

««« A verdade não teme. É difícil a tarefa? Sem dúvida... Mas já Virgílio nos disse em Geórgias:

««« Labor omnia vincit improbus.

««« Movimento festivo...

««« Tarde de 25 de Janeiro. Às 15 horas as portas da F.E.P. estão abertas, para dar entrada aos seus associados e aos convidados de honra.

««« No interior do edifício, um ar acolhedor e festivo. Aqui e além um ramo de flores unindo o ambiente ao seio divino da Natureza, irmanando a

sua graça e a luz que dormem nas profundezas do espírito humano, sufocadas pelas paixões, perdidas no labirinto da noite dos instintos.

««« Na sala de recepções, as figuras mudas mas expressivas de D. Maria O'Neill, Dr. Martins Velho, Firmino da Assunção Teiceira, Dr. Sousa Couto, Fernando de Lacerda, etc., parecem olhar, contentes e com interesse, o vai-vem dos que entram e saem – aguardando o início da Sessão Solene ou subindo ao último andar para a visita às instalações do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, modesto, por enquanto, de material de pesquisa e de controle, mas em todo o caso o suficiente neste seu primeiro passo, e rico no seu propósito de servir, o que é nitidamente compreendido por todos os que o vão visitando e inquirindo de quanto vêem junto dos seus Directores. Pelas dependências do Laboratório e mais departamentos da F.E.P., passa uma multidão onde se nota representação de todas as classes sociais. A imprensa está representada e no próprio livro de visitas do L.E.M. deixa registadas, em palavras cativantes do ilustre redactor do diário 'Primeiro de Janeiro', do Porto, as agradáveis impressões recebidas.

««« Associados e convidados continuam a afluir ao edifício da F.E.P.....

««« 16 horas. O Salão de conferências e de trabalhos gerais está repleto. Vai começar a Sessão Solene. (...) Grande expectativa na assistência...

««« ... Ao fundo, Kardec, na sua moldura de saudosa homenagem da família espírita, parece repetir com firmeza:

««« - O Espiritismo, ou será científico ou não terá razão de existir.

««« ... O reporter lança um olhar pelo Salão e fica-lhe na alma sincera pena de não ver ali todos os que ali podiam estar.

««« ... Entretanto o Sr. Presidente da Mesa, Sr. Coronel Dr. Raul Emilio de Carvalho, depois de algumas entusiásticas palavras sobre o acontecimento que se festeja, abre a sessão e convida a falar o Sr. Pedro Cardia, sócio fundador da F.E.P., um dos mais activos elementos da primeira hora espírita em Portugal, sólida cultura que na Escola Médica soube conquistar e manter a estima de mestres como o Mestre Vilhena, que desempenha, no Laboratório, o cargo de Secretário. Pedro Cardia deu-nos uma síntese brilhante dos primeiros passos da F.E.P..

««« Toma, então, lugar na tribuna dos oradores o Sr. Dr. Ramiro da Fonseca, cuja palavra serena, sem cortes nem precipitações, nos revela o seguro poder de exteriorização do seu pensamento, a disciplina consciente no seu labor mental. No orador impressionou, sobretudo, a sua segurança nos propósitos e o seu nobre entusiasmo largamente sublinhado com aplausos pelo público. (...).

««« Segue-se depois, no uso da palavra, outro Director do Laboratório:- Sr. Dr. Luiz Avelar Aguiar.

««« O reporter nota que ao lado do Sr. Dr. Ramiro da Fonseca, de cabelo nevado mais pelo rigor do clima do que pelos anos andados, o Dr. Luiz Avelar lembra, na sua mocidade e na ousada atitude do seu espirito, uma árvore viçosa, em plena primavera e plena de seiva, a escalar alturas para lhes beber a luz que há-de dar côr e beleza aos seus frutos!

««« Do seu mérito intelectual, do seu valor moral e amor ao estudo dos problemas que lhe incumbem no L.E.M., diz suficientemente a tese já noutra lugar referida e que defendeu brilhantemente perante os Mestres da Universidade Portuguesa. (...).

««« Novas palavras de agradecimento, de entusiasmo e de justiça do Sr. Dr. Raul Emidio de Carvalho, por entre aplausos e felicitações da assistência, e a Sessão Solene chega a seu termo. Na Direcção da F.E.P., na Direcção do Laboratório, na face de todos, um naturalíssimo ar de contentamento – com não sei quê de mágua pelo soprar do vento que anda a fustigar as almas...

««« E quando a assistência se levanta, para continuar a visita ao Laboratório ou para recolher a suas casas, o reporter olha o grande quadro de Cristo que ilumina o Salão da F.E.P. e julga ver o Mestre tomar relevo, desprender-se da tela, estender seus braços divinos para todos e bradar:  
- Amai-vos uns aos outros! »»»»

Assim termina o relato do que foi a inauguração do L.E.M., e do qual apenas omitimos as referências à composição da Mesa e aos discursos proferidos. E se, de imediato, transcrevemos na integra o do Dr. Ramiro da Fonseca fazemo-lo, apenas, porque ele não era espirita e “parece ter partido dele tudo o que depois aconteceu”. Verdade? Mentira? Será que alguma coisa se pode tirar das suas palavras de então?...

Vejamos:

««« Minhas Senhoras

««« Meus Senhores

««« Ao criar o Laboratório de Estudos Metapsíquicos, a Federação Espirita Portuguesa encarregou-nos, - a mim e ao Dr. Luiz Avelar -, de efectuar a sua montagem e regular o seu funcionamento.

««« Quanto à montagem, fizemos o que era possível fazer com os poucos recursos materiais à nossa disposição: realizámos um embrião de laboratório, que tem no entanto uma qualidade que me parece apreciável: - existe... e vive. O que é preciso agora é alimentar-lhe a existência, faze-lo crescer, desenvolver-se e produzir.

««« Para satisfazer a segunda incumbência que nos foi atribuída, elaborámos um «Regulamento Interno do Laboratório», no qual se desenha a organização, estabelecem as condições de trabalho e definem as relações

entre o Laboratório e a Federação. Aqui, devo pôr em relevo o facto deste Regulamento ter sido aprovado sem emendas nem aditamentos ou supressões, pois esta circunstância prova que entre nós, - eu e o Dr. Aguiar por um lado, e os dirigentes da Federação por outro lado -, houve logo de início uma total compreensão mútua, uma perfeita harmonia de ideias, conceitos e intenções, apesar das muitas criticas bem poucoi benévolas de que todos fomos vítimas.

««« Logo depois, a Federação teve por bem nomear-nos directores do Laboratório, dando-nos por adjunto o Snr. Dr. Estevão da Silva, presidente da Assembleia Geral da Federação e Director da Revista de Metapsicologia.

««« Nas decisões tomadas quanto a mim e ao Dr. Luiz Aguiar, a Federação usou de um critério que não me compete discutir; obedeceu a ditames que não tenho de julgar, mas cuja critica aflora, aqui e além, no decurso deste depoimento. Não vos oculto, porém, que nos surpreendeu, principalmente por razões que se referem às nossas ideias pessoais, aos nossos princípios e credos doutrinários.

««« É claro que ao aceitarmos estes encargos, aceitámos implicitamente as responsabilidades, trabalhos e aborrecimentos que lhes são inerentes. Não podia ser de outra forma. Mas para evitar que sobre essas responsabilidades venham a pesar estupidamente os mal entendidos e as malevolências que hão surgir (porque hão de surgir, fatalmente), concertámos em vir aqui dizer de nossa justiça – eu e o Dr. Aguiar -, cada um de per si e por si.

««« Aqui estou para vos dizer da parte que a mim se refere, mas antes disso quero responder a duas perguntas que andam no ar e demandam resposta.

««« Que é que nós temos no Laboratório?

««« O que é que nós vamos fazer?

««« O que nós temos no Laboratório é pouco. Pouco mais do que uma sala adaptada a experiências mediúnicas e afins, com iluminação estudada, e alguns móveis indispensáveis. Temos um dispositivo para fotografia a luz branca e infra-vermelha, um sistema de controle visual e fotográfico pelos raios infra-vermelhos, um gravador de som, alguns rudimentares aparelhos para estudo de médiuns e sensitivos. (Nota em rodapé: o L.E.M. encontra-se na sua fase inicial. Ele acaba de nascer e a parcimónia com que tem sido financeiramente dotado não lhe permite para já a aquisição duma aparelhagemn suficiente. Contudo, e apesar da insuficiência, já nele se trabalha.- N.R.). Já vos disse que realizámos um embrião de laboratório... De resto, um laboratório de metapsiquica não é um laboratório de quimica ou de fisica nuclear, em que os aparelhos são tudo e tudo se passa dentro dos aparelhos. Para nós, o aparelho mais importante,



não o podemos comprar nem mandar construir: é o médium ou o sensitivo. Consoante a fenomenologia que provocar, ele é que há-de comandar a necessidade de novos aparelhos, muitos dos quais terão de ser, com certeza, inventados pelos investigadores.

«««« O que é que nós vamos fazer? Não vamos deitar a Federação abaixo... nem vamos tentar destruir o Espiritismo. Parece mentira mas qualquer destes absurdos receios já teve a ingenuidade de se manifestar. Nós vamos experimentar, observar, descrever, classificar, etc., os fenómenos supranormais que venham a ser produzidos pelos médiuns que aparecerem. Estamos, portanto, na dependência desses médiuns. Não podemos ir mais longe. Os nossos planos são vastos, mas a sua realização não depende de nós, como vêm. Entendemos urgente e necessário repetir, com variantes mais ou menos amplas, certas experiências clássicas, decisivas, cruciais, de vários autores do século passado e princípios deste século, que apesar de tudo continuam a ser combatidos. Daremos cumprimento a este programa logo que tenhamos dos tais aparelhos que não se compram: médiuns e sensitivos. E eu aproveito a ocasião para solicitar que venham até nós, sem preconceitos nem desconfianças, todos os que se julguem na posse de qualidades mediúnicas ou afins. (Nota em rodapé: Até este momento, já se encontram em estudo quatro indivíduos, e alguns mais inscritos esperam a oportunidade de ser estudados).

«««« E se mo permitem, vamos agora às questões fundamentais do meu depoimento.

«««« Um laboratório de Metapsíquica na Federação Espirita, põe imediatamente a necessidade de um confronto entre a Metapsíquica e o Espiritismo. É uma necessidade premente, tanto mais quanto é certo reinar uma grande confusão a tal respeito, não só entre os espiritas como também entre os que não perfilham as doutrinas espiritas.

«««« Metapsíquica e Espiritismo não são uma e a mesma coisa. Sucede até serem coisas muito diferentes; e as relações que se podem estabelecer entre os seus domínios respectivos, são puramente secundárias e acessórias.

«««« O Espiritismo puro é uma doutrina ético-religiosa... e quanto a mim é só isso.

«««« A Metapsíquica é, ou pretende justificadamente ser, uma ciência experimental, um ramo altamente especializado da Psicologia... e quanto a mim, metodologicamente, os seus limites naturais, próprios da ciência, impostos a qualquer forma de ciência pela sua própria natureza, não conduzem a nenhuma ética doutrinária.

«««« O Espiritismo, doutrina ético-religiosa, milita num campo que a Metapsíquica não explora, isto é, o domínio espiritual (que é preciso não confundir com o psíquico). Movimenta-se a Metapsíquica, ciência

experimental, num domínio aonde o Espiritismo não é chamado a intervir senão acidentalmente, a título de hipótese de trabalho.

«««« Isto não quer dizer que ao Espiritismo doutrinário seja vedado utilizar-se dos dados positivos da Metapsíquica, nem que à Metapsíquica, naturalmente, se proíba utilizar a hipótese implícita na doutrina espírita.

«««« Mas, repare-se que, no primeiro caso, o Espiritismo sai imediatamente dos seus próprios domínios, que são puramente doutrinários, para invadir o domínio dos factos; e no segundo caso a Metapsíquica sai imediatamente do seu campo de acção, que é essencialmente experimental, para se emiscuir num campo alheio à sua natureza.

«««« Por outro lado, na sua laboração, e enquanto ciência experimental, a Metapsíquica não tem por fim, nem lhe interessa, fundamentar a doutrina espírita... nem tem por fim, nem lhe interessa, fundamentar os argumentos que ao Espiritismo opõem os seus detractores. A prova está em que os factos que serviram a Sudre para combater o Espiritismo, não foram os mesmos que serviram a Bozzano para combater Sudre e defender o Espiritismo!

«««« A Metapsíquica estuda factos, e factos são factos. São realidades frias, afirmativas, concretizadas. A Metapsíquica observa-os, descreve-os, classifica-os, reproduz-os quando pode... e pouco mais. É-lhe totalmente indiferente que esses factos sirvam a A ou a B para este ou aquele fim doutrinário. Não está na sua índole de ciência preocupar-se com o destino que os dados positivos a que chega venham a ter nas mãos dos teorizantes. Ela apenas fornece dados; comete à crítica analisar esses dados e verificar se eles podem ou não podem fundamentar uma hipótese ou teoria.

«««« Interpretar a causa de uma materialização, por exemplo, não é trabalho metapsíquico; o que é sim, é estudar a realidade e objectividade desse fenómeno desconcertante, determinar as condições em que se produz, descreve-lo em todas as suas fases, procurar reproduzi-lo idêntico ou com variantes, etc.. Que o Espiritismo encontre nesse fenómeno sólidas razões para nele fundamentar, pelo menos em parte, a sua doutrina, isto já não é com a Metapsíquica... é com o Espiritismo.

«««« Profunda é, portanto, a diferença que separa o Espiritismo da Metapsíquica... Tão profunda como, por exemplo, o que separa o Padre Nosso das leis de Fechner.

«««« Militam em campos diferentes. E da mesma forma que o Padre Nosso e as leis de Fechner em nada se opõem, também a Metapsíquica e o Espiritismo em nada se opõem.

«««« Se o Espiritismo e a Metapsíquica militam em campos diferentes, mas não opostos, segue-se que nada impede um Fechner de rezar convictamente o Padre Nosso: nada impede um metapsiquista de ser

espírita. Logo, nada impede um espírita de investigar o campo da Metapsíquica, desde que o faça na convicção de que as leis de Fechner em nada afectam a essência do Padre Nosso, nem o Padre Nosso altera em nada as leis de Fechner.

««« Foi atendendo à diferença que separa o Espiritismo da Metapsíquica, diferença infelizmente tão ignorada ou tão esquecida, que ao redigirmos o «Regulamento Interno do Laboratório» explicámos bem claramente que «os investigadores responsáveis, orientadores dos trabalhos realizados no Laboratório, podem seguir qualquer princípio filosófico ou credo religioso, podem ser ou não ser espíritas, subscrever ou não as conclusões filosóficas e doutrinárias tiradas da investigação pelos membros da Federação. Mas enquanto investigadores, devem permanecer completamente alheios a doutrinas, trabalhando com a maior isenção, objectividade e neutralidade possíveis em questões desta ordem».

««« Posso acrescentar que os investigadores nem sequer terão de sentir-se na obrigação moral de declarar as suas convicções, materialistas ou espiritualistas.

««« Mas para nós, para mim e para o Dr. Aguiar, a situação não é a de qualquer outro investigador que venha trabalhar no Laboratório.

««« Nós entrámos nesta casa com uma tal despreocupação pelos preconceitos doutrinários, e encontrámos nela tanta lhanza e compreensão, uma tão boa vontade e plena confiança, que nos sentimos, a par de imensamente gratos, imensamente obrigados a nos mostrarmos tal como somos, sem ocultar o que não somos, e que muitos gostaríamos que fôssemos.

««« Encontro-me numa casa espírita, que representa oficialmente o Espiritismo português, e falo a uma assembleia que na sua maior parte é constituída por espíritas. Não devo ocultar, sem incorrer no crime de lesa-confiança, que não sou espírita.

««« Sou um interessado no estudo do Espiritismo; sou mesmo simpatizante com certos dos seus aspectos estou com ele em muitas das suas afirmações. Mas não sou espírita... E, no meu caso, é preciso que o diga, não ser espírita significa mais do que não aderir ao movimento iniciado com os fenómenos de Hydesville; significa mais do que não professar todos os pontos que definem a doutrina espírita; significa, principalmente, repudiar o Espiritismo deturpado e envilecido que por aí se cultiva, que dá francamente motivo a justos remoques e sarcasmos, e até, bem o sabemos todos, a medidas repressivas.

««« Não me preocupa muito afirmar que não adopto incondicionalmente o Espiritismo. Isso não teria importância de maior, nem para vós, nem para mim. O que eu não quero é ser tido por um membro dessa maioria de espíritas ignorantes, brancos, pretenciosos ou

velhacos, que fazem do Espiritismo um bruxedo ou tripudiam com ele, de todas as maneiras e feitios.

«««« Não ignorais, nem ousareis negar, embora vos dêa, que o Espiritismo tende cada vez mais a perder o que nele há de sublime – o seu núcleo doutrinário cristão – e que se apresenta por aí nem estado deplorável. As práticas de malas-artes em que o vemos metido, e as pouco recomendáveis paixões de que o vemos alimentado, obrigam os espiritas sinceros e esclarecidos a retrair-se, a esconder, até, as suas convicções.

«««« Depois de ter passado por meia dúzia de grupos que espiritas se dizem, depois de ler meia dúzia de coisas escrevinhadas em nome do Espiritismo, a palavra Espiritismo deixou de ter para mim um significado inequívoco, e sobretudo, espiritualista.

«««« Quando vejo pseudo-espiritas conluídos com protestantes e pseudo-protestantes que aceitam o Espiritismo sem abandono dos credos que professam; quando vejo pseudo-católicos que não hesitam em crer no Espiritismo, e frequentam sessões espiritas sem o menor reboço; e quando vejo pseudo-espiritas que assistem ao sacrifício da Missa, à invocação dos ‘espíritos’ e à leitura da ‘buena-dicha’ com a mesma serena convicção (se é que lhe podemos chamar convicção), que executam práticas de bruxaria abjecta e estúpida, invocando a protecção da Virgem e pedindo conselho a uma mesa de pé-de-galo; quando vejo grupos, grupinhos e grupelhos degladiarem-se desvergonhosamente por questões mesquinhas sob a capa do Espiritismo – eu, se fosse espirita, não deveria, não poderia de maneira alguma confessar-me publicamente espirita. Ou então, se o fizesse, seria para tomar uma atitude de combate implacável a esse Espiritismo degradado... coisa que eu não vejo se tenha feito por parte dos espiritas, com a energia que se requer.

«««« Não sou espirita. Mas sou espiritualista, e com plena consciência do que sou. Professo ideias solidamente fincadas no campo espiritual, e milito numa escola bem definida. Aceito os três grandes princípios da metafísica espirita – Evolução, Karma, Reencarnacionismo -. Adopto o essencial do que poderíamos chamar a biologia transcendental, que o Espiritismo foi buscar à Teosofia. E da mesma forma que todo o espirita sincero, sou cristão, fundamentalmente, conscientemente cristão... Que isto vos baste.

«««« Aos dirigentes da Federação bastou a nossa honestidade, a sinceridade com que nos mostrámos (falo também pelo Dr. Aguiar), e o caminho que julgámos devia seguir-se nas investigações metapsíquicas.

«««« Alguns federados, pelo contrário, hão-de ter censurado que a Federação não cuidasse de escolher, para dirigir o Laboratório, apenas elementos indiscutivelmente espiritas. No comentário que faço algures ao

Artº 5º do ‘Regulamento’, julgo ter explicado bem esta atitude. Digo eu, nesse comentário:

«««« ‘Os dirigentes da Federação entendem que o Espiritismo é uma verdade estabelecida em princípio, e que nenhuma filosofia ou ciência poderá abalar os seus fundamentos. Particularmente a Metapsíquica, pela natureza dos estudos a que se dedica, só poderá fortalecer o Espiritismo, sejam quais forem os resultados a que chegue nas suas investigações, desde que objectivamente orientadas e honestamente atingidas. Entendem que à Metapsíquica está reservado um papel depurativo do Espiritismo, fornecendo elementos positivos e objectivos com os quais o teorizante capaz e honesto poderá fundamentar a doutrina espírita, e eliminar o que de alheio a ela nela se tem infiltrado, deturpando-a e deformando-a, por ignorância ou por superstição, quando não seja por estas duas misérias juntas.

«««« ‘Assim o entendendo, os dirigentes da F.E.P. quiseram dar ao Laboratório por eles criado toda a independência de funções, toda a liberdade de movimentos, e a maior autonomia intelectual. Sabendo-se que a Metapsíquica ‘rouba’ inexoravelmente ao Espiritismo um grande número, um sem número de fenómenos que ele reivindica para si, sem razões sólidas para o fazer, não se pode ser mais honesto, nem mais convicto do que são os dirigentes da F.E.P.’, ao aceitarem o Artº 5º. Do nosso Regulamento, no qual se estipula que “a Gerência da Federação não terá a menor interferência na orientação e natureza dos trabalhos a realizar pelos experimentadores do L.E.M., sendo-lhes absolutamente interdita a imposição de directrizes diferentes das exaradas nesse Regulamento”. (O destaque é nosso, e para a importância deste Artº. Chamamos a atenção dos nossos leitores).

«««« Portanto, a F.E.P., na escolha dos fundadores e directores do Laboratório, obedeceu a princípios que têm um alto valor moral e doutrinário, e que definem a honestíssima atitude mental dos homens que presidem aos seus destinos. Não é demais pôr em relevo esta atitude, uma vez que ela traduz convicções duma categoria que se torna cada vez mais rara em qualquer campo espiritualista.

«««« Será agora preciso definir qual virá a ser a minha atitude perante o Espiritismo que se professa no meio espírita português?

«««« Pelo que toca à minha actividade no Laboratório, a questão não tem de ser posta. Já disse o bastante para se entender claramente que, à imitação dum grande fisiologista francês, saberei deixar as minhas convicções à porta do Laboratório. Serei o mais severo observador da regra que eu próprio redigi no ‘Regulamento’, e que volto a enunciar: «os investigadores, enquanto investigadores, devem permanecer completamente alheios a doutrinas»...

««« Mas como fora das minhas actividades laboratoriais me proponho ultrapassar as funções definidas no ‘Regulamento’ – se mo consentirem -, como tenciono algumas vezes descer lá de cima, do 2º andar, até aqui mesmo, ao rez-do-chão, trazendo comigo as minhas convicções, é preciso, realmente, que defina perante vós qual vai ser a minha atitude em face do Espiritismo.

««« Antes de mais nada, devo dizer que, de não ser espírita, não pode concluir-se que seja anti-espírita. Longe disso. Espiritualista dos pés à cabeça, não me tenho por inimigo de qualquer doutrina espiritualista, desde que ela não se traduza na prática em comportamentos reprováveis, condenáveis. O que não posso deixar de ser é um irreductível inimigo das deformações e aberrações das doutrinas praticadas e que representam, no mínimo, um violentíssimo ultrage ao espiritualismo, que defendo acerrimamente em todas as doutrinas espiritualistas.

««« Não sou inimigo do Espiritismo, como não sou da Teosofia, do Budismo, do Cristianismo ortodoxo. Inimigo sou, das formas degradadas, das interpretações deturpadas, que impudicamente maculam, não só a doutrina espírita, tão profundamente cristã, como todo o Espiritualismo, seja qual for a escola em que domine.

««« Ora o Espiritismo que actualmente se professa, o Espiritismo de que entre nós se faz propaganda, é um complexo híbrido, confuso, caótico, em que se distinguem, por violento contraste, dois aspectos contraditórios: o espiritualista e o materialista.

««« Pois bem: se alguma importante missão espiritual me cabe nesta minha passagem pela Terra, é a que vou definir nos seguintes pontos:

1º - Tentar fazer compreender a essência do materialismo, que tão injustamente é vilipendiado pelos espiritualistas incompreensivos, limitados e intransigentes.

2º - Justificá-lo no campo da matéria e dos fenómenos materiais, a que pertence por direito. A César o que é de César...

3º - Denunciá-lo, combate-lo e bani-lo do campo espiritual, onde quer que se tenha infiltrado: no Espiritismo, na Teosofia, no Cristianismo ortodoxo, em qualquer dominio espiritualista, enfim, que não lhe tenha sabido resistir. A Deus o que é de Deus...

««« O Espiritismo que entre nós se cultiva – lamento a convicção com que o afirmo – está profundamente adulterado, na sua essência espiritual, por insidiosas e poderosas influências materialistas.

««« Por um lado a ignorância, a superstição e incompreensão dos adeptos, e por outro lado a má orientação dos propagandistas e instrutores responsáveis, tenazmente aferrados à ideia (deturpada pelo materialismo), de basearem a doutrina em dados científicos que não compreendem,



infiltraram no espiritualismo puro da pura doutrina espírita, uma dose incomensurável de materialismo, por vezes do mais baixo nível.

«««« A ciência que esses instrutores manejam, como crianças que manejam uma arma de fogo carregada, é toda materialista; levá-la ao seio do Espiritualismo é levar-lhe os mais virulentos germes da corrupção, da degenerescência, do aniquilamento...

«««« Eu compreendo que esta impregnação das doutrinas espiritualistas por elementos materialistas não é de agora, nem é exclusiva do Espiritismo. É de sempre, e é uma fatal consequência da própria evolução espiritual do homem...

«««« O Espiritismo militante e codificado nasceu numa época tão profundamente materialista que, para se impôr, não poderia deixar de se embeber em materialismo. Se assim não fosse, nunca teria tido, como teve e continua a ter, o interesse dos homens de ciência... E o beneplácito da Ciência, *que não é gratuito*, não fez mais que intensificar e desenvolver o aspecto materialista do Espiritismo.

«««« Era fatal. O Espiritismo pactuou com o materialismo contemporâneo. E esta atitude sua traduz-se, no campo espiritual, em resultados nefastos para a evolução do Homem; é preciso, por isso mesmo, desmascará-la...

«««« Logo, a minha atitude perante o Espiritismo será de rude combate ao materialismo que nele se infiltra por todos os poros; será de inexorável guerra ao Espiritismo materialista; e esse Espiritismo pode contar com um inimigo inclemente, duro, brutal, que usará de todas as armas agressivas que a Verdade forneça e a justiça e a rectidão da minha causa legitime.

«««« E se os espiritas sinceros, inteligentemente espiritas, isto é, essencialmente espiritualistas, não quiserem degradar-se ao contacto com esse Espiritismo... vá lá o termo... ahrimânico, terão de fazer côro comigo nas minhas invectivas e diabrites; terão de aplaudir-me e secundar-me na minha missão de expurgá-lo, de purificá-lo, de espiritualizá-lo.

«««« Porque não é a doutrina espírita que eu me proponho combater, evidentemente. (Nota em rodapé, da R.: ao Autor interessa até, pelo contrário, defender a doutrina espírita no que ela tem de espiritualista, porque apesar de não ser espírita, reconhece que em todas as escolas espiritualistas há uma Verdade que tem de ser salva custe o que custar: o Espírito. Tudo o mais é secundário).

«««« Deus me livre!

«««« O que eu me proponho é combater e esmagar as formas degradadas e degradantes do Espiritismo caricaturado nas baiucas, a tanto por consulta; o Espiritismo salobro e bacoco dos grupinhos lorpas que o praticam com o interesse de quem joga uma partida de bisca lambida; e principalmente o Espiritismo tolamente chamado *científico*, muito mais pernicioso para a

evolução espiritual do Homem, e que algumas dezenas de instrutores mal informados pretendem impôr aos crédulos que de boa fé na ciência, e na ciência deles, se dispõem a ouvi-los. Fundamentalmente espiritualista que sou, tratarei de ser, neste combate, totalmente intransigente para com toda a forma de materialismo que se queira emiscuir nos domínios do espiritual.

««« Frio, objectivo e neutral nos trabalhos de laboratório, serei aqui em baixo um ardoroso e apaixonado combatente do mau Espiritismo, do Espiritismo deturpado pelo materialismo, e degradado pelas paixões e apetites que este gera quando se crava no corpo do espiritualismo...

««« E nesta batalha sem complacências, de que farei a minha missão, uirei aqui tão longe quanto mo permitir a Direcção desta casa, na certeza de que ela comunga nas minhas ideias sobre este ponto, e de que estará comigo até onde lho permitam os preconceitos e a sinceridade dos filiados na Federação Espirita Portuguesa.

««« Tenho dito ».

\*

\*

\*

Ainda no mesmo mês de Fevereiro, encontra-se publicado o seguinte esclarecimento:

««« Laboratório de Estudos Psíquico Prof. Chaeles Richet

««« No Laboratório de Estudos Metapsíquicos Prof. Charles Richet não são dadas consultas médicas nem feitos tratamentos de qualquer natureza.

««« Os exames médicos a que são submetidos os inscritos para ensaios experimentais, destinam-se *unicamente* a verificar se esses examinados podem fazer experiências de metapsíquica sem prejuízo para a sua saúde.

««« As funções do Laboratório são as seguintes, e mais nenhuma:

««« - *examinar os inscritos do ponto de vista médico e para o fim indicado; examiná-los do ponto de vista psicológico e metapsíquico.*

««« - *Se admitidos estes, efectuar com eles as observações e experiências proporcionadas pelas suas qualidades, tendo sempre em vista objectivos científicos, para os quais o Laboratório foi criado.*

««« No Laboratório nunca se fizeram nem se farão quaisquer tratamentos ou actos que os possam subentender.

««« Lisboa, Fevereiro de 1953.

««« *Luiz Avelar Aguiar*

««« *Ramiro da Fonseca.* »»»

E um outro aviso, este referente a médiuns, reforça e esclarece (justifica) o Artº. 26º do Regulamento Interno do L.E.M.:

#### ««« ADVERTÊNCIAS

««« A.- O Regulamento Interno do L.E.M. estipula, no Artº. 26º., o seguinte:

««« Todo o médium sensitivo ou paciente, solicitado pela Direcção do Lab., que voluntariamente se ofereça para colaborar nos trabalhos de investigação, deverá de boamente submeter-se às seguintes condições:

1º)- Permitir um exame médico de sua pessoa com o fim de ser classificado do ponto de vista de «saude fisica». Este exame poderá ser eliminatório, caso se reconheça a possibilidade de perigo para a saude do examinando em virtude dos trabalhos experimentais a efectuar com ele.

2º)- Submeter-se aos testes psicológicos que a Direcção julgar convenientes, em vista da sua classificação psíquica.

3º)- Aceitar as condições experimentais que lhe forem impostas, com vista a eliminar toda a possibilidade de fraude, ou suspeita de fraude por parte dos experimentadores e observadores.

««« Deste modo, todo o médium ou sensitivo que venha ao Laboratório a fim de ser estudado, quer unicamente para reconhecimento e controle das suas faculdades, quer para ser exclusiva ou acidentalmente utilizado em trabalhos de investigação do mesmo, terá de obrigatoriamente submeter-se àquelas determinações, que aliás só seriam recusadas por gente que, mental ou moralmente pouco dotada, ou por quaisquer razões não divulgáveis, deixaria de nos interessar.

««« Do seu exame, o médico fará um relatório absolutamente confidencial, defendido pela responsabilidade individual do médico, que é obrigado pelo Código Deontológico a guardar o 'segredo profissional' em todas as circunstâncias definidas nesse Código.

««« Os indivíduos do sexo feminino só serão examinados pelo médico na presença duma pessoa de sua família ou de sua inteira confiança (neste caso, do sexo feminino).

««« As respostas ao teste psicológico ficam também exaradas em relatório absolutamente confidencial. Se alguma circunstância impedir o examinando de responder com verdade a quaisquer perguntas, é inteiramente livre de não responder, mas o Laboratório convida-o insistentemente a não mentir, o que apenas redundaria numa perda de tempo, visto que as respostas se controlam mutuamente até certo ponto, e as de maior importância para o diagnóstico psicológico serão posteriormente verificadas.

««« Habitualmente os experimentadores condescendem em aceitar de início certos condicionalismos empíricos impostos pelos examinandos (preces, invocações, concentrações, atitudes especiais, etc.), desde que não prejudiquem a boa observação e controle dos fenómenos. No entanto, o

examinando terá de submeter-se às condições que lhe forem impostas e que o Laboratório julgue necessárias a uma conclusão válida.

««« Os indivíduos do sexo feminino não poderão actuar em nenhuma experiência sem a presença de, pelo menos, uma pessoa de família ou de sua inteira confiança.

««« B – O ‘Regulamento Interno’ do L.E.M. estipula no seu Artº. 28º. o seguinte:

««« Todo o médium surpreendido em delito de fraude ou tentativa de fraude, será publicamente denunciado pela Direcção do L.E.M. e pela Gerência da F.E.P., e juridicamente perseguido por abuso de confiança desde que a sua acção tenha em vista prejudicar material ou moralmente terceiros ...

««« Deste modo, os examinandos são insistentemente exortados a não tentarem fraudar ou forçar seja o que for conscientemente. Se nenhum fenómeno se verificar no decorrer dos exames, o Laboratório apenas poderá registar a ausência de fenómenos. Os experimentadores sabem que as qualidades mediúnicas nem sempre se manifestam à nossa vontade, e que os melhores médiuns têm falhado muitas vezes em condições que parecem as mais propícias. É muito natural que nos primeiros ensaios nada se produza, e se houver fraude manifesta ou tentativa de fraude, ficar-se-à em péssima disposição para julgar dos resultados em exames posteriores. Enfim, a persistência nesta atitude desonesta por parte do examinando, obrigará à denúncia pública, e eventualmente à perseguição jurídica.

««« C – Os indivíduos do sexo feminino que venham ao Laboratório para ser estudados, para actuar em experiência, ou apenas como simples visitantes, terão de vir, sempre, acompanhados de uma ou duas pessoas de sua família ou de sua inteira confiança.

««« D – Todo o individuo que vier ao Laboratório a fim de ser examinado para os fins mencionados, tomará conhecimento destas advertências antes de qualquer exame ou interrogatório, e deverá vir sempre acompanhado de uma ou duas pessoas de sua confiança, que testemunharão este facto. – A DIRECÇÃO »»»

\*  
\*  
\*

É assim que em Abril desse mesmo ano, dando continuidade à inauguração do L.E.M., a Direcção passa a publicar na Revista de Metapsicologia, o seu Regulamento, que transcrevemos na íntegra:

««« Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos

‘Prof. Charles Richet’ - Departamento Científico da F.E.P.

«««« Dando cumprimento ao que determina o Capítulo 1º do Estatuto da F.E.P., no seu Artigo 3º, alínea b), é fundado o ‘Laboratório de Estudos Psíquicos’ Prof. Charles Richet, o qual passará a reger-se pelo presente Regulamento e de acordo com o § 3º do Artigo 23º daquele Estatuto.

---

«««« NOTA PRÉVIA:- No texto, o Laboratório é muitas vezes indicado pela iniciais L.E.M. ou seja pela abreviatura Lab.; a Federação Espirita Portuguesa é muitas vezes indicada pelas iniciais F.E.P., ou pela abreviatura Fed.. – A designação ‘Direcção’ refere-se sempre e só ao corpo de directores do Lab.; a designação ‘Gerência’, refere-se sempre e só aos Corpos Gerentes da Fed..

---

#### «««« INTRODUÇÃO

«««« O Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’ é uma criação da F.E.P., e dele depende em absoluto no que respeita aos serviços administrativos, e só a esses serviços. Portanto, o L.E.M. depende financeiramente da F.E.P., que o criou, e que responderá por tudo o que diga respeito à parte administrativa.

«««« Todas as questões que envolvam movimento financeiro serão exclusivamente resolvidas pela Gerência da F.E.P., única detentora e administradora dos bens do L.E.M..

#### «««« CAPITULO I

##### «««« Finalidades – Instalações

«««« Artº 1º - O Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’ é um departamento científico da F.E.P. com autonomia científica, o qual tem por fim único e exclusivo o estudo experimental dos fenómenos psíquicos supranormais incluídos por Charles Richet no capítulo da Psicologia que denominou metapsíquica.

a)- Atendendo ao carácter essencialmente experimental desses estudos, serão os mesmos orientados pelo critério positivo de Mackenzie, segundo o qual a Metapsíquica tem por fim “observar sem preconceitos e verificar, antes de mais nada, a realidade dos fenómenos; depois, experimentar, na medida do possível, com o fim de descobrir e fixar as condições necessárias suficientes à produção dos fenómenos; tirar destes as consequências, as correspondências, as constantes eventuais; enfim, classificar os próprios fenómenos, procurando fazer entrar os novos factos na categoria dos factos conhecidos.

b)- Em consequência, toda a questão de causalidade, espírita ou não, sai do âmbito experimental das investigações oficiais realizadas no L.E.M. – Isto

não impede que os investigadores teorizem a partir dos fenómenos provados ou observados, mas as suas conclusões serão puramente pessoais.

c)- Dos dados fornecidos pelos trabalhos do L.E.M., a F.E.P. fará o uso que entender, tirando as conclusões doutrinárias que lhe parecerem justas e legítimas, e de harmonia com o artigo 2º do seu Estatuto, sua alínea b); não poderá, no entanto, responsabilizar os experimentadores pelas suas conclusões, a menos que eles as subscrevam de motu-próprio e individualmente, arcando per si com as responsabilidades científicas inerentes a esta atitude.

d)- Conclui-se que os investigadores responsáveis, orientadores dos trabalhos realizados no L.E.M., podem seguir qualquer princípio filosófico ou credo religioso, podem ser ou não espíritas, subscrever ou não as conclusões filosóficas e doutrinárias tiradas das investigações pelos membros da F.E.P. – Mas enquanto investigadores devem permanecer completamente alheios às suas doutrinas, trabalhando com a maior isenção, objectividade e neutralidade possíveis em quest~eo desta ordem.

e)- As alíneas c), d), são extensivas a todos os colaboradores de que se ocupa o Capítulo IV.

««« Artº. 2º - O L.E.M. é propriedade da F.E.P. e na sua Sede está instalado, em dependências escolhidas de comum acordo pela Gerência da F.E.P. e pelo Conselho Director do L.E.M. – Estas dependências serão adaptadas ao fim em vista, e constarão, pelo menos, de três compartimentos: uma sala de expediente, arquivo e arrumação de aparelhagem móvel, uma sala exclusivamente adaptada a sessões mediúnicas ou outras do mesmo tipo, e um gabinete fotográfico.

««« Artº. 3º - A direcção do L.E.M. utilizará os serviços da Biblioteca da F.E.P., de acordo com o que determinam os seus Regulamentos, sem restrições que dificultem a consulta bibliográfica, tomando a Direcção do Laboratório todas as responsabilidades inerentes às facilidades recebidas, e sempre de acordo com o Regulamento em vigor naquele departamento de cultura.

a)- A requisição de obras ou de periódicos à Biblioteca da Federação pelo e para o Laboratório não implicará a obrigação de depósito em numerário, nem qualquer outro encargo para o Laboratório.

b)- Pelo extravio ou deteriorização das obras ou periódicos requisitados, é responsável, perante a Federação, a Direcção do Laboratório, e perante este, o director responsável, signatário da respectiva requisição.

««« Artº. 4º - A Direcção da F.E.P., ao abrigo do Artigo 16 do Estatuto, seu § 2º, quando nisso não veja inconveniente para os seus serviços, e de acordo com o Artigo 23º, § 3º porá à disposição do L.E.M. a sala ou salas que a sua Direcção solicitar para a efectivação de conferências, lições,



trabalhos públicos, etc., que façam parte das suas actividades de cultura ou propaganda.

## ««« CAPITULO II

### ««« Da orgânica

««« Artº. 5º - A Direcção do L.E.M. elaborará o programa dos estudos e cursos das ciências metapsíquicas, de acordo com o C.S.D. da F.E.P., conforme o que determina o Artigo 23º, seu § 3º, do Estatuto, cujas directrizes nunca poderão colidir com o exarado neste Regulamento (Artº 1º e suas alíneas).

a)- Aos membros da Federação é permitido apresentar pareceres e sugestões que serão devidamente apreciados pela Direcção do Laboratório, discutidos no seu valor ou viabilidade, e aceites, esperados ou rejeitados por ela.

b)- Esta permissão, com as suas limitações, é extensiva a qualquer sócio da F.E.P., por intermédio dum membro da sua Direcção, que representará o sócio em questão.

««« Artº. 6º - A Direcção do Laboratório obriga-se a apresentar, todos os trimestres, à Gerência da F.E.P., um relatório sucinto das suas actividades, bem como de outros assuntos que com elas se relacionem.

a)- Os relatórios in extenso ficam arquivados no Laboratório onde estarão patentes sem restrições aos membros da F.E.P. e, naturalmente, aos Directores do Laboratório.

b)- A consulta destes relatórios e outros documentos arquivados, será permitida aos sócios da F.E.P. com autorização da sua Gerência e da Direcção do Laboratório, devendo esta considerar previamente se há ou não conveniência em facultar a consulta dos relatórios ou documentos requeridos, em atenção à possível má fé ou má interpretação do requerente.

c)- A consulta do arquivo pelos membros da Gerência da F.E.P. ou pelos seus sócios, será feita sempre na presença dum membro da Direcção do Laboratório, que velará no sentido de não permitir transvios ou alterações dos documentos consultados e prestará todos os esclarecimentos que julgar convenientes e necessários.

««« Artº. 7º - Os trabalhos do L.E.M. realizar-se-ão nos dias e às horas que mais convierem aos investigadores ou às investigações, devendo a Direcção conjugar, sempre que possível, os seus horários com o horário de abertura e encerramento da Sede da F.E.P..

««« Artº. 8º - Nenhum trabalho mediúnico de importância será realizado sem a presença de, pelo menos, dois membros da Gerência da Federação; e se a Direcção do Laboratório o determinar, serão convidados sócios da Federação, ou mesmo elementos estranhos, indicados pela Direcção e pela Gerência, ou por uma destas entidades com a aquiescência da outra.

a)- Da importância dos trabalhos para este fim é a Direcção do Laboratório que decide.

««« Artº. 9º - Nos trabalhos de efeitos físicos proceder-se-à de modo a eliminar completamente, sem sombra de dúvida, toda a suspeita de fraude, permitindo e solicitando a todos os presentes um minucioso exame critico das condições em que as experiências se efectuarem.

a)- Em trabalhos desta natureza, a presença testemunhal é exigível, para ressalva do bom nome do Laboratório e da Federação.

b)- Nenhum trabalho realizado fora destas condições deverá ser publicado, ou pelo menos não será considerado pela Direcção como probatório ou valioso, a menos que a mesma entenda considerá-lo como tal, assim o subscrevendo.

c)- Aos convidados não será permitido transporem os limites impostos pela sua qualidade de meros espectadores, a não ser que a Direcção os convide a intervir nas experiências, solicitando a sua cooperação.

d)- Os trabalhos positivos, devidamente testemunhados e insuspeitamente autenticados, terão a publicidade que o seu valor merecer, dentro e fóra da F.E.P., conforme acordo da Direcção do Laboratório o determinar e sempre com a concordância do C.S.D. da Federação ou da sua Gerência.

««« Artº. 10º - Os relatórios destes trabalhos ficam arquivados, e só serão publicados na medida em que os experimentadores os julgarem úteis à compreensão doutros trabalhos mais vastos.

««« Artº. 11º - A Direcção do L.E.M. compor-se-à dos elementos abaixo indicados:

Director; - Director Adjunto; - Secretário; - 1º Relator; - 2º Relator; - Correspondente.

a)- Os dois primeiros serão nomeados pela Gerência da F.E.P.; os restantes serão nomeados posteriormente pelos directores empossados.

b)- O cargo de Director-Adjunto será ocupado, por direito próprio, pelo Presidente do Conselho Superior Deliberativo da F.E.P., em exercício, ou quem suas vezes fizer.

c)- A nomeação dos elementos 4 a 7 pelos Directores, terá de ser confirmada pela Gerência da F.E.P., que pode opôr-se a tal ou qual nomeação, desde que apresente razões de facto que justifiquem a sua opposição. Neste caso a Direcção empossada terá de escolher novo ou novos elementos.

««« Artº. 12º - Aos componentes da Direcção do L.E.M. cabe organizar, dirigir, executar ou acompanhar a execução dos trabalhos do laboratório, e são responsáveis perante a F.E.P. (C.S.D.), pelo critério científico que presidir às experiências e pelo comportamento moral e cívico de todos os frequentadores habituais do Laboratório.

a)- Dos Directores dependem, em última instância, todas as diligências efectuadas, todas as iniciativas, autorizações, etc.; competindo-lhe a orientação geral do Laboratório de Estudos Metapsíquicos e dos trabalhos ali realizados, arcando com todas as responsabilidades inerentes ao cargo que desempenham.

b)- O papel do Director Adjunto é o de uma estreita e eficiente colaboração com os outros dois Directores e o C.S.D. da F.E.P..

c)- A colaboração específica dos relatores traduz-se na elaboração dos relatórios, redacção de notas e notícias para a F.E.P. e para o exterior.

d)- O Correspondente e o Secretário têm por missão principal manter um estreito intercâmbio com os outros Laboratórios de metapsíquica de todo o mundo, bem como a organização e manutenção do arquivo do Laboratório e da sua biblioteca privativa.

««« Artº. 13º - Todos os componentes procurarão, na medida do possível, colaborar uns com os outros em todos os trabalhos, ajudando-se mutuamente e aplicando-se com boa vontade e interesse às tarefas que lhe forem distribuídas.

««« Artº. 14º - Os directores são nomeados por prazo indefinido.

a)- O Director-Adjunto exercerá este cargo, durante o triénio respeitante aos dos Corpos Gerentes da F.E.P..

««« Artº. 15º - O Secretário, os Relatores e o Correspondente são nomeados por períodos de três anos, renováveis pelos Directores do Laboratório de comum acordo com a Gerência da Federação.

««« Artº. 16º - Os directores podem pedir a sua demissão em qualquer altura apresentando ao C.S.D. da F.E.P., por escrito, o seu pedido, expondo as razões que o determinam.

a)- Se à Direcção ou ao C.S.D. for possível eliminar essas razões, o pedido de demissão fica automaticamente sem efeito.

b)- Sempre que o C.S.D. se encontre impossibilitado de resolver estes assuntos, por falta de número, a Direcção da F.E.P. resolverá este e outros casos, ao abrigo do Estatuto, seu Artº. 16º, § 2º, para o que convocará a reunião dos Corpos Gerentes da F.E.P..

««« Artº. 17º - Cada um dos Directores poderá ser demitido pela Gerência da F.E.P., de motu-próprio ou a pedido da Direcção do L.E.M., quando se verificar:

1º - que não desempenha cabalmente as funções justificativas do lugar que ocupa;

2º - que não desempenha essas funções com probidade moral e intelectual, isenção e neutralidade no campo doutrinário;

3º - que as suas actividades dentro do Laboratório são prejudiciais sob qualquer aspecto, ao bom nome do mesmo ou da Federação;

4º - que a sua conduta fóra do Laboratório pode reflectir-se de modo indesejável ao bom nome do mesmo ou da Federação.

««« Artº. 18º - Os Relatores, o Secretário e o Correspondente podem ser demitidos pela Direcção, pelas mesmas razões expostas nos números 1 a 4 do Artº 17º).

««« Artº. 19º - A demissão de qualquer dos dois Directores principais será dada pelo C.S.D. ou pela Gerência da F.E.P., ouvida a Direcção do Laboratório em reunião especial, na presença ou ausência voluntária do interessado expressamente convidado a comparecer.

««« Artº. 20º - A edemissão dos Relatores, do Correspondente ou Secretário compete à Direcção do Laboratório, que a efectuará em reunião especial com a presença de, pelo menos, três membros dos Corpos Gerentes da Federação, com ou sem a presença do atingido, o qual será expressamente convidado a comparecer a tal reunião.

««« Artº. 21º - Nenhum membro demitido poderá ser readmitido se não se provar a falsidade ou inconsistência das razões que determinaram a sua demissão.

a)- Para este fim será convocada uma reunião especial conjunta dos Corpos Gerentes da F.E.P. e da Direcção do L.E.M., que julgará o caso, dando às suas últimas decisões a publicidade, reparadora ou não, que se julgar conveniente.

b)- A reunião especial conjunta do C.S.D. ou dos Corpos Gerentes com a Direcção do Laboratório, será sempre convocada pela Direcção da F.E.P..

««« Artº. 22º - A Direcção do Laboratório, em colaboração com o C.S.D. e a Direcção da F.E.P., agregará três sócios categorizados para assistentes voluntários aos trabalhos experimentais, de acordo com o previsto no Artº. 9º, alínea c).

### CAPITULO III

#### DOS COLABORADORES

««« Artº. 23º - O L.E.M. aceita a colaboração de quem quer que seja, sócio da F.E.P. ou alheio a ela, sem distinção de sexo, raça, classe social, credo religioso ou princípios filosóficos, desde que tal colaboração seja reconhecida útil ao progresso dos nossos conhecimentos no domínio da Metapsiquica, juizo este que só à Direcção do Laboratório compete, embora lhe cumpra ouvir os membros da Federação e outros elementos de comprovada competência e responsabilidades intelectuais no campo em questão.

a)- Toda a colaboração estranha ao corpo dirigente do Laboratório, voluntária, deverá passar obrigatoriamente pela Direcção da Federação,

que a submeterá depois à apreciação da Direcção do Laboratório, a quem cabe em última instância decidir pela aceitação ou rejeição da colaboração oferecida, tendo em vista o disposto no Artigo anterior.

b)- A oferta da colaboração pode ser feita directamente à Direcção do Laboratório, que nada decidirá, em princípio, sem primeiramente a fazer passar pela Direcção da Federação, acompanhada de um informe. – A Direcção da F.E.P. toma conhecimento e pode emitir opinião, favorável ou desfavorável, mas sempre fundamentada, que será devidamente apreciada pela Direcção do Laboratório.

««« Artº. 24º - O L.E.M. solicitará a colaboração de estranhos à Direcção quando essa colaboração seja julgada útil ou mesmo necessária.

a)- Se tal colaboração solicitada implicar com despesas em numerário, a Direcção exporá o assunto pormenorizadamente à Gerência da F.E.P., sob a forma de petição ou requerimento. A Gerência decidirá da oportunidade em satisfazer o pedido da Direcção do Laboratório, e de acordo com a verba orçamentada.

b)- Se a colaboração solicitada pela Direcção do Laboratório não implicar despesas, a Direcção da F.E.P. será simplesmente informada por escrito com a necessária antecedência, para que possa, com fundamentosa reais, opôr-se à aceitação da colaboração solicitada (razões de ordem moral).

««« Artigo 25º - Entram na categoria de colaboradores estranhos, além dos experimentadores eventuais, os médiuns, sensitivos e pacientes, espíritas ou não, ou tidos por tal, que não pertençam à Direcção do Laboratório ou à F.E.P..

a)- Os médiuns, sensitivos e pacientes que pertençam aos serviços do Laboratório ou da F.E.P., consideram-se colaboradores voluntários, não remuneráveis pelos serviços prestados.

««« Artigo 26º - Todo o médium, sensitivo ou paciente solicitado pela Direcção do Laboratório ou que voluntariamente se ofereça para colaborar nos trabalhos de investigação, deverá de boamente submeter-se às seguintes condições:

1º - Permitir um exame médico da sua pessoa com o fim de ser classificado do ponto de vista 'saude fisica'. Este exame poderá ser eliminatório, caso se reconheça a possibilidade de perigo para a saude do examinado, em virtude dos trabalhos experimentais a efectuar com ele.

2º - Submeter-se aos testes psicológicos que a Direcção do Laboratório julgar convenientes, em vista da sua classificação psíquica.

3º - Aceitar as condições experimentais que lhe forem impostas, com vista a eliminar toda a possibilidade de fraude, ou suspeita de fraude por parte dos experimentadores e observadores.

««« Artigo 27º - Os exames médico e psicológico dos médiuns, sensitivos e pacientes, serão feitos por membros da Direcção do

Laboratório se entre eles se encontrarem profissionais autorizados e competentes. Caso contrário o exame será feito por médico estranho ao Laboratório.

a)- Quando o exame for efectuado por membro da Direcção do Laboratório, tal exame caberá a esse membro como tarefa normal do lugar que ocupa, seja ele qual for.

b)- Quando o exame for efectuado por um estranho ao Laboratório, deverá previamente ser tido em consideração, e cumprida a alinea a) do Artigo 23º..

««« Artigo 28º - Todo o médium surpreendido em delito de fraude ou tentativa de fraude será publicamente denunciado pela Direcção do Laboratório de Estudos Metapsíquicos e pela Direcção da F.E.P. e juridicamente perseguido por abuso de confiança, desde que a sua acção tenha em vista prejudicar material ou moralmente terceiros, quer estes pertençam ou não ao L.E.M. ou à F.E.P..

««« Artigo 29º - O espirito do artigo anterior é aplicável in totu a todos os colaboradores e experimentadores, que serão imediatamente expulsos do Laboratório e da Federação, e publicamente denunciados.

## CAPÍTULO IV

### Do boletim

««« Artº. 30º - O L.E.M. terá na Revista de Metapsicologia, órgão da F.E.P., um suplemento autónomo, que se denominará 'METAPSIQUICA', cuja colaboração será da inteira responsabilidade dos Directores do L.E.M..

a)- A secção a que se refere este artigo será composta de modo a que facilmente constitua uma separata independente da Revista de Metapsicologia, mas fazendo parte da mesma.

««« Artigo 31º - O suplemento do L.E.M., 'MATAPSIQUICA', será dirigido pelos Directores do Laboratório, que assumem inteira responsabilidade pela doutrina expressa no mesmo.

««« Artigo 32º - Ao Suplemento compete a publicação:

1º - Dos relatórios in extenso ou em resumo, dos trabalhos efectuados no L.E.M., quando a Direcção deste julgar que deve ser dada publicidade a tais relatórios;

2º - soutras actividades do L.E.M., ou de sucessos nele acontecidos e que devam ser divulgados;

3º - de artigos metapsíquicos ou de carácter afim;

4º - de lições e conferências realizadas pelos Directores do Laboratório, e integradas nas suas actividades especiais.



## ADICIONAL

«««« Artigo 33º - Este Regulamento permanecerá com carácter provisório até ao fim do mês de Junho de 1953, a fim de nele poderem ser integradas alterações de pormenor sugeridas pelos sócios da F.E.P., que as devem enviar até àquela data para a Sede da mesma.

«««« Lisboa, 28 de Dezembro de 1952.

«««« Os Relatores:

Dr. Ramiro da Fonseca; Dr. Luiz Avelar de Aguiar.

«««« Aprovado em princípio, e por unanimidade, pela Direcção da F.E.P., em 5 de Janeiro de 1953.

«««« O Vice Presidente, António Castanheira de Moura; O 1º Secretário, Joaquim Ferreira Alves Júnior.

«««« Aprovado em reunião de Corpos Gerentes da F.E.P., em 16 de Janeiro de 1953. O Presidente da Assembleia Geral, Luiz Filipe Estevão da Silva. »»»»

... e a respeito deste Regulamento, o número de Agosto publica a alteração a alguns dos artigos, como segue:

«««« LABORATÓRIO DE ESTUDOS METAPSIQUICOS  
PROF. 'CHARLES RICHEL'

### SEU REGULAMENTO

Alterações a alguns dos seus Capítulos e Artigos

Considerando que o LEM constitui um departamento da F.E.P., sujeito a disposições especiais e legais, dado o seu carácter científico; e porque a sua actividade se encontra, naturalmente, subordinada ao Ministério de Educação Nacional:

«««« PROPONHO :

«««« que alguns Capítulos e Artigos do referido Regulamento sejam substituídos, de acordo com o que a seguir a Direcção propõe ao Conselho de Corpos Gerentes da F.E.P., e de harmonia com a seguinte redacção:

«««« Artº. 1º - O Laboratório de Estudos Metapsíquicos 'Prof. Charles Richet' é um departamento científico da F.E.P., com autonomia científica, e tem por fim o estudo experimental dos fenómenos supranormais incluídos por Ch. Richet no capítulo da Psicologia que se denomina

‘Metapsíquica’ e, bem assim, examinar metapsicologicamente as pessoas que se entreguem a práticas mediúnicas, nomeadamente na F.E.P..

## CAPÍTULO II

««« Artº. 6º :

«««« a)- Os relatórios in extenso ficam arquivados no Laboratório onde estarão patentes sem restrições, além das autoridades competentes aos membros da Direcção da F.E.P. e, individualmente, aos Directores do Laboratório.

## CAPÍTULO III

««« Artº. 11º:

«««« a) – Os dois primeiros serão propostos ao Ministro da Educação Nacional, pela Gerência da F.E.P.; os restantes serão nomeados posteriormente pelos directores empossados.

««« Artº. 12º - Aos componentes da Direcção do L.E.M. cabe organizar, dirigir ou acompanhar a execução dos trabalhos do Laboratório, e são responsáveis perante o Ministério da Educação Nacional pelo critério científico que presidir às experiências e demais actuação. Respondem também os mesmos componentes da Direcção do L.E.M. pelo comportamento moral e cívico de todos os frequentadores habituais do Laboratório.

««« Artº. 17º:

«««« Cortar o nº 1 (que não desempenhe cabalmente as funções justificativas do lugar que ocupa), passando o nº 2 a nº 1 e assim sucessivamente.

««« Artº. 18º - O que diz já e acrescentar: -“e ainda quando a mesma Direcção entender haver falta de desempenho cabal de funções”.

««« Artº. 18º - Acrescentar: -“A demissão somente será efectiva depois de aceite pelo Ministério da Educação Nacional”.

«««« O Presidente da Assembleia Geral, Luiz Filipe Estevão da Silva.

«««« Pela Direcção, O Vice-Presidente, António Castanheira de Moura.

«««« Aprovado em sessão dos Corpos Gerentes de 3-7-953.»»»»

\*  
\*  
\*

Mas o Laboratório, agora acabado de ser inaugurado, já faz correr alguma tinta... e o número de Maio publica um artigo do Vice-Presidente António Castanheira de Moura, do seguinte teor:

««« Do Laboratório de Estudos Metapsíquicos  
‘Prof. Charles Richet’ ao Ateneu neo-Espiritualista:

««« ‘O Espiritismo ressent-se em seu valor filosófico e sua interpretação doutrinária, no que respeita à evolução e ao modo como esta se efectua, dando, assim, margem a opiniões diversas e opostas atitudes, desde a mais evolutiva até à recalcitrante e conservadora, não obstante ser uma doutrina clara nos seus postulados, quando estes sejam estudados sem opinião preconcebida. – PORTERO ‘

««« Aqueles que se queixam e protestam contra a orientação seguida pela Federação Espirita Portuguesa, esquecem-se do que determina o seu Estatuto, no Capítulo I; porque se não o esquecessem, decerto compreenderiam a razão de, neste organismo, não se permitir fazer aquilo que era habitual fazer-se... Assim, a Direcção da F.E.P., integrada nos conceitos que antecedem as presentes considerações, e dando cumprimento ao dever que lhe é imposto pela sua lei Estatutária, vem dando cumprimento a um programa de trabalhos absolutamente reconstrutivo e de acordo com o espírito da Lei. Deste modo, como digo, a Direcção da F.E.P. não só vem cumprindo a Lei Estatutária, como vai ao encontro da necessidade premente de arejar o ambiente em que os espiritas se encontram mergulhados, dando-lhes, assim, a oportunidade de auscultarem o que a ciência pensa na hora presente sobre o Espírito e sua fenomenologia.

««« Deste modo, e alheios a opiniões divergentes, eivadas de errados conceitos, tivemos a honra de fundar o ‘Laboratório de Estudos Metapsíquicos Prof. Charles Richet’, por intermédio do qual vimos agora ingressar o nosso País no movimento Internacional de Parapsicologia, em que participam personalidades das mais representativas da investigação metapsíquica mundial, conforme seu Colóquio a realizar de 30 de Julho a 5 de Agosto, em Utrecht (Holanda), promovido pela ‘Parapsychology Foundation’ de Nova Iorque, com a representação de Portugal.

««« Porque o Laboratório é obra dos espiritas, embora para cientistas, sentimo-nos honrados como espiritas e como portugueses, pela distinção conferida àquele departamento federativo, na pessoa dos seus ilustres Directores, os quais acabam de ser convidados oficialmente a representarem o nosso País naquele Colóquio Internacional.

««« Encerro estes ligeiros considerandos, sem que aos mesmos reuna quaisquer considerações, que deixo ao critério dos espiritas que possam apreciar com serenidade o valor da obra já realizada.

\*

««« O Laboratório, como já foi dito, é obra dos espiritas para os cientistas. Agora e ainda integrada na Lei Estatutária, a Direcção da F.E.P., em sua sessão de 25 de Maio de 1953, aprovou a criação do 'Ateneu Neo-Espiritualista' como complemento lógico do Laboratório.

««« - O Ateneu Neo-Espiritualista será uma obra igualmente de espiritas, mas para espiritas, onde estes possam obter, através de uma cultura geral, noções do porquê das ideias que abraçaram, ou pretendem abraçar, para o que, à semelhança do que foi levado a efeito na Argentina, será aqui estabelecido um curso com a duração de dois anos, o qual, porém, dependerá da aprovação do Ministério da Educação Nacional.

\*

««« Não temos o estulto propósito de fazer dos espiritas sábios presumidos; queremos, sim, que eles tenham um mínimo de conhecimentos de ordem geral, que os habilitem a terem um conceito seguro do ideal que seguem; que o seu raciocínio presida às ideias que lhes aflorem, sasonando-as; e então, despidas de falsas interpretações, sempre opostas à evolução e à ciência, saibam dizer que sabem porque sabem.

\*

««« Esta a razão porque ontem defendemos e criámos o Laboratório, e já hoje estamos aqui a agitar a ideia da fundação do 'Ateneu Neo-Espiritualista'.

««« Que a população espirita de Portugal, seja federada ou não, saiba compreender da oportunidade de tal empreendimento; que todo o espirita colabore no mesmo, com a sua presença no seio da F.E.P., dando-lhe, assim, a possibilidade de novas tarefas serem levadas a efeito, graças à cotização que possa fazer carrear para este organismo federativo.

««« Que todo o espirita, federado ou não, convicto do valor do Espiritismo, se coloque acima das campanhas surdas e malévolas, tendentes ao aniquilamento dos altos princípios morais da nossa doutrina.

««« E, unidos, saibamos cumprir o imperativo da sua evolução para mais alto.»»».

\*

Mas as palavras de Castanheira de Moura não devem ter surtido o efeito desejado... ou talvez tivessem surgido já demasiado tarde!, pois neste mesmo mês de Maio, mais propriamente no dia 25, o Jornal “**O Século**” publica:

«««Aos Espiritas Portugueses – António Joaquim Freire, médico, declara que retirou a sua colaboração e solidariedade à Federação Espirita Portuguesa de que é sócio fundador e honorário, como protesto contra a nova orientação que se verifica na sua REVISTA DE METAPSIKOLOGIA. – Segue reconhecimento. »»»

Esta declaração revela bem, pensamos, o desânimo de quem foi, desde antes da primeira hora, o obreiro mais dedicado da Federação Espirita Portuguesa que nasceu (assim o podemos afirmar) pela sua vontade – a que várias outras se lhe juntaram.

\*

O editorial de Julho/53, assinado por ‘Apolonius Kristus’, “Ácerca de como é encarado o Espiritismo”, refere, no princípio, que:

««« Hoje, mais do que nunca, se discute em Portugal a razão de ser do Espiritismo. Desencandeiam campanhas contra, porque bruxas, intitulando-se espiritas, ludibriam os clientes, porque fanáticos, obsecados por algumas teorias, podem enlouquecer; e muitas outras razões são invocadas para denegrir tão bela doutrina.

««« Haverá alguma lógica ou razão em tudo isso? Vejamos, ainda que ligeiramente, o que há de discutível em tudo o que se diz e escreve:

«««1º - O ESPIRITISMO é um conjunto de doutrinas e teorias que explica e estuda Deus e o Homem, com a finalidade de tornar o homem melhor, mais irmão do seu irmão e mais feliz, tal qual como os outros sistemas doutrinários que se intitulam religiões e filosofias. Nele não há dogmas, nem ritos, nem preceitos de ordem oculta. Todas as suas doutrinas se baseiam nos mais são princípios morais e sociais e assentam na razão e na lógica.

Poderão alguns detractores contestar que os argumentos e teorias oferecidas pelo Espiritismo são insuficientes para provar as suas doutrinas. Isso é possível, mas essa insuficiência é muito maior em qualquer outra doutrina filosófica. Mesmo os elementos apresentados por muitas ciências são muitas vezes insuficientes e discutíveis. Porque o não hão de ser as

teorias espíritas? O certo é que pensadores, dos de maior vulto, depois de estudarem as religiões e filosofias, só no Espiritismo encontram resposta para as suas questões. Evidentemente que há quem nele nada encontre que o satisfaça, mas isso sucede em todas as religiões e filosofias. Pelo facto de haver quem não concorde com as práticas do Catolicismo, do protestantismo ou doutras religiões, ou quem discorde das teorias dos materialistas e dos ateus, não vamos queimá-los por isso. Têm direito à liberdade de pensar que todo o ser humano deve ter.

A responsabilidade do Espiritismo está somente nas doutrinas que propaga, nunca lhe podendo ser imputadas responsabilidades por práticas que nada têm de espíritas, práticas que existiram sempre e, portanto, muito antes de se formar o corpo de doutrina chamado Espiritismo»»»»

E, mais à frente, escrevendo sobre Deus, Adoração, a Lei, Sistemas Religiosos, Mediumismo e Fenómenos Inabituais, refere:

«««« (...). Todas, religiões oficializadas ou não, filosofias com teorias mais ou menos complicadas, procuram encaminhar o homem para Deus. Logo, todas, desde que sejam bem intencionadas e satisfaçam a esta condição, são boas e respeitáveis.

«««« O Espiritismo faz parte do número das doutrinas que encaminham o homem para Deus, logo é um sistema filosófico-religioso digno de respeito por parte de todos os homens, como todos os outros sistemas o são.

«««« (...). A comprovar que os sistemas não são demais, está o facto de haver indivíduos que não encontram em qualquer deles o seu preferido e dizem: 'Nenhuma religião me satisfaz, por isso sigo uma que é somente minha'. Como outras correntes religiosas e filosóficas, o Espiritismo reconhece Deus como suprema Força criadora e mantenedora do Universo; reconhece Cristo como autoridade suficiente para nos ensinar as leis de Deus; reconhece que em nós há o espírito, que sobrevive depois da morte do corpo e, finalmente, crê que esse espírito terá um futuro de acordo com o comportamento que teve na Terra.

«««« Que há, então, de diferente nas teorias espíritas?

«««« Apenas isto: enquanto outras filosofias e religiões crêem na Alma, o Espiritismo procura provar a sua preexistência e sobrevivência ao corpo.

«««« (...). O Espiritismo não aceita todos os fenómenos que se apresentam como provindo de uma vontade extraterrena. O facto de aparecerem por toda a parte fenómenos de ordem inabitual, não significa que o Espiritismo neles tenha qualquer interferência nem responsabilidade.

«««« Constatado que determinado fenómeno se produziu, dele toma conta a religião, a metapsíquica, o Espiritismo ou a polícia. Cada um tem direito de interpretá-lo a seu modo, negando-o, confirmando-o ou punindo os seus



intérpretes conforme a maneira como se produziu e os resultados dele derivados.

«««« O que deve é ficar entendido que o fenómeno, por ser inabitual, não significa que seja espirita. É um fenómeno, quando muito, mediúnico, só passando à classificação de espirita quando se provar que teve como agente uma inteligência do plano espiritual. Mas essa prova não surge imediatamente; por isso o Espiritismo tem o direito de o estudar, como qualquer outra filosofia ou ciência, enquanto a prova o não confirma, infirma ou nega »»»».

E conclui o articulista:

«««« A determinação da natureza e causa do fenómeno é um trabalho paciente, moroso e que requer persistência; por isso, o observador tem muitas vezes tantas dificuldades em confirmá-lo como em negá-lo. E se confirmar um fenómeno, sem bases seguras, é erro crasso, negá-lo, sem provas, é arriscar a reputação da ciência, religião ou filosofia que o faça.»»»»

Estava defendida assim, e mais uma vez, a criação do Laboratório de Estudos Metapsíquicos...

\*  
\*  
\*

O mesmo número de Julho, traz, ainda, outro artigo, este assinado por José dos Reis Pires, com reparos que transcrevemos a seguir:

««««« Reparos à cerca da separata «Metapsíquica» da “Revista de Metapsicologia”

«««« Há nos suplementos ‘Metapsíquica’, publicados na Revista de Metapsicologia, afirmações que merecem reparos por parte dos espiritas que, lendo aquela Revista, certamente, como nós, estranham o modo como o espiritismo nela tem sido tratado.

«««« Sendo esta Revista de feição filosófica, científica, moral e doutrinária, como vem mencionado por baixo do título, não compreendemos como esta, embora em separata, se tem afastado daquela feição. Não queremos contribuir para um maior afastamento, provocando polémica; por isso, não faremos a análise do conteúdo dos artigos publicados nos referidos suplementos, especialmente no primeiro e

terceiro; apenas anotamos, a propósito do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, como órgão da F.E.P., alguns reparos que mais directamente ferem a sensibilidade dos espiritas. Eis esses reparos (a numeração citada é a da ‘Metapsíquica’):

««« 1º - Na página 2, lê-se ...os mal entendidos e as malevolências que hão de surgir (porque hão de surgir fatalmente ...) Mas como? Então os directores da ‘Metapsíquica’ sabiam que vinham provocar mal entendidos dentro da Federação Espirita Portuguesa (porque é à F.E.P. que se referem) e vieram? Não seria melhor e mais correcto virem animados de espirito de concórdia?

««« Cremos que a Direcção da F.E.P. ao abrigo dos Estatutos e considerando que a Federação tem por fim estudar o Espiritismo científico e experimental (alinea b) do artº. 2º., e realizar a fundação de um laboratório (alinea b) do artº. 3º., pretendeu criar um organismo dentro das suas portas que pudesse, não direi fundamentar a razão de ser do Espiritismo, porque essa razão já está reconhecida, mas mostrar que o Espiritismo é científico, não temendo, deste modo, a ciência, como de facto não teme.

««« Mas quando a Direcção deu autonomia e liberdade de acção ao L.E.M., fê-lo, cremos, convencida de que essa liberdade era usada simplesmente sob o ponto de vista científico e nunca para a critica do Espiritismo, pois esta deve ser feita pelos espiritas, quanto à organização e orientação, com o fim de corrigir e melhorar as suas organizações.

««« Não podemos compreender que esse combate parta de dentro da Federação, e de cientistas que devem, pelo menos enquanto cientistas e especialmente na qualidade de directores dum organismo da Federação, ser frios e indiferentes ao uso das várias interpretações dadas aos fenómenos por eles estudados.

««« Evidentemente que, como amigos ou inimigos do Espiritismo, estes cientistas podem apoiá-lo ou combater-lo, mas não o deveriam fazer no suplemento de ‘Metapsíquica’, porque este deve ter caracter simplesmente científico, pelo que deve manter uma posição de neutralidade quanto às teorias existentes.

««« Se, pelo contrário, os dirigentes de ‘Metapsíquica’ pretendem fazer uma análise critica do espiritismo e doutras teorias e doutrinas, ninguém lhe contesta esse direito. Não o devem é fazer sob a bandeira da Federação, porque esta é um organismo defensor do Espiritismo e neutro quanto a teorias e religiões. A Federação tem de respeitar o princípio de tolerância, tão defendido pelo Espiritismo.

««« 2º. – A pág. 3, lê-se: O Laboratório de Estudos Metapsíquicos põe imediatamente a necessidade de confronto entre Metapsíquica e Espiritismo. Concordamos com este confronto e diferenciação, mas essa

diferenciação não pode é limitar, como pretendem, o âmbito do Espiritismo. O campo do Espiritismo estende-se através da filosofia, pelo raciocínio e livre crítica, através da ciência pela experimentação e através da religiosidade pela prece e meditação.

««« Um laboratório de Metapsicologia pode ter duas orientações: primeira, estudar os fenómenos, guardando uma posição neutra, quanto à sua interpretação, só se pronunciando quando puderem ser tiradas conclusões finais cientificamente demonstradas; segunda, estudar os fenómenos e combater tudo que aos seus dirigentes se afigure estar a ser dada interpretação diferente da que eles julgam verdadeira.

««« É esta última atitude que se nota em ‘Metapsíquica’. Julgamos que a Direcção da F.E.P., quando resolveu fundar o Laboratório, esperava a primeira atitude, isto é, que o laboratório se confinasse ao estudo.

««« O artº. 2º. Dos Estatutos da F.E.P. enumera os fins a atingir pela Federação, nomeadamente a alínea b), que diz: “estudar o Espiritismo sob os aspectos científico, experimental, filosófico, moral e social...” e ainda as “ciências psíquicas que se relacionam com o Espiritismo”, etc... Ora pelo suplemento ‘Metapsíquica’, se vê que o L.E.M. não estuda o aspecto experimental do Espiritismo nem a Metapsíquica estuda ciência psíquica relacionada com o Espiritismo, como na alínea b) do referido artº. 2º se preconiza; logo o L.E.M. está deslocado na Federação, como deslocado está o suplemento na Revista.

««« Um laboratório nos moldes do L.E.M. será útil e terá a sua razão de ser, mas não pode nem deve estar sob o patrocínio da entidade cuja diferença dele é tão profunda como a que separa o Padre Nosso das leis de Fuchner (pág. 4).

««« 3º. – A página 3, lê-se: O Espiritismo puro é uma doutrina ético-religiosa e quanto a mim (o autor) é só isso. Como e porquê, se desde o seu coordenador, Kardec, todos os autores e tratadistas vêm afirmando que é também experimental e científica?

««« Não terá o Espiritismo realizado tantas ou mais experiências de que a Metapsíquica? Não tem o Espiritismo tanto direito a julgar-se científico como a Metapsíquica, servindo-se ambos dos mesmos meios experimentais?

««« 4º. – A página 4, lê-se: Os domínios do Espiritismo são puramente doutrinários. Quem lhe pôs esses limites? Não se fundamentou sempre o Espiritismo em factos e experiências? É doutrinário sim, mas não somente. Ou os dirigentes do L.E.M. arrogam-se os únicos com direito a fazer experiências?

««« 5º. – A página 4 lê-se: A Metapsíquica não tem por fim, nem isso lhe interessa, fundamentar a doutrina espírita, nem fundamentar os argumentos dos seus detractores. Acreditamos e estaria bem; mas um

laboratório instalado e administrado totalmente pela F.E.P. deveria estudar e experimentar os fenómenos com vista a corroborar e fundamentar o Espiritismo, como já demonstramos no nº 2, e bem assim aqueles que se lhe opõem, a fim de corrigir e depurar a doutrina, muito embora, ao fim de longo e aturado estudo, tivesse de concluir por declarar que a causa dos fenómenos é outra que não aquela que o Espiritismo lhe atribui. Neste caso, para nós espiritas improvável, apresentaria provas e teríamos de nos curvar, o que faríamos, pois os espiritas veneram a verdade acima de tudo.

««« 6º. – Como se compreende que, tendo a direcção do L.E.M. encontrado tanta lhanza e compreensão na F.E.P. (pág. 4), isto é, tanta tolerância que graças a essa tolerância que caracteriza todos os espiritas, pôde introduzir-se no seio duma instituição que propaga as doutrinas espiritas, sem combater quaisquer outras, mas tolerando-as, por saber que o mundo é vasto e chega para todos, e, especialmente, porque tem a certeza da razão da teoria que propaga, venha na ‘Metapsíquica’ apregoar intransigências entre espiritas e católicos, intransigências entre espiritas e os credos religiosos (pág. 5)? O L.E.M. afinal é um organismo de estudo ou de combate, como se depreende dos últimos periodos da página 6 e de quase toda a página 7 de ‘Metapsíquica’?

««« 7º.- O Espiritismo de que entre nós se faz propaganda é um complexo híbrido, confuso, caótico (pág. 6). Quem faz entre nós essa propaganda é a F.E.P. e especialmente a Revista de Metapsicologia e Estudos Psíquicos; logo, como se vem, no órgão da F.E.P., combater a doutrina que a mesma defende?

««« Embora a afirmação citada seja pelo autor corrigida na página seguinte, dizendo que só se propõe combater as formas degradadas do Espiritismo, o certo é que o suplemento, em vez de órgão de estudo da Metapsicologia, é um órgão de combate, o que não interessa à F.E.P., pois esta tem a sua missão definida no artº. 2º dos Estatutos, nada lá constando que possa entregar-se à critica.

««« A acção depuradora do Espiritismo tem de ser pelo exemplo.

««« 8º. – Serei um combatente arduoso e apaixonado do mau espiritismo, deturpado pelo materialismo (pág. 7). Esta atitude não está certa num metapsiquista, que deve observar, experimentar e analisar friamente. E porquê tanto interesse pelo Espiritismo se os dirigentes do L.E.M. já reconheceram que os domínios do Espiritismo são puramente doutrinários (pág. 4) e que não lhes interessa fundamentar a doutrina (pág. 4, também).

««« 9º. – Na página 8, lê-se: O Espiritismo não é ciência e a Federação não tem por objectivo necessário a promoção de centros de investigação científica. Tanto tem esse objectivo que promoveu a criação do L.E.M., mas está constatando-se que foi infeliz na criação, pois o filho nega à mãe

toda a autoridade, chegando ao ponto de dizer que a Federação é indiferente ao progresso científico (págs. 8/9).

«««« Eu bem sei que nos periodos seguintes se procura provar que a Direcção da F.E.P. agiu de modo a mostrar interesse para esse progresso científico, mas acaba o autor por confessar que à metapsiquica é indiferente a confirmação ou infirmação de qualquer doutrina (pág. 10). É esta atitude que o L.E.M. deveria adoptar em tudo. E, se lhe é indiferente a confirmação ou infirmação, porque se interessa tanto em combater o que lhe parece contrário ao seu ponto de vista?

«««« 10º. – O suplemento faz justiça, na ante penúltima alínea da página 10, dizendo que o Espiritismo não tem investigações. Assim é; por isso, a F.E.P. criou o L.E.M. para investigar e não combater ideias. O L.E. é órgão científico. Se algo deve combater é somente a ciência que estorve a sua.

««««11º.- À página 9 defende-se a ideia de que a ciência não tem que se preocupar com o resultado a atingir. Assim é que está certo. Por isso o L.E.M. apenas deve investigar e nunca sair desse campo. No final da referida página 9, diz o autor: Grave erro é o de dar como provado um conceito não operacional e sobre ele estudar, teorizar, sistematizar. É aceitar como princípio o que só poderá vir a ser uma conclusão. Muito bem. Assim esperamos que proceda o L.E.M., sem se preocupar com assuntos estranhos à sua acção.

«««« 12º. – À página 11, lêem-se louvores à F.E.P., porque não temeu depositar as chaves do L.E.M. nas mãos de individuos que nem espiritas são. Isso é razão para a F.E.P. pedir a esses individuos que não devem sair do seu campo de acção. A Direcção da F.E.P. sabe que o Espiritismo nada tem a temer da ciência; porém é preciso que o L.E.M. não saia do campo científico. Mas isto não está sucedendo, como se verifica pela leitura de Metapsiquica.

«««« 13º. – Na página 12, admite o autor do artigo que mesmo pessoas fóra do Espiritismo podem apelidar o L.E.M. de servil em relação ao Espiritismo. Será por isso que o L.E.M. desatou a criticar o Espiritismo? Não, ninguém apelidará o L.E.M. de servil, se ele se confinar no seu papel de frio investigador, abstendo-se de critica pró ou contra, quer em relação ao Espiritismo, quer em relação a qualquer outra teoria ou doutrina.

«««« 14º. – À página 32, lê-se que O Espiritismo terá de provar que o metapsiquista não tem razão, etc... Parece que há aqui uma inversão de papeis. O Espiritismo expôs as suas teorias e princípios, há aproximadamente um século. A sua obra vai singrando através do tempo e dos continentes. Ainda não apareceu nenhuma teoria que provasse que o Espiritismo pisa campo falso. Apareceu e aparecem, sim, teorias que levantam dúvidas e tentam com teorias complicadas explicar o que o

Espiritismo explica com simplicidade. Apesar delas o Espiritismo continua a sua marcha triunfal. Por isso, se alguém tem de provar é ao metapsiquista que compete provar a falsidade da hipótese espirita. Dizem os metapsiquistas que o Espiritismo ainda não produziu provas científicas suficientes para validar a sua teoria. Mas muito menos as produziu a Metapsiquica para provar o seu polipsiquismo e confessa-se na mesma página... Dado que a metapsiquica chegue à conclusão de ser o egrégora dirigido pelo médium, logo, se ainda não chegou a essa conclusão e muito menos a essa prova, para que há-de o Espiritismo provar a falsidade de conclusões ainda não tiradas? Nós esperamos que a Metapsiquica prove que todos os fenómenos derivam do subconsciente e só então a hipótese espirita pode ser arredada. Até lá nada tem o Espiritismo que ver com um certo número de fenómenos que, em vez de serem espiritas, são animicos. O Espiritismo sempre afirmou isso.

««« 15º.- A página 34, foi escrito O Espiritismo cristaliza (e de facto cristalizou) num sistema dogmático, inacessível à razão, fechado, bafiento, parado e inútil como instrumento de progresso espiritual. Como se vê, o Espiritismo aqui anda mais baixo que a lama. Cristalizou. Se tivesse cristalizado, estaria morto. No entanto, vemo-lo cada vez dilatando-se mais através dos continentes. É exactamente porque ele tem vida e cativa os homens sedentos de novas formas de pensamento, sedentos de verdade, que ele representa hoje uma força. É por ser uma força que tem muitos inimigos. Seus inimigos são os mistificadores que à sombra do seu prestígio procuram dele tirar lucro; seus inimigos são todos aqueles que para se valorizarem dizem mal dele. Apesar de todas as campanhas, bem ou mal intencionadas, e de todas as mistificações que se escondem sob o seu nome, o Espiritismo continua o seu progresso.

««« Se o Espiritismo cristalizou que faz a Revista de Metapsicologia? Defendem o cadáver de uma ideia?

««« O Espiritismo inútil como instrumento de progresso espiritual, diz o metapsiquista. Não cremos, como não crêem todos aqueles que dele têm tomado conhecimento, pois a grande maioria tem no Espiritismo bebido forças para a luta pela vida, a grande maioria tem nele encontrado lenitivo para as suas dores.

««« 16º.- A página 46, lê-se: Alto espíritas, não esqueçais que a fenomenologia inabitual é objecto da Metapsiquica. Nós é que podemos dizer: alto metapsiquistas, os fenómenos inabituais que mostrem a existência de inteligência, já eram nossos antes que a Metapsicologia nascesse e continuam a ser nossos, muito embora não neguemos aos Metapsiquistas o direito de os estudarem. Portanto, não só os espiritas continuarão a basear nele as suas convicções, como também algumas religiões, como a católica, que baseia grande parte das suas crenças nas



aparições e noutros fenómenos espiritóides. Apressem-se os metapsiquistas a provar que todos os fenómenos são produto da mente humana e que nada vem dos desencarnados, porque só assim poderão combater o Espiritismo e os adeptos das religiões.

««« 17º.- Que há muita mentira vegetando à sombra do prestígio do Espiritismo, sabemos nós, espiritas. Procuremos dar o exemplo de bondade, o exemplo de amor, e o exemplo de tolerância, e todas essas formas degradadas do Espiritismo morrerão. O falso morre ou ofusca-se ante o brilho do verdadeiro. Façamos porque o Espiritismo brilhe por si próprio, que esta é a forma de o impormos à consideração de todos. Confiemos em Cristo e nas suas palavras, quando disse: “A fé remove montanhas”.»»»»

Ainda no mesmo número de Julho, vem publicada a carta que a Direcção do Laboratório de Estudos Petapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’ dirigiu à Direcção da F.E.P.. Vejamos:

««« Senhores Directores da Federação Espirita Portuguesa – Lisboa

««« Depois de recebida a visita do Exmo. Senhor Castanheira de Moura, vosso Vice-Presidente, que, em vosso nome, nos deu conhecimento de que Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional, mediante o parecer da Junta de Acção Educativa, decidiu não homologar os Estatutos da F.E.P., que lhe haviam sido submetidos e ainda que ao mesmo Exmo. Senhor Ministro não foi, ainda, submetido à apreciação e eventual homologação o Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’, resolve a Direcção deste Laboratório, dado que se reconhece, pelos seus fins, imediatamente subordinada ao Ministério da Educação Nacional, suspender o seu período experimental de laboração, inclusivé a sua colaboração na ‘Revista de Metapsicologia’, até que, como supomos que é de esperar, Sua Excelência o Ministro decida do melhor modo de fazer triunfar a feliz e necessária iniciativa que tem o patrocínio da Agremiação Espiritualista que V. muito dignamente dirigis com subido critério e rara isenção.

««« A Direcção do Laboratório, aproveita a oportunidade, a do final deste 1º período de actividade, para, muito gratamente, expressar a V. Senhores Directores da F.E.P.:

- O vivo sentimento de respeito de que indiscutivelmente é merecedora a Direcção da

F.E.P., pela autonomia completa que facultou à Direcção do L.E.M., no domínio da acção laboratorial e de divulgação cultural e Científica, pondo à disposição da Direcção do L.E.M. sempre que lhe foi rogado e

por iniciativa própria as suas salas, Biblioteca e, de uma maneira geral, os seus diversos Serviços;

- a sua grande admiração pela coerência absoluta na conduta da Direcção da F.E.P., nomeadamente no tocante ao respeito pelo espírito e letra das Leis do País;

- o seu grande apreço pela tenacidade em seguir o caminho traçado (tenacidade demonstrativa da consciência perfeita de que a sua acção se integrava na fórmula “bem servir socialmente”) de que a Direcção da F.E.P. deu sobejas provas, perante solicitações, invectivas e ameaças de que foi alvo por parte de adversários da Metapsíquica e de uma maneira geral, de todos os Espiritas que colocam acima da Verdade e da segurança das gentes, o espírito de seita e o apego ao que supõem ter de ser intangível.

««« A Direcção do Laboratório pede ainda a V. senhores directores, que sejam intérpretes junto da Redacção da Revista de Metapsicologia, do nosso respeito e apreço pela sua isenção e sentimento de respeito intelectual que mostrou ter, mormente quando o Laboratório se serviu da Imprensa diária para contestar com brevidade um ponto de vista, na mesma revista inserto. (\*)

««« A os serviços de Biblioteca, nomeadamente aos ‘Reservados’, rogamos a V. que oficiem no mesmo sentido de lhes expressar o nosso apreço e agradecimento pelo espírito de colaboração.

««« E ao terminar esta carta, de que V. se poderão servir na íntegra para os fins que entenderem, somos a cumprimentar V. fazendo votos por uma próxima e fecunda actividade do Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’ que, hoje como ontem, continua representando uma esperança de que os fenómenos metapsíquicos sejam estudados com justeza, dentro do campo estritamente científico.

««« Com a mais alta consideração, apreço e estima, somos de V. muito atenciosamente veneradores,

««« Pelo Laboratório de Estudos Metapsíquicos ‘Prof. Charles Richet’,  
O Director, Luis Avelar de Aguiar.

(N.B.: - Nesta data ausente do Continente, acha-se impedido de assinar o Co-Director, Dr. Ramiro da Fonseca. – L. Avelar). »»»

\*

\*

(\*) – Não conseguimos encontrar nem o ponto de vista nem a resposta do L.E.M.).

No número imediato, José dos Reis Pires dá a sua opinião ao discurso do Dr. Ramiro da Fonseca, que entende por bem responder-lhe, num extenso artigo que não vamos publicar. Mas, a ‘impressão’ – se assim se pode dizer – com que ficamos é que Ramiro da Fonseca não admite que ninguém o critique... e as palavras dele parecem afirmar que está ali, no LEM de ‘pedra e cal’, doa a quem doer... e doeu-nos a todos nós, espiritas!, pois todas estas atitudes, tomadas por uns e por outros, foram “achas” a alimentar uma “fogueira” que explodiu no final de 1953.

Nós, espiritas, com o conhecimento que temos do Invisível, sabemos da necessidade de preservar a nossa conduta, de vigiarmos actos e palavras para não atrairmos as forças do baixo Astral... e tudo aquilo que leve a contendas, numa Casa que, por si só, era já uma afronta para esse mesmo mundo, (e o desequilíbrio que se foi verificando quase que desde o momento da criação da F.E.P. é bem uma prova dessas investidas), todas essas contendas, esse dize-tu, direi-eu, foram ‘brechas’ a abrirem-se cada vez mais, fazendo ruir o que se mantinha de pé à força de gigantesco esforço!

Mas, continuemos...

Em Setembro, o Editorial da ‘Revista de Metapsicologia’ refere a circular que foi enviada a todos os sócios da F.E.P., e de onde extraímos alguns parágrafos:

«««« (...). Temos de partir do princípio que uma doutrina como a Espirita (...) não pode ser servida apenas por palavras, pois exige, naturalmente e acima de tudo, o respeito aos seus fundamentos e a disciplina de atitudes interiores e exteriores do indivíduo, por forma a que ele seja um elemento de harmonia no quadro dos esforços construtivos e não um elemento prejudicial e negativo.

«««« (...) Atravessamos um momento sério, muito grave, da história do homem, no qual, estamos convencidos, ao Espiritismo está reservada altíssima missão. Mas, exactamente porque o momento é grave e de inquietação, e a todos aconselha uma revisão de atitudes e de conceitos, é que, mais do que nunca, aqueles que, como nós, têm por qualquer motivo, funções directivas, se sentem na obrigação de reclamar de quantos devem ou queiram escutá-los, o respeito pela doutrina e a disciplina da coerência para a bem servir!

«««« É natural que a acção desta Direcção nem sempre tenha sido bem compreendida por alguns, muito embora sempre nos tenhamos esforçado por orientá-la no sentido de melhor servir os interesses do Espiritismo e da Federação. Mas se é natural a discordância, se é natural a diversidade de modos de encarar a solução dos problemas a resolver, já não são naturais,

mas simplesmente condenáveis, aquelas atitudes de que resulte desprestígio para a doutrina e ameaça à vida da própria Instituição.

«««« Nestas condições, a Direcção da F.E.P. (...) convida todos os confrades conscientes das suas responsabilidades a colaborarem com ela nessa salutar tarefa, pela união indispensável e pela coerência com os princípios fundamentais do Espiritismo.»»»»

Mais à frente, um ‘Comunicado’ dá notícia da aprovação do Regulamento do Laboratório, pelos Corpos Gerentes da F.E.P. e de que o mesmo foi submetido à aprovação do Senhor Ministro da Educação Nacional.

E, em Outubro, António Castanheira de Moura escreve mais um artigo, no qual encontramos, nas entrelinhas, o desanimo de quem se sente incompreendido e a lutar ‘contra moinhos de vento’.

Vejamos:

#### «««« DEFININDO UMA ATITUDE

«««« Não te espantes se os fariseus te arremessarem pedras, nem a inveja te atravancar o caminho de obstáculos – PADRE ANTÓNIO VIEIRA.

«««« Não é bastante fazer aprovar uma lei, cujo articulado disponha de princípios e programa teoricamente impecáveis através dos quais se pretenda atingir horizontes onde as ideias, num objectivo de perfeição, procurem integrar o homem na grande corrente neo-espiritualista do pensamento contemporâneo.

«««« Para que tal programa se movimente, necessário é que o seu articulado seja arrancado do campo teórico, onde as ideias se encontram classificadas e arrumadas, com aquele cuidado que o legislador põe ao ordenar os capítulos, artigos, alíneas e parágrafos, em que se dividem e subdividem os fundamentos que deram razão e causa de existência da Lei.

«««« Neste caso, encontra-se a Federação Espirita Portuguesa, a cujas Direcções cumpria dar realização ao que determina o seu Estatuto; porém, houve o impedimento de causas nem sempre fundamentadas na Lei, mas sim na errada e malévola orientação dos homens, e segundo mesquinhas e maquiavélicas ambições. Este estado de coisas, tem dado origem ao entorpecimento das ideias planificadas no seu Estatuto, se considerarmos o facto de nem sempre se ter cumprido ou dado continuidade, como era devido, ao imperativo do seu articulado. Assim e perante os vícios internos que iam gradualmente inutilizando a acção da Federação Espirita Portuguesa, a sua actual Direcção, respeitando a Lei e o que fora planificado no programa proposto em Novembro de 1950, e de acordo com o ‘Plano de Trabalhos’ a efectuar pela Gerência de 1951/53, então

apresentado ao consenso dos nossos consócios e confrades, por uma comissão de que fomos seu relator, procuramos, na medida do possível, dar cumprimento ao que tal plano determinava.

««« Deste modo, e embora perante obstáculos antecipadamente previstos, rompemos o ambiente formado, no propósito, como então se dizia, de estabelecer uma nova vida de relações entre este organismo e todos aqueles que vivem os princípios que a F.E.P. representa, e que se encontram enunciados no seu Estatuto. Para tal imperativo necessário foi dar, primeiramente, movimento ao seu articulado; assim, não descurando a Lei e o determinado no referido ‘Plano de Trabalhos’, procurámos orientar as nossas actividades no sentido de legalizar a situação da F.E.P., através do seu departamento científico, ‘Laboratório de Estudos Metapsíquicos Prof. Charles Richet’, dando assim, cumprimento ao que preceitua o seu Estatuto e a Lei; deste modo, fizemos evoluir a causa neo-espiritualista no que o Espiritismo tem de mais elevado, não esquecendo a investigação científica no campo da Metapsíquica, como corolário lógico do determinismo imposto pelo Estatuto da F.E.P..

««« Esta realização como da construção do edifício da F.E.P., hoje impropriamente alugado a uma Empresa cinematográfica, constitui o cumprimento lógico de um dever administrativo, quando integrado na letra e espírito da Lei. Porém, para execução de tal empreendimento, foram encontrar similares obstáculos, de também similar origem e iguais propósitos; estes sempre fundamentados em erradas e prejudiciais interpretações, fomentadoras de indisciplina, geralmente sustentada e animada, por despeitados enfatuados e ignorantes.

\*

««« Não está em jogo a personalidade individual, mas sim a personalidade colectiva, única que nos movimenta e dá causa aos nossos conceitos, tão necessários para a compreensão das nossas atitudes, se considerarmos que muitos confrades ou simpatizantes há que, sem conhecimento da razão que deu ou dá origem a atitudes indignas de homens civilizados, fomentadores, como disse de indisciplina, aceitarem, sem espírito de observação ou de justiça, aquilo que determinado sector julga por bem, e por amor à causa, trazer a público, sem respeito pelos superiores interesses do Ideal Espirita – que dizem servir; e assim, por comodidade mental ou por deformação da vontade, formam partidos, com denominações pomposas como se de interesses materiais se tratasse. E a massa, sempre plástica, amolda-se passivamente, sem aquela elevação e carinho, que as coisas do espírito exigem do homem, e animando errados e malévolos pontos de vista, deixa-se conduzir sem observação atenta das

causas e bem assim do carácter e moral dos seus pseudo mentores, tornando-se, por vezes, causadora de graves e criminosas perturbações, criadoras de discórdia, onde só unidade e fraternidade devia existir.

\*

«««« Hoje, como ontem, repetirei o que disse em 1934, quando da conclusão da sede da F.E.P.:

«««« “Nos momentos difíceis em que o meu ser tem sofrido os embates das vagas alterosas do grande oceano, em que os idealistas habitualmente se debatem, eu procuro, no concheiro do meu lar, e em momentos em que, a sós, posso estabelecer a harmonia dos meus desejos com o além, o conforto que só o meu guia me sabe dar; - sinto-o – e, amparado pelo seu braço, eu tento caminhar através de todas as dificuldades que, possivelmente, pretendam atingir o meu caminho, quando no desejo de bem cumprir o que julgo de interesse e progresso do Espiritismo”.

«««« E assim, a nossa orientação se manterá, incólume e firme, no cumprimento do compromisso tomado perante a nossa consciência e o determinismo que o Ideal Espirita um dia nos inspirou. E afastando-nos de infectos lugares, realizaremos o que se encontra pré-estabelecido, sempre fiel à divisa por nós adoptada ‘Pensar, Agir, Realizar’; e caminhando, vamos chamando a atenção esclarecida dos espiritas, para a tarefa que lhes está distribuída, sem que para tal tenha de seguir os indivíduos, mas sim as ideias em espírito e verdade.

«««« Iguálmnete em 1934, dizíamos, - ainda a propósito da construção da F.E.P.:

«««« “Um ciclo terminou, outro se segue, para o qual carecemos de energias capazes de corporizar novos empreendimentos, de modo que a F.E.P. se eleve no conceito público, acima das superstições que maldosamente têm sido mantidas e propaladas, por aqueles que manifestam interesse em conservar a ignorância das realidades!”

\*

«««« - Quem de perto nos conhece, sabe que temos cumprido;

«««« - sabe que não abdicamos da posição que, por direito próprio, estamos ocupando;

«««« - sabe que dispomos de força moral;

«««« - sabe que dela saberemos usar em momento próprio, e sempre em defesa do Ideal Espirita;

«««« - sabe que saberemos cumprir com o incitamento que um dia nos foi dado receber com esta mensagem:



«««« “ Ponde vossa confiança em Deus e não deixeis que o desânimo vos tolha a acção de que precisais.

«««« “ Que a vossa resignação não seja uma passividade apertada de inacção – mas uma resignação activa – pois assim, inutilizais o resultado de que careceis.

«««« “ Reparai que é de vós que há-de partir o esforço, e quem se encolhe à espera do maná nesse encolhimento o afasta.

«««« “ Veio o maná por milagre, mas o homem confiante busca-o, não o espera.

«««« “ Não fiquéis na mágoa da vossa dor, antes buscai-lhe o remédio, pois quem busca encontra.

«««« “ Ponde vossos olhos na confiança – mas também na acção necessária”. – VOSSO GUIA ESPIRITUAL

\*

«««« Perante estes conceitos, eu só tenho um caminho: cumprir. Estou vendo o sorriso amargo de alguns que me lêem; porém e porque não é para eles que vão as minhas palavras direi àqueles outros, que alheios a conlúios, saibam querer e servir a causa e não o homem sempre cheio de defeitos, por mais sábio que seja:

«««« o Espiritismo não tem chefes supremos, porque não é uma seita religiosa; não tem interesses temporais, porque não procura o domínio do semelhante.

«««« O Espiritismo pretende que o homem se realize no campo moral e da ciência, através do qual encontrará a base e razão da sua existência.

«««« Voltarei! »»»»

\*

\*

\*

... e em Novembro – último mês da publicação da Revista de Metapsicologia – um outro comunicado informa que “tem a Direcção da F.E.P., com o conhecimento do Presidente da mesa da Assembleia Geral, diligências em curso, findas as quais, satisfatoriamente, como desejamos, será dado cumprimento imediato à doutrina expressa no artº 26º dos seus Estatutos. Entretanto, e porque isso o impõe a probidade dos homens que vêm dirigindo os destinos da F.E.P. com voto expresso da Assembleia Geral – todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos, podem, desde já, verificar as contas da gerência, para o que bastará dirigirem-se-nos manifestando tal desejo. – A DIRECÇÃO.”

Mas a Direcção da F.E.P. já não teve possibilidade de fazer cumprir este Aviso: ao ser-lhe recusada, por despacho de 18 de Novembro de 1953, a aprovação do Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, o Ministério do Interior mandou, de imediato, proceder ao encerramento da Sede da F.E.P., com base no indeferimento dos novos Estatutos, em 3 de Junho do mesmo ano, e por entender que a Instituição se encontrava a funcionar sem legalidade.

\*

\*

\*

E o encerramento da F.E.P. é-nos relatado bem mais tarde (em Maio de 1992) por João Correia dos Santos, que nos esclareceu ser genro de um sobrinho de António Castanheira de Moura; em carta daquele ano, dirigida à Direcção da Federação, a propósito de uma entrevista concedida ao Programa de Televisão do jornalista Joaquim Letria, pelo então presidente de Direcção da F.E.P., Manuel dos Santos Rosa, e referindo-se, ainda, a uns comentários menos correctos dados ao jornal 'Tal & Qual' de 20 de Março do mesmo ano, escreve:

««« Após ter ouvido atentamente a CONVERSA AFIADA do Joaquim Letria, (...) sou obrigado a fazer alguns reparos (...), mas antes quero-vos esclarecer que:

1 – Não sou ESPIRITA, mas respeito profundamente esta crença, esta doutrina, na medida em que é das mais fortes entre os povos do Mundo. Sou CATÓLICO não praticante, já o fui, mas por motivos meramente pessoais deixei a prática, continuando CATÓLICO.

2 – O meu respeito profundo por esta crença, por esta doutrina, é perfeitamente coerente, e não só; terei sempre por princípios de educação respeitar todas as religiões, todas as doutrinas e todas as crenças, para que os outros possam tal como eu respeitar a minha religião, o que não quer significar a obrigatoriedade da imposição;

3 – No entanto, tive o privilégio e a grande honra de conhecer, de privar e de variadíssimas vezes dialogar com uma pessoa que se não era o maior ESPIRITA português, poder-se-ia colocá-lo no grupo principal dos lutadores convictos pelo ESPIRITISMO em Portugal;

4 - Assim, pelos inúmeros diálogos que observei com ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA (...), da luta travada por aquele HOMEM contra o Estado Português, pela causa que sempre defendeu, que era o reconhecimento inequívoco do ESPIRITISMO em Portugal, ao ponto de lhe ter todo esse processo ocasionado vários problemas cardíacos, que mais tarde fez o seu desaparecimento do mundo material dos vivos, possuo bastantes dados que me permitem hoje fazer alguns reparos ao que foi dito no programa de T.V. (...):

4.1 – No programa de T.V. foi falado em ASSOCIAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, e no semanário TAL & QUAL foi referido afirmativamente que a F.E.P. “foi fundada em 1926 e proibida em 1962, altura em que foi confiscado o seu património, nomeadamente o edifício séde, localizado na Rua da Palma, em Lisboa, onde funcionava um Laboratório de Investigação Psíquica” (sic);

Ora, sobre estas afirmações cumpre-me fazer várias correcções, se V.Exa. permitir e não interpretar como ofensa aos ESPIRITAS PORTUGUESES, e porque não MUNDIAIS.

4.1.1- Efectivamente, na Rua da Palma situou-se a séde da F.E.P., onde posteriormente se localizou o Cinema Rex, depois o Teatro Laura Alves e mais recentemente um armazém (!).

4.1.2- A F.E.P. foi constituída de harmonia com a Lei de 14 de Fevereiro de 1907 que, refletindo o total liberalismo da época, se impôs.

4.1.3- Mais tarde, sim, aqui já em 1926, perante uma vigência legal foram os Estatutos da F.E.P. aprovados pelo alvará do Governo Civil de Lisboa, de 26 de Maio de 1926;

4.1.4- Após 20 anos, foi a F.E.P. reconhecida como uma agremiação espiritualista, por despacho ministerial de 18 de Fevereiro de 1946, publicado no então Diário do Governo nº 51 – 1ª série de 02 de Março de 1946;

4.1.5- Algum tempo passado, foram promulgados a Lei nº 2.033, em 27 de Junho de 1949 e o Decreto-Lei nº 37545 em 08 de Setembro do mesmo ano, os quais, diplomas, se ocuparam da regulamentação do exercício do ensino particular;

4.1.6- Em 1953, os dirigentes da F.E.P., encabeçados por ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA, reformaram os seus Estatutos e submeteram o novo projecto à aprovação Ministerial;

4.1.7- Em 19 de Junho de 1953, homologando o parecer do Conselho Permanente de Acção Educadora, de 03 de Junho desse mesmo ano, um despacho Ministerial indeferiu o requerimento da F.E.P., denegando a pedida aprovação – novos Estatutos -;

4.1.8- Mais tarde, veio a F.E.P. pedir a aprovação do regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, recém-criado, mas à semelhança

dos Estatutos, igualmente foi recusada, por um despacho de 18 de Novembro de 1953, sob um parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa;

4.1.9- Com essa base, o então Ministério do Interior mandou de imediato proceder ao encerramento da séde da F.E.P., por ser entendido que a mesma se encontrava a funcionar sem que se mostrassem aprovados os seus Estatutos;

4.2.0- Tendo sido efectuada a diligência policial imposta pelo Ministério do Interior, a F.E.P. interpôs recurso para o Supremo Tribunal Administrativo, do despacho de 18 de Novembro de 1953, referenciado em 4.1.8, tendo sido o recurso respectivo o nº 4276.

(...)

No momento do encerramento a séde da F.E.P. não se situava na Rua da Palma, (...) mas sim e sem qualquer sombra de dúvida na Rua de S. Bento, onde neste local, a polícia efectivamente confiscou todos os bens da Federação, incluindo não só os bens imóveis, como também uma valiosa biblioteca (...). A quando do encerramento da F.E.P. todas as instalações foram seladas pela POLICIA (P.I.D.E.), tendo ficado como fiel depositário ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA, à data o PRESIDENTE em exercício.

(...)

Ora, a F.E.P., em 25 de Maio de 1925, obteve a aprovação dos seus Estatutos pelo Sr. Governador Civil do Distrito de Lisboa, e por esses mesmos Estatutos fez reger toda a sua actividade até ao ano de 1953.

No entanto, um parecer estatui que o ESPIRITISMO é um sistema mistico-religioso, por isso as suas PRÁTICAS NÃO PODEM e NÃO DEVIAM SER PROIBIDAS, em razão do disposto no Artº. 46º da Constituição Política da República Portuguesa – da época – e, por outro lado, proibe a investigação e estudo dos fenómenos alegados pelo ESPIRITISMO.

(...).

Não me compete exagerar no escrito presente (...) mas poderão consultar e ler as revistas publicadas de METAPSIKOLOGIA, em especial a número 1 e 2 do ano de 1953, referentes a Janeiro e Fevereiro desse ano, e ler uma brochura, escrita pelo Advogado Dr. Eduardo Fernandes, intitulada “O FESTIM DE BASTAZAR”, cuja brochura insere as alegações ao recurso nº 5646 – 1ª secção do Supremo Tribunal Administrativo em que a recorrente era a F.E.P. e o recorrido o Ministério da Educação Nacional.

(...).

Não me passa pela cabeça querer ou desejar que o nome de ANTÓNIO CASTANHEIRA DE MOURA seja referenciado com o destaque devido,

a cada passo, pois outros houveram que também lutaram para que a F.E.P. não encerrasse nem lhe fossem confiscados os seus bens, mas poder-se-ia dar certa ênfase a esses HOMENS e os de hoje manterem a luta para que a F.E.P. readquirisse o que lhe pertencia, como a biblioteca, imóveis, acções e outros bens. Não quero dizer que os de hoje se encontrem desmotivados mas não se vê a existência da luta por tal e só se ouve falar na F.E.P. ou em ESPIRITISMO quando vem alguém de outro Pais dizer palavras e esclarecimentos que poderão ser credíveis, como são, mas não ajudam a esclarecer a opinião pública do que foi o passado da F.E.P., e não faz com que o Governo democrático existente hoje devolva o que pertencia e pertence à FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA.

Continuem a luta, interrompida que foi pela passagem dos anteriores e voltem de novo a readquirir o que lhes foi espoliado, ... >>>>

E é com “O FESTIM DE BALTAZAR” – alegações de Eduardo Fernandes, advogado, no recurso nº 5646 – 1ª Secção do Supremo Tribunal Administrativo, em que foi recorrente a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA e recorrido o MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL que terminamos estas transcrições referidas ao “Passado” da F.E.P. e do Movimento Espirita Português. Ele é um pouco extenso, mas é um documento valioso, publicado em 1960, e deve ficar aqui, neste histórico – queiramo-lo ou não – do M.E.P..

Louvres a quem entendeu publicá-lo e a quem o guardou, então, para os continuadores da F.E.P.– porque, na dedicação de uns e outros pela Causa Espirita, o amor pela Doutrina manteve-se aceso, mesmo quando quiseram apagá-lo, mesmo quando teve de viver – tal como o cristianismo primitivo – nas catacumbas de onde pôde sair um dia, para mais e mais se espalhar e tornar radioso.

## O FESTIM DE BALTAZAR

(Mane, Thecel, Pharés)

««« Os fenómenos inabituais, impropriamente chamados de espiritas, já datam de remotas eras e até a Bíblia os relata profusamente.

««« Um deles que mais se destaca nesse Livro Sagrado é o tão conhecido Festim de Baltazar, em que a este último Rei da Babilónia, ao celebrar um banquete em que se usavam os vasos preciosos trazidos por seu pai dos templos de Jerusalém, lhe apareceu uma mão que escrevia na parede três palavras misteriosas.

«««Lembraram-lhe então que havia um jovem judeu, Daniel, que possuía o poder de interpretar os fenómenos. E Daniel explicou o significado dessas palavras proféticas a Baltazar.»»»

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo  
Tribunal Administrativo :

««« A “FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, Associação de Interesse Particular e Científico com sede nesta cidade, na Rua de S. Bento, nº 640, representada pelos mandantes constantes da procuração forense que este acompanha, vem interpôr recurso para este Supremo Tribunal do despacho do Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional de 29 de Abril (doc. nº 1), comunicado à ora recorrente por ofício da Inspeção Superior de Ensino Particular recebido em 6 de Maio (doc. nº 2).

««« O referido despacho indeferiu o pedido de aprovação da reforma dos Estatutos da “Federação Espírita Portuguesa”, encontrando-se viciado por desvio de poder, nos termos a seguir expostos:

## I

### OS FACTOS

««« A Federação Espirita Portuguesa foi constituída com a lei de 14 de Fevereiro de 1907 que, reflectindo o liberalismo da época, não pressupunha nem exigia qualquer aprovação superior da constituição das associações.

««« Mais tarde, perante a exigência legal, foram os estatutos da Federação aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa de 26 de Maio de 1926.

««« Passados 20 anos, foi a Federação reconhecida como agremiação espiritualista, por despacho ministerial de 18 de Fevereiro de 1946, publicado no Diário de Governo nº 51, I Série, de 2 de Março do mesmo ano.

««« Mais algum tempo passado, foram promulgados a lei nº 2.033, de 27 em Junho de 1949, e o Decreto nº 37.545, em 8 de Setembro do mesmo ano, que se ocuparam da regulamentação do exercício do ensino particular.

««« No desconhecimento da promulgação desta legislação e, portanto, na ignorância da sua possível aplicação à Federação, os dirigentes desta reformaram os seus estatutos e submeteram o novo projecto à aprovação ministerial em 1953.

««« Homologando o parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa de 3 de Junho desse ano de 1953, um despacho ministerial de



19 do mesmo mês veio indeferir o requerimento da Federação, denegando a pedida aprovação.

««« Veio a Federação a pedir ulteriormente que fosse aprovado o regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, recém-criado. Mas tal aprovação foi também recusada por despacho de 18 de Novembro de 1953 sobre parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa, com base no que o Ministério do Interior mandou proceder ao imediato encerramento da sede da recorrente, por se entender que a mesma se encontrava funcionando sem que se mostrassem aprovados os seus estatutos.

««« Efectuada a respectiva diligência policial do encerramento, interpôs a Federação recurso para este Supremo Tribunal do acima mencionado despacho de 18 de Novembro de 1953, tendo tido o recurso o nº 4.276.

««« Nestes autos foi proferido acórdão em 3 de Dezembro de 1954 rejeitando o recurso, por se entender que o acto recorrido era um simples acto de execução do despacho definitivo, que havia sido o de 19 de Junho de 1953, estando, conseqüentemente, a legalidade do despacho impugnado implicada no pressuposto da legalidade do despacho anterior, que não se havia atacado contenciosamente.

««« Julgou ainda o mesmo acórdão que a Federação de harmonia com os fins estatutários, se encontrava abrangida pela legislação reguladora do ensino particular, e com este entendimento está a Federação perfeitamente conformada.

««« Precisamente por isso apresentou a ora recorrente à aprovação do Senhor Ministro da Educação Nacional o novo projecto de estatutos, sobre o qual, passados cerca de ano e meio, veio a recair o despacho do Senhor Subsecretário a que ao princípio se fez referência e que pela presente petição se vem impugnar.

## II

### O DESVIO DE PODER

««« Vê-se, com efeito, do contexto dos artºs. 3º e 4º do projecto de estatutos que a Federação é uma associação de interesse particular e científico, tendo como fim o estudo do espiritismo sob os aspectos científico, experimental, filosófico, moral e social.

««« Precisamente por à Federação repugnar tudo quanto não fosse ou seja o estudo experimental dos fenómenos supra-normais, sob controle médico, procedeu a mesma Federação à instalação do ‘Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor Charles Richet’, nela tendo investido apreciáveis capitais.

««« Por outro lado, o parecer do Conselho Permanente de Acção Educativa de 11 de Dezembro de 1950, incorporado no processo instrutor que serviu de base ao primeiro recurso administrativo, declarou que “devem proibir-se a investigação e o estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo e que constituem objecto da Metapsíquica, desde que essa investigação e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que pela sua categoria e preparação ofereçam a perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica, e só deve autorizar-se o funcionamento de associações destinadas àquela investigação e àquele estudo quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer esse requisito”.

««« Quer dizer:

««« A aprovação ministerial é um acto descricionário, havendo, no entanto, que apurar qual o fim para que o legislador deu competência ao Ministro para conceder ou denegar a aprovação dos estatutos das associações submetidas à fiscalização do ensino particular.

««« E esse fim, no que se refere à recorrente ou a qualquer congénere, encontra-se suficientemente dilucidado no passo do parecer acima transcrito : é o do Ministro dever recusar a aprovação e portanto o funcionamento das associações espiritistas que se não coadunem com os dois requisitos apontados, quais sejam o da idoneidade científica dos dirigentes e o da posse dos meios técnicos indispensáveis.

««« Quando se verificar que um e outro requisito existem na entidade espiritista, não pode o Ministro recusar a aprovação dos estatutos dela, sob pena de usar para fim diverso daquele que lhe foi cometido o poder descricionário abrangido na sua competência.

««« Foi isso, precisamente, o que sucedeu quanto à recorrente, pois por forma nenhuma se pode ter verificado a inexistência da falta de idoneidade científica dos seus representantes ou dos meios técnicos que especialmente nela concorrem a partir da instalação do Laboratório.

««« A má fé do Ministério de Educação Nacional, especialmente do Sr. Inspector Superior do Ensino Particular, para com a recorrente fica bem demonstrada pelo facto do despacho junto sob o nº 3 ter recaído sobre o requerimento cuja cópia se junta sob o nº 4 quarenta e nove dias depois da entrada do último, quando se tratava apenas duma diligência absolutamente necessária para conservação do recheio da sede da recorrente.

««« A má vontade ressalta ainda com maior clareza do cotejo com o doc. nº 5 pelo qual se verifica que o Comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa não teve qualquer dúvida em proceder ao levantamento dos selos e sua nova aposição em circunstâncias semelhantes.

««« É, pois, bem nítido o desvio de poder por parte da entidade recorrida visto que a denegação da aprovação dos estatutos contrariou o fim específico que foi assinalado ao poder descricionário concedido ao Sr. Ministro da Educação.

### III

#### CONCLUSÃO

««« Nos termos expostos, a recorrente pede a anulação do despacho recorrido, viciado por desvio de poder, e requer, em consequência, o seguinte :

1º.- a citação de Sua Excelência o Sr. Subsecretário da Educação Nacional, a fim de contestar, querendo, no prazo legal;

2º.- se requeira a remessa do processo instrutor, a fim de ser apensado por linha;

3º.- se requisitem os autos de recurso nº 4.276, acima referidos, para igualmente serem apensados.

JUNTA : 5 documentos, procuração forense, duplicado e cópia.

O ADVOGADO :

#### RESPOSTA DO SENHOR SUB-SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

««« 1.- Entende a recorrente que «a aprovação ministerial é um acto descricionário, havendo, no entanto, que apurar qual o fim para que o legislador deu competência ao Ministro para conceder ou denegar a aprovação dos estatutos das associações submetidas à fiscalização do ensino particular».

««« E entende ainda que esse fim, no que se refere à recorrente ou a qualquer congénere, encontra-se suficientemente dilucidado» no seguinte passo do parecer emitido pelo Conselho Permanente da Acção Educativa de 11 de Dezembro de 1950:

««« Devem proibir-se a investigação e estudo dos fenómenos alegados pelo espiritismo e que constituem objecto da metapsíquica, desde que essas investigações e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que pela sua categoria e preparação ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica, e só

deve autorizar-se o funcionamento de associações destinadas àquela investigação e àquele estudo quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer esse requisito».

««« Portanto, o fim que o legislador teve em vista ao exigir a aprovação ministerial para os estatutos das associações espíritas foi obstar ao funcionamento de associações que não disponham dos meios indispensáveis para a perfeita garantia da seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica na investigação e estudo dos dois fenómenos metapsíquicos.

««« Isto – insiste-se – é aceite e sustentado pela Recorrente.

««« 2. Ora bem. O despacho de 29 de Abril de 1959 que recusou a aprovação dos Estatutos apresentados pela Recorrente, homologa um parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa em que se lê:

««« ... a própria constituição da federação, que além de investigação científica, tem por objectivo propagar a doutrina espírita, não dá perfeita garantia de se manter na obediência às condições mais elementares da metodologia científica».

««« Por outro lado (...) não havendo actualmente nenhuma associação espírita de carácter científico com estatutos aprovados por este Ministério, não se justifica a existência de uma federação.

««« Nestes termos (.....) não deve ser concedida aos estatutos da Federação Espírita Portuguesa a aprovação a que se refere a alínea a) do nº. 5 do artº. 2º. do Decreto nº. 37.545 de 8 de Setembro de 1949.

««« Quer dizer: o despacho ministerial que recusou a aprovação dos estatutos traduz o exercício do poder descricionário em vista do fim para que a lei o conferiu: evitar a constituição de uma associação que não dá garantia de trabalhar num plano verdadeiramente científico.

««« Em verdade, poderá razoavelmente pretender-se que oferece tais garantias a associação cuja finalidade consiste, como expressamente se declara no artº. 2º. dos Estatutos, em “propagar a doutrina espírita, orientar e fiscalizar o culto espiritista e proporcionar todos os meios tendentes ao bom êxito do seu desiderato? Poderá razoavelmente pretender-se que o “laboratório de estudos metapsíquicos”, elemento de uma associação de finalidade puramente apologética do sistema místico-religioso chamado espiritismo e instrumento criado para servir essa finalidade, dá garantias de serenidade, rigor e objectividade, sem o que não é concebível a investigação científica? Poderá razoavelmente pretender-se que o templo seja ao mesmo tempo laboratório de investigação desapassionada?

««« 3. Alega, porém, a Recorrente, que a recusa da aprovação dos Estatutos contraria “o fim específico que foi assinalado ao poder

descricionário” e traduz apenas a “má vontade do Ministro da Educação Nacional, especialmente do Sr. Inspector Superior do Ensino Particular, para com a recorrente”.

««« E para prova do desvio do poder alega que um requerimento por ela, recorrente, apresentado no Ministério, só obteve despacho quarenta e nove dias depois de ali dar entrada.

««« Ora a verdade é que não há qualquer má vontade contra a recorrente – quer do Ministro da Educação, em geral, quer do Sr. Inspector do Ensino Particular, em especial.

««« A demora no despacho do requerimento, a que a recorrente alude, está explicada na informação daquele funcionário junto ao processo e da qual se transcreve o que especialmente interessa:

««« ... O requerimento a que se faz referência deu entrada na Inspeção em 26 de Dezembro de 1958 e foi por mim informado em 31 do mesmo mês – 5 dias depois de ter dado entrada, como consta do processo. V. Exa., ao ser-lhe presente aquele requerimento, teve dúvidas sobre se as chaves da Federação, que se encontra encerrada, deviam ou não manter-se na posse deste Ministério.

««« Houve necessidade de fazer consultas para esclarecimentos desta matéria, pelo que só em 10 de Fevereiro do ano corrente foi possível a V. Exa. proferir o despacho a ordenar que fossem enviadas ao Ministério do Interior as chaves da Federação.

A Bem da Nação

««« Ministério da Educação Nacional em 19 de Janeiro de 1960.

««« O Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional »»»

Alegações da Recorrente  
FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Senhores Juizes Conselheiros

««« O presente recurso vem interposto do despacho do Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional de 28 de Abril de 1959 (doc. nº 1) comunicado à recorrente por ofício da Inspeção Superior do Ensino Particular recebido em 8 de Maio do mesmo ano (doc. nº 2).

««« O referido despacho que indeferiu o pedido de aprovação da reforma dos Estatutos da recorrente, encontra-se viciado por Desvio de Poder, razão essa do presente recurso.

««« Antes, porém, de abordar matéria de Direito e procurar demonstrar que aquele despacho, embora usado como poder descricionário, se desviou, nitidamente, dos fins legais, não quer a recorrente deixar de produzir algumas considerações que se lhe afiguram necessárias para definir a sua posição na vida pública portuguesa, vincadamente marcada em muitos anos de uma existência honrada e sem mácula.

««« Durante esses longos anos de vida associativa pública, nunca a recorrente teve qualquer acto menos digno que merecesse a desaprovação ou a crítica dos Poderes do Estado, acatando com respeito todas as suas leis e regulamentos, sem se desviar da linha recta de conduta que traçou para sua orientação.

\*

\* \*

#### ««« 1. O Espiritismo como doutrina místico-religiosa.

««« O espiritismo constitui, desde as épocas mais remotas, uma das crenças mais fortes entre todos os povos do Mundo.

««« Ninguém pode negar a essência puramente espiritualista da doutrina, porque ninguém pode, em matéria de crença, sujeitar ou agrilhoar o pensamento humano.

««« Neste Mundo de egoismos e de maldades quem ousará pretender tirar ao Homem o único bem que ainda lhe resta que é a sua própria consciência e o seu foro íntimo?

««« A Crença é inabalável, porque a Crença eleva as almas até Deus.

««« Como tal, o Espiritismo tem sido reconhecido.

««« O Parlamento inglês informou há anos o Marechal do Ar, Lord Dowding, que o “Espiritismo é reconhecido como Religião e que aos militares espíritas das três armas – Exército, Marinha e Aviação – assiste o direito de anotação da sua crença espírita nos seus documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento”.

««« Este facto, por si só elucidativo, vem demonstrar exuberantemente que o Espiritismo, como crença místico-religiosa, pode coexistir com outras crenças e com elas ser inviolável e respeitada.

««« Todas as religiões por mais divergentes que sejam, por mais afastados que se limitem os seus pontos de vista e as suas práticas, vonvergem, necessariamente, para um único fim: a prática do bem e o repúdio do mal; a perfeição das qualidades humanas para a obtenção desse Bem e o afastamento dos instintos e paixões que conduzem àquele Mal.

««« Por isso o crente, aquele que abraça a sua religião com verdadeira fé, deve ser respeitado.



«««« Por isso aquele que se dedica de corpo e alma à sua religião, seja protestante, católica, budista ou espírita, deve merecer de todos nós respeito e consideração.

«««« A devoção genuína, sincera e piedosa, sem distenção de religiões nem dos seus representantes, é que conduz a uma vida elevada porque é fruto do Bem e do Amor pelo próximo.

«««« Sabemos que em todas as religiões existem pseudo-crentes de baixo estofamento moral que se servem da sua crença para especular. A esses só poderemos responder com uma única arma: o desprezo.

«««« A esses só poderemos apodiar de ignóbeis e vis criaturas, que procuram abusar da sinceridade daqueles que se dedicaram, em consciência, à verdadeira doutrina e à verdadeira fé.

«««« Em todos os sectores espirituais da vida humana há destas pústulas que devem ser estirpadas para a purificação das consciências impolutas.

«««« A doutrina místico-religiosa chamada Espiritismo é hoje uma crença que conta com milhões e milhões de adeptos e reconhecida e respeitada e oficializada por todos os Estados civilizados.

«««« Proibir as suas práticas é atentar contra a dignidade humana.

«««« Proibir a sua livre expansão é negar a liberdade de culto e a própria liberdade de consciência.

«««« Porque o Espiritismo não combate doutrinas nem crenças.

«««« Porque o Espiritismo não abraça proselitismos.

«««« Apenas pretende que não lhe tolham a liberdade dos seus movimentos e que deixem a liberdade aos seus crentes para recolhidamente orarem, se purificarem e aproximarem de Deus, pela prática da virtude, do Bem e do Amor, essência espiritual e intrínseca e divina de todas as Religiões.

«««« É certo que o Espiritismo tem sido atacado, vilipendiado e perseguido por quem não compreende ou não quer compreender ou faz por não compreender a essência pura e espiritual da doutrina.

«««« É certo que certos especuladores sem escrúpulos, sem moral e sem princípios se acobertam com o Espiritismo para explorar a fácil credulidade de pessoas incultas ou fanáticas, servindo-se de artifícios fraudulentos e inqualificáveis, passíveis das Leis penais.

«««« Estas contrafacções não sucedem apenas com o Espiritismo.

«««« Outras religiões há, em que os falsos crentes exploram o medo e a ignorância alheia fazendo-o acreditar em supostas aparições, em curas fantásticas, em práticas de superstição.

«««« Ora, o verdadeiro espírita, aquele que crê na sua doutrina, que abraça convictamente a sua religião é, como qualquer outro crente de qualquer outro credo religioso, digno de respeito.

««« Porque, a única responsabilidade que se pode imputar ao Espiritismo é a da propagação da sua doutrina e nunca das práticas que nada têm de espírita e que existiam muito antes da formação do seu corpo doutrinal.

## ««« 2. Espiritismo e Metapsíquica

««« Há pessoas ignorantes que confundem Espiritismo com Metapsíquica. Lamentável confusão que só serve para criar, em espíritos mal avisados, uma maneira mais hábil de combater uma religião e uma ciência.

««« De facto, Metapsíquica e Espiritismo não são uma e a mesma coisa.

««« O Espiritismo puro é, como atrás se disse, uma doutrina místico-religiosa e, como tal, pertence ao foro íntimo de cada um dos crentes que a abraçam.

««« Pelo contrário, a Metapsíquica é uma ciência experimental e assim, pela sua própria essência, um ramo da psicologia, afastada de qualquer ideia ética-religiosa e abertamente enquadrada num campo onde o Espiritismo não é chamado a intervir.

««« Ora a Metapsíquica, precisamente porque é uma ciência, tem de se afastar e afasta-se, necessariamente, de qualquer ideia espiritualista para, frontalmente, estudar, constatar e explicar fenômenos.

««« “O que há, com efeito, de admirável na ciência – escreve Charles Richet – é que, à medida que ela solta um dos elos da enorme cadeia misteriosa, aparecem outros, cuja extravagância e beleza não puderam ser pressentidos pela nossa inteligência. Cada progresso científico é uma brecha no insondável”.

««« Há fenômenos que hoje são certezas e que ontem eram irrealidades inexplicáveis. A própria história da ciência nos ensina que as mais simples descobertas foram repelidas “a priori”, sob o pretexto de que estavam em contradição com a própria ciência.

««« A anestesia cirúrgica foi negada por Magendie.

««« Pasteur foi vilipendiado pelas academias médicas. Galileu foi preso por declarar que a Terra girava. Bouillard declarou que o telefone era ventriloquia. Lavoisier negou a existência de meteorolitos. A circulação do sangue só foi admitida depois de quarenta anos de estéreis discussões.

««« Charles Richet refere que, ao iniciar, em 1892, sob a direcção do ilustre mestre Marey, experiências sobre a aviação, só encontrou pela frente incredulidade, desprezo e sarcasmo.

««« Poder-se-ia escrever um volume completo sobre as mais variadas, contraditórias e disparatadas opiniões, algumas delas vindas de grandes homens, produzidas quando do evento de novas descobertas.

««« Tudo o que se ignora parece inverosímil e o espírito humano, por comodidade e por mandria intelectual, aceita a designação, sem procurar saber o porquê de certos fenómenos que o rodeiam.

««« “Ora, os fenómenos objecto da Metapsíquica – como ensina ainda Richet – não são nem mais nem menos misteriosos que os da electricidade, da fecundação e do calor”.

««« São, apenas, inabituais e seria um absurdo sem precedentes e anti-científico, não querer estudá-los e explicá-los.

««« Por consequência, a Metapsíquica tem por finalidade o estudo e a explicação de certos fenómenos hoje ainda inexplicáveis mas que amanhã poderão ser uma realidade científica.

««« Grandes homens de ciência, grandes sábios e grandes vultos mundiais se têm dedicado ao estudo dos fenómenos inabituais sem que alguém possa negar-lhes a sua autoridade ou apodá-los de insensatos ou de orates.

««« Assim, Edmonds, Juiz Presidente do Supremo Tribunal de New York, afirmou: “Julguei enganar-me, porém, as minhas investigações sobre Espiritismo fizeram-me persuadir da realidade do fenómeno”.

««« Stenton Moses, Professor da Universidade de Oxford, disse: “Os factos que exponho são o resultado das minhas experiências durante cinco anos. Isso prova-me à evidência a existência duma força e de uma inteligência estranha ao corpo humano”.

««« O Dr. Charles Richet, Professor de Fisiologia de Paris, afirma: “ É a primeira fase de quem estuda cientificamente a vida futura. Negar os factos que narramos é querer condenar a ciência à inércia e ocultar o progresso”.

««« Zoller, professor de astronomia na Universidade de Leipzig, disse: “Os factos espiritas estão experimentalmente provados. Adquiri a prova segura de um mundo transcendental invisível que pode entrar em relações com a humanidade”.

««« E muitas, muitas outras individualidades das mais variadas profissões, doutrinas e crenças religiosas poderíamos citar para comprovar a necessidade instantânea do desenvolvimento da Metapsíquica como ciência experimental dos fenómenos espiritas ou, para melhor terminologia, dos fenómenos ‘inabituais’.

««« É certo que, muitas vezes, se chamam espiritas aos fenómenos inabituais, objecto da Metapsíquica, mas isso não quer dizer que os cientistas que se dedicam ao estudo dessa fenomenologia sejam, necessariamente, espiritas ou acreditem, necessariamente, na doutrina místico-religiosa chamada Espiritismo.

««« Neste ramo da actividade científica há cientistas de todas as crenças, de todos os ideais, das mais variadas facções.

««« É que a crença nada tem que ver com a ciência.

«««A crença, manifestação da vontade e da ânsia espiritual do Homem, é diferente da ciência, estudo experimental, constatação material da fenomenologia habitual ou inabitual.

«««Não quer isto dizer que não existam certos fenómenos no Espiritismo que a Metapsíquica se recuse a estudar, a observar, a constatar, a procurar explicar.

«««Mas daí se não infere, de modo algum, que a Metapsíquica invada o campo do Espiritismo para o criticar ou o negar como crença místico-religiosa.

«««São independentes, embora, muitas vezes, a Metapsíquica procure, como ciência que é, ávida de conhecimentos e de certezas como todas as ciências, estudar fenómenos hoje inexplicáveis para o Homem, mas amanhã absolutamente normais e lógicos, por terem adquirido a «verdade científica», inconfundível e incontestada.

«««Para demonstrar a isenção daqueles que se dedicam ao estudo da Metapsíquica e dos fenómenos inabituais, basta dizer que eles não têm que estar amarrados, como não estão, a qualquer crença ou doutrina religiosa, enquanto investigadores.

«««Ainda há bem pouco o nº 3756 do jornal «TWO WOLDS» publicou uma informação anunciando a criação duma organização católica mundial com o fim de estudar o psiquismo e o mediunismo.

«««Esta organização, com o título de ‘Sociedade Católica Internacional de Parapsicologia’, está subordinada às bases do Congresso Eucarístico de Munich de 1960, tendo por fim interessar os padres católicos nos fenómenos espíritas.

«««Hoje todos os grandes centros universitários do Mundo civilizado possuem laboratórios metapsíquicos e uma cadeira de Metapsíquica. Já de há muito o Universo se desprende do obscurantismo medieval para rumar, confiante, na descoberta do desconhecido, suprema e premente aspiração do Homem que vê na ciência a resolução dos seus problemas materiais, económicos e fisiológicos.

«««Senhores Juizes Conselheiros

«««A recorrente contritamente se penitencia do tempo que roubou a Vossas Excelências com o pequeno introito a estas alegações, mas entende e continua a entender que elas se tornavam absolutamente necessárias para, com mais propriedade, expor os seus pontos de vista tanto no que diz respeito aos factos como ao Direito que pretende lhe seja reconhecido e a que, sem sombra de dúvida, tem jus.

### ««« 3. Os factos

««« Resumem-se os factos que motivaram o douto despacho recorrido, ao seguinte:

««« Em 25 de Maio de 1925 obteve a recorrente a aprovação dos seus Estatutos pelo Senhor Governador Civil do Distrito de Lisboa e por esses mesmos estatutos se fez reger até ao ano de 1953.

««« Aconteceu porém que nesse ano de 1953 – tal como agora – todos os centros espiritas com práticas culturais se encontravam na ilegalidade, embora com estatutos aprovados pelos Governos Cívicos e satisfazendo todas as suas obrigações fiscais e administrativas. Um parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa homologado pelo Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional de 3 de Julho de 1950 definiu as condições necessárias ao exercício da produção de fenómenos metapsíquicos em sessões espiritas, declarando, em resumo, que:

«««a)- se deviam proibir a investigação e o estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo e que constituem objecto da Metapsíquica, desde que essas investigações e esse estudo não estivessem a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, oferecessem perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

«««b)- só deviam autorizar-se a constituição e o funcionamento de associações destinadas àquelas investigações e àquele estudo quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior.

Também e segundo a letra do Decreto nº 37.545, de 8 de Setembro de 1949, qualquer organização espirita só poderia realizar legal exercício, depois dos seus estatutos serem homologados pelo Ministro da Educação Nacional.

«««Quer dizer:

««« Este Decreto, condenava desde logo ao fracasso, antes mesmo da sua organização, qualquer tentativa de constituição associativa espirita, isto porque exigia que o seu funcionamento estivesse condicionado à aprovação dos seus Estatutos pelo Senhor Ministro da Educação Nacional e, desde que a associação não possuísse as condições indispensáveis dos requisitos exigidos no Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa, não podia ter vida real e efectiva como pessoa jurídica tutelada pelo Direito e pela Lei.

««« Era preso por ter cão e preso por não o ter...

««« Por um lado, fazia-se depender a aprovação dos Estatutos da homologação do Senhor Ministro.

««««Por outro lado, não se aprovavam os Estatutos porque não se preenchiam os requisitos do Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa.

«««« Colocada entre a espada e a parede, a braços com este terrível e intrincado paradoxo, resolveu a Federação Espirita Portuguesa modificar os seus Estatutos montando um laboratório de estudos metapsíquicos.

«««« Isto é, como não podia ter vida associativa sem a existência de um laboratório, resolveu montá-lo obedecendo a todos os requisitos que lhe eram exigidos.

«««« Mesmo assim viu gorados os seus intentos: isto porque,

«««« Não obstante ter obedecido a todos os requisitos legais que lhe eram exigidos, a letra do Decreto 37.545 de 8 de Setembro de 1949 e o Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa homologado pelo Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, foram considerados como inexistentes e a recorrente viu, mais uma vez, denegados os seus direitos.

«««« É que se fez mais, Ilustres Juizes Conselheiros.

«««« Quando, em 1953, a recorrente solicitou do Senhor Ministro da Educação Nacional a aprovação dos estatutos e do Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, Professor ‘Charles Richet’, o Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, sem curar de saber se o Laboratório Professor ‘Charles Richet’, montado pela recorrente, dispunha ou não de meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos exigidos e se estava ou não a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, oferecessem perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica, resolveu simplesmente, comodamente, descricionariamente, ilegalmente **ORDENAR A SUSPENSÃO DA RECORRENTE POR DESPACHO DE 18 DE NOVEMBRO DESSE ANO** e, em 7 de Dezembro do mesmo ano, **MANDAR ENCERRAR A SEDE DA RECORRENTE PELA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA!!!**

#### «««« 4. Fundamentos jurídicos do recurso

##### «««« Intróito

««««a)- O Desvio do Poder

««««b)- O douto despacho recorrido e as razões da apelante.

##### Intróito



««« A recorrente, durante a sua já longa existência associativa, primou sempre pelo respeito à Lei e a todos os actos emanados da Administração Pública.

««« Através de toda a sua actividade se vê, nitida e claramente, o propósito em que sempre esteve a recorrente de viver dentro da legalidade, sendo a primeira a não querer ter uma existência à margem dela.

««« A elaboração e reforma dos seus estatutos e as inúmeras petições dirigidas às estâncias oficiais são por si demais elucidativas para definirem, concretamente, a posição da recorrente, que lidou sempre com lealdade e boa fé em todos os seus actos.

««« Nem outra coisa seria de esperar de quem, em sua sã doutrina, procura espalhar o Bem e acreditar na lhanza e bondade do ser humano.

««« O Espiritismo é uma doutrina místico-religiosa e, como tal, está abrangida na disposição do artigo 46º da Constituição Política da República Portuguesa que dispõe expressamente:

««« “O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas cujos cultos são praticados dentro do território português, regulando a lei as suas manifestações exteriores e podendo reconhecer personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina” (redacção segundo a Lei nº 2048).

««« Por consequência, segundo esta disposição legal temos que:

1º - É livre o culto e organização das confissões religiosas além da católica;

2º - Reconhece-se personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina (da religião).

««« Isto quer dizer que, além da liberdade de culto, se permitem associações constituídas em conformidade com esse culto e se lhes dá personalidade jurídica.

««« Também o nº 3 do artº 8º reconhece a liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas e, no seu nº 14º, a liberdade de reunião e associação.

««« Isto quer dizer que o culto do Espiritismo, como doutrina místico-religiosa, é livre e a sua crença inviolável.

««« Isto quer dizer que, segundo a Constituição – o Espiritismo pode constituir associações em conformidade com o seu culto, podendo, livremente, reunir-se.

««« O próprio Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa reconhece o Espiritismo como um sistema místico-religioso não podendo as suas práticas serem proibidas em razão do disposto no artº. 46º da Constituição Política da República Portuguesa.

««« Parece-nos – salvo o devido respeito – que neste passo do Parecer há uma flagrante contradição com as suas conclusões.

««« De facto, se, por um lado, o Parecer estatui que o espiritismo é um sistema ses senhores: sinal evidente de que são místico-religioso, por isso, **AS SUAS PRÁTICAS NÃO PODEM SER PROIBIDAS** em razão do disposto no artº. 46º da Constituição Política da República Portuguesa, por outro lado, proíbe a investigação e estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo.

««« Ora, entendemos que proibir o estudo dos fenómenos alegados por uma religião é proibir a própria religião.

««« É procurar denegar a liberdade de culto.

««« É procurar reprimir a liberdade da crença.

««« Bem sabemos que esta proibição preconizada pelo Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa pode deixar de existir desde que a)- a investigação e estudo estejam a cargo de pessoas que ofereçam garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

b)- Quando se verifique que se dispõe de meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos anteriores.

««« Ora, antes de mais nada, devemos esclarecer que não são os fenómenos alegados pelo Espiritismo que constituem, só por si, objecto da Metapsíquica.

««« Já no ‘Depoimento’ do Dr. Ramiro da Fonseca, ilustre médico e um dos Directores do ‘Laboratório Metapsíquico Charles Richet’, fls. 3 da ‘Revista de Metapsicologia’ Ano V, nº 2, de Fevereiro de 1953, que aqui se junta para todos os devidos e legais efeitos, se diz:

««« ‘O Espiritismo é uma doutrina ético-religiosa... e quanto a mim é só isso.’

««« ‘A Metapsíquica é, ou pretende justificadamente ser, uma ciência experimental, um ramo altamente especializado da Psicologia... e, quanto a mim, metodologicamente os seus limites naturais, próprios da ciência pela sua própria natureza, não conduzem a nenhuma doutrina ética’.

««« ‘O Espiritismo, doutrina ético-religiosa, milita num domínio que a Metapsíquica não explora, isto é, o domínio espiritual’.

««« Se quem elaborou o Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa procurasse, primeiro e antes da sua elaboração, estudar com cuidado a diferenciação entre uma doutrina ético-religiosa e uma ciência experimental, estamos certos que não confundiria, lamentavelmente, crença com experiência, espírito com matéria, ciência com religião.

««« Na religião há uma verdade que tem de ser salva, custe o que custar: o Espírito. Na ciência há uma verdade que também tem de ser salva, custe o que custar: a constatação e verificação do fenómeno e a sua explicação.

««« Ainda o Doutor Luis Avelar de Aguiar, ilustre licenciado em ciências Histórico-filosóficas pela Universidade de Lisboa e um dos Directores do ‘Laboratório Metapsíquico Charles Richet’, no seu preciosíssimo depoimento a fls. 8 da ‘Revista de Metapsicologia’, ano V, nº 2, de Fevereiro de 1953, ao fazer suas as palavras do Dr. Ramiro da Fonseca, declara:

««« A fundação de um centro de investigação metapsíquica no nosso país, significaria sempre, independentemente da idade, particular ou não, que o resolvesse organizar, que o ‘ambiente’ português – para além daquele que é formado pelas gentes para quem ciência é simples expressão fonética – teria, enfim, chegado a um estado de parabéns: aquele que permitiu que os Crooks, os Richet, os Sudre, os Bergson, os Kant e tantos outros, enquanto cientistas e filósofos se curvassem para uma espécie de fenomenologia que, embora se distinga quanto às condições de observação, de experienciação e de experimentação, nem por isso é «menos válida e necessária» à construção do edifício ciência.

««« E mais adiante, a fls. 10. –

««« ‘A Metapsíquica não existe para o mesquinho e preconceituado fim de confirmar ou informar seja que doutrina for. Não; ela caminha por si e para si própria e somente os resultados das suas conclusões se vão projectar e ter os seus efeitos noutros domínios do conhecimento e das crenças, questão esta perante a qual a Metapsíquica terá que ser indiferente, terá que ignorar.

««« De facto, o cientista, enquanto cientista, não pode vislumbrar como meio lógico de atingir a difusão da doutrina espírita o pôr em marcha uma investigação científica. E, a concluir:

««« Em uma coisa me permito insistir: todos são bem-vindos ao Laboratório que se acaba de fundar; mas que ninguém se aproxime com o intuito de nos fazer sair das directrizes que a imparcialidade científica desenha para corroborar qualquer crença ou para concluir contrariamente a opiniões que, unicamente baseadas na fé, poderão ser respeitáveis, sim, mas tão só respeitáveis.

««« ‘... não faltará quem apelide o nosso Centro de servil em relação ao Espiritismo, esquecendo-se que o Conselho Federal, que superiormente dirige os destinos da casa que neste momento recebe, nomeou, para dirigir o Laboratório de Estudos Metapsíquicos, duas pessoas não espíritas e de nenhuma maneira com o Espiritismo comprometidas e que, se o fossem, saberiam esquece-lo sempre que observassem, experimentassem ou concluíssem’.

««« b) O Desvio do Poder

«««O desvio de poder é o vício que afecta o acto administrativo praticado no exercício de poderes descricionários, quando estes hajam sido usados com fim diverso daquele para que a lei os conferiu.

««« Por consequência, existe “desvio de poder” sempre que um órgão da Administração, no exercício das suas funções como organismo autónomo e independente, mas sujeito, também, à superior tutela da Lei, transcende os limites que essa Lei lhe impõe e a desvirtua, empregando-o com um fim diverso daquele para que a Lei o conferiu.

«««Abusa do seu poder descricionário, salta os limites que lhe foram impostos e, movimentando-se embora dentro desse poder, emprega-o com um fim diverso daquele que estava no espirito da Lei e do legislador ao concebe-la e dar-lhe forma.

«««Como ensina o Professor Marcelo Caetano, no Manual de Direito Administrativo – no Desvio de Poder há sempre um acto administrativo contrário à Lei, e “um acto administrativo contrário à Lei é uma manifestação de vontade tendente a criar normas diversas contidas na Lei, o que equivale à usurpação do poder soberano”.

«««O desvio do poder representa, efectivamente, uma violação objectiva da vontade do legislador, da sua intenção profunda, frustrando-se o interesse por ele tido em vista ao atribuir aos agentes uma faculdade descricionária – o interesse da individualização do Direito (O Poder Descricionário de Administração .- Doutor Prof. Rodrigues Quiró).

«««A doutrina do Desvio de Poder pode considerar-se homóloga da doutrina do abuso dos direitos, desenvolvida no campo do Direito privado.

«««Foi o Doutor Professor Magalhães Colaço quem, pela primeira vez, num artigo publicado no Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, ano II, a pag. 438, posteriormente rectificado pelo mesmo professor na revista de Direito, ano 55º, a pag. 53, a adoptou.

«««Mais tarde, os tribunais administrativos portugueses passaram a invocar este vício como fundamento para anulação dos actos de administração.

«««Se bem que, doutrinariamente, o Desvio de Poder fosse admitido como fundamento de anulação, o que é certo é que a Lei ainda não o consagrava definitivamente, embora nos Tribunais ele fosse invocado.

«««Só a partir do Decreto nº 18.017, de 28 de Fevereiro de 1930 e o primeiro regulamento aprovado pelo Decreto 19.243, de 16 de Janeiro de 1931, se inclui o Desvio de Poder no número dos vícios a invocar nos tribunais, incluindo-o, no entanto, no excesso do poder (§2º do artº. 1º. Do Regulamento atrás citado). Realmente, a letra do Decreto 18.017, de 28 de Fevereiro de 1930, considera o desvio de poder como o “exercício de faculdades descricionárias fora do seu objectivo e fim”.

«««A doutrina está definitivamente consagrada nos textos legais e nos Acordãos do Supremo Tribunal Administrativo.

«««Assim, o Código Administrativo consagra-o no seu artigo 363 n° 1 quando estabelece que

««« “São nulas e de nenhum efeito, independentemente de declaração pelos Tribunais, unicamente as seguintes deliberações dos corpos administrativos:

«««1º- Que forem estranhas às suas atribuições.

«««E o artigo 815º do mesmo diploma legal estatui que

«««“O Contencioso administrativo abrange as deliberações definitivas e executórias da administração pública, quando arguidas, perante os tribunais, de incompetência, excesso de poder ou violação de lei, regulamento ou contrato administrativo.

«««Os nossos tribunais administrativos consagram hoje esse vício fundamental de anulação dos actos descricionários que se desviam do fim para que a lei os criou.

«««Está pois assente de vez que, entre nós, como em toda a parte, este vício é característico e próprio do poder descricionário (Ac. Do Sup. Trib. Administrativo de 7 de Maio de 1937, Diário do Governo de 24 de Julho de 1937 ou ‘Direito’, 69 pag. 268).

«««O desvio de poder, como ensina o Professor Marcelo Caetano – é, portanto, uma espécie de ilegalidade e não, como alguns pensam, mera moralidade administrativa.

««« d) O douto despacho recorrido e as razões da Recorrente

««« Na própria resposta do Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional se declara que “o despacho Ministerial que recusou a aprovação aos estatutos traduz o exercício do poder descricionário em vista do fim para que a Lei o conferiu: evitar a constituição de uma associação que não dá garantia de trabalhar num plano verdadeiramente científico”.

«««E, em conclusão deste postulado, afirma ainda a resposta:

«««Em verdade, poderá razoavelmente pretender-se que oferece tais garantias a associação cuja finalidade consiste, como expressamente se declara no artigo 2º dos Estatutos, em “propagar a doutrina espirita, orientar e fiscalizar o culto espiritista e proporcionar todos os meios tendentes ao bom êxito do seu desiderato?

«««Poderá razoavelmente pretender-se que o ‘laboratório de estudos metapsíquicos’ elemento de uma associação de finalidade puramente apologética do sistema místico religioso chamado espiritismo e instrumento criado para servir essa finalidade, dá garantias de seriedade, rigor e objectividade, sem o que não é concebível a investigação? Poderá

razoavelmente pretender-se que o templo seja ao mesmo tempo laboratório de investigações desapaixonadas?

««««Estas conclusões da Resposta do Senhor Sub-Secretário esboroam-se em face da própria letra dos Estatutos que foram sujeitos à aprovação.

««««Ora vejamos:

««««Nos estatutos sujeitos à aprovação Ministerial temos de considerar, para boa interpretação dos mesmos, duas fases distintas:

««««A primeira fase diz respeito à Constituição da Federação Espirita Portuguesa propriamente dita.

««««Logo no artigo 2º se estatui que:

««««A Federação Espirita Portuguesa é uma Associação de carácter espiritualista cultural, com a finalidade de, em Portugal, propagar a doutrina espirita, orientar e fiscalizar o culto espiritista e proporcionar todos os meios tendentes ao bom êxito do seu desiderato.

««««Por consequência, os fins a que a Federação se propõe são, segundo a letra da disposição, apenas os seguintes:

«««« a)- Professar a doutrina espirita.

«««« b)- Orientar e fiscalizar o culto espiritista.

«««« c)- Proporcionar todos os meios tendentes ao bom êxito do seu desiderato.

«««« A segunda fase dos estatutos diz respeito à constituição do Laboratório de Estudos Metapsíquicos e, logo no seu artigo 4º e suas alíneas se estatui que

«««« Artº 4º. O Laboratório de Estudos Metapsíquicos (neste Estatuto apenas designado por L.E.M.) é um departamento científico com autonomia científica e tem por fim o estudo experimental dos fenómenos inabituais incluídos por Charles Richet no capítulo da Psicologia que denominou ‘Metapsíquica’ e bem assim examinar metapsicologicamente as pessoas que se entregam a práticas mediúnicas.

«««« a) – Atendendo ao carácter essencialmente experimental destes estudos, serão os mesmos orientados pelo critério positivo de Mackenzie, segundo o qual a Metapsíquica tem por fim “observar sem preconceitos e verificar, antes de mais nada, a realidade dos fenómenos; depois, experimentar, na medida do possível, com o fim de descobrir e ficar as condições necessárias e suficientes à produção dos fenómenos; tirar destes as consequências, as correspondências, as constantes eventuais, enfim, classificar os próprios fenómenos procurando fazer entrar os novos factos na categoria dos factos conhecidos”.

«««« b) – Em consequência, toda a questão de causalidade, espirita ou não, sai do âmbito experimental das investigações realizadas no L.E.M.. Isto não impede que os investigadores possam teorizar a partir dos



fenómenos provados ou observados, mas as suas conclusões serão puramente pessoais.

««« c) – Conclui-se que os investigadores responsáveis, orientadores dos trabalhos realizados no L.E.M., podem seguir qualquer princípio filosófico ou credo religioso, mas, enquanto investigadores, devem permanecer completamente alheios às suas doutrinas, trabalhando com a maior isenção, objectividade e neutralidade.

««« E, no seu artigo 6º, estabelece que o Laboratório de Estudos Metapsíquicos depende só administrativamente da F.E.P., sendo, noutros sectores, absolutamente independente e autónomo.

««« Temos que, o Laboratório de Estudos Metapsíquicos, como organismo autónomo e independente da F.E.P., é um departamento científico que se destina, tão somente:

««« a)- Ao estudo experimental dos fenómenos inabituais incluídos por Charles Richet no Capítulo da Psicologia que denominou de ‘Metapsíquica’.

««« b)- Ao exame metapsicológico das pessoas que se entregam a práticas mediunímicas.

««« E, atendendo ao carácter essencialmente experimental destes estudos:

««« c)- Serão os mesmos orientados pelo critério positivo de Mackenzie.

««« d)- Saindo toda a questão de causalidade, espirita ou não, do âmbito experimental das investigações que realiza.

««« E ainda,

««« e)- Os investigadores responsáveis podem seguir qualquer princípio filosófico ou credo religioso.

««« Mas, enquanto investigadores,

««« f)- Devem permanecer completamente alheios às suas doutrinas, trabalhando com a maior isenção, objectividade e neutralidade.

««« Esta diferenciação entre a Federação como associação puramente doutrinadora do espiritismo e “O Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor Charles Richet”, além de ser nitidamente marcada nos Estatutos, foi afirmada publicamente pela boca dos seus ilustres Directores nos artigos publicados no nº 2 – Ano V da ‘Revista de Metapsicologia’ de Fevereiro de 1953 que deu larga publicidade às suas opiniões imparciais, orientadas por um espírito puramente científico, causando, até, dissensões entre os próprios crentes do Espiritismo que não compreenderam ou não quiseram compreender a pureza das intenções do L.E.M..

««« Fica, portanto, assente, sem receio de qualquer confrontação ou desmentido, que a Federação Espirita Portuguesa, associação de carácter doutrinário e cultural, nada tem que ver com a orientação científica e experimental do Laboratório de Estudos Metapsíquicos, a não ser debaixo do ponto de vista administrativo, contrariamente ao que pretende, ladeando

habilmente a questão, o senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, pela voz do seu Conselho Permanente de Acção Educativa.

««« Partindo desta tese, tese aliás comprovada através dos próprios estatutos e através das declarações dos directores do Laboratório, poderíamos já frisar ter havido Desvio de Poder por parte do Senhor Sub-Secretário ao indeferir o pedido de aprovação dos Estatutos da Associação.

««« Com efeito, estabelecendo expressamente o artigo 46º da Constituição Política da República Portuguesa, que ‘O Estado assegura a liberdade de culto e organização das confissões religiosas cujos cultos são praticados em território português, podendo reconhecer personalidade jurídica às associações’, não se percebe como pode o Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, usando embora dum poder descricionário,

INDEFERIR O PEDIDO DE APROVAÇÃO DOS  
ESTATUTOS DUMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL QUE SE DEDICA  
Á DIFUSÃO DA DOCTRINA MÍSTICO-RELIGIOSA CHAMADA  
ESPIRITISMO CUJA LIBERDADE DE CULTO E ORGANIZAÇÃO É  
ASSEGURADA PELO ESTADO.

Nos termos daquela disposição legal e soberana!

««« Há ou não, um nítido DESVIO DE PODER levado a cabo pelo douto despacho recorrido?

\*

««« Vejamos agora em que se baseou o Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional para indeferir o pedido de aprovação e reforma dos Estatutos da recorrente:

««« Baseou-se o Senhor Sub-Secretário num Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa oportunamente homologado e no Decreto nº 37.545.

««« E então, o Senhor Sub-Secretário, argumentou assim para justificar o indeferimento:

««« O Conselho Permanente da Acção Educativa ouvido sobre o pedido de aprovação dos Estatutos, emitiu o seguinte parecer:

««« a)- Devem proibir-se a investigação e o estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo que constituem objecto da Metapsíquica, desde que essa investigação e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

««« b)- Só devem autorizar-se a constituição e o funcionamento de associações destinadas àquela investigação e àquele estudo quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer aos

requisitos da alínea anterior. Desconhece-se a existência, em Portugal, de qualquer associação nestas condições.

««« c)- A actividade das associações que venham a constituir-se com o fim referido deve ser, de harmonia com a alínea a) do número quinto do artigo segundo do Decreto número trinta e sete mil quinhentos e quarenta e cinco de oito de Setembro de mil novecentos e quarenta e nove, cuidadosamente acompanhada pelo competente serviço deste Ministério, que promoverá a dissolução das associações logo que elas deixem de trabalhar no plano puramente científico.

««« Nesta conformidade – conclui o Senhor Sub-Secretário, sem mais delongas e comodamente

### HOMOLOGO.

««« É nesta altura que o Senhor Sub-Secretário, descrecionariamente, comete um autêntico

### DESVIO DE PODER.

««« E comete um Desvio de Poder porque se desvia do fim para que a lei foi criada, saltando por cima de todos os requisitos indispensáveis.

««« De facto,

««« Dispõe expressamente a alínea a) do nº 5º do artigo 2º do Decreto nº 37.545 de 8 de Setembro de 1949 que a «actividade das associações que venham a constituir-se com o fim referido no Parecer acima transcrito deve ser cuidadosamente acompanhado, pelo competente serviço deste Ministério, que promoverá a dissolução das associações logo que elas deixem de trabalhar no plano puramente científico».

««« E o parecer da Acção Educativa estabelece que devem proibir-se a investigação e o estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo e constituem objecto da Metapsíquica:

««« 1º - Desde que essa investigação e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

««« 2º - Quando se verifique que as ditas associações dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos anteriores.

««« Antes de mais nada, não são só os fenómenos alegados pelo Espiritismo que constituem objecto da Metapsíquica.

««« Já atrás se documentou que os fenómenos inabituais objecto da Metapsíquica, podem não ser os alegados pelo Espiritismo, que como

doutrina ético-religiosa é independente e estranha àquele ramo do estudo da fenomenologia.

««« Ora, quanto ao primeiro requisito exigido pelo Conselho Permanente da Acção Educativa:

««« Quem são as pessoas a cargo de quem estava confiada a investigação e orientação do Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor Charles Richet?

««« São elas:

««« O Dr. Estevão da Silva, médico licenciado em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

««« O Dr. Ramiro da Fonseca, médico, licenciado em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra,

e

o Dr. Luis Avelar de Aguiar, Licenciado em ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e cuja tese de licenciatura foi, precisamente, subordinada ao tema da Metapsíquica e dos seus fenómenos, tendo como arguente o Professor Catedrático daquela Faculdade Dr. Vieira de Almeida.

««« Quanto ao segundo requisito exigido pelo Conselho Permanente, ele está absolutamente preenchido, visto que o laboratório:

««« dispunha dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos e condições mais elementares da metodologia científica.

««« Portanto, o que teria de ordenar o Senhor Sub-Secretário ao ser-lhe presente o pedido de aprovação dos Estatutos?

««« Mandar acompanhar, pelos competentes serviços do Ministério, a actividade da Associação e do Laboratório nos termos da alinea a) do nº 5 do artigo 2º do Decreto nº 37.545 de 8 de Setembro de 1949, a fim de procurar saber se:

««« 1º - As pessoas a cargo de quem estavam confiadas as investigações e o estudo dos fenómenos alegados pelo espiritismo (fenómenos inabituais, diremos nós)

««« a) Tinham categoria e preparação;

««« b) Ofereciam perfeita garantia de seriedade;

««« c) Obedeciam às condições mais elementares da metodologia científica;

««« 2º - O laboratório ou associação:

««« a) Dispunha dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior.

««« Ora, o Senhor Sub-Secretário, ao indeferir o pedido de aprovação dos Estatutos, além de não ter obedecido à alinea a) do nº 5 do artigo 2º. Do Decreto 37.545 de 8 de Setembro de 1949, não disse, que as pessoas a cargo de quem estava o Laboratório,

«««« Não tinham categoria e preparação;  
«««« Não ofereciam perfeita garantia de seriedade;  
«««« Não obedeciam às condições mais elementares da metodologia científica.

«««« Também o Senhor Sub-Secretário não disse que indeferia o pedido de aprovação porque o Laboratório:

«««« Não dispunha dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior do Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa.

«««« Ora, como o Senhor Sub-Secretário tinha, necessariamente, que obedecer aos requisitos fundamentais exigidos pela Lei e consubstanciados no Parecer, ao indeferir a aprovação dos Estatutos despachou contra Lei expressa e cometeu um autêntico e nítido Desvio do Poder.

«««« Só quando declarasse e provasse que as pessoas a cargo de quem estava o Laboratório

«««« a)- Não tinham categoria nem preparação

«««« b)- Não ofereciam perfeita garantia de seriedade

«««« c)- Não obedeciam às condições mais elementares da metodologia científica,

Poderia INDEFERIR O PEDIDO DE APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS.

«««« Se o não fez nem provou COMETEU UM DESVIO DE PODER Porque desvirtuou o fim para que foi criada a Lei!!!

\*

«««« Temos, por consequência, que os requisitos legais exigidos para a constituição de associações e do Laboratório Metapsíquico exigidos pelo Secreto 37.545 e interpretados pelo Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional, segundo a própria letra da Resposta do Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, são, em resumo, os seguintes:

««««a)- Que a investigação e o estudo dos fenómenos que constituem objecto da Metapsíquica estejam a cargo de pessoas que pela sua categoria e preparação, ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

««««b)- Que se disponham dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos anteriores.

«««« Ora, o Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, além de não ter dado cumprimento à alínea a) do nº 5º do artigo 2º do Decreto 37:545 de 8 de Setembro de 1949, mandando fiscalizar as actividades da Associação e do Laboratório, resolveu simplesmente, comodamente, descriconariamente

homologar o Parecer da Acção Educativa e indeferir o pedido de aprovação dos Estatutos, sem curar de saber se AS PESSOAS QUE ESTAVAM ENCARRREGADAS DA INVESTIGAÇÃO E ESTUDO DOS FENÓMENOS QUE CONSTITUEM OBJECTO DA METAPSIQUICA TINHAM CATEGORIA E PREPARAÇÃO, OFERECIAM PERFEITA GARANTIA DE SERIEDADE OBEDECIAM ÁS CONDIÇÕES MAIS ELEMENTARES DA METODOLOGIA CIENTÍFICA.

E essas pessoas eram

««««DOIS MÉDICOS, licenciados em Medicina pelas Faculdades de Medicina das Universidades de Lisboa e Coimbra.

««««UM LICENCIADO EM CIÊNCIAS HISTÓRICO-FILOSÓFICAS, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

««««Não tinham categoria e preparação?

«««« Não ofereciam perfeita garantia de seriedade?

«««« Não obedeciam às condições mais elementares de metodologia científica?

«««« Que o demonstrasse o Senhor Sub-Secretário por intermédio dos serviços do seu Ministério e fizesse essa prova.

«««« Então sim.

«««« Perante a exigência da lei e feita essa demonstração e essa prova podia o Senhor Sub-Secretário usar do seu poder descricionário para INDEFERIR O PEDIDO DE APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS.

«««« Mas, se não fez essa demonstração e essa prova, se não demonstrou nem provou

QUE AS PESSOAS NÃO TINHAM CATEGORIA

QUE AS PESSOAS NÃO TINHAM PREPARAÇÃO

QUE AS PESSOAS NÃO OFERECIAM PERFEITA GARANTIA DE SERIEDADE E DE OBEDIÊNCIA ÁS CONDIÇÕES MAIS ELEMENTARES DA METODOLOGIA CIENTIFICA,

o Senhor Sub-Secretário da Educação Nacional, admitindo embora “à priori” todos esses requisitos legais, ERA OBRIGADO, POR LEI, A DEFERIR O PEDIDO DA APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS porque, não o fazendo, SE DESVIAVA DOS FINS PARA QUE A LEI FORA CRIADA e cometia, como cometeu, um autêntico e nítido

DESVIO DE PODER!!!

\*

«««« Insurge-se a resposta do Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional junta a fls. 22 dos autos, quanto ao facto da recorrente afirmar que a recusa da aprovação dos estatutos contraria o fim específico que foi assinalado ao poder descricionário e traduz apenas, a má vontade



do Ministro da Educação Nacional, especialmente do Senhor Inspector Superior do Ensino Particular para com ela, recorrente.

««« Sem procurar demonstrar – o que era fácil à recorrente – a afirmação feita, limita-se esta a assinalar que:

««« a)- Em Julho do ano de 1955 foram apresentados pela recorrente à Inspeção Superior do Ensino Particular os novos Estatutos, acompanhados do pedido de aprovação a que se refere a alinea a) do nº 5 do artº 2º do Decreto 37.545 de 8 de Setembro de 1949.

««« Apesar de tudo,

««« b)- Só em 29 de Abril de 1959 – decorridos longos 4 anos! – foi lavrado o despacho de indeferimento ao pedido de aprovação dos Estatutos, não obstante o Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa ter sido emitido em 7 de Abril de 1955.

««« c)- Só depois da recorrente ter insistido, por requerimento junto aos autos, o Senhor Sub-Secretário de Estado se dignou enviar a sua douta Resposta a este Supremo Tribunal, não obstante ter sido solicitado a fazer-lo em vários ofícios que lhe foram enviados.

««« Esquecimento?

««« Acumulação de serviço?

««« Má vontade contra a recorrente?

««« Dispensamo-nos de tirar conclusões, deixando a Vossas Excelências, Ilustres Conselheiros, essa missão.

\*

««« Ilustres Juizes Conselheiros

««« Vão já extensas as presentes alegações mas o signatário, muito embora tencionasse, em princípio, limitá-las escrupulosamente, ao seu aspecto técnico-jurídico, não pôde deixar de abordar algumas considerações que lhe pareceram úteis e necessárias para dar a medida exacta, ou, pelo menos aproximada, do ‘clima’ em que esta questão se desenvolveu.

««« A recorrente, como atrás ficou dito e como é do conhecimento geral, tem uma existência de longos anos de actividade.

««« A sua obra debaixo do ponto de vista moral e educativo é por demais conhecida e apreciada para ser agora aqui lembrada.

««« Fiel cumpridora das leis e regulamentos, sempre se sujeitou a todas as prescrições legais, cumprindo, obedientemente, todos os seus ditames e normas.

««« Por isso tem sido respeitada, como aliás, são respeitadas e consideradas nas nações civilizadas de todo o Mundo as associações suas congéneres.

««« Pretende apenas com este recurso não só ver reconhecidos os seus legítimos direitos, como fazer sentir que a Administração pública quando desviada, descricionariamente, dos objectos e fins das leis que a regem e que a obrigam, constitui um perigo social atentória da orgânica estatal e dos direitos dos cidadãos.

««« Assim, no convencimento de que este recurso é um legítimo direito que lhe assiste, formula as seguintes

### CONCLUSÕES

«««1º- O despacho recorrido praticou um nitido Desvio de Poder porque,  
««« a)- Violou as disposições da alinea a) do nº 5º do artº 2º e nº 3º do artº 7º do Decreto nº 37.545 de 8 de Setembro de 1949.

««« b)- Não fez exacta aplicação do Parecer do Conselho Superior da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional.

««« c)- Violou o artº 46º da Constituição Política da República Portuguesa.

Nestes termos

«««2º - Deve o despacho recorrido ser revogado.

E, como consequência,

«««3º - Serem aprovados os Estatutos da recorrente.

««« Pelo alegado e mais que doutamente for suprido, deve conceder-se provimento ao recurso, anulando-se o despacho recorrido com as legais consequências.

««« Nesta conformidade e como se pede, se fará clara, límpida e nitida

### JUSTIÇA!

««« Requere-se que seja citado do Senhor Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional a fim de, com a sua minuta, e na hipótese de o ter ordenado, juntar Parecer do Conselho Superior da Acção Educativa sobre a idoneidade, garantia, seriedade e experiência das pessoas dos indicados Directores do Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor Charles Richet, Exmos. Senhores Doutores Estevão da Silva, Ramiro da Fonseca e Luis Avelar de Aguiar.

««««Junta-se: - o nº 2 da Revista de Metapsicologia – Ano V – de Fevereiro de 1953, com 18 páginas devidamente seladas, Incluindo a capa da mesma.

«««« O ADVOGADO c/escritório na Rua Nova do Almada, nº 24 – 3º - Dtº, em Lisboa,

Eduardo Fernandes.»»»»

\*

No seguimento das referências aos artigos e documentos que mais importantes nos parecem, transcrevemos, agora, as palavras publicadas na revista “Estudos Psíquicos”, de Abril de 1956, que nas suas páginas 156 e 157 publica o

«««« ACORDÃO DO SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

«««« Recurso Nº 1276, em que é recorrente a Federação Espirita Portuguesa e recorrido o Sub-Secretário da Educação Nacional.

«««« Relator Conselheiro Dr. José de Menezes Pita e Castro

«««« A Federação Espirita Portuguesa, com Sede na Rua de S. Bento, 640, desta cidade, recorre do despacho do Subsecretário de Estado da Educação Nacional, de 18 de Novembro de 1953, que ordenou a suspensão imediata da recorrente.

«««« Alega em resumo:

«««« A recorrente, associação federativa de carácter científico e moral, constituída nos termos da Lei de 14 de Fevereiro de 1907 e estatutos aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa de 26 de Maio de 1926, tem por fim, entre outros, estudar o espiritismo sob os seus aspectos científicos, experimental, filosófico, moral e social.

«««« Como agremiação espiritualista foi a recorrente reconhecida por despacho ministerial de 18 de Fevereiro de 1946 (Diário do Governo nº 51, 2ª série, de 2 de Março de 1946).

«««« Mas, quando a recorrente em 1953 submeteu à aprovação do Sr. Ministro da Educação Nacional a reforma dos seus estatutos, estes não foram aprovados.

«««« E, tendo em seguida a recorrente solicitado a aprovação do regulamento do laboratório de estudos metapsíquicos que criou e para cuja direcção propôs nomes de reconhecida experiência e competência na matéria, foi proferido o despacho recorrido, que se baseou num parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa.

««« Este parecer, todavia, considera o espiritismo um sistema mistico-religioso, e, por isso, as suas práticas não podem ser proibidas, em razão do disposto no artigo 46º da Constituição Política Portuguesa.

««« Sucede ainda que o fundamento da suspensão imediata, determinada à sombra do nº 3 do artigo 7º do Decreto nº 37.545, provém do facto de não terem sido aprovados os estatutos, mas a recorrente já tinha estatutos aprovados, pelo que o despacho recorrido violou o artigo 2º, nº 5, alinea a), e nº 3 do artigo 7º, ambos do Decreto nº 37.545 e artigo 46º da Constituição.

««« Termos em que conclui pelo provimento do recurso e anulação do despacho recorrido.

««« Na sua resposta de fls. ... o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional ofereceu o merecimento dos autos e ordenou a remessa do processo instrutor, o qual se mostra apenso por linha.

««« Alegou ainda afinal a recorrente, desenvolvendo os fundamentos juridicos do recurso.

««« E o digno magistrado do Ministério Público no seu bem elaborado parecer de fls. ... termina no sentido de que, se o recurso não for rejeitado não merece provimento.

««« Tudo visto, relatado e ponderado, em conferência:

««« Embora o espiritismo se possa considerar um sistema mistico-religioso, o certo é que à recorrente não é aplicável a disciplina instituída no titulo IX da parte I do Código Administrativo sobre associações religiosas, porque a tanto se opõe o artigo 449º e o artigo 450º do código, alterados pelo Decreto-Lei nº 31.386, de 14 de Julho de 1941 (1) não tendo relevância o facto de os estatutos da recorrente terem sido aprovados pelo governador civil em 1926.

««« Com efeito, a recorrente, dados os fins que se propõe atingir, conforme o enunciado na sua petição de recurso e encontra confirmação nas três alíneas do artigo 2º dos estatutos que juntou a fls. 4 dos autos, apresenta-se como uma associação científica ou cultural, sem que, portanto, estivesse abrangida pelo que preceitua o artigo 46º da Constituição, que, indevidamente, se cita como ofendido.

««« Nesta conformidade estava a recorrente sujeita às prescrições estabelecidas na base XI, nº 3º, e alíneas a) e b) da Lei nº 2033, de 27 de Junho de 1949, e artigo 2º, nº 5, alinea a) do Decreto nº 37.545, de 8 de Setembro do mesmo ano (2), de sorte que só podia funcionar legalmente depois da aprovação dos seus estatutos pelo Ministro da Educação Nacional.

««« De resto, tanto assim o entendeu a recorrente que no requerimento de 24 de Janeiro de 1953, dirigido ao Ministro da Educação Nacional, e citando aquelas mesmas disposições legais, solicitava que o seu organismo

federativo fosse integrado no determinado nos referidos preceitos, para o que juntou o estatuto devidamente selado e assinado, bem como a cópia e o respectivo original.

««« Mas sucedeu que tal pedido foi indeferido por despacho ministerial de 19 de Junho de 1953, que homologou o parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa de 3 do mesmo mês.

««« Este despacho foi devidamente notificado à recorrente por ofício de 24 de Junho de 1953 /fls. 48 e 54 do processo apenso, e dele não recorreu oportunamente.

««« O despacho recorrido, de 18 de Novembro de 1953, é, pois, mero efeito do despacho anterior de 19 de Junho e tem a sua justificação legal no nº 3 do artigo 7º do Decreto nº 37.545, por força da alínea a) do nº 5 do artigo 2º do mesmo diploma.

««« Trata-se, pois, no presente recurso, de um acto de execução de despacho definitivo, e, conseqüentemente, a legalidade do despacho ora impugnado tem como pressuposto a legalidade do despacho anterior, de 19 de Junho.

««« Mas este despacho, dado o decurso do prazo para a impugnação contenciosa tem de ser havido por válido e legal, e daí o já não ser susceptível de recurso directo de anulação o despacho recorrido.

««« É assim que na jurisprudência deste Supremo Tribunal sempre se tem julgado, que os actos de execução praticados em consequência de decisão definitiva são susceptíveis de recurso contencioso (vide, por exemplo, Acórdãos de 9 de Janeiro de 1948 e de 10 de Março de 1950, na *Colecção Oficial*, vol. XIV, p.8, e vol. XVI, p. 187).

««« Por estes fundamentos, rejeitam o presente recurso, com custas pela recorrente, as quais fixam em 1.000\$.

««« Lisboa, 3 de Dezembro de 1954. – José de Menezes Pita e Castro – António Arlindo Teixeira Martins – Emídio Beirão Pires da Cruz. – Fui presente, Eduardo Augusto Arala Chaves.

««« Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, 7 de Janeiro de 1955. – O Secretário, *Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira*.

««« *Diário do Governo* nº 180 (2ª série), de 4 de Agosto de 1955).

=====.

««« (1) Artº 449 – São consideradas associações religiosas as que se constituem com o fim principal da sustentação do culto, de harmonia com as normas de hierarquia e disciplina da religião a que pertencerem.

««« § Único : Às associações e organizações das igrejas não consideradas associações religiosas, nos termos deste artigo, não é

aplicável a disciplina instituída no presente título, ficando sujeitas ao direito comum, quando pertençam a confissões diferentes da católica.

««« Redacção do Decreto-Lei nº 31.386, de 14-7-941).

««« Artº 45º - As associações religiosas adquirem personalidade jurídica pelo acto de registo da participação escrita da sua constituição apresentada na secretaria do Governo Civil da capital do distrito.

««« (Redacção do Decreto-Lei nº 31.386, de 14-7-941).

««« (2) *Estatuto do Ensino Particular* . Artigo 1º - Denomina-se *ensino particular* , todo o que não é ministrado em escolas pertencentes ao Estado.

««« Artigo 2º (nº 5 da alínea d) – A Inspecção do Ensino Particular exercerá a sua acção fiscalizadora .

a)- Sobre as associações de carácter pedagógico, literário ou científico não reguladas por lei especial, as quais não poderão funcionar sem que os seus estatutos sejam aprovados pelo Ministro da Educação Nacional e ficam sujeitas às mesmas sanções que os estabelecimentos de ensino particular, quando se desviem dos seus fins ou deixem de respeitar as leis.

««« Artigo 7º Decreto nº 37.545 (nº 3) – Se o estabelecimento deixar de satisfazer às condições indicadas nos números anteriores ou noutros preceitos legais e as deficiências não forem imediatamente remediadas ou confiar o ensino a professores não diplomados ou autorizados, será ordenado o encerramento por despacho do Ministro da Educação Nacional. Desse despacho só há recurso para o Conselho de Ministros.»»»

\*

Neste momento, só nos apetece perguntar: será que a Direcção da F.E.P. tinha conhecimento destes Decretos quando criou o L.E.M.? Se tinha, e entendeu que devia ir em frente com o Laboratório, ele foi bem ‘a brecha’ necessária para tudo o que aconteceu depois; se não tinha, então, pese embora todo o respeito que temos por todos, houve um pouco de leviandade na maneira como as coisas foram criadas (e alteradas), na maneira como se azo a que tudo acontecesse... Como foi possível – mediante o que se lê no despacho publicado na ‘Estudos Psíquicos’ e transcrito atrás – que na alteração dos estatutos, para neles se introduzir o L.E.M., com vista à sua legalização, tenha deixado de se considerar a Federação como uma entidade mística-religiosa? Que pena que assim tenha sido!...

\*



A luta pela reabertura da F.E.P. manteve-se durante 10 anos – 10 longos anos! ... e, conforme podemos ler no nº 45 da “Revista de Espiritismo” da F.E.P., do ano de 2000,

««« (...) de recurso em recurso, de adiamento em adiamento, a Direcção veio requerer ao Ministro do Interior uma decisão sobre os bens lacrados. E nove anos mais tarde, em 1962, por despacho de 27 de Junho, o referido Ministro decidiu que a FEP não tinha existência legal e que, por conseguinte, os seus bens fossem arrolados, confiscados e vendidos em hasta pública, revertendo o produto da venda para a assistência pública.

««« Os bens da FEP constavam de um edifício na Rua Alvares Cabral nºs. 22 a 26, na cidade do Porto, com todo o seu recheio, um prédio na Rua da Palma nºs. 251 a 263, alugado ao cinema REX, o arrendamento da Sede, na Rua de S. Bento, equipamento e Laboratório, depósitos bancários, material de escritório e uma biblioteca que incluía livros únicos raros, que esteve em vias de ser queimada e que só os argumentos dos dirigentes de então salvaram de um autêntico AUTO DE FÉ.

««« A 17 de Julho, perante todos os dirigentes convocados para o efeito, a Polícia arrolou e deu cumprimento ao confisco, verdadeiro atentado contra a própria Constituição da República de 1933 que proibia precisamente o confisco. Pelas dez horas consumou-se a perseguição.

««« Em Setembro do mesmo ano o então Ministro da Saude, a pedido do Ministro do Interior, decidiu que o Cinema REX, sede da Federação e o produto dos bens, fossem entregues à Casa Pia de Lisboa. E o espólio, de valor incalculável, integrando diversos quadros a óleo, mobiliário e... a História do Movimento Espirita Português, foi sepultado no sótão daquela agremiação co-participante de um verdadeiro Festim de bárbaros destruidores dos mais elementares direitos humanos.

««« A travessia do deserto, iniciada em 1953, com o encerramento e proibição de actividades a todos os núcleos espiritas, iria tornar-se uma epopeia de dor e luta, mergulhando os herdeiros do Cristianismo Redivivo, de novo, nas Catacumbas, no segredo de casas particulares, transformadas em locais de actividades quase clandestinas, fazendo reviver os dramáticos tempos do Cristianismo Primitivo. Três ou quatro núcleos permaneceram trabalhando a coberto de tarefas referenciadas como caritativas. (...) »»»

\*

A luta manteve-se assim, grande e inglória, e a Federação Espirita Portuguesa, nem com o empenho dos seus dirigentes nem com a palavra e saber do advogado a quem a sua causa foi entregue, conseguiram libertá-la da determinação dos “grandes” do Governo : o encerramento das suas

instalações – significando o encerramento da própria Federação - manteve-se como coisa definitiva e obstáculo intransponível.

E durou anos.

... E os livros da sua biblioteca foram encontrados, mais tarde, na Biblioteca Nacional, da mesma maneira que todo o material de secretaria, desde livros de quotas, das diversas Actas da Assembleia Geral e da Direcção, Livros de Posse, registo e arquivo da correspondência se encontram, actualmente, devidamente classificados, no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, conforme já anteriormente referimos.

Encerrou-se, assim, (ou antes, encerraram) uma época da Doutrina Espirita em Portugal. Mas as sementes, essas tinham ficado e caído em boa terra...

\*

\*

\*

Foi a partir de 1952, com o projecto de criação do ‘Laboratório de Estudos Metapsíquicos’, (de que se começa a ter conhecimento com a publicação do seu Regulamento publicado na Revista, distribuída gratuitamente por todos), que o “cerco se foi apertando começando, talvez, com os comentários do jornal «Novidades», pertença da Igreja, e aos quais a Federação, através de um dos seus dirigentes, foi respondendo... e neste diz tu direi eu, as atenções foram-se concentrando mais e mais na F.E.P. e nos seus representantes, desvirtuando-se o que ela significava, A corda tinha de partir por um lado: partiu pelo mais fraco, o que não tinha o apoio do Governo!

Mas, vejamos ainda esses mesmos comentários e as respostas que foram surgindo na ‘Revista de Metapsicologia’. Vamos transcrever-las (as publicadas no jornal e as das respostas) por ser uma maneira de não se perderem no ‘arquivo da memória’ essas palavras partidas de quem devia usar de caridade - mesmo e principalmente por saberem que a morte não era o fim senão do corpo físico e que a Alma, eterna como Deus a criou, continua a existir para além dele, e que os Espíritos, que a nossa Doutrina refere, respeita e ama, existem desde sempre, criados por Deus que não fez – nem faz – qualquer espécie de selecção entre os seus filhos ou as diversas igrejas espalhadas pelo mundo!

Mas, antes do jornal, há ainda o “ataque” da Rádio Renascença, e a resposta na “Revista de Metapsicologia” nº 4, de Abril de 1952, resposta esta que, na nossa opinião, deveria ter sido silenciada. A maneira como foi

dada, principalmente – e quanto a nós – foi como se se mexesse num vespeiro que se pensava vasio. E a prova de que não o estava não se fez esperar.

Vejam os...

«««FEIRA DOS DISPARATES – (editorial da R.E.), por Caetano de Sousa:

«««Se acreditássemos em Belzebu, o demónio chefe dos espíritos maus, diríamos que ele tinha feito, ultimamente, uma atrevida incorporação em Rádio Renascença, para continuar, na Terra, a sua revolta contra Deus.

«««O caso é simples: Rádio Renascença, num destes dias de Abril que ora finda, em retransmissão do Porto, lançou-se impetuosamente sobre o campo espírita. Atacou o Espiritismo, afirmando que aos trabalhos experimentais de que ele cuida apenas acodem o Demo e os anjos caídos que Belzebut comanda – condenados eternos à prática do mal e às penas do inferno. Aos espíritas apelidou de exaltados, só porque defendem uma opinião contrária à sua.

«««Não nos deteremos longamente na apreciação da afirmativa de que só os espíritos malignos acodem às sessões espíritas.

«««1º - Porque dela se conclui que Rádio Renascença reconhece que nas sessões espíritas se verifica, efectivamente, a comunicação entre os dois mundos, base fundamental em que assenta o Espiritismo.

«««2º - Porque ainda que se transformasse em exactidão o erro em que incorre Rádio Renascença o facto não traria prejuizos para os que assistem a essas sessões, posto que entre ouvir falar os demónios do outro Mundo e suportar os demónios de carne e osso que têm feito da Terra, ora uma fogueira para assar carne humana, ora um campo de massacre de corpos e almas, como está bem patente, são francamente preferíveis os primeiros. E são-no, porque apesar da sua maldade nos dão, com a sua presença, nas sessões espíritas, a certeza de que Deus preside à Vida e que esta continua depois da morte, alimentando-nos assim a Fé e levando-nos a ter piedade pela sua desgraça de maus!... Enquanto que os segundos, os demónios de carne e osso que fazem da Terra um cemitério erguido no seio de uma floresta de torpes egoismos, vão roubando às almas a beleza de um sonho divino e a própria claridade bendita da Fé por que se querem nortear!

«««Poderá ser muito cómodo atribuir às tentações dos demónios ocultos todo esse amontoado de crimes e atentados à Lei do Amor... Mas é também manifestar muito desprezo pela Razão humana e pelos poderes de defesa que Deus pôs na consciência de cada homem! Teríamos, ao cabo, que concluir que todas as maldades deste mundo são obra do demónio e que todos nós, suas vítimas, não passamos de umas santíssimas criaturas!

«««Porque a lógica não admite, que podendo um espírito demoníaco servir-se de um médium o mesmo não possa acontecer com outro que o não seja, pelo menos para nos prevenir de possíveis consequências com aquele perigoso contacto. A mediunidade é uma porta aberta para a comunicação entre os dois Mundos. Admitir que Deus abriu essa porta para o Demo vir tentar e desgraçar a seus filhos, cerrando-a, depois, totalmente, aos espíritos esclarecidos e de Luz que possam vir em auxílio dos pobres degredados deste Mundo, é praticar uma heresia tremenda!

\*

««« Blasfêmia maior, porém, representa a doutrina dos demónios eternos, com seu reino de eternas chamas a queimarem culpas que jamais serão remidas, doutrina que Rádio Renascença parece defender nos seus ataques ao Espiritismo.

«««Na verdade, só um demónio pode atribuir a Deus a condição de um Pai Tirano, pior, ainda, do que os tiranos que andam cá por este mundo... Porque estes, enfim, reduzem por vezes as penas, dão amnistias, chegam a esquecer e a perdoar e, até, a oferecer meios de reabilitação aos que um dia caíram!...

«««Pois não será ofender a Deus limitar-lhe o Poder, colocando a seu lado uma força maligna e infundável, em infundável desobediência à sua Lei do Amor?

«««Pois Deus, sumamente justo, sumamente bom, sumamente piedoso, iria perpetuar a dor de uma alma negando-lhe no ilimitado do Tempo a Luz necessária para lhe abrir o caminho da redenção?

«««Não será denegrir a Vida e negar a Lei natural da Evolução para a Luz e sempre para mais Alto, admitir ou estabelecer que no seio do Infinito, maculando a Unidade Divina, exista a actividade eterna do espírito diabólico, exista um charco moral que jamais possa ser saneado?

«««Rádio Renascença admite-o...

«««...E nós admitimos que uma só desculpa lhe assiste em tudo quanto disse sobre o Espiritismo e os demónios que lhe dão vida: a de que tudo se passou na emissão especial a que ela, muito judiciosamente, chama “Feira dos Disparates. »»»

O Jornal «Novidades», de 23 de Março de 1953, sob o título “Espiritismo, Bruxaria & C<sup>a</sup>.”, refere o caso de umas bruxas que foram levadas a tribunal, em Abrantes, e comenta:

«««(...). Podem, aliás, desculpar-se com o que se passa nas cidades mais bem policiadas; por exemplo, em Lisboa. E podem ainda alegar que,

mesmo nas barbas da autoridade se praticam outros géneros de bruxaria sob a capa de investigação científica; por exemplo, o espiritismo.

«««Dizia-nos alguém que a polícia não pode intervir na repressão das práticas de espiritismo, porque não há disposição que as proíba.

«««Não é bem assim.»»»

E aqui, quanto a nós, começa o ataque cerrado, disfarçado com uma referência a legislação publicada e que se recorda para fazer lembrar aos governantes que, se quiserem, podem acabar com o Movimento Espirita existente.

Continuando, com o mesmo texto:

«««Em 18 de Agosto de 1950, o Gabinete do Sr. Ministro do Interior expediu ao Comando Geral da Polícia a seguinte circular que foi transcrita em ordem de serviço:

«««Para conhecimento de V.Exa. e devidos efeitos, encarrega-me Sua Excelência o Ministro do Interior de seguidamente transcrever o parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa homologado por Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, acerca da **existência de centros de espiritismo** (o destaque é nosso):

«««O Conselho Permanente da Acção Educativa, ouvido sobre a exposição que o Sr. Governador Civil do Porto fez a Sua Excelência o Ministro do Interior acerca da necessidade de se regulamentar a actividade espirita, emite o seguinte parecer:

«««a)- Devem proibir-se a investigação e o estudo de fenómenos alegados pelo Espiritismo e que constituem objecto de Metapsiquica, desde que essa investigação e esse estudo não estejam a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, ofereçam perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

«««b)- Só devem autorizar-se a constituição e o funcionamento de associações destinadas àquela investigação e àquele estudo quando se verifique que elas dispõem dos meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior. Desconhece-se a existência em Portugal de qualquer associação nestas condições.

«««c)- A actividade das associações que venham a constituir-se com o fim referido deve ser de harmonia com a alínea a) do nº 5 do artº 2º do Decreto nº 37.545, de 8 de Setembro de 1949, cuidadosamente acompanhada pelo competente serviço deste Ministério, que promoverá a dissolução das associações logo que elas deixem de trabalhar no plano puramente científico.

«««d)- O preceito do artº 45º da Constituição não permite proibir as práticas do Espiritismo – sistema místico – religioso enquanto elas

respeitem a vida e integridade física da pessoa humana e os bons costumes.

«««e)- Às autoridades policiais compete reprimir essas práticas sempre que – por importarem exercício ilegal da medicina (artº 15º do decreto-lei nº 32.171, de 29 de Julho de 1942), por oferecerem perigo moral para os intervenientes ou por qualquer outra razão – devam considerar-se abrangidas pelo § único do citado artº 45º da Constituição»»»».

«««Convém esclarecer que o decreto 37.545, citado na alínea c), dispõe que semelhantes associações não poderão funcionar sem que os seus estatutos sejam aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

«««Por outro lado, o artº 45º da Constituição foi modificado pela Lei nº 2.048, de 11 de Junho de 1951. Na redacção actual o artº 45º só diz respeito à Igreja Católica. Os outros cultos são regulados pelo artº 46º, que diz: “o Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas”, etc..

«««Ora não consta que o Espiritismo seja uma “confissão religiosa”.

«««Há tempos, noticiaram os jornais que, ali para a Rua de S. Bento, começou ou continuou a funcionar um centro espírita sob capa de “investigação científica”. Estará autorizado pelo Ministério da Educação Nacional? Informou-se ainda que ele tem inscritos 4.000 membros. O número dos tolos é muito maior, mas os “investigadores científicos” não podem entrar em competição com eles.

«««Estando provado que as práticas espíritas não passam geralmente de grosseiro embuste e que, como escreveu o Dr. Egas Moniz e todos os dias se verifica, apenas servem de preparação de clientes para os manicómios, por que se espera para uma decidida e decisiva acção policial? Por que se permite a publicação de livros e revistas de propaganda do Espiritismo e da Metapsíquica, desde que se desconhece a existência em Portugal de qualquer associação que ofereça “perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares de metodologia científica?»»»»

Estava lançada a semente do que aconteceu posteriormente. Mas, continuemos.

Caetano de Sousa, em artigo de fundo subordinado ao título “Novidades ataca o Espiritismo – o Espiritismo defende-se” responde, ainda em Março, na Revista de Metapsicologia:

«««O Espiritismo defende-se sem ter que pedir licença a Novidades, porquanto o mundo é largo e cabem nele todas as ideias honestas e, ainda, todos aqueles que honestamente pretendam servi-las; e não pede licença, por mais estes dois motivos: o património da consciência em Portugal não é



bem exclusivo daquele jornal e dos seus amigos; e o Governo da Nação, felizmente, não serve os interesses morais do País a mandado das boas almas de Novidades, como no ataque de 29 de Março, ao perguntar «porque se permite a publicação de livros e revistas de propaganda do Espiritismo e da Metapsicologia?», o diário da Rua de Santa Marta parece pretender.

«««Bastaria aquela pergunta insidiosa, mais do que imprópria para quem preza os direitos do pensamento alheio e, sobretudo, para quem se propõe servir uma ideia divina, para pôr a claro a inferioridade do ataque agora feito.

«««A pessoa humana, para escutar a sua razão, para servir a sua consciência, para escolher a melhor rota para Deus, não precisa do beneplácito de Novidades, como “novidades” para servir dignamente a sua doutrina não terá, também, para pedir licença aos que não comungarem nas suas ideias.

«««...Mas vejamos o que o jornal em referência diz no seu artigo de 29 de Março:

«««Sob o título ofensivo para uma multidão de almas a quem assiste a mesma liberdade de consciência que assiste aos senhores de Novidades, «Espiritismo, Bruxaria & C<sup>a</sup>», o jornal a que nos estamos referindo procura misturar e confundir o Espiritismo doutrinário, filosófico e científico, com a bruxaria e charlatanices vulgares que ele é o primeiro a condenar e a combater. E tão baixo e malevolamente o faz, que afirma textualmente:

«««...’mesmo nas barbas da autoridade se praticam outros géneros de bruxarias sob a capa de investigação científica: por exemplo, o espiritismo.’

«««Quer dizer: não há ninguém que se salve; todos os espíritas são charlatães, todos os que praticam o Espiritismo, praticam a bruxaria.

«««Quase se não concebe, partindo de onde parte, insulto tamanho lançado não só sobre a pobre multidão anónima dos Espíritos mas, também e mais impressionantemente ainda, sobre essa pleiade de valores morais e mentais que por todo o mundo serve o Espiritismo e dedicadamente estuda os fenómenos supranormais, e que Novidades não pode, certamente, ignorar!

«««Os Médicos, os Professores, os Engenheiros, os Advogados, os Oficiais do Exército e da Armada, que em Portugal são espíritas, não passam de charlatães e de bruxos! Agradeçam-no a Novidades...

«««William Crookes, Barret, Zoelner, Sir Oliver Lodge, Lombroso, Richet, Osty, A. de Morgan, professor Challis, Wallace, dr. Ochorovicz, Geley, Bozzano, etc., etc., não foram sábios mas simples praticantes de bruxaria!

«««Machenzie King, o falecido Primeiro Ministro Canadiano, que tão dedicado foi às experiências espíritas, não passou, também, de um vulgar charlatão!

«««A Rainha Victória de Inglaterra, que assistiu a trabalhos espíritas e que através do médium Robert James Lees recebeu uma mensagem do Príncipe Consorte, Albert, entreteve-se, também, pela linguagem de Novidades, com simples bruxedos...

«««The American Society for Psychical Research, a Sociedade Dialética Internacional, com sede em Paris, etc., não são agremiações de sábios e de investigadores honestos: são simples alfobres de charlatães!

«««O Parlamento inglês, que ainda há pouco, vencendo velhas tradições, fez publicar legislação adequada à protecção e defesa dos verdadeiros médiuns, não seria, também, na linguagem de Novidades, um Parlamento de gente civilizada mas um simples agrupamento de protectores de bruxarias e charlatanices!

«««Gente séria, afinal, só na Rua de Santa Marta...

«««Sobrepondo-se à própria Constituição do País, Novidades pretende excluir do artº 46º o Espiritismo mesmo como «confissão religiosa», pois não lhe consta que ele tenha esse direito...

«««A consciência é universal. O Parlamento inglês, por exemplo, informou recentemente o Marechal do Ar, Lord Dowding, grande espírita, que **o Espiritismo é reconhecido como religião** (o sublinhado é nosso) e que aos militares espíritas das três armas – Exército, Marinha e Aviação – assiste o direito de anotação de sua crença espírita nos seus documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

«««Parece coisa de bruxaria, mas é assim mesmo!

«««Claro que sabemos perfeitamente que o jornal da Rua de Santa Marta vai esgrimir com o argumento de que não há em Portugal elementos que ofereçam perfeita garantia e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

«««Recuso-me a acreditar que Portugal seja tão pobre de valores, que só possamos contar, como coisas boas, com o vinho do Porto e com Novidades. Temos excelentes professores de psicologia, médicos distintos, muitos e muitos estudiosos honestos, muitos metodologistas científicos incapazes de atrainçarem a verdade, uma coisa que não deve meter medo a ninguém.

«««Esse Centro Espírita da R. de S. Bento, que não é Centro mas uma Federação de Centros, que funciona sob capa de investigação científica, como diz Novidades, e que é inteiramente respeitadora das Leis do seu País, tem à frente dos trabalhos de investigação metapsíquica cientistas honestos e sabedores na tarefa que lhes incumbe. Um dos seus Directores defende na Universidade de Lisboa, perante mestres ilustres que lhe

concederam plena aprovação, a tese «Faculdades latentes na psique» que são objecto da Metapsíquica. Foi, pois, a Universidade Portuguesa que lhe reconheceu saber e competência para tratar de coisas a que estão agora chamando bruxaria...

«««E note-se: tão firme está a F.E.P. nas suas convicções, que concedeu ao Laboratório completa autonomia científica.

«««Não é com insultos que se defendem ideias generosas; é com Amor!

«««Não é misturando e confundindo o bom com o mau no campo que nos não é simpático ou nos não agrada, que poderemos conquistar o respeito para a nossa posição na luta ou alargar os domínios da doutrina que possamos julgar melhor e mais consentânea com a Verdade e com as necessidades humanas. É pela coerência que saibamos pôr entre o que há de belo e divino nessa doutrina com o desenrolar da nossa acção, para a servir!»»»

E a propósito do mesmo artigo, que Caetano de Sousa comenta e transcrevemos acima, Isidoro Duarte Santos, antigo colaborador da F.E.P. e da «Revista de Espiritismo», assina em «Estudos Psíquicos», revista que possui e dirige, depois de transcrever todo o artigo de “Novidades”:

«««(...). O que aí fica é diabrite, é grito insidioso. Aproveitou uma local para atacar a bruxaria, mas vai dizendo que as autoridades são fracas na repressão, como se elas necessitassem de “estímulo” do “Novidades” para cumprir o seu dever de zeladoras da grei. Depois a insídia vai tomando forma, descabeladamente, ousando-se transcrever, público e razo, um documento confidencial oriundo do Ministério do Interior, para justificar a sua afirmação, segundo a qual «mesmo nas barbas da autoridade se praticam outros géneros de bruxaria sob a capa de investigação científica, por exemplo, o espiritismo».

«««E não fica por aqui o missionário de “asas velozes para correr ao mal”. Em vez de exemplificar a doutrina de Jesus, que ele não serve, como lhe competia; em vez de evangelizar o próximo e auxiliar os poderes constituídos na tarefa de administrar justiça a todos os portugueses; em vez de espalhar bondade e doçura, aliviando e congozando, como fizeram alguns de seus maiores, cujos passos não segue por motivos que só ele saberá explicar; em vez de tudo isso que o elevaria a dignidade que se não atinge com passos claudicantes, o “Novidades” persiste nos caminhos tortuosos do anticristo, como há 13 anos, quando nos chamou comunista e maçã e foi obrigado a inserir a nossa “Desafronta”, em que lhe mostrámos os verdadeiros caminhos do céu.

«««Ali dizíamos ao alviçareiro de maus augúrios: “Novidades” não conhece a idoneidade moral dos atacados, mas deve conhecer de sobra o

seguinte mandamento: «Não dirás falso testemunho contra o teu próximo» (Êxodo, 20, V-16) e as sete coisas que o Senhor aborrece: «Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina malvadíssimos projectos, pés velozes para correr ao mal, testemunha falsa que profere mentiras e que semeia discórdias entre irmãos» (Provérbios, 6, V.V. 16-19). Deve também saber que lhe falece autoridade para julgar: «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados» (Lucas, 16, V.V. 37-38).

«««Passados 13 anos, dizemos o mesmo ao jornal de Santa Marta. Não lhe serviu o exemplo de 1942, em que se queixava da Lei, por nos conferir direitos que ele queria para si? Para que volta à carga contra uma doutrina que prefere a evolução à revolução? Já se esqueceu do martirológico dos católicos, quando os parlamentos legislavam contra o reinado do espírito, pelo prazer de perseguir ou dismantelar? Nesse tempo estávamos ao lado dos oprimidos, porque o Espiritismo é amor e justiça social. Nesse tempo pensávamos como pensamos hoje: todas as religiões são boas, todas têm um princípio moral e não há ateus no verdadeiro sentido do termo. Por isso não os atacamos. Reconhecemos aos outros a liberdade de pensar. De resto, Portugal é de todos os portugueses. Os nossos braços dão-se à pátria, com o nosso amor e o nosso sangue. Respeitamos os governos constituídos e aconselhamos o próximo a respeitá-los. Todos os governantes desejam o bem da Nação e tudo fazem para que as medidas adoptadas resultem benéficas. Por isso os respeitamos, não admitindo que haja portugueses que obedeam a forças estranhas, políticas, religiosas ou de qualquer espécie.

««««Não nos julgemos mais que o nosso irmão, nem que a nossa crença é melhor que a dele. Deixemos a cada um a sua ideia de redenção. Cada organismo tem uma tarefa a desempenhar e os dirigentes velam pelo bom nome da instituição.

««««Os orientadores do “Novidades” sabem o que fazem, medem a grandeza do malefício, que pagarão um dia, neste ou noutro mundo, em condições peculiares a que não poderão fugir, porque a justiça divina é imutável e não se verga a impetrações humanas. A Federação Espirita Portuguesa é uma entidade respeitável, trabalha sob os auspícios da lei e procura dignificar a doutrina que a informa. Não é um centro qualquer, como inculca o “Novidades”, em linguagem depreciativa e anti-cristã. A Federação Espirita Portuguesa não encobre os seus desígnios com rótulos de investigação científica. Não necessita desses expedientes, porque o seu nome se projecta muito longe, ao serviço de uma causa fraternal e humana. É um fulcro de progresso, não é uma «capelinha» onde se «desfazem lares», «se envenena» e se forjam iconoclastas.

««««Oh! Como certos próceres se apresentam com capa de humildes, apontando o argueiro sem verem a trave!

«««E como eles são fáceis no julgamento alheio! Como eles afirmam displicentemente: «está provado que as práticas espíritas não passam de grosseiro embuste» (sic) e que «apenas servem de preparação de clientes para os manicômios»!... Prove o “Novidades” essa afirmação gratuita e não a lance ao acaso, em gesto de inconsciente. E em vez de gritar com ar de comando: «Porque se espera para uma decidida e decisiva acção policial?», meta a mão na consciência e veja se não há por lá coisas graves que mereçam correctivos maiores e mais enérgicos.

«««O Espiritismo é um corpo de doutrina com cem anos de existência e a sua bibliografia ultrapassa dez mil volumes em todas as linguas modernas. Não é preciso dizer mais para demonstrar que os ataques da ignorância são como bolas de sabão desfeitas pelo vento. As ideias nobres combatem-se com ideias nobres e nenhum homem culto se lembrou jamais de utilizar a sua posição para impedir que tais ideias florescessem.

«««O “Novidades” admira-se de que a Constituição não proíba as práticas espíritas e diz que não lhe consta que o Espiritismo seja uma confissão religiosa. Quem é o “Novidades” para dizer que lhe não consta isto ou aquilo e dirigir-se a quem de direito, como se tivesse autoridade em matéria legal? Nem todas as confissões religiosas seguem a mesma orientação. O culto protestante não admite imagens de escultura, em obediência à última parte do 2º mandamento, nem a confissão auricular, nem o celibato obrigatório dos padres, e existe numa grande parte do velho e novo mundo. O Espiritismo participa de confissão religiosa, tanto assim, que os directores de jornais espíritas ingleses ficaram isentos do serviço militar na última guerra, a exemplo dos pastores anglicanos, e ainda há pouco o Ministro do Ar de Sua Magestade Britânica, Lord de L’Isle e Dudley, declarou na Câmara dos Lordes, a um pedido de esclarecimento de Lord Dowding:

«««”a) O Espiritismo é reconhecido como Religião no serviço militar.

«««”b) Aos militares espíritas das três armas – Exército, Marinha e Aviação – assiste o direito de anotação da sua crença espírita nos documentos militares e nos respectivos distintivos de reconhecimento.

«««”c) Aos espíritas pertencentes aos corpos do Exército, Marinha e Aviação, assiste o direito de realizar reuniões, sempre que haja dependências ou salões disponíveis. Estas decisões são confiadas aos oficiais de serviço”.

«««E o Ministro acrescentou:

«««”Sendo o Espiritismo reconhecido agora como religião, deve ser encarado e respeitado”.

«««Fosse o articulista do “Novidades” mais escrupuloso e nós evitaríamos estas palavras.



«««Uma das perguntas mais infantis do arrazoado é esta: “Porque se permite a publicação de livros e revistas de propaganda do Espiritismo e da Metapsíquica, desde que se desconhece a existência em Portugal de qualquer associação que ofereça perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica?” Esta não lembrava ao diabo! Seria o mesmo que proibir a divulgação de livros de física nuclear, por não termos laboratórios de investigação atômica. Para o articulista do “Novidades”, o mundo é tão pequeno, que só lá cabe o catolicismo. Não seja tão rigoroso, prezado irmão! O sol nasce ao mesmo tempo para todos os portugueses. Se os sacerdotes se limitassem ao poder espiritual, como lhes ordenou seu Mestre, não teriam suportado grandes reveses em certas épocas da história e que nós, espíritas, somos os primeiros a lamentar. Lembre-se de que violência gera violência e que é melhor prevenir do que remediar. Nenhuma doutrina tem lucrado com o ataque a outras doutrinas. É o que deseja o Espiritismo, que após um século de marcha coerente e ímpolita se mantém cada vez mais belo e aliciante, pela felicidade que dá aos seus adeptos. Uma de suas obras principais é «O Evangelho Segundo o Espiritismo», cuja 41ª edição em língua portuguesa ultrapassou a cifra de 360 mil exemplares. Qual a obra católica que atingiu semelhante expansão? São perto de 400 páginas de interpretação que exaltam ao extremo a figura do Cristo de Deus. Nós próprios escrevemos um livro (Luz no Caminho) que é verdadeira hosana ao Mestre Excelso, à luz do Espiritismo. Nas suas 350 páginas esforçamo-nos por traduzir em linguagem do século o espírito vivificante que paira na sua palavra de vida. 5.000 exemplares correm mundo entre gente de fala portuguesa, a atestar a nossa profissão de fé religiosa. E desafiamos todos os articulistas do “Novidades” a apontar-nos qualquer desvio, dentro ou fóra da doutrina. Somos ignorantes e imperfeitos, mas sabemos respeitar os outros e reconhecemos-lhes o direito de pensar, para que reconheçam o nosso.

«««Deixem o Espiritismo em paz! Só as doutrinas boas singram nos abrolhos do mundo, só elas perduram e se impõem pela excelência de seus postulados. Combate-las, com receio de que possam diminuir o reduto do nosso exclusivismo, é infantilidade. Que importa que o homem busque o que se harmoniza com a sua tendência espiritual? Vale mais estremar os campos do que perturbá-los. Há no Espiritismo, antigos católicos, antigos protestantes, antigos materialistas. Antigos espíritas são hoje excelentes teósofos e nem por isso nos move contra eles qualquer animosidade.

«««Sejamos leais e verdadeiros, como disse o Cristo, e compreendamos a caridade na acepção paulista, dando a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.



«««Nós não combatemos o catolicismo. Reconhecemos a sua obra missionária e muitos doutores da Igreja, como Orígenes e Santo Agostinho, inspiram-nos grande simpatia.

«««O primeiro destes temo-lo transcrito em muitos passos da nossa obra.

«««A empresa do Padre Américo – para só falar dos tempos actuais – é uma das mais belas reivindicações do espírito humano e a sua doutrina está dentro dos nossos postulados. Temos-lhe grangeado muitos cooperadores e continuaremos a grangear, sem receio de engrossar as hostes do grande filantropo. Se o nosso objectivo é praticar o bem, caminhando para Deus através da Ciência e do Amor cristão; se temos a certeza de que os nossos actos nos pertencem e que só eles poderão modificar ou melhorar o nosso futuro moral; se a nossa maior ventura é saber que todos são felizes, não deve importar-nos que os espiritas troquem a ideologia por outra que não se adapte à sua evolução mental e espiritual. Combater alguém por não pensar como si próprio, é o maior erro do homem.

«««Pugne o “Novidades” pela sua religião, mas não implique com a nossa. Respire fundo, encha-se de alimento e de sol e construa uma ermida em cada rua, que nós, apesar de espiritas, gostamos do ambiente religioso e achamos que em toda a prece há transcendência e que Deus está em toda a parte, aguardando a nossa descoberta.

«««O Alto diz-nos: «Devemos iluminar o que amamos. Se o amarmos todo, o universo será transparente para nós». Façamos como ensina o Alto, abramos nossas mãos para acariciar e não as fechemos para odiar. Se as religiões conduzem ao amor, amemo-nos irmãmente, como viajores da mesma senda que necessitam de unir-se para resistir ao vendaval. Não invoquemos a lei para o semelhante, depois de a termos infringido, não se dê o caso de os olhos que medirem o delito de um se lembrem do delito do outro. Só assim teremos direito ao nome de cristãos.»»»»

Palavras sábias que muitos olhos leram, certamente, mas que mentes mais exaltadas repeliram. Qualquer um deixa de ter razão quando só vê a sua e a quer impôr sem respeito pela dos outros... Neste “jogo” do “ora agora dizes tu, ora agora digo eu...”, a bola de neve foi-se formando e avolumando, cada vez mais, até ao momento em que foi impossível faze-la parar. Mas, continuemos.

A discussão continua; o jornal Novidades, que parece ter-se empenhado numa guerra contra os espiritas e contra a F.E.P., pela mão do articulista C. Maia, publica no mês de Abril de 1953, mais propriamente no dia 14:

«««A IGREJA E O ESPIRITISMO.

«««PODERÁ UM CATÓLICO SER ESPIRITA?

«««Não falta quem afirme :Eu sou espírita convicto e considero-me bom católico!

«««Será assim? Afirmamos peremptoriamente, com a Teologia e a Igreja, que o espiritismo e o catolicismo são doutrinas incompatíveis entre si. Vamos à prova.

«««O catolicismo crê na existência de um Deus pessoal, consciente, um Deus-Providência; o espiritismo fala-nos também de Deus, é certo, mas numa concepção demasiado vaga e até errada da Divindade, confundindo-a frequentemente com o deus panteísta, um deus força anímica do mundo, um deus sem verdadeira personalidade, a quem não é preciso prestar culto.

«««O catolicismo crê no milagre; o espiritismo nega a possibilidade ou a sobrenaturalidade do milagre. Não admite sequer o sobrenatural.

«««O catolicismo considera o homem tal como ele é, um composto de alma e corpo, ou seja, espírito e matéria; o espiritismo inventou um novo elemento constitutivo do homem: o perispírito ou corpo astral, ficando assim uma trilogia: corpo, alma e perispírito.

«««Mas que vem a ser esse famoso corpo astral ou perispírito? Uma espécie de goma arábica, tendo por função colar o corpo à alma. Quando o homem morre a alma deixou o corpo animal e levou consigo o corpo astral, a tal goma que servirá para a colar a outro corpo, quando a mesma alma voltar a incarnar em novo corpo animal. Fantasias, que a Filosofia e o bom senso rejeitam em absoluto.

«««O catolicismo ensina que, após a morte, a alma entra na eternidade, feliz ou infeliz, Céu ou Inferno, conforme o tiver merecido, indo purificar-se no Purgatório antes de ser admitida ao gozo da bem-aventurança, se tiver faltas leves a expiar.

«««O espiritismo diz que não existe Purgatório nem Inferno mas apenas o Céu, ou melhor, uma nebulosa de bem-aventurança, muito diferente do céu católico.

«««A purificação dos maus, continuam os espíritas, opera-se por meio da transmigração, isto é: reencarnação das almas noutros corpos, tantas vezes quantas sejam precisas para ganharem juízo e portarem-se bem. Só quando a alma conseguir levar neste mundo uma vida perfeita, é que desincarnará pela última vez, dando-se assim por finda a sua série de andanças e estágios, e entrando na posse de uma felicidade tranquila e imperecível.

«««O catolicismo diz que as almas dos mortos não voltam a este mundo, a não ser em casos excepcionais, absolutamente miraculosos, por especial permissão de Deus, para fins elevados e dispostos pela Providência, sem que tais aparições dependam da vontade humana mas exclusivamente da divina.

«««O espiritismo sustenta que os mortos podem comunicar com os vivos mais facilmente do que os pescadores da Terra Nova com as suas famílias.

«««Essa comunicação não se faz directamente, mas sim por intermédio de certas pessoas, chamadas médiuns, dotadas de qualidades especiais de sensibilidade psicológica.

«««Não é o corpo nem espírito dos médiuns que se põe em contacto com as almas desencarnadas: é o seu corpo astral ou perispírito, entrando em vibração correspondente à vibração da alma ou do perispírito da pessoa desencarnada com quem desejam parlamentar. E depois, o médium fala e o mundo acredita!

«««E assim, para os espíritas, as visões e manifestações dos mortos não dependem da vontade de Deus, mas do arbítrio dos vivos, que os chamam quando e onde lhes der na gana, contanto que seja através dos privilegiados médiuns.

«««E isto, seja para que finalidade for, mesmo por simples curiosidade.

«««Quer dizer: é o Mundo do além às ordens do mundo do aquém. E aqui acrescentam alguns espíritas que também pode haver cães médiuns... Talvez o seja aquela égua que na América adivinha...

«««O catolicismo baseia as suas doutrinas nas revelações feitas por Deus aos homens, por meio dos Patriarcas, dos Profetas, de Moisés, de Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, dos Apóstolos, dos escritores sagrados que na Bíblia consignaram a palavra de Deus.

«««O espiritismo diz aceitar as revelações do Velho e do Novo Testamento, mas deturpa-as, considerando Moisés e os Profetas como grandes médiuns, que se entendiam com o mundo do além por processos espíritas. Para eles, Jesus Cristo não é Deus feito homem: foi apenas o maior e mais admirável de todos os médiuns, porque no seu corpo reincarnara um espírito mais puro e mais perfeito que o vulgar.

«««Para o catolicismo, a divina Revelação, a Revelação oficial, digamos assim, terminou com a morte do último dos Apóstolos, ficando deste modo lançado no mundo um corpo de doutrinas morais e dogmáticas, que à Igreja compete guardar, ensinar, defender e interpretar.

«««Para os espíritas, a Revelação continua; a pregação de Cristo não passa de um episódio, prosseguindo as revelações através dos tempos e por meio dos espíritas e seus médiuns. E todas estas têm o mesmo valor que as de Cristo.

«««A Ética do espiritismo inculca, sem dúvida, a caridade e a solidariedade humana, o que nada tem de novo, nem é favor nenhum, porque essas virtudes estão precisamente na base da Moral católica.

«««Mas, esperem lá um pouco: o conceito de caridade e fraternidade do espiritismo apresenta-se deformado, incompleto, porque não se fundamenta no amor de Deus e até dele prescinde.

«««A caridade, a fraternidade, a solidariedade cristã, pelo contrário, fazem parte de uma virtude mais alta que é o amor de Deus, dele derivando o amor dos homens, nossos irmãos porque filhos de Deus.

«««Mas há mais: a Moral espírita desconhece certas virtudes cristãs, como sejam a castidade, a humildade, a perfeição interna, uma retribuição final da virtude e punição do vício, dignas de Deus e do homem.

\*

«««E agora, problema importante: como provam os espíritas as suas doutrinas?

«««Pela palavra muito honrada dos espíritas de categoria, pelas respostas dadas pelos mortos às questões dos vivos, principalmente nas sessões espíritas; pelos fenómenos de aparições, ruidos e toques misteriosos, produção de ectoplasma, mesas que dançam, manifestações de espectros e fantasmas, fotografias de espíritos, etc..

«««A propósito: sabem o que é o ectoplasma?

«««É uma substância especial que dizem brotar do corpo dos médiuns, uma espécie de materialização vaporosa do seu perispírito ou corpo astral.

«««Mal comparado, faz lembrar a cauda luminosa dos cometas, quando estes resolvem passar aí por perto...

«««Dividem os espíritas os seus fenómenos em factos maiores e factos menores; todos eles, porém, não provam muito nem pouco.

«««Os autores do espiritismo têm sido, não raras vezes, surpreendidos em fraude.

«««Os tais factos maiores, como sejam as aparições de espíritos, produção de ectoplasma, etc., são sempre levados a efeito em circunstâncias que tornam impossível qualquer controle sério e científico: na obscuridade, a distância, longe dos espectadores, por detrás dos biombos, entre panos negros, e assim por diante. Sempre que algum investigador exigiu sérias condições de análise, ou descobria-se o truc, ou nada acontecia.

«««Quanto às pretensas fotografias dos espíritos, basta dizer-se que só podem obter-se por intermédio de fotógrafos conhecedores dos segredos espíritas e com chapas por eles preparadas.

«««Qualquer oficial de fotógrafo sabe como arranjar trucs desse género. As respostas dos médiuns, basta refletir-se em que estão sempre de harmonia com as ideias, a cultura e a mentalidade desforjadas por eles.

«««Também é frequente serem adaptadas, tais respostas, ao pensar da existência crédula, o que é igualmente significativo.

«««Relativamente aos chamados factos menores, como as pancadinhas nas paredes, mesas dançantes, etc., tudo tem a sua explicação natural, sem

se precisar de recorrer a espíritos desencarnados. São obra de espíritos encarnados...

«««Quando não são fraudes (como aconteceu já com as célebres irmãs Fox), tudo isso se pode explicar pela telepatia, magnetismo animal e outros fenómenos naturalíssimos. Não são intervenções de almas do outro mundo.

«««Eis, em síntese, os principais motivos por que a Igreja reprova formalmente o espiritismo, que não passa dum perigosa heresia e de um acervo de mistificações e absurdos.»»»

E ainda nesse mês, o mesmo jornal dá a lume mais um artigo, desta vez no dia 19, sob o título «Espiritismo, Bruxaria & C<sup>a</sup>.: uma Firma Desavinda», que transcrevemos também:

«««Lavra grande indignação nos arraiais espiritistas por causa das confusões que se têm estabelecido entre espiritismo e bruxaria. Estão zangados com a Imprensa em geral e com as “Novidades” em especial e procuram definir e estremar os campos: de um lado, o espiritismo que é ciência e religião, solidamente firmado em mesas de pé de galo; do outro, a cartomância e bruxaria, que não passam de charlatanice, em roda de velhas e sebentas trípodes.

«««A Imprensa não costuma distinguir as duas coisas, porque na prática elas andam de braço dado e conduzem aos mesmos resultados.

«««O «Diário de Notícias» informava, há pouco, em noticia do Entroncamento, que se está ali praticando com verdadeiro desaforo o “espiritismo e outras coisas quejandas”, que têm levado algumas pessoas à loucura, como aconteceu recentemente a uma pobre rapariga daquela vila. Por sua vez, “O Século” noticiava que está marcado para o dia 29 o julgamento de uma mulher que apanhou mais de 300 contos a uma antiga actriz, “com a promessa de, por meio de processos de espiritismo, ensinados por duas brasileiras, lhe curar uma grave enfermidade que tem numa perna”.

«««O «Correio do Ribatejo», de 4 de Abril, também não soube fazer a distinção, ao referir-se a “casos de loucura sobrevindos por efeito de práticas ocultas, bruxedos, espiritismo e quejandas malas-artes, de pôr os cabelos em pé e os miolos em água aos desditosos que se deixam cair nas malhas daquela rede”. Por outro lado, «A Comarca de Arganil» noticiava, em 28 de Março, que as autoridades locais tinham mandado prender a bruxa do Caneiro e a bruxa do Vilar, ambas as quais foram afiançadas por individuos interessados no rendoso negócio.

«««Pois a «Revista de Metapsicologia», talvez a sucessora de outra que se publicou para aí com o título de «Estudos Psíquicos», viu-se obrigada a inserir no seu último número o seguinte “Aviso aos Incautos”:

«««»Não são espiritas os que exploram a fácil credulidade das pessoas incultas, ou fanáticas, exibindo falsas faculdades e recorrendo a artifícios de toda a espécie para melhor iludirem a boa fé dos incautos.

«««»Não são espiritas os que se entregam à adivinhação pela invocação dos espíritos (necromância), porque o Espiritismo não é arte adivinhatória e por isso os espíritos que se prestam a semelhante papel são, necessariamente, inferiores – por mais pomposos que sejam os nomes com que se apresentem – e o seu convívio só poderá ser prejudicial.

«««»As casas das chamadas mulheres de virtude, cartomantes, bruxas, e de todos os outros que se dedicam a estas práticas supersticiosas, são focos de infecção espiritual onde os espíritos inferiores vivem permanentemente e fazem seu campo de manobras.»

«««Este aviso é importantíssimo e esclarecedor.

«««Os redactores da «Revista de Metapsicologia» dividem os espíritos em duas classes: espíritos superiores, os que andam em conversa com eles e não pretendem adivinhar o futuro; espíritos inferiores, os que manobram com as bruxas e se prestam a adivinhações. De onde podemos concluir que há também duas espécies de espiritas – os superiores e os inferiores – e que as bruxas não andam muito fora da razão quando reclamam um “lugar ao sol”, nem os jornais muito fora da verdade enquanto a Federação Espirita Portuguesa lhes não fornecer uma lista, bem discriminada, de uns e outros espíritos.

«««Já sabemos, aliás, da distinção em alto e baixo espiritismo. Estas coisas costumam ser sempre importadas do estrangeiro. Podia lá um William Crookes conversar com os mesmos espíritos que a bruxa do Candal, ou Lord Dowding equiparar-se à bruxa do Caneiro! Também nisto precisa de haver uma certa hierarquia...

«««Ora o referido número da «Revista de Metapsicologia» publica em editorial um artigo com este título:”“Novidades” ataca o Espiritismo – o Espiritismo defende-se”.

«««É grave o artigo, porque é algo gaguejante e confuso e afirma que nós dissemos que todos os espiritas são charlatães e que os Médicos, os Professores, os Engenheiros, os Advogados, os Oficiais do Exército e da Armada, que em Portugal são espiritas, não passam de charlatães e de bruxos!”.

«««Onde é que o sr. Manuel Caetano de Sousa leu isso nas “Novidades”? Nós, felizmente, também sabemos fazer distinções: tanto no espiritismo como na bruxaria, há os charlatães e os charlatanizados - passe o termo. A grande maioria, se não a quase totalidade dessas pessoas importantes aderentes ao espiritismo, pertence à segunda classe. E – pasmai, ó gentes! – também não deixa de estar representada nos consultórios das bruxas. Quer isto dizer que, em todas as classes sociais, há indivíduos dotados de grande



ingenuidade, com uma zona do espírito extraordinariamente permeável às várias espécies de credice e superstição. São esses os charlatanizados, os espiritualmente “vigarizados”, que chegam a cobrir com o seu nome de sábios noutras matérias as fraudes do espiritismo.

«««Teremos, porém, de voltar ao assunto. Entretanto, ocorre-nos esta pergunta: - Que dirá a respeitável classe das bruxas ao inesperado ataque dos espiritas?»»»»

E, continuando, o jornal do dia 23 , publica: «««O ESPIRITISMO CONCORRE PARA A EXPANSÃO DA LOUCURA – diz o Dr. Egas Moniz

«««Houve tempo em que o espiritismo era considerado uma dessas extravagâncias oriundas da América a que se não prestava nenhuma atenção. Apareceu-lhe, porém, em França um grande profeta na pessoa de Leão Hipólito Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudónimo de Allan Kardec.

«««Na América, a difusão do espiritismo foi favorecida pela seita dos quakers e por uma sociedade secreta designada pelas iniciais «H. B. of L.» (Hermetic Brotherhood of Luxor). Em França, está intimamente ligada à maçonaria. Kardec teve como percursos no século XVIII os magnetizadores, bem conhecidos pela sua actividade maçónica. Mesmer foi recebido em Paris, em 1781, como mação estrangeiro, pelas lojas francesas. O seu amigo Wilermoz fundou várias lojas e foi em Lião o grão-mestre dos Êlus-Cohens. Allan Kardec e Leão Denis, os divulgadores do espiritismo, pertenciam ambos à maçonaria.

«««Por estes bons princípios, já se podia augurar o que havia de ser o espiritismo como doutrina e como “religião”. Restava, porém, a outra parte: - Que era ele como “ciência”. Que crédito mereceriam as “experiências” realizadas pelos espiritistas e os “fenómenos” que eles diziam estarem perfeitamente averiguados?

«««Chegou a acreditar-se nos meios católicos que eles falavam verdade em alguma coisa. Na impossibilidade de entrarem em comunicação com o que eles chamam “espíritos desincarnados”, chegou a admitir-se que o diabo tivesse frequente intervenção nas sessões espiritas.

«««Com o andar do tempo, homens de ciência, quer católicos quer não católicos, resolveram estudar de perto essa fenomenologia e chegaram à mesma conclusão: embuste, mentira, intrujice...

«««A maior parte dos pretensos fenómenos espiritas são puro ilusionismo dos médiuns, como alguns têm confessado. Lembre-se, por exemplo, o depoimento das irmãs Fox. Por conseguinte, mentira.

«««Outra parte são fenómenos naturais, uns normais, outros anormais, como os do hipnotismo, histeria, etc.. Atribui-los à acção de espíritos «desincarnados», é mentira.

«««Poderia também o demónio ter alguma intervenção, porque tanto o espiritismo como a maçonaria servem perfeitamente a sua causa. Mas seria néscio e pueril imaginá-lo obrigado a responder às perguntas tolas de qualquer ocioso aposentado. Como escreveu Menéndez Pelayo, o «demónio nunca teve fama de mentecapto». E, se respondesse, que poderia ele dizer senão mentira?

«««O espiritismo é simples embuste, pura mentira, a maior intrujice do nosso tempo. Por isso, não estranhe a «Revista de Metapsicologia» que as Novidades o ataquem. Atacam-no com perfeita segurança, atacam-no frontalmente, atacam-no como mentira que é.

«««Quanto aos espiritistas, apenas atacam os que, conhecendo o embuste, nele colaboram. Aos outros limitam-se a dar um conselho: - Estudem, investiguem, mas com espírito verdadeiramente crítico. Não acreditem nas lérias do Allan Kardec e de outros teóricos do espiritismo. Coloquem-se em disposição de espírito perfeitamente científica. Analisem, vejam, discorram. Não se deixem iludir.

«««Se querem a opinião de um cientista, aqui vai o depoimento do sr. Dr. Egas Moniz, no seu livro ‘Ao lado da Medicina’, pág. 21-23. Falando de superstições, depois de citar o caso das “chinesas dos bichos”, escreve:

«««”Há outras, porém, que tomam aspecto grave, levando a consequências psicóticas. Entre elas, devemos pôr em relevo a superstição espirita. Teve a sua origem na América do Norte, em meados do século passado, e deu a sua entrada na Europa em 1852, tendo tomado rápida expansão. Ou não se tratasse do maravilhoso a acicatar a curiosidade de pessoas ávidas de sensações novas! O espiritismo alcançou, em poucos anos, só em França, cerca de quarenta mil filiados e criou também numerosos adeptos em Portugal.

«««”A nova religião, se assim lhe podemos chamar, conta, no mundo, para cima de doze milhões de prosélitos. A Imprensa ocultista é numerosa; a propaganda intensa. Em 1904, já existiam cento e trinta revistas e jornais diversos e o seu número não deve ter diminuído.

«««”Sentir os espíritos, te-los à ordem para informarem no repenicado da mesa de pé de galo e em outras práticas de mais curioso engenho, é sensação estranha que as pessoas sugestionáveis transformam de dúvida em supostas realidades. Os que afirmam ter sentido, ouvido e até visto os espíritos, vão exercendo a sua acção persuasiva sobre os novos iniciados. E a onda cresce. De começo, há o natural sobressalto que causa o contacto com os mensageiros do depois-da-vida. É a predisposição psicológica para

a aceitação de factos sem reserva. Impressionam como imagens que passam em cosmorama, dando origem a uma forte mística supersticiosa.

««««?»As almas penadas dos homens ilustres andam em peregrinação terrena, sendo chamadas, ao mesmo tempo, em vários lugares, acudindo pressurosas ao capricho dos médiuns, com aquele dom de ubiquidade que só era atribuído aos deuses. O espírito de Napoleão, por exemplo, é consultado a miúdo, e agora ainda o há-de ser mais vezes, a propósito da táctica dos exércitos em luta. O exilado de Santa Helena sofre as consequências da sua justificada celebridade, andando nestes vãos pelo espaço, ao capricho das gentes crédulas, que julgam ter sob o seu comando imperadores, sábios e santos, como as crianças têm às suas ordens submissos soldados de chumbo! Daí um verdadeiro delírio colectivo que assenta sobre uma base alucinatória. Os espíritos andam em farândula nos templos da seita e rondam os ouvintes nas salas de conferências do ocultismo.

««««?»Importa saber que estas práticas e propaganda trazem consequências funestas que os psiquiatras averiguam na clinica. Lévy-Valinsi chamou ao espiritismo a “ante-câmara da loucura” e o austriaco Donath classifica-o de “superstição vergonhosa para o nosso tempo, pois embrutece o povo e é perigosa para a saúde”.

««««?»O espiritismo não gera uma psicose especial, mas concorre para a expansão da loucura. São os débeis mentais, os degenerados, os psicacténicos, os individuos de limitada instrução e grande sugestionabilidade que formam a corte dos adeptos mais fervorosos. Sem essa acção prejudicial, todos esses individuos poderiam estacionar na vida social, numa relativa normalidade. Diz George Dumas que entre os doentes mentais, por ele observados, de tipo paranóide e de delírio de influência, sessenta por cento tinham praticado o espiritismo. Sinistra superstição em que a fraude e – o que é pior – actos delituosos se praticam, segundo informa Gouriou, que frequentou esses meios.”

««««Parece-nos que a «Revista de Metapsicologia» em vez de perder tempo e espaço a dizer larachas às Novidades, devia transcrever este depoimento do ilustre médico psiquiatra, para perfeita elucidação dos seus leitores. E depois, se tivesse garra para tanto, poderia chamar a uma sessão pública o “espírito” de Napoleão a refutá-lo.»»»»

No dia seguinte, novo artigo surge no «Novidades», desta vez intitulado: ««««AS BRUXAS PROFISSIONAIS NÃO QUEREM NADA COM OS ESPIRITISTAS

««««- Uma carta da respectiva Associação

««««Como dissemos, a «Revista de Metapsicologia» publicou um “aviso aos incautos”, em que atribuía às bruxas a convivência com “espíritos

inferiores”. Logo nos pareceu que as bruxas não haviam de gostar da brincadeira. Pois aí temos a seguinte carta em que elas se defendem de semelhante calúnia:

««««Senhor Redactor:

««««O Orgão da Federação Espirita Portuguesa, invejando-nos a ilimitada fama e magros proventos, quer obrigar-nos a “desincarnar”, à mingua dos únicos clientes de quem fiamos o presente e o futuro. Aquele “Aviso aos Incautos”, feito com tanta solenidade pelos espiritistas, pende sobre as nossas cabeças qual espada de Damocles, visto que os cautos já estão todos com eles.

««««Imaginam talvez que levamos vida folgada e dispomos de mundos e fundos, quando a verdade é que não passamos de uma pobreza tão honrada quanto o permite a relatividade da nossa profissão. Já o Camilo, nas Memórias do Cárcere, notava as limitações da vida social portuguesa, onde nem sequer logra vingar nenhum criminoso célebre. Quanto maior não é a estreiteza do domínio das malas-artes e artes correlativas, que normalmente se têm de exercer em clandestinidade!

««««Para conquistar fama de que resultasse algum proveito, houve bruxas que tiveram de se intitular “videntes” e adoptar nomes estrangeiros, como Madame de Thèbes e Madame Brouillard. Nós, os que pelo patriotismo nos resignamos à obscuridade da nossa condição, temos sido sempre as grandes sacrificadas. Não estamos, porém, dispostas a trocar a independência por míseros pratos de lentilhas. Temo-nos recusado a quaisquer ligações com a maçonaria e só sabemos da existência de Allan Kardec e de outros maduros por ouvir dizer.

««««Na hora actual, sofremos da crise de que padecem todas as profissões liberais, menos a dos espiritistas, tão bem instalados na vida que até se dão ao luxo de ter um órgão bem afinado, como é a «Revista de Metapsicologia».

««««Sabemos que o diabo é artreiro e as prega ao mais pintado na menina do olho. Estavamos, no entanto, mui longe de imaginar que os espiritistas eram capazes de recorrer à calúnia, para nos desacreditar entre as “pessoas incultas ou fanáticas” que, desiludidas das mesas-pé-de-galo, recorrem às nossas tripeças. Com que então as nossas casas são “focos de infecção espiritual onde os espiritos inferiores vivem permanentemente”?!

««««Figas, canhoto! Nós não temos nada com o que eles chamam “espíritos”, nem superiores, nem inferiores. Se algum, por acaso, nos invadissem a casa, era logo desinfectado com defumadouros de arruda e alecrim. Governem-se eles com os “espíritos desincarnados”, que lhes ditam de “Além Túmulo”, poemas inéditos de Guerra Junqueiro e quejandas pachouchadas, e não venham caluniar uma classe humilde que, embora viva de intrujar a humanidade, procura faze-lo o mais

honestamente possível e não tem culpa nenhuma de ser infinito o número dos parvos.

««««Chegados ontem ao mundo das malas-artes, os espiritistas pretendem, como todos os arrivistas, desacreditar os confrades e conquistar um monopólio. Querem açambarcar os “espíritos” superiores e impingir-nos os inferiores! Não iremos queixar-nos à Intendência, mas permitimo-nos fazer, embora não seja esse o nosso forte, uma pequena digressão histórico-filosófica. Corujas e morcegos nos despenteiem, se não é pura verdade tudo quanto passamos a expor.

««««A arte da bruxaria é quase tão antiga como a humanidade. Desde a hora H em que a nossa mãe Eva falou com a serpente no paraíso terreal e trincou a maçã, ficámos iniciadas na nossa profissão. É uma arte essencialmente feminina e, por isso, desde já protestamos contra todos os intrusos do chamado sexo forte, quer do passado, quer do presente e do futuro.

««««Conquanto pertença ao grupo das malas-artes, participa também, por essa graça feminil, da elegância e subtileza das artes-belas. Quando os poetas falam na magia do olhar, nos filtros de amor, nas mãos de fada, nos sorrisos feiticeiros, estão a referir-se às mulheres em geral com imagens que nos pertencem a nós em especial.

««««Não iremos agora deduzir a nossa genealogia desde a Sibila de Cumas ou a Pitonisa de Delfos, da corça de Sertório ou da burra de Baleão. Basta que se saiba que imperámos na corte da Pérsia alguns milénios antes de Mossadeque, e proliferámos no Egipto quando só nós sabíamos que havia de aparecer um Naguibe. Por sinal que, no tempo dos Faraós, já os homens invadiram as nossas atribuições e fizeram aquele bonito serviço de macaquear sem grandeza os prodígios da vara de Moisés.

««««Se da Alta Antiguidade passarmos à Baixa Idade Média, veremos a bruxaria um tanto decaída do seu prestígio, mas ainda assim em situação tão invejável que os homens quiseram furtar-nos os segredos, instituindo um curso de Malas-Artes nas Covas de Salamanca, sob a regência do próprio Brazabu. É claro que ficaram logrados, porque os melhores livros de texto, nós os guardamos em arcas encouradas, e escritos em linguagem que nem o demo consegue decifrar. Bem se têm esforçado os Champolions de todos os séculos, mas isso... tó-rôla!

««««Entrámos depois na literatura nacional pela mão de Gil Vicente. Este ainda conseguiu perceber alguma coisa, como pode ler-se no Auto das Fadas:

- Gato Negro, negro é o gato, Bode negro anda no mato, Negro é o corvo e negro é o pez, Negro é o rei do enxadrez, Negra é a vira do sapato, Negro é o saco que eu desato.

«««Em Espanha, temos a honra de figurar também na obra de Miguel Cervantes; na Inglaterra, no Macbeth de Shakespeare; na Alemanha, no Fausto de Goethe. Falamos sempre em termos mágicos que nos ficam a caracter, mas mais ou menos acessíveis aos profanos. Os spiritistas, esses, é que têm a mania de recorrer a palavras pseudo-helénicas, como a metapsíquica, à qual, em escorreito luso-árabe, corresponde simplesmente aldrabice.

«««Algum tanto temos padecido, mercê da nossa bem justificada fama, nos ominosos tempos da Inquisição: esticões no potro, tratos de polé e outros reais, que podem ver-se nos compêndios de história da época liberal. Ainda se não dissipou nos ares um certo cheirinho a bruxa assada e ainda trazemos um pouco desengonçados aqui, salvo seja, os ossos de suã.

«««E, afinal, estávamos, como ainda estamos, quase inocentes. Algumas há que esquecem a deontologia profissional e se põem a ler sinas, como as ciganas. Mas quando nos limitamos a atalhar o mau-olhado, cortar o bicho, talhar erisípelas e erisipelões e endireitar espinhelas caídas, quem há aí que tenha o direito de nos malsinar? Certas espécies de doentes, tratados pela medicina oficial, teriam de gastar imenso dinheiro em especialistas com análises e radiografias, e obteriam alfim o mesmo resultado de irem parar ao manicómio. Aliás, mesmo em matéria de previsões, costumamos acertar em cerca de cinquenta por cento – o que não é nada desonroso, em comparação com os vários almanaques e com o boletim metereológico. Também como eles costumamos dizer o tradicional Deus super omnia, embora os clientes o não entendam mercê da decadência a que chegou em Portugal o estudo do latim.

«««Enfim, Sr. Redactor, para encurtar razões, vimos também, por nossa parte, pedir-lhe o favor de suprimir nas Novidades essa epígrafe de Espiritismo, Bruxaria & C<sup>a</sup>., por ofensiva do nosso brio e dignidade profissional. Pode bater-nos à vontade, que está no seu papel, pois não passamos de umas pobres intrujonas. Isso não nos causa grande mozza, porque temos a certeza de que continuaremos a existir até ao fim dos tempos, acompanhando a humanidade como a sua sombra negra, e ainda se há-de falar de nós na literatura e no folclore quando o espiritismo estiver inteiramente desacreditado e reduzido a um fóssil da história. Importa, porém, ressalvar agora a nossa dignidade de pessoas humanas, que não agem por moções de “espíritos desincarnados” e não gostam, apesar de tudo, de andar em más companhias.

«««Se nos fosse permitido, até lançaríamos este brado para além das fronteiras: - Bruxas de todo o mundo, uni-vos! Estamos ameaçadas de sério descrédito pela “Revista de Metapsicologia”. Precisamos de mostrar a toda a gente que, embora vivamos de iludir os incautos, continuamos no uso das nossas faculdades mentais. Para isso estamos a organizar uma



associação de classe que esperamos sirva de modelo a outras de carácter internacional.

«««Muito gratas lhe ficaremos, Senhor Redactor, pela publicação desta carta e, em paga, prometemos livrá-lo dos maus-olhados dos espiritas que são, sem dúvida, uns grandes sábios, mas não merecem muita confiança. – A Associação Profissional das Bruxas (em Organização).»»»»

A ironia das palavras acima ultrapassa tudo o que de sério se possa encontrar por quem procura defender a sua ideia, esteja ela certa ou errada; só não compreendemos como o articulista da «Revista de Metapsicologia da F.E.P. lhes responde; onde esteve o bom-senso e a humildade que o espirita deve demonstrar?

E outras duas perguntas se nos põem também: o que fez as coisas acontecerem assim: a pugnação pela verdade, como se ela pudesse ser aceite por quem se sentia superior – ou, pelo contrário, um sentimento grande de vaidade ou orgulho, que não deixou ver a nenhum elemento da F.E.P. a necessidade de silenciarem? Nem sempre a perseguição pede que se vá ao terreiro tecer armas... Jesus não foi o Maior Mestre a ensinar o quanto o silêncio é importante, o quanto a humildade conquista muito mais – mesmo quando a razão está do nosso lado? Não vamos concluir que “estava escrito” ou que “tinha que ser assim”: pelo contrário, pensamos precisamente o contrário: os homens é que quiseram que fosse assim!...

Mas, continuemos:

O editorial de Abril traz nova resposta de Caetano de Sousa, desta vez intitulada: «««VAMOS RESPONDER A ‘OS RIDICULOS’ da Rua de Santa Marta:

«««Como muita gente, estávamos na suposição de que na Rua de Santa Marta existia um jornal com aquela compostura e com aquela austeridade que não podem deixar de ser exigidas a um órgão que pretende servir uma ideia generosa e grande que arvora a bandeira Divina, - à sombra da qual se abrigam milhões de almas! Supunhamos, enfim, tratar-se de um órgão de cultura moral – na sua tarefa de construção de um Mundo com face mais humana, mais séria, inibido, por isso mesmo, do uso de facécias ridículas, que não são de admitir na compostura de pessoas cultas, nem nos Templos austeros da sabedoria. Enganámo-nos, e temos pena! Em seu lugar surgiram-nos «Os Ridiculos» do velho «Caracoles». Estes fazem rir, e dispõem bem o leitor; os novos «Ridiculos» dão vontade de chorar porque são mesmo ridiculos na suposição de que podem servir a verdade com a mentira e harmonizarem a compostura e a austeridade com a graça dos comediantes. É uma tristeza que confrange, mas é assim mesmo.

««««Se os novos ‘Ridículos’ nos podem desmentir, que o façam, tal como nós vamos desmenti-los e documentar quanto dizemos.

««««Três artigos até agora vieram publicados no sucessor de «Novidades», como resposta ao nosso editorial do último número. O primeiro em 19, o segundo em 23 e o terceiro em 24 de Abril.

««««No artigo do dia 19, o que de mais saliente se diz é o seguinte:

««««1º - Que nós, espiritas, estamos zangados com a imprensa em geral, pelas notícias que têm vindo a lume, sobre bruxas e sobre espiritismo.

««««Para não serem sós em campo, os senhores da Rua de Santa Marta chamaram em seu auxilio os outros jornais. O caso não tem importância de maior... Mas como pode servir para definir um processo de fazer jornalismo, convidamos os novos “Ridículos” a dizerem aos seus leitores, e a nós, onde e quando esta Revista ou qualquer outro órgão da imprensa espírita em Portugal, se zangou com a imprensa em geral.

««««Nós afirmamos que os jornais mencionados pelo sucessor de “Novidades”, tais como Diário de Notícias, Século, Diário de Lisboa, etc., publicaram já, por mais de uma vez, notícias de acontecimentos supranormais abrangidos pela fenomenologia espírita e metapsíquica, sem roubar o carácter sério ao noticiário. Que têm feito referências sérias a obras doutrinárias e científicas do Espiritismo e da Metapsíquica, como respeitadores que são do estudo e das convicções alheias. Convidamos os novos “Ridículos” a desmentirem-nos, fundamentando, assim, solidamente, o motivo de zanga dos espiritas, **para com a imprensa em geral.**

««««2º - Que a Revista de Metapsicologia, (em virtude do que ultimamente se tem passado) **se viu obrigada a publicar, no seu último número, o seguinte aviso aos incautos:** (transcreve o aviso prevenindo os espiritas contra a charlatanice, etc.).

««««- O jornalista dos novos “Ridículos” **falta à verdade com quantos dentes tem na boca**, o que é desonesto e impróprio, mesmo num jornal de facécias.

««««Desde a fundação, em 1927, do primeiro órgão da Federação Espírita Portuguesa, «Revista de Espiritismo», que todos os seus órgãos têm permanentemente publicado o aviso em referência.

««««Convidamos os novos “Ridículos” a provarem que não é assim para não ficarem por mentirosos.

««««3º - À laracha dos espíritos bons e dos espíritos maus quase não vale a pena responder... Mas sempre perguntaremos a “Ridículos”: Confunde os Santos do seu calendário com os seus demónios das trevas eternas?

««««4º - Querendo defender-se da acusação de que chamou charlatães aos próprios espiritas e metapsiquistas de cultura, responde-nos:

«««- Tanto no espiritismo como no bruxedo há os charlatães e os charlatanizados. A grande maioria **se não a quase totalidade dessas pessoas importantes pertencem à segunda classe.**

«««Quer dizer: a multidão de gente culta, (Professores catedráticos, médicos, engenheiros, professores, advogados, oficiais do Exército e da Armada, etc.), que militam no Espiritismo e na Metapsíquica, não são mais do que uns pobres “trouxas”, a deixarem-se engolar por meia dúzia de trapaceiros sem cultura ou por qualquer bruxa da Arruda! Continua a não se salvar um só. Os novos “Ridículos” tiraram-nos a todos do sal para mergulhar na salmoura. O próprio Parlamento inglês não passa de um Parlamento de “anjinhos”, de charlatanizados!

«««No número do dia 23 o sucessor de “Novidades”, negando a intervenção dos próprios demónios nas sessões espíritas, diz:

«««1º - Com o andar dos tempos homens de ciência, quer católicos quer não católicos, resolveram estudar de perto essa fenomenologia e chegaram à mesma conclusão: **embuste, mentira, intrujice.**

«««- Limitar-nos-emos a responder que, neste caso, o sucessor de “Novidades” desmente o Cardial Lépiciér, e desmente Roma, que sancionou o seu livro; como desmente o padre Maigne, professor do Instituto Católico de Paris, que afirma ter ele próprio comunicado com o mundo invisível. Mas, enfim, isso é lá uma questão entre família... Nada temos com isso.

«««2º - O que de mais substancial traz este artigo é o recurso ao livro ‘Ao Lado da Medicina’, do Sr. Dr. Egas Moniz, para nos dizer que o Espiritismo concorre para a expansão da loucura.

«««... Mas convidamos o sucessor de “Novidades” a provar-nos que a ideia religiosa que julga servir não conduziu, ainda, nem poderá conduzir, ninguém à loucura.

«««Convidamo-lo, também, a provar-nos, que a própria aplicação, em excesso, à escola e ao estudo, não concorre para a expansão da loucura. Da mesma forma o convidamos a consultar as estatísticas, para avaliar dos casos de loucura de místicos e de alcoólicos.

«««Teremos, então, que mandar encerrar os Templos e queimar os livros sagrados? Teremos de mandar fechar as escolas e queimar os compêndios de cultura? Teremos, ainda, de proibir a produção de vinho, deixando de dar pão a alguns milhões, e mandar queimar as adegas e as caves, privando os doentes e o próprio ritual dos ofícios divinos, do precioso néctar?

«««Os homens de Santa Marta que respondam.

«««No número de 24 de Abril o sucessor de “Novidades”, fazendo da sua Redacção a pista do Coliseu, dispõe-se a fazer rir – até às lágrimas! – os seus numerosos fiéis. Como bons carpinteiros preparam o golpe teatral e, no mesmo lugar onde tantas vezes tem sido montada a cena evocadora e

comovedora do Presépio, onde tantas vezes se tem mostrado a face divina de Cristo e dos Apóstolos, os “Ridículos” da Rua de Santa Marta erguem um antro de bruxaria, sem faltar a cabeça desgrenhada da bruxa, os corvos e todo o cenário apropriado para um bom espectáculo no género...

«««... E o espectáculo começa, efectivamente: - a Redacção transforma-se em «**Associação das Bruxas Profissionais**»; o cronista, todo de negro vestido, como convém à cena, faz de “Bruxa-Mor” e lê uma carta de protesto contra o Aviso aos Incautos publicado pela “Revista de Metapsicologia” e por todos os Boletins da Federação Espirita Portuguesa desde 1927. Nesse protesto, a Bruxa-Mor, na pessoa do cronista, que desempenha o papel a rigor, denuncia os espiritas como maçons, na esperança de que a policia o possa ouvir, cá fóra, na rua, e entre em acção para pôr termo ao desafôo e movimentar a cena, que vai animadíssima...

«««Há um pequeno intervalo, que os artistas da Rua de Santa Marta aproveitam para rezarem a Oração de S. Cipriano.

«««Depois a Bruxa-Mor, estupendamente interpretada pelo cronista, continua a leitura do protesto da sua **Associação de Classe** contra os espiritas, recordando os martirios sofridos pelas bruxas profissionais, entre os quais salienta os «esticões no potro», e lembrando que “ainda se não dissipou nos ares um certo cheirinho a bruxa assada...” (sic).

«««... O cronista ou Bruxa-Mor está visivelmente cansado pelo emocionante da cena e bem merece, na verdade, um ou dois espiritazinhos assados em espeto mergulhado na chama de grossa fogueira, onde ardam todas as revistas, todos os jornais e todos os livros sobre Espiritismo e Metapsíquica!

«««Não lhe demorem o repasto...

«««... Pouco depois dele o pano descerá lentamente, os artistas da Rua de Santa Marta recolherão a bastidores, despirão os trajes da cena, lavar-se-ão das tintas e dos cosméticos, e irão deitar-se, fazer a oração da noite e mergulhar no sono dos justos...

«««Se alguém duvidar da realidade do espectáculo, queira ler os novos “Ridículos” de 24 de Abril.»»»»

E o despique mantem-se, embora não continuemos com as transcrições: elas são todas no mesmo género! Referiremos, apenas, os titulos dos artigos publicados, todos eles, pelo “Novidades”:

Em 8 de Maio, o artigo intitula-se: «Poderão os vivos comunicar com os mortos? As almas penadas...».

No dia 13, outro titulo: «O Espiritismo e as suas frinchas descalafetadas»;

No dia 22, outro ainda mais sonante, a chamar bem a atenção dos leitores: «A Grande Burla – O Espiritismo no Tribunal da Metapsíquica: Grande número de médiuns espiritas não cozinha lebres: cozinha gatos», que continua no dia imediato, com o mesmo título em caixa alta, mas com outro sub-título: «Crassa ignorância dos literatos espiritas. Muitas sessões espiritistas são criminosas».

No dia 25, ainda com “A Grande Burla”, o sub-título é outro: «As sessões espiritistas são proibidas pela constituição portuguesa», e

No dia 27 «O Laboratório de Estudos Metapsíquicos tem seguido com o máximo interesse os nossos artigos e reconhece o apreço das novidades, por todos os ramos do conhecimento científico»;

No dia 28, em artigo extenso, subordinado ao título «Os novos Métodos Psíquicos e os Preceitos da Moral», transcreve «O discurso do Santo Padre aos membros do 5º Congresso Internacional de Psicoterapia e Psicologia Clínica em 15 de Abril», de que destacamos os títulos dos sub-capítulos:

«««1.- O homem como unidade e totalidade psíquica;

«««2 – O homem como unidade estruturada;

«««3 – O homem como unidade social;

«««4 – O homem como unidade transcendente em tendência para Deus».

Este sub-capítulo é o terminus do discurso, de onde destacamos os 5 últimos parágrafos:

«««(...). Antes de mais, a investigação científica atrai a atenção para um dinamismo que, enraizada nas profundezas do psiquismo, levaria o homem para o infinito que o ultrapassa, não fazendo-o conhecer, mas por uma gravitação ascendente nascida directamente do substrato ontológico. Vê-se neste dinamismo uma força independente, a mais fundamental e a mais elementar da alma, um transporte afectivo que conduz imediatamente ao divino, tal como a flor, sem o saber, se abre à luz e ao sol, ou como a criança respira inconscientemente desde que nasceu.

«««Esta asserção reclama imediatamente uma observação. Se se declara que este dinamismo está na origem de todas as religiões, nós sabemos por outro lado que as religiões, o conhecimento natural e sobrenatural de Deus, e o seu culto, não procedem do inconsciente ou do subconsciente, nem de um impulso afectivo, mas do conhecimento claro e certo de Deus por meio da sua revelação natural e positiva. É esta a doutrina e a fé da Igreja, desde a palavra de Deus no Livro da Sabedoria até à Encíclica Pascendi Dominici gregis, do Nosso Predecessor o Beato Pio X.

«««Posto isto, resta ainda o problema desse misterioso dinamismo. A este propósito, poderia dizer-se o seguinte: não devemos certamente incriminar a psicologia das profundezas, se ela se apodera do conteúdo do psiquismo religioso, se esforça por analisá-lo e reduzi-lo a sistema científico, embora

seja nova esta investigação e não se encontre no passado a sua terminologia (...). Segue-se uma conclusão para a psicoterapia: ela não pode ficar neutra em face do pecado material. Pode tolerar o que, na ocasião, se torna inevitável. Mas deve saber que Deus não pode justificar essa acção. Menos ainda, pode a psicoterapia aconselhar ao doente que cometa tranquilamente um pecado material, porque o fará sem falta subjectiva; e tal conselho seria também erróneo se essa acção devesse parecer necessária para a descarga psíquica do doente e, portanto, para o fim da cura. Nunca se pode aconselhar uma acção consciente que seria uma deformação e não uma imagem da perfeição divina.

«««Eis o que julgávamos expor-vos. Quanto ao mais, estai certos que a Igreja acompanha com calorosa simpatia e os melhores votos as vossas investigações e a vossa prática médica. Trabalhais em campo muito difícil. Mas a vossa actividade pode registar preciosos resultados para a medicina, para o conhecimento da alma em geral, para as disposições religiosas do homem e seu desenvolvimento.(...)»»»»

Com a transcrição deste artigo parece que o jornal “Novidades” quis dar a entender que as palavras do seu articulista visavam apenas à separação “do trigo do joio”, e que tudo o que fosse sério teria o apoio da própria Igreja; não é o Papa que o afirma quando declara que «da pesquisa dos psicoterapeutas e psicólogos podem resultar preciosos resultados para a medicina, para o conhecimento da alma em geral»...? E no Laboratório de Metapsicologia da Federação Espirita Portuguesa não se fazem, também, pesquisas para verificação e investigação científica relacionadas com hipóteses formuladas para interpretar determinadas espécies de factos metapsíquicos? Quis dar a entender, mas...

Não acreditando em boas vontades, Caetano de Sousa escreve, no número de Maio da R. M.:«««A Grande Comédia! As “Novidades” procuram casamento...

«««Das grandes antipatias.

«««Sim; das grandes antipatias nascem, às vezes, os grandes amores...

«««Todos sabem como a coisa começou, pois aqui a contámos e as “Novidades” a disseram, sem reбуço, referindo-se ao nosso L.E.M. e aos seus Directores, nos seus números de 29 de Março, 23 e 24 de Abril.

«««Disseram isto:

««« - Nas barbas da autoridade se praticam outros géneros de bruxaria, sob a capa de **investigação científica**.

«««Porque se permite (Oh! Céus) a publicação **Revistas e Livros de Metapsíquica?**

««« ...Metapsíquica, **intrujice**.



\*

«««A coisa começou assim, como os leitores devem estar lembrados. Uma antipatia de morte pela metapsíquica e pelos metapsiquistas...

««« ...Mas como nós, lealmente, em todos os números em vez de nos referirmos às “Novidades” lhe enviamos a nossa Revista, o que as “Novidades” não fazem quando nos batem, “Novidades” começaram a ver que os Directores do nosso Laboratório, tal como nós, diziam, nos extractos das suas conferências, que havia médiuns fraudulentos, e que muitos dos fenómenos são puramente nascidos no subconsciente, muito embora não negando, como ninguém poderá negar, o fenómeno espirita.

«««Ora as “Novidades” podiam ter-se lembrado de que o “Laboratório” foi criado pela Federação Espirita Portuguesa, e que os Directores do Laboratório, Drs. Ramiro da Fonseca e Luis Avelar de Aguiar, por ela foram nomeados, também. Implicitamente, podiam ter feito este raciocínio: Se a Federação E. Portuguesa deu autonomia científica aos Directores do Laboratório, é porque está segura da realidade dos fenómenos e da doutrina que representa; e não procura, afinal, mais do que eliminar do Espiritismo tudo o que seja mau, tudo o que puder deformá-lo. É uma atitude honesta.

«««As “Novidades” podiam ter raciocinado assim, mas não raciocinaram. Podiam, ainda, lembrar-se de que nenhum cientista poderá provar que o acordar do subconsciente seja exclusivamente obra da acção do Mundo físico, visto que nenhum cientista estabeleceu ainda a lei da relação entre o fenómeno da consciência, (puramente espiritual) com esse Mundo desconhecido que fica para além deste mundo de palradores, de misérias, de paixões e de ódios!

««« ... Podiam ter-se lembrado disto; mas não tiveram vagar... Afinal a metapsíquica e os metapsiquistas não eram tão feios como, à primeira vista, lhes pareceram... Podiam, até, ser seus aliados no combate de morte ao Espiritismo... Não importava que o juízo fosse, só por si, um insulto à honestidade dos investigadores.

«««**E o namoro começa** ...Começa no dia 13 de Maio com uma tentativa de divórcio, tão contrária à moral. No número desse dia as “Novidades” dizem : - Os Directores desta secção (Laboratório), embora embarquem no bote do espiritismo estão ansiosos por saltarem em terra...

««« ...Claro, dizemos nós: uma vez em terra ... Venham a meus braços e embarquem no meu bote!...

«««**Os primeiros “piropos”**. E a alma das “Novidades” acorda para os grandes sonhos. Esquece definitivamente o bruxedo da investigação científica; esquece a necessidade de se proibir a publicação das revistas e livros de metapsíquica; esquece, até, que a metapsíquica é uma **intrugice**, e

põe-se a atirar “piropos” aos dois metapsiquistas, Drs. Ramiro da Fonseca e Luis Avelar Aguiar:

««««No número de 22 de Maio: - Sempre nos **recusámos** a acreditar que se tornassem coniventes com os embustes do Espiritismo. (Compreensível descaramento numa alma apaixonada!)

««««No número de 25 de Maio: - ...Têm subido na cotação internacional... foram convidados para representar Portugal no “Colóquio Internacional de Parapsicologia”, que vai realizar-se em Utrecht...

««««(Neste embandeirar em arco para o noivado que deseja, a alma sonhadora das “Novidades” esquece-se de que a Federação Espirita Portuguesa é a base onde assenta a honra do convite que se fez a Portugal, para sua representação no Colóquio promovido por uma das melhores Universidades da Norte América, exactamente porque o Laboratório de Estudos Metapsíquicos foi criado por ela; é obra sua!).

«««« ...Mas, enfim, o colóquio continua ... E, em 27 de Maio e a propósito de uma carta que os Directores do Laboratório lhe escreveram, para desfazerem uma confusão de “Novidades” acerca da suposta solidariedade do Sr. Dr. António J. Freire com o Laboratório, disseram estas palavras realmente gentis: O Laboratório de Estudos Metapsíquicos tem seguido com o maior interesse os nossos artigos e reconhece o apreço das “Novidades” por todos os ramos do conhecimento científico. ... Esta carta dispensa comentários e até seria indelicadeza faze-los.

««««(Continua, é claro, a ignorar que o Laboratório é obra da Federação Espirita Portuguesa, que não receia a Metapsíquica nem as “Novidades”.

««««Absorvidas na ideia do “consórcio”, as “Novidades” não desistem do seu intento... Se o divórcio se não fizer, restará a morte...

««««**Fala a Vidente**... Assim, lembrando-se de que estão na sede da **Associação das Bruxas Profissionais**, consultam a sua “vidente” e dão-nos a trágica notícia no seu número de 25 de Maio. A “vidente” das “Novidades” diz neste número estas palavras textuais: - a Federação Espirita Portuguesa encontra-se já em franca decomposição e em vias de “desincarnar”.

««««Temos boda, pela certa... A “vidente” da Associação continua convencida de que é quem tudo vê e tudo manda no destino das gentes...

««««**A grande comédia** ... Como o palco armado em 24 de Abril último, para a récita da Associação das Bruxas Profissionais, continua de pé, a “Grande Comédia” vai continuar...

««««Antes, porém, a “vidente” da Associação vem à boca de cena e anuncia a enorme retumbância internacional do espectáculo que inaugurou, na Rua de Santa Marta, em 24 de Abril, a **Associação das Bruxas Profissionais**. E em voz triunfal, lê: - De New Chronicle, de Londres:«As

bruxas portuguesas escreveram a “Novidades”, jornal Diário de Lisboa, dizendo que estão a organizar uma união para defesa dos seus interesses. As bruxas são mulheres que fazem curas e dão aos crédulos poções amorosas». (sic. “Novidades” de 15 de Maio de 1953).

«««Comentário da “vidente” ao logro em que caiu o jornal inglês, que se fiou na “compustura” das “Novidades”. – Logo nos pareceu que ela (a carta das bruxas) era digna de repercussão internacional. (sic).

««« - Mas há mais, meus senhores, diz a “vidente”; depois de New Chronicle, de Londres, é o Alerta, de Havana, que se faz eco do protexto das bruxas, afirmando, até, que já está constituída tal Associação Profissional. (sic. “Novidades, de 16 de Maio de 1953).

«««Comentário da “vidente” a esta notícia: - Por esta é que os espiritas não esperavam. Nem nós... (sic).

«««Certamente que “Novidades não esperavam... Mas veio. Veio essa «grande honra», de projecção internacional, de um jornal que “serve” uma ideia séria, sagrada, ter convencido o Mundo de que o seu país é de tal maneira, que até as bruxas podem ter a sua Associação Profissional!

«««Com esta parte da comédia conquistou-se tamanha honra para Portugal que, a seu lado, o convite para o Laboratório da F.E.P. se fazer representar no “Colóquio Internacional de Parapsicologia”, de Utrecht, é coisa de nada!

«««Dadas estas alegres notícias, a “vidente” anuncia que a “Grande Comédia” vai continuar.

«««O pano corre e, ao meio da cena, irradiando graça, irradiando amor ao próximo, desafiando a chalaça de Os Ridiculos e do Sempre Fixe, surge-nos um dentista fero, de torquês em punho, a arrancar os dentes a um espirita. (Isto, é claro, - que tem imensa graça -) enquanto todos eles não podem ser assados no espeto, para regalo das “Novidades”.

«««Depois, a “vidente”, que não é como os “malucos” dos espiritas mas, pelo contrário, esperta como ninguém, desata à castanha em Estudos Psíquicos (Novidades de 15 de Maio), semeando entre eles, embora inutilmente, e a Revista de Metapsicologia, o seu espirito de intriga, como se ambos não fossemos soldados da mesma Causa Sagrada e não soubessemos quanto vale a Associação das Bruxas Profissionais da Rua de Santa Marta!

««« ...A “vidente” tem um momento de concentração profissional e diz, em aparte: - Haja o que houver, Laboratório de Investigação Científica cá em casa é coisa que não queremos. Os nossos fenómenos são indiscutíveis; e nós também.

«««Depois desconcentra-se profissionalmente e atira-se, mais uma vez, à Grande Burla do Espiritismo, a propósito de uma fraude, consciente ou

inconsciente, que deu por morta, em 1923, em Leiria, uma senhora que estava viva (“Novidades” de 30 de Maio).

««««Novamente a “vidente” se concentra, como que a pensar demoradamente, acabando por dizer, em voz baixa: - Bem entendido ... Todos os credos têm os seus aldrabões e os seus erros. O nosso não escapa... E a verdade, caros consócios, é que nenhum de nós gostava que insultassem a ideia que acariciamos, só porque à sombra dela e sem ela ter culpa, se têm praticado aldrabices... Somos honradas bruxas profissionais e podemos dizer isto, só aqui para nós, visto que ninguém nos ouve... Erros em toda a parte se cometem... Joana d’Arc, por exemplo, foi queimada, viva, por engano, porque a julgavam hereje. Afinal veio a reconhecer-se que era Santa e foi canonizada! Foi um erro que se remediou, bem o sei, mas foi um erro.

««««Nesta altura uma bruxa recalcitrante, da “Associação Profissional das Mesmas”, pede a palavra. A “vidente” cala-se, para a deixar falar. E a bruxa recalcitrante diz:

«««« -Os espiritas afirmam que Joana d’Arc, recebendo avisos e ouvindo as vozes que lhe falavam desse Além misterioso, para salvarem o Rei e a França, não foi mais do que um instrumento mediúnic, pois chamam médium à pessoa por intermédio da qual e por qualquer forma, o mundo espiritual e oculto se manifesta.

«««« -Os espiritas são malucos, responde o “Presidente da Associação”.

«««« -Pois sim; mas se Joana foi canonizada é porque alguma coisa houve ... E, depois, eu desejo ser informada, se os mortos podem, ou não, comunicar com os vivos...

««««O Presidente, um pouco agastado com a impertinência, diz:

«««« - Pois a Confrade não leu as “Novidades” de 8 de Maio, esse belo órgão que tanto contribuiu para a fundação da nossa “Associação Profissional” e nos deu a sede que temos?

««««E logo a bruxa recalcitrante responde:

«««« - Li, Sr. Presidente. Lá se formula esta pergunta:

«««« - Não poderá Deus permitir alguma vez aos mortos que apareçam aos vivos ou por qualquer forma se manifestem?

«««« E lá vem também esta resposta, continua a bruxa recalcitrante:

«««« - Pode, sim senhor. Ele é o Senhor da Vida e da Morte. Nas sagradas escrituras vêem-se factos desses. Mas é preciso notar: as aparições não sucedem quando nos apetece, etc. ...

««««Ora, meu caro Presidente, diz a bruxa recalcitrante: é isso mesmo que dizem os verdadeiros espiritas, que não fazem invocações e se limitam a investigar. E se assim é, eles têm razão!

««««Grande pateada na “Assembleia Profissional” ...

««««Extinto o ruído, o Presidente, em voz grave, declara:

««« - Perante tamanha ignorância, só uma demissão, pura, simples e sem recurso, do seio desta nobre Associação! – Pois a senhora bruxa permite-se desconhecer, que ao criar o Mundo o seu Divino Autor estabeleceu, como exclusivo, que os mortos só pudessem comunicar com os vivos que viajassem no bote das “Novidades”?!!

«««Uma ovação espantosa fez estremecer as sólidas paredes da sede da Associação das Bruxas Profissionais, acordando todos os que dormiam na populosa Rua de Santa Marta!»»»»

Depois das transcrições atrás, pensamos que se houve provocação por parte do jornal “Novidades”, não houve provocação menor da parte de Caetano de Sousa, na Revista, pertença da Federação.. E logo no mês seguinte, finalmente!, a Direcção da F.E.P. informa, à página 187 da sua Revista:

«««Procuramos responder às Novidades não para defender o Espiritismo, mas para defender muitos católicos que num sentido cristão e humano, se encontram incorporados nos organismos espiritas; assim, defendemos a sua e a nossa fé em espirito e verdade.

«««Depois desta explicação, damos por terminada a polémica existente entre as “Novidades” e a “Revista de Metapsicologia” órgão oficial da F.E.P. – com os votos de prosperidade espirituais para ambos os campos. – A DIRECÇÃO.»»»»

\*  
\*  
\*

### ***UMA ENTREVISTA ...***

Maria Raquel Duarte Santos, presidente da FEP após o 25 de Abril e desencarne de Isidoro Duarte Santos, declara-nos, em entrevista que nos foi concedida em 1993, quando começámos a estruturar esta obra que pensavamos terminar bem mais cedo:

MRDS - (...). O M.E.P. pecou por falta dessa mesma fraternidade... Eu digo o seguinte, embora as pessoas não gostem que o diga: não deito a culpa ao Governo de então pelo encerramento da Federação. Ela foi encerrada por culpa dos espíritas.

MV – Queria falar sobre isso: a Federação foi criada; paralelamente, criou-se o Laboratório de Metapsíquica, não foi? Este era orientado pelos Drs. Luiz de Aguiar e Ramiro da Fonseca...

MRDS - ... e, segundo dizem, ele (o Laboratório) foi o pretexto que o Governo encontrou para entrar na Federação. Consta que o Laboratório já foi criado com essa intenção, embora eu pense que não.

MV – Qual a intenção da criação do Laboratório?

MRDS – A de provocar o encerramento da Federação: o Laboratório foi uma ideia que surgiu e para a qual não estávamos preparados – era o carro à frente dos bois, está a compreender? Aquilo... foi uma espécie de euforia, pois não tínhamos elementos nem condições para fazer e acontecer... E foi justamente por causa desse Laboratório que o Governo de então teve “ponta por onde pegar”... Mas, mesmo assim, se não fosse o mau encaminhamento e a desunião dos espíritas, talvez a Federação fosse fechada sim!, mas não confiscada. Ela foi confiscada por que os espíritas foram para os tribunais!

MV – Para os tribunais? Para quê?



MRDS – Justamente para contestar a ordem do Governo; e a ordem foi “suspender as actividades enquanto os Estatutos não fossem revistos e autorizados pelo Ministério da Educação Nacional”.

MV – Mas os Estatutos da Federação primitiva estavam registados em Secretaria Notarial e aprovados pelo Governo, não estavam?

MRDS – Estavam, mas havia uma lei segundo a qual tinham de ser aprovados pela Junta de Educação Nacional. E justamente quando o Laboratório se formou, na base da Ciência tudo o que era ou tinha fôros de científico tinha de ter uma aprovação especial. Foi quando o Governo disse à Federação que só podia funcionar com os Estatutos devidamente aprovados dentro dessa lei especial que regulava os empreendimentos científicos. Foi nessa altura que eles, os espíritas, não só não entregaram os Estatutos como foram para os tribunais. Então, a Federação foi confiscada e selada pela polícia, por não ter sido cumprida a ordem de encerramento. Parece-me que a sentença foi favorável à Federação, não o afirmo, mas só foi encerrada depois destas atribuições todas.

MV – Laboratório de Metapsíquica: porquê, o nome de laboratório?

MRDS – Porque se destinava a fazer experiências sobre mediunidade, levitação, experiências psíquicas, mediúnicas... e deram, assim, pomposamente, o nome de laboratório. Havia aparelhagem fotográfica das materializações causadas pela transmissão do pensamento, transmissões de mensagens em voz directa... era assim um nome um bocado pomposo e, precisamente pelo nome “laboratório” é que as autoridades exigiram que os Estatutos fossem aprovados pela Junta de Educação Nacional.

MV – Chegaram a observar, aqui, vozes directas, levitações, tudo o que relacionado com mediunidade de efeitos físicos?

MRDS – Não, que eu tenha conhecimento, a não ser por algum particular.

MV – Num jornal que li há tempos, vem uma declaração do Dr. António Joaquim Freire em que ele afirma ter-se desligado do Movimento Espírita e da própria Federação, em função do que estava a acontecer?...

MRDS – O Dr. Freire, segundo me consta, foi uma pessoa que renegou tudo aquilo que tinha feito nos últimos anos da sua vida... Ele era uma pessoa muito impulsiva. Era um orador espantoso mas, na minha opinião, uma pessoa um pouco prepotente, e como todos se dividiram – uns queriam ir para os tribunais, outros não, etc. – criou-se um clima de choque entre uns e outros... O Dr. Freire, pela sua maneira de ser, queria que prevalesse a sua opinião, irem em frente à margem da lei, ignorando-a...

MV – O seu marido fez parte da Federação antiga, não foi?

MRDS – Não, ele dirigia a Revista da Federação, “O Mensageiro”. Depois, passou para a de Metapsicologia; ele esteve mais na orientação das publicações devido à incompatibilidade de feitios com o Dr. Freire.

MV – Outra pessoa que dizem ter marcado o movimento espírita foi o Dr. Ramiro da Fonseca, não é verdade?

MRDS – O Dr. Ramiro da Fonseca não era espírita, ele mesmo não se intitulava como tal! Era um parapsicólogo, interessava-se pela metapsicologia, pelos fenómenos, era um estudioso. Por isso ele dirigia, sob sua investigação, o Laboratório, de que estava na Direcção.

MV – Dos espíritas de então, havia a Maria Veleda, Dra. Maria Amélia Cardia... e mais outros nomes?

MRDS - ... a Maria Lacombe, que era uma belíssima médium. Não vejo, daquela altura, mais nomes femininos que se tivessem distinguido como espíritas... mas, também, houve a suspensão, que foram quase vinte e tal anos!

MV – Nessa suspensão, dizem que houve um grande incentivo da parte da Igreja?

MRDS – Interessante, eu não encaro o problema dentro desse campo; digo isto porque o problema estava em tudo o que provocasse associativismo. Também não eram bem vistos os naturistas, os iogas... a “PIDE” o que pretendia era evitar tudo o que provocasse ajuntamentos: como o espiritismo tinha grande preponderância, até a nível intelectual, deu mais nas vistas.

MV – Acha o Movimento de então maior que o de hoje?

MRDS – Era mais puro: era a Doutrina em toda a sua pureza. Espalhados pelo País, fomos ao Alentejo – Beja e Moura. Havia jornais diários espíritas no Barreiro, Algarve, Braga, Coimbra, Leiria... Eram focos grandes de grande dimensão espírita, tudo com publicações... Lembro-me que no Porto havia grandes publicações espíritas e houve uma época em que a própria Federação Espírita Brasileira editava os seus livros em Portugal! Era, então, um Movimento brilhante e dentro da pureza doutrinária.

MV – Acha que era considerado, fóra de Portugal?

MRDS – Muito, muito mesmo e, na minha opinião, o M.E.P. foi dos mais importantes do mundo inteiro, até do Brasil. O Movimento brasileiro já foi depois do M.E.P.. Se não fosse essa importância que já tinha nós não poderíamos, após o 25 de Abril, ter a facilidade que tivemos de tão rapidamente ver reestruturado o Movimento Espírita Português.

MV – Como foi essa reestruturação?

MRDS – Porque o M.E.P. nunca acabou, ele manteve-se, apesar de proibido... O Divaldo Pereira Franco vinha a Portugal fazer conferências; o Coronel Faure da Rosa fazia conferência no Cinema Condes; o Dr. Ramos Pereira fazia conferências no Teatro da Trindade...

MV – Quem foi o Dr. Ramos Pereira?

MRDS – Era um homem com um dom oratório espantoso! Era funcionário do Banco de Portugal, julgo que um dos seus administradores... Era alentejano. Nos domingos em que havia conferências dele na Federação (S. Bento), a sala enchia-se por completo. Também escrevia muito bem, era muito semelhante ao Divaldo. Era um espírita assumido.

MV – Como foi que o seu marido começou a descobrir o espiritismo?

MRDS – Foi em Sagres, quando prestou serviço na Ponta de Sagres, nos Serviços de Rádio e Comunicação da Marinha. Em Lagos havia um grupo a que pertenceu J. R. Abreu, que julgo ainda reencarnado (1993). Entretinham-se a conversar; havia um jornal dirigido pela D. Emília Sousa Machado, para o qual ele começou a escrever, na convivência com aquele Grupo Espírita e, assim, entrou no Movimento!

MV – Da D. Emília Machado, tenho encontrado muita poesia na revista “Luz e Caridade”, de Braga. Ela era espírita assumida?

MRDS – Era, e foi através dela que meu marido foi a Braga ao Centro “Luz e Caridade”.

MV – E a Maria Raquel Duarte Santos, como descobriu o Espiritismo?

MRDS – Eu não o descobri, ele quase que se me impôs em toda a minha vida! O meu padasto foi um dos fundadores da F.E.P. (Major Eurico Castro Graça Suzarte): todos os domingos ele ia para a Federação; eram os dias dedicados a reuniões, palestras, etc.. A minha mãe ia e eu, com 14/15 anos, ia também. Até dava geito, para atender o telefone, as entradas... e foi assim que sempre ouvi falar de Espiritismo. Conheci lá (na Federação) o meu marido e casámos. Como sempre se trabalhou lá, se conservou uma Biblioteca e eu estava a par de tudo, após o 25 de Abril estava pronta a assumir a continuidade dos trabalhos. Os “Estudos Psíquicos” nunca pararam, nada parou! Nunca hostilizando o Governo e as suas ordens, fomos sempre levando a “água ao nosso moínho”.

MV – Isso significa que a Associação Espírita de Lagos, comemorando, agora, o seu 80º aniversário, esteve sempre a funcionar?

MRDS – Sim, sempre. O Centro Espírita de S. Bento também nunca fechou... A Revista “Fraternidade” começou a sua publicação em plena censura!... Organizávamos passeios, conferências... o Divaldo começou a vir cá julgo que em 1962! Ele conferenciava com um certo recato... Organizávamo-nos assim! E porque tudo nunca parou é que após o 25 de Abril pudemos reunir todos os núcleos que conhecíamos: no Porto, o nosso amigo Castanheira; o Laurentino Simões, que mantinha o núcleo espírita do Algarve; em Leiria, o Delfim Pires, na “Luxor”; em Coimbra, o Rosa... e foi só juntá-los!

MV – Conheci o Delfim Pires: fiquei com a ideia que ele transcendeu, em muito, o Espiritismo ou qualquer outra religião!?

MRDS – O Delfim Pires não foi um organizador do Movimento, mas era um colaborador valioso. Foi um grande médium e um homem simples, modesto...

MV - ... mas com uns conhecimentos extraordinários, também. Tive uma conversa com ele e fiquei maravilhada!... E os “Estudos Psíquicos” como foi que recomeçaram, na sua 2ª fase? (Nota: A primeira foi com o Dr. Sousa Couto, no início do século).

MRDS – O meu marido entendeu que, pelo facto de estarem tantos Centros fechados, devia haver uma ‘luz’ para não deixar ‘apagar’ a Doutrina. Essa luz foi a Revista, por ser um polo de união entre todos os espíritas: todos os seus assinantes eram polos de divulgação da Doutrina.

MV – Das mini-biografias que encontrei, não só na “Luz e Caridade” como na Revista da F.E.P., vêm realmente, referências ao seu padraço, mas não foi publicada numa biografia dele... Quer falar um pouco dele, agora?

MRDS – O meu padraço foi militar, por sinal colega do Faure da Rosa. Foi um homem mais da dinamização da Doutrina, não um doutrinador. Onde ele estivesse, divulgava-a, quer através de panfletos como de livros, que oferecia, como da sua palavra... Foi um organizador – era essa a sua função na Federação – e um grande entusiasta. Eu quase que nasci dentro do Espiritismo!

MV – O primeiro Presidente da Federação foi o Dr. Martins Velho: a seguir a ele, quem foi?

MRDS – Não me lembro, mas a Revista refere tudo pela sua ordem.

MV – Foi com elementos desse grupo que chegou a reunir-se Fernando de Lacerda?

MRDS – Penso que sim, mas muito antes da Federação. Com ela, cada um tinha o seu trabalho específico, mas com grande união e entendimento. Mais tarde, como não podiam trabalhar à vontade, continuaram unidos mas mais virados para a parte intelectual, por ser essa a área que mais permitia a divulgação da Doutrina. Foi um período muito rico do Movimento Espírita.

MV – Aquela “Sociedade de Estudos Psíquicos Portugueses”, o que era?

MRDS – Foi uma variação da Federação. Tinha o seu património (por isso foi fechada); veio, depois, o legado do Firmino Assunção Teixeira, que contribuiu, também, para a Federação dar um grande passo, o da Sede própria; a partir daí começou a haver um certo desequilíbrio.

MV – Porquê?

MRDS – Começou a haver uma certa contradição, desajustamento de contabilidades e eles, não tendo meios materiais que satisfizessem os seus compromissos, tiveram de arrendar a Sede para o que foi o cinema ‘Rex’.

Os espíritas continuaram a reunir-se em S. Bento, no edifício do ex-laboratório... Este edifício era alugado a um grande espírita, familiar do Dr. Pinto Gouveia. Estas instalações foram também seladas, ficando o senhorio sem o pagamento da renda.

MV – Como foi que se sentiu ao fazer reviver a F.E.P.?, ao recomeçar o Movimento Espírita?

MRDS – Primeiro, foi aquela coisa que desejávamos alcançar e conseguimos... Depois, quando alcançamos o pretendido, já não era o sonho que idealizávamos!

MV – Acha que houve contradição entre a criação e a realização?

MRDS – Não: foi, antes, o sonho que não correspondeu àquilo porque nós, durante anos e anos, lutámos. No entanto, tudo tem a sua altura própria, na minha maneira de ver... E nós queremos, por vezes, transplantar o passado para o presente! Foi, talvez, esse o erro dos espíritas: quererem passar a Federação, tal como foi há trinta anos, para o sistema actual. Foi esse, talvez, o desfazer do sonho: temos que nos actualizar, viver novas normas, novas formas de pensar, enfim!, outros ambientes – e foi isso que talvez não tivesse sucedido.

MV – Eu conheci uma Maria Raquel lutadora e, mais tarde, uma Maria Raquel no género do “ver passar os combóios”... A diferença estará relacionada com essa decepção?

MRDS – A lutadora era a que pugnava por aquilo em que acreditava; o meu pensamento deixou de acompanhar os acontecimentos actuais e, então, preferi que outros tomassem o rumo... Senti-me, talvez, ultrapassada – não em pensamento mas em actuação. Já não estou enquadrada nos mesmos...

MV – Mas acha que o enquadramento actual serve o M.E.P., na maneira como o Espiritismo se assume, mostra e age?

MRDS – Eu acho que serve sempre e vale a pena continuar e lutar. É verdade que se notam certos desvios, mas isso não acontece só no Movimento Espírita. Há certas coisas que temos de alterar (vemos na Religião Católica uma alteração constante), temos de acompanhar o tempo: abdicando de umas coisas, aceitando outras, temos de nos contemporizar.

MV – E acha que o Movimento Espírita sabe abdicar?

MRDS – O espírita guia-se pelos pontos básicos da Doutrina e esses conservam-se sempre intactos; poderá abdicar em certos meios de actuação, mas depende também dos ambientes em que actua.

MV – Pessoas espíritas que assim se consideram a 100%... Centros Espíritas onde tudo é diferente do Espiritismo: concorda com esta ideia?

MRDS – Eu não me considero espírita a 100% e penso que não há ninguém que o seja, pois é precisa uma perfeição muito, muito grande... Acho que as pessoas lutam por serem cada vez mais espíritas, e isso é que é importante!



MV – Voltemos ao passado: Maria Ó'Neil foi uma irmã que foi ao Brasil e desencarnou em viagem, não foi? Ela também era jornalista?

MRDS – Era, sim. Essa senhora teve um papel fantástico quando da formação da Federação; ela foi de propósito ao Brasil, estabelecer contactos com os nossos irmãos brasileiros. Quando regressou trazia delegações da Federação, que ela tinha formado em diversas localidades brasileiras... Ela, e o Dr. Joaquim Freire, foram informar o Movimento Espirita Brasileiro que tinha sido fundada a F.E.P.. Foi uma espécie de visita de cortesia!... Foi uma viagem linda de manifestação e divulgação do Movimento Espirita Português, com a qual se criou uma posição de destaque e respeito pelo nosso Movimento.

MV – Outros nomes que mereçam o mesmo respeito?

MRDS – Acho que todos merecem respeito: estou convencida que todos dão aquilo que sabem e podem dar. Os espíritas, aqueles que o são – não digo a 100% mas que aspiram a sê-lo -, são honestos na sua maneira de ser. Desde modo são todos aqueles que durante anos e anos por aqui passaram.

MV – Encontrei numa revista do passado os nomes de diversos militares, entre eles o do coronel Passaláqua...

MRDS - ... foram todos do grupo da Federação: foi o Coronel Faure da Rosa, esse que agora mencionou, e outros. Era um escol de pessoas a nível intelectual e que se dedicavam ao estudo do Espiritismo. Foi um tempo, como eu costumo dizer, em que a Doutrina era difundida na sua máxima filosofia, no seu aspecto Filosófico, Doutrinário e Moral... Foi isso que deu uma credibilidade muito grande ao Movimento Espirita Português: o principal era o estudo e, como tal, esses espíritas lutaram pelo estudo da Doutrina. A partir do estudo vinha a parte prática e não o inverso... É muito importante o estudo. Quem estude o Espiritismo é estruturalmente espírita...

A primeira vez que eu fui ao Brasil visitar o Movimento Espirita Brasileiro (1970), as pessoas perguntavam-me: a sra. conhece o Chico Xavier, conhece a sua obra? Ficavam muito admirados quando eu dizia que, em Portugal, eram familiares as obras de Chico Xavier, de Allan Kardec, de Gabriel Delanne, que faziam parte da nossa vida associativa e doutrinária.

MV – Referiu o Chico Xavier: consta que ele veio a Portugal. É verdade?

MRDS – Esteve aqui na minha casa, no mesmo lugar onde a Manuela está sentada.

MV – Antes ou depois do 25 de Abril?

MRDS – Antes. Na Revista 'Estudos Psíquicos' vem contada essa reportagem dele, aqui, conosco. Esteve aqui um dia... Foi a única casa,



fôra do Brasil, que ele visitou, contam os ‘Estudos Psíquicos’: ele tinha ido a França com o Waldo Vieira, para visitarem o túmulo de Allan Kardec; no regresso tomaram o avião da ‘Ibéria’ para o Brasil. Fizeram escala em Madrid e, nessa altura, o Chico começou a ouvir: “vai a Portugal, vai a Lisboa”... Foi o Chico que contou. Decidiram vir e regressaram a Madrid a fim de retomarem o avião para o Brasil... Eu estava aqui, na sala, e vêm dizer-me que estava um senhor à porta, que desejava falar com o sr. Isidoro Duarte Santos e dizia chamar-se Francisco Cândido Xavier! Eu disse para o meu marido: “Olha que engraçado: o nome do F.C.Xavier!” Quando nos deparámos com ele próprio e o Waldo Vieira!

Tenho uma fotografia com eles, que foi publicada nos “Estudos Psíquicos”... Está a ver: como não hei-de eu ser espírita, tendo o Chico Xavier na minha casa!... Quando eu conto isto, as pessoas julgam que foi em espírito e eu digo logo: “em carne e osso”!!! E tudo se deveu a uma intuição que ele teve no aeroporto de Madrid.

Esteve connosco e com um pequeno grupo que conseguimos contactar, ainda, pois foi tudo muito rápido: estive aqui umas 5 ou 6 horas; fomos levá-los ao aeroporto e lá seguiram... Foi esta a última vez que ele saiu do Brasil.

MV – Em Dezembro de 1993, no último Conselho Federativo Nacional, foi trazido à Assembleia a recuperação dos bens da F.E.P., e o então Presidente do “Perdão e Caridade” disse que as coisas tinham sido mal feitas, que ninguém tinha feito nada... Mais ou menos assim. Eu sabia ter sido o Governo Civil de Lisboa a afirmar que a Federação fôra encerrada em função do comportamento dos espíritos e, portanto, que não havia nada a recuperar porque a F.E.P. não esteve suspensa. O que nos quer dizer, agora, a respeito?

MRDS – Eu aconselho o senhor que disse isso a ir ao actual arquivo da F.E.P. e ver todo o processo.

MV . Acha que foram feitos todos os esforços possíveis?

MRDS – Todos, até agora.

MV – Foi também falado, por membros da Direcção da Federação, que estiveram presentes nessa A.G., que o assunto estava entregue a um advogado e que iam voltar a reiniciar a “luta” pela possibilidade da recuperação desses bens. Acha isso possível, depois de todos estes anos?... até porque penso que há um tempo-prazo-limite?...

MRDS – Não estou dentro desse assunto do prazo, mas sei que foi feito tudo, e isso consta de um processo de 3 volumes, que estão no arquivo da Federação, e houve uma pessoa que muito cooperou, fazendo todas as fotocópias, todas as encadernações desses 3 volumes, que foi o Irmão Eugénio da Costa Morgado. Desses volumes, um foi entregue na Assembleia da República (era o General Ramalho Enes o nosso

Presidente); outro na Comissão de Liberdades e Garantias... Foram 15 exemplares entregues, em mão, até na Presidência da República e em vários Ministérios. Foi o máximo. Tudo foi feito sob a orientação de um advogado (não me lembro o nome, mas era advogado no Ministério da Administração Interna, e tinha escritório na R. Castilho). Foi ele que elaborou um relatório de 15 páginas, onde explica tudo o que fez, tudo o que se podia fazer, e tudo aquilo que já transcendia o seu trabalho.

(Mercê de outros elementos entretanto descobertos e outras “voltas dadas ao mesmo assunto”, o processo pela recuperação dos bens da F.E.P. mantem-se, ainda. A esperança, como diziam os nossos avós, é a última coisa que deve morrer...).

MV – Lembro-me de que na comemoração do 100º aniversário do “Reformador”, aqui em Lisboa, com o Dr. Francisco Thiesen, ele disse mais ou menos: «Não vamos continuar agarrados ao passado; vamos, antes, avançar e construir uma nova Federação». Acha que aquelas palavras dele eram, realmente, para dizer: “não vale a pena lutarem por aquilo que não voltará a ser entregue, mas vamos em frente; mostrem obras e o resto acontecerá”?

MRDS – Isso assemelha-se à minha maneira de pensar. Repito: penso que o maior erro dos espíritas foi, talvez, o terem querido reconstruir o Passado.

MV – Pois, voltamos outra vez ao mesmo, não é?

MRDS – Esse erro foi dentro da maior boa vontade, mas foi um erro! O Passado foi naquela época, vamos começar uma vida nova! Foi o erro de todos nós, eu incluída. Perdeu-se tempo, energias, oportunidades... Tudo fez a sua época; também duvido que aquele grupo espírita do Passado, hoje, nesta época, fosse capaz de fazer o que fez há 50 anos! Tudo tem a sua época, o seu ambiente; há trabalhos que têm as suas características próprias e que, se foram maravilhosos num determinado ambiente, há 20 ou 30 anos atrás, já não têm o mesmo impacto hoje. Hoje, eu subscrevo as palavras do Dr. Thiesen mas, naquela altura, também eu corroborei no mesmo erro!

MV – Eu não mencionei este facto para apontar erros; aliás, penso ser natural que, numa altura de tanta euforia, se desejasse retomar o que nos tinha sido tirado.

MRDS – Exactamente, reparar injustiças – pois tudo consideravamos uma injustiça. Mas as pessoas têm aquilo que merecem!

MV – Sim... talvez as ideias, no momento, tenham sido mais materialistas que espirituais?!

MRDS – Estou de acordo: virámo-nos mais para a parte material e descurámos a parte doutrinária. Mas está tudo tão ligado, umas coisas com

as outras, que vamos aprendendo com os erros... Vamos limando as arestas! Hoje, na minha opinião, não voltava ao Passado, que deixava ficar como estava. Construía, sim, o futuro.

MV – Quando se recebem, hoje em dia, através do Divaldo ou do Raul Teixeira, mensagens dos Espiritas de antanho, como é que as sente? Lembramos, principalmente, o António Joaquim Freire...

MRDS – Sinto-as como um incentivo, uma ajuda, não como uma lição! São... como um exemplo de perseverança, de dinamização, para todos trabalharmos e para não deixarmos morrer o Movimento Espirita Português.

MV – Acha que ele corre esse perigo?

MRDS – O M.E.P. pode correr o perigo de ser deturpado, viciado nas suas origens; pode ter falta de preparação doutrinária, falta de leitura, de estudos que, talvez, propiciem o desvio das linhas fundamentais que Allan Kardec nos deixou.

MV – É comum, para alguns, a afirmativa de que Kardec está ultrapassado. Acha que, alguma vez, Kardec pode ser ultrapassado?

MRDS – Não! Não, Kardec nunca se poderá ultrapassar, nós é que teremos que o acompanhar, pois Kardec foi a base e, agora, cabe-nos continuar. Mas dentro da mesma base Kardec, no seu tempo, já era aquilo que era; assim como o Cristo não está ultrapassado – o que não significa que a Igreja Católica, de vez em quando, não tenha de alterar algo - como agora, por exemplo, o fez em relação ao Novo Catecismo. Isto não significa que o Cristo esteja ultrapassado. O mesmo se dá com Kardec... Tem é que haver um desenvolvimento adequado à Doutrina, de acordo com a Sociedade em que vivemos e os tempos que vão correndo... Nunca ultrapassado!

MV – Todas estas perguntas, como lhe disse na minha carta, fazem parte de uma pretensão minha, de fazer a história do M.E.P.. Não sei se o conseguirei mas... quero tentar! Penso que a história do Espiritismo em Portugal não pode perder-se no Tempo...

(A entrevista terminou aqui. De 1993 para cá, vários anos passaram já, várias coisas encontrámos nas pesquisas que fizemos e nas quais baseámos tudo o que ficou para trás e continuará, até entendermos a obra completa. Com certeza muitas coisas ficarão por referir, com certeza muitas outras poderiam deixar de ser referidas... mas o tempo não se faz só de dias ridentes: o sol, a chuva, a neve, o vento... não fazem todos parte da natureza, não se completam para a completarem também? Talvez... Com certeza que a entrevista que Maria Raquel Duarte Santos nos concedeu em 1993 poderia ter sido já publicada mas, sem o contexto que lhe queríamos

dar; talvez se perdesse o significado que tem agora ou, pelo menos, sem o significado que lhe encontramos aqui e agora!

\*  
\*  
\*

\*

Voltando um pouco atrás no tempo, recordamos que o nº 59, de Setembro/Outubro de 1938, de «O Mensageiro Espirita», órgão da F.E.P., informa que cartas do Brasil perguntam se ainda existe a Federação Espírita Portuguesa, visto correr o boato de que o Governo Português tinha

proibido o Espiritismo em Portugal, mandando fechar a Federação, àquela época transformada em cinema.

Talvez tenha sido um mal o aluguer da Sede da F.E.P., para cinema, mas os dirigentes de então entenderam ser assim melhor... e o articulista que escreve o editorial do número acima responde que não, que «o nosso governo não persegue o Espiritismo, não nos põe entraves ao trabalho empreendido. Se algumas perseguições há, se alguns entraves aparecem, vêm de outros lados, que não dos poderes constituídos e dos seus serviços regulares».

E, mais à frente, lê-se ainda: «Quanto ao facto de o edifício da Federação estar transformado em cinema, não se deve tomar em conta para se afirmar que maus ventos nos perseguem. Foi acto de pura administração, do qual resultam interesses consideráveis que permitem fazer, mais intensamente, a propaganda. A instalação actual dos nossos serviços, na Rua de S. Bento, 640, é incomparavelmente mais ampla e adequada aos objectivos colimados, com muito maior superfície e melhores acomodações do que tínhamos na Rua da Palma. Acresce ainda a circunstância de, nesta última artéria, o ruído dos eléctricos e dos automóveis perturbar todos os trabalhos, desde as sessões às conferências, o que não sucede em S. Bento, onde reina o silêncio indispensável às boas concentrações. De resto, a Sede é nossa e voltaremos para ela, quando houver oportunidade».

Mais adiante reforça ainda: «(...) O governo português – repetimos – não dificulta a nossa propaganda, porque é governo de ordem e pugna pelo reinado do espirito. O que ele persegue, o que ele dificulta é o baixo espiritismo, essa magia negra, fértil em malefícios de toda a espécie e à qual acorrem os supersticiosos e os ignorantes. Isto é o que ele persegue, para bem do aglomerado social, evitando muitos dramas irremediáveis...»

Costuma dizer-se que não há fumo sem fogo... será que, naquela época ainda não teria havido nada, realmente, que levasse o Movimento Espirita Português a precaver-se das perseguições que, mais tarde, não puderam já ser evitadas?

\*

O “cerco” foi-se apertando, lentamente, tão lentamente que foi passando despercebido, como acontece sempre, quando o mundo do baixo astral interfere com a luz que intenta destruir ou, pelo menos, afastar: quando nos damos conta já é difícil inverter-se a situação. Em Portugal,

parecendo o contrário, foi fácil tal acontecer: a Igreja manipulava as forças que geriam o País, mediante uma concordata assinada com o Vaticano, dando-lhe poderes quase absolutos e únicos de imperar na alma do povo...

Em 29 de Julho de 1942 o Diário do Governo publicara o Decreto nº 32.171, do Ministério da Justiça, determinando:

.....  
.....

«Artº 15º - Todos os indivíduos que com o nome de magnetizadores, ocultistas, videntes, quiromantes, naturistas, fisioterapeutas ou semelhantes empreguem práticas, medicações ou quaisquer processos com os quais se procurem suggestionar doentes, e, de um modo geral, todos os charlatães que usem de processos análogos com os quais procurem suggestionar doentes, serão condenados na pena a que se refere o artº 20º.

.....

«Artº 20º - Pela forma indicada no artº. anterior será encerrado o consultório médico, seja qual for a sua designação ou modalidade, que funcione sem que seja dirigido por médico ou médicos sem condições de exercer a profissão, de harmonia com o presente diploma.»

Só, realmente, com muito cuidado e discrição as coisas poderiam ter sido diferentes...Concordando, em parte, com a afirmativa de Maria Raquel Duarte Santos, concluímos que o Laboratório de Metapsíquica foi o pé encontrado para o encerramento que as autoridades, ou quem as dirigia, procuravam concretizar. Este Decreto era o que necessitavam para oficializar a sua acção quando achassem o momento oportuno. Apenas havia que aguardar...e não esperaram muito.

\*



**O PRESENTE**

\*

**ONTEM**

## NOVA SAGRES

Pátria minha, porque me entendes morto,  
E, portanto, acabado me presumes,  
Estranhas que te fale deste porto,  
Que decerto supões, e crês sem lumes.  
Amar-te todavia é meu conforto,  
Inda que em denso olvido tu me enfumes,  
Porquanto o amor, que vero e bom se preza,  
Pode esquecido ser, mas não despreza!

Deste plano mais alto, mais se avista,  
E Juizos se faz bem mais isentos...  
Tu porém, me ressurges sempre à vista  
Clara de sol e airada de bons ventos!  
Mesmo que veja em ti sombra que exista,  
Jamais fui de me dar a vãos lamentos:  
Eu creio firmemente em teu destino,  
Bem sofrido talvez, mas peregrino!

Se d'algo prevenir-te assaz quisera,  
É duma Nova Sagres que em ti nasce...  
Escola que prepara a primavera  
Dum novo dia que te surge à face.  
Nova luz para a Europa, em nova Era,

Quis Deus que do teu solo se elevasse:  
Espirita, decerto, e Portuguesa,  
Nossa Federação, nossa riqueza!

Heilil apresta o exército que reme...  
Volve à trincheira o Glorioso Infante!  
Portugal se reergue, qual gigante,  
Do Velho Mundo novamente ao leme!  
Cristo abençoa o pavilhão flamante  
Que nos céus lusitanos brilha e treme:  
Jesus, Kardec e Amor – lema sublime,  
Nessa bandeira célica se imprime!

Excelsa vocação dum grande povo:  
Mundos ocultos descobrir às gentes!  
Agora, em mares de Ideais, de novo  
Tem-vos o mundo, ó bravos lusos crentes!  
Não é de balde que vos canto e louvo,  
Companheiros amados e valentes!  
Deus salve a Lusitânia, nobre e santa!  
Deus salve Portugal que se alevanta!...

*LUIS DE CAMÕES*

\*

(Poema mediúnico recebido pelo médium Hernâni de Sant'Ana, em 7/1/1977, a quando da visita que Maria Raquel Duarte Santos, representando a F.E.P., fez à Federação Espirita Brasileira).

\*

## A MUDANÇA

Abril de 1974.

Depois da revolução militar, que ficou conhecida pela ‘Revolução dos Cravos’, decretos sobre decretos governamentais foram sendo publicados, todos eles na ideia de rectificar o que, até à data, tinha sido considerado como estando errado mas que se era obrigado a aceitar – quisesse-se ou não. Mas, antes que algum desses decretos (que nos viria a beneficiar em função da liberdade religiosa que passou a existir) fosse publicado, logo nos dias seguintes do 25, Isidoro Duarte Santos, espirita da “velha guarda”, proprietário da revista “Estudos Psíquicos”, lança para a rua o apelo de uma reunião da qual todos participariam, na ideia de recomeçar o que tinha estado proibido: o Movimento Espirita Português, silencioso mas não morto e que se mantivera nas “catacumbas” durante os anos sombrios da proibição.

António de Oliveira Saraiva, um dos sócios mais antigos da velha Federação e sócio nº 1 da que surgiu pós o 25 de Abril, sabendo da nossa pesquisa, juntou uma série de elementos que, mais tarde, pudemos ler na revista de I.D.S.. Alguns anos antes de desencarnar, quando ainda nos encontrávamos apenas juntando apontamentos, ele escreveu para nós as palavras que passamos a transcrever:

««« Os espiritas portugueses sentiram bem na alma o desgosto de verem encerrada pelas autoridades do regime anterior a sua FEDERAÇÃO – o que também veio a suceder aos Centros Espiritas.

«««« Os anos que se seguiram foram vividos no desconhecimento total da existência de qualquer movimento espírita, o que agravou ainda mais a situação.

«««« De nosso conhecimento, manteve-se a publicação das Revistas ‘ESTUDOS PSIQUICOS’ e ‘FRATERNIDADE’, que foram os elos de ligação dos espíritas e que se publicaram para além do 25 de Abril. (Nota: A revista ‘Fraternidade’ mantém-se até hoje).

«««« O trabalho que qualquer grupo particular tentasse realizar era rodeado das maiores cautelas e, se um dia a reunião era num lugar, no outro tinham de procurar outro local, não fossem as autoridades aparecer.

«««« Era assim a vida dos espíritas portugueses ao tempo do regime deposedo pelo 25 de Abril de 1974.

«««« O 25 de Abril foi a porta aberta para que de novo os espíritas se agrupassem, dando início ao Movimento que hoje se faz sentir em todo o País. Com o advento do 25 de Abril começou o movimento que se propôs à abertura da Federação Espírita Portuguesa e, por toda a parte, cresceu o interesse na união e preparação para a abertura de Centros.

«««« Com a data de 26/4/74, a Direcção de ‘Estudos Psíquicos’, tendo à frente o confrade Tenente Isidoro Duarte Santos, faz sair uma circular dirigida aos espíritas portugueses, na qual se lê:

«««« AOS ESPIRITAS PORTUGUESES

«««« Soou a hora da libertação!

«««« Tantos anos de opróbio, perseguições e angústias não chegaram para amortecer em nós o Ideal Espírita que tantas almas redimiu, que tantos suicídios evitou e de que tanta alegria encheu os corações alanceados!

«««« Tantos anos, sem que o desalento nos invadissem e aguardando o sol da Liberdade, para que as nossas agremiações voltassem à sua actividade antiga!

«««« Tantos anos!...

«««« Mas agora é preciso nova arrancada. Temos que nos reunir, conhecer os confrades que se tresmalharam como abelhas acoçadas e tomar decisões correspondentes à nossa fé inabalável. Não podemos perder tempo em congeminções estéreis. Temos que dar o passo em frente, recuperar os anos gastos à espera que os ventos da História varressem o que em má hora invadiu Portugal.

«««« Temos que nos constituir em núcleo onde se agrupem todos os que se encontrem radicados em qualquer parte do território continental, insular e ultramarino, chamando os elementos válidos e representativos do Espiritismo, que há-de ressurgir mais forte na sua beleza inofuscável.

«««« Por agora é um toque de sentido, um brado de alerta que se tornou possível, mercê do Golpe de Estado dos nobres militares que restituíram a

Nação ao seu povo durante tanto tempo escravizada e amortilhado. Depois iremos ao resto que, no fundo, será o principal.

««« Agradecemos a todos que nos enviem por escrito a sua adesão a este empreendimento e dizer se querem contribuir para as despesas ocorrentes, pois está formada uma grande comissão destinada à reorganização do Espiritismo.

««« A Direcção de Estudos Psíquicos. »»»

\*

Esta circular foi publicada no número de Maio, da “Estudos Psíquicos” e, no mesmo mês, surge com o seguinte editorial:

««« ALELUIA! ALELUIA!... O sol splende nos corações! A noite odienta e tremebunda da ‘idade média’ esfumou-se, como por encanto, aos clangores de almas ansiosas e angustiadas. Os grilhões partiram-se, as velas alargaram-se, as cúpulas ruíram estrondosamente! Respira-se a fundo, graças a Deus e aos homens bons que decidiram varrer a casa e arejar os esconsos ultramontanos, onde o ferro-velho imperava e a tenebrosa CENSURA permanecia na faina de estrangular a vida moral e mental dos cidadãos!

««« Como foi possível suportar meio século de tortura em que dez subjugarão mil? Como foi possível regressar ao passado ominoso, esartejando a nação, reduzindo-a a mísero farrapo? Como foi possível esvasiar a mocidade, destruindo nela os elementos viris que distinguem o espírito progressivo necessário à evolução do homem e à estrutura do mundo em que vivemos? Como foi possível a viseira colectiva, o escafandro obrigatório, sob pena de cominações e ameaças inquisitoriais? Onde estava o pundonor da raça altiva que deu mundos ao mundo, que desbravou caminhos e ofereceu à civilização o maior exemplo de valor ecuménico?

««« Como foi possível que ao poder tirânico se vergassem tantos sem direito à expressão? Como foi possível neutralizar a alma do povo, adormecer-lhe a vontade e espalhar um tumor que penetrava as mais íntimas camadas do ser? Como foi possível desarticular a Doutrina Espirita, encerrar-lhe as agremiações e esbulhar os seus adeptos do edifício da Federação Espirita Portuguesa e entregá-lo à Casa Pia de Lisboa, que o alugou em proveito próprio a uma empresa teatral, sem possível oposição dos legítimos proprietários? E quem o redinica, quem reclama em juízo essa devolução que terá de ser executada, porque ainda existe o direito à propriedade e a extorsão pura e simples está excluída do direito moderno?

««« Agora temos calma. A “liberdade religiosa” de uns tantos cedeu à liberdade de expressão, reunião e associação, em todos os domínios da



actividade social. A lei natural volta ao seu domínio, ao seu trono augusto e os direitos do homem fundamentarão novo ambiente português.

««« As correntes políticas e religiosas devem poder agir livremente no sentido do bem comum, tendo em vista o respeito próprio e alheio, segundo o princípio de que todas as ideias são defensáveis, desde que não promovam desunião e subversão.

««« Os espiritas portugueses que vivem esta hora magna com a certeza de que poderão reiniciar as actividades interrompidas há tantos anos, quando o abuso do poder civil aliado à hegemonia religiosa topejava o zénite da irresponsabilidade e da inconsciência. E por isso gritamos:

««« Aleluia! Aleluia!...

««« Amigos, coração ao alto, que o sol da liberdade moral raiou de novo no nosso país. Cinquenta anos de opróbrio não amorteceram em nós a crença em vida melhor e mais justa. Mas não ferimos os que nos feriram, não injuriamos os que nos injuriaram. Uns e outros farão o balanço dos seus actos e responderão por eles com agravantes e atenuantes inerentes aos processos judiciais a que devem, submeter-se. De onde se conclui que o ideal espirita defendido há trinta e cinco anos nestas páginas continua puro, intacto – e também irreversível – nos que aqui mourejam e sofreram as imposições de uma censura detestável digna de Pina Manique e Torquemada.

««« Não basta suspender os direitos constitucionais para dominar um povo que não quer ser escravo. Mais tarde ou mais cedo a sua consciência desperta e retoma a dignidade amortecida pelo narcótico.

««« Aleluia, amigos! Aleluia!... Nova aurora surge neste país martirizado que, na mais bela atitude cívica, não se vinga dos seus algozes. E nós muito menos nos devemos vingar. Aguardemos com serenidade os acontecimentos, que justiça será feita a quem merece e o Espiritismo voltará aos antigos tempos. »»»»

A euforia foi grande, realmente, mas no editorial de Dezembro de 1977, podemos destacar:

««« (...). Quando eclodiu entre nós a revolução de Abril, foi tornada pública a situação do Espiritismo em Portugal, e em particular a da Federação Espirita Portuguesa nos últimos anos. O momento era de optimismo sem fronteiras, vaticinando-se que tudo iria mudar, que tudo passaria a ser diferente.

««« Mas o passado não volta mais, pois os factores de ontem já não são os factores de hoje. A opressão de muitos anos deixou marcas profundos em cada indivíduo, mesmo inconscientemente. A apatia, o medo, marcam nos EGOS lesões mais ou menos profundas, difíceis de sanar.

««« (..). As lesões causadas por um silêncio forçado de vários anos, não estão sanadas, ao mesmo tempo que um espiritismo descontrolado, mais místico que doutrinário, que viveu nas catacumbas nas épocas difíceis da ditadura, confunde hoje os neófitos que se aproximam da nossa doutrina.(..). »»»»

Ainda em Maio de 1974, a mesma revista “Estudos Psíquicos” publica em “Nota do Mês” :

««« CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

««« Está constituída uma Comissão destinada a reorganizar este Centro encerrado pela Ditadura. Pede-se aos seus antigos sócios que se ponham em contacto urgente com esta revista... (..).

««« FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Sendo necessário reestruturar esta colectividade e reaver o seu património brutalmente usurpado pelo governo salazarista convidam-se os seus antigos associados a enviar-nos os seus nomes e todos os documentos que os identifiquem, a fim de podermos reunir e combinar o caminho a seguir no sentido da sua restituição.

««« CONVITE AOS ASSINANTES

««« O actual momento exige que se formem células espiritas em todo o território português subordinadas a normas doutrinárias que oportunamente publicaremos, para que o Espiritismo se mantenha unificado sobre a base kardeciana.

««« SUBSCRIÇÃO

««« Está aberta a subscrição de fundos destinados a despesas inerentes aos trabalhos em curso. Noutra página se encontra o seu início. »»»»

E a ‘Nota do Mês’ da mesma revista, em Junho, informa que o “Centro Espiritualista Luz e Amor” já retomou as suas actividades, tendo elegido os Corpos Gerentes para o triénio 1974/76; (...); sobre a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, diz que foi nomeada uma Comissão Executiva com o fim de promover a eleição dos Corpos Gerentes e tratar com o Governo Provisório sobre a reivindicação do património daquela colectividade.»»»»

E na página do noticiário do mesmo mês, lê-se ainda, a propósito da reabertura do Centro Espiritualista Luz e Amor, que...

«««... António Cardoso recordou o que se tem feito nestes últimos anos extra-oficialmente.(..). Outro confrade propôs o envio de um telegrama de saudação às Forças Armadas, em nome do Centro. (...).»»»»

\*

««« Com a publicação daquela circular – continua a recordar António de Oliveira Saraiva -, começou o movimento para a abertura da extinta Federação Espirita Portuguesa. Mas os espiritas que apareceram não foram em grande número e a isso se deve o facto de terem desencarnado uns, e outros se encontrarem em suas casas, de pantufas, dada a sua avançada idade. O tempo não perdoa e segue a sua directriz.

««« Porém, também os antigos Centros deram início à sua actividade.

««« O Centro Espiritualista Luz e Amor, com data de 1/6/74, faz sair uma carta-circular, que a seguir se transcreve:

««« FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Aos nossos estimados assinantes de Lisboa e arredores ou antigos sócios do Centro Espirita Luz e Amor que tenham sido sócios da Federação Espirita Portuguesa, pedimos que se reúnam no Centro Perdão e Caridade no próximo sábado, dia 8 do corrente, pelas 14,30 horas, na Rua Presidente Arriaga, 124, à Pampulha, para uma reunião magna onde se estudarão os meios de reestruturação desta agremiação espirita. – A Direcção de Estudos Psíquicos.»»»

Paralelamente, convocam-se os antigos sócios do C.E. LUZ E AMOR para uma A.G. extraordinária, para a

««« a)- eleição dos Corpos Gerentes.

««« b)- deliberar sobre as actividades e providências mais urgentes para o novo período que se vai iniciar.

««« Considerando que esta Assembleia é fundamental para a nossa vida associativa, solicita-se a comparência do maior número de antigos sócios.

««« Pela Mesa da Assembleia Geral, - Joaquim Pereira Júnior. »

««« Para o dia 8 de Junho de 1974, surge nos jornais portugueses uma Convocatória convidando os espiritas portugueses para uma reunião prévia da Assembleia Geral da Federação Espirita Portuguesa, devendo sair desta reunião prévia a orientação a seguir para a Assembleia Geral que se realizaria 8 dias depois.

««« Nesta reunião prévia, depois de várias intervenções, surgiu uma proposta cujo teor se transcreve:

««« REQUERIMENTO

««« Exmo. Senhor PRESIDENTE DA REUNIÃO PRÉVIA DE ANTIGOS SÓCIOS DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA – LISBOA

««« Considerando que devemos dar o exemplo das responsabilidades que nos cabem na hora presente, mantendo o espírito de unidade que nunca nos faltou;

««« Considerando que o movimento é uma acção, mas ponderada, amadurecida, conscienciosa, construtiva e unida nos supremos interesses do Movimento Espirita a que nos votámos de alma e coração;

««« Considerando que neste momento e nesta reunião devemos abrir a nossa alma e unir os nossos pensamentos nos supremos interesses do Espiritismo, e pormos no coração os mais puros ideais cristãos para, em sã consciência, determinarmos o melhor;

««« Considerando que à Assembleia convirá primeiro ter um estudo de tudo quanto se relacione com a Federação para, depois, poder nomear os Corpos Directivos, propomos que seja aprovada a seguinte Ordem de Trabalhos para a reunião da Assembleia Geral marcada para o próximo dia 15 de Junho:

««« ORDEM DE TRABALHOS

««« 1)- Eleição de uma Comissão Executiva de seis Membros, que terá por missão:

a)- reorganizar o ficheiro dos sócios existentes à data do encerramento da Federação e admissão de novos sócios;

b)- apresentar no prazo máximo de três meses uma lista de Corpos Gerentes a eleger na Assembleia Geral a convocar, tomando por princípio de preferência que os cargos devem ser preenchidos por antigos sócios ou novos de reconhecida idoneidade;

c)- tratar com a Junta de Salvação Nacional àcerca da forma de reivindicar o património federativo, a exemplo do que se tem feito com associações congéneres, entre elas, o Grande Oriente Lusitano, encerrado em Agosto de 1965, cujas chaves, confiadas desde então à Assistência Pública foram entregues pelo Provedor ao antigo dirigente Sansão Mutemba, segundo telegrama da Agência ANI, datado de Lourenço Marques em 4 de Junho do ano corrente e publicado no Diário de Notícias de 6 do mesmo mês.

««« Agradecendo que V. Exa. Ponha prioritariamente este requerimento à votação, subscrevemo-nos com os melhores votos de Saude, Paz e Progresso Espiritual.

««« Lisboa, 8 de Junho de 1974. »»»»

««« Esta proposta, quando foi para a Mesa da Assembleia, já levava 23 assinaturas de antigos sócios e a da representante do Centro Espirita de Tondela, D. Adelaide Ivone de Sousa. De notar que estava presente um representante de um Centro do Algarve, admitimos que seja do Centro onde está a nossa confreira Julieta Marques que, lamentavelmente, assinou individualmente.

««« Esta proposta, que foi aprovada por unanimidade, foi a que deu origem à nomeação da Comissão Executiva da Federação Espirita Portuguesa. Assim, foi ela que serviu de base à Ordem de Trabalhos para a Assembleia Geral que se realizou no dia 15 de Junho.

««« Este foi um passo importante que marcou a História da Federação, no arranque que teve para a sua iniciação. **Estava dado o primeiro passo.** »»» (Nota: o destaque é nosso).

««« A Comissão Executiva que foi nomeada era composta pelos confrades:

««Casimiro Duarte, antigo sócio; Joaquim Júlio da Silva Lagarto, antigo Tesoureiro; Alice Matoso Mendonça; Adelaide Ivone de Sousa, antiga sócia e Directora; Fernanda Canuto da Costa; António de Oliveira Saraiva, antigo sócio.

««« Com esta nomeação foi dado o primeiro passo para a reorganização da Federação Espirita Portuguesa, mandato que esta Comissão cumpriu, matendo-se em actividade até à eleição dos Corpos Gerentes a eleger em data futuramente a marcar.

António Saraiva contou-nos da sua desilusão, e da de muitos outros, face ao comportamento de alguns dos presentes à Assembleia, que não creditava, em nada, o comportamento dos espiritas. A decepção quase o fez desistir naquela altura, mas o importante era o Movimento, não as pessoas, não ele, e ficou! Mas, consultando a revista “Fraternidade”, da mesma época, ali vêm apontadas as razões que devem ter estado na origem da dissidência e se manteve depois, por bastantes meses. Uma facção queria que os elementos a eleger para gerirem a F.E.P. fossem, tanto quanto possível, os mais relacionados com a F.E.P. anterior; a outra facção queria que, para o efeito, fosse considerada a presença de todos os espiritas presentes na Assembleia.

Esta ‘sisão’ teve como consequência que, durante uma temporada, houve duas comissões a tentarem organizar a comemoração do 1º Congresso Espirita Português; duas facções a quererem criar representantes federativos espalhados pelo País; duas facções a falar em Federação... Com o tempo, a segunda facção foi alterando os dizeres das suas convocatórias e realizações, acabando por aceitar, silenciosamente pensamos, que a Federação Espirita Portuguesa fosse aquela que vigora até hoje.

Foram tempos difíceis, onde a incompreensão e o egocentrismo, talvez, quase destruíram, à nascença, a liberdade religiosa que a nova Lei Civil nos concedia.

Mas, continuando a narrativa:

««« Contactado o advogado da Federação, Dr. Eduardo Fernandes, este foi incumbido de defender a reivindicação dos bens da Federação.

««« Na primeira Assembleia Geral realizada pela Comissão Executiva, esteve presente o advogado da Federação, que fez à Assembleia ali reunida, uma exposição sobre o património da Federação e sua implicação jurídica.

««« Em 12/7/74 o mesmo advogado, Dr. Eduardo Fernandes, publica um extenso artigo no jornal da tarde, 'República', e que transcrevemos na íntegra:

#### ««« A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA e a QUEDA DO FASCISMO EM PORTUGAL

««« O glorioso Movimento das Forças Armadas que, em 25 de Abril, libertou Portugal das garras da tirania, da opressão e da ignomínia, trouxe consigo o anseio da população de todo o País, que há cerca de meio século vivia num regime de terror.

««« Restabelecendo as liberdades democráticas, as Forças Armadas, sem fazer verter uma gota de sangue, expulsaram do "trono" a que se tinham alcandorado ilegalmente os tiranetes sem moral e sem dignidade que durante este longo período de obscurantismo, de miséria e de opróbrio, tomaram conta da Nação, lançando-a no caos, no medo, na vergonha e na indignidade do compadrio.

««« Finalmente o povo viu rasgar-se no horizonte nebuloso das suas esperanças, o Sol magnífico a que Antero chamava, num dos seus mais belos sonetos, "o claro amigo dos heróis".

««« E para quantos heróis que durante aquele meio século de banditismo político, ao abrirem-se finalmente as portas claras das masmorras onde a PIDE-DGS os torturou moral e fisicamente, não brilhou esse "claro amigo"!

««« Mas não foram só os indivíduos que sentiram no corpo e na alma o chicote ignominioso da degradação.

««« Também uma grande maioria de instituições colectivas, só porque não seguiam as linhas de conduta impostas pelo chamado regime corporativo, viram os seus direitos postergados e a sua existência votada ao ostracismo, à dissolução, ao desmantelamento, à morte cívica moral e social.

««« Está precisamente neste caso a Federação Espirita Portuguesa que, através de um despacho ferido de ilegalidade, absolutamente facioso e reaccionário, viu as suas portas fechadas, os seus bens desmantelados e a sua legítima propriedade entregue a outras instituições então com



existência legal – ou melhor – com existência admitida pelos pseudo-poderes públicos.

««« Chegou agora o momento oportuno para a Federação Espirita Portuguesa vir reclamar os seus legítimos direitos e impetrar do Governo Provisório a Justiça da entrega de tudo aquilo de que foi espoliada, com a reabertura da sua sede e as liberdades fundamentais que estão na base da sua livre associação, como instituição colectiva legal.

««« Não é demais historiar para que se possam avaliar os atropelos e as ilegalidades de que foi vítima, no regime deposto, a Federação Espirita Portuguesa.

««« Assim, em 25 de Maio de 1925 obteve a Federação Espirita Portuguesa a aprovação dos seus Estatutos pelo Governador Civil do Distrito de Lisboa e por esses mesmos Estatutos se regeu até ao ano de 1953.

««« Aconteceu, porém, que nesse ano de 1953 – tal como até agora – todos os centros espiritas com práticas culturais se encontravam na ilegalidade (!) embora com Estatutos aprovados pelos Governos Cívicos e satisfazendo todas as obrigações fiscais e administrativas exigidas pelas leis vigentes.

««« Um Parecer do então Conselho Permanente da Acção Educativa foi homologado pelo também então subsecretário da Educação Nacional (um tal Rebelo de Sousa) de 3 de Julho de 1950 definiu as condições necessárias ao exercício da produção de fenómenos metapsíquicos em sessões espiritas, declarando em resumo que:

«« a)- Se devia proibir a investigação e o estudo dos fenómenos alegados pelo Espiritismo e que constituem objecto da metapsíquica, desde que essas investigações não estivessem a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, oferecessem perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica.

«« b)- Só devia autorizar-se a constituição e o funcionamento de associações destinadas àquelas investigações e àquele estudo, quando se verificasse que dispunham dos “meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos da alínea anterior”.

««« Também e segundo a letra do Decreto 37545 de 8 de Setembro de 1949, qualquer organização espirita só poderia funcionar, depois dos seus Estatutos terem sido homologados pelo Ministro da Educação Nacional.

««« Quer dizer :

««« Este Decreto condenava desde logo ao fracasso, antes mesmo da sua organização, qualquer tentativa de constituição associativa espirita, isto porque exigia que o seu funcionamento estivesse condicionado à aprovação dos seus Estatutos pelo Ministro da Educação Nacional e, desde que a associação não possuísse as condições indispensáveis dos requisitos

exigidos no Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa, não podia ter vida real e efectiva como pessoa jurídica tutelada pelo Direito e pela Lei.

««« Era preso por ter cão e preso por não o ter...

««« Por um lado, fazia-se depender a aprovação dos Estatutos da Federação Espirita Portuguesa da homologação do Ministro.

««« Por outro lado, não se aprovavam os Estatutos, porque se não preenchiam os requisitos exigidos pelo Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa.

««« Era assim, desta maneira dúbia, insidiosa, impressionantemente repressiva que o regime fascista procedia, quando pretendia afastar pessoas ou colectividades que tinham “caído em desgraça”.

««« Colocada a Federação Espirita entre a espada e a parede, a braços com este terrível e intrincado paradoxo, resolveu modificar os seus Estatutos montando um laboratório de estudos metapsíquicos.

««« Isto é, como não podia ter vida associativa sem a existência de um laboratório, resolveu, pois, montá-lo, obedecendo a todos os requisitos, embora discricionários, que lhe eram exigidos.

««« Mesmo assim viu gorados todos os seus intentos.

««« De facto, não obstante ter obedecido a todos os requisitos legais que lhe eram exigidos, a letra do Decreto 37545 de 8 de Setembro de 1949 e o Parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa homologado pelo subsecretário da Educação Nacional (o tal Rebelo de Sousa), foram considerados como inexistentes e a Federação viu, mais uma vez, denegados os seus legítimos direitos.

««« É que se fez mais.

««« Quando em 1953 a Federação solicitou ao Ministro da Educação Nacional a aprovação dos Estatutos e do Regulamento do Laboratório de Estudos Metapsíquicos Professor “Charles Richet”, o Ministro, sem curar de saber se aquele laboratório dispunha ou não de meios indispensáveis para satisfazer aos requisitos exigidos e se estava ou não a cargo de pessoas que, pela sua categoria e preparação, oferecessem perfeita garantia de seriedade e obediência às condições mais elementares da metodologia científica, resolveu simplesmente, comodamente, discricionariamente, ilegalmente, ordenar a suspensão da Federação por despacho de 18 de Novembro daquele ano e, em 7 de Dezembro do mesmo ano, mandar encerrar a sede da mesma Federação pela Polícia de Segurança Pública, com a confiscação de todos os seus bens e propriedades entregues à Casa Pia de Lisboa.

««« Esta prepotência, este descalabro, este aborto jurídico-legal eram bem próprios do deposto regime que, sem respeito pelos direitos adquiridos, sem obediência aos mais elementares princípios da

convivência politico-social, deturpava a lei, espezinhava o Direito, amesquinhava a dignidade alheia, conspurcava a honra e espancava barbaramente as consciências e os corpos.

««« E a sua infâmia e o seu descalabro iam a tal ponto, que, num despudor de indignidade, saltava por cima mesmo da Constituição Política por que então se regia, limpando as suas partes mais sujas à letra do artigo 46º e outras disposições daquela Constituição.

««« Com efeito, aquele artigo 46º estabelecia expressamente que “O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas cujos cultos são praticados dentro do território português, regulando a lei as suas manifestações exteriores e podendo reconhecer personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina” (redacção segundo a Lei nº 2048).

««« Por consequência, segundo esta disposição legal era livre o culto e organização das confissões religiosas além da católica, reconhecendo-se personalidade jurídica às associações constituídas em conformidade com a respectiva disciplina religiosa.

««« Isto queria dizer que, além da liberdade de culto, se permitiam, segundo a constituição, associações em conformidade com esse culto, dando-se-lhe personalidade jurídica.

««« Também o nº. 3 do artº. 8º. daquela constituição política reconhecia a liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas e ainda, no seu nº 14º, a liberdade de reunião e associação.

««« Isto parecia querer dizer que o culto do Espiritismo, como doutrina místico-religiosa, era livre e a crença inviolável.

««« Isto queria dizer que, segundo a constituição então vigente, o Espiritismo podia constituir associações em conformidade com o seu culto e reunir-se livremente.

««« Bastou porém um despacho dum tal Rebelo de Sousa, arvorado em subsecretário da Educação Nacional, para fazer tábua rasa de uma disposição constitucional.

««« Não fôra a gravidade da situação criada por tão hediondo despacho: não fôra o prejuizo material e moral que esse aborto ocasionou à Federação e aos seus associados e seríamos levados a dar uma grande e sonora gargalhada.

««« “Ridendo castigat mores” – é certo. Mas para além da vontade de rir que possa provocar nas consciências impolutas aquele ignóbil despacho, fica-nos um amargo na boca e nos bolsa toda a vergonhosa atitude de um homem que detém o poder só para amesquinhar e humilhar, desprezando as consequências sociais e económicas do seu acto infame e sem qualificação humana.

««« Felizmente que o referido regime foi derrubado.

««« Nesta hora de Paz, de Concórdia e de reivindicações, sem ódios e sem ressentimentos, a Federação Espirita Portuguesa saberá reclamar superiormente os seus direitos postergados, com a entrega de todos os seus bens e a posse das suas propriedades, percorrendo uma existência legal.»»»

Continuando o relato dos acontecimentos àquela época, Oliveira Saraiva continua:

««« Pela Comissão Executiva Pró-Federação Espirita Portuguesa, é publicada uma circular sem data pedindo aos sócios que a contactem todas as quintas-feiras na sede do ‘Centro Espirita Perdão e Caridade’, na rua Presidente Arriaga nº 124 – Lisboa.

««« Em Agosto (do mesmo ano) é dirigida uma nova circular aos sócios, anunciando a próxima Assembleia para a eleição dos Corpos Gerentes, sendo eleitos, em assembleia geral de 7 de Setembro de 1974, os seguintes:

#### DIRECÇÃO:

*Presidente* : Isidoro Duarte Santos, Oficial de Marinha e antigo director das publicações ‘Mensajeiro Espirita’ e ‘Revista de Espiritismo, da F.E.P.; *Vice-Presidente* : José Lyon de Castro, médico naturopata; *1º Secretário* : António Ernestino de Lima Rodrigues, editor e jornalista; *2º Secretário* : Alice Matoso Mendonça, professora e antiga sócia; *Tesoureiro* : Joaquim Júlio da Silva Lagarto, profissional de Seguros e antigo Director; *1º Vogal* : Jorge Augusto Raimundo, funcionário da Caixa Geral de Depósitos; *2º Vogal* : Érico da Silveira Alves, médico. *Suplentes*: Adriano Lima Alves de Oliveira, médico; Manuel Marecos Henriques, industrial e antigo sócio; José Cordeiro Coelho de Sousa, professor.

#### CONSELHO FISCAL:

*Presidente*, Celestino Monteiro Bexiga, linotipista; *Relator*, Casimiro Duarte, comerciante; *Secretário*, Leopoldo Alberto G. Moura Lopes, profissional de Seguros *Suplentes*: José dos Reis Pires, capitão e antigo director; Serafim da Silva Baltazar Brites, gerente comercial; Daniel Ricardo Lopes, industrial.

#### MESA DA ASSEMBLEIA GERAL:

*Presidente* : Ferdinando Pestana Marques, economista; *Vice-Presidente* : António José Serra Formigal, funcionário da R.T.P.; *1º Secretário* : Diamantino Cordeiro de Oliveira, empregado bancário; *2º Secretário* : Manuel dos Santos Rosa, professor.

#### CONSELHO SUPERIOR DELIBERATIVO:

António José Monteiro Cardoso, Eng<sup>o</sup> Químico e antigo sócio; Adelaide Yvone de Sousa Lopes, pintora e antiga directora; António Oliveira Saraiva, empregado bancário e antigo sócio; Acúrcio de Campos, médico. *Suplentes*: João José Alves, guarda-livros e antigo sócio; João Maria Franco Ribeiro, comerciante; José de Oliveira Rebordão, professor e antigo director.

#### JUNTA CONSULTIVA:

Manuel da Silva Dionísio, capitão e maestro; Clementina das Mercês Dinne Rosado, Eng<sup>a</sup> Agrónoma; António Victorino da Silva, Profissional de Seguros; António Gonçalves de Campos, comerciante e antigo sócio; Maria Carlota de Almeida Santos, antiga sócia; Alfredo dos Santos, capitão do Exército; João de Almeida Júnior, editor e antigo sócio; Hermínia da Silva Gonçalves Ajuda; Luis Marcos Ferro, empregado de escritório; Gustavo Neves Tavares, funcionário público; Maria Manuela A. S. Lima Rodrigues; António Pereira de Almeida, industrial e antigo sócio; Joaquim da Rosa Pereira Júnior, profissional de seguros; Maria Ermelinda Mealha; Odete Eugénia Ventura Henriques; Ida Ema Von Goethem Kruger, publicista; Joaquim Augusto Areal, funcionário público; Emílio Cândido Rendeiro de Oliveira, 1º Sargento do Exército; Carlos Silva, empregado de escritório.

««« Como se verifica, para o lugar de Presidente foi nomeado o grande lutador espírita, escritor, orador e publicista, Isidoro Duarte Santos, que se esperava que viesse a dar à Federação, nesta arrancada, o maior e melhor desenvolvimento.

««« Infelizmente, tal não veio a acontecer, pois aquele que era considerada a pessoa que melhores condições reunia para o lugar, havia de ver interrompida a sua existência terrena, desencarnando no dia 15 de Novembro de 1974.

««« O choque foi grande, no meio espírita.

««« A Federação Espírita Portuguesa iria, a partir dessa data, sentir grandes dificuldades que, infelizmente, se têm confirmado.

««« Queira Deus – escreve António S. de Oliveira à época deste relato (1995) – queira Deus que esse momento, que consideramos cármico, tenha terminado.»»»»

Mas, voltemos a Julho de 1974, para transcrever a editorial de ‘Estudos Psíquicos’, que consideramos bastante importante.

O articulista, intitulado-a **HORA GRAVE E SOLENE**, escreveu:

««« O Governo Provisório e outras entidades representativas alertam o povo português contra as forças reaccionárias que impedem a democratização da sociedade. É aviso honesto, imprescindível. Quem quiser o progresso da grei deve acompanhar esse toque de sentido, unindo-se verdadeiramente.

««« Mas essas forças não se afirmam apenas no subsolo político. Alastram noutros sectores impondo ideias e assumindo atitudes discriminativas, no momento em que a união é mais precisa e não se deve desperdiçar a menor parcela de energia.

««« Reestruturou-se o Centro Espiritualista Luz e Amor e outro acontecimento está em vias de realização que será marco miliário no movimento espírita lusitano. Além disso, foi eleita em assembleia geral dos antigos sócios da Federação Espírita Portuguesa a respectiva Comissão Executiva, com o fim de reconstruir uma colectividade esquadrejada pelo governo salazarista e promover a eleição dos Corpos Gerentes que hão-de regê-la no próximo triénio.

««« Agora o trabalho exige a maior disciplina e atenção. E também a maior prudência. A Comissão Executiva necessita de apoio incondicional, visto estar em suas mãos o futuro de uma causa que reputamos sagrada. Mas temos de fazer apelo à união geral, irmanar os adeptos, porque a empresa é de gigantes e não se pode limitar à contribuição de meia dúzia. Acima dos homens há um Ideal a defender e para o qual é preciso dirigir os passos, esquecendo o que nos enfraqueça ou divida.

««« Eis porque dizemos com ênfase e vibração inerentes a cinquenta anos de serviço ininterrupto ao Espiritismo:

««« - Cuidado, amigos, muito cuidado com a cizânia que bem pode contaminar a sementeira! É preciso cautela e sobretudo vigilância. Se durante tantos anos de opressão tivemos coragem de resistir à Censura e outras prepotências, não devemos sossobrar na hora solene da liberdade. A Federação Espírita Portuguesa será o órgão máximo do Espiritismo em Portugal com a missão de lançar os fundamentos básicos e organizar congressos, **de harmonia com o seu Estatuto.**(O destaque é nosso). Ficai sabendo que é assim mesmo e que o contrário é atentar contra aquilo que se diz defender. Por isso falamos em disciplina. E também em coesão sem



frinças dirigida ao alvo efectivo e permanente. Porque o Espiritismo é de todos. Nisto reside a sua projecção e sujestão e ninguém o pode alienar.

««« Não se atravessou um túnel de meio século para se entrar noutra igualmente escuro e irrespirável. Ouça quem tem ouvidos de ouvir.

««« (...)

««« Entretanto, pedimos calma e atenção ao que der e vier. Não podemos esboçar outra atitude. Assim no lo impõe o dever e a responsabilidade.»»»

\*

A “Nota do mês”, de Agosto, da revista em que nos temos estado a basear para narrar o acontecido pós o 25 de Abril e mudança de Governo bem como da situação politica, no que ela tem a ver com o Movimento Espirita Português, - a Nota refere :

#### ««« CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE

««« Em virtude de troca de impressões entre o ‘Centro Espiritualista Luz e Amor’, que não tem sede própria, e o ‘Centro Espirita Perdão e Caridade’, que dispõe de óptima sede com três andares, foi resolvida a fusão das duas colectividades, passando os sócios do primeiro a ingressar no segundo, tendo-se realizado em 17 do corrente uma assembleia geral que elegeu os seguintes Corpos Gerentes para o triénio 1974-1976:

«« **Direcção:** Presidente, Isidoro Duarte Santos; Vice-Presidente, Coronel Aldemiro Nunes Correia; 1º Secretário, Dr. António José Monteiro Cardoso; 2º Secretário, António Ernestino Lima Rodrigues; Tesoureiro, Emílio Cândido Rendeiro de Oliveira; Vogal, Jorge Augusto Raimundo.

«« **Conselho Fiscal:** Presidente, Casimiro Duarte; Secretário, Licínio Henriques; Relator, António Oliveira Saraiva.

«« **Assembleia Geral:** Presidente, Capitão Manuel da Silva Dionísio; 1º Secretário, José Coelho de Sousa; 2º Secretário, Manuel Marecos Henriques.

«« A sede é na rua Presidente Arriaga, 124, 1º (à Pampulha).

#### ««« FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Continuam os trabalhos da Comissão Executiva, que na última assembleia extraordinária realizada no dia 10 do corrente revelou o nome dos Corpos Gerentes a eger no dia 7 de Setembro no mesmo endereço, da rua Presidente Arriaga, 124, 1º..

««« Da lista constam 48 elementos que muitos serviços têm prestado à Causa. »»»

E o número de Setembro deste primeiro ano de liberdade religiosa refere, sobre a Federação Espirita Portuguesa:

««« (..)

««« A Federação foi esbulhada arbitrariamente do seu património material e impedida de cumprir a missão que lhe outorgou a primeira república, mergulhando em noite insondável sem margem para novas esperanças, que renascem e se agigantam em horizontes promissores.

««« Por isso, repetimos, a nada se poupou a Comissão Executiva, de que fazem parte Casimiro Duarte, D. Alice Mendonça, António de Oliveira Saraiva, Joaquim da Silva Lagarto, D. Ivone de Sousa Lopes e Lima Rodrigues. Lutou incansavelmente com os olhos no alvo e agora prepara-se no sentido da reivindicação do património confiscado e estamos convictos de que seremos bem sucedidos, visto que a justiça está do nosso lado e a prepotência ter passado à história. (...). »»»

E noutro artigo do mesmo mês e da mesma revista, comenta-se o “Espiritismo em Portugal”, referindo-se o que “o 25 de Abril trouxe ao movimento espirita português: euforia, entusiasmo e liberdade de expressão, imprescindíveis ao verdadeiro progresso das ideias, durante tantos anos estratificadas em holocausto a tradições obsoletas e negativas.”

“No território continental – continua – vibra-se intensamente, considerando-se irreversível o resultado obtido no tocante às mais belas perrogativas do cidadão. O que é preciso é dinamizar a Doutrina e cientificar adeptos e simpatizantes de que o caminho é em frente sem vizeiras degradantes, escudados na espiritualidade e na fé que move montanhas.”

“ Cada um – acrescenta ainda – deve fazer o máximo para multiplicar os centros e grupos espiritas, onde quer que se encontrem elementos que possam explicar e coordenar os ensinamentos da Codificação Kardeciana. Não importa o número dos aderentes, desde que sejam honestos e sinceros.”

E depois de referir o ‘Perdão e Caridade’, menciona a Federação Espirita Portuguesa, “(...) cujos Corpos Gerentes acabam de ser eleitos numa arrancada que ficará “na história do movimento neo-espiritualista contemporâneo”.

E o artigo continua ainda, revelando bem, nas palavras do mesmo, o entusiasmo vivido no momento por todos aqueles que sentiram em si a liberdade de poderem referir, sem qualquer perigo mais de represálias, a Doutrina que a todos tocara - e saia, agora, das catacumbas para onde a ditadura do Governo anterior a atirara!

E nas notícias do mesmo mês, dos Centros Espiritas ‘Perdão e Caridade’ e ‘Luz e Amor’, a revista refere a chegada a Portugal e a apresentação feita nas instalações da Pampulha do médium jornalista brasileiro, Jorge Rizzini, já conhecido dos espíritas portugueses devido não só aos seus artigos jornalísticos mas, também, ao seu trabalho como médium.

\*

O número de Outubro do mesmo ano publicita a reabertura do ‘Centro Espirita Perdão e Caridade’, e as suas directrizes, num total de 16 itens, dos quais destacamos:

- dar esclarecimento doutrinário; organizar um núcleo de Juventude Espirita; abrir um curso de Esperanto; organizar uma biblioteca.

Nas páginas imediatas, refere o Espiritismo em Angola e a esperança de, também ali, se conseguir criar “*uma Federação que em Luanda exerça livremente o seu papel de representar e coordenar o Espiritismo kardeciano naquele vasto e ubérrimo território.*” - É João Xavier de Almeida que informa, referindo uma reunião realizada em 23 de Junho e na qual os espíritas angolanos discutiram bases e formas da sua futura associação.

Mais à frente, uma pequena notícia informa os moçambicanos da breve chegada àquele território de Casimiro Duarte, na qualidade de representante da F.E.P., para promover a aproximação dos Grupos e Centros Espiritas moçambicanos com a Casa Mater do Espiritismo, em Portugal. Já havia em Lourenço Marques, àquela data, um grupo idóneo, que criara a COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ. Os seus directores eram Albino de Paiva Trindade, António de Pina Gouveia, Artur dos Santos Cruz, João de Sousa Magalhães e José Fernandes Pereira. No dia 26 de Abril haviam reunido, com um grupo de pessoas interessadas no estudo, no gabinete de trabalho de Albino Trindade, para início do “Curso de Orientação e Educação Mediúnica”, dado por Joaquim Alves - Jô, chegado a L.M. na véspera, a convite de Pina Gouveia, com a finalidade principal de os orientar sobre como se trabalhar num Centro Espirita. Este Irmão era para ter ficado 1 mês e ali ficou durante 8, transmitindo os seus conhecimentos e exemplificando o que é ser-se espirita.

Continuando, ainda, a referir a “Comunhão”, lembramos que com a independência de Moçambique, o grupo foi-se desfazendo, mas continuando sempre o Centro aberto (até hoje), com os colaboradores que foram passando o testemunho.

Albino Trindade veio para Portugal, integrando-se no M.E.P., abrindo uma livraria de obras espíritas, incrementando sempre mais o Movimento

através da livraria e das facilidades que foi concedendo aos Centros, e auxiliando aqueles que se foram formando.

Pina Gouveia foi para S. Paulo, onde se mantém até hoje, colaborando com o Movimento Espirita daquela cidade e procurando e recebendo os espiritas portugueses que ali vão de visita, orientando-os para Centros e livrarias.

Artur Cruz, João Magalhães e José Pereira, desencarnados já, vieram, eles também, para Portugal: os dois primeiros, unidos a outros colaboradores da “Comunhão” que vieram de Moçambique, fundaram aqui a COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ DE LISBOA, em actividade até hoje.

José Fernandes Pereira, natural de Rio Tinto, para lá se deslocou e, unindo-se a Terroso Martins, do mesmo ideal espirita, fundou a COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ, naquela localidade, primeiro numa garagem da casa de T. Martins, e desde há uns anos atrás, com sede própria, em Baguim do Monte. Também ali prestam a sua colaboração outros espiritas vindos da “Comunhão” de Lourenço Marques.

\*

Em Outubro de 1974, em artigo publicado na revista ‘Fraternidade’, da ‘Associação de Beneficência Fraternidade’. De Lisboa, J. F. C. escreve:

««« A alteração dos Estatutos da Federação Espirita Portuguesa (...), tem que ser efectuada para incentivar o espirito associativo de norte a sul de Portugal, e supomos que isso esteja a ser considerado pelos esclarecidos membros dos seus Corpos Gerentes.

««« Na verdade não é nada revolucionário o que ali se estipula (na alteração que a ABF propõe), pois é por aquelas disposições que a Federação citada interessa directamente a todos os espiritas do País, visto que pelas disposições actuais parece que está tudo nas mãos e nas intenções dos espiritas de Lisboa.

««« Ora, verdadeiramente, uma Federação é constituída por sócios federados.

««« Estamos esperançados em que os Corpos Gerentes, já em actividades, da Federação Espirita Portuguesa tomem a resolução de promover a convocação de uma Assembleia Geral para aquele efeito.

««« Se assim não suceder, terá que haver o recurso ao Artigo 31º dos Estatutos em vigor, que diz: “ A alteração destes Estatutos ou dos regulamentos internos só pode ser pedida a requerimento de cinquenta sócios, devendo comparecer na Assembleia Geral, convocada exclusivamente para este fim, pelo menos dois terços dos sócios requerentes. »»»»

Em Novembro, o Governo publica o Decreto nº 594/74, de 7 desse mês, que revoga a Lei nº 1901, de 21/5/935 e os D.L. nºs. 39.660 e 520/71, respectivamente de 20/5/954 e 24/11/971.

Ele refere, entre outras coisas, o direito à livre associação : que o direito à constituição de associações passa a ser livre e a personalidade jurídica adquire-se por mero acto de depósito, contra recibo, de um exemplar do acto de constituição e dos estatutos no governo civil da área da respectiva sede, após prévia publicação no D.G.(...).

\*

O número de Dezembro participa o desencarne de Isidoro Duarte Santos, ocorrido repentinamente, e António Saraiva, transcrevendo uma circular da F.E.P., publicada no número de Janeiro/Fevereiro de 1975 de “Estudos Psíquicos”, continua a recordar, para nós, como foram aqueles momentos:

««« Havia que proceder-se à eleição de novo Presidente.

««« No seu comunicado 1/75, de 4 de Janeiro, a F.E.P. comunica:

««« (...) ELEIÇÃO DO NOVO PRESIDENTE da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Em face da gravidade da lacuna deixada com o desencarne de Isidoro Duarte Santos, foi convocada pela Direcção, em 23 de Novembro, uma reunião extraordinária na qual tomaram parte todos os Corpos Gerentes da F.E.P..

««« Muito embora a competência para a eleição de um novo presidente fosse, de acordo com os Estatutos, apenas do Conselho Superior Deliberativo, entendeu-se que o assunto, pela sua transcendência e de acordo com as ideias democráticas felizmente em boa hora instauradas no nosso país, deveria ser exposto a todos os Corpos Gerentes, auscultando desse modo as opiniões gerais.

««« Assim, exposto o problema aos presentes, foi alvitado pela Direcção o nome do primeiro secretário Sr. António Eenestino de Lima Rodrigues, após o que o Presidente da Mesa concedeu um intervalo para estudo e apresentação de mais alvitres, que não surgiram.

««« O Conselho Superior Deliberativo retirou-se então para a sala anexa, a fim de proceder à votação da proposta, a qual foi aceite por unanimidade, nomeando Presidente da Direcção da F.E.P. o Sr. António Ernestino de Lima Rodrigues, manifestando a assembleia o seu agrado pela escolha feita.

««« No acto de posse que seguidamente se efectuou, Lima Rodrigues lamentou que a sua eleição tivesse tido lugar pela perda de tão querido amigo.

««« Declarou ainda que contassem com a sua dedicação e vontade, como ele contava com o saber e a experiência de todos; que a luta por um Espiritismo Maior em Portugal continuaria, e os ideais Kardecistas deveriam estar sempre latentes em cada um dos espiritas portugueses, continuando o rumo defendido por Isidoro Duarte Santos.»»»

««« No dia 13 de Janeiro – continua António Saraiva – numa reunião convocada pela Direcção, reuniu-se o Conselho Superior Deliberativo para decidir sobre preenchimento da vaga de 1º secretário, em aberto pela nomeação de Lima Rodrigues para o cargo de Presidente da Direcção, sendo eleita por unanimidade, Maria Raquel Duarte Santos, viúva de Isidoro »»»».

««« Mas – diz, ainda, António Saraiva – a direcção de Lima Rodrigues não foi muito feliz, pois ele viria a transferir para o Alentejo a sua vida particular, deixando de conceder à Federação o esforço e a presença que o seu cargo requeria .»»»»

««« A este tempo – esclarece ainda A.S. – já a Federação tinha mudado a sua Sede para a Rua de D. Estefânia, nº 21, 3º Dtº., (conforme comunicação da própria, no mês de Maio de 1976, no final de um apelo-campanha pró-sede de Federação Espirita Portuguesa que a ‘Estudos Psiquicos’ publica.

««« A Comissão Executiva entregou à Direcção que se lhe seguiu (na ordem do texto, calculamos que tenha sido na Direcção de L. Rodrigues), à volta de 130 sócios individuais e alguns colectivos. Quando deixámos a Federação, talvez não houvesse 60 sócios que pagassem as suas quotas.

««« No dia 18 de Fevereiro de 1976, em carta dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, pedi a minha demissão de membro do Conselho Superior Deliberativo, por estar em desacordo com o caminho que a Federação levava»»»».

Voltando um pouco atrás, ao mesmo número de Janeiro/Fevereiro de 1975, notícias da Federação Espirita Portuguesa publicadas à página 31 da revista “Estudos Psiquicos”, informam que

#### ««« REIVINDICAÇÃO DO PATRIMÓNIO

«««Após várias consultas e conversações efectuadas com autoridades governamentais e de acordo ainda com o ofício emanado do Gabinete do Senhor Primeiro Ministro, foi finalmente presente ao Senhor Ministro da Administração Interna todo o processo reivindicativo do património da F.E.P.



««« Deste processo fazem parte todos os documentos comprovativos do direito de posse da F.E.P. ao seu expoliado património pelo governo de Salazar, incluindo as exposições na devida data apresentadas protestando contra as arbitriedades então cometidas, notas dos arrolamentos dos bens levados a cabo pela P.S.P. por ordem do Governo Civil e toda uma série de documentos que dizem bem da história da F.E.P. ao longo destes anos de perseguição e prepotência.

««« Como é do conhecimento público, entre os bens em causa encontram-se, além de valiosa biblioteca, aparelhagem científica, mobiliário e obras de arte, dois importantes imóveis, um no Porto e outro em Lisboa, sendo este último o conhecido “Teatro Laura Alves”.

««« Aguarda-se a todo o momento e dentro do andamento previsto do assunto, as notícias do Senhor Ministro, esperando que finalmente a Justiça nos seja feita e reconhecidos os nossos legítimos direitos.

Em comunicação de Maio de 1976, em Assembleia Geral Extraordinária, o Presidente da Mesa informou das diligências que durante ano e meio foram feitas perante as autoridades competentes, com vista à recuperação dos bens da F.E.P..

«««O Presidente da Mesa acentuou ainda a complexidade do processo, pois a própria Casa Pia, entidade a quem foram entregues os bens da F.E.P. é um organismo governamental. A seguir, e sempre no desejo dum melhor esclarecimento do assunto leu à Assembleia a ‘Informação que em 11 de Março de 1976, a F.E.P. recebeu do Gabinete do Ministro do Ministério da Administração Interna, e fornecida pelo Auditor Jurídico daquele Ministério a cuja apreciação tinha sido entregue o processo da reivindicação dos bens da F.E.P.’. Como se trata dum documento muito extenso, transcrevemos somente a parte final:

««« A análise de todo o processo junto, mostra a existência de muitas irregularidades causadoras, inclusivamente, de ainda hoje os imóveis de que a Casa Pia tem a posse desde a data atrás referida, ainda estarem registados em nome da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA.

««« Em todo o caso, a análise dessas irregularidades e a consequência que possam ter tido na inexistência, nulidade ou anulabilidade do despacho só importarão se o Ministro da Administração Interna puder revogar o despacho, então proferido pelo Ministro do Interior. Caso contrário, não tem interesse essa discussão que sempre terá de ser feita nos órgãos competentes. Ora, parece-nos que o Ministério da Administração Interna não tem competência para revogar o acto. De facto, nos termos do artº 18º da Lei Orgânica do S.T.A., “a competência para revogação ou suspensão das decisões e deliberações tomadas por quaisquer órgão da Administração Pública pertence ao autor do acto”.

««« Sendo assim, e sem necessidade de outras considerações mais desenvolvidas, somos de parecer, que o Ministério da Administração Interna não tem competência para revogar o acto que determinou a perda dos bens da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, só podendo a questão resolver-se por via contenciosa ou legislativa.

«««Assº)- O Auditor Jurídico.»»»»

*(Nota: ainda hoje, Março de 2003, a Federação, através das suas várias Direcções, continua pugnando pela devolução destes bens. Sabemos que a luta tem sido árdua e os obstáculos que se lhe colocam, os maiores e mais desanimadores possíveis. Mas sentindo a razão que os assiste, os dignos representantes da F.E.P. continuam “remando contra a maré”, sabendo e sentindo que “atrás do tempo, tempo vem!”).*

#### ««« REUNIÃO DO CONSELHO SUPERIOR DELIBERATIVO

««« Convocada pela Direcção, realizou-se no passado dia 13 de Janeiro uma reunião do Conselho Superior Deliberativo, durante a qual foram tratados os seguintes assuntos:

««« - Eleição (por unanimidade) para o cargo de 1ª secretária da Direcção de Maria Raquel Duarte Santos.

««« - Criação de uma Comissão de Revisão dos Estatutos.

««« Criação do Departamento de Relações Públicas.

#### ««« COMISSÃO DE REVISÃO DOS ESTATUTOS

««« As reuniões de trabalho desta Comissão passam a efectuar-se todas as segundas-feiras, na nossa sede provisória na Rua Presidente Arriaga, 124, 1º.

««« Esta Comissão, convida desde já todos os associados a manifestarem os seus alvites para o fim pretendido, os quais, de preferência, devem ser apresentados por escrito e com a maior urgência.

#### ««« FEDERAÇÃO DOS CENTROS ESPIRITAS

««« Prosseguindo na organização dos nossos serviços, vai ser criado igualmente um Departamento de Relações Exteriores, o qual terá por missão a assistência aos Centros Federados, cuja inscrição, de acordo com as normas estatutárias, está a decorrer.

««« Os Centros interessados na sua filiação poderão dirigir o seu pedido por escrito para a R. Presidente Arriaga, 124, 1º. – Lisboa.

««« *F. E. P. - Departamento de Relações Públicas.* »»»»

O número de Abril – e continuamos a basear-nos na revista “Estudos Psíquicos – publica dois comunicados: o primeiro do Departamento de

Relações Públicas e o segundo da responsabilidade do Vice-Presidente da Direcção.

Comecemos pelo primeiro.

««« COMEMORAÇÃO DO 50º ANIVERSÁRIO DO 1º CONGRESSO ESPIRITA PORTUGUÊS

««« A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, membro da Federation Spirite Internationale\*, como legítima representante do Espiritismo em Portugal, saída do 1º Congresso Espirita Português realizado de 15 a 18 de Maio de 1925, reafirmando uma posição doutrinária baseada no experimentalismo científico, onde militaram individualidades de grande craveira mental, como o Dr. António Lobo Vilela, matemático; Coronel Faure da Rosa; General Passaláqua; Major Eurico Zuzarte; Dr. Martins Velho, médico; Dra. D. Amélia Cardia, 1ª médica que se formou em Portugal; D. Maria O'Neill, escritora; Engº Vasco Ramires; D. Maria Veleda, professora e conferencista; Dr. Sousa Couto, advogado; 1º Tenente Isidoro Duarte Santos, jornalista e escritor; etc., etc., levará a efeito nos dias 17 e 18 do próximo mês de Maio, sessões comemorativas nas quais usarão da palavra alguns oradores que esclarecerão os aspectos científicos e filosóficos da Doutrina Espirita.

««« Foram as investigações científicas dos professores sir William Crookes, médico e novelista, sir Conan Doyle, médico e escritor, Dr. Alexandre Aksakof, físico russo, Dr. Charles Richet, médico e 1º Prémio Nobel da Medicina, Dr. Gustave Geley grande investigador, Dr. César Lombroso, criminologista italiano, Dr. Paul Gibier, sábio francês, Camille Flammarion, astrónomo de grande nomeada, entre outros ilustres homens da ciência do mundo internacional, que serviram de base aos trabalhos sobre Metapsíquica e Espiritismo em Portugal e que a partir do Congresso cujo 50º aniversário agora se comemora, tomou feição perfeitamente científica, em oposição a conceitos que não correspondiam à realidade do psiquismo actual, nem estavam em concordância com a doutrina codificada pelo eminente Dr. Léon Hippolyte Denizard Rivail, ilustre médico, matemático e pedagogo francês, cujo pseudónimo foi “Allan Kardec”.

««« Estas comemorações terão lugar em local a designar oportunamente.

««« Departamento das Relações Públicas.»»»

\* - Na página da “Crónica Mundial”, de Janeiro de 1965 da revista ‘Estudos Psíquicos’, encontra-se o nome da Federação Espirita Portuguesa como fazendo parte da Federação Espirita Internacional.

NOTA : Antes de passarmos à outra transcrição atrás referida, sentimo-nos na obrigação de rectificar algumas das qualificações de nomes acima referidos, por menos correctas:

Assim, Williams Crookes, não foi médico mas fisico e quimico inglês, Membro da Royal Society;

Charles Richet, igualmente foi fisico e o Prémio Nobel que recebeu foi nesta qualidade;

Cesar Lombroso, criminalista italiano e professor na Universidade de Turim;

Hippolyte Léon Denizard Rivail, está hoje comprovado pelos seus biógrafos que não foi médico, mas professor de matemática e letras, com vários livros de estudo publicados e usados na Sorbonne.

#### ««« AFIRMATIVA

««« Nada poderá afectar mais um movimento sério e responsável, como é, e deve ser o Espiritismo científico, moral e filosófico, como dividir e conduzir à desconfiança os seus membros.

««« Insistir em tal será criar problemas no seio do Espiritismo português, e que afectariam profundamente a causa que defendemos: o progresso do espiritismo, cuja mensagem visa contribuir para um mundo melhor, tal como idealizou o mestre Cristo, e que Kardec tanto se esforçou por proclamar nas suas notabilíssimas obras, as quais servem de guia às actividades da Federação Espirita Portuguesa, que todos nós devemos servir para bem da causa que nos deve trazer unidos, e conscientemente compenetrado da grandeza dos ideais que nos irmanam.

««« J. LYON DE CASTRO, Vice-Presidente da Federação Espirita Portuguesa. »»»

Esta ‘Afirmativa’ confirma o nosso comentário de páginas atrás, sobre o desentendimento que, logo após o 25 de Abril existiu entre os espiritas portugueses e surgido na primeira Assembleia Geral para reestruturação da F.E.P..

Verificámos, ainda, que a ‘Estudos Psíquicos’, que desde Setembro de 1974 apresentava no seu frontespício os dizeres “PORTA VOZ DO CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE” e “AO SERVIÇO DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA”, deixou de o fazer a partir de Maio de 1975.

Em Junho de 1975, a página do ‘Noticiário’ publica:

#### ««« CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE

««« Para conhecimento dos interessados, informamos os nossos leitores de que a Direcção do Centro Espirita ‘Perdão e ‘Caridade’ pediu por unanimidade a sua demissão, numa carta enviada ao Presidente da

Assembleia Geral da mesma colectividade e na qual invocou vários motivos.

««« Em face deste facto a revista ESTUDOS PSIQUICOS desliga-se do referido Centro, o que justifica a não publicação nesta página e a partir deste número, do programa das actividades daquela colectividade.

««« ESTUDOS PSIQUICOS, continuará a ser, como até aqui, órgão independente ao serviço do Espiritismo em Portugal. »»»

O mesmo exemplar publica vasto artigo “A propósito de um Congresso”, no qual Adelaide Yvone de Sousa faz uma breve resenha sobre a História do Espiritismo a nível mundial, para concluir sobre o Movimento em Portugal:

««« (...)

««« Poucos anos decorridos (desde o 1º Congresso) a sociedade portuguesa mergulha asfixiada sob a onda da ditadura fascista e os ânimos afrouxaram, as boas vontades perderam-se; por doença, morte e medo, e assim o Espiritismo perdeu os seus bens, as suas sedes de Lisboa e Porto, confiscadas arbitrariamente.

««« Oportunistas houve que após se terem guindado mais alto, não desceram do pedestal aonde subiram. Estes e outros comodistas originaram a falta de coesão que se nota nas nossas fileiras. Talvez reflexo da sociedade portuguesa em geral. O momento que passa é muito difícil, e impõe-se o dever de dar provas de firmeza e de lógica. Urge proceder com a plena compreensão das responsabilidades inerentes a cada um, a fim de criar esse ambiente de coesão para se conseguir um resultado positivo. Não é com a indiferença, o comodismo e a vaidade que poderemos impor-nos a leigos e profanos. Há cinquenta anos realizou-se um congresso e criou-se a Federação Espirita Portuguesa em Lisboa e a Sociedade de Investigações Psíquicas, no Porto.

««« Se presentemente não temos um Firmino de Assunção Teixeira, nem um general Passaláqua, nem um Dr. António Freire, temos o desejo de bem trabalhar e a esperança que o 25 de Abril poderá fazer-nos justiça como fez ao Grémio Lusitano. Nada de vaidades! Trabalho, sacrifício e dedicação é o lema que nos impõe a hora que passa, para honrarmos a memória daqueles que nos deixaram um caminho traçado e que temos o dever de percorrer com dignidade e aprumo. É essa a melhor maneira de homenagear os valorosos obreiros de há 50 anos, sem esquecer Isidoro Duarte Santos que soube enfrentar a ditadura fascista sem abdicar das suas doutrinas, lutando briosamente por um *Ideal de Justiça, Paz e Amor.*»»»

Logo a seguir a este artigo, António Cardoso, sob o título “Sessão Comemorativa do Primeiro Congresso Espirita Português”, refere o que se disse e fez nessa sessão, que fora precedida ao longo das semanas, por diversas referências à maneira como deveria ser realizada. Depois de referir o que fora o 1º Congresso, o Movimento Espirita de então, a maneira como “ (...) outros, abandonaram as fileiras para seguir outros rumos. Nos últimos anos de vida, antes do seu encerramento forçado, a F.E.P. era já pálido reflexo das décadas passadas”, acrescenta:

««« Depois do movimento de 25 de Abril a F.E.P. renasceu, não com a pujança dos primeiros anos, não com o dinamismo das primeiras horas, mas combalida pelos anos de forçado silêncio e pela ausência manifesta de novos valores em número apreciável. Talvez por isso a F.E.P. não se libertou ainda da letargia dos últimos tempos.

««« Pensou-se, no entanto, para quebrar ao menos um silêncio incomodativo e desencorajador comemorar o 50º aniversário do referido Congresso, lembrando aos espiritas neófitos o que foi essa magnífica jornada. De início falou-se em alugar um amplo salão para as comemorações. Alguém sugeriu mesmo a realização de uma Exposição Bibliográfica Espirita. Pretendeu-se a vinda de amigos de longe. Mas, os dias sucederam-se, os salões ficaram por alugar, a exposição bibliográfica não era coisa para preparar em meia dúzia de dias e os confrades de além-fronteiras obviamente que não vieram. As comemorações resumiram-se paradoxalmente a duas reuniões pouco mais que familiares na actual sede provisória, onde se recordou, com manifesta saudade, a dinâmica dos tempos passados.

««« O Dr. J. Lyon de Castro, vice-Presidente da F.E.P. referiu-se às diversas facetas do Espiritismo, acentuando que cientistas de mérito se têm debruçado, com entusiasmo, no seu aspecto científico. O Prof. José Francisco Cabrita, um dos poucos sobreviventes do Congresso, recordou nas suas palavras o que lá se disse e se fez. Lima Rodrigues, actual Presidente da F.E.P. deu-nos uma visão clara do Congresso, não por lá ter estado, mas pela leitura do folheto que então se publicou com o resumo dos trabalhos apresentados. António Cardoso discordou em absoluto de qualquer novo Congresso, como foi sugerido por alguns, enquanto os alicerces da F.E.P. não estiverem de novo consolidados, defendendo ao mesmo tempo a criação de um laboratório de investigações paranormais. O prof. Coelho de Sousa, na sua entusiasta intervenção, apresentou pontos de vista sobre o novo laboratório. Marecos Henriques fez análise exaustiva sobre o panorama português dentro dum sistema socialista. Jorge Augusto Raimundo (Presidente do C.E.P.C.) com a sua serena, coerente e dinamizadora palavra defende um Espiritismo moderno de acordo com a nova sociedade portuguesa, sem desvios comprometedores. Maria Raquel



Duarte Santos, numa rápida análise compara alguns sociólogos com Kardec dizendo: - Enquanto os primeiros se dedicaram ao estudo e felicidade do homem como matéria, Kardec debruçou-se sobre a felicidade do homem espiritual. – Para finalizar, Adelaide Y. De Sousa, devido à falta de tempo, limitou-se a algumas considerações sobre a evolução do Espiritismo desde o Primeiro Congresso até à actualidade.

««« No dia seguinte, realizou-se no mesmo local uma animada sessão de variedades, com a participação de miúdos e graúdos. Durante três horas, confraternizou-se num ambiente de alegria e franca camaradagem.

««« A Federação Espirita Portuguesa tem um longo e árduo caminho à sua frente. Esperemos que depois deste acto, adquira activo dinamismo para tarefas futuras. »»»

O mesmo número publica ainda uma entrevista com Lima Rodrigues, Presidente da F.E.P., que por demasiado extensa não transcrevemos. Ela refere questões como “o porquê dele ter ingressado no espiritismo; como encara L.R. o Movimento Espirita na actualidade; deve o Espiritismo submeter-se às concepções da vida moderna?; tenciona, L.R., ser fiel aos princípios pelos quais a F.E.P. tem pugnado desde a sua fundação?; qual o conceito de L.R. quanto a união e uniformidade?; se poderá o Espiritismo alterar o estado social dos povos?; sendo o Espiritismo uma corrente ideológica e se o Kardecismo representa uma ideologia, porque não é Kardec uma figura ideológica de projecção mundial na cultura contemporânea? Será que Kardec está ultrapassado?; sendo a D.E. um campo de investigação, discussão e meditação àcerca dos mais graves e profundos problemas da vida do ser humano no espaço e no tempo, serão esperançosas as perspectivas do espiritismo actual nesse campo?; qual a relação entre o carácter progressista do Espiritismo e a questão social? É ou não é o Espiritismo uma Doutrina progressista?” E L.R. dá uma resposta, que quase abrange duas páginas, à pergunta sobre “quais as causas e consequências do marasmo em que se arrastam a maioria dos centros espiritas?; que entende o entrevistado por funções éticas e filosóficas nos Centros espiritas?; que entende ser necessário fazer para que o Espiritismo evolua racionalmente e não se abastarde?; qual a maior lição que o homem de hoje tem de aprender”?

As respostas de Lima Rodrigues foram analisadas uma a uma por António Cardoso, que as comenta em artigo publicado no mês de Agosto.

E o número de Junho termina com a transcrição de umas palavras de J. Herculano Pires, dadas pelo 50º aniversário da F.E.P., datadas de S.Paulo, de 12/5/75: “*O Espiritismo em Portugal teve épocas de esplendor que consideramos no Brasil com profunda admiração. Estamos certos de que*

*novas fases semelhantes surgirão com o actual renascimento, honrando o passado cultural do Espiritismo português e da sua nobre instituição federativa. Elevamos a Deus o nosso pensamento em favor do bom êxito da corajosa iniciativa dos companheiros que promoveram as comemorações do cinquentenário da Federação Espirita Portuguesa. As bênçãos de Jesus e dos Espíritos Superiores, que supervisionam a marcha do Espiritismo no mundo envolverão, estamos certos, os homens de boa vontade que reerguem a flama espirita em terras lusitanas.”*

E referindo a Federação Espirita Internacional e o Congresso que se realizará nos dias 6 a 12 de Setembro (no qual a F.E.P. estaria presente, sendo a sua representação calorosamente recebida pelos confrades ingleses), em artigo ainda da autoria de António Cardoso, o articulista termina a notícia com as seguintes palavras: *“No Novo Portugal os laços serão ainda, se possível, mais fortes e fraternos. A Federação Espirita Portuguesa romperá muito em breve, segundo cremos, o casulo em que a meteram durante várias décadas, para se tornar mais um activo membro da International Spiritualist Federation.”*

Em Novembro, ainda, a notícia de mais um Centro em Lisboa, o “Centro Fraternal União Espirita”, sito à R. Maestro Pedro de Freitas Branco, 24-A. r/c..

E em Dezembro, vem publicado mais um apelo da Direcção da F.E.P. de uma Sede para para a F. E. P. Ei-lo:

#### ««« CAMPAÑA PRÓ-SEDE DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA :

««« Em virtude do nosso movimento associativo se ter intensificado, verificamos a necessidade da “Federação Espirita Portuguesa” ter uma sede própria, enquanto aguardamos das entidades governamentais a resolução da entrega do seu património.

««« Muitos são os consócios que almejam por este melhoramento e estamos certos de que os adeptos ocorrerão com suas quotas, reforçando o número de sócios que nos honraram com a sua inscrição. Torna-se necessário, porém, que todos concorram para a obra comum, consoante as suas posses.

««« Sem uma sede própria – que se não consegue apenas com o entusiasmo e a fé de que nos achamos possuídos, não pode a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA organizar eficientemente os seus serviços de propaganda e dar realização ao fim para que foi criada.

««« Ajudar a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA é auxiliar a verdadeira propaganda da Causa pírta. – A DIRECÇÃO. »»»

Com a publicação deste apelo verificamos que as instalações da F.E.P. ainda se mantêm na R. D. Estefânia.

Em Março de 1976, devido à tenacidade de Eduardo Matos, da “Associação de Beneficência Fraternidade”, inaugura-se em Sintra a “Casa de Repouso”, criada por espiritas mas oferecida a todos, sendo-o ou não.

E, no mesmo mês, a 31, o NÚCLEO ESPIRITA CRISTÃO, do Porto, comemora o seu primeiro aniversário.

Em Julho de 1976 é António Cardoso que assina o comunicado da Federação Espirita Portuguesa, informando que ««« a F.E.P. adquiriu nova sede na Avenida Miguel Bombarda, 133, 7º Dtº.»»» onde ficará poucos meses pois, logo em Abril do ano imediato, a Direcção da F.E.P. participa a chegada do Presidente da Federação Espirita Brasileira e, na mesma participação, informa que “para uma maior eficiência na difusão da Doutrina Espirita e recepção mais ampla aos confrades que nos visitam, decidiu a Direcção da Federação Espirita Portuguesa transferir a sua sede para a R. Pedro Maestro de Freitas Branco, 24-A, r/c (a S. Mamede)”, - onde ficará até princípios da década de 90.

Na página do ‘Noticiário’ do mês de Agosto seguinte, encontramos que:

«««(...) ...Maria Veleda recebeu agora, neste Portugal novo que todos temos de construir, uma justa homenagem. Uma artéria da capital passa a ter o seu nome. Alegramo-nos com o facto. Os nomes de Maria Veleda, António Lobo Vilela e outros, não eram gratos aos senhores do passado. A pouco e pouco os actuais governantes reabilitam esses valores propositadamente esquecidos. (...) »»»

Na mesma página vem, ainda, a noticia da realização, **no salão de festas do Colégio Militar** (o destaque é nosso) de uma festa de convívio da família espirita, organizada pelo Centro Fraterno União Espirita, promovida pelo seu director e principal impulsionador, confrade Manuel Gaspar das Neves.

E, em Outº/Novº/76 é ainda a revista Estudos Psíquicos que noticia “uma concorrida excursão a Caldas da Rainha e Serra da Boa viagem, onde se reuniram espiritas de todo o País, com o principal objectivo de se proceder à leitura e aprovação dos Estatutos da Fraternidade Espirita, elaborados na sua forma definitiva por uma comissão de confrades.(...) »»»

Em Dezembro, é um artigo de José Francisco Cabrita com “Comentários e Ensinamentos”, onde se lê que ««« é preciso dar maior impulso às actividades espiritas, em Portugal, referindo que “é conveniente agitar tal movimento em todo o País, e onde existam, pelo menos, cinco crentes nas doutrinas espiritas, podem ser criados grupos que pouco a

pouco agregarão novos elementos, e promovendo esclarecimentos e as instruções convenientes para a organização e funcionamento de tais agrupamentos”. (...)»»»»

Ainda no mesmo mês, é referida a visita que Maria Raquel Duarte Santos, Secretária da F.E.P., fez à Federação Espirita Brasileira durante a viagem que realizou ao País irmão.

Depois, em Março do ano seguinte, um outro artigo de J. Francisco Cabrita apela «««« (...) para que todos os espiritas portugueses organizem os seus Centros, os seus Grupos de actuação seguindo os planos de orientação da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, planos devidamente estudados em plenários constituídos pelos seus Corpos Gerentes e os das organizações constituídas e devidamente federadas »»»», pois ‘é preciso trabalharmos para a realização de uma frente de união entre todos’.»»»»

E, no mesmo mês, é a “Sociedade Espirita de Lagos” que é referida, para ser publicitada a eleição dos Corpos Gerentes que a regerão pelo período de 2 anos.

Em Maio de 1977, num apelo a todos os Espiritas Portugueses, que Estudos Psíquicos publica, um articulista da F.E.P. comenta: “O movimento espirita português sofreu uma quebra forçada em suas estruturas, pelo que, lentamente, se foi desagregando. Mas, chegou a hora de nos agruparmos novamente. A nova ORGANIZAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, está por fazer, sendo necessário que se faça com a possível brevidade, para se poder efectivar um trabalho de propaganda intensiva e profícua, sendo o seu natural núcleo de atracção, lógica e evidentemente, a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA”.

E continua: “A FAMILIA ESPIRITA PORTUGUESA é numerosa, conforme tivemos ocasião de constatar e ficou plenamente comprovado com a inesquecível jornada vivida entre 14 a 22 de Maio, numa movimentação invulgar de conjugação de esforços e aos quais a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA presta justa homenagem”.

“ Para a realização dos objectivos que nos propomos alcançar será desnecessário encarecer a necessidade urgente de todos os Espiritas portugueses se organizarem e federarem, para assim, numa união de intima confraternização, trabalharmos harmoniosamente na propaganda do nosso ideal e de acordo com o expresso nos Estatutos da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA. Forças dispersas, seja qual for o seu valor individual, são improdutivas , por vezes, e de efeito neutralizante, ou até contraprucedente. SÓ A UNIÃO FAZ A FORÇA”.

Ainda em Maio, na página do noticiário, lê-se a mudança das instalações da “Fraternidade Esotérica Neo-Espiritualista” (hoje

FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ), da Marquês de Tomar, onde se encontrava nas instalações da revista “Fraternidade”, para a R. da Saudade nº 8, 1º (onde se mantém até à data).

Também em Maio, e como artigo principal, a “Estudos Psíquicos” transcreve o discurso de Francisco Thiesen, Presidente da F.E.B., proferido no dia 14, na Sede da F.E.P.. Por muito extenso, transcrevemos apenas algumas palavras:

««« (...) Movimento igualmente valoroso, porque não dizer, porque reaparece saído das catacumbas, saído da situação de clandestinidade para a luz do dia, e reconhecido hoje, por seu direito de falar alto e bom som, aos cérebros e aos corações da pátria portuguesa do continente europeu. É a palavra, portanto, dos nossos excelentes companheiros de Portugal, não da velha Federação Espirita Portuguesa que teria morrido, mas da antiga Federação Espirita Portuguesa que ressurge, que reaparece, para retomar o trabalho transitoriamente interrompido e levar a todos os corações, sob sua jurisdição, a palavra da codificação Kardequiana que outra não é, senão a palavra reviverescida de nosso Mestre Senhor, do nosso amado Jesus.(...)

««« Meus amigos, Portugal Espirita tem sofrido muito, mas vai sofrer mais, não pararão aí as dores, as angústias, estamos bem informados disso. É preciso que os espiritas portugueses entendam que ninguém, e mormente no Espiritismo, ninguém pode prescindir da necessidade do testemunho, e os espiritas portugueses são daqueles que no passado muito receberam do Alto. Quando aqui viemos, fomos advertidos de que os espiritas portugueses haviam estudado muito. Dedicaram os seus estudos à pesquisa, procuraram ocupar o tempo que lhe faltava para a livre manifestação do pensamento, a fim de burilar a inteligência no convívio amoroso dos livros. Pois bem, meus amigos, é um património extraordinário, este adquirido por todos vós mas um património que o Senhor reclama, porque a Ele realmente pertence, e Ele o reclama numa movimentação intensa, numa movimentação intensiva para beneficiar todos aqueles nossos irmãos que não tiveram o mesmo ensejo, a mesma oportunidade do enriquecimento do seu espírito, do seu coração. (...) »»»

No mês de Junho, a revista publica a “Mensagem do Presidente da F.E.B. aos Espiritas de Portugal”.

Novamente, as palavras tornam-se muito extensas para a publicação, na íntegra, do teor da mesma, mas transcrevemos:

««« (...)

««« ... Nós somos tão necessitados quanto aqueles que nós necessitamos apoiar. Precisamos acima de tudo de nos compeender para nos apoiar. Que, quando um companheiro caia nós lhe estendamos a mão para que se



levante, para que quando chegar a nossa vez de cair, tenhamos também, aqueles que espontaneamente se revelam como Cireneus da nossa viagem.

««« Há muitos choques. Há muito medo. Há muita boa fé. Mas essa é a tarefa que cabe aos espíritas portugueses neste momento. Eu não diria que o Alto concede aos espíritas portugueses uma nova missão, mas simplesmente que os espíritas portugueses acordam para o prosseguimento da missão de sempre, daquela missão que não começou nos descobrimentos, mas que vem desde a antiga Fenícia, quando os mesmos espíritas de Portugal já realizavam as suas incursões por diversas outras terras do mundo desconhecido de então.

««« (...). Não queiram soluções por outras vias. Não queiram remover os problemas fóra da Federação Espirita Portuguesa. Se essa Federação tiver defeitos, ajudem-na a corrigi-los. Se ela tem poucos trabalhadores, engrossem as suas fileiras. Se ela não dispõe de número suficiente de pessoas ilustradas, participem dos seus quadros, façam tudo, tudo, dêem tudo, porque tendo em Portugal uma Federação Espirita Portuguesa bem organizada, devidamente dinamizada e iluminada pelo Alto, o Espiritismo irá para a frente, levará a sua mensagem sob a protecção do génio de Portugal, do génio do Brasil e de outros países. (...) »»»

Em Julho é noticiada a viagem que Francisco Thiesen, na companhia de Divaldo Franco e Maria Raquel, faz por todo o nosso País, depois da conferência de imprensa que o Presidente da Federação Espirita Brasileira concedeu aos jornalistas portugueses no dia 16 de Maio, e que se realizou no **auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa** (o destaque é nosso). Sem referir os jornalistas presentes, termina a transcrição com a pergunta feita por um deles ao entrevistado e que não queremos deixar passar: “Há muito tempo faleceu esse senhor Allan Kardec? »»»...

Ainda no mesmo mês é publicada a constituição da Direcção da Federação Espirita Portuguesa, «««por recente preenchimento dos lugares vagos na direcção..., em reunião de 21 de Junho último do Conselho Superior Deliberativo e de acordo com o § 8º. Do Artigo 22º. dos respectivos Estatutos, ficou a mesma tendo a seguinte constituição:

*Presidente* : Jorge Augusto Raimundo; *Vice-Presidente* : Dr. J. Lyon de Castro; *1º Secretário* : Maria Raquel Duarte Santos; *2º Secretário* : Alice Mattoso Mendonça; *Tesoureiro* : Joaquim Augusto Areal; *Vogal* : José Cordeiro Coelho de Sousa; *Vogal* : Hermínia Gonçalves Ajuda; *Suplentes* : Manuel Marecos Henrique; António Gonçalves de Campos; Joaquim da Rosa Pereira Júnior.



Imediatamente a estas nomeações, e no mesmo mês, a revista (Estudos Psíquicos) refere :

««« FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

««« Procurando dar início a nova fase de profícua e extensa actividade associativa que seja factor de união de toda a Família Espirita Portuguesa, a Direcção da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, aprovou em sua reunião de 11 de Julho último, as Bases da Organização Espirita Portuguesa, que apresentamos. Esta primeira fase determinará o “Levantamento Nacional”, o qual será ponto de partida para a segunda fase, que determinará a sua “Organização”.

««« A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, espera o melhor acolhimento dos espiritas de Portugal, pois somente numa valiosa colaboração poderemos contribuir para a expansão e prestígio do Espiritismo em Portugal.

««« **Base 1ª.**

««« A ORGANIZAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA – OEP – deve processar-se essencialmente em três fases principais que, segundo as circunstâncias, podem decorrer sucessiva ou simultaneamente :

- a)- A primeira é a do LEVANTAMENTO NACIONAL a realizar em todo o País continental e insular, para dar a conhecer todas as formas associativas do movimento espirita nele existentes;
- b)- A segunda tratará da constituição de associações espiritas nos termos legais;
- c)- E a última relaciona-se com a sua filiação na FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, como sócios colectivos.

««« **Base 2ª.**

1 – O LEVANTAMENTO ESPIRITA NACIONAL consiste na remessa à F.E.P. dos elementos reputados necessários à Organização Espirita Portuguesa, a qual terá como núcleo de base uma comissão concelhia, composta de três a cinco elementos.

Todos os confrades de cada concelho administrativo do País, que desejam cooperar com este projecto da OEP, devem reunir-se para eleger a que será denominada COMISSÃO FEDERATIVA ESPIRITA, escolher dois dos seus membros para exercerem os cargos de Delegado e Subdelegado federativo desse concelho e, em seguida, comunicar à F.E.P. os respectivos resultados, bem como as residências destes dois representantes. Havendo no concelho alguma associação espirita, devidamente constituída, que se proponha como Delegação local da F.E.P., não haverá lugar à eleição da Comissão Federativa.

2 – Os actuais Delegados, nomeados directamente pela Direcção da F.E.P., nesta fase inicial do presente Levantamento, têm como missão principal,

não só diligenciarem para que se constituam em cada concelho as respectivas Comissões Federativas, mas ainda fornecer os elementos relativos às colectividades espiritas existentes nas zonas ou áreas circundantes da sua residência, sem limites de qualquer divisão administrativa, tudo com vista à rápida expansão da OEP.

««« **Base 3ª.**

1 – A existência de uma associação espirita em cada concelho ou centro urbano importante é objectivo para que os espiritas locais devem lutar abnegada e entusiasticamente, procurando alcançar as condições necessárias à sua organização. Logo que esta se torne possível deve proceder-se à elaboração dos Estatutos, submete-los à aprovação da Assembleia Geral e, finalmente, tratar da sua legalização.

2 – Quando em determinada área administrativa do País o movimento espirita o justifique, por nela existirem associações espiritas legalizadas em certo número e condições favoráveis a tal iniciativa, podem com elas formar-se UNIÕES OU LIGAS ESPIRITAS, para dentro dos limites territoriais que se lhes fixem, poderem exercer uma acção regional mais ampla e profícua em favor do Espiritismo.

««« **Base 4ª.**

1 – A filiação de todas as associações espiritas existentes ou a constituir na FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA é objectivo imprescindível a uma perfeita e completa ORGANIZAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, por esta ser a entidade que, nos termos estatutários, tem por fim unir associativa e fraternalmente todas as colectividades espiritas nacionais. Constituindo, assim, núcleo importante de atracção e expansão da nossa doutrina, toda a FAMÍLIA ESPIRITA PORTUGUESA pode encontrar na F.E.P. largo campo da mais útil e variada cooperação em prol da causa espirita.

2 – Todas as associações espiritas ao inscreverem-se na FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA como sócias colectivas, só vêm beneficiá-la, moral, científica ou materialmente com seus votos, alvitres e contribuições monetárias e, ao mesmo tempo, usufruir da íntima cooperação e auxílios de vária espécie que a F.E.P. lhes poderá prestar, tanto mais numerosos e importantes quanto maiores forem as suas disponibilidades pecuniárias, de momento bastante reduzidas.

««« **Base 5ª.**

Como o factor financeiro é da maior importância para a concretização de quase todas as iniciativas sociais, vamos abrir uma subscrição permanente, que denominamos SOLIDARIEDADE FEDERATIVA para angariação de fundos, especialmente destinados à propaganda científica, filosófica e ética do Espiritismo e da qual, como é óbvio, virão a aproveitar

preferentemente as associações que constarem do Levantamento Espirita Nacional, a realizar nos termos das presentes Bases.

Todos os donativos que viermos a dever à cooperação e solidariedade dos nossos prezados confrades, podem ser enviados para a nossa Sede, na Rua Maestro Pedro de Frreitas Branco, 24-A, r/c – Lisboa 2.

«««Base 6ª.

A Direcção da F.E.P. procurará tornar público, com a possível regularidade, os aspectos mais relevantes que o desenvolvimento da ORGANIZAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA vá apresentando, como seja a constituição de Comissões Federativas, Delegações concelhias, existência e organização de Associações Espiritas, filiações colectivas na F.E.P. e os donativos para SOLIDARIEDADE FEDERATIVA.

«««Base 7ª.

A ORGANIZAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA só poderá realizar-se de forma ampla e completa se os nossos prezados confrades de todos os pontos do nosso Portugal unirem os seus esforços numa «íntima e estreita cooperação moral e social» com a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA.

Estamos verdadeiramente confiantes que os Espiritas Portugueses, cônscios do momento histórico que o movimento espirita nacional atravessa, saberão corresponder dignamente ao sincero e veemente apelo que estas Bases constituem para uma fraterna organização desse movimento e tudo farão, com a sua valiosa ajuda, para prestigiar a Doutrina Espirita.

««« Lisboa, 11 de Julho de 1977.

««« A Direcção da Federação Espirita Portuguesa. »»»

\*

Ainda em Julho e na mesma revista, uma participação da “Associação Espirita de Lisboa” dando conhecimento de que ««« o Centro Espirita Luz e Amor vai fazer de novo ouvir a sua voz, agora com o nome de Associação Espirita de Lisboa. (...) »»» de que publicarão, em Outubro, a lista dos Corpos Gerentes; mais à frente e ainda no mesmo mês de Agosto, é o “Núcleo Espirita Rosa dos Ventos”, em Leça da Palmeira, que comunica a sua criação, funcionando na R. Gonçalves Zarco, Trav. Fonte da Muda, 26 e relaciona os nomes dos seus Corpos Directivos, salientando os trabalhos dedicados às crianças a partir dos 7 anos.

No mês de Agosto, surge a participação da visita a Portugal do médium pictopsicógrafo Luiz Gasparetto, que levado à F.E.P. por Maria Raquel D. Santos, ali procede a uma sessão mediúnica de pintura; apresentou-se, ainda, no Núcleo Espirita Cristão, no Porto, fazendo, para

além da sessão de pintura e com seu irmão Ireneu, uma reunião «sobre temas doutrinários de extrema importância para o movimento espírita português». Desta reunião, para além de Maria Raquel, participou, ainda, Casimiro Duarte, que representava o Centro Espírita Perdão e Caridade, de Lisboa.

Ainda no mês de Agosto, na página do ‘Noticiário’, é a “Associação Espírita da Figueira da Foz” que se manifesta, num pedido que, concretizado, ajudará a adquirir as instalações necessárias ao seu funcionamento. Publica, ainda, uma lista de nomes constituintes da sua Comissão organizadora.

E da transcrição, em Outubro de 1977, da palestra proferida pelo Presidente da F.E.B. na Associação Espírita de Lagos, destacamos:

««««(...)

««« É preciso, no entanto, que no movimento espírita em que ora nos engajamos, não seja permitido que nele penetrem doutrinas exóticas ou filosofias que não são pertinentes ao nosso movimento. Devemos respeitar todas as filosofias e todas as religiões, mas nós espíritas, devemos fazer apenas **Espiritismo**. Não importa para nós espíritas, que outras doutrinas possam eventualmente ser consideradas mais importantes. Se estamos convencidos de que a Doutrina Espírita é para nós a melhor, não há razão para que façamos misturas, estabelecendo confusões e dividindo o nosso próprio movimento. Não é razoável, não é coerente. Não podemos servir a Deus e a Mammon.»»»»

E, mais à frente,

««« ... É preciso, pois, que no Espiritismo não percamos de vista os objectivos e os meios válidos. O número de profíctos não nos preocupa, esse problema é de Deus, é de Jesus que é o Governador da Terra. São problemas da Alta Cúpula da Espiritualidade Superior. As nossas responsabilidades são num campo mais restrito e obedecendo aos propósitos do Criador.

E termina :

««« ... É preciso que dentro de tudo isto, cada espírita faça a sua parte. O importante não é que cada espírita seja um dirigente, o que importa é que cada um, no Espiritismo, contribua valiosamente para que o empreendimento atinja os seus fins. (...) »»»»

No nº de Janeiro de 1978 de E. Psíquicos, a F.E.P. informa que ««« o passado mês de Dezembro foi caracterizado por intensa actividade organizativa, dentro da sua administração. Assim, em 16 de Dezembro e após três assembleias gerais consecutivas, foram aprovados os novos Estatutos e o Regulamento da Assembleia Geral, diplomas pelos quais a organização da F.E.P. se passará a reger futuramente.

««« Também por Assembleia Geral de 17 do mesmo mês foram eleitos os novos Corpos Gerentes para o biénio 1978/1979.»»»

E a circular continua, lamentando a pequena comparência da massa associativa da F.E.P. e dos espiritas em geral, às referidas Assembleias, lembrando que só com a união e esforço de todos se poderá vencer.

E o nº de Fevereiro publica a lista dos Orgãos Federativos para o novo biénio e, ainda, a redacção dos Estatutos acabados de serem aprovados.

Transcrevemos:

«««FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA  
«««Orgãos Federativos para o biénio 1978/1979:

#### Mesa da Assembleia Geral

*Presidente* – António José Monteiro Cardoso; *Vice-Presidente* – Eduardo Fernandes de Matos; *1º Secretário* – Alice Mattoso Mendonça; *2º Secretário* – Celestino Amaro do Couto.

#### Direcção

*Presidente* – Jorge Augusto Raimundo; *Vice-Presidente* – Maria Raquel Duarte Santos; *1º Secretário* – Celestino Monteiro Bexiga; *2º Secretário* – Maria Dolores Guerra da Silveira; *Tesoureiro* – Joaquim Augusto Areal; *Vogais* – José Cordeiro Coelho de Sousa; *Suplentes* – Hermínia Gonçalves Ajuda; António Gonçalves de Campos; Frederico Pereira; Joaquim da Rosa Pereira Júnior.

#### Conselho Fiscal

*Presidente* – Diamantino Almeida Antunes; *Relactor* – Casimiro Duarte; *Secretário* – Leopoldo Alberto Moura Lopes; *Suplentes* – Eugénio da Silva Montoito; Fernando Pereira Moreira; Adriano José da Fonseca Barros.

#### Conselho Consultivo

Adelaide Ivone de Sousa; Ida Emma Von Kruger; Daniel Ricardo Lopes; Joaquim Júlio da Silva Lagarto; José Lyon de Castro; Manuel António Rodrigues e Manuel da Silva Dionísio. »»»

«««FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

«««ESTATUTOS APROVADOS EM ASSEMBLEIA GERAL DE 16 DE DEZEMBRO DE 1977:

«« **Capítulo I** – Da denominação, natureza, sede e fins

«« Artigo 1º

1 - A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, oficialmente constituída nos termos da lei de 14 de Fevereiro de 1907 e Estatutos aprovados legalmente no Governo Civil em 26 de Maio de 1926, tem a sua sede provisória na Rua Maestro Pedro de Freitas Branco, 24-A, r/c., da cidade de Lisboa, e passa a reger-se pelos presentes Estatutos, nos quais será também designada pela sigla “F.E.P.”.

2 – A F.E.P. é de duração indeterminada e tem como finalidades:

a)- A união associativa e fraternal de todos os espíritas portugueses e da totalidade dos Grupos ou Associações Espíritas, com sede em território Nacional;

b)- A íntima cooperação e auxílio às organizações federadas com vista a desenvolver e aperfeiçoar as suas actividades, baseadas nos postulados inseridos na Codificação Kardecista.

c)- O estudo e a divulgação do Espiritismo nos seus aspectos científico, filosófico, moral e social.

««« **Capítulo II** – Dos Sócios

«« Artigo 2º

1 – A F.E.P. é de número ilimitado de sócios, que compreendem dois grupos, a saber:

a)- Os individuais, que concorrem com o pagamento de quotizações, taxas e com a prestação de serviços gratuitos para que foram escolhidos;

b)- Os colectivos, constituídos pelas associações federadas, que satisfaçam as quotizações estabelecidas nos termos regulamentares.

2 – Todos os sócios são admitidos pela Direcção: os individuais, sob proposta de um sócio; os colectivos, mediante declaração de filiação na F.E.P., que venha acompanhada por dois exemplares dos seus estatutos e regulamentos e desde que obedeçam às seguintes condições:

a)- Terem pelo menos dez sócios e a sua existência devidamente legalizada;

b)- Serem constituídos por pessoas de reconhecida idoneidade moral e esclarecido conhecimento do Espiritismo, já definido nas alíneas b) e c) do nº 2 do artº 1º, que se proponham cooperar leal e delicadamente na realização das finalidades federativas.

3 – Quando a Direcção não aprovar a filiação de sócio colectivo, enviará para resolução final, o respectivo pedido ao Conselho Federativo, acompanhado das razões da sua rejeição.



4 – É concedida exoneração ao sócio, individual ou colectivo que a peça, quando tenha em dia o pagamento das suas quotas.

5 – São motivos de exclusão de sócio individual ou colectivo:

a)- A falta de três meses de quotização, sem a devida justificação por escrito.

b)- A prática de infracção grave a que cabe essa pena, a aplicar pelo Conselho Federativo.

### «««**Capítulo III** – Da Assembleia Geral

#### ««Artigo 3º

A Assembleia Geral é constituída pela reunião dos sócios individuais e dos delegados mandados pelos sócios colectivos, todos no pleno gozo dos seus direitos sociais, estatutários e regulamentares, e nele reside o poder supremo da Federação, devendo a sua convocação, competência e funcionamento obedecer ao prescrito na lei geral

### «««**Capítulo IV** – Dos Corpos Sociais

#### ««Artigo 4º

1 – A Federação procurará realizar os seus fins através dos seus Corpos Sociais, que são: a Mesa da Assembleia Geral, o Conselho Fiscal e a Direcção.

2 – O mandato dos Corpos Sociais será de dois anos e o ano social corresponderá ao ano civil.

#### ««Artigo 5º

1 – Os Corpos Sociais, referidos no artigo anterior, formam o Conselho Federativo, quando reunidos em sessão conjunta.

2 – É da competência do Conselho Federativo:

a)- Dar parecer sobre todas as propostas de alteração de Estatutos, bem como sobre o regulamento da Assembleia Geral;

b)- Discutir, votar e alterar os regulamentos dos serviços internos;

c)- Fixar e alterar o quantitativo das quotizações dos sócios individuais e colectivos, devendo as destes corresponder, em regra, a escalões aos quais serão atribuídos correspondentes votos.

d)- Apreciar e dar parecer quanto aos orçamentos a apresentar anualmente à Assembleia Geral;

e)- Organizar as listas dos Corpos Sociais e do Conselho Consultivo, quer se verifique ou não a apresentação de outras candidaturas;

f)- Preencher os cargos de todos os Órgãos Federativos que vaguem durante o mandato, depois de esgotado o recurso aos respectivos suplentes;

g)- Resolver os casos omissos e indefinidos nos Estatutos e Regulamentos.

#### ««Artigo 6ª

A Mesa da Assembleia Geral é constituída pelo Presidente, Vice-Presidente e dois Secretários.

«« Artigo 7º

O Conselho Fiscal compõe-se de\* Presidente, Secretário Relator, e três suplentes competindo-lhe fiscalizar os actos financeiros da Direcção.

«« Artigo 8º

A Direcção, que deve administrar a Federação em conformidade com a lei, seus Estatutos e regulamentos, é constituída por Presidente, Vice-Presidente, primeiro e segundo Secretários, Tesoureiro, dois Vogais e três Suplentes.

\*(Falta, aqui, mencionar 1 secretário, o que pensamos ter sido erro de dactilografia ou impressão. O reparo é nosso).

#### ««« Capítulo V – Do Conselho Consultivo

«« Artigo 9º

1 – O Conselho Consultivo compõe-se de sete membros de reconhecida qualificação e que tenham pertencido a qualquer dos Orgãos da F.E.P..

2 – Ao Conselho Consultivo, que tem o mesmo mandato dos Corpos Sociais, compete cooperar com a Direcção e dar-lhe pareceres, quando por ela solicitados ou o tenha por conveniente, sobre assuntos de ordem doutrinária.

#### ««« Capítulo VI – Da Dissolução e Liquidação

«« Artigo 10º

A dissolução da Federação Espirita Portuguesa depende do parecer favorável do Conselho Federativo e aprovação da Assembleia Geral, convocada expressamente para esse fim, à qual compete estabelecer as condições da liquidação.

#### ««« Capítulo VII – Disposições Gerais

«« Artigo 11º

Os presentes Estatutos, aprovados em Assembleia Geral de 16 de Dezembro de 1977, constituem a lei orgânica da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, revogam os estatutos anteriores e devem ser completados por regulamentos da Assembleia Geral e dos Serviços Internos, a cujas disposições, depois de aprovadas nos termos legais e estatutários, os sócios devem igualmente obediência. »»»»

Estes Estatutos, referindo os de 1926 que, pensamos, quiseram actualizar, são rejeitados pelo Governo Civil que, posteriormente, a mais uma acção de reivindicação dos bens da F.E.P. informará que esta Federação não tem legitimidade por quanto a anterior foi encerrada a mando do Governo de então. Nessa data, 1986, novo projecto de Estatutos será apresentado aos Membros associados da F.E.P., que será aprovado e posto em vigor. No momento oportuno os transcreveremos. Entretanto, nas demandas pela devolução dos bens da F.E.P. já se concluiu que a Federação Espirita Portuguesa não foi «dissolvida», pelo que a palavra

«encerramento» não significa «fim» mas, apenas, «suspensão». Assim, a F.E.P. poder-se-ia ter continuado a reger pelos Estatutos primevos.

No mesmo número de Fevereiro, a revista publica os Corpos Sociais da ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE PORTIMÃO, constituída no dia 19 de Janeiro de 1978, e cujo 1º Presidente de Direcção é José da Silva Gabriel; são publicadas, ainda, as actividades da ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LISBOA; no mês de Março cabe à ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DA FIGUEIRA DA FOZ a publicação das suas actividades.

E neste mesmo mês, Março, é noticiada mais uma conferência na F.E.P., desta vez por Adelaide Ivone de Sousa, no final da qual foram leiloados os 17 quadros do médium pintor Gasparetto.

Em Abril, numa ‘carta-aberta’ dirigida à F.E.P., José Francisco Cabrita diz *“ser preciso não esquecer que todas as actividades a desenvolver sejam coerentes com os princípios doutrinários do Espiritismo. As normas estabelecidas por Kardec têm de ser seguidas com precisão, e o que de novo a ciência da alma for revelando é necessário não ter interpretações ao gosto ou compreensão de cada um, mas ser devidamente estudado em reuniões efectuadas com a cooperação de todos os que se dedicam com interesse a tais estudos. É preciso que todos os espiritas aceitem os conceitos que devidamente se coadunam com os ensinamentos e os factos. A par de tudo isto, que se conseguirá com a federação de todos os agrupamentos espiritas, sujeitos ao propósito de harmonizar empreendimentos e de intensificar no dia a dia da vida, a prática das normas morais e espirituais que melhor nos identifiquem como sinceros cristãos e espiritas.(...)”*

No mês de Maio, lemos:

#### «««Esclarecimento

#### «««Federação Espirita Portuguesa

««« Por dúvidas suscitadas por algumas associações espiritas portuguesas quanto à situação de legalidade em que se encontra a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, a respectiva Direcção, mais uma vez, torna público:

«« A FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA tem funcionado nestes últimos anos ao abrigo das disposições do artigo 195º do Código Civil e os novos Estatutos, que revogaram os de 1926, foram aprovados em Assembleia Geral, segundo as regras estabelecidas no referido Código. (O destaque é nosso).

«« Essa Assembleia Geral, que se realizou em meados de Outubro último, aprovou ainda o seu regulamento privativo, de acordo com o prescrito nos Estatutos. Quanto ao regulamento dos Serviços Internos, o respectivo

projecto está já a ser apreciado por um grupo de trabalho a fim de ser discutido e aprovado nos termos estatutários. Concluída esta fase final a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA terá completado a sua regulamentação principal.

«« Em Outubro último a F.E.P. expôs publicamente as condições da sua existência de facto e de direito, nos termos duma separata que foi largamente difundida em todo o movimento espírita português, e hoje continuamos a afirmar que nesta nova fase da sua existência, as suas actividades são conhecidas e têm sido aceites, dentro do respectivo condicionalismo, não só pelos sócios individuais e colectivos admitidos e filiados ao longo destes anos, como também pelas entidades oficiais que superintendem na legalidade associativa e ainda por várias federações espíritas estrangeiras, tanto brasileiras como a Federação Espírita Internacional, na qual está filiada.

«« Esta situação, tão especial, da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA deve ser encarada com confiança, pois ela é bem diferente da de qualquer associação espírita formada recentemente nos termos da nova legislação associativa.

«« Também a Direcção da F.E.P. continua tentando, através das entidades competentes, que lhe seja restituído o seu património, pois considera tal facto um acto de justiça e de solidariedade para com aqueles que tanto lutaram pelo engrandecimento da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA. – A Direcção. »»»»

Em Maio, mais uma conferência foi referida, desta vez pronunciada pelo Dr. Lyon de Castro no dia 29 de Abril.

Em Julho, é a noticia do convite (pela Federação Espírita Brasileira, como patrocinadora, e Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas como promotora), dirigido a Jorge Raimundo, Presidente da F.E.P. para participar no IV Congresso de Jornalistas e Escritores a realizar em Novembro de 1979.

O convite foi aceite mas, devido ao estado de saúde do convidado, em Outubro a F.E.P. participa que a Federação Espírita Brasileira “transferiu” o convite para Maria Raquel D. Santos, vice-Presidente.

Jorge Raimundo desencarnaria poucos meses após.

Em Outubro, terminado o período de férias, a F.E.P. participa o reinício das suas actividades, “com conferência e palestras que se projectam não só para Lisboa como em várias localidades do País”.

Em Novembro, é a ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LAGOS que participa a assinatura da escritura que lhes dá a posse das instalações onde se encontram a funcionar desde 1968, e oferecidas pela família Amores dos Reis.

Em Fevereiro de 1979, mais um comunicado da F.E.P., relacionado com a luta para a devolução dos bens usurpados pelo Governo anterior:

#### ««« **Federação Espirita Portuguesa**

«« No sentido de que chegue ao conhecimento de todos os espiritas portugueses o esforço que esta tem desenvolvido e continua a desenvolver para reaver os seus bens patrimoniais, informamos que no passado dia 14 de Novembro foi entregue no Ministério da Administração Interna o respectivo processo, acompanhado do parecer jurídico elaborado e assinado por dois advogados. Será esta a última fase de um trabalho árduo, mas consciente, a que a actual Direcção da F.E.P. se lançou para que melhor pudesse cumprir a missão que lhe foi confiada.

«« Entende, portanto, a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, que chegou o momento de intensificar a organização do movimento espirita, estabelecida por Bases que, em Julho de 1977, foram tornadas públicas.

«« Para se realizar a tarefa tão premente torna-se necessário que se abandone o isolacionismo associativo em que temos vivido e continuamos a viver, aumentando a cooperação inter-colectividades e se veja na Federação Espirita Portuguesa a tradicional e credenciada representante do Movimento Espirita Português.

«« Para atingirmos tais objectivos bastará empregarmos toda a nossa dedicação, fornecendo à F.E.P. os elementos que contribuam para a criação de Comissões Federativas, promovendo a filiação na F.E.P. de colectividades espiritas que estejam nas condições regulamentares, aumentando o baixo quantitativo da sua quotização, propondo mais sócios quer individuais ou colectivos e colaborando na angariação de fundos para uma maior eficiência e expansão da F.E.P..

«« ESPIRITAS PORTUGUESES : convertei este programa numa verdadeira campanha colectiva, seguindo o digno exemplo daqueles que tanto contribuíram para o progresso e consolidação da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, como autêntica unidade associativa indispensável à expansão e prestígio do Espiritismo em Portugal. – A Direcção «««»»».

Em Abril a revista publica o mapa do “Relatório e Contas” apresentado à A.G. da F.E.P. em 17 de Março, sendo referido o Movimento Social, com 9 sócios colectivos e 113 individuais em 31 de Dezembro de 1978.

É referido, também, o Movimento Cultural, a Reivindicação dos Bens da F.E.P. e o Intercâmbio Espirita Internacional.

Segue-se o Parecer do Conselho Fiscal e um apelo da Direcção sobre a quotização.

E este ano termina com a F.E.P. a noticiar a visita que a sua vice-Presidente fez ao Brasil, a convite do presidente da Federação Espirita Brasileira, para participar do VII Congresso Brasileiro de Escritores e Jornalistas Espiritas que aquela entidade patrocinou.

Em Janeiro de 1980, a F.E.P. publica a lista dos seus novos Corpos Sociais para o biénio 80/81, eleitos em A.G. de 8 de Dezembro:

«««FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA  
«««Corpos Gerentes para o biénio 1980/81 :

Mesa da Assembleia Geral:

*Presidente* : Dr. António José Monteiro Cardoso; *Vice-Presidente* : Alice Matoso Mendonça; *1º Secretário* : Maria Cleofé Martin Conde Coutinho de Oliveira; *2º Secretário* : Maria Cristina da Mota Sampaio Ferreira de Sousa.

Direcção

*Presidente* : Maria Raquel Duarte Santos; *Vice-Presidente* : Dr. Diamantino de Almeida Antunes; *1º Secretário* : Joaquim Augusto Areal; *2º Secretário* : Hermínia da Silva Gonçalves Ajuda; *Tesoureiro* : João da Cruz Rolão; *Vogal* : Prof. José Cordeiro Coelho de Sousa; *Vogal* : Frederico Pereira; *Suplentes* : Adriano José da Fonseca Barros; Beatriz da Natividade Costa Tavares de Moura, e Ida Ema Van Goethem Kruger

Conselho Fiscal

*Presidente* : António Gonçalves de Campos; *Relator* : Casimiro Duarte; *Secretário* : Eugénio da Silva Montoito; *Suplentes* : Cristovão João Capela Enguiça; Joaquim da Encarnação Costa Torres, e José Manuel Lopes Alves.

Conselho Consultivo

António José Serra Formigal; Fernando Pires Moreira; Joaquim da Rosa Pereira Júnior; Joaquim Júlio da Silva Lagarto; Dr. José Lyon de Castro; Manuel António Rodrigues, e Manuel da Silva Dionísio.»»»»

A revista de Estudos Psíquicos, no seu número de Fevereiro de 1980, refere a estadia da vice-Presidente da F.E.P. em terras brasileiras e refere as palavras por ela proferidas, a quando da inauguração do Museu de Espiritismo em duas salas da F.E.B., no Rio de Janeiro: “*dominada por uma certa emoção na lembrança da vivência de um passado tão rico em acontecimentos semelhantes e vividos no seio do Movimento Espirita Português, numa breve exposição evocou todo o esforço dos pioneiros da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA que numa doação sem par e dentro duma convicção espirita difícil de igualar pelo idealismo que os caracterizava, conseguiram nos anos recuados de 1953, erguer e inaugurar na sede da Federação Espirita Portuguesa um MUSEU ESPIRITA, o qual contava com material bastante valioso, oriundo de todos os núcleos espiritas existentes nas paragens mais longínquas do nosso planeta. Simultaneamente a essa inauguração, promoveu*



*também a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA a primeira exposição Mundial de Imprensa e do Livro Espirita e Metapsíquica, na qual esteve largamente representado o Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira, várias editoras não só brasileiras como estrangeiras, autores de várias nacionalidades, conseguindo-se reunir aproximadamente 4.000 VOLUMES, número este que merece uma séria meditação, perante a objectividade da realização e o serviço prestado à Doutrina”.*

Maria Raquel referiu ainda “o esforço que se está desenvolvendo presentemente, quanto ao ressurgimento e reestruturação do Movimento Espirita Português tendo em vista o exemplo de seus antecessores, o qual nunca poderá descurar o seu passado embora estando voltado para o futuro radioso que se lhe depara, num esforço conjunto para que o Espiritismo em Portugal permaneça bem vivo e se continue a difundir em bases sólidas e fieis aos postulados de Allan Kardec”.

Em Abril, é noticiado o desencarne de Jorge Augusto Raimundo, ex-Presidente da Federação Espirita Portuguesa, acontecimento já aguardado devido ao seu estado de saúde. O seu corpo esteve em exposição na sede da Federação Espirita Portuguesa, onde os espiritas o puderam homenagear.

No número de Maio/Junho, sobre a recuperação dos bens da F.E.P., em ‘Notas & Comentários’ transcreve um artigo de J. C. Coelho de Sousa, publicado no Jornal de Sintra nº 2383-1980:

««« A F.E.P. foi esbulhada em 27 de Junho de 1962 dos seus bens, móveis e imóveis, avaliados em milhares de contos...

««« Em 25 de Abril de 1974 teve a F.E.P. esperança de que voltasse à sua posse o património confiscado pelo fanatismo político.

««« Desenhou-se um certo espírito de pacificação, no direito às liberdades, mas até hoje os requerimentos da F.E.P., tendo em anexo vastíssima documentação, não obtiveram a resposta devida.

««« Ao Grémio Lusitano, que se encontrava em condições semelhantes, foi devolvido o prédio onde funcionou a Legião Portuguesa e deu-se uma indemnização de 2.500 contos.

««« Se é certo que os espiritas não têm utilizado meios demagógicos para que lhes seja feita justiça, não é menos verdade que nunca se envolveram em questões de política partidária, sendo só vítimas do ódio religioso que na actualidade perdura.

««« Utilizando os meios de comunicação social e dirigindo-se à Administração Interna, procura a F.E.P. sensibilizar a opinião pública, para que seja resolvido um problema no que **representa de atropelo aos mais elementares direitos e garantias particulares.**

««« A casa por onde passaram o Dr. Adolfo Sena, a Dra. Amélia Cardia, o Dr. Martins Velho, o Dr. António J. Freire, o Dr. Lobo Vilela, etc., etc., que teve a colaboração de Oliver Lodge, Conan Doyle, Ernesto Bozzano, Jacinto Benavente, etc., continuará a lutar para que se faça justiça à sua causa.

««« Falar-se em liberdade de associação e manter-se a questão na base inicial, ou seja, com a mentalidade de 1962, é vergonhosa atitude que classifica o Poder e alerta os órgãos internacionais, onde se situam as federações espiritas do mundo civilizado.

««« Falar em democracia e formar barreiras para que as coisas se mantenham de modo injusto e ilegal causa **indignação e repulsa.**

««« Esperamos com fé que, no futuro, as mentalidades se hão de abrir cada vez mais às ideias claras e se criará uma consciência respeitadora dos ideais elevados do próximo.

««« Enquanto isso se não fizer, cumpre-nos marcar posição na defesa de princípios que não perecem, porque vivem da eternidade do espírito.

««« Passarão as vaidades terrenas e os egoísmos carregados de miséria, mas não passará o testemunho de espiritualidade, vivida por milhões de espíritos que perpetram a evolução universal »»».

No mês de Julho, ainda de 1980, é publicado o Relatório da F.E.P., como segue:

««« A ASSEMBLEIA FEDERATIVA REALIZADA NOS DIAS 5 e 6 DE JULHO DE 1980, NA SEDE DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA :

««« Esta Assembleia convocada pela Direcção da Federação Espirita Portuguesa, a primeira que tem lugar após o 25 de Abril de 1974, depois que foi restituída à Nação a liberdade de reunião, encontra-se no seguimento das directrizes que a Direcção entendeu tomar após a sua investidura no princípio deste ano.

««« Tomaram parte na Assembleia as diversas Associações que se encontram federadas na F.E.P. (do Norte, Centro e Sul do País) através de delegações pessoais dos seus corpos dirigentes ou de representação por carta.

««« A Assembleia foi presidida pela presidente da direcção da F.E.P., tendo a acessorá-la o vice-presidente e a secretariá-la a 2ª secretária da Direcção.

««« Foi submetida à Assembleia a seguinte proposta de Agenda de Trabalhos, que esta aprovou:

Dia 5 - 15 horas :

1º - Apresentação dos dirigentes que tomam parte na Assembleia;

2º - Delineamento da Organização Federativa e do Conselho Federativo Nacional; apresentação pela Direcção da F.E.P. de propostas dos respectivos regulamentos;

3º - Discussão pela Assembleia desta proposta e apresentação eventual de matéria com vista ao concerto geral de tais regulamentos;

19,30 – suspensão dos trabalhos, para prosseguirem no dia seguinte, pelas 9,30 horas.

Dia 6 – 9,30 horas :

4º - Deliberações e conclusões;

5º - Outros assuntos (noticiário);

6º - Redacção da síntese geral dos trabalhos da Assembleia.

\*

««« A presidência da Assembleia começou por fazer a apresentação referida no ponto 1º, submetendo-lhe em seguida a proposta para as bases de uma Organização Federativa, com vista a obter dela o concenso sobre o conteúdo geral do seu articulado. Tendo a Assembleia aceite na generalidade esta proposta, foi igualmente posta à sua apreciação a proposta para as bases da criação do Conselho Federativo Nacional, que ela também aceitou na generalidade.

««« A Assembleia, em conformidade com o ponto 3º, debateu então longamente todo o articulado destas duas propostas, tendo-lhe introduzido várias alterações de conteúdo e forma.

««« Tendo a Assembleia chegado a concenso geral sobre o articulado das bases, ficou decidido que esta matéria seja introduzida nos Estatutos da F.E.P., com a

redacção final que aqui lhe foi dada, e que eventualmente poderão ser acrescentados pormenores de redacção formal, para apresentação numa próxima Assembleia Geral da F.E.P., a fim de que este órgão soberano decida sob a sua aprovação. Esta Assembleia Geral deverá, se possível, ser convocada já para o próximo mês de Outubro.

««« Sobre o ponto 5º, a Direcção da F.E.P., através do seu vice-presidente, deu notícia das diligências que ela tem continuado a desenvolver para que os bens patrimoniais da F.E.P., confiscados em 1962, lhe sejam devolvidos. As últimas diligências consistiram na entrega aos órgãos mais representativos da Nação – Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro Ministro e restantes Ministros, órgãos mais elevados do poder judicial e outros órgãos relevantes do poder político – de grossos volumes fotocopiados contendo todos os elementos que até hoje foram apresentados aos poderes públicos acerca do assunto. Leu igualmente à Assembleia um ofício que no final de Maio o Senhor Deputado Secretário da Mesa da Assembleia da República, Dr. Pires Fontoura, enviou à Direcção da F.E.P. informando-a de que este assunto foi já presente à Assembleia da República em Sessão Plenária, a qual o fez remeter para a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias.

««« A Assembleia interrompeu os seus trabalhos por trinta minutos, para redacção do presente Relato, que foi lido a esta no final dos Trabalhos e com o qual concordou.

««« Pelas treze horas, deu o presidente por encerrada a Assembleia.

««« Federação Espirita Portuguesa, em 6 de Julho de 1980.

««« O Relator, assº)- Dr. Diamantino de Almeida Antunes, Vice-Presidente »»».

Em Novembro é noticiado o desencarne de Laurentino Simões, espirita nortenho, elo de ligação entre os espiritas do norte e sul do país, figura impar do Movimento pela sua conduta e dedicação à Causa abraçada e que fora homenageado no princípio desse mesmo ano, a quando de uma deslocação da Presidente da F.E.P. ao Porto.

Em Dezembro, é noticiada a realização da Assembleia Geral da F.E.P., em 27 do mesmo mês, para aprovação dos Estatutos, os quais incluem dois novos capítulos quanto à Organização Federativa e a criação do Conselho Federativo Nacional:

.....

««« Capítulo VI

««« DA ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA

««« Artigo 10º - A execução do programa da Federação quanto ao que prescreve o artº 1º e 2º alíneas a) e b) dos seus Estatutos consistirá na integração das instituições espiritas de todo o território nacional no seu organismo, por adesão ou filiação, de modo a constituírem com ela um todo homogéneo, com o único objectivo de confraternização, concórdia e unidade de programa, nas bases da codificação kardecista

1.- Quando, a nível distrital ou provincial, se verificar a ‘união’ de instituições, e se àquela instituição fundada ou que se vier a fundar, houver aderido a maioria das demais existentes nesse distrito ou província, transferir-se-à para aquela instituição, se se federar à Federação, a representatividade da F.E.P. nos termos que o respectivo regulamento estabelecer.

2.- Junto de todas as Instituições que tenham feito acto de adesão ou filiação a esta Federação, a Direcção envidará todos os esforços para que o façam à Instituição que funcione em âmbito distrital ou provincial, caso esta exista, e se já se contar entre as suas federadas, a fim de facilitar e expressar a execução do nº 1 deste artigo.

3.- Na província ou distrito em cuja capital nenhuma ‘união’ de instituições exista, a Federação promoverá a fundação de uma, para o efeito do que determina o nº 1 deste artigo.

4.- As instituições existentes nas províncias ou distritos em que não haja ‘união’ de instituições federadas, poderão aderir à Federação Espirita Portuguesa, desde que obedeçam às prescrições regulamentares, podendo desta forma terem representantes no Conselho Federativo Nacional.

5.- No caso de haver mais de uma ‘união’ de instituições de âmbito provincial ou distrital em qualquer província ou distrito, tudo se fará para que se concretize a fusão, tendo em vista o preconceituado neste artigo.

«««« Artigo 11º - À Federação Espirita Portuguesa incumbe a representação do Movimento Espirita, por parte de Portugal, em todos os actos e solenidades internacionais concernentes à organização espirita mundial, assim como nos congressos que se efectuarem e cujas conclusões serão submetidas ao Conselho Federativo Nacional.

«««« Artigo 12º - A filiação federativa ou a adesão, obedecerá e far-se-à mediante o que a respeito dispuser o Regulamento e a pedido da instituição interessada, o qual deverá ser acompanhado de um exemplar de seus Estatutos, acto de constituição e regulamento da instituição, para que a Direcção os examine e verifique se estão em conformidade com os princípios e normas estabelecidas na Doutrina.

1.- Se o estiverem, a Direcção dará disso conhecimento à Instituição que solicitou a sua inclusão, cientificando-a ao mesmo tempo, das condições que o Regulamento prescrever, para que ela se torne efectiva e solicitando uma declaração de que as aceita integralmente.

2.- No caso de não estarem os Estatutos de acordo com o que exige o artigo acima, a Direcção devolve-los-à à instituição que os enviou, com a indicação explicativa das alterações que lhes pareçam necessárias, cumprindo simultaneamente o disposto na segunda parte do parágrafo antecedente.

3.- Satisfeitas as exigências deste artigo e seus parágrafos, a Direcção resolverá definitivamente sobre a inclusão solicitada.

«««« Artigo 13º - Fica isenta da formalidade do artigo anterior a Instituição constituída na capital de alguma província por iniciativa da F.E.P. e de acordo com as instituições locais. Nesse caso, a Instituição, pois que adopta o programa seguido pela Federação, será por isso mesmo, considerada federada.

«««« Artigo 14º - No Regulamento a que se refere o Artº 12º nº 1, constarão, além das condições previamente exigíveis para o acto da inclusão, as obrigações que as instituições assumem com esse acto, os direitos de adquirirem e também as causas que determinarão serem excluídas do quadro respectivo e o modo por que se procederá à exclusão.

1.- De dois em dois anos, por iniciativa do Conselho Federativo Nacional, a Direcção procederá a uma revisão do quadro das instituições federadas, para o fim de excluir dele as que aí, por qualquer motivo, se achem constringidas, as que se hajam desinteressado da Organização Federativa, as de que não tenha tido o mesmo Conselho mais notícia alguma e as que hajam adoptado ou tomado por qualquer modo, orientação doutrinária em desacordo com o estabelecido no artº 10º destes Estatutos.

2.- Para que se efectue com fundamento a exclusão de que trata o parágrafo anterior e quando da necessidade de uma revisão o Conselho Federativo Nacional dirigirá uma circular às instituições que lhe pareçam estar colocadas em qualquer dos casos acima enumerados, solicitando-lhes informações que o esclareçam acerca das condições de cada uma, com relação à Organização Federativa, que reiterem a declaração de que desejam continuar a pertencer ao quadro federativo, e se encontram dispostas a cumprir com atenção as obrigações assumidas no acto da sua inclusão.

«««« Artigo 15º - Para uma mais eficiente solidariedade com as Instituições, a Federação prestar-lhes-à, sempre que necessário, todo o apoio ao seu alcance, junto dos poderes públicos, na defesa dos direitos e prerrogativas que lhe assistam, encaminhando os seus pedidos para o Conselho Federativo Nacional.

§ Único – Com fins, exclusivamente estatísticos, a Federação organizará um ficheiro de todas as instituições espíritas existentes no País.

#### «««« CAPITULO VII

#### «««« DO CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

«««« Artigo 16º - Como complemento da Organização Federativa instituída no capítulo VI destes Estatutos e meio de se estreitarem as relações entre a Federação e as instituições federadas, o Conselho Federativo Nacional será o órgão permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da organização federativa da Federação Espírita Portuguesa.

«««« Artigo 17º - Cada “união” ou instituição de âmbito distrital ou provincial indicará uma lista triplíce de nomes de membros da sua direcção para fazer parte do Conselho Federativo Nacional, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho. Quando da inexistência de “uniões” em diversas áreas, as instituições federadas ali

existentes, enviarão ao Presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes para o mesmo fim.

1.- O membro do Conselho, de que fala a primeira parte deste artigo, deverá residir na área em que a instituição representada tiver a sua sede.

2.- O Conselho Federativo Nacional será presidido pelo Presidente da Federação Espirita Portuguesa, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão nos seus impedimentos momentâneos.

3.- O Regulamento do Conselho poderá ser modificado, caso a Direcção e o Conselho o julguem necessário, devendo o Presidente, em tais circunstâncias, nomear uma comissão de confrades de reconhecida idoneidade ou de preferência, juristas.

««« Artigo 18º - O Conselho Federativo Nacional reunir-se-à ordinariamente uma vez de seis em seis meses, só podendo funcionar com a presença de metade e mais uma das associações federadas.

1.- Por convocação do Presidente, o Conselho poderá reunir-se extraordinariamente, quando for necessário.

2.- Será considerado como renunciante ao cargo de membro do Conselho, aquele dos seus membros – entenda-se por membro a instituição federada – que faltar a três reuniões consecutivas, sem motivo justificado.

««« Artigo 19º - As instituições componentes do Conselho Federativo Nacional e todas as instituições adesas são completamente independentes. A acção do Conselho só se verificará fraternalmente no caso de alguma instituição passar a adoptar programa que colida com a Doutrina expressa, nas obras da Codificação Kardecista.

1.- O Conselho organizará um quadro de visitantes espiritas, composto de sócios das instituições federadas e das aderentes, os quais dentro das suas possibilidades, serão escalados para visitar as instituições que ao Conselho dirijam convites para actividades de carácter puramente espirita.

2.- Sempre que possível, o Conselho designará um dos seus membros – entenda-se por membro a instituição federada – para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas instituições, e, se algum desvio encontrar relativo ao exposto no § 1º do artº 20º destes Estatutos, aquele membro solicitará que se convoque a Direcção da instituição visitada e, então, confidencialmente, exporá o que deve ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho.

««« Artigo 20º - Os membros do Conselho Federativo Nacional são considerados como exercendo cargo de confiança das instituições que os indicarem.

1.- O Conselho organizará um Regulamento para a prática doutrinária a fim de se manter uma unidade em todos os trabalhos a realizar nas instituições.



2.- Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, inscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.

.....

««« Artigo 22º - DISPOSIÇÕES GERAIS

Os presentes Estatutos, aprovados em Assembleia Geral de 27 de Dezembro de 1980, constituem a lei orgânica da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, revogam os Estatutos anteriores, sendo completados por regulamentos da Assembleia Geral e dos Serviços Internos, e cujas disposições, depois de aprovadas nos termos legais e estatutários, entram em vigor imediatamente.

«« Federação Espirita Portuguesa, Lisboa, 27 de Dezembro de 1980. »»»

\*

Na página de ‘noticiário’ do mês de Janeiro de 1981 na ‘Estudos Psíquicos’, vem publicado um quadro com o programa de palestras das responsabilidades de alguns dos centros federados, que passamos a transcrever :

««« FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

Tem despertado grande interesse o Ciclo de palestras que as instituições federadas estão a proferir na sede da Federação Espirita Portuguesa, com início às 16 horas e dentro dos seguintes temas:

ESPIRITISMO : Evangelho - Filosofia – Ciência :

18/1/81 – Centro Espirita Perdão e Caridade – Mediunidade e Espiritismo, pelo Prof. Manuel dos Santos Rosa

25/1/81 – Centro Espirita Caridade por Amor – Importância e Prática Mediúnica na Doutrina Espirita , por Fernando dos Santos Fernandes

08/2/81 – Associação Espirita da Figueira da Foz – A missão do Espiritismo às Portas do 3º Milénio, por Eugénio da Costa Morgado

22/2/81 – Associação Dr. Fernando Touré – Secretariado Provincial do Minho – Dirigentes Espiritas, por Maria da Conceição Nobre

08/3/81 – Associação Espirita de Lisboa – Pontos de Reflexão, pelo Prof. José Cordeiro Coelho de Sousa

22/3/81 – Fraternidade Espirita Cristã – Evangelho e Evolução, por Adriano de Barros

- 05/4/81 – Núcleo Espirita Cristão – Porto – Tema e conferencista a anunciar oportunamente
- 26/4/81 – Secretariado Espirita do Algarve – Associação Espirita de Lagos e Associação Espirita de Portimão – A Força Catalizadora da Fé , por Renato de Almeida
- 10/5/81 – Comunhão Espirita Cristã – Rio Tinto – Tema e conferencista a anunciar oportunamente
- 24/5/81 – Associação Espirita Flor da Paz – Tema e conferencista a anunciar oportunamente
- 07/6/81 – Núcleo Espirita Rosa dos Ventos – Doutrinação e Amor para com os Espíritos, por Sebastião Pinto de Castro.

*Aquele que tendo posto a mão no arado, olhar para trás, não serve para o reino de Deus. – Lcs.,IX/62.*

O nº. de Fevereiro comenta o interesse dos Centros pelo ciclo das palestras atrás referidas... este comentário recordou-nos a maneira como a elas pudemos assistir, devido ao convite particular que Maria Raquel nos fez; ela sabia que integravamos um grupo que se estava preparando para, no momento oportuno, abrirmos um Centro. O seu convite proporcionou-nos os primeiros contactos que outros dirigentes e com outros Centros.

\*

Na página de Março, em artigo de Aureliano Alves Netto, é comentado o Movimento Espirita em Portugal e descrita a visita que Joaquim Alves – JÔ, a convite da Comunhão Espirita Cristã, de Rio Tinto, fez ao nosso País, para orientação a alguns Centros Espiritas. Desta visita surge o Grupo “Juventude Espirita Meimei” (jovens que se desligaram do NEC), que estaciona em Águas Santos, Ermezinde, onde funcionou durante alguns anos, incentivando os jovens portugueses e encaminhando-os para a Doutrina Espirita. A este Grupo se ficou a dever o 1º Encontro Nacional de Jovens Espiritas e a que outros se sucederam semestralmente, por todo o País, numa adesão extraordinária e englobando sempre jovens de diversos Centros. Hoje, o “Juventude” não existe mais, depois da sua tarefa realizada, mas os jovens de então encontram-se espalhados por outros Centros, alguns como dirigentes, enquanto a ‘semente’ dos ‘ENJE’ se mantém, florescida, nos Encontros que se continuam a realizar, agora anualmente.

Em Junho a revista transcreve informações da F.E.P., desde a A.G. para apresentação do Relatório e Contas de 1980 e realizada em 28/3/81, como refere Actos da Gerência da Direcção, Contactos com Instituições Espiritas Federadas, Assembleia Federativa – referindo que esta foi a primeira que se realizou pós o 25 de Abril de 1974, Alterações aos Estatutos, referindo ainda o tema do PROCESSO REINVINDICATIVO DA FEP, que passamos a transcrever:

««« A Direcção continuou a dedicar particular atenção a este assunto, que considera vital para o desenvolvimento da F.E.P.. Numa constante actividade, tem procurado contactos com entidades dos poderes governativo e judicial, órgãos de comunicação social e outras entidades nomeadamente a Presidência da Republica, Conselho de Revolução e Assembleia da República.

««« Em sequência do envio do processo completo (3 volumes contendo centenas de fotocópias das peças originais) à Assembleia da República, a Mesa desta informou a Direcção da F.E.P. que havia levado o processo ao conhecimento da Assembleia em Sessão Plenária, após o que foi remetido para a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias, para sobre ele se pronunciar.

««« Na altura em que se está a elaborar o presente relatório, foi já recebida uma resposta, com data de 5 de Fevereiro de 1981, em que o Presidente daquela Comissão informa a Direcção que “a situação configurada, muito provavelmente tão injusta como na referida exposição se refere, está, no entanto, totalmente fora do âmbito de competência desta Comissão”. Referindo ainda que “A não se tratar de assunto da competência dos Tribunais, cai seguramente na esfera do Poder Executivo, não no Poder Legislativo, e de modo nenhum no âmbito da capacidade de iniciativa desta Comissão”.

««« Está já a ser preparada a conveniente resposta, não só para aquela Comissão como ainda em face do que nos foi comunicado, para o Ministério da Administração Interna.

««« Para elucidação do que tem sido este processo, tão complexo e exaustivo, foi lançada uma NOTA INFORMATIVA (*doc. encontra-se na sede da FEP para consulta de seus associados e interessados*). (...) »»»

Em Outubro de 1981 é transcrita a Sessão de Homenagem a Allan Kardec, realizada no dia 3 do mesmo mês e presidida pelo Presidente da F.E.B. Dr. Francisco Thiesen.

E o n° de Nov°/Dez° termina com mais uma referência à F.E.P., que noticia ter-se realizado, nos dias 21 e 22 de Novembro, a 1ª Reunião do Conselho Federativo Nacional, «««o qual é composto pelas instituições federadas, que presentemente são em número de 17.

««« (…)

««« Foi principal objectivo desta reunião, a regulamentação do Conselho Federativo Nacional, o que promoverá um alargamento às instituições federadas do campo de acção da Federação Espirita Portuguesa, tendo em vista uma maior difusão da Doutrina Espirita em nosso país, e sendo apresentadas várias sugestões para o fim em vista. »»»

Referindo, depois, a eleição dos Corpos Gerentes da F.E.P. para 1982/83, e o desejo de uma maior cooperação das instituições nas actividades da F.E.P., termina referindo a presença e participação activa do Dr. Francisco Thiesen, Presidente da Federação Espirita Brasileira, a convite da F.E.P., auxiliando aos debates havidos com esclarecimentos e sugestões oportunas.

## «««CORPOS SOCIAIS DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

eleitos em Assembleia Geral de 17/1/982  
Biénio 1982/1983

### ««« Mesa da Assembleia Geral

*Presidente* : Dr. António José Monteiro Cardoso; *Vice-Presidente* : Associação Espirita de Lisboa, representada por Joaquim Augusto Areal – efectivo, e João Fonseca Ratado – suplente; *1º Secretário* : Profª. Alice Matoso Mendonça; *2º Secretário* : Associação Espirita de Lagos, representada por João António da Palma Claudio – efectivo, e António Manuel Marreiros Rosado – suplente;

### ««« Conselho Fiscal :

*Presidente* : Dr. Ferdinando Pestana Marques; *Relator* : Adriano da Fonseca Barros; *Secretário* : Eugénio da Silva Montoito; Maria Cleofé Martin Oliveira, e Celestino Monteiro Bexiga;

### ««« Direcção :

*Presidente* : Maria Raquel Duarte Santos; *Vice-Presidente* : Dr. Diamantino Almeida Antunes; *1º Secretário* : Centro Espirita Perdão e Caridade, representado por Aldo Marques Ferreira – efectivo, e Licínio Henriques – Suplente; *2º Secretário* : Fraternidade Espirita Cristã, representada por José Miguel F. Parada Gonzalez – efectivo, e Rogério Varela Henriques – suplente; *Tesoureiro* : João da Cruz Rolão; *Vogais* : Prof. José Cordeiro Coelho de Sousa, e Frederico Pereira; *Suplentes a)* :

Núcleo Espirita Cristão, Associação Espirita de Portimão e Núcleo Espirita Rosa dos Ventos.

a)– Os Suplentes da Direcção serão representados pelos seus Presidentes de Direcção.

#### ««« CONSELHO FEDERATIVO

Associação Espirita da Figueira da Foz - Secretariado Espirita do Minho - Secretariado Espirita do Algarve - Centro Espirita Caridade por Amor - Associação Espirita Flor da Paz - Comunhão Espirita Cristã e Associação Espirita de Leiria.

a)- A representação neste Conselho será através dos Presidentes da Direcção das Instituições. »»»»

O número de Abril de 92 apresenta o Relatório e Contas da F.E.P., dividido em duas partes: a primeira, referindo os actos da Gerência e a segunda, das contas propriamente ditas.

No que se refere à 1ª - actos da Gerência -, transcrevemos o texto que refere a

««« ORGANIZAÇÃO . Desde as primeiras reuniões dos Corpos Sociais da F.E.P., ficou resolvido que os fins que essencialmente deveria visar esta instituição seriam, em primeiro lugar, uma **Organização** metódica e racional, extensiva a todo o território português, embora essa orientação não representasse um exclusivismo exagerado, inadmissível para quem professa a doutrina espirita que considera todos irmãos. Em seguida, com base nessa sólida organização federativa, resolveu-se intensificar a **propaganda** do espiritismo em todos os seus aspectos: científico, filosófico, moral e social, por todos os meios ao alcance da F.E.P.. Desta acção resultaria necessariamente uma **confraternização** mais íntima entre todos os espiritas, finalidade essa que era essencial atingir.

««« A estrutura orgânica da Federação é essencialmente descentralizadora, de modo a obter – numa orientação definida – o melhor rendimento numa acção objectiva na sua principal finalidade.»»»»

Seguem-se, depois, as referências à ‘propaganda’, ‘representatividade e confraternização’ e ‘sede própria’.

Nos dias 22 e 23 de Maio, conforme noticiado em Junho, a F.E.P. realizou na sede do ‘Núcleo Espirita Cristão’, do Porto, o seu Conselho Federativo Nacional, no qual “foram debatidos assuntos vários relacionados com a estrutura da F.E.P., assim como a organização federativa em seus aspectos gerais quanto ao movimento espirita

português, tendo como objectivo essencial a unidade fundamental da Doutrina Espirita e a união de todos os espiritas do nosso país”.

No mês seguinte, Julho, na mesma página de ‘noticiário’, o destaque é para a

### **A IMPRENSA ESPIRITA EM PORTUGAL E SUAS INICIATIVAS**

A noticia começa por referir, por iniciativa da Associação de Beneficência Fraternidade, Lar Fraternal de Portugal e Revista Fraternidade, a criação e organização, sem fins lucrativos, de uma Cooperativa Espirita Editora, de que se estão estudando os Estatutos respectivos, que serão aprovados em A.G.. A Cooperativa funcionará pela colaboração gratuita de todos os que se oferecerem para ajudar. (Tanto quanto sabemos esta ideia, apesar de excelente, não foi àvante).

Refere, a mesma noticia, que

«««Um grupo de espiritas propõe-se fundar a UNIÃO ESPIRITA EDITORA, em regime de Sociedade por quotas variáveis, agregando sócios a título individual ou colectivo com sede em Viseu, em instalações localizadas junto à Associação Cultural Espiritualista de Viseu.

««« Deriva esta iniciativa dos seguintes considerandos:

««« Ter como finalidade : a publicação de uma revista de cariz doutrinário, para difusão pública e geral, a qual será dirigida por um dos elementos da Comissão Directiva. Que aproveitando o material impresso se procure, com paginação reduzida, publicar um jornal. Estas iniciativas deverão procurar reduzir ao máximo os custos tendo em vista os objectivos a alcançar.

««« Que paralelamente se proceda à publicação de pagelas, mensagens ou outros quaisquer opúsculos, para difusão por todos os Centros/Associações do país (critério a definir).

««« Que numa segunda fase se proceda à publicação de livros.»»»

O número de Outubro publica o comunicado da Federação, do seguinte teor:

««« Prossequindo na difusão da Doutrina Espirita através da sua cultura, vai a FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA promover, em colaboração com a ASSOCIACION PARAPSICOLÓGICA VILLENENSE – VILLENA (ALICANTE) – ESPANHA, um ciclo de conferências. Salientamos que foi esta instituição a organizadora do CONGRESSO NACIONAL ESPIRITA 1981 que se realizou em Madrid e que tanto êxito alcançou, contribuindo duma forma decisiva para a legalização do Espiritismo em Espanha.»»»



Segue, depois, o programa de Conferências, 5, a realizar, respectivamente, em Lisboa, Porto, Leiria, Faro, sendo o seu encerramento de novo em Lisboa.

Destacamos esta notícia pela importância da mesma: Portugal espírita estendendo-se além-fronteiras e abrindo as suas portas para que, do estrangeiro, outros espíritas cheguem até nós!

No ‘Relatório do Exercício de 1982’ apresentado à A.G. de 30/4/1983, há uma referência a este ciclo de conferências *«que se realizou de Outubro a Dezembro em várias localidades do nosso país, com a colaboração da Associação Paraosicológica Villenense – Villena, Espanha, cujos elementos, não se poupando a esforços dignos de referência, cumpriram um programa na totalidade de 4 conferências, o que muito contribuiu para uma união de pontos de vista doutrinários entre os espíritas ibéricos. É de referenciar, igualmente, o bom acolhimento dispensado a esta iniciativa, pelas instituições federadas que nela colaboraram»*.

E mais à frente, no mesmo Relatório, refere: *«não tem sido fácil, porém, a vida da F.E.P. quanto às dificuldades existentes em relação à restituição do seu património apesar de todos os esforços dispendidos para esse fim e contra as expectativas e esperanças numa solução justa e adequada.(...)»*

Depois, é a ASSOCIAÇÃO LUZ NO CAMINHO, de Braga, que publica um extenso relatório das suas actividades, referente a 1982, terminando com a afirmação de que, tendo sido Braga o berço do Espiritismo, em Portugal, continua a pesar sobre os ombros dos actuais dirigentes, a responsabilidade desta sucessão.

É Paião, a seguir, que pede auxílio, para a construção da sua sede (de que já possuem o terreno), a qual constaria de secretaria, biblioteca e salão.

Poucos meses após, encontra-se a publicação de uma circular, cujo teor se transcreve, da

««« UNIÃO ESPIRITA GRÁFICA – UEEDIGRÁFICA, LDA. – VISEU

««« Após aproximadamente 14 meses, a ideia nasceu em Fiães/Feira a 18 de Abril de 1982, e apesar de muitos sacrifícios, contrariedades e incompreensões, foi constituída a UNIÃO ESPIRITA EDITORA GRÁFICA – UEEDIGRÁFICA, LDA.. Pouco passava das 12,00 horas do dia 27 do corrente, quando um punhado de Associações/Centros/Núcleos e irmãos a título individual assinaram a escritura. Era deste modo dado mais um importante passo no movimento espírita português.

««« A Comissão instaladora ao terminar a missão para que foi mandatada, vem dar a conhecer as deliberações da Assembleia Geral de Sócios, que se indicam:

1 – Na sequência da proposta apresentada por várias Associações presentes, aprovar a publicação de um Jornal Espirita, para difusão pública e Nacional, a lançar no próximo mês de Setembro aproveitando a vinda de Divaldo a Portugal;

2 – Enveredar pela publicação de livros no mais curto prazo de tempo possível, preservando o necessário suporte financeiro;

3 – Congratular-se por estarem criadas as condições para a produção nas suas instalações, e com a maquinaria disponível, de diversos trabalhos tipográficos.

««« Rogamos a Jesus que este empreendimento resulte para bem do Espiritismo.

««« E em geito de despedida fazemos um apelo muito sincero: - Que os Espiritas em Portugal se unam debaixo da mesma bandeira – da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA.

««« Viseu, 30/6/83. – UniãoEspirita Gráfica. »»»

E o Jornal Espirita teve a sua primeira distribuição na data prevista, numa palestra de um orador espirita brasileiro acontecida no auditório do Hotel Roma, mantendo-se até hoje, já com uma apresentação bem melhor que a de então, e a cores.

Na mesma página, referindo a estadia de Divaldo Franco entre nós, noticia a realização de mais um Conselho Federativo Nacional, este realizado em Viseu e com a presença daquele orador.

No número de Janeiro/Fevereiro de 1984, refere os novos Corpos Sociais da F.E.P., eleitos por A.G. de 18 de Dezembro do ano anterior, a saber:

#### ««« MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

*Presidente* - Diamantino de Almeida Antunes; *Vice-Presidente* - António Cardoso; *1º Secretário* - Associação Espirita de Lisboa, representada por Alice Mattoso Mendonça; *2º Secretário* - Associação Espirita de Lagos, representada por Maria Julieta Marques.

#### ««« CONSELHO FISCAL

*Presidente* - Fraternidade Espirita Cristã, representada por Adriano da Fonseca Barros; *Secretário* - Eugénio da Silva Montoito; *Relator* - Arlindo Veríssimo da Silva; *Suplentes* : Associação Espirita do Paião; Associação Espirita de Leiria; e Marília M. Laporte Barbosa.

#### ««« DIRECÇÃO

*Presidente* - Maria Raquel Duarte Santos; *Vice-Presidente* - Centro Espirita Perdão e Caridade, representado por Manuel dos Santos Rosa; *1º Secretário* - Associação Cultural e Espiritualista de Viseu, representada por Aldo Marques Ferreira; *2º Secretário* - Carlos Alberto Dias de Brito; *Tesoureiro* - João Pedro Xavier de Almeida; *1º Vogal* - José C. Coelho de Sousa; *2º Vogal* - João Santos; *Suplentes* : Núcleo Espirita Cristão; Associação Espirita de Portimão; e Núcleo Espirita Rosa dos Ventos.

#### ««« CONSELHO CONSULTIVO

Eleito em reunião do Conselho Deliberativo da FEP, realizada em 6/12/83 de acordo com o Capítulo - Artº 9º 1. dos Estatutos da FEP.:

- Associação Espirita da Figueira da Foz; Associação Fraterna Dr. Fernando Touré; Centro Espirita Caridade por Amor; Comunhão Espirita Cristã; Associação Espirita de Viseu; Grupo de Bem-Fazer Celeiro de Amor; e Associação Luz no Caminho. Teve-se em atenção a ordem de filiação na F.E.P..

(Sempre que possível, iremos referindo os novos Corpos Sociais da F.E.P. pois os seus nomes indicam-nos, não só a maneira como o Movimento foi crescendo como, também, as Associações se foram filiando e, até, revelando).

E na página de 'Noticiário' do nº de Março/Abril, encontra-se a noticia de que o Centro Espirita FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ criou um boletim informativo, difusor da Doutrina Espirita, de distribuição gratuita, denominado LIBERTAÇÃO, e de publicação trimestral.

Refere, igualmente, a obra de beneficência do "Celeiro de Amor", que todos os anos, pelo Natal, numa festa de amor e solidariedade, distribui pelas crianças (no ano de 1983) 108 peças de roupas, brinquedos e guloseimas.

Em Maio, surge um apelo, desta vez 'Campanha p'r'o Sede da Federação', porquanto continuando a Federação a funcionar nas instalações da 'Associação Espirita de Lisboa' não pode alargar as suas actividades e a "sede própria contribuirá para uma maior unificação doutrinária e fortalecimento do Espiritismo no nosso país". Este mesmo apelo, repete-se na edição do mês seguinte da revista.

Em Julho, é a participação de mais uma edição espirita, desta vez em Albergaria-a-Velha. Chama-se 'O Rebelde' e é da responsabilidade de José Domingues Rosa e Vasco de Lemos Mourisca, nomes de há muito conhecidos pela sua dedicação à Causa Espirita.

Encontra-se, ainda, uma referência ao 'Boletim Juvenil – Juventude Espirita Meimei', que o grupo de jovens nortenhos acabaram de editar, com o patrocínio da

Federação Espirita Portuguesa e o Centro Espirita Perdão e Caridade, e o 1º disco espirita português, com “canções espiritas em Portugal”, conforme no próprio disco, do mesmo grupo, se refere.

O nº de Setembro/84 refere a realização de mais um Conselho Federativo Nacional da F.E.P., que engloba já 22 associações espiritas devidamente legalizadas.

Constou esta reunião, realizada em Leiria e com a presença do Vice-Presidente da Federação Espirita Brasileira, Professor Altivo Ferreira, da «apresentação de trabalhos de características doutrinárias, com vista a uma melhoria de interpretação, prática e propaganda da nossa Doutrina e da responsabilidade das seguintes Associações:

««« ASSOCIAÇÃO LUZ NO CAMINHO : ‘O Espiritismo é também ou não religião?’ Este trabalho foi acompanhado do seguinte pensamento: *‘Não quero que os meus irmãos troquem o Evangelho por livros de sapiência. É muito mais meritório afirmar uma verdade com fé genuína do que exprimir, com sapiente habilidade nas questões controvertidas.*

‘ Quem deseja espalhar a mensagem de Cristo deve ser consumido por um fogo interno e não falar friamente as sábias palavras da razão... Isto, contudo, não poderia aprender nos livros, mas, somente, em directa comunhão com Deus. – Francisco de Assis’.

««« COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ DE RIO TINTO : apresentou esta Instituição um trabalho de orientação doutrinária, focando a moral evangélica, a filosofia e a ciência, e convidando a F.E.P. a um intercâmbio mais intenso entre ela e seus filiados, a fim de que a Doutrina Espirita seja melhor compreendida em todos estes aspectos.

««« ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LISBOA : Espiritismo Didáctico – linhas de rumo : trabalho de observação e estímulo para a prática de um Espiritismo mais evoluído através da educação e da cultura, já que o Espiritismo tem raízes nas novas características didácticas que é necessário imprimir à doutrina.

««« CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE : ‘A cultura espirita e a sua importância na União e Dinamismo’ : trabalho que foca a cultura espirita e a união, a luta contra a ignorância e hábitos de preguiça mental ou física(...). Regras da disciplina, procurando fazer espiritas conscientes, responsáveis e dinâmicos.

««« SECRETARIADO ESPIRITA DO ALGARVE : Da necessidade da realização do 2º Congresso Nacional de Espiritismo : considerações quanto à necessidade de tal realização.

««« COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ DE LISBOA : necessidade da divulgação da Doutrina Espirita Cristã : considerações e propostas, especialmente incidentes sobre os meios de comunicação social e assistência social.

««« ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPIRITUALISTA DE VISEU : ‘O passado – O presente e O futuro’ : panorâmica histórica do movimento espirita em Portugal. Análise do presente e propostas para o futuro.

««« ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LAGOS : ‘como se ultrapassar a presente crise espiritual’ : histórico, análise e proposta para uma intensificação na propaganda, no esclarecimento e na evangelização infanto-juvenil.

««« NÚCLEO ESPIRITA ROSA DOS VENTOS : ‘conhece-se a árvore pelo seu fruto’: trabalho de análise à prática do Espiritismo, focando em especial a mediunidade e terminando com a seguinte citação: *‘Sê, pois, manso, pacífico, e que tua árvore possa florir, que seus frutos possam ser o revitalizador de novas energias, para que os caídos se levantem’*.

««« ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DO PAIÃO : educação espírita da infância e juventude : objectivos, fundamentos e conclusões.

««« Todos estes trabalhos foram distribuídos por três comissões de análise nomeadas para o efeito e assim seleccionadas:

««« Análise doutrinal:

- Associação Luz no Caminho;
- Comunhão Espírita Cristã, de Rio Tinto.

««« Dinâmica Cultural e Didáctica:

- Associação Espírita de Lisboa;
- Centro Espírita Perdão e Caridade.

««« Divulgação :

- Secretariado Espírita do Algarve;
- Comunhão Espírita Cristã de Lisboa
- Associação Cultural e Espiritualista de Viseu

««« Os trabalhos apresentados por

- Associação Espírita de Lagos,
- Núcleo Espírita Rosa dos Ventos, e
- Associação Espírita do Paião,

pelas suas características e natureza, tornaram-se simples comunicações pelo que foram dispensadas de tratamento específico »»»».

O número de Setº/Outubro participa a inauguração da “Comunhão Espírita Cristã de Lisboa, ocorrida a 17 de Junho e referencia os seus Corpos Sociais; num pequeno relato historia que este Centro foi constituído por escritura de 15/12/981, existindo como Grupo desde 1978.

E, na mesma página, a comunicação da “Associação Espírita do Paião”, referindo os donativos recebidos para a construção da sede, a edificação da mesma e o débito que têm, ainda, para liquidar, no valor de duzentos e sessenta e cinco mil escudos.

O número de Janeiro/fevereiro de 1985 – último ano da publicação desta Revista – começa com a noticia da abertura da “Associação Espírita de Olhão” e continua com o apelo, já do ano anterior, a favor de uma sede para a F.E.P. - apelo que se manterá ainda durante todo o ano ora decorrente.

Em Março/Abril, a revista publica o “Relatório da Gerência de 1984 da F.E.P.”, nele se podendo ler que, em 31 de Dezembro o nº de sócios colectivos era de 22 e o de individuais de 103, focando, o Relatório, o rendimento insignificante de quotas da massa associativa para o muito que há a realizar.

Em Maio/Junho/85, o “Circulo Cultural de Juventude Espirita Meimei” comunica a realização de um mini-congresso, a realizar em 27 e 28 de Julho nas instalações do “Centro Espirita Cristão”, de Fiães da Feira, gentilmente cedido para o efeito. É com este mini-congresso que se iniciam os “Encontros Nacionais da Juventude Espirita”, que se mantêm até hoje. Muitos dos jovens de então encontram-se hoje dirigindo ou colaborando em Centros Espiritas, não mais como jovens mas como adultos responsáveis, conhecedores e seguros do conhecimento que o estudo da Doutrina Espirita lhes proporcionou.

Em 4 de Fevereiro de 1986, uma carta circular da FEP, com o nº 342, dirigida a todas as Associações federadas, esclarece:

««« Terminou em 31 de Dezembro do ano findo o mandato de 1984/1985, para o qual os Corpos Sociais da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA foram eleitos. Entretanto, e dentro dos termos legais, até à presente data, a Direcção tem mantido e assegurado a vivência da F.E.P..

««« Ao longo destes dois últimos biénios, as instituições federadas e a maioria dos sócios individuais, têm manifestado o desejo constante duma modificação nas estruturas legais da FEP, posição já anteriormente aprovada em Assembleia Geral extraordinária realizada em 7 de Janeiro de 1983 e confirmada nas conclusões exaradas em actas, dos sucessivos Conselhos Federativos Nacionais, que anualmente se vêm realizando. Fundamenta-se este posicionamento, na convicção de que tal modificação nas estruturas legais da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA lhe irá permitir uma maior e melhor actuação na coordenação do Movimento Espirita Português e conseqüentemente, na difusão da Doutrina Espirita.

««« Perante tal situação, entendeu a Direcção da FEP abster-se de qualquer posicionamento e não ser aconselhável dar andamento ao processo de eleições para o biénio 1986/1987, conforme está previsto nos Estatutos em vigor, responsabilidade que não deverá assumir.

««« Tendo sido constituída por quatro instituições federadas uma comissão para formalizar a situação legal da FEP, cujo acto notarial se deverá realizar em breve e da qual fazem parte as instituições federadas : Núcleo Espirita Cristão – Porto; Fraternidade Espirita Cristã – Lisboa; Associação Espirita de Lagos – Lagos; Centro Espirita Perdão e Caridade



– Lisboa, competirá, posteriormente e legalmente a esta comissão assegurar a continuidade da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA.

««« Nestas circunstâncias, entendeu a Direcção dever informar os seus associados da situação actual da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, agradecendo-lhes toda a colaboração e confiança sempre manifestada.

««« Pela Direcção da Federação Espirita Portuguesa, assinado e dactilografado, Maria Raquel Duarte Santos, Presidente »»».

Em 5 de Abril do mesmo ano, a carta circular nº 15/86 refere:

««« Na sequência da nossa comunicação de 4/2/86, informamos os prezados confrades da formalização jurídica da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, a qual se processou por escritura notarial, no passado dia 6 de Março findo, no 17º Cartório Notarial de Lisboa e que foi subscrita pelas seguintes instituições federadas:

- FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ – Lisboa
- NÚCLEO ESPIRITA CRISTÃO – Porto
- CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE - Lisboa
- ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LAGOS - Lagos

««« De acordo com os termos legais, estas instituições através duma Comissão Representativa por elas nomeada em reunião de 24 de Março findo, procederão de imediato à organização do processo eleitoral, para a eleição dos Corpos Gerentes – Biénio 1986/1987 – da Federação Espirita Portuguesa, estando prevista a sua realização para 25 de Maio p.fto..

««« Esperando de todas as instituições federadas a maior colaboração quanto à formação da lista a eleger e tendo sempre em vista a dignificação da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, como entidade representativa do Movimento Espirita Português, agradecemos a v/resposta até 30 do corrente.

««« Fraternalmente, pela Comissão Representativa,

««« assinado e dactilografado, Maria Raquel Duarte Santos »»».

No mesmo dia, 5 de Abril de 1986, o Jornal “**Diário Popular**, na Secção de «Cartas ao Director», publica:

««« ONDE ESTÃO OS BENS DA FEDERAÇÃO ESPIRITA

««« Sr. Director – Pretendo, com esta carta, prestar um pequeno esclarecimento sobre a noticia publicada há dias no “Diário Popular” sob o titulo “Espiritas querem reaver bens materiais espoliados”.

««« Ao tempo, num dos muitos assaltos às sedes da Federação Espirita, ordenados pelo antigo regime, e na minha qualidade de encarregado de Móveis e Edifícios da Casa Pia de Lisboa, fui destacado para receber

vários materiais que faziam parte dos inventários da sede, sita na R. de S. Bento.

««« Entre os referidos bens, avultavam milhares de publicações, que compunham a principal biblioteca daquela Federação, várias pinturas, algumas de grande valor, e móveis diversos, os quais denotavam já bastante uso.

««« As vitrinas e os respectivos volumes foram guardados na Biblioteca Principal da Casa Pia, na R. dos Jerónimos, por ser o local que, na altura, nos pareceu o melhor. Até 1980, ao que nos conste, aqueles volumes nunca foram objecto de quaisquer consultas por parte dos alunos, talvez por decisão superior.

««« As pinturas, algumas de inestimável valor, foram distribuídas por vários gabinetes das entidades mais destacadas daquele estabelecimento de ensino. Estamos a lembrar-nos do quadro 'O Serrador', do pintor Júlio Pomar.

««« Os móveis, como atrás se referiu, devido ao seu estado, foram quase todos objecto de autos de incapacidade.

««« Na esperança de que esta pequena achega possa contribuir de algum modo para beneficiar uma causa que merece todo o nosso carinho, aqui fica o esclarecimento sobre os bens materiais da Federação Espirita. – A. Ventura – Sassoeiros (Carcavelos) »»».

Ignoramos qual a atitude da F.E.P. perante esta informação.

Em 7 de Maio de 1986 a F.E.P. distribui um AVISO do seguinte teor:

««« Avisam-se os sócios da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA que, em virtude da escritura notarial de obtenção de personalidade jurídica por parte da mesma Federação Espirita Portuguesa, a Assembleia Geral desta, no uso da sua plena soberania e poder decisório, se reúne em sessão extraordinária no dia 25 de Maio de 1986, pelas 9,30 horas, na sede provisória, sita em Lisboa, na R. Maestro Pedro de Freitas Branco, 24-A, r/c, com a seguinte

**ORDEM DE TRABALHOS:**

1. Análise da situação da F.E.P. e votação de propostas de solução.
2. Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1986/1987.

««« Mais se avisam os mesmos sócios que, se à hora acima indicada não comparecer número significativo de sócios, a Assembleia reunirá no mesmo local e para os mesmos fins, meia hora mais tarde, deliberando e elegendo então, validamente, com qualquer número de sócios.

««« FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ, assinados: Adriano J. F. Barros e Laura F. Barros;

««« NÚCLEO ESPIRITA CRISTÃO, assinados : duas assinaturas ilegíveis;

««« CENTRO ESPIRITA PERDÃO E CARIDADE, assinados: Joaquim Marques da Silva e Licínio Henriques;

««« ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LAGOS, assinados: Maria Julieta Conceição Marques e Almerinda Furtado Gorgulho»»»»

Tanto quanto sabemos esta Comissão surgiu depois da comunicação do Governo Civil a dizer da ilegalidade da F.E.P., embora continuem a surgir, na correspondência, cópias de cartas donde consta, pela Comissão Representativa, Maria Raquel Duarte Santos, Presidente.

Em Junho deste mesmo ano e até Outubro de 1986 a F.E.P., através de Maria Raquel Duarte Santos, começa a ser contactada pela sua congénere espanhola, a fim de integrarmos a Confederação Espirita Europeia, de que enviam cópia dos Estatutos para conhecimento, estudo e/ou alterações. Neste mês, Maria Raquel escreve ao Presidente da Federação Espanhola, objectivando que «««(...) a constituição da Federação Espirita Espanhola, segundo as suas estruturas, representaria amplamente o Movimento Espirita Espanhol. Porém, e lamentavelmente tal não tem acontecido, o que se verificou na nossa última reunião, em que nos foi demonstrada a fraca representatividade da Federação Espirita Espanhola, perante assunto de tal transcendência e responsabilidade, originando a ausência de instituições representativas quer federadas quer não, um enfraquecimento da sua posição e conseqüentemente da Federação Espirita Espanhola.

««« O mesmo sucedeu com a representação francesa, que pela escassez de elementos, não reúne as condições mínimas de representatividade do movimento espirita em França, já que a mesma se limitou a uma instituição muito recentemente constituída, cuja actuação ainda é bastante restrita, e pretendendo-se ignorar outras instituições devidamente estruturadas, de largas tradições no seguimento de outras instituições e cuja representatividade é de todos conhecida.

««« Quanto à representação da Suíça e da Inglaterra, as mesmas, segundo minha opinião, não poderão, de momento, ter qualquer aceitação já que se trata de pessoas isoladas, apenas com boa vontade de servir a Doutrina, mas sem condições que lhe permitam, sequer, integrar-se numa Federação a nível nacional, quanto mais pretender-se que representem movimentos – neste caso a Inglaterra – onde existem organizações bem definidas e organizadas e amplamente representativas as quais não podemos de qualquer forma ignorar.

««« ... e, mais uma vez na minha opinião pessoal, que ainda estamos muito longe de termos condições aceitáveis para constituirmos uma Confederação Espirita Europeia... A boa vontade de uns quantos não é suficiente e seria uma grande irresponsabilidade e leviandade da nossa parte, tentarmos, em tais condições, levarmos por diante tal iniciativa, arriscando-nos a cair no ridículo e na conseqüente marginilização das instituições e movimentos que, tanto em Espanha, como em França, Itália e Inglaterra, dispõem de organizações amplamente estruturadas e desenvolvidas e que em suas bases fundamentais divulgam a Doutrina Espirita.(Não há aqui contradição com o §s. anteriores? Parece-nos...).

««« Entretanto, se quisermos prosseguir, teremos de abandonar certos exclusivismos que só têm servido para reduzir as possibilidades de actuação. Teremos de procurar uma unificação com os responsáveis por outras instituições e movimentos, para que, assim, possamos atingir os objectivos que nos propomos. Caso contrário, estaremos pregando no deserto, e tal como D. Quixote, esgrimindo nossas ideias e opiniões num campo imaginário.

««« No entanto, ... todo o esforço dispendido é altamente aproveitável para a realização do sonho que nos acalenta. A esperança nunca nos abandonará, ajudando-nos a conhecer sempre melhor uns aos outros e a continuar caminhando para num futuro mais ou menos próximo e que muito dependerá do nosso esforço, tolerância e compreensão, conseguirmos alcançar o objectivo que nos propomos »»»».

A troca de correspondência continua em 1987 com aquela Federação e, ainda, com a Union Spirite Française et Francophone, em Tours, France. A esta entidade, em 18/10/87, a F.E.P. informa que a sua Direcção se encontra dimissionária e «««sem poderes para participar na reunião prevista para 21 de Novembro e tomar decisões conseqüentes. Foi esta uma decisão bastante ponderada, o que não exclui que, futuramente, a nova Direcção da Federação Espirita Portuguesa, a eleger até final do ano corrente, reinicie novas conversações com vista à sua integração na futura Confederação Espirita Europeia. Também esta decisão não invalida a constituição da futura Confederação Espirita Europeia e respectiva reunião de 21 de Novembro, já que, para a mesma são somente necessárias TRÊS instituições fundadoras ...»»»».

Em Julho de 1986 é distribuído, por todas as Associações federadas, o ante-projecto de alteração dos Estatutos da FEP, que serão aprovados em A.G. de 17/1/87, mas que não são publicados nem enviados aos associados respectivos; logo em 21 de Setembro do mesmo ano, a Direcção da FEP, através da sua Presidente, Maria Raquel Duarte Santos, convoca uma A.G. extraordinária para 10 de Outubro do mês seguinte, porque

««« Após uma análise circunstanciada dos Estatutos da FEP, aprovados em A.G. de 17/1/87, verificou a Direcção que, além da sua complexidade burocrática e indefinição, os mesmos não estavam inseridos na Codificação Kardecista, que tem como uma das suas bases fundamentais, a tolerância – amando e perdando.

««« Perante uma impossibilidade total de actuação da Direcção derivada de tal conjuntura, procurou a mesma sintetizar toda a matéria contida e aprovada nos referidos Estatutos e na, também, anteriormente aprovada em sucessivas A.G. tornando, assim, toda a orgânica da FEP flexível, acessível, eficaz, fraterna e de acordo com os princípios básicos da Doutrina Espirita.

««« Nesta conformidade, junto se envia toda a documentação referida para conhecimento e análise, agradecendo... a vossa participação na próxima Assembleia Geral, numa manifestação de interesse pelo futuro da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA »»».

Honestamente, não compreendemos esta atitude de Maria Raquel, que provocou diversas reacções de alguns dos Centros federados, porquanto ela esteve presente em Setúbal, na A.G. onde estes mesmos Estatutos foram aprovados. Se não concordava, porque não falou então? Porque deixou que a Assembleia os votasse, artigo a artigo para, depois, agir desta maneira?

A Presidente da Mesa da A.G., Maria Isabel Saraiva, convoca a A.G., a pedido da Direcção, mas, quando na mesma, chama a atenção para a ilegalidade do acto proposto para votação. (Ponto 2).

Maria Raquel não aceita a atitude da Mesa e no dia 18 é distribuída por todos os Centros uma fotocópia da Acta da reunião da Direcção, de 16, e na qual «««a Presidente, externando o seu desagrado e por não concordar com a orientação dada pela Presidente da Assembleia Geral, na convocação da última Assembleia realizada no dia 10, próximo, passado, apresentou aos presentes o seu pedido de demissão. Todavia, ponderando sobre o que lhe foi relatado pelos Vice-Presidente, Primeiro Secretário e Tesoureiro, aquiesceu em manter-se, igualmente, em gestão corrente, dando resposta ao expediente até o termino do actual ano civil. (...). Assim sendo e solidarizando-se com a Presidente, os demais Membros da Direcção acompanham-na nessa decisão. (...) »»»

A tomada de posição naquela A.G. é esclarecida por Isabel Saraiva em carta circular dirigida a todas as Associações, e datada de 23 do mesmo mês.

««« (...) Porque, através da fotocópia da acta nº 6 da Direcção da Federação, enviada com a circ. Nº 35/87, de 18/10/87, nas suas linhas 8 e 10 se depreende que a responsabilidade da convocatória é exclusivamente da competência da Presidente da Mesa da Assembleia Geral, junto se

anexa uma fotocópia da carta nº 29/87, de 2.9.87, assinada pela Presidente da Direcção, em que aquele corpo social solicita a convocatória da mesma Assembleia e expressa claramente os pontos da Ordem de Trabalho que deveriam constar da mesma, o que foi inteiramente respeitado.

««« Como a Presidente da Mesa da Assembleia Geral tivesse dúvidas sobre a legalidade do ponto 2 da Ordem de Trabalhos, e porque entretanto lhe haviam sido enviadas algumas contestações, consultou a responsável um advogado que a ajudasse a clarificar a interpretação do que se pretendia com o controverso ponto 2.

««« Foi então esclarecido que nenhum Estatuto ou Regulamentação complementar pode ser votada na generalidade sem que previamente tenha sido analisado, discutido e alterado (se houver razão para isso) pelos sócios que compõem o organismo.

«««Porque não pretendia a presidente da Mesa da Assembleia Geral assumir uma atitude claramente ilegal para qualquer acto da vida federativa do Movimento Espirita Português, resolveu que no período antes da Ordem de Trabalhos daria a conhecer o assunto e o poria à votação da Assembleia para que, não a sua presidente mas sim a totalidade dos sócios presentes se pronunciasse se manteria ou não a Ordem de Trabalhos, tendo então sido votada a exclusão do ponto 2.

««« Pensando ter agido com lealdade, para com todos, e de forma a que a sua consciência a não acuse de decisões incorrectas foi que assim procedeu.

««« Porque é importante que o Movimento Espirita Português conheça a realidade, solicito a todos os confrades que activamente participem nas Assembleias Gerais que norteiam os destinos federativos. (...) »»».

## FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA ESTATUTOS

(aprovados em A.G. de 17/18 de Janeiro/1987, em Setúbal)

### CAPÍTULO I

#### DA DENOMINAÇÃO; NATUREZA; SEDE E FINS

Artº. 1º. – A Associação federativa fundada em 6 Março de 1986, tem carácter científico, filosófico, moral e social, designa-se por FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA ou pela sigla “F.E.P.”, tem sede em Lisboa e passa a reger-se por estes Estatutos.

Artº. 2º. – A “F.E.P.” é uma Associação de Instituições Espiritas, sem fins lucrativos, de duração indeterminada e tem como finalidades:

- a)- a união solidária de todas as Instituições Espiritas com sede em território nacional, bem como de todos os espiritas portugueses, em geral;



- b)- a íntima cooperação e auxílio às Instituições Federadas, tendo em vista o desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas actividades, baseadas na Doutrina Espirita;
- c)- o estudo, prática e divulgação do Espiritismo, nos seus aspectos científico, filosófico, moral e social, através da criação de Departamentos, julgados necessários, para a sua viabilização e inserção na conjuntura federativa.

Artº. 3º. – Com vista à melhor organização e dinâmica da “FEP”, e participar no Movimento Espirita Mundial, poderá a “F.E.P.” incentivar a criação de Uniões de Associações Espiritas em cada região e filiar-se em Associações congéneres internacionais.

## CAPITULO II

### DOS SÓCIOS - ADMISSÃO

Artº. 4º. – A “F.E.P.” é constituída por número ilimitado de sócios, com a seguinte classificação:

- a)- SÓCIOS COLECTIVOS – Instituições federadas;
- b)- SÓCIOS INDIVIDUAIS – pessoas singulares.

## CAPITULO III

### DAS FINANÇAS E FUNDOS

Artº. 5º. - Para a realização dos seus fins e manutenção das suas actividades, a “F.E.P.” utilizará o fundo social constituído pelos bens móveis e imóveis que possua ou venha a possuir e os rendimentos de várias origens que possam constituir-se em receita.

## CAPITULO IV

### DOS ORGÃOS SOCIAIS

Artº. 6º. - Os Órgãos Sociais que constituem a “F.E.P.” são:

- Assembleia Geral
- Conselho Fiscal
- Conselho Directivo.

1 - A Assembleia Geral da “F.E.P.” é a reunião de todos os sócios em pleno gozo dos seus direitos e nela reside o poder supremo da mesma “F.E.P.”, sendo suas decisões de carácter obrigatório para os Órgãos Sociais e todos os associados.

- a)- A Mesa da Assembleia Geral é composta por:
  - Presidente
  - Primeiro Secretário

- Segundo Secretário.

b)- A Assembleia Geral da “F.E.P.” reunirá por convocação do Presidente da Mesa e, no seu impedimento, pelo que estiver estabelecido em Regulamentação Complementar e/ou leis vigentes.

2)- O Conselho Fiscal é composto por:

- Presidente - Secretário - Relator.

a)- São deveres e atribuições do Conselho Fiscal :

- reunir para examinar a escrituração da “F.E.P.”, obrigatoriamente , uma vez em cada trimestre, e sempre que o julgue necessário;

- dar conhecimento ao Presidente da Mesa da Assembleia de todos os casos em que se verifique irregularidades à inobservância dos Estatutos e Regulamentação Complementar em vigor.

3)- O Conselho Directivo é o Órgão da Administração Geral e responsável pelo desenvolvimento das actividades da “F.E.P.”, de acordo com as finalidades propostas nos Estatutos e demais Regulamentação Complementar.

a)- O Conselho Directivo é composto por:

- Presidente - Vice-Presidente - Primeiro Secretário - Segundo Secretário - Tesoureiro.

b)- São deveres e atribuições do Conselho Directivo:

- Cumprir e fazer cumprir estes Estatutos e demais Regulamentação Complementar;

- Representar oficialmente a “F.E.P.” em todos os actos associativos, civis e judiciais.

Artº. 7º. – Os Órgãos Sociais são compostos por sócios colectivos através dos seus legais representantes – no pleno gozo dos seus direitos, eleitos bianualmente em Assembleia Geral convocada para o efeito.

Artº. 8º. – Os Órgãos Sociais reger-se-ão por estes Estatutos, leis vigentes e demais Regulamentação Complementar.

## CAPITULO V

### DO CONSELHO FEDERATIVO

Artº. 9º. - O Conselho Federativo Nacional, ou simplesmente “CFN”, é a Assembleia formada por todas as Instituições federadas, com a finalidade de promover o estudo, desenvolvimento e divulgação doutrinária.

Artº. 10º - O “CFN” rege-se por regulamentação própria, a ser aprovada em Assembleia do “CFN”.

## CAPITULO VI

### DOS OUTROS ÓRGÃOS DO CONSELHO GERAL

Artº. 11 º - O Conselho Geral é a reunião de todos os Membros que constituem os Órgãos Sociais.

Artº. 12º - O Conselho Geral será presidido pelo Presidente da Assembleia Geral e, no seu impedimento, por outro Membro do mesmo Órgão.

## CAPITULO VII DO PATRIMÓNIO

Artº. 14º - O património da “F.E.P.” é constituído por:

- a)- bens móveis;
- b)- bens imóveis.

## CAPITULO VIII DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº. 15º - A “F.E.P.” poderá ser dissolvida por vontade expressa dos sócios, desde que seja reconhecida a inviabilidade da sua existência, por proposta do Conselho Geral.

Artº. 16º - A dissolução da “F.E.P.” só poderá ocorrer em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito e desde que estejam presentes e votem favoravelmente, no mínimo,  $\frac{3}{4}$  dos sócios em pleno gozo dos seus direitos.

Artº. 17º - O ano social coincide com o ano civil.

Artº. 18º - As alterações ao estabelecido nos presentes Estatutos só poderão efectuar-se com a aprovação da Assembleia Geral, expressamente convocada para o efeito.

Artº. 19º - Os casos omissos nestes Estatutos e demais Regulamentação Complementar, serão resolvidos pelo Conselho Geral, apoiado nas leis vigentes, devendo ser presentes à primeira Assembleia Geral que se efectuar.

Artº. 20º - Os presentes Estatutos foram aprovados em Assembleia Geral extraordinária, realizada em 17/18 de Janeiro de 1987, com a nova redacção aprovada em Assembleia Geral extraordinária de 20/3/88, entrando imediatamente em vigor.

\*

Estes Estatutos foram registados no 17º Cartório Notarial de Lisboa, aos 24/2/89 e publicados no D.R., III Série, nº 91, de 19/4/1989.

\*

Com a nova redacção que lhes foi dada os Estatutos passaram dos 41º artigos primevos apenas para o nº de 20. Não os vamos comentar, mas perguntamo-nos:

se foi necessário fazerem-se novos Estatutos para legalizar a Federação (nos dizeres do Governo Civil, conforme carta endereçada à FEP), porque, simplesmente, não se copiaram os estatutos aprovados em 1926, alterando-se-lhes unicamente a data? A Instituição é a mesma, as normas que a regem também... porquê, então, a alteração? E não venham dizer que os quiseram actualizar pois não vemos, na nova redacção, algo que tenha melhorado os anteriores...

\*

Com a demissão da Presidente do Conselho Directivo e, por companheirismo, de todos os restantes Membros da Direcção, houve necessidade de novas eleições, passando a F.E.P. a ser assim gerida:

#### ASSEMBLEIA GERAL

*Presidente* : Associação Espirita de Leiria; *1º Secretário* : Associação Espirita de Lagos; *2º Secretário*: Associação de Beneficência Fraternidade, de Lisboa.

#### CONSELHO FISCAL :

*Presidente* : Associação Luz no Caminho, de Braga Braga; *Secretário* : Associação Espiritualista de Viseu; *Relator* : Fraternidade Espirita Cristã, de Lisboa.

#### CONSELHO DIRECTIVO :

*Presidente* : Centro Espirita Perdão e Caridade, de Lisboa; *Vice-Presidente* : Associação Espirita Luz e Amor, de Setúbal; *1º Secretário* : Comunhão Espirita Cristã de Lisboa; *2º Secretário* : Associação Espirita de Portimão; *Tesoureiro* : Comunhão Espirita Cristã, de Rio Tinto.

Durante este mandato, em 1988, foi distribuido pelas Associações o “Projecto de Regulamento do Departamento da Infância e Juventude – Sector da Juventude”, que veio a ser aprovado em A. G. de 8/12/89.

Em A.G. de 20/3/88 foi aprovado o Regulamento Complementar da F.E.P.;

Nesta mesma A.G. foi aprovado o Regulamento do Fundo Solidário de Apoio;

Em A.G. de 29/10/88, foi aprovado o Regulamento do Conselho Federativo Nacional;

Em A.G. de 11/12/88 foi aprovada a divisão regional para efeitos de criação de Uniões, da seguinte maneira:

1ª - Minho e Trás-os-Montes; 2ª - Beira Litoral, Beira Alta, Beira Baixa e parte da Estremadura; 3ª - Ribatejo, resto da Estremadura e Alto Alentejo; 4ª - Baixo Alentejo e Algarve; 5ª Açores e Madeira.

Nesta mesma A.G. foi aprovado, ainda, o Regulamento do Congresso.

Durante a realização desta A.G. foi apresentada aos participantes um exemplar, em xerox, da REVISTA DE ESPIRITISMO, 3ª fase, com que a Direcção vigente se propôs recomeçar a publicação daquele Órgão da F.E.P..

Na sua primeira página, em artigo intitulado “Pontos de Reflexão”, lia-se :

««« Atenta ao Movimento Espirita, está a Federação procurando chamar a atenção para a noção do conjunto, favorecendo, pelos pontos de vista que expressa e reflexão que visa proporcionar, facultando o desenvolvimento de um espirito aberto a novas iniciativas, e métodos porventura mais ajustados à prática espirita, que primem pelo respeito e obediência às normas estabelecidas na Codificação Kardeciana e expressam simplicidade e bom senso. Tal perspectiva, pese embora a heterogeneidade das pessoas e a pluralidade de entendimento, visa estimular as vontades no sentido de se fazer um esforço para se afastar do Movimento Espirita o que é contrário ao procedimento espirita e ajustarmos cada vez mais nossos trabalhos ao que a Doutrina Espirita preconiza. É o esforço de unificação de processos.

««« A fim de contribuir para o efeito, sem prejuízo do trabalho directo a desenvolver, a Federação Espirita Portuguesa inspirada em colectividade congénere, coloca ao Movimento Espirita os seguintes pontos de reflexão:

- 1- que se façam encontros periódicos entre os espiritas, com vista a melhor se conhecerem e confraternizarem;
- 2- esforço de aproximação de métodos de trabalho (um grupo de homens sinceramente ligados por um pensamento comum é mais forte que muitos grupos divergentes;
- 3- é importante a troca de experiências e de conhecimentos técnico e práticos, em todos os aspectos da Doutrina Espirita;
- 4- empenhamento sincero no aperfeiçoamento das actividades básicas do Centro Espirita, com vista à realização das suas finalidades;
- 5- sentido de responsabilidade, de molde a evitar-se a disseminação de práticas absurdas e absolutamente marginais aos apostolados da

Doutrina, geradores de confusão, superstição, ignorância, e nada favorecendo a imagem das Associações, desprestigiando o Movimento. (O Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha devidamente demonstrado, ou que ressalta logicamente da observação – Génese, cap. I);

- 6- trabalhar para garantir a independência do Movimento Espirita e sua auto-suficiência em todos os seus sectores e actividades, unindo vontades, congregando recursos morais, intelectuais e materiais;
- 7- conduzir a Instituição Espirita, e trabalhar activamente para mantê-la cada vez em maior sintonia com as Forças Espirituais que dirigem o Planeta, e, em particular, o Movimento Espirita;
- 8- defender e preservar, com determinação, a pureza da Doutrina Espirita, favorecendo o desenvolvimento prático da Cultura Espirita, o estudo perseverante e aprofundado da sua vastíssima bibliografia, não dando cobertura à divulgação de obras de cariz duvidoso, e que são consideradas, pelos mais esclarecidos, por pura mistificação;
- 9- fazer esforços sinceros no combate a tudo que favoreça o personalismo de grupo ou individual, no meio espirita, contribuindo para o desenvolvimento da humildade, da harmonia, da fraternidade, indispensáveis ao progresso e elevação das Associações;
- 10-firmeza constante, perante as forças que procuram obstaculizar a expansão e difusão dos princípios espiritas;
- 11-conjugar esforços, na expressão mais viva de solidariedade espiritual e material, de molde a que o Movimento Espirita se transforme, cada vez mais, numa força espiritual e social, necessária e eficiente, no seu contributo para a evolução cultural e educativa da Humanidade a caminho da fraternidade entre os homens. –  
- A DIRECÇÃO »»»».

A REVISTA DE ESPIRITISMO continuou trimestralmente; a partir do seu nº 9, passou a apresentar a capa em cartolina com o desenho da parra e das uvas referido nos ‘Prolegómenos’ . Depois de editado o nº 19, em 1992, foi suspensa pela Direcção dessa data, por dificuldades de edição, voltando, entretanto, a surgir no 3º trimestre de 1993, com o nº 20, já tipograficamente impressa, com capa em papel brilhante e maior em tamanho.

A partir do nº 41 o tamanho foi um pouco reduzido, bem como o preço, mas mantem-se a qualidade do papel e das capas – num esforço da actual Direcção para impulsionar mais e mais o Movimento Espirita Português.



Nos finais de Janeiro de 1989 a F.E.P. distribui pelos seus Associados o seu Plano de Trabalho, a saber:

«««« (...)

«««« 1 – levará a efeito “Encontros Regionais”, nas zonas definidas por A.G. de 11/12/88, cujos locais serão indicados no calendário específico a enviar;

«««« 2 – seminários os Colóquios, palestras, menos acessíveis ou de mais difícil deslocação, procurando ir ao encontro dos dirigentes e trabalhadores das “Casas Espiritas”;

«««« 3 - muitas Associações, quer por comodidade ou dificuldade de vária ordem se têm isolado: a Federação procurará visitá-las para troca de ideias e fortalecimento dos laços de fraternidade;

«««« 4 – com o apoio das respectivas Associações, procurará implementar o “Estudo Sistematizado” da Doutrina Espirita, com cursos estruturados, que se reputam muito benéficos no aculturamento doutrinário.

«««« 5 – A integração da Juventude da F.E.P. será uma realidade; procurar-se-à desenvolver a ideia que traduz a importância de apoiar e acarinhar os Jovens nos Centros, como necessidade revitalizadora das Instituições.

«««« 6 – continuará a chamar a atenção, colocando-se ao dispôr para ajudar no essencial da importância da evangelização infantil;

«««« 7 – logo que possível, criará o seu quadro de expositores espiritas; entretanto, prevê a vinda de alguns estrangeiros de indiscutível conceituação;

«««« 8 – procurará levar a efeito a confecção de brochura com “Plano de Organização do Centro Espirita” e as normas estatutárias e regulamentares da F.E.P.,

«««« 9 – dará sequência à “Revista de Espiritismo”, seu órgão oficial;

««««10 – levará a efeito o Conselho Federativo Nacional, em Outubro.

«««« (...). »»»»

Em 22 de Janeiro de 1989, em Madrid, foram aprovados os Estatutos da CONFEDERATION ESPIRITA EUROPEA, com a participação da “Union SPIRITE BELGUE”, representada por Pierre Cajot e Roger Vanderhoeven; “Federacion Espirita Española”, representada por Rafael Gonzalez Molina, Presidente; “Union Spirite Française et Francophone”, representada por Roger Perez, Presidente; e “Federação Espirita Portuguesa”, representada por Manuel dos Santos Rosa, Presidente.

Do seu Acordão, assinado por todos os presentes, consta que “ *La participación de la Federacion Espirita Portuguesa queda condicionada*

*a la aprobación de su ASAMBLEA GENERAL que se celebrará en la ciudad de Leiria em Marzo de 1989”.*

Em 25 e 26/2/89 aconteceu em Braga o 1º Seminário do programa referido atrás; participaram 4 Associações e encontravam-se mais 5 como convidadas.

Em 5 de Março, na sua sede, aconteceu o 1º Encontro dedicado aos sócios individuais. A temática foi a que se segue:

- 1º - o sócio individual e a sua importância na FEP;
- 2º - forma de participação activa e disponibilidade do sócio individual;
- 3º - união e solidariedade como determinantes da dignificação e progresso da Federação.

No programa de cumprimento das realizações programadas pela FEP, aconteceram,

Em Leiria, nos dias 18 e 19/3/89 : seminário espirita;

No Porto, em 22 e 23/4/89 : encontro regional;

No Algarve, em 27 e 28/5/89 : encontro regional

Em Lisboa, em 1/7/89 : encontro regional

Em Braga, em 8 e 9/12/89 : Conselho Federativo Nacional.

Este CFN teve bastante afluência de participantes, principalmente jovens frequentadores dos diversos Centros espalhados pelo País, já que durante o mesmo foi analisado e votado o “ Regulamento do DIJ – Departamento da Juventude”.

Foi, igualmente, distribuído, para análise, um trabalho de orientação aos Centros, intitulado “O Centro Espirita”, apresentado pela FEP..

O Movimento Espirita Português, representado pela FEP, não chegou a integrar os órgãos da CONFEDERAÇÃO ESPIRITA EUROPEIA, embora caprichando pela sua presença em todas as reuniões, mas, no período de 3 a 5 de Novembro de 1990, em Liège, na Bélgica, depois da realização do Congresso Espirita Mundial, patrocinado por esta Confederação, foi aproveitada a presença de todos os participantes (16 países – entre os quais, Portugal - e 120 congressistas) para uma reunião dirigida por Marcel Burtin, Presidente da C.E.E., com “a missão de promover, propor e organizar as actividades preliminares necessárias, com o objectivo de formar uma instituição internacional espirita, baseada nas obras de Allan Kardec. Para assessorar o Coordenador neste trabalho foram designados como secretários para a Europa, o confrade Roger Perez, da França, e para a América, o confrade Nestor João Masotti, do Brasil. O próximo Congresso Espirita Mundial deverá realizar-se em Madrid, Espanha, em 1992)”.

Em 19 de Outubro de 1991, em S. Paulo, aproveitando o Congresso Espirita ali realizado, é assinada uma declaração nos seguintes termos:

««« Declaração

««« Os abaixo assinados, representantes e participantes da reunião promovida pela Comissão Provisória destinada a preparar e organizar uma Entidade Espirita Internacional, realizada em 19 de Outubro de 1991, em S. Paulo, Brasil, declaram que:

a)- estão concordes, em princípio, com a criação de um Organismo Espirita Internacional, proposto no Congresso Espirita Mundial realizado na Bélgica em 1990, e nos moldes definidos no Projecto de Estatuto oferecido, nesta data, pela Comissão Provisória;

b)- entendem que o nome da Entidade deverá ser CONSELHO ESPIRITA INTERNACIONAL;

c)- a Comissão Provisória deverá continuar o seu trabalho, tomando todas as providências necessárias para a concretização da tarefa que lhe foi destinada, através:

1 – de contactos, entendimentos e reuniões sectoriais e regionais, quer de iniciativa própria ou de entidades nacionais, sob sua coordenação;

2 – do recebimento de informações dos movimentos espíritas de cada país, que serão repassados aos demais.

d)- Fica marcada uma próxima reunião de Entidades Nacionais de Unificação do Movimento Espirita, para Novembro de 1992, em Madrid, Espanha, durante a realização do Congresso Espirita Mundial, quando deverá ser aprovado o Estatuto do Conselho Espirita Internacional, depois de analisadas as propostas de aprimoramento que por ventura forem apresentadas até 31 de Março de 1992, fundando, por consequência, a Entidade, e elegendo a sua primeira Comissão Executiva.»»»

Esta declaração foi assinada por representantes da Espanha, França, Bélgica, Colombia, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Inglaterra, Guatemala, Uruguai, Portugal, Porto Rico, Perú, Paraguai e República Dominicana.

Pela Federação Espirita Portuguesa assinaram Manuel dos Santos Rosa, como Presidente, João Xavier de Almeida, vice-Presidente e Adriano José da Fonseca Barros, Presidente da A.G..

E em Madrid, aproveitando-se a realização do Congresso Espirita Mundial, procedeu-se, finalmente, à

««« FUNDAÇÃO DO CEI

««« Precedida de alguns encontros informais, preparatórios, ocorridos durante os trabalhos do Congresso Mundial de Espiritismo entre os representantes de vários países, realizou-se a reunião convocada pela

Comissão Provisória, com início às 20h 30 min do dia 28 de novembro, na sede da Federação Espirita Espanhola e sob a direcção do seu Presidente, Rafael Gonzalez Molina (Coordenador da Comissão Provisória), que contou com a colaboração do Delegado do Brasil, Nestor João Masotti e, como Secretário, o representante da Argentina, Juan António Durante.

««« Constaram da Ordem do Dia os seguintes assuntos: 1º) recebimento da documentação comprobatória da personalidade jurídica das instituições representadas, assim como do nome dos seus representantes; 2) análise da redacção final do Projecto de Estatuto do Conselho Espirita Internacional e aprovação do mesmo; 3º) eleição da Comissão Executiva do CEI; 4º) definição da periodicidade das reuniões; 5º) fixação dos critérios rotativos da Presidência das reuniões; 7º) fixar o valor da quota de contribuição das Entidades-membro do CEI; 8º) estudar a criação de um quadro de colaboradores que se predisponham a contribuir financeiramente com o CEI; 9º) definição da data, lugar e tema central do próximo Congresso Mundial de Espiritismo, assim como a maneira da sua administração; 10º) analisar outras proposições, sugestões e assuntos que poderão ser apresentados »»».

Das medidas aprovadas, realçamos a da quota anual de US\$ 100 (cem dolares americanos), e a realização de um Congresso Mundial de Espiritismo a cada três anos.

Pela F.E.P. assinaram Manuel dos Santos Rosa e João Xavier de Almeida.

Em Dezembro de 1992, a A.G. realizada em Leiria para eleição dos novos Corpos Sociais, elegeu os primeiros jovens para os Corpos Directivos da F.E.P.. Foi esta Direcção que promoveu o 2º Congresso Espirita Nacional, realizado em Lisboa, de 8 a 10 de Dezembro de 1994, nos salões do Hotel Meredien, com lotação esgotada.

Para que ele se realizasse e sendo considerado obsoleto o Regulamento do Congresso de 1988, foi aprovado, em A.G. de 14/5/94 a suspensão deste Regulamento até sua posterior substituição, e dado um voto de confiança ao Conselho Directivo da F.E.P. para a realização do que aconteceria mais para o final do ano.

O patrono escolhido pela Comissão Coordenadora foi Fernando de Lacerda, médium português do início do séc. XX, desencarnado em 6 de Agosto de 1918, no Rio de Janeiro, para onde se auto-exilara em 1910.

Durante este Congresso, os C.T.T. estiveram presentes, com o carimbo do 1º dia e envelopes com as efígies de Fernando de Lacerda, o patrono, e José Herculano Pires, autor da obra em que foi baseada a programação e tema dos trabalhos a apresentar.

.....

..... ver pag 383 e seguintes até 389

.....

Foi durante a realização deste Congresso que Victor Féria, um dos membros do Conselho Directivo, reuniu com os dirigentes das Associações para lhes falar da possibilidade de um donativo e empréstimo de alguém que se queria manter na sombra, para que a Federação Espirita Portuguesa tivesse uma sede própria. A aquisição do imóvel foi confirmada, poucas semanas após, ainda pelo Victor Féria, numa reunião acontecida no “Centro Espirita Perdão e Caridade”, de Lisboa, com um apelo às Associações presentes para colaborarem com donativos, para que a F.E.P. pudesse, rapidamente, pagar o valor do empréstimo que lhe fôra feito. Pensamos que, ainda hoje (Novembro de 2003) existe parte dessa dívida.

E a Federação mudou-se para as novas instalações onde começou a funcionar, oficialmente, a partir de 1996, no Casal de Cascais, lote 4 r/c-A, Alto da Damaia, na Damaia, apenas com um senão: a sua localização fica muito distante e quase inacessível para quem não tenha transporte próprio. Por outro lado, reconhecemos, seria muito difícil encontrar-se uma casa assim, na zona da grande Lisboa, pelo mesmo custo daquela...

O Congresso de 1994 foi o ensaio – digamos assim – para a organização e realização do CONGRESSO ESPIRITA MUNDIAL, entregue pelo CEI ao Movimento Espirita Português, representado pela F.E.P., e que se realizou nas antigas instalações da F.I.L., ainda na marginal de Lisboa, na zona da Junqueira. Foi um evento extraordinário, não só em função dos trabalhos apresentados e número dos mesmos, como em função da organização, onde nada houve a apontar; a ele compareceram espiritas de todas as partes do mundo!

O “bichinho” dos Congressos implantou-se, assim, e seguiram-se o III CONGRESSO NACIONAL DE ESPIRITISMO, em VISEU, realizado de 28 a 30 de Outubro de 2000, no Palácio dos Congressos de Viseu, sendo seu patrono o Espirito António J. Freire, que, quando encarnado, para além da sua profissão de médico, fôra um dos fundadores da F.E.P., em 1925; e o IV CONGRESSO NACIONAL DE ESPIRITISMO, na MAIA, de 1 a 3 de Novembro de 2002, no edifício do Fórum da Câmara Municipal. Como patrono foi escolhido o espirito Heilil, ligado a Portugal desde a sua reencarnação como D. Henrique - o Infante de Sagres.

A organização de qualquer deles não deixou nada a apontar e, de um para os outros, foram sendo sempre mais presentes os espiritas que, não só compareceram, como primaram em participar com apresentação de trabalhos.

Com a colaboração da F.E.P. está programado para Outubro de 2004, em Paris, o próximo Congresso Espirita Internacional e vai-se pensando já

no 5º Congresso Espirita Português, que deverá realizar-se – conforme anúncio já feito – no Algarve, já que a sua realização tem decorrido por todo o País, faltando apenas o sul.

Em Outº/Novº de 2001, também na cidade da Maia, e nas mesmas instalações, a F.E.P. entregou aos Centros Espiritas do grande Porto e arredores a organização do 1º Encontro de Arte Espirita – ao qual compareceram representantes de vários Centros do País, com exposição e apresentação de trabalhos, música, dança e teatro espirita.

Voltando um pouco atrás no tempo, ao qual fugimos para darmos uma referência sequente a todos os Congressos, criou-se, com escritura de 1 de Junho de 1996, assinada em Santa Maria da Feira, a LIVRESP – Sociedade editora e distribuidora de livros espiritas, e da qual fazem parte a Federação Espirita Portuguesa, beneficiada dos lucros conseguidos com a venda dos livros; e as Associações Espiritas “Núcleo Espirita Cristão”, do Porto, “Associação de Beneficência Fraternidade”, de Lisboa, “Escola de Beneficência e Caridade Espirita”, de Santa Maria da Feira, “Associação Espirita de Portimão”, de Portimão, “Núcleo Espirita Rosa dos Ventos”, de Leça da Palmeira, “Centro Espirita Luz Eterna”, de Olhão, e ainda a “União Espirita do Algarve”. Estas as Associações que se inscreveram para o efeito, depois do apelo feito a todas.



## HOJE

Chegámos ao final do nosso trabalho: muita coisa, com certeza, ficou por dizer e, talvez, muita outra pudesse ter sido silenciada, mas a História é assim que se faz, com o bom e o... menos bom!

O MOVIMENTO ESPIRITA PORTUGUÊS é hoje uma realidade insofismável.

Fazemos parte do CEI e somos conhecidos a nível mundial.

Os Centros, alguns com Sede própria, espalhados por todo o País, não se contentam em ter as suas portas abertas: a ‘sementeira’ é feita com o amor fraternal, com o auxílio que se faz necessário, com a transmissão do conhecimento da Doutrina Espirita, feita através de estudos sistematizados e ministrados com responsabilidade, e, ainda, através da mensagem que se capta nos espectáculos de teatro espirita que vão surgindo aqui e ali.

Na Internet existem, igualmente, várias páginas de um e outro Centro português, como da própria Federação, e a ADEP (não federada) – , da qual fazem parte elementos de diversos Centros espalhados pelo País,

mantém um curso da Doutrina Espirita que já vai no seu segundo ano. Este mês, surgiu com mais uma iniciativa: um jornal espirita.

Diversos Centros têm, também, publicações doutrinárias, revistas, jornais de parede, todos eles visando levar mais longe o conhecimento do que é o Espiritismo.

Mantêm-se os Encontros Nacionais de Jovens (ENJES), de onde saíram alguns dos dirigentes de Centros mais recentemente abertos, mas há, também, os Conselhos Federativos Nacionais, com encontros anuais, e o País está já dividido em ‘Uniões’: a ‘mais velha’, a do Algarve (já do tempo da ‘outra senhora’) e, as últimas a serem criadas, a do Centro e a da Grande Lisboa e arredores.

Anualmente somos visitados por palestrantes espiritas, que percorrendo o País e visitando as Associações de norte a sul, vão espalhando sempre mais a semente da doutrina que vivenciamos : Divaldo Pereira Franco visita-nos, anualmente, desde 1962; José Raul Teixeira, Richard Simonetti, Jacob Mello, Jorge Rizinni, Divaldinho Mattos Lopes, Sérgio Thiesen, etc., etc., são outros nomes de figuras que com mais ou menos assiduidade vêm até nós enriquecendo o M.E.P. com as suas palestras , seminários e foruns. Mas não são só os oradores: vêm, igualmente, os médiuns psicopictóricos, num movimento começado há anos atrás por Gasparetto, de que se podem ver, ainda hoje, diversos quadros - rescaldo de um trabalho ali realizado - que o ‘Núcleo Espirita Cristão, do Porto, resolveu oferecer à Federação, e continuado, depois, por José Medrado, Paulo, etc..

Na F.E.P., continua ‘a luta’ pela devolução dos bens apreendidos quando do fecho das instalações na R. de S. Bento, na década de sessenta...

Apesar de tudo isto, o ‘nosso lugar ao sol’ continua a estar coberto de nuvens cinzentas: enquanto, por um lado, alguns médicos vão dizendo para os seus doentes que o caso não é com a medicina, que procurem outra coisa, por outro lado a ignorância e a má vontade continuam a ver-nos como um fenómeno da ‘bruxaria’, equiparando-nos a adivinhadores, quiromantes, leitores da buena-dicha... Não importa o comportamento nem a moralização de costumes, o auxilio ou o amparo distribuidos... Em Leiria, Isabel Saraiva, há mais ou menos 4 anos atrás, foi intimada a fechar as suas instalações e a mudar-se... ‘porque o barulho dos frequentadores, na rua, incomodava os moradores do prédio onde a Associação se encontrava instalada’. Os recursos a que deitou mão – para além da protecção do Alto, claro! – foram permitindo a continuação do funcionamento da instituição, enquanto procurou e conseguiu novas instalações, em construção, que deverão ser inauguradas durante 2004.

Luta-se, também, para que nos órgãos estatais, o Espiritismo seja considerado ‘religião’: quando assim aconteça seremos colocados em pé de igualdade com qualquer outra religião e até na televisão teremos direito a tempo de antena – facto que actualmente nos está vedado com a justificação de que não somos religião!

E, a propósito, será o Espiritismo ‘religião’?

Se o analisarmos pelo prisma dos dogmas e mistérios, que não tem, não é – realmente; se, pelo contrário, o analisarmos no seu contexto moral, no qual toda a sua parte religiosa se encontra baseada no Evangelho, é-o, sem qualquer espécie de dúvida;

Se o quisermos observar ainda como ‘aquilo que liga o homem a Deus, ao Criador’, ainda aí, é-o igualmente.

Se, finalmente, o considerarmos na maneira como ele no lo foi transmitido, ele é a RELIGIÃO MAIS PURA que podemos encontrar na face da Terra, porque não foi criado por nenhum homem mas transmitido aos homens pelo paraclete ou Espirito de Verdade – Jesus – através de todos os seus mensageiros!

Ignoramos o dia de Amanhã ...

Ignoramos ‘as voltas’ que o mundo dará...

Sentimos, entretanto, que a missão de todos nós – espiritas -, talvez demasiado ‘pesada’ para os nossos ombros, é de uma responsabilidade imensa: fazer compreender a uns e a outros que a vida continua, é de somenos importância: o mais importante será que todos compreendam a necessidade de sermos simples e humildes, de nos perdoarmos, de nos amarmos fraternal e reciprocamente para que a Terra se torne, realmente, o mundo de Paz que todos ambicionam! Para que tal aconteça,

*...” onde houver ódio, que eu leve o amor;*

*... perdão, onde haja a ofensa,*

*... esperança onde haja o desespero,*

*... alegria, onde haja a tristeza,*

*... verdade, onde haja a mentira,*

*... luz, onde morem as trevas...*

..... *porque é morrendo que renascemos para  
a Vida Eterna!”*

**F I M**

Lisboa, 23 de Novembro de 2003.

## **LISTA DOS CENTROS ESPIRITAS FEDERADOS EM NOVEMBRO DE 2003**

(Por ordem de inscrição)

- 01 – FRATERNIDADE ESPIRITA CRISTÃ , R. da Saudade, 8 – Lisboa
- 02 – NÚCLIO ESPIRITA CRISTÃO – R. Santa Catarina, 1458 - Porto
- 03 - C. E. PERDÃO E CARIDADE, R. Presidente Arriaga, 124 – Lisboa
- 04 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA de LAGOS – R. Infante de Sagres, 50, 1º - Lagos
- 05 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA de LISBOA – R. Maestro Pedro de Freitas Branco,  
24-A, r/c - Lisboa
- 06 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA FIGUEIRA DA FOZ – R. Vasco da Gama, 114/116  
- Figueira da Foz
- 07 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE PORTIMÃO – R. D. Carlos I, Bl. H3, Loja 46 -  
Portimão
- 08 – NÚCLEO ESPIRITA ROSA DOS VENTOS – Travessa Fonte da Muda, 26 –  
Leça da Palmeira
- 09 – C.E. CARIDADE POR AMOR – R. da Picaria, 59, 1º F – Porto
- 10 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA FLOR DA PAZ – Estrada da Taboeira, Bl. III, nº 9,  
r/c – Esgueira – Aveiro
- 11 – COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ – R. da Bela Vista, 35 – Bagueim do Monte –  
Rio Tinto
- 12 – FRATERNIDADE ESPIRITA DE PORTUGAL – FÉ – R. Cidade de S.Paulo, nº  
1, 2º B – Portela
- 13 – ASSOCIAÇÃO CULTURAL ESPIRITUALISTA – R. Allan Kardec, nº 1 – Bair-  
ro da Amizade – Estrada da Barbeita – Rio da Loba – Viseu
- 14 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DE LEIRIA – R. Joaquim Ribeiro de Carvalho, 9, c/v  
- Leiria
- 15 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA DO PAIÃO – R. Prof. José N. Gonçalves, nº 36 –  
- Paião
- 16 – ASSOCIAÇÃO LUZ NO CAMINHO – R. das Forças Armadas, 142 – Braga
- 17 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA LUZ E AMOR – R. Bombeiros de Setúbal, 27 –  
- Setúbal
- 18 – COMUNHÃO ESPIRITA CRISTÃ de LISBOA – Calç. do Tojal, 95, s/c -  
- Lisboa
- 19 – CENTRO ESPIRITA CRISTÃO – Chousa de Cima – Fiães – Feira – Lourosa
- 20 – CENTRO DE ESTUDOS PSIQUICOS DE MIRANDELA – R. Rntre Vinhas,  
9, r/c – Mirandela

- 21 – CENTRO ESPIRITA LUZ ETERNA – R. Santana, Bloco D r/c – Olhão
- 22 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA LUZ E CARIDADE – Lugar do Espírito Santo, 38,  
c/v – Nogueira – Braga
- 23 – ASSOCIAÇÃO FRATERNA DR. FERNANDO TOURÉ – R. 5 de Outubro,  
103-B, Vila Praia de Âncora
- 24 – ASSOCIAÇÃO PAZ E AMOR – R. Cidade do Recife, Lt. 5/6, Apartado 113 –  
- Viana do Castelo
- 25 – ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS PSÍQUICO-ESPIRITUAIS DE BRAGANÇA  
- R. Prior do Crato nº 3, r/c – Bairro S. Sebastião – Bragança
- 26 – ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA FRATERNIDADE – Calç. de Santo  
António (aos Capuchos), 14-B, r/c - Lisboa
- 27 – CENTRO ESPIRITA AMOR E CARIDADE – R. de São Bento, 23 – Lisboa
- 28 – ESCOLA DE BENEFICÊNCIA CARIDADE ESPIRITA – Quinta do Areiro  
- São João de Ver
- 29 – CENTRO ESPIRITA JOANNA DE ÂNGELIS – R. Padre Costa, 348, 1º,  
Sala 11 – São Mamede de Infesta
- 30 – CENTRO DE ESTUDOS ESPIRITUAIS DE CHAVES – R. Cabanas, Bl. 1,  
Edifício de Sotto Mayor, c/v – Chaves
- 31 – CENTRO ESPIRITA A CASA DSO CAMINHO – R. D. João de Castro, 49-A  
Lisboa
- 32 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA O CONSOLADOR - Edifício S. Jorge, c/v –  
Quarteira
- 33 – CENTRO ESPIRITA BOA VONTADE – R. da Igreja, 21, 1º, esq. – Portimão
- 34 – UNIÃO ESPIRITA DO ALGARVE – R. Santana. Bl. D – Olhão (Não funciona  
como Centro)
- 35 – LAR ESPIRITA ESPERANÇA - Praceta da Rasa, nº 50, 2º, esq. – V. N. de Gaia
- 36 – C. E. CAMINHEIROS DA LUZ – R. Pedro Hispano, 968 – Porto
- 37 – ASSOCIAÇÃO CULTURAL ESPIRITA – R. Eça de Queiroz, nº 5 C – Caldas  
da Rainha
- 38 – ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA ESTRELA DE LIBERTAÇÃO – Praça  
General Barbosa, 85, Salas 8, 9, 10 – Viana do Castelo
- 39 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA JOANNA DE ÂNGELIS – Trav. Guerra Junqueiro,  
23 – Valongo
- 40 – ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AUXÍLIO E ESCLARECIMENTO ‘O NOS-  
SO LAR’ – R. Gago Coutinho, Armazém 1, 2 – Quinta do Gato – Aveiro
- 41 – CENTRO DE ESTUDOS ESPIRITUAIS DE MACEDO DE CAVALEIROS –  
Via Sul – Macedo de Cavaleiros
- 42 – CENÁCULO ESPIRITA ISABEL DE ARAGÃO – R. Tenente Garcia de Le-  
mos, nº 1, r/c – QUELUZ
- 43 – NÚCLEO ESPIRITA ‘O LEME’ – Bairro Correia, nº 4 – Sines
- 44 – GRUPO DE ESTUDOS ESPIRITAS ALLAN KARDEC – R. Cidade de Santos  
63, c/v – Monte Formoso – Coimbra
- 45 – LAR CARIDADE – Trav. da Serra, 110, r/c – Oliveira do Douro – V. N. de Gaia
- 46 – GRUPO ESPIRITA BATUIRA – R. Marcos de Portugal, 12-A – Alges
- 47 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA LUZ E PAZ – Apartado 533 – Aveiro
- 48 -
- 49 – ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA EDUARDO DE MATOS - R. Marcelli-  
no de Mesquita, nº 15 – Lisboa
- 50 – ASSOCIAÇÃO ESPIRITA CAMINHEIROS DO AMOR - R. José Justino

